



***Tuxaua, chef mundurucu en traje de festa. Aquarela,
25x36cm, de Hercules Florence. Santarém, agosto de 1828.***

.....

BRASIL: AMAZONAS—XINGU

Mesa Diretora

Biênio 2001/2002

Senador Ramez Tebet
Presidente

Senador Edison Lobão
1º Vice-Presidente

Senador Antonio Carlos Valadares
2º Vice-Presidente

Senador Carlos Wilson
1º Secretário

Senador Antero Paes de Barros
2º Secretário

Senador Ronaldo Cunha Lima
3º Secretário

Senador Mozarildo Cavalcanti
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Alberto Silva

Senadora Maria do Carmo Alves

Senadora Marluce Pinto

Senador Nilo Teixeira Campos

Conselho Editorial

Senador Lúcio Alcântara
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros

BRASIL:
AMAZONAS—XINGU

Príncipe Adalberto da Prússia

Tradução de
Eduardo de Lima e Castro

Brasília – 2002

O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

COLEÇÃO O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

Sua Majestade o Presidente do Brasil – Ernest Hambloch

O Rio de Janeiro como é (1824-1826), de C. Schlichthorst

Viagem ao Brasil, de Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz

Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil, de Daniel P. Kidder

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, de Richard Burton

Brasil: Amazonas–Xingu, do Príncipe Adalberto da Prússia

Dez Anos no Brasil, de Carl Seidler

Viagem na América Meridional, de Ch.-M. de La Condamine

Brasil: Terra e Gente (1871), de Oscar Canstatt

Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817, de Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied

Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo, de Auguste de Saint-Hilaire

Viagem ao Rio Grande do Sul, de Auguste de Saint-Hilaire

Viagem ao Norte do Brasil, de Ivo D'Évreux

Projeto Gráfico: Achilles Milan Neto

Senado Federal, 2002

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@cegraf.senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

.....

Adalberto, Príncipe da Prússia, 1811-1873.

Brasil : Amazônia–Xingu / Príncipe Adalberto da Prússia ; tradução de Eduardo de Lima e Castro. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

382 p. : il. – (Coleção o Brasil visto por estrangeiros)

1. Rio Amazonas. 2. Rio Xingu. 3. Rio Paraíba do Sul.
4. Viagem, Brasil. 5. Viagem, Rio de Janeiro (estado).
I. Título. II. Série.

CDD 918.11

.....



.....

Sumário

PREFÁCIO

pág. 11

RIO DE JANEIRO

pág. 13

VIAGEM PARA AS MARGENS DO PARAÍBA DO SUL

pág. 103

AMAZONAS E XINGU

pág. 175

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 379

.....

Prefácio

Todos os que receberem estas páginas de minha mão, devem estar lembrados de que eu há alguns anos empreendi uma viagem ao Brasil. O seu principal motivo foi uma grande viagem por mar que me levasse muito longe pelo mundo afora, porque esse, quase que desde infância, tinha sido um dos meus maiores desejos; minha viva fantasia, atraída pelas maravilhas tropicais, deu-lhe uma direção mais exata. Sua Majestade foi tão magnânimo que atendeu mui graciosamente aos meus desejos, permitindo-me acompanhar meu pai na sua viagem pela Itália, e depois empreender essa viagem ao Rio de Janeiro que será para mim uma grata recordação para toda a vida, e que, como tantas outras, me prende por uma eterna gratidão ao meu Rei e Senhor.

De volta de uma viagem no vapor napolitano Palermo em volta da Sicília e até Malta, em que tive ocasião de galgar o Etna, em companhia de meu irmão Waldemar, separei-me em Nápoles de meu pai e de meu irmão e segui com meus dois acompanhantes e fiéis companheiros de viagem, o Capitão, agora Major do Estado-Maior, Conde Oriolla e o Segundo-Tenente, agora Primeiro no Regimento de Dragões da Guarda, Conde Bismark, a bordo do Franciso I para Génova, para agradecer

pessoalmente a Sua Majestade o Rei da Sardenha o gracioso oferecimento, por mim com prazer aceito, de pôr a minha disposição uma de suas melhores fragatas para a viagem de ida e volta ao Brasil.

A 22 de junho de 1842, levantou ferro a S. Miguel, de 60 canhões, comandada pelo Capitão d'Arcollière; rumou através do Golfo de Lyon à vista dos Alpes Marítimos e da Córsega, velejou passando longe de Monserrate e perto dos alcantilados penhascos de Formentera, passou o Cabo de Bata e entrou em Málaga, donde se fez uma excursão a Granada. Depois do que a fragata fez-se de vela para Gibraltar e Cadiz, daí seguiu para a Madeira passando pelas Desertas, tocou a seguir em Tenerife, mantendo-se então perto das ilhas das montanhas verdejantes que, aliás, devido às nuvens carregadas, não pudemos ver, e chegou nos primeiros dias de setembro de 1842 ao Rio. Do diário consta como prosseguiu a viagem desde então.

Muito embora no capítulo sobre o Rio de Janeiro se faça curta menção da história do Brasil, embora um esboço histórico-geográfico igualmente ligeiro sirva de introdução ao último capítulo, não procureis, caro leitor, nem pesquisas científicas ou duntas dissertações, nem descrições de perigosas aventuras, ou feitos famosos nestas páginas, que nada contém senão o desataviado diário duma simples viagem de recreio muito longo, para nós alemães. Passai a vista pelo seu conteúdo, e me será muito agradável se encontrardes entre estes fragmentos um ou outro que não vos seja inteiramente despido de interesse.

Real Castelo de Monbijou, 20 de outubro de 1847.

W. ADALBERT
Príncipe da Prússia

.....

Rio de Janeiro

5 de setembro de 1842

O

chapinhar do mar entrando por uma das portinholas do meu camarote arrancou-me ainda antes das cinco horas dos meus doces sonhos. Saltando para o piso oscilante do navio, deixei o beliche que balançava suavemente e corri para fechar a portinhola, para que este primeiro cumprimento molhado na já longa viagem não se pudesse repetir. Quando saí para o convés, tinham acabado de encurtar dois rizes da vela da gávea, reforçado a vela do joanete, e tomáramos novamente o velho rumo. Depois de já ontem, ou melhor, já na noite de 4 para 5, ter começado a soprar um vento lés-nordeste mais tarde nordeste, nor-nordeste mesmo, numa palavra, o vento reinante em volta do Cabo Frio em lugar da monção de sudeste – depois de no decorrer do dia anterior termos passado a linha sem declinação magnética, que como o primeiro meridiano magnético toca de passagem no Cabo Frio, que há três séculos Colombo, para sua grande surpresa, descobriu 100 léguas a oeste de Flores e que depois, por sua iniciativa, exerceu real influência no traçado da linha de limites das descobertas da Espanha e Portugal –, mudamos nosso rumo para nos afastarmos de terra, cuja proximidade agora pressentíamos com certeza, ainda antes da meia-noite, e fizemos

com o vento fresco e mar agitado, até hoje pela manhã cedo, às quatro horas, um avanço para o sul.¹

Todos estávamos tensos na expectativa de ver o Cabo Frio. Já ao nascer do sol alguns acreditavam ver terra, mas só entre dez e onze horas tivemos os primeiros vislumbres dela. Pouco a pouco foram surgindo os contornos de uma cadeia de montanhas, embora muito apagadas; mais tarde juntou-se à esquerda, para oeste, uma montanha coniforme; não se podia, porém, distinguir o Cabo Frio; mas uma sombra mais escura, que prolongava as montanhas para leste, indicava a região onde essa aguda projeção do grande continente da América do Sul devia ser procurada. Ao meio-dia, conforme a observação, estávamos a 23°20' de latitude sul, 42°40'15" de longitude oeste de Greenwich e a entrada da baía do Rio de Janeiro a 38 milhas marítimas a noroeste de nós; a cadeia de montanhas para a qual rumávamos, como as montanhas perto do cabo Negro, ficava ao contrário a 24 milhas marítimas, quase na direção do norte.

O vento e o mar tinham amainado, as sobrejoanetes tinham sido içadas havia já algum tempo e nosso rumo a noroeste permitia-nos avançar pouco a pouco com velas braceadas a sotavento. A temperatura do ambiente e do mar eram ambas surpreendentemente baixas. Este último perdera o seu azul ultramarino e trocara-o por um verde-claro pálido. Uma névoa leitosa azulada impedia em parte a visibilidade nas proximidades do horizonte; só se via a alta costa através de um véu.

A hora da refeição – um momento importante no dia de bordo – foi hoje mais cedo do que de costume, porque às quatro horas já poderíamos estar em frente à barra! Quando, depois do jantar, voltamos para cima, uma parte da tripulação já tinha trocado as blusas de lã por blusas e calças brancas, e todos estavam ocupados em tirar ao navio os vestígios da viagem, esfregar as cobertas, polir todos os metais, aprontar os canhões para as salvas, e desembaraçar a âncora. Os oficiais apareciam um após o outro em uniforme de gala, de maneira que o convés do *S. Miguel*, com todo aquele inusitado brilho festivo, estava quase irreconhecível.

1 Na manhã de 4 de setembro, a variação segundo o “Master” (piloto) do *S. Miguel*, Sr. Vian era ainda 5° oeste, e depois de nos encontrarmos à tarde a 21°32' 33” de latitude sul, e 39°25'59” de longitude oeste, já tínhamos ao pôr-do-sol 0°45' de variação a leste.

Apressei-me a juntar-me a um grupo de curiosos, que se tinha instalado em volta de gurupés e nos paveses, mas muito acima de nós, nas vergas do mastro do traquete, já estavam sentadas algumas figuras de branco.

Todos contemplavam as formas originais da costa acidentada, que por uma imensa extensão se estendia diante de nós.² Exatamente à esquerda erguia-se do mar um pequeno cone como uma ilha; a ele enfileiravam-se à direita duas ilhotas como pontos, e depois seguiam-se as maravilhosas montanhas, cujo contorno parecia querer representar um gigante deitado de costas. O gigante serve aos navios, depois de longas viagens, de segura baliza, assinalando a entrada do porto do Rio de Janeiro, este rei entre os portos! A cabeça do gigante, com um monstruoso nariz adunco e boca aberta, é formada pela íngreme rocha chamada da Gávea, a que os marinheiros britânicos acrescentaram o muito expressivo nome de Lord Hood's Nose. As mãos do gigante estão cruzadas em cima do estômago: ambos os cumes da Tijuca, o Bico do Papagaio e os outros que lhes ficam contíguos e que juntos são chamados os “Dois Irmãos” se tomam como sendo elas: hoje, porém, quase que desapareciam no nevoeiro. O joelho levantado é o pontiagudo Corcovado e o imenso pé o Pão-de-Açúcar, a portentosa rocha cônica que justifica seu nome. À direita dos pés do guarda adormecido, muito perto das íngremes paredes do Pão-de-Açúcar, fica a estreita barra tendo diante dela as pequenas ilhas redondas, sobre uma das quais, a ilha Rasa, há um farol. Por trás deste grupo corre uma alcantilada cadeia de montes, ou antes uma fila de montes separados nos cumes, mas ligados nos seus sopés, das mais bizarras, porém sempre nobres e belas formas, cones isolados, ou dois ligados por uma só cumeada que, prolongando a linha da costa para leste, se perdem na névoa na direção de Cabo Frio. Algumas escunas cruzavam diante da costa.

Visível primeiro através do óculo, mas logo depois também reconhecível a olho nu, estendia-se diante de nós aquela maravilhosa vegetação tropical que dantes, nos livros e nas gravuras, nos pareciam tocar as raias do fabuloso. Para qualquer lado que se olhasse as montanhas estavam cobertas de densas florestas. Se os olhos seguiam seus

2 Para melhor compreensão anexamos um mapa da baía, e um outro da Província do Rio de Janeiro.

contornos, viam elevarem-se alto, muito alto, acima da floresta, esguias palmeiras isoladas; sobre o gigantesco revestimento de plantas das montanhas, destacam-se formas de árvores, como os europeus nunca tinham visto: árvores com amplas copas gigantescas, ou outras que, tendo crescido rapidamente, erguiam para o ar os braços finos, galhos bizarros – e contudo é impossível fazer-se uma idéia da graça dos contornos das montanhas que, com aquelas pitorescas e gigantes árvores elevando-se para o céu, se mantêm sem interrupção os mais graciosos e maravilhosos! Paredes pretas e lisas de rocha formam em alguns lugares as altas e alcantiladas encostas das montanhas, ou erguem-se nos ares como rígidos picos e cones. Uma estreita orla de areia branca estende-se banhada pelo mar, aos pés das montanhas.

Aquelas ilhas da entrada da baía, agora perto de nós tão perto que podíamos ouvir o marulhar da arrebentação que se espriava pelas oblíquas rochas brancas que as orlam, estão cobertas de espesso arvoredo por entre o qual se erguem lindas palmeiras e cresce toda espécie de mato e plantas que para nós eram novas. Nestas aprazíveis ilhas foi que primeiro apreciamos de perto toda a amplitude e esplendor da natureza tropical. De uma tal trama de plantas, de uma tal densidade de vegetação, não pode fazer nenhuma idéia quem não penetrou nas zonas quentes! Nas montanhas, no continente, podemos, ao contrário, descobrir pouco a pouco florestas inteiras de palmeiras, cujas coroas a monção tinha inclinado para o oeste; algumas montanhas estavam mesmo inteiramente revestidas de palmeiras de altos troncos, enquanto que os finos eixos das cetáceas subiam pelas rochas nuas acima. Canoas com negros remavam para as ilhas. Um grande pássaro preto, o primeiro urubu (*Cathartes A – Ura*) que vimos, voou de asas abertas por cima de nós gritando. Tudo, tudo era novo para nós; tudo diferente do que jamais tínhamos visto! Só tínhamos uma idéia, só uma sensação enchia todo o nosso ser, toda a nossa alma e era: que aquela terra diante de nós não podia ser Europa; uma voz no nosso íntimo gritava-nos; era a América, Índia, Brasil não importa, mas não era Europa! Esta foi a nossa primeira impressão da América: tudo, tudo nos parecia estranho e maravilhoso.

Velejamos por entre os grupos de ilhas acima citadas, o que nos proporcionou um belo quadro. As montanhas da costa ficavam à direita – entre elas uma montanha escarpa, uma íngreme parede negra

de rocha na qual até já se viam os sulcos da água – e juntavam-se a essas ilhas formando um quadro encantador, pleno da mais exuberante vegetação tropical. Mal tínhamos atravessado os grupos de ilhas quando se descortinou distintamente diante de nós a entrada da baía.

As montanhas à direita descem suavemente como alcantiladas cumeadas, de leste para o oeste, para a baía. Na extremidade da cumeada, mas separada dela por uma fenda na rocha, projeta-se a branca Fortaleza de Santa Cruz na barra. Defronte dela ergue-se do mar, quase perpendicularmente, a colossal rocha lisa do Pão-de-Açúcar; ilha, com uma curvatura no lombo; contudo as fortalezas de São João e São Teodósio, que ficam nela, quase que não se vêem. No fundo da baía as margens são planas e apresentam-se como uma fila de ilhas rasas azuladas. Um pouco à esquerda, no ângulo ocidental do golfo, avista-se numa vasta projeção de terra formando muitos terraços, a cidade do Rio de Janeiro e imediatamente por trás dela a floresta de mastros dos navios surtos no porto, e mais para a direita, mais para o meio da baía, os navios de guerra no seu ancoradouro.

A bandeira da Sardenha tremulava havia já muito tempo na ponta da nossa carangueja; agora reconhecemos também com o óculo, na Santa Cruz, a bandeira verde do Brasil com o losango amarelo no meio. O vento cada vez mais fraco e a maré vazante só nos deixavam avançar lentamente. Diante da cidade já distinguíamos duas pequenas ilhas fortificadas, uma atrás da outra; a mais próxima era a Fortaleza da Laje, a outra, a maior, a de Villegagnon. A cidade e o ancoradouro tornaram-se mais nítidos. Podiam-se reconhecer uma escuna americana, o *Comodoro Britânico*, e o *Malabar*; não demorou que a nossa companheira, a *Satélite*, que já estava ancorada, salvasse.

O sol estava pondo-se; o Pão-de-Açúcar erguia-se ereto e rígido perto de nós à nossa esquerda, como um gigantesco indicador apontando, enquanto que as montanhas a oeste, das quais ele se projetava na barra, tinham-se juntado numa confusão fantástica de formas. Um forte azul-escuro coloria os cones, agulhas e os picos nas filas da frente, enquanto que as de detrás tinham tomado um tom mais violáceo-acinzentado. Mas como poderei dar uma idéia das originais formas daquelas montanhas! Davam a mesma impressão da de uma ópera mágica, diante da qual todos dizem consigo: “Isto não pode ocorrer na Natureza!

Eram cerca de cinco horas quando a brisa nos deixou perto da Fortaleza de Santa Cruz. Ficamos tão perto que podíamos distinguir claramente os canhões e os soldados. As casas do Rio também se tornaram mais distintas. Ambos os degraus da cidade, em forma de terraço, terminavam à direita por dois edifícios compridos com duas torres, os mosteiros de S. Teresa e de S. Bento. O Pão-de-Açúcar à nossa esquerda retomava sua antiga forma, mas parecia como se lhe tivessem tirado um pedaço de sua parede perpendicular em cima. Um pequeno barco brasileiro a vapor passou por nós saindo da baía, e entraram muitas canoas de pescadores tripuladas por negros. Diversas aves marinhas brancas e pretas passaram gritando por cima de nós. O sangrento disco do sol mergulhava por trás das montanhas do Corcovado, banhadas pelo seu chamejante fulgor, e projetou um brilho avermelhado sobre a superfície do mar na barra. O *Comodoro Britânico* disparou o tiro-sinal de recolher, e a esquadra arriou as bandeiras e o mastaréu do joanete. Apresentaram-se então a bordo da fragata o cônsul da Sardenha e depois dele o cônsul prussiano, *Herr Theremin*. Este último eu conhecera pouco antes de minha viagem; deixara Berlim depois de mim. O Rio é a sua segunda pátria, tendo passado aqui a maior parte de sua juventude e, depois de homem feito, havia já dez anos, assumira o antigo cargo de cônsul do seu pai. Depois da alegria de nos revermos, expressou seu pesar por eu não ter podido ver, devido ao nevoeiro reinante, uma das principais belezas da grandiosa baía, a serra dos Órgãos, com mil a mil e duzentos metros de altura, que com o seu serrilhado espinhaço forma o fundo do deslumbrante quadro da entrada. Toda a serra dos Órgãos tinha assim faltado ainda para completar o quadro. Mas não precisava disso; porque o conjunto do que víamos hoje, as cercanias da baía, era tão empolgante que a mais ardente fantasia nada mais lhe poderia acrescentar. Não ousaria elevar-se mais alta onde tudo arrebatava e enchia de admiração e assombro.

Nunca um panorama me tinha empolgado tão fortemente, até mesmo o da ruidosa e grandiosa Nápoles, com o seu fumegante Vesúvio e sua admirável baía, eclipsavam-se diante dele; até mesmo o esplendor oriental de Constantinopla onde zimbórios brancos e esguios minaretes imperam altivos sobre videntes colinas, onde florestas de ciprestes ensombram os túmulos dos moslemes, tudo isto dando mais vida à faixa

azul do Bósforo que, marginada pelos caravancarás e inúmeras povoações, serpeia aprazivelmente entre a Europa e a Ásia – nem mesmo Constantinopla me extasiou como a primeira impressão do Rio de Janeiro! Nem Nápoles, nem Istambul nem qualquer outro lugar da Terra que conheço, nem mesmo o Alhambra, podem medir-se em mágico e fantástico encanto com a entrada da baía do Rio de Janeiro! Desvendam-se sob nossos olhos maravilhas, que não imaginávamos que houvesse sobre a Terra. Agora era-nos claro por que outrora os descobridores destas terras lhes deram o nome de “Novo Mundo!”

Esperávamos o vento, para alcançarmos o ancoradouro. Tudo estava pronto nos bracetotes, porque havia já muito tinha sido dada a ordem de *divisioni* a posto. O Conde Oriolla e o Cônsul Theremin tinham naquele momento ido no terceiro cúter para o Rio. Escureceu então de repente. Não havia sinal de vento; contudo, à mais leve aragem era repetida a voz de comando para bracear, acompanhada dos estridentes apitos. Por um *Hulk* ancorado mais adiante na baía, o navio-sentinela brasileiro, como me disseram, reconhecemos que finalmente tínhamos avançado. Todos estavam tensos à espera do momento de ancorar, todos entediados com a fraca aragem que parecia momentaneamente ter-nos abandonado. Ouvimos a música a bordo da esquadra inglesa e o som abafado dos sinos – os primeiros sons que nos vinham de terra –, soava solenemente grave aos nossos ouvidos. Acima das fantásticas montanhas à esquerda, viam-se as quatro estrelas do Cruzeiro do Sul cintilando por baixo das duas que ajudam a encontrá-lo facilmente. À nossa esquerda estendia-se diante de nós uma clara iluminação; luz após luz, enfileiravam-se aqui ao longo da praia de Botafogo para o Rio. Diante de nós era noite escura e mais para a direita avistava-se a fileira de luzes da Praia Grande. O cheiro de terra chegava até nós; fazia-me lembrar vivamente Iona (Icolmkil), onde dez anos antes estive diante dos túmulos de cinqüenta reis. Um ruído abafado, o burburinho da cidade era mais pressentido do que ouvido pelos nossos ouvidos. O *Hulk* já estava um pedaço para trás de nós; eu estava de pé muito adiante na proa e meu olhar procurava penetrar as trevas: mesmo dos navios no ancoradouro não se apercebia nada; de repente, ao que parece, a paciência esgotou-se, porque ouvi a voz do Capitão Scoffiero; soaram os apitos, todas as velas foram colhidas ao mesmo tempo – *Fondo!* – contudo uma boça

prendeiu ainda a âncora – mas a machada ajudou e ela caiu com um grande baque; a espuma gerada pela sua queda subiu alva e brilhando. À voz de *arriva gabbieri*, apressaram-se todos a trepar pelas enxárcias acima para ferrar as velas. Poderiam ser oito horas quando nos encontramos ancorados em quarenta metros. Meia hora depois as vergas estavam braceadas paralelamente, e tudo tão em ordem que se poderia permitir à tripulação dispersar. Apressei-me a descer para ler as havia muito tempo almeçadas cartas, e só às onze horas voltei ao convés, para me deliciar com o belo céu estrelado.

Tudo estava quieto! Não era como se em vez de termos sido transportados duma parte do mundo para outra tivéssemos sido transportados dum planeta para outro? Se já num mesmo planeta a natureza pode ser tão diferente, quão grande e variada deve-se manifestar a maravilhosa magnificência do Criador nos milhões de mundos que giram na infinita abóbada celeste! Que profunda impressão já nos causara hoje a primeira vista da América, e quanto de novo nos esperava ainda!

Ali estava eu então na orla do imenso continente do Novo Mundo, que estava diante de mim como um profundo segredo, como um grande mistério! A fantasia despertara novamente, e pintava-me a solidão das infindas florestas virgens, povoadas pelas figuras para nós, europeus, tão interessantes dos selvagens, pondo na minha frente os animais selvagens que nelas habitam. Eu pressentia milhares de perigos e aventuras, duas coisas cuja atração nunca falha numa alma jovem, e contudo apertava-se-me o coração como se hoje me tivesse despedido de um amigo querido, lembrando-me do imenso oceano sobre o qual vivera dias tão felizes! Mas o caminho de volta para a pátria, para os entes queridos, é novamente por sobre as ondas azuis ultramarinas!

6 de setembro

Quando acordei meu olhar pousou primeiro sobre a Fortaleza de Boa Viagem,³ que a leste da majestosa baía do Rio de Janeiro coroa

³ Assim chamada devido a uma igreja ali existente, santuário de romaria de marinhos, sob a invocação de Nossa Senhora da Boa Viagem.

um pitoresco bloco de rocha que, como uma ilha perto da praia da aprazível enseada do Saco de S. Francisco, parece ter-se fragmentado dentro da água. No fundo prolongavam-se aquelas originais montanhas coniformes da costa leste, por trás das quais erguia-se o disco chamejante do sol tão purpúreo como se tinha posto ontem, derramando sobre a água verde-claro da baía num brilho cambiante alaranjado. Por muito, muito encantador que fosse este quadro que a troneira do meu camarote emoldurava, deixei-a e subi para o convés, para o ar livre.

Estávamos fundeados muito perto da Fortaleza de Villegagnon, que se erguia sobre uma rocha plana, polida pelas águas, sobre a qual resvalavam as ondas espumantes marulhando, junto da encantadora ilha onde, por cima das muralhas da fortaleza e das casas, os gigantescos leques dos coqueiros se curvam graciosamente, portanto exatamente no ponto central, para poder contemplar todo o esplendor desta maravilhosa baía. Já o nome da fortaleza desta ilha indica sua origem francesa. Nicolas Durand de Villegagnon foi o corajoso marinheiro que outrora conseguira levar a rainha Maria da Escócia na sua esquadra através dos cruzadores ingleses, de Leith, dando volta à Escócia, para a França. Mais tarde surgiu com a proposta de fundar uma colônia francesa na América, e conseguiu o apoio de Coligny, dando-lhe como desígnio secreto da empresa a fundação de um refúgio no ultramar para os huguenotes. Devido à influência do almirante, conseguiu obter de Henrique II os navios necessários, com os quais no ano de 1556 conseguiu alcançar a baía do Rio de Janeiro, onde, na ilha que hoje tem seu nome, construiu um forte de madeira a que em honra do seu protetor deu o nome de Forte Coligny. O pequeno grupo de huguenotes não poderia ter encontrado um melhor ponto para uma colônia; as condições do momento também não lhes foram em nenhum sentido contrárias, porque embora o golfo de Niterói já no ano de 1552 tivesse sido descoberto por Martim Afonso de Sousa, o mesmo que, tomando-o pela embocadura dum grande rio, batizara-o com o nome de Rio de Janeiro, os portugueses até entrão não se tinham estabelecido ali. Os indígenas eram hostis a estes, e foi fácil para os franceses conquistarem sua amizade; ademais, na consciência de protestantes, não podia pesar muito um ataque aos

pretensos direitos de Portugal àquelas terras, que se fundavam unicamente na autoridade do Papa.⁴

A nova colônia – *La France Antartique* – como a arrogância francesa já a tinha batizado, prometeu os melhores resultados, e as esperanças nela fundadas estariam se realizando, se Villegagnon não tivesse traído os seus. Catequizado pelo Cardeal de Guise, despiu o manto do calvinismo e começou daí por diante a perseguir cruelmente seus ex-correligionários, de maneira que a maior parte deles reembarcou para a França. Por quatro anos os portugueses deixaram os franceses na posse imperturbada da baía; no ano de 1560, porém, o Governador Mem de Sá atacou suas trincheiras, e expulsou-os a despeito do auxílio dos tupinambás e tamoios, retirou a artilharia do forte e destruiu-o. Os sobreviventes franceses fugiram para os tamoios com os quais por muito tempo guerrearam secretamente os portugueses. Até aqui a curta história da Fortaleza de Villegagnon!

Só em ligeiros traços posso dar uma vaga idéia do grandioso e encantador panorama que do convés do *S. Miguel* se oferecia aos meus olhos; não ousa descrevê-lo por não me sentir capaz de poder dar dele um quadro que se pareça, só um pouco, com o original. Não obstante, o panorama do Rio de Janeiro está certamente com as mais vivas cores diante dos olhos de todos os que jamais o contemplaram.

4 Depois que Colombo em 1492 com grande surpresa descobriu 100 léguas a oeste dos Açores a linha sem declinação magnética e com a Ilha Guanahani ao mesmo tempo a quarta parte do mundo, nasceu a esperança de que se descobriria ainda muito mais terras para oeste e igualmente o receio de que estes descobrimentos pudessem ser origem de grandes lutas. Então o Papa Alexandre VI determinou, a 4 de maio de 1493, por meio duma bula, que todas as terras já descobertas e por descobrir, ilhas ou continentes que ficassem duma linha a 100 léguas (leuces) ao sul e oeste dos Açores e das Ilhas de Cabo Verde para leste, pertenceriam ao reino de Portugal; aquelas, porém, que fossem descobertas a oeste desta linha pertenceriam ao reino de Castela. O motivo pelo qual esta grande linha divisória oceânica em lugar de passar através de Coroa ou Flores, as duas ilhas mais a oeste do Açores, foi traçada a 100 léguas deste grupo, encontra-o Alex. V. Humboldt nesse acima citado meridiano de Colombo. Ver *Examen Critique de l'Histoire de la Geographie du Nouveau Continent* por Alex. V. Humboldt. T. III, p. 45-46. Esta linha de demarcação não poderia nunca alcançar o Brasil se os geógrafos portugueses Nunes e Teixeira não o tivessem dado como ficando a muitos graus de distância para leste. Ver: *Viagens*, de Von Feldner. T. I, p. 60.

A baía de Niterói ou Nichteroy (seu velho nome indígena) estende-se por 20 milhas marítimas, do sul para o norte, pela terra adentro, alargando-se em forma de pêra até a largura de 73 milhas; estreitando-se para o sul, ao contrário, até formar um estreito de 4 milhas marítimas, como um pescoço, com o qual se comunica com o oceano. Todas essas pitorescas formas de montanhas, por entre as quais nós ontem navegamos, agrupam-se agora formando as altas margens daquele estreito mais pitorescamente, em volta da barra que agora ficou muito longe, para trás da fragata. A oeste começava o grupo com a bicípite Tijuca que, vista do ancoradouro, ergue-se na direção sudoeste da margem da baía, sobre uma larga base subindo suavemente; a esta enfileira-se o belo espinhaço curvo do Corcovado, estirando-se para a frente com os seus contrafortes, por trás dos quais só se avista a Gávea com o seu bloco de rocha cortado horizontalmente no cume. Segue-se o Pão-de-Açúcar como remate dessas montanhas que se pode em geral imaginar ligadas à serra do Mar que acompanha a costa sul do Brasil que, saindo de São Paulo, entra na Província do Rio de Janeiro, ramificando-se muitas vezes. Este maciço ocidental de montanhas encontra do lado oeste do estreito os últimos contrafortes das montanhas orientais da Província do Rio de Janeiro. Entre os muitos picos e cones deste lado da barra destaca-se particularmente uma íngreme cumeada mais alta, cuja extremidade é sobrepujada por dois cones (Pico e Cabeça de Leão). Ergue-se acima da Fortaleza de Santa Cruz e tem em cima o Forte do Pico em ruínas, que a protege pelo lado da terra. Essas elevações a leste estendem-se até ao Paraíba do Sul. Seu declive para o mar acompanha a costa só até a Lagoa de Saquarema. Daí por diante acompanha-a a maior distância até que na região de São Fidélis e Campos dos Goitacases alcança o curso inferior do rio. A oeste desta linha, esta zona montanhosa alarga-se, ao norte sempre limitada pelo Paraíba, até longe, pela maior parte da Província do Rio de Janeiro. Do lado norte da baía ergue-se a serra dos Órgãos, separando-a do rio Paraíba, em cuja margem já começam as terras montanhosas ricas de ouro e diamantes de Minas Gerais, cuja mais alta montanha eleva-se a cerca de 1.700 metros acima do nível do mar.⁵ A pitoresca cadeia da serra dos Órgãos é a maior elevação, entre as montanhas da Província do Rio de Janeiro, e estende-se, conforme a

5 O Itambé tem, segundo o mapa de U. Mahlmam, Berlim, 1835, 1.677 metros.

direção geral das mesmas, de sudoeste para nordeste. Das suas encostas correm numerosos riachos para a margem norte da baía de Niterói; no entanto, os principais afluentes do rio Macau e do rio Iguaçú correm para as extremidades nordeste e noroeste do golfo, onde se encontram suas largas planícies que separam por um largo intervalo a serra dos Órgãos das outras montanhas de ambas as margens.

Hoje também a serra obstinou-se em ficar invisível, porque a atmosfera continuava ainda úmida e enevoadada, de maneira que a parte norte da baía aparecia, como ontem, como uma planície com muitas ilhas, entre as quais se reconhecia distintamente o longo espinhaço da ilha do Governador. No entanto, todas as outras montanhas e colinas que rodeavam a baía podiam ser vistas distintamente em plena claridade no mais grato frescor da manhã, de bordo da fragata.

Mas desçamos agora das alturas para as praias embaixo, porque é nelas que encontramos o ponto mais brilhante do quadro! Aos pés das montanhas a nordeste, dominadas pelo Corcovado e pela Tijuca, que como fantásticos edifícios aéreos olham de suas alturas para baixo, ali, onde a costa oeste da baía, deixando sua direção norte do princípio, volta-se bruscamente para oeste, em outras palavras, ali, onde o apertado estreito termina, e começa o alargamento da imensa baía, ergue-se a majestosa cidade do Rio de Janeiro⁶ (a muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro) com o seu mar de telhados, de igrejas, mosteiros, torres, os pitorescos terraços, as planas curtas e caindo verticalmente alcantilados platôs, os ressaltos rochosos cobrindo esses recantos, enchendo um vasto e aprazível vale, uma ridente planície que se estende para o interior por entre alegres colinas – realmente como uma verdadeira cidade imperial, graciosa e majestosa.

Com seus numerosos arrabaldes, o Rio cinge, quase que por mais de dois lados (ao norte e a oeste), o pitoresco Corcovado, por cujas gargantas as povoações mais próximas se estendem pitorescamente. Ao longo da praia, desde a Capital até ao Pão-de-Açúcar as casas se sucedem uma após outra refletindo-se nas águas da baía; é a faixa branca dos

6 Rio de Janeiro, segundo os dados do Weimarschen - *Genealogisch Historisch* - Statistischen Almanachs de 1844, tem 160.000 habitantes; segundo o *Dicionário Geográfico do Brasil*, de 1845, porém, 174.000 habitantes, dos quais 60.000 brasileiros, 25.000 estrangeiros e 85.000 escravos.

arrabaldes Largo da Ajuda, Praia da Glória, Catete e praia do Flamengo que se estende sem interrupção até o encantador Botafogo, que cerca a romântica baía, cuja estreita embocadura se abre bem junto do sopé do Pão-de-Açúcar. Entre as colinas contíguas à cidade ressaltam principalmente aos nossos olhos a do telégrafo semafórico e a linda colina coberta de bananeiras e palmeiras, com a branca igreja de Nossa Senhora da Glória. Na colina do telégrafo semafórico, também chamada Morro do Castelo, há casas e árvores e por entre elas a igreja mais antiga do Rio de Janeiro, São Sebastião. Quase constantemente sobem bandeiras de diversas cores no mastro no cimo da colina e nas suas pequenas vergas, assinalando os navios que entram.

Na extremidade norte do Rio emerge do ar a fortificada ilha das Cobras; parece uma alcantilada projeção de rocha, e forma, vista de onde estávamos, com o resto da cidade, e sobretudo com a eminência de São Bento por trás dela, uma só massa. No ângulo entre a ilha das Cobras e o lado oriental da cidade, fica o ancoradouro para as embarcações costeiras, na maioria sumacas, uma espécie de brigue-escuna, semelhantes aos que se vêem em Santa Cruz de Tenerife. Por trás desta ilha, isto é, do seu lado norte, está o ancoradouro dos navios mercantes; acima destes elevaram-se alguns mastros mais altos que me pareceram de navios de guerra. O Arsenal de Marinha, diante do qual estão ancorados, fica ao norte de São Sebastião, aos pés do Mosteiro de São Bento; o Arsenal de Guerra, ao contrário, fica no ângulo sudeste da cidade, na ponta do Calabouço, que se projeta na baía, quase aos pés do Morro do Castelo. Entre a fragata *São Miguel* e a cidade estavam ancorados os navios de guerra ingleses, alguns no próprio ancoradouro. Barcos-correio de dois mastros chamados faluas, com altas velas latinas e tripulados por negros, cruzavam a baía em todas as direções; compridas canoas com remadores pretos ou outras pequenas nas quais só dois homens de cor se deixam balançar, também dão vida, juntamente com os muitos navios que entram e saem e o cadenciado remar dos escaleres dos cruzadores brasileiros e estrangeiros, das mais variadas formas, à bela superfície do golfo. A todas as horas sai um pequeno vapor, e inúmeras vezes durante o dia velejam faluas para Niterói, que fica exatamente defronte, a uma distância de 3 1/2 milhas marítimas, uma aprazível cidadezinha que se estende aos pés de lindas colinas ao longo da praia da pequena, plana e curva enseada

que se estende desde a Praia Grande.⁷ A ponta com o Forte Gravatá, perto de São Domingos, que estreitando o canal até cerca de 2 milhas marítimas estende-se na direção do Rio, separa a enseada da Praia Grande do belo golfo ao sul, o Saco de São Francisco ou a chamada *Three Fat-homs Bay* por sobre a qual eu vira antes, do meu camarote, o sol nascer. Ainda mais apertado do que entre o Rio e Gravatá é o estreito na barra entre Santa Cruz e São Teodósio, onde sua largura é de 1 1/5 milha marítima. Perto da barra, mas um pouco recuada para dentro, fica a Fortaleza da Laje, com suas prisões submarinas, ao passo que Villegagnon fica a cerca de 2 1/2 milhas marítimas de Santa Cruz e a menos de uma milha marítima da cidade. Dentre as demais ilhas cito só a ilha do Governador, e Paquetá, as mais visitadas – porque a baía do Rio encerra um arquipélago de cerca de 80 ilhas, que, como a costa em volta, ostentam o mesmo esplêndido e fresco verão!

Ainda antes das nove horas o brigue de guerra brasileiro içou a bandeira prussiana e salvou com a usual salva real de vinte e um tiros de canhão. Cerca de uma hora depois o oficial de guarda avisou-me ter chegado o barco que devia levar-me para terra. Senti apertar-se-me o coração ao ter de deixar, conquanto por poucos meses, o belo navio a cujo bordo eu passara dias tão felizes e apartar-me de um tão amável quanto competente corpo de oficiais, que em todo o sentido tinham feito jus a minha grata estima. Largamos. O *S. Miguel* e a esquadra inglesa guarneceram as vergas, os canhões dispararam suas troantes saudações a que se misturaram os “hurras” e os “E vivas!” das tripulações; acima do fumo da pólvora flutuavam muito alto as bandeiras brancas da cruz e da águia tremulando ao vento, enquanto que por entre as colunas de fumo que voavam diante da brisa do mar sorria-nos a costa que as vaporosas montanhas elevavam em quadros sempre variados.

Desembarquei não longe do Palácio Imperial, na Rua Fresca, muito perto do Largo do Paço, defronte do Hotel Pharoux; a alta fonte, semelhante a um obelisco, o Chafariz do Largo do Paço, ficou à minha direita. Tinham-se juntado alguns curiosos, as carruagens já estavam lá, e rodamos logo dali. Para todos os lados que eu olhava quase que não

7 Praia Grande é o nome coletivo para todas as povoações, que se estendem ao longo desta baía. Niterói forma também uma parte da Praia Grande e por algum tempo chamou-se Vila Real da Praia Grande.

via senão negros e mulatos! Eles constituem aparentemente a maioria dos habitantes, e embora a vista de negros me fosse conhecida do Oriente, eu nunca vira um tão grande número deles reunidos, que, junto à incontável multidão das raças humanas misturadas, ainda mais aumentava dando ao todo um cunho altamente peculiar. Passamos num trote largo, rapidamente, por algumas ruas, bastante largas e movimentadas, cujas casas, com seus telhados elevados, me faziam lembrar a Madeira; as lojas nesta parte da cidade pouco agradavam, o que se explica facilmente, por não termos passado por nenhuma das principais ruas.

Depois de termos rodado por algum tempo através do meio da cidade, dobramos à esquerda em direção ao sul, ao longo das filas de casas na praia a que acima me referi, seguindo sempre os arrabaldes. Muito acima dos muros dos jardins elevam-se as imensas cordas dos coqueiros, e pouco acima deles as gigantescas folhas das bananeiras, enquanto através das grades e dos portões dos jardins se vêem as mais lindas flores. Mas esses mesmos jardins não tardam a tirar-nos a vista do mar. O perpendicular Pão-de-Açúcar ficava diante de nós e o Corcovado à nossa direita. Dobramos então à direita, entrando no portão de um jardim; uma curta e escura aléia de mangueiras, cujas espessas copas se fechavam por cima de nós como uma abóbada, levou até ao terraço murado, sobre o qual, encostada a uma colina coberta de verdura, erguia-se uma bonita e elegante casa de campo que tinha sido alugada para mim.

É impossível imaginar-se uma situação mais encantadora do que a da Chácara das Mangueiras ou a Mangueira, como esta vila é chamada devido às magníficas mangueiras verde-escuras que dão às suas avenidas um cunho peculiar de solenidade. A vista do terraço, da varanda provida de muitas janelas, dos balcões das esquinas voltadas para o leste e oeste, é inexcelsivelmente bela. Dois escuros e maciços ciprestes erguem-se no terraço, onde descem os degraus para a aléia das mangueiras. Nas esquinas ficam dois caramanchões; canteiros de flores por entre os quais serpeiam veredas, enchem as demais partes deste estreito platô. Por cima do jardim, das casas e das árvores, avista-se a estreita e comprida faixa azul da baía. Por entre os dois ciprestes, e por sobre o tapete verde-escuro das altas copas arqueadas da aléia das mangueiras, vê-se, como cercada de uma moldura escura que o separa do resto do panorama, um quadrinho, sobre o qual os olhos de tão bom grado repousam: a

rocha da Boa Viagem, com as colinas azul-claras por trás e uma grande palmeira e outra menor diante, que inclinam graciosamente as coroas. À direita do cipreste do sul, avista-se a acidentada costa oriental até muito além de Santa Cruz. Aí extrema-se a península de São Teodósio, onde a pequena superfície da baía de Botafogo começa. Fica aí o cone rochoso do Pão-de-Açúcar, elevando-se acima do ininterrupto contorno de esguias palmeiras e toda a sorte de altos troncos do morro do Flamengo, cujas encostas cobertas de matas, às vezes em parte de paredes rochosas, se despenham contra o estreito vale ao sul perto da casa de campo. À direita do Pão-de-Açúcar, aparece igualmente sobre a cumeada daquelas colinas situadas diante o espinhaço bem conformado de uma montanha ligada por uma selada a esta montanha coniforme. O estreito vale no sul está cheio de casas, cujos telhados e coruchéus surgem por entre as frondes do arvoredo e os singulares ramos dos pinheiros norte-americanos,⁸ semelhantes a coroas invertidas de palmeiras, erguendo-se muito alto no ar e agitadas pelo vento. No primeiro plano, junto às cocheiras pertencentes à vila, destaca-se pelo seu fresco verde uma compacta touceira de bananeiras; as palmeiras, ao contrário, faltavam aqui quase totalmente.

Se voltarmos agora os olhos novamente para leste, para os escuros ciprestes e seguirmos desde Boa Viagem a costa daquele lado da baía em direção ao norte, veremos primeiro a Praia Grande, uma extensa fila de casas brancas diante das colinas azul-claras como um colar de pérolas sobre um fundo de turquesa, limitando o morro da Armação. Mais para a esquerda, a superfície azul-ultramarino da baía desaparece por trás das altas casas e árvores da margem deste lado, entre as quais se elevam novamente as alegres e baixas colinas que em grande parte subtraem o Rio aos nossos olhos e a Capital à fresca viração, roubando-lhe a refrescante brisa do mar, que nestas regiões quentes pode ser considerada não só um alívio como também quase que uma necessidade vital, pelo menos para os europeus. Só a colina do semafórico, que com tempo inteiramente claro tem por fundo as montanhas dos Órgãos, enxerga longe por cima de uma selada entre essas colinas das quais se eleva alcantilada uma comprida cumeada, mais alta, que termina na encosta do Corcovado, e que circunda o mais maravilhoso vale ao norte, que

8 Assim me disseram chamarem a estas árvores que só há alguns anos eram cultivadas nos jardins dos arredores do Rio.

desemboca perto da Mangueira, à esquerda, e é limitado ao sul pelas encostas cobertas de matas sobre cujas últimas faldas está edificada esta casa de campo. Estas colinas pertencem também aos contrafortes do Corcovado que, com seu agudo pico rochoso dominando tudo, fica formando o fundo do vale, descendo suas matas até ao fundo do mesmo. Neste termina um prado, sendo o espaço restante preenchido até sua entrada pelo mais belo bananal que se possa imaginar. Nunca tinha visto um parecido! Aquela comprida cumeada que limita este aprazível vale ao norte forma, embora um pouco curva, uma magnífica linha acima da qual as tantas vezes originais copas de árvores citadas e palmeiras isoladas se elevam nitidamente delineadas contra o azul-escuro do céu tropical. Sua encosta é só em parte coberta de matas; aqui e ali despenha-se em paredes nuas de rocha ou pitorescos ressaltos de terraço, sobre os quais se erguem edifícios isolados em parte vistosos, em meio de alegres jardins.

Embaixo eleva-se, saindo do bananal, uma alta e magnífica palmeira; muitas outras erguem-se como ela, porém mais baixas. Acima de tudo o mais, porém, dava vida de um modo maravilhoso a este encantador vale do bananal que se estendia com toda sua pompa e exuberância tropical ao norte da vila, que eu via da janela do meu quarto de dormir, oferecendo-me um quadro quase indescritível que eu tinha agora diariamente diante de meus olhos, a alta copa convexa duma portentosa árvore que se erguia acima de tudo, semelhante a uma flor colossal, ostentando um violeta purpurino, quase o mais belo carmesim!

Apenas tínhamos acabado um segundo almoço em comum quando se apresentaram o Ministro do Exterior, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, e o mordomo do Imperador, Paulo Barbosa da Silva, para me convidarem em nome de Sua Majestade para uma audiência no dia seguinte às dez horas e para as festas da data da independência que teriam lugar no mesmo dia. Quando estes cavalheiros se retiraram, não pude resistir à tentação de ver de perto todas as muitas maravilhas – isto impeliu-me por demais fortemente para o ar livre! A pequena colina atrás de casa foi imediatamente escalada. Pareceram-me, ao subir, surpreendentemente grandes as placas de mica no granito que formava a íngreme encosta daquele cerro.

A vista daqui de cima quase que era mais bonita do que a da vila. Já do terraço se vêem todos os navios que entram e saem, mas

daqui pode-se acompanhá-los até mais longe pela baía adentro, como também avistar ainda mais distintamente a barra.

Eu queria penetrar na mata espessa, no matagal que cobria a encosta por trás de mim, para chegar até às palmeiras, e a todas aquelas bizarras árvores; mas tentei em vão! As lianas não me deixavam avançar nem dez passos; só pude chegar até uma árvore inteiramente vilosa, que não me espantou pouco. Quebrei um pedaço de pau e desci para o prado que terminava no bananal embaixo. Era cortado por pequenos regos para irrigação, em cuja lama uma turma de negros nus patinhava para limpá-los, enquanto um branco, indolentemente sentado, com um grande chapéu de palha e uma bengala na mão, fazia uma cara como se estivesse trabalhando demais no calor do meio-dia. No meio do prado erguia-se um grupo de árvores esquisitas com um pequeno jardim ao lado. Aí adejavam lindas e grandes borboletas. Não esquecerei nunca uma de um azul-ultramarino cambiante com orla preta (*Aernauta nestor*). Depois senti-me atraído por uma árvore encarnada que ficava onde o caminho desce para as Laranjeiras. Vi que suas folhas eram carmesins, e que os seus milhares de cachos eram violeta. Segundo a opinião de *Herr* Lippol, era uma *Missolia*, mais escura, mais violácea do que a sapucaia.

No caminho para os arrabaldes do Rio vi num riacho muitas negras lavadeiras seminuas. Encontrei muitos negros pelo caminho, e também muitos carros de aluguel tirados por muares com cocheiros pretos ou mulatos de casaco azul com gola encarnada e botas de montar. Estas librés faziam-me lembrar as antigas librés prussianas e têm mesmo esta origem, porque o Major A. D. von Suckow, proprietário de todos esses veículos, pertenceu dantes ao Regimento de Granadeiros do Imperador Francisco. Deixou o nosso serviço depois dos anos de guerra e alistou-se na Legião Alemã no Brasil, deu baixa quando foi dissolvida e voltou para o Rio, organizando esse serviço de carros de aluguel e todo o comércio de muares e cavalos na Capital: daí, nenhuma viagem para o interior, nenhum percurso na cidade ou passeio sem *Herr* v. Suckow! Freqüentemente os negros que passavam carregavam na cabeça caixas envidraçadas com artigos de armarinho para vender; muitas vezes vendendo roletes de cana-de-açúcar também. Muito originais e quase grotescos são os pregões com que gritam ou cantam apregoando sua mer-

cadoria. O marulho da arrebentação desviou-me do meu caminho em linha reta, alegrando-me por ver quão perto estava o mar de minha casa!

Depois do jantar fui passear com *Herr* Theremin ao longo do Caminho Novo, no qual ficava minha casa de campo e segui até mais adiante a estrada em que o mesmo se transforma pouco antes de Botafogo, até que, dobrando à esquerda, perto da fila de casas da Praia do Flamengo, alcançamos a baía. Aí vimos algumas canoas escavadas em troncos de árvores com que os negros navegam na baía. Deixando a praia, subimos a pequena colina, por trás da qual ergue-se o Pão-de-Açúcar, o morro do Flamengo, em cuja encosta há uma canteira, chamada Pedreira de Botafogo onde rebenta granito rico em mica. Negros escravos estavam ocupados em remover grandes pedras com alavancas de ferro. Cantavam para dar o ritmo do esforço: mas isto parecia ser o principal, porque a metade de trabalhadores europeus teriam realizado o mesmo trabalho sem o menor esforço. Na encosta do morro do Flamengo vimos uma grande quantidade de plantas semelhantes ao ananás (*Tillandsias*) mas sem frutos e algumas cactáceas angulosas altas. A vista da baía do Rio de Janeiro do seu cimo é maravilhosa.

A nossos pés abria-se a estreita entrada para a baía de Botafogo, que como uma monstruosa fenda separava o morro da parede perpendicular do Pão-de-Açúcar. Descemos por uma íngreme vereda à margem desta pequena baía quase isolada. Estava calma e romântica, um verdadeiro pequeno paraíso! Cerca-a quase um semicírculo de elegantes casas de campo, com belos jardins floridos, ao norte e a oeste, enquanto que dos outros lados está rodeada das mais viçosas matas tropicais e das mais belas formas de montanhas. A leste ergue-se o Pão-de-Açúcar como um dedo gigantesco; defronte dele a ameaçadora e sobressalente agulha do Corcovado olha de vertiginosa altura para a superfície semelhante a de um lago da baía embaixo. Botafogo é um balneário europeu na orla de florestas virgens, praia de banhos e estação de veraneio de diplomatas.

Iniciamos o caminho de volta. Quando o chamejante disco solar desapareceu por trás das montanhas, fecharam-se as folhinhas

Não pode tratar-se de *tillandsias*, mas possivelmente de espécies do género *Ananás* ou *Bromélia*. (M.G.F.)

duma alta mimosa à orla do caminho, e chegou aos nossos ouvidos, vindo do ancoradouro, o troar do canhão do *Comodoro*, com o qual a esquadra britânica no mesmo momento arriou as bandeiras e as vergas do joanete. Não era isto uma prova concludente da muito apreciada e admirada regularidade em todos os fenômenos naturais dos trópicos?

O curto caminho para casa levou-nos novamente pela estrada do Caminho Novo. Flores cor de laranja, aqui chamadas trombetas, revestiam a intervalos como pequenos lírios de fogo, os altos muros dos jardins, por trás dos quais voltaram a aparecer as folhas rasgadas das bananeiras e as cordas das palmeiras. Quase defronte de todas as casas vê-se o tronco erecto do mamoeiro (*Carica papaya*) que produz uma grande quantidade de frutos verdes e amarelos em cachos, e a sombra dum pequeno teto abobadado de grandes folhas palmiformes.

De Botafogo até minha casa não se leva nem um quarto de hora; no entanto já estava escuro, e as cigarras já começavam a cantar quando chegamos à chácara das Mangueiras. O som que estas cantoras brasileiras emitem fere os ouvidos; só posso compará-lo, é claro que em miniatura, ao desagradável apito de uma locomotiva.

Antes de me ir deitar, saí novamente para o terraço e estendi a vista pela aléia das mangueiras, para ver os vaga-lumes que reluziam no prado de ambos os lados do caminho. Sua luz fazia-me lembrar vivamente os pirilâmpos que na Itália tão amiúde enxameiam em volta do viajante, sobretudo como os vi uma noite em maior número numa garganta perto de Salerno, esvoaçando como pequenas estrelas de um lado para outro; aqui, porém, apareceram em tão grande quantidade que o prado lembrava-me um mar fosforescente.

Antes de passar à descrição das festas do “Dia da Independência do Brasil”, amanhã, seja-me permitido, para melhor compreensão da importância desta festa, oferecer ao leitor um resumo da história do Brasil, deste vastíssimo Império.

Tinham-se passado sete anos depois da primeira viagem de Colombo, quando Vicente Yáñez Pinzón, que tinha acompanhado o corajoso descobridor de mundos como capitão da *Niña* nessa

eternamente memorável viagem, em dezembro de 1499 se fez novamente de vela de Palos com quatro caravelas, que ele com seu sobrinho Arias tinham aparelhado, para novas descobertas. Tocou nas ilhas de Cabo Verde, voltou-se depois para o sul e oeste, passou a Linha, que nenhum espanhol passara ainda antes dele, e avistou a 26 de janeiro de 1500, projetando-se da costa coberta de coqueirais e terminando por uma ligeira bossa, a longa e arredondada colina de palmeiras do cabo de Santo Agostinho, a que chamou cabo da Consolação, tendo sido assim o primeiro descobridor do Brasil. Em seguida voltou-se para o norte e alcançou, acompanhando sempre a costa e passando pela embocadura do Amazonas, o Orenoco, de onde, com a perda de dois navios, voltou para a Europa. Mas antes que Pinzón tivesse alcançado as pátrias plagas, os portugueses já tinham tomado posse do novo continente, o que, como já foi dito, o Papa confirmara. Apenas Vasco da Gama, depois de ter descoberto o caminho marítimo para a Índia, dobrando o Cabo da Boa Esperança, entrara felizmente no Tejo, o Rei D. Manuel aparelhava outra esquadra com o mesmo destino, entregando o seu comando ao fidalgo Pedro Álvares Cabral. Realizaram-se grandes festas por ocasião da partida desta frota, que se deu a 9 de março. Cabral rumou da mesma forma primeiro às ilhas de Cabo Verde, para ali fazer aguada, e depois a oeste para evitar as calmarias que tinham retardado Dias e Gama. Aconteceu, porém, que as correntes e as tempestades impeliram os portugueses tanto para o oeste – segundo seus cálculos 660 a 670 léguas daquelas ilhas –, que no terceiro dia de Páscoa, 21 de abril, avistaram pastas de sargaço, os primeiros sinais da proximidade de terra, e depois de já na manhã seguinte terem visto os primeiros pássaros, “a que chamam *furabuchos*”, descobriram no mesmo dia, quarta-feira à tarde, 22 de abril, terra, “e por sinal uma grande montanha”, a que Cabral chamou Monte Pascoal, e a terra que, julgando ser uma ilha, denominou Ilha da Vera Cruz.⁹

No dia 23 de abril os portugueses ancoraram aí defronte da foz dum rio; viram-se porém obrigados, devido ao tempo tempestuoso, a fazerem-se de vela na manhã seguinte. Rumaram 10 léguas para o norte ao longo da costa e entraram aí num grande porto abrigado a 16°27'

9 Veja-se a notícia de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel sobre a descoberta do Brasil em *Viagens*, de V. Feldner, T. II, p. 159-200. – Segundo a *History of Brasil* de Southey, os portugueses chamaram primeiro, ao Brasil, Ilha da Santa Cruz.

de latitude sul, a que puseram o nome de Porto Seguro, nome que conservou até aos dias de hoje. Depois de pequena demora e de ter sido rezada missa algumas vezes em terra, penduradas pequenas cruzes de estanho no pescoço dos selvagens e levantada uma grande cruz de madeira na praia, Cabral continuou a 5 de maio para Calicute a viagem, contornando o Cabo da Boa Esperança; mandou, porém, ao mesmo tempo Gaspar de Lemos com a notícia deste descobrimento para Lisboa. Quatro dos navios da esquadra de Cabral perderam-se nessa viagem em volta do Cabo, e com eles o próprio descobridor do promontório da Boa Esperança, Bartolomeu Dias.

Já no seguinte ano de 1501, o Rei D. Manuel mandou Américo Vespúcio, que tomara de Castela para seu serviço, com três velas para a nova terra, cuja costa este primeiro avistou sob 5° graus de latitude sul (perto do cabo Roque) e que seguiu até 52° de latitude sul (quase até ao estreito de Magalhães). Só mais 4° para o sul, e a ponta mais meridional da América teria sido descoberta!¹⁰

Logo no começo os portugueses, desembarcando a 8° de latitude sul, na região do atual Pernambuco, assistiram ao horrível espetáculo de um dos seus compatriotas ser assado e comido; por certo um triste espetáculo! E o que é ainda mais triste é que, agora, depois de três séculos, este horrível costume ainda persiste entre algumas tribos de indígenas do Brasil! Esta primeira expedição durou dezesseis meses, e nela Américo Vespúcio evidentemente passou o cabo da Consolação de Vicente Pinzón a que deu o nome de Santo Agostinho, mas não encontrou nem o porto de Porto Seguro nem a cruz erigida por Cabral. Em compensação deve, segundo alguns, já ter então descoberto a baía de Todos os Santos, sobre o que, porém, Southey, na sua famosa obra sobre história do Brasil, nada diz.

Já em 1503 Vespúcio repetiu a viagem, e fundou sob 18° de latitude sul e 35° a oeste do meridiano de Lisboa (na altura dos Abrolhos, no Espírito Santo) a primeira colônia no solo brasileiro. Construiu aí um forte a que deu 24 homens de guarnição, os únicos que tinham escapado do naufrágio do seu navio-capitânia que se perdera, e 12 canhões para sua defesa. Apenas o marco sul tinha sido descoberto pelos espanhóis, estes mandaram imediatamente uma esquadra para descobrir sua ligação

10 O Cabo de Horn fica a 55°58'40" de latitude sul.

com o Oceano Atlântico, especialmente, porém, para se anteciparem aos portugueses. Por este tempo aconteceu que Juan Dias de Solis, no ano de 1515, descobriu por acaso a foz do rio da Prata, cujas margens depressa foram colonizadas pelos espanhóis. Os franceses procuraram também já nesses primeiros tempos travar ligações comerciais com o Brasil, e foram eles, segundo Southey, que descobriram a magnífica baía de Todos os Santos, sob 13° de latitude sul, no ano 1516, da qual, porém, os portugueses, sob Cristóvão Jaques, quase ao mesmo tempo tomaram posse duradoura.

Nos primeiros trinta anos depois do descobrimento da ilha de Vera Cruz, os portugueses se mostraram pouco interessados pela nova terra; parece que só mandavam anualmente dois navios com emigrantes para lá, que traziam como carga, de volta, madeira e papagaios. Só depois de decorrido esse tempo foi que D. João III dividiu a colônia em capitânias, das quais cada uma recebeu 50 léguas de costa, o que, contudo, não foi depois observado com exatidão. Muitas e grandes extensões de terra que se estendiam até 50 léguas para o interior foram dadas a famílias e indivíduos isoladamente, como feudos da coroa (feudo masculino) e até como domínio quase irrestrito, mesmo sobre os indígenas. Como a cana-de-açúcar transplantada da Madeira se aclimatara muito bem, fizeram-se grandes plantações, nas quais trabalhavam, além dos escravos, indígenas que obtinham por meio de caçadas de escravos ou aprisionando-os nas guerras, e negros escravos do Congo e Angola. Ao mesmo tempo faziam o comércio de contrabando com objetos manufaturados na Europa, para as terras argentíferas espanholas.

Em geral a colonização despertou pouco interesse entre os portugueses, em parte porque as primeiras colônias não tiveram os rápidos resultados delas esperados e em parte porque mais importantes e vastas conquistas contemporâneas faziam com que todos os olhares se voltassem para a Índia e para a África, onde o ouro e as pedras preciosas, o que o Brasil, que se presumia ser pobre, não oferecia ainda, atraíam os colonos. Eram estes os judeus desterrados e os degredados, embora sobretudo estes últimos não emigrassem de bom grado para o Brasil, porque aqui não se lhes oferecia oportunidade como na Índia de se poderem “reabilitar” distinguindo-se nas sangrentas e gloriosas guerras diante do inimigo.

Conquanto a nova terra fosse pobre de minerais preciosos revelava, em compensação, uma grande fertilidade e variedade de produtos do reino vegetal. Foi sobretudo uma madeira corante que primeiro chamou em alto grau a atenção dos novos donos das capitâneas. Américo Vespúcio já a tinha levado para Portugal, chamando-a de “vercino”. Mas já antes conhecia-se uma madeira corante com o nome de “brasil”, “bresil” e “bresilye”, que se importava das Índias Orientais, onde segundo um velho cosmógrafo núbio que a chama “batram”, medra em Sumatra. Ou seja, que se deu esse nome indiano à madeira corante encontrada na América do Sul, ou como outros julgam que a madeira ibirapitanga, que dá esse vermelho abrasado tirou o nome da palavra “brasa” – o certo é em todo o caso que esta madeira corante já desde o princípio teve este nome de pau-brasil e que dele provém o atual nome do país, que já o tinha, ao tempo do Rei D. Manuel. No ano de 1530 o inglês William Hawkins, que visitou este país, e que levou consigo um rei indígena para Londres, já o chamava Brasil. Cem anos depois tinha ainda exclusivamente este nome a parte do centro do Brasil, onde se fundaram as primeiras colônias.

No ano acima citado de 1530, lançou Duarte Coelho Pereira no local onde antes existira uma feitoria francesa, as primeiras bases para o futuro Pernambuco. Dizem que à vista do local encantador exclamara: “Oh! linda localização para se fundar uma vila!” e daí originou-se o nome de Olinda. Por esse tempo (1531) teve também lugar a fundação da primeira grande e estável colônia no sul do Brasil, São Vicente, no belo golfo de Santos, pelo Capitão-Mor Martim Afonso de Sousa, o mesmo que, como vimos acima, descobriu no dito ano a baía do Rio de Janeiro. Plantou a cana-de-açúcar e introduziu a criação de gado. Menos feliz foi o fidalgo Pedro de Góis, a quem, também no ano de 1531, coube uma terra com 30 léguas de costa entre São Vicente e Espírito Santo. Fez-se de vela para a embocadura do Paraíba do Sul, onde encontrou os goitacases, com os quais viveu por dois anos em paz, empenhando-se depois em guerra com os mesmos, por quem foi por fim expulso. Dez anos depois realizou-se a corajosa viagem do espanhol

Segundo Plínio Airoso, *ybirá-pitã* que significa “pau vermelho”. Esta palavra indígena teria sido corrompida para *arabutã*, nome pelo qual designavam o pau-brasil (*Caesalpinia e chinata*) os franceses. (M.G.F.).

Francisco Orellana, que foi o primeiro a descer o rio Amazonas desde o Peru até sua foz. Mas a isto me referirei mais largamente noutra lugar.

Chegamos agora a um principal acontecimento na história do Brasil. Até aqui faltara uma unidade aos esforços dos portugueses na América do Sul; reunir as muitas capitânicas sob uma única autoridade, todo o país num ponto central. Para sanar esta falha, enviou D. João III a Tomé de Sousa para o Brasil como seu capitão-geral, investindo-o de poderes judiciários e civis, pondo-o acima de todos os capitães-mores. Ordenou ao mesmo tempo a construção da nova Capital do Brasil na grandiosa baía de Todos os Santos, e deu-lhe o nome de São Salvador. Tomé de Sousa chegou ao seu destino em abril de 1549. Levava em três navios 1.000 homens (entre os quais 400 degredados); a esquadra era comandada por Pedro de Góis, a quem os goitacases tinham expulsado. Todavia, mais importante do que toda esta aguerrida gente de guerra, acompanhava o governador-geral um pequeno e modesto grupo de seis homens – os primeiros jesuítas que pisavam o solo brasileiro, a cuja frente estava o Padre Manuel da Nóbrega como o principal e mais distinto. D. João III, no seu coração um piedoso, embora também um monarca beato, pensou antes de tudo em fazer seus novos súditos participarem das bem-aventuranças do cristianismo. Como amigo e venerador de Loiola e zeloso protetor da Sociedade de Jesus, abriu-lhes com prazer as vastas fronteiras do reino ultramarino, e convidou-os a apascentarem os rebanhos sem pastor que vagavam ainda na noite da incredulidade, mais escura do que as sombras de suas infindas florestas virgens! A sua permanência por mais dum século nestas terras não foi sem proveitosos resultados para elas. Com a sua férrea perseverança, atuaram aqui educando a juventude, chamaram a si os pobres e oprimidos indígenas e protegeram-nos contra a cruel perseguição e escravidão em que os mantinham os portugueses. Procuravam com isto inspirar confiança aos silvícolas, habituá-los a domicílios fixos, e civilizá-los pouco a pouco; transformar assim antigos pagãos e seus descendentes numa forte barreira contra seus vizinhos ainda selvagens. A cada ano aumentava mais e mais a rede de suas missões, levando humanidade e cultura, onde sem a sua ação talvez os selvagens ainda hoje se guerreassem e se derrotassem entre si. Por outro lado não se pode também negar que os motivos de sua atuação podem nem sempre ter sido os mais puros; não se pode

também desconhecer que sua influência foi até certo ponto prejudicial, por terem acorrentado o espírito da população branca, mantendo os indígenas mais ou menos na minoridade e por terem impedido o livre desenvolvimento do povo. No que finalmente diz respeito a sua atuação considerada sob o ponto de vista cristão, pergunta-se se com a conversão visavam ao exterior ou ao espírito, podendo muito bem ser que já então com a conversão dos indígenas não se desse muito melhor do que hoje se dá nas muitas regiões do Brasil, em que o batismo é um mero ato de submissão à coroa, sobre cuja significação nada se diz.

A cidade e fortalezas de São Salvador ergueram-se rapidamente da terra; os tupinambás, a poderosa tribo dos primitivos habitantes, que ocupavam uma grande parte do interior da costa, ajudaram a construir essa sua despótica senhora, de modo que já no ano de 1552 o primeiro bispo nomeado para o Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha, pôde ocupar sua sede na Bahia.

Lancemos agora um rápido olhar pelos primitivos habitantes do Brasil! Um caos de nomes e dados contraditórios salta ao nosso encontro ao atravessarmos as fronteiras desta incerta região, e sentimos o terreno histórico oscilar sob nossos pés! Quando os portugueses descobriram o Brasil, sua costa leste era quase que exclusivamente habitada por povos duma mesma tribo; estes eram os tupis, conhecidos por diversos nomes, cuja língua comum ainda hoje é compreendida de São Paulo ao Pará. Os jesuítas tiraram grande proveito de suas relações com os aborígenes, devido à larga expansão da língua comum chamada por isto “língua geral”¹¹ e deixaram-nos entre outras obras a excelente gramática da mesma, da autoria do Padre José de Anchieta. À tribo dos tupis pertenciam ao lado de muitas outras os tupinambás e os tamoios na Província do Rio de Janeiro. Uma das poucas, talvez a única tribo estranha, que habitava a costa leste entre os povos de língua geral, era a dos goiatacases. As planícies do baixo Paraíba do Sul, onde fica agora a cidade de São Salvador, chamam-se até hoje “Campos dos Goiatacases”. Deste povo, há muito tempo extinto, parece descenderem os coroados, os coropós¹² e talvez os puris¹³ que hoje ainda são encontrados nas vizinhanças do rio

11 Southey, *History of Brazil*, Vol. I – p. 225. Spix e Martius, Vol. III – p. 1093.

12 Southey, Vol. III – p. 599 e seguintes.

13 V. Feldner – *Viagens*, T. I – p. 38.

citado. Entre as tribos tupis os primeiros europeus encontraram ainda a lenda de que esta grande nação tinha-se mudado do interior para a costa, tendo feito recuar para o interior um outro grande povo, os tapuias, que antes deles a ocupavam. Como os tupis, devido à perseguição dos portugueses, se iam aos poucos se rarefazendo cada vez mais, as grandes massas de tapuias reuniram-se no interior, paralelamente à linha da costa, desde a embocadura do rio São Francisco até ao Cabo Frio, e invadiram novamente as regiões do litoral sob o temido nome de aimorés. Uma outra opinião dá os aimorés como sendo os antepassados dos botocudos – que o Príncipe von Wied no segundo volume de sua famosa obra sobre o Brasil, descreve tão detalhadamente e de um modo tão altamente interessante – como um povo do Sul, o que sua alta estatura confirma, e encontra na sua língua uma tão grande diferença da dos tapuias, que nega seu parentesco com os mesmos. Esta é a opinião de Southey, cujos dados temos seguido até aqui.¹⁴ O autor português Vasconcelos, ao contrário do que fica dito acima, divide todas as tribos do Brasil em duas classes, em índios mansos e tapuias, isto é, hordas de selvagens hostis aos europeus. Na primeira classe inclui todas as tribos tupis, na última todas as demais, cujos dialetos, aliás, são muito diferentes.¹⁵ Assim sendo, os goitacases¹⁶ e os aimorés com os seus descendentes caem sob este conceito. Num outro ponto, porém, combinam-se todas as diversas opiniões, isto é, que todas as hordas de selvagens no decorrer do tempo, diante da perseguição e das caçadas de escravos dos portugueses, têm-se afastado cada vez mais da costa para o interior e que, especialmente os últimos vestígios das tribos tupis só se encontram muito profundamente no interior, nas margens do Amazonas.¹⁷ Na verdade um fenômeno raro! Que infinita e fatigante peregrinação atravessar assim em pequenas hordas, com mulheres e crianças, todo um continente coberto de impenetráveis florestas! Que contraste com os bandos montados de hunos, godos e tártaros!

14 Southey, Vol. I – p. 281 e 328.

15 Southey, Vol. I, p. 378 nota. – Spix e Martius, T. II – p. 752 – Max. Prinz von Wied, *Reise nach Brasilien* T. I, p. 28 e 35 – Denis, *Resumé de l'histoire du Brésil*, p. 10-39.

16 Max. Prinz von Wied – Neuwied, *Reise ese.* T. I, p. 119 e seguintes.

17 Spix e Martius, T. I, p. 213-215, e T. III, p. 1061 – Denis, obra citada, p. 36.

Mas levamos uma grande dianteira sobre o curso dos acontecimentos; retomemos novamente o fio da história. Já nos referimos à retirada da expedição Villegagnon, à expulsão dos franceses do forte da ilha no golfo de Niterói; bem como que o remanescente dos mesmos aliou-se aos tamoios contra os portugueses a quem guerrearam por muitos anos. A este contratempo para o Brasil juntou-se um novo que foi o primeiro furioso ataque dos oprimidos tupis levando à frente os aimorés, contra as colônias portuguesas de Ilhéus e Porto Seguro (1560). Um pesado e sombrio destino pesava como uma nuvem negra sobre o Brasil até que a vitória do dia de São Sebastião, 1567, a dissipou. O vencedor, Mem de Sá, e seu fiel companheiro Nóbrega, que como todos os membros de sua ordem, não conhecia perigo quando o havia, e arriscava sempre espontaneamente a vida, fundaram no mesmo ano o Rio de Janeiro, e chamaram-no, em honra ao seu protetor que lhes deu a vitória, São Sebastião. Três anos mais tarde, depois da morte daqueles dois grandes homens, o Brasil foi dividido em duas Capitânicas Gerais. Luís de Brito recebeu a do norte com São Salvador, e D. Antônio Salema a do sul com a capital São Sebastião. A este último estava reservado dar o golpe final nos franceses e tamoios aliados. De oito a dez mil homens ficaram no campo ou foram feitos prisioneiros. O governo duplo, para felicidade do Brasil, não durou muito, porquanto depois de poucos anos uma das capitânicas foi suprimida.

A união de Portugal e Espanha (1580) teve para a metrópole como para as colônias e para o Brasil, as mais tristes conseqüências; a Espanha parecia querer aniquilar a bela possessão de seu rival subjugado. Ademais o Brasil, como colônia espanhola, logo se viu ameaçado e saqueado pelos inimigos de sua nova senhora! Corsários ingleses, sob Fenton, Withrington, Cavendish e Lancaster agiram nas últimas décadas do século dezesseis nas suas costas com mais ou menos êxito. São Vicente, Santos, o Recôncavo (Bahia) e Recife foram saqueados por eles. E no começo do século dezessete (1612) franceses sob Rasily e Ravardiêre estabeleceram-se no Maranhão, e lá, numa ilha na embocadura do Meari, fundaram uma cidade, a que em honra do seu rei puseram o nome de São Luís, a qual, porém, três anos depois o português Jerônimo de Albuquerque tomou. No mesmo ano o Capitão-Mor Francisco Caldeira Castelo branco fundou Nossa Senhora de Belém (o Pará de hoje) ao sul

da foz do Amazonas. Alguns anos antes (1608) já o Ceará tinha sido declarado uma capitania.

Contudo estes pequenos progressos da colonização não podiam compensar o Brasil das perdas resultantes da guerra que se seguira com a Holanda, o mais perigoso dos inimigos da Espanha e de suas colônias. Apenas se tinha fundado em 1622 a Companhia das Índias Ocidentais, quando ela dois anos depois desfechou um rude golpe contra o Brasil. Os nomes de Willekens, Piet Hein e Vandort encontram-se à frente das forças de mar e terra, que rumaram à Bahia e apoderaram-se quase sem luta de São Salvador. Já no seguinte mês de março avistou-se uma frota luso-espanhola, sob o comando de D. Fradique de Toledo e D. Manuel de Meneses, de 66 navios com 12.000 homens de desembarque a bordo, uma armada tão grande como nenhuma outra que tivesse antes atravessado a Linha. Não obstante os holandeses terem reforçado consideravelmente as fortificações de São Salvador, não obstante os 92 canhões sobre os baluartes – o novo forte a praia atirava balas incandescentes – e os dez navios de guerra no porto, viram-se os holandeses obrigados, devido a um levante da guarnição, a entregarem novamente ao inimigo a bela conquista. Não demorou muito e a bandeira holandesa apareceu novamente vitoriosa naquelas águas. O valente Piet Hein entrou duas vezes na baía de São Salvador (1626), a despeito do intenso fogo do inimigo, sendo que da primeira vez só com a sua capitânia, que foi a pique na ação, mas que foi suficientemente vingada com a tomada de 12 embarcações inimigas. De regresso à pátria, caiu-lhes nas mãos a frota com carregamento de prata do México. Quatro anos depois a Holanda reuniu uma nova poderosa expedição perto das ilhas de Cabo Verde, sob Hendrik Loncq e seu almirante, Peter Adrian, que devia desferir um novo golpe contra o Brasil; apoderou-se de Pernambuco (1630), que daí por diante ficou sendo a principal praça de armas dos holandeses. No decorrer dos seguintes cinco anos caíram em seu poder as Províncias de Pernambuco (Itamaracá), Paraíba e Rio Grande do Norte; tinham também ocupado Porto Calvo em Alagoas, mas perderam-no depois.

Nesta situação encontrou o Conde Johann Moritz von Nassau as possessões holandesas no Brasil quando em 1637 assumiu aqui o poder supremo pelos Países Baixos Unidos. Apoderou-se imediatamente

de Porto Calvo de novo, erigiu o Forte Maurício no São Francisco, fez uma incursão na Província de Sergipe del-Rei, e submeteu ainda no mesmo ano a Província do Ceará. Com toda esta atividade e tão felizes resultados, dedicava-se, nos intervalos, que as mais das vezes passava no Recife, a cuidar dos importantes negócios da administração. Pôs termo ao estado inteiramente anárquico da colônia, à vida desenfreada dos emigrantes, às diversas fraudes e grosseiros abusos por meio das quais as rendas do país eram até então defraudadas... As plantações de cana abandonadas foram declaradas propriedade do Estado e vendidas, a agricultura e colonização foram favorecidas por todos os modos, até mesmo os portugueses expulsos foram convidados a retomarem posse de seus bens, submetendo-se todavia ao domínio dos holandeses. Foram construídas cidades, fortalezas e pontes, igrejas e palácios reconstruídos, e surgiram jardins e plantações; muito se fez, especialmente por Pernambuco – enquanto que por outro lado o grande Stadthouder¹⁸ interessava-se com o mesmo zelo pelo que concernia às ciências e às artes.

Não obstante no ano de 1638 a sorte do conde na guerra não o favorecesse como anteriormente – seus planos sobre São Salvador tinham fracassado inteiramente depois de um cerco de quatorze dias – podia contudo olhar com orgulho para a poderosa colônia, que, graças ao seu forte braço já estendia seu poder sobre seis províncias: Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. A guerra dali por diante prosseguia mais no mar do que em terra e consistia mais em assolarem-se reciprocamente as costas e os portos, até que em 1640 um grande e inesperado acontecimento, a separação de Portugal da Espanha, interrompeu-a por algum tempo. D. João IV de Bragança, pouco depois de subir ao trono de Portugal, ajustou com os holandeses uma trégua por dez anos, que estes, porém, já em 1641 quebraram, tomando São Luís do Maranhão. O Conde de Nassau tinha, pouco antes de seu retorno, 1644, passado ainda pelo desgosto de ter de entregar esta importante praça aos portugueses. Com a partida do conde, faltou à colônia o extraordinário chefe, o braço forte. Em lugar da sábia moderação com que aquele grande *Stadthouder* governara a colônia começaram as opressões de toda espécie, que os funcionários da companhia se

18 *Stadthouder* – Título que tinham os Príncipes de Orange e Nassau chefes de Província nos Países Baixos. NT.

permitted, and that, along with religious hatred against the heretic Dutchmen, incited the few Portuguese to revolt. A rebellion then broke out in the following year, a general uprising in Dutch Brazil, with João Fernandes Vieira at its head, who did not hesitate to ally himself with Governor-General Francisco Barreto de Meneses. Fortune turned against the Dutch. Their already wavering cause received the decisive blow in the unhappy battle of the mountains of Guararapes, in Pernambuco, 1648, and after all these misfortunes in South America, which had just begun to unite in a war initiated by Cromwell, they were, with the loss of their principal base, Recife, completely expelled from Brazil. However, Holland desisted before the Crown of Portugal in all its pretensions over these lands by the Treaty of Haia, of 1661, after in the interim having made rich conquests in the East Indies, and against a sum of four million cruzados.

Notwithstanding the imposition of forced services had provoked many uprisings among the Indians, and the foundation of the colony of Sacramento, which so much favored the commerce of contraband, had given place to prolonged disagreements with Spain, peace reigned relatively in Brazil, after thirty years of Dutch oppression. With it recommenced an extraordinary interest, which had hitherto been relegated to the last place, in the exploration of the treasures which the subsoil of the country hid. Until then they had been the Paulistas, a mixed population of whites, Indians and descendants of both races (mamelucos) who in the vicinity of São Paulo formed a species of independent republic, which, in search of gold, explored the interior, having advanced to the frontiers of Mato Grosso and Goiás. In the last decade of the seventeenth century the Portuguese government also began, and not without hope of good results, to send expeditions with the same aim to the interior of the actual Minas Gerais. One of these discovered with a band of Paulistas, and, as it seems, the two expeditions discovered at the same time, almost jointly, the rich mines of gold, which were to become such an important source of wealth for Brazil. After a long struggle between Portuguese and Paulistas, the Government finally, in the year 1709, founded the new captaincies of Minas Gerais and São Paulo, of which only in 1720 were formed two separate captaincies.

Desde a expulsão de Villegagnon foi o Rio de Janeiro poupado às tempestades de guerra e invasões estrangeiras; foi quando os franceses, depois de mais de 140 anos, renovaram suas pretensões. No ano de 1710 ancorou M. du Clerc na barra de Guaratiba, 27 milhas marítimas a oeste da baía do Rio de Janeiro, desembarcou com alguns milhares de soldados de marinha, e marchou durante cinco dias através de floresta diretamente para a capital. Entrou no Rio de Janeiro pelo oeste; foi, porém, batido e aprisionado. Já a 12 de setembro do ano seguinte¹⁹ o célebre Du Guay Trouin, favorecido pelo nevoeiro, forçou com sete navios de linha e quatro fragatas a barra do Rio de Janeiro, contido não sem grande perda, que ele próprio calculou em 300 homens. Apoderou-se na manhã seguinte, com 500 homens, da ilha das Cobras, depois de ter bombardeado a cidade toda a noite, desembarcou ainda 2.750 homens, soldados e marinheiros, montou logo uma bateria na ilha, permitindo-lhe a inatividade do Governador Francisco de Castro de Moraes até montar outra sobre uma península na praia mesmo. Na noite de 20 para 21 de setembro rompeu, durante uma violenta tempestade acompanhada de trovões, um tão mortífero fogo contra a cidade, que já pela madrugada estava de posse dela sem desferir um só golpe de espada.

Du Guay Trouin reconhecia as dificuldades de sua posição e a impossibilidade de, apesar da rápida capitulação de todos os fortes, poder manter seu domínio por muito tempo com seu punhado de homens; mas não queria deixar a baía sem ter colhido os frutos de sua vitória. Conseguiu do fraco governador português que se mudara para uma posição fortificada a uma milha da cidade, ameaçando-o de ir até lá, que o mesmo se comprometesse a pagar-lhe uma considerável contribuição. O acordo foi depressa cumprido, muito embora já no dia seguinte ao de ter sido fechado chegassem importantes reforços à posição portuguesa, sob o comando do Governador de São Paulo e Minas, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, trazendo cada um dos seus 1.500 cavalarianos um soldado de infantaria à garupa. Com isto viram-se os franceses obrigados, no começo de novembro, a reembarcar, e a 13 deste mês, fizeram-se de vela com sua rica presa.

19 Ver: *Histoire de la Marine Française*, de Eugene Sue, Tome V, p. 301, e *History of Brazil*, de Southey, Vol. III, p. 113.

Depois que em 1728 foram encontrados os primeiros diamantes na Província de Minas Gerais, as minas, as lavagens de ouro e diamantes e a cobrança dos direitos nas cidades comerciais e postos fiscais (registros) no interior, tornaram-se a principal preocupação do Governo, em troca do que, porém, muito pouco se fazia em prol da civilização da terra. Os jesuítas apertavam cada vez mais o nó da corda, com a qual prendiam os imigrantes e mantinham os aborígenes na minoridade, enquanto os ricos senhores, nos seus latifúndios que a Coroa lhes doara, dominavam com crescente despotismo, e aventureiros, com permissão do Governo, empreendiam a conquista de terras desconhecidas. Disto resultou não só muitas sangrentas lutas com os indígenas (por exemplo com os botocudos em 1767) como também estabelecerem-se pouco a pouco bases para o ódio dos brasileiros natos contra os portugueses.

Entramos agora na época em que o célebre Marquês de Pombal governava em Portugal. Foi ele quem expulsou os demasiadamente poderosos jesuítas (1760), e em 1763 transferiu a sede do vice-rei para o Rio de Janeiro. Depois de sua queda e da morte de D. José, foi, pelo tratado de S. Idelfonso, 1777, São Sacramento entregue à Espanha e em troca restituída a Ilha de Santa Catarina e a Punta de Castilhos, que já no outro tratado de Madri, 1750, tinha sido fixada como o ponto extremo da fronteira brasileira.

Com o começo do atual século e a mudança da sede da família real de Portugal para o Rio de Janeiro, inicia-se uma nova era para o Brasil. Quando, a 29 de novembro de 1807, a vanguarda do General Junot apareceu nas alturas de Lisboa, o Príncipe Regente D. João (mais tarde D. João VI), que, como é sabido, tomara as rédeas do Governo em nome de sua mãe louca, D. Maria I, embarcou no último momento que ainda lhe restava, numa frota de 8 navios de linha, 4 fragatas e 12 brigues para o Brasil. Depois de uma tempestade que dispersou a frota e em parte a obrigou a arribar à Bahia, ancorou a 7 de março de 1808, felizmente, na baía do Rio de Janeiro.

Com a chegada da família real, a colônia ficou de repente livre da tutela da metrópole, das cadeias com que Portugal tinha até então mantido preso este feérico país. Contribuiu sobretudo para isso o célebre decreto real de 28 de janeiro de 1808 que abria aos navios de todas as nações os portos do Brasil que havia séculos estavam fechados. A

indústria seria daí por diante livre, seriam criados um banco nacional, um supremo tribunal para justiça e questões de finanças, uma academia de belas-artes uma outra de medicina, fundada a primeira imprensa, os ricos tesouros da Real Biblioteca seriam facultados ao estudo do público, seriam organizadas instituições científicas, e ao mesmo tempo introduzidos muitos melhoramentos na administração e na legislação. A consciência nacional começou a despertar; uma nova vida ativa e espontânea agitou todo o país, o bem-estar elevou-se rapidamente, e os hábitos obsoletos foram abandonados. Os estrangeiros a quem até então o solo brasileiro era quase interdito apresentavam-se agora em maior número: reuniam-se a eles também enxames de nobres portugueses, e entre eles muitos aventureiros em volta da corte dos seus augustos soberanos, cujo brilho e amor ao luxo aos brasileiros lisonjeava, e cuja generosidade granjeava-lhes a simpatia dos portugueses, embora também por outro lado o ciúme entre brasileiros e portugueses fosse aumentando de dia para dia. Até mesmo a elevação do Brasil a reino, como Portugal e o Algarve (1815), não pôde aplacar inteiramente o ciúme, o que o levante de Pernambuco em 1817, no segundo ano do reinado de D. João VI, que sucedera a sua mãe D. Maria I, em 1816, logo dominado, confirmou de maneira indubitável. Quando, depois da aclamação do rei (5 de fevereiro de 1818), rebentou a revolução em Portugal, encontrou a mesma do outro lado do oceano e como poderia ser de outra forma num país, que em volta dele via as antigas colônias espanholas em plena revolução, para não citar o exemplo da que já no século anterior dera aos Estados Unidos todo o continente da América –, um tão forte eco, que já a 26 de fevereiro de 1821 o Príncipe Regente D. Pedro de Alcântara, com 23 anos de idade, declarou em nome de seu pai ao povo sublevado da Capital o assentimento real à Constituição que as cortes portuguesas promulgariam, e D. João VI embarcou a 24 de abril para Lisboa, depois de ter nomeado o Príncipe Real Regente do Brasil e seu representante.

O Príncipe Regente depressa viu-se numa situação das mais difíceis. As províncias, convocadas por um decreto das Cortes de Lisboa para elas, começaram a deliberar independentemente entre si, de maneira que D. Pedro, de fato, só andava sobre o Rio de Janeiro e as províncias limítrofes. A isto juntou-se a bancarrota do banco, e, para encher as medidas, continuavam a aparecer novos decretos das Cortes que, enciumadas pelo

crescente prestígio do Príncipe Regente, removiam as mais importantes autoridades e instituições do país criadas por D. João VI, intimando D. Pedro a voltar para Portugal, e até ordenando a remessa de tropas para Pernambuco e Rio. Estas precipitadas e violentas medidas incitavam a resistência; os partidos se enfrentavam cada vez mais acrimoniosos, e bastou a proibição das detentoras do poder em Portugal, da remessa de armas e munições para o Brasil, para levar a poderosa colônia a romper inteiramente e para sempre os laços que a ligavam à metrópole! D. Pedro consentiu, a 3 de maio de 1822, induzido pela Municipalidade da Capital, pôr-se à frente da rebelião. A 7 de setembro do mesmo ano, justamente numa curta viagem para a Província de São Paulo, proclamou às margens do rio Ipiranga a independência do Brasil, e tomou a 12 de outubro de 1822, no campo de Santana, o título de “Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil”. Já no 1º de dezembro teve lugar a sua coroação, sendo ao mesmo tempo convocada uma assembléia para redigir a Constituição do Império. Lorde Cochrane, que antes dirigira a frota do Chile, fora persuadido a passar ao serviço do Brasil, porquanto um poder naval era a primeira necessidade do novo Estado para repelir os portugueses da costa e conquistar o extenso litoral para a causa do Imperador, nele manter a paz, e proteger o país contra as hostilidades da metrópole. Cochrane organizou rapidamente uma esquadra de 1 navio de linha, 4 fragatas, 1 corveta e 2 brulotes, e içou sua bandeira no *Pedro I* a 21 de março de 1823, deixando o Rio a 3 de abril, para onde voltou a 9 de novembro, depois de ter derrotado a frota portuguesa, submetido a Bahia, o Maranhão e o Pará ao Imperador e ter-se certificado de que toda a costa do Império estava limpa de tropas inimigas.

Neste entretanto a Assembléia Constituinte ainda não tinha redigido definitivamente o projeto de Constituição; ao contrário, começara aos poucos a assumir uma atitude perigosa, uma posição ameaçadora para o Governo, o que fez com que o Imperador a dissolvesse violentamente a 13 de novembro. Já a 26 de novembro tinha sido nomeada uma nova comissão, que no começo de 1824 apresentou ao Imperador um projeto de Constituição datado de 11 de dezembro de 1823, que, estando mais conforme com os seus desejos, foi por ele jurada a 25 de março. A maioria das províncias aderiu à Constituição; só o Norte, seguindo o exemplo de Pernambuco, fez exceção, tendo-se rebelado muitas províncias

ao norte desta praça, para formarem uma “Confederação do Equador” com um regime republicano de governo; mas o General Francisco de Lima e Lorde Cochrane até novembro restabeleceram novamente a paz. A 29 de agosto de 1825 foi restabelecida a paz com Portugal, que por seu lado reconheceu também a independência do Brasil.

Quase ao mesmo tempo acumularam-se novas nuvens no céu político. Na Banda Oriental (Montevideu), ou Província Cisplatina como era então chamada desde sua incorporação ao Império em 1823, rebentou um levante que levava a um conflito com a vizinha Buenos Aires, e que, por fim, no ano de 1825, degenerou numa longa e para o Brasil altamente dispendiosa e nem sempre feliz guerra, que só terminou a 28 de agosto de 1828 por um tratado por intermédio da Inglaterra, que declarou independente a província objeto da controvérsia, deixando-a livre para no decorrer de cinco anos anexar-se a uma das partes ligantes ou permanecer Estado independente. Montevideu escolheu mais tarde, como era de prever, esta última solução.

Depois de a 6 de maio de 1826 ter-se realizado a primeira sessão das Câmaras, cujos membros já tinham sido eleitos em 1824, conforme determinava a nova Constituição, essas sessões passaram a realizar-se anualmente até 1830, sem que tivesse sido votado um orçamento ou se tivessem encontrado meios para prover às sempre ameaçadoras necessidades financeiras. A par disso, a oposição dos representantes da nação ao governo imperial se tornava cada ano mais adversa, em parte por se julgarem os membros da oposição pessoalmente ofendidos, em parte porque as medidas a que o Governo recorrera para reprimir o levante de Pernambuco feriam a Constituição. Manifestavam seu descontentamento por estar o exército sendo mantido no mesmo pé, apesar da paz; e censuravam particularmente o erro de se ter mandado a filha do Imperador, D. Maria da Glória – em favor de quem este cedera seus direitos à Coroa de Portugal – para a Europa e as importantes somas que se tinham gasto no seu interesse e portanto numa questão inteiramente portuguesa. Iam mais longe: acusava-se o Imperador de ser no coração mais português do que brasileiro!

As câmaras foram dissolvidas a 3 de setembro, mas já no dia 8 novamente convocadas. Só então conseguiram apresentar e fixar um orçamento! As despesas foram reduzidas ao estritamente necessário. As verbas para o exército e a marinha foram consideravelmente reduzidas;

e foi promulgado um novo Código Penal.²⁰ O Partido Liberal tinha desta vez ganhado a supremacia em ambas as Câmaras. Além disto chegou a notícia da revolução francesa de julho, que não concorreu pouco para exacerbar a perigosa agitação do país. Era particularmente na Província de Minas Gerais que os sintomas de descontentamento se manifestavam com mais intensidade, o que levou o Imperador a ir acompanhado de sua segunda esposa – a afável Princesa Amélia de Leuchtenberg com quem casara em outubro de 1825, três anos depois da morte de sua primeira esposa a Grã-Duquesa Leopoldina, que lhe deixara um filho e duas filhas – pessoalmente a essa Província. O frio acolhimento que teve em Ouro Preto (antiga Vila Rica) fez com que, depois de curta demora, se resolvesse a regressar. O seu regresso foi celebrado com festas de toda sorte pelo partido dos portugueses, o que deu lugar a sérios atritos com os seus adversários que todavia foram vencidos. Altamente excitados por esta derrota do seu partido, vinte deputados presentes na Capital ousaram, numa atrevida representação, fazer ao Imperador as mais veementes advertências. A conseqüência foi a demissão do Ministério – mas simultaneamente e apesar desta medida, francas revoltas em Minas, São Paulo e Bahia! Em todo o Império as tendências revolucionárias encontravam cada dia maior repercussão, e não tardou que o espírito da rebelião se apoderasse dos corpos dos oficiais e das tropas. D. Pedro reconheceu sua situação desesperada, e viu que só da sua firmeza poderia esperar a salvação. A 6 de abril dissolveu o Ministério, cuja composição não lhe bastava e cercou-se dos homens que lhe eram dedicados – mas era tarde demais! Grande massa de povo reunida no Campo de Santana

20 *Gotbaische-genealogische-Hofkalender*, para 1846, dá para o ano econômico do Brasil do 1º de julho de 1843 até 1844 conforme relatório do ministro da Fazenda apresentado à Câmara dos Deputados:

Despesas.....27.894.922.543 Réis

Receita.....20.500.000.000 Réis

Por conseguinte ainda um déficit de.....7.394.922.543 Réis

Uma média dos anos de 1826 a 1829 dá como anual:

Despesas.....19.271.645.000 Réis

Receita.....18.808.938.000 Réis

Do que se deduz que nos últimos 15 anos se tem operado uma redução quase igual em ambos os sentidos.

exigia a reintegração dos ministros demitidos. Às seis horas da tarde três juízes de paz dirigiram-se para o Palácio de São Cristóvão e entregaram ao Imperador a petição do povo. “Estava pronto a fazer tudo pelo povo mas nada por exigência do povo!” foi a enérgica resposta de D. Pedro, que foi, porém, ao mesmo tempo o sinal para o povo armar-se e para a franca passagem dos militares sob a liderança do General Francisco de Lima para o partido revolucionário. Cientificado disso por um ajudante-general, o Imperador tomou a pena às duas horas da manhã e escreveu espontaneamente as memoráveis palavras que entregou ao oficial: “Fazendo uso do direito que me confere a Constituição, declaro que abdicoo livremente em favor de meu querido filho Dom Pedro de Alcântara. Boa Vista,²¹ 7 de abril de 1831, no décimo ano da independência do Brasil.” Em seguida despediu seus ministros, nomeou José Bonifácio de Andrada tutor de seus filhos, e embarcou a bordo do navio inglês *Warpite*²² para nunca mais pisar o solo brasileiro!

Ainda na mesma manhã foi D. Pedro II de Alcântara, que ainda não tinha seis anos de idade, proclamado Imperador por entre jubilosas aclamações do povo, e nomeada uma nova Regência composta de três membros. A esta seguiu-se em 1832, uma outra idêntica, depois da qual o conhecido Diogo Antônio Feijó e seu sucessor, 1838, Pedro de Araújo Lima, foram eleitos únicos Regentes. Convocado por um decreto de ambas as Câmaras, Dom Pedro declarou-se a 23 de julho de 1840 de maioridade, e nomeou um novo Ministério de que fazia parte Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho que expôs francamente ao jovem monarca os perigos que tinham ameaçado seu Império dilacerado pelas tendências republicanas e pelas pretensões das diversas regências.

Qual difícil, de fato, era a tarefa do Imperador, pode-se deduzir só da diversidade de revoltas que desde a abdicação de D. Pedro I tinham rebentado nas várias províncias do Império, e que durante o tempo de minha permanência no Brasil ainda em parte continuavam. No ano de 1835 ocorreu a terrível revolução dos índios no Pará; no mesmo ano rebentou a revolta no Rio Grande do Sul; em 1837 a revolta dos negros

21 Geralmente chamado São Cristóvão.

22 A travessia fê-la D. Pedro a bordo da fragata britânica de vinte e seis canhões *Volage*, e a corveta francesa *La Seine* acompanhou-o.

na Bahia; em 1839 a revolta no Maranhão e em 1842 Minas e São Paulo levantaram-se também.²³

Fazem parte dos últimos acontecimentos mais importantes a coroação do Imperador em 18 de julho, a criação do Conselho de Estado a 21 de novembro de 1841, a remodelação do Código Penal e sobretudo os esponsais do Imperador com a Princesa Teresa de Nápoles.²⁴

Termina aqui nosso esboço histórico que infelizmente estendeu-se muito mais do que era originalmente nossa intenção; no entanto julgávamos dever lançar esta ponte histórica, para transportar o leitor para os dias que se vão seguir e que sem a compreensão do passado pouco interesse teriam. Aqui pode bem ser o lugar para nos permitirmos algumas observações de ordem geral em relação ao Império Ultramarino. A Constituição de 1824 reconhece quatro poderes: o Legislativo, que é exercido pela Assembléia Geral integrado pelo Senado e Câmara dos Deputados, o Moderador e o Executivo que estão nas mãos do Imperador, e finalmente o Poder Judiciário que está inteiramente separado dos outros. Além disto há em cada uma das 18 províncias²⁵ uma Assembléia Provincial que tem a seu cargo os respectivos interesses particulares. Cada província tem à sua frente um presidente como chefe da administração; suas subdivisões são chamadas comarcas, e estas são por sua vez divididas em freguesias.

Descrever aqui as fronteiras do Império nos levaria muito longe; observaremos somente que o Brasil estende-se desde 33°47' de

23 Todos estes movimentos estão agora abafados! A glória de ter estabelecido a paz no Brasil, cabe antes de tudo ao General Barão de Caxias, da família Lima e Silva que ultimamente, em 1845, acabou com a revolução no Rio Grande do Sul, e que, por lhe ter posto fim, a 25 de março do mesmo ano, o Imperador promoveu-o a Conde de Caxias.

24 A esquadra destinada a trazer a jovem Imperatriz de Nápoles deixou o Rio de Janeiro no começo de março de 1843. O casamento por procuração teve lugar a 30 de maio de 1843, mas o verdadeiro casamento teve lugar no Rio a 4 de setembro do mesmo ano. Com o nascimento do Príncipe Imperial D. Afonso Pedro, a 23 de fevereiro de 1845, estava assegurada a sucessão masculina ao trono; até então era D. Januária, atual esposa do Conde de Áquila, a herdeira presuntiva do trono.

25 Os nomes das 15 províncias na costa são do sul para o norte: São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará – e das 3 províncias internas: Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

latitude sul até 4°17' de latitude norte e de 34°47' até 69°59' a oeste de Greenwich, e tem uma superfície de 130.000 milhas quadradas, igual mais ou menos a três quartas partes da Europa, enquanto que sua população, não contando os índios inteiramente selvagens, está calculada em cerca de cinco milhões de habitantes.²⁶

7 de setembro

Já pouco depois das nove horas chegou diante de minha casa uma carruagem imperial de quatro assentos, tirada por quatro muares com lacaios agaloados. As librés imperiais são verde e ouro, os batedores usam botas duras de montar e chapéus de três bicos, as rédeas e tirantes são também verdes com pequenas estrelas douradas. Um pelotão de cavalaria com casacos azuis-escuros e golas encarnadas, apresentou-se para formar a escolta e o Camareiro de Werna Magalhães, veio para acompanhar-me à audiência do Imperador. Rodamos imediatamente

26 Os dados oficiais sobre a população do país, com exceção de algumas poucas províncias, não estão à mão, e pelos últimos cálculos oscilam entre sete e quatro milhões; segundo von Feldener, T. I, p.43, parece que o número total de todas as classes não excede muito de três milhões. Von Roon em *Grundzuge der Erde, Völker und Staatenkunde*, cap. III, p. 1088, Berlim, 1845, diz que da população 35% são livres e 65% escravos, e que a mesma, conforme seus principais elementos, se divide como se segue:

1 – Brancos, isto é, crioulos, portugueses, alemães, etc.....	1.000.000
2 – Negros.....	3.116.000
Sendo livres.....	180.000
Escravos.....	2.936.000
3 – Mestiços e mulatos.....	1.009.000
Sendo livres.....	600.000
Escravos.....	409.000
TOTAL.....	5.125.000
Acrescente-se	
4 – Índios.....	1.990.000
Sendo sujeitos.....	360.000
Independentes.....	1.630.000
TOTAL DA POPULAÇÃO DO PAÍS.....	7.115.000

para a cidade pelo mesmo caminho por que viéramos ontem. Os duplos arcos altos do aqueduto que eu conhecia pelos desenhos do Cônsul-Geral, *Herr* Theremin, elevavam-se por cima da rua diante de nós; reconheci também as belas bananeiras que cresciam entre as casas acima das quais o imponente aqueduto passava. Depois avançamos a um trote acelerado dos muares, por baixo do aqueduto, para o centro da cidade. A multidão de gente nas ruas indicava o grande dia de festa, o dia em que, vinte anos antes, o Brasil se tornara independente. A cavalaria da Guarda Nacional, verde com gola amarela, já estava formando-se nas ruas enquanto alguns cavaleiros acabavam de montar auxiliados por seus negros. Chegamos agora à vasta mas um pouco deserta Praça de Santana, também chamada Campo de Honra ou Campo da Aclamação, o mesmo onde D. Pedro I tinha sido proclamado Imperador do Brasil. Fomos aos poucos saindo novamente fora da cidade. A bela estrada seguia por um vasto pântano e através de juncais, cercados de algumas colinas cobertas de matas. A um lado da estrada uma penha perpendicular de granito, que me pareceu ter largas veias de quartzo. Grandes urubus pretos circulavam por cima do pântano. Este verde vale é regado por pequenos braços de mar ou canais por onde entra a água da baía, cuja superfície eu também descobri depois de algum tempo à minha direita, numa zona aberta. Sobre um íngreme despenhadeiro à margem ergue-se um grande edifício branco, chamado o Hospital dos Lázaros. Não tardou a nos acharmos novamente entre casas e jardins, e toda a sorte de estranhas plantas tropicais me prenderam de novo a atenção. Certo arbusto mais alto, que muitas vezes se parecia mais com uma fornida árvore, chamou particularmente minha atenção por causa das suas belas flores escarlates que excediam mesmo as nossas rosas em tamanho: era uma espécie de camélia arbórea. Lembrei-me dos tapetes chineses, porque antes demorava-me sempre contemplando as suas curiosas pinturas, suas fabulosas árvores e flores: agora, porém, via que existiam realmente iguais.

À nossa esquerda vimos uma praça verde embandeirada, com uma grande tenda, tendo um numeroso público reunido em volta, esperando uma festa a que o Imperador queria assistir pessoalmente, e para a qual eu também tinha sido convidado: o assentamento da primeira pedra de uma instituição imperial para os órfãos de fiéis servidores do

Estado, que devia ter lugar dentro de uma hora mais ou menos. Um momento depois dobramos, entrando pelo portão de um parque. Uma curta avenida levava diretamente ao Palácio de São Cristovão; um edifício de dois andares, com duas alas em construção – certamente uma prova de que o Palácio não bastava para as necessidades da residência imperial – tinha diante um grande tanque com um repuxo. Duas escadas exteriores em arco, sobre as quais estavam agrupados ou descia uma multidão de uniformes de gala, e trajes de rigor, conduziam à entrada principal em cima. Todos os ministros e a corte vieram ao meu encontro até a carruagem embaixo e acompanharam-me através de algumas salas até ao Imperador, que me recebeu muito graciosamente, de pé no meio da sala onde dá audiência. Entreguei à Sua Majestade Imperial a mensagem do meu magnânimo Rei e Senhor e as insígnias da Ordem da Águia Negra. O Imperador recebeu a Ordem com visível prazer e expressou em poucas palavras seus agradecimentos pelo real presente, e quanto lhe era grata esta prova de amizade do seu régio irmão; depois do que Sua Majestade de uma maneira altamente graciosa acrescentou que me nomeava cavaleiro da sua mais alta Ordem do Cruzeiro do Sul. Muito contente com esta grande prova da munificência imperial, pus imediatamente a insígnia da nova Ordem e a fita azul, e segui o Imperador para uma sala mais distante, onde Sua Majestade sentou-se comigo, para conversarmos o mais amistosamente sobre os fins de minha viagem.

D. Pedro II, extraordinariamente desenvolvido intelectualmente para sua idade, tem-se, ao contrário, até aqui talvez desenvolvido menos fisicamente; é de pequena estatura, e apesar da sua mocidade pode-se dizer antes gordo; tem a cabeça grande, os cabelos louros e as feições regulares; seus olhos azuis, expressivos, dão uma impressão de gravidade e benevolência. Tendo só dezessete anos, já tem seu caráter formado como um homem maduro; deleita-se com as ciências e neste sentido tem feito profundos estudos. Gosta sobretudo de História, mas dedica-se também com interesse a outros ramos das ciências, entre eles à Botânica. Mesmo nas artes, principalmente na pintura, já o jovem príncipe realizara algo de apreciável. Aqui também se manifesta seu caráter sério, seu interesse por tudo o que é grande e nobre, pois costuma escolher para seus modelos os retratos dos grandes e célebres estadistas da História, cujo exemplo procura imitar.

Já as seis da manhã o Imperador está de pé para dedicar-se com todas suas forças aos negócios do Estado. Durante o tempo que lhe resta, o jovem monarca ocupa-se principalmente com a leitura, no que sua excelente memória muito o ajuda. Há uma bela e nobre tendência na sua jovem personalidade para se aperfeiçoar cada vez mais para sua elevada porém difícil missão – um esforço a que se deve tributar respeito e admiração. Que felicidade para esta bela terra ver à sua frente um dirigente, que reconhece exatamente seu destino e tem um sincero desejo de fazer seu povo feliz! Que o Céu o favoreça nisso com as suas bênçãos!

O Imperador vestia um uniforme com todas as costuras bordadas, azul-escuro, com gola e canhões da mesma cor e forro branco, por cima, à moda portuguesa, uma faixa composta das fitas das diversas ordens com a do Cruzeiro do Sul entre elas e no peito três estrelas e o Tosão de Ouro com grandes brilhantes em volta do pescoço, ou seja, por cima da gola. As dragonas de ouro com pesadas e muito compridas franjas tinham gravadas as armas brasileiras; ao lado pendia-lhe dum talim branco e dourado uma espada de ouro, com o punho azul-claro esmaltado tendo o Cruzeiro do Sul em brilhantes. A faixa de seda carmesim estava completamente coberta pelo boldrié; só as borlas de ouro pendiam na frente sobre o alçapão bordado a ouro das calças compridas de casemira branca, guarnecidas dos lados de larga lista também bordada a ouro.

Um chapéu de três bicos, de cetim preto, completava o traje.

Depois de terminada a conversa, teve a bondade de levar-me pessoalmente onde estavam suas irmãs a quem me apresentou. Ambas as princesas são louras como seu irmão, mas um pouco mais velhas; ambas são bonitas, principalmente a mais moça, D. Francisca, agora casada Princesa de Joinville. Vestiam vestidos verdes e ouro com pequenas estrelas e globos terrestres bordados e tinham pássaros de brilhantes nos cabelos. Ambas ostentavam a estrela do Cruzeiro do Sul, como também uma faixa composta das fitas de diversas ordens. Suas damas tinham vestidos de cauda semelhante, verdes e ouro, cores, aliás, de que todas aqui se vestem: os camareiros, os ministros, etc. – toda a corte do primeiro ao último. Depois de curta demora fomos para a parte da frente do Palácio. As carruagens do Estado aproximaram-se. A minha, de seis janelas, foi a primeira; depois veio a de D. Francisca, a de D. Januária, e a seguir a do Imperador. Nesta ordem movimentou-se o cortejo, ao qual

enfileiraram-se um esquadrão de cavalaria da Guarda Nacional, como escolta do Imperador e muitas carruagens da corte, para a praça do assentamento da primeira pedra. Sob a tenda já estavam reunidos todo o corpo diplomático, o clero, as altas patentes do exército e da marinha, a municipalidade, etc., etc. Quando o Imperador chegou, começou uma curta cerimônia religiosa. Sua Majestade indicou-me o lugar a sua direita e levou suas duas irmãs para o altar perto dele a sua esquerda. Esta ordem foi mantida durante toda a cerimônia. O Bispo de Crisópolis, ex-preceptor de Sua Majestade, benzeu a pedra fundamental pendente de um elegante moitão. O próprio Imperador assentou-a.

Daí o cortejo, já então muito aumentado, movimentou-se lentamente na mesma ordem para a cidade. Com os enormes urubus circulando por cima, saudando e aclamando pelos negros escravos embaçcados, alguns vestidos à européia, índios bronzeados e carreiros pretos com seus carros de bois de rodas maciças chiadoras, o solene cortejo seguiu com toda pompa européia, passando pelos claros riachos onde negras seminuas lavavam roupa, por esguias palmeiras, bananeiras com suas enormes folhas, as árvores de flores vermelhas, toda a original, exótica vegetação e pelas aprazíveis colinas cobertas de matas e veladas por espessas e insuportáveis nuvens de pó, no calor abrasador do sol.

As ruas do Rio estavam cheias de gente; em todas as esquinas os negros escravos formavam grandes grupos; via-se até gente de todas as cores reunida para saudar o Imperador, desde negros e mulatos até aos elegantes semibrancos e brancos. Das janelas e das meias-portas de poucos pés de altura fechando as entradas das casas, pendiam panos carmesins de seda e por cima da maioria deles ainda pequenos panos brancos. No fundo estavam as gordas mulatas enfeitadas, as amas negras das crianças e as brancas elegantes do Rio para quem a natureza não parecia ter sido madrasta. Predominavam os cabelos e olhos pretos; somente às vezes a cor branca dos belos rostos tomavam um tom algo duvidoso, quase pardacento, puxando mais para o amarelo.

No campo de Santana estavam formados muitos batalhões da Guarda Nacional que apresentaram armas; a música tocava. Brancos, mulatos e negros libertos estavam enfileirados, formando fileiras variegadas. Por fim chegamos ao cais; todos os navios mercantes, as embarcações costeiras e navios de guerra na baía estavam embandeirados.

O cortejo parou diante do Palácio, no Largo do Paço, a praça contígua à fonte em forma de obelisco. No vestíbulo estava o pessoal da corte, camareiros e arqueiros, vestidos de verde e ouro, com altas alabardas, enfileirados muito juntos para receberem o soberano. Subimos para a sala azul de cuja varanda gozava-se a mais bela vista sobre a baía. Entre as bandeiras que a viração fazia tremular, notei com prazer a prussiana.

Depois de uma curta pausa, o Imperador foi assistir à missa. O caminho para a capela do Palácio era através de muitas salas e longos corredores. Em lugar de reposteiros nas portas, aqui, como em São Cristóvão, serviam como tais bandeiras brasileiras, ou mais exatamente, cortinas verdes de lã com as armas brasileiras bordadas, ao velho modo português. Em geral os aposentos do Palácio são mobiliados em estilo simples. Outrora este edifício foi a residência dos vice-reis; agora é ocupado, sempre por poucos dias, por Sua Majestade, porque o Imperador reside quase que exclusivamente em São Cristóvão.

Ao entrarmos na igreja fizeram-me sinal para seguir as duas princesas para a tribuna do lado direito. Essa tribuna tinha uma cortina de seda carmesim que se abriu imediatamente assim que as duas Altezas se colocaram por trás das almofadas que serviam para se ajoelharem; ao mesmo tempo o Imperador entrou na igreja, seguido de toda a corte, ajoelhou-se diante do altar e foi depois pôr-se sob o dossel do trono defronte de suas irmãs. O Bispo de Crisópolis rezou a missa, que foi acompanhada de música vocal e instrumental. Quando terminou, o cortejo voltou pelo mesmo caminho para a sala do trono. O Imperador aproximou-se da janela. Na praça em frente e na esquina à direita em volta do Palácio, estava formada a Guarda Nacional; na ala direita 4 esquadrões em 2 fracos pelotões, depois seguiam-se 2 batalhões estendidos em linha, de 120 a 144 homens, em 6 a 10 pelotões de 10 a 12 unidades formados em 2 filas; seguia-se uma bateria de 6 canhões de diversos calibres, e, por fim, 2 batalhões da mesma força dos acima mencionados. Quando o Imperador se mostrou foram-lhe feitas as continências e gritaram: “Viva o Imperador!” Em seguida ouvi, não sem pequeno espanto, um toque muito conhecido, nosso sinal para atacar, depois do que foram dadas salvas pelos três batalhões de infantaria e de 21 tiros pelos canhões. Depois das 3 salvas dos batalhões de infantaria, o Imperador fez sinal com o lenço para pararem.

Os uniformes da infantaria têm um corte semelhante ao dos caçadores ingleses; são azuis-escuros com meia gola verde-clara e reversos amarelos, os *czakots*²⁷ e os fuzis são no entanto inteiramente ingleses; os oficiais têm também faixas de seda encarnadas. A cavalaria e a artilharia da Guarda Nacional usam iniformes das mesmas cores; a artilharia de linha tem, porém, golas pretas com reversos carmesins. A Guarda Nacional tinha uma bela aparência, considerando-se uma milícia. Apresentava um excelente porte militar e um suficiente grau de instrução. Fazia atualmente o serviço de guarnição do Rio de Janeiro, porque a Capital estava quase inteiramente desguarnecida de tropas de linha. Estas achavam-se, ao tempo, concentradas nas Províncias de Minas e Rio Grande do Sul para abafar as revoltas que tinham rebentado lá. Tive já hoje ocasião de apresentar a Sua Majestade minhas felicitações por uma vitória das armas do jovem soberano em Minas, sob o comando do General Barão de Caxias, cujas conseqüências não tardaram a tornar-se decisivas. Um desfile de pelotões terminou a curta revista. Os artilheiros tinham pendurado as mochilas dos cartuchos e dos estopins nos canos dos canhões e desembainhado os sabres. Em vez de por cavalos, eram puxados pelos artilheiros, quase todos brancos, de 8 a 12 homens para cada um. Depois do desfile, o Imperador deixou a janela e foi colocar-se com suas irmãs no alto estrado sob o dossel de cetim verde do trono; a corte enfileirou-se ao longo das paredes e o embaixador inglês apresentou o novo Governador das Maurícias, General *Sir* William Gown, a quem eu conhecera na Madeira. Depois apareceu Mr. Hamilton novamente, à frente do corpo diplomático e falou em nome de todos felicitando Sua Majestade pela repetição hoje da mais importante das datas nacionais. Em seguida à resposta do Imperador ao discurso, o corpo diplomático retirou-se, recuando até a porta como é também costume na Inglaterra. Vieram então os militares e civis por corporações para o beija-mão; pareceu-me muito estranho quando um velho oficial negro (conhecido no Rio por “Bonaparte”) e além dele muitos mulatos, beijaram as alvas mãos das princesas. Por fim apareceu a numerosa deputação duma sociedade científica. Assim que esta se desempenhou de sua comissão um pouco maçante no terrível calor tropical, o Imperador voltou para a

27 Tipo de boné usado pelos soldados poloneses.

sala azul-clara. Aí separamo-nos por uma curta meia hora, e depois jantei com a corte.

É interessante, falando deste jantar, observar que o gelo para ele veio da América do Norte; por conseguinte tinha passado a Linha do Equador. Havia ainda pouco tempo sentia-se inteiramente no Rio com o seu clima quente, a falta deste refrigerante duplamente benéfico, e há só quatro ou cinco anos que o gelo americano não faltou mais aqui.

Quando voltei da cidade para minha casa no campo, vi um chariz onde os negros com seus cântaros e barris estavam enfileirados em duas filas sob a vista de dois agentes de polícia. Deram-me como motivo desta medida não haver no momento um excesso de água na cidade.

Já às oito horas da noite achava-me novamente no grande teatro de São Pedro de Alcântara, onde o Imperador era esperado. Assim que Sua Majestade entrou e, dirigindo-se à esquerda, sentou-se com suas irmãs nas cadeiras destinadas à família imperial na pequena frisa da frente, abriram-se as cortinas que a ocultavam, a orquestra iniciou o hino nacional e ecoaram ruidosos aplausos. Apenas estes cessaram, um cavalheiro de casaca assomou à frente do seu camarote e recitou com grande entusiasmo uma poesia dedicada ao Imperador, com especial alusão à festa de hoje; quatro outros seguiram ainda seu exemplo, dos quais alguns não parecia terem muito boa memória. Por fim um cavalheiro da Guarda Nacional declamou seu entusiasmo poético da mais alta ordem de camarotes; começou então a *ouverture*. Depois da primeira parte da mesma o Imperador sentou-se, e, quando terminou, Sua Majestade passou-se com toda a corte para uma sala contígua, para conversar. As princesas passeavam para baixo e para cima. Só quando se iniciou o balé, no fim da representação, foi que o Imperador voltou para o camarote e sentou-se. A casa estava repleta e bem iluminada; contudo, o balé pouco me agradou. Mas permito-me não deixar passar em branco alguns caprichos da natureza no corpo de baile. Vi entre outras coisas muitas mulatas com pernas brancas cor de carne e um cavalheiro cuja túnica era tão comprida que parecia mais um mulherão.

8 de setembro

Na manhã seguinte, às dez horas, Sua Majestade surpreendeu-me com uma altamente graciosa visita e ficou cerca de hora e meia

conversando muito amável e bondosamente comigo sobre os mais diversos assuntos. Sua Majestade teve além disso a grande bondade de dar-me dois lindos daguerreótipos de São Cristóvão, feitos por um artista estrangeiro de quem já me tinha falado. O Imperador mesmo já tinha feito diversas experiências com a daguerreotipia, e era de opinião que o acaso provavelmente desempenharia nela o principal papel; uma opinião com que eu concordava com inteira convicção. Tinha-me esforçado para conseguir fazer alguma coisa nessa arte, mas infelizmente em vão. Minha última experiência com o meu daguerreótipo preparou-a o Conde Oriolla no Alhambra, mas fracassou completamente, porque com os solavancos da diligência de Málaga o mercúrio derramou-se por cima das chapas.

Hoje eu devia fazer a minha primeira e triste experiência sobre a pouca confiança que merecem e a negligência dos negros. Antes das oito horas da manhã mandara um negro a bordo do *São Miguel*, para prevenir que eu pretendia receber às duas horas a bordo da fragata a oficialidade da esquadra inglesa que se tinha feito anunciar em minha casa. Quando, pouco antes da hora marcada eu, tendo saído da Praia do Flamengo, chegava a bordo, meu mensageiro tinha chegado um quarto de hora antes de mim! Se admitirmos que o máximo de tempo necessário para percorrer aquele caminho seria de duas a três horas, vemos que em vez disto tinha-se demorado no mínimo cinco horas percorrendo-o, o que era quase o dobro do tempo realmente necessário! Um dos principais motivos desta lentidão teria sido certamente a atração que sobre todos os negros exercem as “vendas de cachaça”. Mais adiante veremos como todas as demais peculiaridades dos negros não os ajudam a acelerar o passo nem a aviar-se no trabalho.

Não obstante o pouco demorado convite, os oficiais ingleses não tardaram a comparecer na fragata. Nesta ocasião o Comodoro Purvis teve a bondade de me oferecer a fragata a vapor *Growler* para a viagem ao Pará, por saber que eu tencionava visitar esta província. O oferecimento me foi muito grato em todos os sentidos, e aproveitei com prazer esta primeira oportunidade que se me oferecia de utilizar-me dum navio de guerra inglês, por já me ter o Almirantado inglês feito tantos amáveis oferecimentos que até ali, em parte devido a circunstâncias, não me tinha sido possível aceitar. Entre outros tinha o *Malabar*,

de 72 canhões, ao partir da Inglaterra, a intenção de, caso me encontrasse na Madeira, pôr-se a minha disposição, como também o *Talbot*, de 26 canhões. Tinha tido hoje o prazer de conhecer o comandante do primeiro dos acima citados navios, *Sir George Sartorius*, o almirante vitorioso de Dona Maria juntamente com os demais oficiais. Todos só falavam numa cena cômica que se passara ontem. Enquanto a *São Miguel* e a *Satélite* esperavam no ancoradouro de Santa Cruz de Tenerife meu regresso do Pico, passara por elas uma fragata inglesa vindo também de Funchal. Famosa na frota como veleira, perguntara ironicamente à corveta se queria alguma coisa para o Rio. O capitão da fragata contava encontrar do Equador em diante vento de feição e ser impelido por ele com todas as velas pandas, para Cabo Frio, tão longe a leste do hemisfério norte que alcançou 11° de longitude oeste de Greenwich enquanto nós cruzávamos a linha 24°57'36" de longitude oeste. Mas quando ontem chegou o grande momento da entrada na barra e todos os óculos no cruzador britânico se puseram em movimento, o oficial de quarto anunciou subitamente que avistava a fragata sarda fundeada no ancoradouro dos navios de guerra. A cara do Capitão contraiu-se em sérias rugas, mas quando ouviu a seguir a segunda notícia: “Agora reconheço também a corveta *Satélite* ancorada diante o Rio de Janeiro” – então não se conteve mais e a tempestade explodiu. Era na verdade desconsolador ver-se assim enganado! E no entanto, divertido para os circunstantes, como se via... Quem quer demais muitas vezes nada alcança, assim acontece também com a monção. Quem tudo faz, quem não se poupa nenhum sacrifício para se deixar levar comodamente por ela, a esse ela deixa muitas vezes em branco!

Voltei para a Mangueira muito satisfeito por ter agora uma base sólida para minha expedição ao rio Amazonas. Sem a *Growler* eu teria sido forçado a organizar meus planos conforme saídas mensais dos vapores brasileiros para o Pará, que existem desde 1839, e teria de passar quatro semanas tediosas num paquete, quando agora poderia fazer a viagem em cerca de quinze dias nas mais interessantes condições, e por conseguinte calcular minha expedição fluvial noutro tanto; e esta era uma circunstância muito importante!

9 de setembro

Aproveitei a fresca e alegre manhã para um curto passeio no paradisíaco Botafogo, e alegrei-me grandemente com a contemplação da maravilhosa natureza, de todas as árvores e plantas exóticas que despertavam minha curiosidade e admiração nos jardins. À tarde entrei com o Cônsul Theremin no estreito vale por trás das “árvores encarnadas”, chamado das Laranjeiras, que se estende no sopé do Corcovado. Um riacho, o rio das Laranjeiras, à margem do qual muitas negras lavavam roupa à sombra das bananeiras, depois a aldeola de Cosme Velho com bonitas casas, ensombrada por altas árvores, e as encostas cobertas de espesso matagal de mistura com altos troncos apresentando já as características das florestas virgens, tornam Laranjeiras um dos mais encantadores passeios. Neste vale vi muitas coisas que me eram ainda inteiramente desconhecidas. Vi aí, pela primeira vez, o desfile de bem uma polegada de largura de uma pequena formiga parda que, saindo de uma casa à margem da estrada, atravessava-a em linha reta. Que afanosa multidão, que incansável atividade essa! Os animaizinhos pesadamente carregados formavam diversas correntes, que se moviam em direções opostas ao lado uma das outras: podia-se ficar tonto olhando-se muito tempo para elas. Todas elas arrastavam alguma coisa, nenhuma estava ociosa, andavam sempre em linha reta para diante, passando por cima de tudo o que encontravam. Piores, porém, são as pequenas formigas brancas, ou térmitas, aqui chamadas cupim; na Mangueira encontraram durante minha permanência de três semanas o caminho para dentro da cômoda, através de grande parte de minha roupa branca, de onde por felicidade logo saíram, de maneira que pude seguir distintamente seu trajeto.

Logo na entrada do vale, perto das primeiras pequenas casas isoladas, destacam-se altas árvores com rígidos galhos erguidos para as alturas, e altas copas achatadas formadas, não de folhas, e sim só de flores amarelas, que se elevavam muito acima do cerrado matagal na orla do pequeno prado verde, enquanto a primeira cadeirinha, o primeiro palanquim africano carregado por negros passava por nós. Logo depois meu companheiro mostrava-me as primeiras orquídeas e as primeiras bromeliáceas, parecidas com o ananás, nos cimos dos mais altos galhos das árvores ou parecendo saírem dos seus troncos. Nas profundas margens do rio das Laranjeiras, o riacho que corre pelo vale, vi nova-

mente algo original, estranho, um comprido tronco peludo que estendia seus enormes galhos por cima do riacho, dos quais pendiam como caudas de cavalo, como os rabos de faisões dos nossos modernos corcéis, uma espécie de tilândsia. Outras árvores tinha também lios semelhantes, vulgo maçaroca de algodão, essa espécie de musgo barbado, nos galhos. Olhando-se para cima, para a orla das florestas virgens do Corcovado, vêem-se aqui e ali frondes inteiramente prateadas brilhando no meio do verde, que instintivamente me faziam lembrar o “patriarca de barbas de prata” aquele venerável tronco com a fronde argêntea por teto, cuja barba de prata o vento ondulava, enquanto à sua sombra se passavam as mais horrendas cenas de morticínio, a árvore duma história muito emocionante que se passava no Texas, que eu lera no inverno anterior quando tive sarampo, e que muitas vezes me passava pela cabeça nos meus delírios febris. Também não faltavam palmeiras, e como o nome mesmo do vale indica, as laranjeiras. Fomos até às fontes ferruginosas no fim das Laranjeiras, chamadas Águas Férreas, a meta da maioria dos passeios dos habitantes do Rio, e voltamos também daí. As cigarras, esses animaizinhos que parecem estar especialmente dispostos para o canto à noite, faziam ouvir o seu estridente chiado; e escureceu antes de chegarmos a Mangueira.

10 de setembro

A manhã seguinte viu-me muito cedo, e ao meu companheiro na sela: cavalgamos, seguindo os arrabaldes ao longo da praia, até ao começo da cidade, o mais encantador trecho do litoral do Rio: a aprazível colina da Glória com a sua igreja, suas belas palmeiras e bananeiras – um quadro tão belo que é preciso vê-lo para julgá-lo crível – e, deixando-a à direita, e prosseguindo pelo sopé de Santa Teresa, aquela outra colina que com a sua igreja já visível de longe ficava à nossa esquerda, até ao aqueduto. Aí alcançamos o alto onde a dupla fila de arcos se enraíza na montanha e chegamos a uma vereda, que acompanha o muro baixo, até onde a água é levada montanha abaixo para o aqueduto de aspecto vetusto. A princípio avista-se a baía, depois só o Rio com seus arrabal-

Trata-se, provavelmente de *Tillandsia usneoides*, vulgarmente conhecido como barba-de-pau, barba-de-velho e barba-de-são-pedro. (M.G.F.)

des Mata-Cavalos, e Rio Comprido, muito embaixo, nos encantadores vales na encosta norte da montanha do Corcovado, até que depois a vasta e ridente planície de São Cristóvão se estende aos nossos pés – quem poderia descrever isto, se para tanto faltam as palavras! E que vegetação nos rodeava neste passeio! Grande quantidade das mais belas palmeiras, mimosas, mamoeiros e numerosas espécies de árvores para nós novas! Era excepcionalmente bela uma árvore que se via constantemente com uma fronde verde-escura e flores azuis como pervincas, somente puxando mais a lilás. É extraordinário como se encontram freqüentemente aqui árvores com o formato de pinheiro, que nem mesmo são coníferas como se poderia jurar que fossem; das que se vêem em volta do Rio, as únicas coníferas são os pinheiros norte-americanos. Uma tão grande variedade de verdes não se encontra nunca junta na Europa!

O caminho pouco a pouco mostra embaixo, à esquerda, a alcantilada encosta para as Laranjeiras. Grande quantidade de lianas pendem dos ramos e descem pelos troncos abaixo, entrelaçando as árvores tão estreitamente uma às outras que a mata se torna impenetrável, e muitas vezes impede a vista como uma parede. Aqui e ali vê-se uma colossal bromeliácea saindo da espessa trama, não como as folhas dum ananás e sim grandes como as de um aloés, descendo pontiagudas e espessas até embaixo. Quando se abre por fim um claro, deixando ver o vale, espantam-nos os gigantescos troncos das árvores que, retos como círios, elevam-se até nós e cujas leves coroas do feitio de pinheiros se arqueiam na mesma altura perto de nós. Finalmente, no meio mesmo da impenetrável trama, termina o encanamento da água na fenda da rocha de onde roja a fresca fonte. Grandes e lindas borboletas multicores adejam em volta de nós. Então a escorregadiça vereda – os cavalos escorregavam no chão úmido de barro vermelho – seguia de um maciço de vegetação exótica, envolvendo-nos num tão agradável aroma como se tivéssemos entrado numa estufa, descendo para as primeiras casas das Laranjeiras onde aquelas colossais copas amarelas na entrada do vale já de longe resplandeciam para nós como velhas conhecidas.

Servi-me em casa de um segundo pequeno almoço, montei o baio de Theremin porque o meu ruço parecia já ter tido o bastante por hoje, e galopei para Botafogo. Já pela manhã havia muita névoa no ar

que pouco a pouco se tornara mais nevoento. Mas há amiúde tanto e tão admirável que ver pelo caminho mesmo, que se pode dispensar uma perspectiva mais vasta; um passeio a cavalo, uma saída para o ar livre é sempre compensada; seguindo o semicírculo da povoação, dei volta à pequena baía, depois desci à direita pelo caminho em linha reta ladeado de casas (Rua de São Clemente) até que cheguei à Lagoa, onde a andadura do baio se moderou. Alguns grupos de casas, ensombradas por palmeiras e arvoredos, que se refletiam no lago, apresentavam alegres quadros. Sem reparar, cavalguei ao longo do Jardim Botânico e cheguei a uma zona pantanosa onde tive mais uma vez uma nova e agradável surpresa. Moitas isoladas de caniços de 6 a 9 metros de circunferência e 9 a 12 metros de altura, de hastes de poucos centímetros de grossura, cujas extremidades flexíveis curvavam-se dum lado para o outro com indescritível graça. Não obstante as hastes delgadas estarem tão juntas que não se podia meter a mão entre elas, as coroas de palmeiras isoladas tinham podido, só Deus sabe como, brotar da terra no meio daquele aperto, sair do seu labirinto, erguerem-se alegres e balançarem-se donairosas acima da verde-escuro dos caniços. Por entre as pontas elásticas destes, que se moviam constantemente, avistava-se alternadamente a superfície lisa da lagoa ou o pitoresco Corcovado que ficava acima desta: foi assim que vi pela primeira vez os bambus sem os reconhecer – por isso quem quiser viajar deve estudar Botânica!

Da Lagoa Rodrigo de Freitas, dirigi-me voltando-me mais para a direita, para as alturas revestidas de florestas, subindo por um encantador vale acima; uma alta penha acompanhou por algum tempo o caminho à esquerda. Passei por granjas arrasadas, por cabanas de barro iguais às que já vira hoje pela manhã; chamam-nas aqui “casas de pau-a-pique”. Os caixilhos, que seguram o barro, são feitos de varas e muito menores do que os das casas dos camponeses na Marca;²⁸ medem só nove decâmetros quadrados. Aos lados ficam eminências e montanhas cobertas de matas; no caminho mesmo há poucas árvores altas; há mais arbustos, e aquelas árvores desta manhã com as flores semelhantes à pervinca apareciam mais freqüentemente, mas não mais como grandes árvores e sim como altos arbustos. Perto de duas casas isoladas sobe-se à cumeada da colina e avista-se do outro lado da

28 Marca – Província de Brandemburgo.

mesma o mar e as montanhas relvasas que chegam até a pequena planície coberta de mato junto da praia. Chamam a este ponto, como soube depois, Boa Vista.

Desci para a planície e atravessei-a a cavalo. Um cerrado de arbustos de mistura com árvores ficava ao lado do caminho, como também aqui e ali, uma casa cercada de plantações de café. Hoje pela manhã, perto do encanamento da água, experimentei os primeiros frutos vermelhos do café. Ao longe, diante de mim, ficava a montanha descendo num alcantil em direção ao mar, perto da costa, e eu escutava o marulhar da arrebentação à esquerda. Perguntei numa cabana onde ia ter aquele caminho, responderam-me que a D. Luís Francês, e apontaram-me uma casa ou uma granja no meio da floresta, sobre uma eminência arredondada, uma chã na encosta da montanha à beira-mar. Não tardei a alcançar o sopé da mesma e subi por aquela íngreme encosta junto do mar. A casa no alto diante de mim ficava acima dum lajedo em declive coberto de *Agave americana*, cuja extremidade inferior perdia-se numa bonita e pequena touceira de bananeiras; fora disso por toda a parte frondosas árvores de altos troncos de mistura com as mais belas palmeiras na encosta voltada para mim e à esquerda, até ao verde mar bramindo embaixo, no qual se projetava uma língua de terra, quase invisível por trás da íngreme floresta e costa rochosa, enquanto que ao longe se divisavam algumas ilhotas planas. Tudo isto formava um bonito quadro que, contudo, estava longe de ser superado pelo que se me apresentou depois de passar a granja e ter seguido a curva da montanha à direita através dum pequeno bananal de mistura com blocos de rocha. Uma segunda granja numa situação semelhante à outra, rodeada da mais exuberante vegetação tropical, coroava a eminência, que – coberta com a mais esplêndida floresta, exatamente como eu tinha imaginado as florestas virgens – descia alcantilada à minha esquerda, projetando no mar, como uma espécie de língua de terra, uma pitoresca colina de palmeiras, por sobre a qual se avistava ao longe uma segunda igual. Levei o baio até a bonita pequena casa isolada em cima, por cima da qual, vinda do interior, descia uma escura nuvem de chuva. Diante da porta estava sentada uma senhora que, apesar do seu visível esforço, não podia compreender as perguntas que eu lhe fazia no meu português alinhavado. Por fim, uma negrinha compreendeu-me, e disse-me que estavam em

casa de D. Luís Francês, depois do que, tomando novo alento, a conversa prosseguiu em francês. Agora a beldade respondia com inesgotável verbosidade minhas perguntas em longo e bonito fraseado, cujo sentido em resumo era: que aquela casa estava muito perto da gigantesca parede da Gávea que as nuvens carregadas vedavam aos nossos olhos. Eu estava portanto no caminho da Lagoa da Tijuca, tinha chegado até debaixo da cabeça do “gigante”. Daí, fazendo um grande esforço para violentar minha curiosidade diante da bela e selvagem natureza, retrocedi tomando o caminho de volta porque esta tarde, já às seis horas e meia, tinha, atendendo ao bondoso convite do Imperador, de me fazer transportar para o teatro francês.

As nuvens desciam cada vez mais, e não tardou a chover torrencialmente. Pode-se facilmente imaginar que minha jaqueta branca de marinheiro não me protegeu por muito tempo da catadupa, mas consolou-me um belo pássaro azul que voou por cima de mim, e que me pareceu grande demais para ser um colibri. Pouco depois encontrei um viajante envolto numa capa escura de borracha, montado num muar e mais tarde muito negros tangendo muares ou carregando pequenos pesos na cabeça. O solo de barro vermelho tornara-se escorregadio com a chuva; levei por isto o baio pelos altos, e divertia-me observando os negros embaixo na estrada, alegrando-me com o seu imperturbável bom humor. É um povo curioso! se andam sós falam consigo mesmos, riem-se alto, assobiam ou cantam. O canto, não obstante sua melodia não agradar aos ouvidos, parece causar-lhes prazer. O “negro”, em português o “preto” está sempre alegre e “sua boca nunca fica parada”. Suas conversas consigo mesmos dizem-lhes respeito ou aos seus senhores; muitas vezes fingem um diálogo com ele, fazendo-lhe censuras e ele se defendendo. Se dois negros se encontram, já a cem passos de distância começam as conversas e as risadas abobalhadas. Muito raramente um negro passa por outro sem se falarem, o que sempre se esforçam por fazer em português; chega o ponto de, quando falam consigo próprios, em vez de fazê-lo na sua língua materna, fazem-no em português. É mesmo proibido aos escravos pelos senhores falarem entre si outra língua que não a portuguesa; em parte para aprenderem mais depressa a língua do país e em parte também para que não possam empregar qualquer língua secreta na sua presença. A figura do negro é muitas vezes bonita

e na maioria são fortes; mas as caras, ao contrário, são quase sempre feias, principalmente a das mulheres.

Cheguei à Mangueira pouco antes de anoitecer e segui imediatamente para o teatro na cidade. O Imperador e as princesas entraram na frisa como da primeira vez, e sentaram-se por trás da cortina verde que se abriu imediatamente, começando a *ouverture*, e só quando chegou à segunda parte foi que se sentaram. Representava-se *Le Chevalier du Guel e Lousiette*. A companhia não era muito boa, mas os *décors* eram altamente divertidos, porquanto as cenas nos bulevares de Paris eram representadas à sombra de esplêndidas palmeiras e bananeiras, de maneira que os habitantes do Rio não puderam levar para casa uma impressão exata da capital da França! O Teatro de São Januário é menor do que o em que recentemente se representou em português. Como nesta mesma noite se festejava o 7 de setembro, os camarotes estavam enfeitados de panos de diversas cores ligados uns aos outros, que pareciam dividir as diversas ordens; a casa estava também iluminada por velas de cera em mangas de vidro.

14 de setembro

Novamente um dia de chuva; contudo ainda não tínhamos tido a verdadeira chuva tropical com as grandes gotas. Hoje pela manhã vi pela primeira vez, com o Conde Bismark, os primeiros colibris que esvoaçavam debaixo do telhado por cima de nossas cabeças, zumbindo como vespas. O passeio à Tijuca, para o qual o Imperador me tinha convidado hoje e de que já uma vez se desistira quando estava sendo preparado, ficou, para meu grande pesar, novamente em nada. Devia ser maravilhoso, como me disseram. As princesas e toda a corte deviam acompanhar-nos a cavalo, e nós todos devíamos comparecer com chapéu de três bicos, de uniforme e véstia; eu devia levar também a fita da Ordem por cima da véstia, para neste costume entrar pela primeira vez na sombra da floresta virgem. A chuva refrescara nestes dias o ar muito agradavelmente. Só os primeiros dias que passei no Rio, sobretudo o dia 7 de setembro, foram quentes; contudo o calor não era tão abafado e opressivo como em Malta, Gibraltar, Sevilha e sobretudo nas proximidades da costa africana.

15 de setembro

A noite, não obstante o mau tempo, impeliu-me para o ar livre. Mal se põe o pé fora do umbral, sentimo-nos logo atraídos para todos os lados ao mesmo tempo, porquanto por toda a parte há algo que ver. Tudo, tudo é novidade; sentimo-nos aqui como uma criança querendo ver tudo duma vez, tocar em tudo, e por isto entramos no cerrado, para nos vermos enredado por milhares de lianas, como uma mosca numa teia de aranha. Tem-se de calcar com os pés estes enredantes liames, não se podendo afastá-los de diante de nós, porque os punhos agarram duma vez pelos menos dez a doze destas finas hastes da grossura dum dedo e fios finos como arames de ferro, de todas as formas, cores e espécies imagináveis; resistentes, duras, moles ou flexíveis, que força alguma pode partir. Faz só poucos dias que subi as colinas por trás da Mangureira, e penetrei corajosamente na mata cerrada; a princípio rompi através dela como pude, pouco a pouco, porém, tive de me curvar e, por fim, me vi arrastando-me de gatas e rasgado pelos espinhos. Formigas enxameavam a meu redor, e toda a sorte de bichos repugnantes pareciam estar ali em casa; as cigarras cantavam perto de mim, e não vi mais nada – até mesmo as altas tilândsias, estas sedutoras, gigantescas que dos seus curtos e secos troncos de árvore olhavam para baixo como se me acenassem, e que me tinham atraído para essas selvas, para aquela maranha, me eram agora indiferentes; – só tinha um pensamento: como sair dali! Mas em volta não via nenhuma saída; – cercava-me por todos os lados uma espessa parede de lianas –, não via nem vinte passos mais adiante! Mas fez-se de súbito uma luz em mim; subi por aquelas plantas acima, que às vezes cediam, e pisei muitas, mas por fim venceu a persistência, vi o céu por cima de mim e em volta um vago mar de topos de arbustos e dos mais espessos sarçais, e diante e embaixo esse caos verde descendo para a baía de Botafogo – não estava longe da encosta, mas as lianas e os arbustos cediam; para não cair, deitei-me em cima de pernas e braços abertos como para nadar, e reparti assim o peso por diversos arbustos; isto deu resultado! Mas só o deitar-me não era o bastante; se queria descer para Botafogo, era preciso mexer-me para a frente; experimentei na minha posição de natação, e consegui! Vez por outra caía, por certo um pouco rudemente por entre os arbustos, espinhos e pedras; mas como não era aí que devia ficar, subia novamente e,

deitando-me por cima dos topos, continuava a descer, até que finalmente, muito mais embaixo, senti a terra debaixo dos pés, e depois de meia ou três quartos de hora de grande trabalho, cheguei são e salvo aos jardins de Botafogo. Arranjei o melhor que pude minha toalette, e pus-me contente a caminho de casa!

Hoje à noite tomei a direção da montanha que se eleva ao norte, acima do vale do bananal e que eu sempre via da janela do meu quarto. A princípio segui por veredas escorregadias, e por fim trepei novamente a torto e a direito pela escarpada encosta sem caminho nem veredas. Chovia. No cerrado molhado voavam muitos pássaros de um lado para outro e pequenos chilros metálicos como eu nunca tinha ouvido soavam em torno de mim. Rodeava-me um verdadeiro jardim botânico, uma espantosa variedade de espécimes do mundo vegetal, da qual nós não nos podemos fazer uma idéia na pátria; era como se um sábio tivesse trabalhado por muitos anos, cogitando todas as plantas e reunindo-as num só ponto para expor ao seu auditório toda a vegetação tropical, porque nenhuma planta, nenhum arbusto ou árvore era igual a outro! Num tronco caído estavam pegados grandes caracóis, tendo por certo meio pé de diâmetro. Quando por fim atingi a cumeada da montanha, a vista não era menos compensadora. Por entre enormes coroas de palmeiras vi de um lado a barra da baía do Rio de Janeiro e a baía de Botafogo, e do outro, muito abaixo de mim, o Rio de Janeiro com os seus arrabaldes, que se estendiam até aos vales a meus pés, e o resto da baía com a ilha do Governador e os navios de guerra no ancoradouro.

16 de setembro

Estava uma manhã clara e linda, quando, já às oito horas, cavalgávamos para a cidade. Pelas nossas altas botas mineiras podia-se ver que o que tínhamos em mente hoje não era algo de pouca importância; e assim era, pois tratava-se de uma viagem de dezoito léguas para Santa Cruz, um palácio ou uma fazenda do Imperador, a oeste da Capital.

Passamos pela Glória, lançamos um olhar para o ancoradouro com os numerosos navios de guerra, prosseguimos pelo sopé de Santa Teresa, passando por baixo do aqueduto e assim em volta de todo o Rio

de Janeiro. Que magnífico passeio este! A exuberante vegetação, as belas palmeiras, as escuras mangueiras, bananeiras com seu alegre verde, etc., etc., vão até junto das casas. Atravessamos os arrabaldes de Mata-Cavalos, Catumbi e Mata-Porcos, encantadoramente situados no sopé das montanhas cobertas de matas, e em parte nos pequenos vales e gargantas da serra. Abeberamos os cavalos numa pitoresca fonte, e prosseguimos.

Assim que se deixa a cidade para trás, abrange-se com a vista a vasta planície em cuja orla se ergue o Rio, a planície que é cercada ao sul e a oeste pela cadeia de montanhas que vai do Corcovado até aos graciosos cumes da Tijuca e que na direção da baía do Rio de Janeiro se alarga muito, enquanto em dias claros, como hoje, ao norte e nordeste para além dos mais distantes recantos dessa baía semelhante a um lago da montanha, aparece a vaporosa serra azulada dos Órgãos. Nesta vasta planície erguem-se colinas verdes isoladas revestidas de matas, entre estas a já mencionada perto da cidade que se prolonga até a baía e desce para a estrada de São Cristóvão com uma grande placa oblíqua de granito apresentando veias de quartzo branco. No sopé da pitoresca cadeia de montanhas do mais belo contorno, eleva-se o distintivo da planície, o cone rochoso pardo-escuro do Engenho Velho; completamente isolado, pode ser avistado de todos os lados. Desde a cidade até a penha do Engenho Velho e São Cristóvão, elevando-se suavemente na olorosa planície, há esparsas por toda a parte vilas e casas de campo brancas entre lindos jardins, viçosos prados e grupos pitorescos de arvoredo. Toda a ridente planície forma com efeito um único jardim tropical, atravessado pela estrada que liga o Palácio do Imperador à Capital. Mas esta estrada leva ainda até muito mais longe – seu prolongamento leva, visto que a verdadeira estrada real termina muito pouco depois, às minas de ouro e lavagens de diamantes de Minas, e, por Santa Cruz, aos ricos campos de criação de São Paulo.

Passamos pelo portão do Palácio de São Cristóvão e através do lugarejo do mesmo nome. Aí encontramos os primeiros viajantes do interior que, como nós – porque este era comum dos cavaleiros aqui –, estavam também de botas mineiras. Estas botas são de couro marrom, de veado, sobem até ao meio das coxas, como as que no palco representam um papel tão importante nos costumes de Wallenstein, ou também,

à vontade, dobram para baixo à semelhança das botas turcas de pano (*Kltschun*), finalmente, também se enrugam em pregas como as botas de Cortez na ópera, das quais elas, como as pesadas esporas e os maciços bridões antigo-espanhol, que os brasileiros usam, certamente descendem em linha direta. Nas últimas casas do lugar pendiam ponchos azuis com forro encarnado, como os que alguns de nós já tínhamos adquirido. O poncho é a principal peça da indumentária do mineiro; um manto muito simples que consiste num grande quadrado de pano de lã com uma abertura redonda no centro, para enfiar a cabeça. O brasileiro sabe usar o poncho com perfeição; ora atira-o pitorescamente por cima dos ombros, ora ajeita-o sobre o peito de maneira que os braços (porque não têm mangas) ficam inteiramente de fora e aparecendo o forro vermelho, o que fica muito bem e lhes dá um aspecto peculiar. Este manto é leve, fresco e protege contra a chuva, sendo assim muito conveniente para este clima; é fácil de transportar, serve de porta-mantas, para carregar roupas, e muitas vezes me serviu de cobertor e de macio travesseiro. É em Buenos Aires que se podem obter os mais belos e luxuosos ponchos. Fora da cidade todas as classes usam jaqueta, na maioria de brim branco, porém também de lã; o chapéu de palha cobre em geral a cabeça, sendo o chapéu-do-chile, de palha de palmeira, o mais apreciado; entre os arrieiros vê-se amiúde o chapéu cinzento de largas abas com copa baixa um pouco pontuda; carregam também freqüentemente o laço para laçar cavalos e bois, enrolado em volta do corpo como um cinto. Aos viajantes muito raramente falta um guarda-sol ou “guarda-chuva” no verdadeiro sentido da palavra; é uma peça essencial do seu equipamento.

Agora, depois de termos escalado a relvosa colina por trás de São Cristóvão, a Tijuca ficava perto de nós à esquerda. Seu contorno tinha lucrado em graça e variedade nas linhas; os dois picos (ou Dois Irmãos) pareciam mais altos e a selada que os separava tinha-se aprofundado mais. Uma verdadeira floresta virgem cobria essa montanha, cujos altos troncos, excedendo os altos e belos contornos, articulavam-na. Diante de nós, à direita, estendia-se distintamente a azul serra dos

Trata-se, em verdade, do chapéu panamá, como é mais conhecido entre nós. Entretanto, o Equador é que o produz em maior abundância. É feito de fibras das folhas de uma ciclantácea (e não de uma palmeira), a *Carludovica palmata*. (M. G. F.)

Órgãos, que hoje se mostrava pela primeira vez inteiramente clara, sem nuvens. A formação rochosa na encosta leste da serra dos Órgãos que lhe deu o nome é extraordinariamente bizarra; parece realmente que se vê elevarem-se os tubos de um órgão. Salvo esta escarpa ou encosta, o contorno da montanha forma uma longa linha suavemente arqueada.

Perto da ponte da praia Pequena vimos no estreito e pequeno rio Maracanã alguns barcos com coberta com aparelho de escuna, e quando estávamos muito perto da embocadura deste canal na baía, que aqui faz uma forte inflexão, avistamos a chamada baía de Inhaúma. Prossegue-se então por algum tempo por uma planície acidentada. Logo depois de Venda Grande, a estrada dobra à direita em Nossa Senhora de Irajá, para Minas. Continuamos em linha reta. A vegetação no caminho é rica e variada. Nas eminências diante de nós eleva-se uma fita de palmeiras muito acima da mata. Nas suaves colinas dos lados do caminho vêem-se casas, ou melhor, granjas que oferecem, sobretudo do lado da Tijuca, perspectivas sumamente pitorescas. Não se pode chamá-las fazendas porque para tanto não têm importância: só aqui e ali se vêem plantações de mandioca, cana-de-açúcar ou cafeeiro em muito pequena escala nas suas proximidades, e do conceito de fazendas as grandes plantações são inseparáveis. Para pequenas granjas como estas na zona por trás de São Cristóvão o nome é “sítio”, enquanto que as casas com jardins, as verdadeiras casas de campo nas proximidades da cidade, são designadas pela palavra “chácara”.

Depois da aldeia de Pedregulho, saem pouco a pouco do mato mais baixo à margem do caminho arbustos mais altos de mistura com árvores isoladas. Do maciço de uma destas tramas de arbustos enredadas por milhares de lianas, é difícil, como já foi dito, fazer-se uma idéia entre nós. Nos troncos das árvores fixaram-se grandes orquídeas; bromeliáceas da altura de um homem são freqüentes e muitas espécies de musgos, e líquens balançam-se como translúcidos ninhos de pássaros, redondos como bolas no cimo dum arbusto seco ou pendurados nos galhos como caudas de cavalos ou cabeleiras. Aqui e ali vêem-se também muito alto nas árvores, flores ou cachos de flores encarnadas, roxas ou amarelas, e nas margens do caminho ananases com suculentas frutas vermelhas. Nesses emaranhados não faltavam palmeiras esguias, ou touceiras daquelas pequenas palmeiras e daquelas grandes canas em forma

de palmeiras com espinhos enfileirados muito juntos uns dos outros em volta do tronco como anéis pretos, como não faltam também aquelas enormes coroas de palmeira com um tronco tão curto que parecem sair diretamente do solo ou do matagal. Muitas vezes as árvores, estendendo seus grandes galhos com as orquídeas que regularmente crescem nelas, parecem monstruosos candelabros. A variedade das plantas trepadeiras e as graciosas formas e contornos que dão às matas é muito atraente e peculiar. O negro anum, semelhante ao papagaio,²⁹ o pequeno bem-te-vi amarelo, que deve o nome ao seu canto, bem-te-vi, e é uma espécie de pássaro marrom com asas amarelas, animam o matagal, bem como numerosas borboletas, entre elas aquela azul cambiante de novo se destacava especialmente. Ao gorjear dos pássaros misturava-se o chiado estridente das cigarras.

O caminho através da mata foi aberto muito largo, é excelente para a viagem a cavalo, tendo sido até dantes percorrido a carro pelo Imperador e pelas princesas. De quando em vez encontram-se casas marginando-o, na maioria com um pequeno jardim, raramente com uma plantação regular em volta. A intervalos passa-se por lugares onde a mata acabou de ser queimada. Quando aqui se quer arrotear um pedaço de mata, derrubam-na e queimam-na, feito o que, o solo, conforme o que se planta, passa a ser cultivado por mais ou menos tempo. Depois deixam-no em repouso por algum tempo para não esgotá-lo muito. Durante este tempo de repouso, em que a terra fica entregue a si mesma, a mata brota de novo, e surge assim a “capoeira”, a nova mata no mesmo lugar da floresta virgem, “mata virgem”. Este processo se repete mais tarde sempre do mesmo modo, e é por isto que quase só se encontram em volta do Rio esses capões e essas matas que já foram queimadas uma ou mais vezes. Só as florestas da Tijuca e uma parte das do Corcovado foram poupadas ao fogo, e por isso são ainda florestas virgens. O Governo vela pela sua conservação porque essas impenetráveis florestas virgens de altos troncos atraem as nuvens para os cumes das montanhas onde se acham as fontes que abastecem o Rio de água potável, e porque protegem em grande parte com a sombra refrescante de suas frondes o encanamento da água no seu percurso.

29 O tradutor chama a atenção do leitor para esta suposta semelhança, para ressaltar sua responsabilidade.

Aos poucos entra-se novamente numa vasta planície aberta. À esquerda acompanham a estrada altas colinas que, saindo da Tijuca, se estendem até a serra da Barata dentro em pouco visível. À direita tem-se diante de si a comprida cumeada coberta de matas da serra do Campo Grande, que se enfileira a oeste da serra dos Órgãos. Já por todo o caminho, pouco depois de São Cristóvão em diante, encontramos muitos comboios de muares tangidos por negros, essas “tropas” que trazem os produtos do interior do Brasil para o litoral. Não faltavam também viajantes nessa estrada, como não podia ser de outra forma, se quase toda a casa pelo caminho é uma hospedaria ou “venda”. O calor tinha abrandado pouco a pouco e naquele momento mesmo *Herr* Theremin acabara de dizer que hoje estava um verdadeiro tempo de cobras; um sol estável depois de dias seguidos de chuva, e nesse momento exatamente vimos uma cobra com quase um metro de comprimento, fina, verde-relva, aliás duma espécie inteiramente inofensiva, que se aquecia muito comodamente ao sol no meio da estrada, mas que desapareceu com a rapidez de uma seta assim que nos viu. Antes da aldeia Campinho, a quase quatro léguas da cidade, passa-se sob uma colina rochosa, ensombreada pelo mais belo grupo de palmeiras, talvez o ponto mais pitoresco de todo o caminho para Santa Cruz. Ficava à nossa esquerda.

Cerca das doze horas, sob o sol abrasador do meio-dia, alcançamos Campo Grande, uma grande aldeia que fica mais ou menos no meio do caminho para Santa Cruz, onde entramos na venda “das Crioulas ou da Brígida”, a cinco léguas e meia do Rio. Tinha uma “varanda aberta”, uma sacada, como todas as casas na estrada e era também térrea. No quarto que nos indicaram, havia algumas camas de madeira trabalhada com esteiras de palha e em cima colchões e travesseiros. Muito embora em nem todas as vendas no Brasil se encontrem todas estas comodidades, as camas e as esteiras não faltam nunca. O jantar foi também bom, até o pão não faltou, o pão que a poucas léguas de distância do Rio sempre falta. Em lugar dele come-se farinha de mandioca com tudo. Experimentei-a hoje pela primeira vez mas quase que não pude engoli-la; em compensação achei excelente a goiabada seca.

A situação de Campo Grande, na vasta planície entre a serra do mesmo nome e a serra da Barata, é muito aprazível, mas logo depois

da aldeia a região é ainda mais bonita. Três altas colinas relvosas se antepõem à serra do Campo Grande, mas de modo que esta não fica escondida por elas. Logo depois passa-se novamente por entre arbustos, em parte de mistura com belas árvores. À esquerda do caminho fica a mansão ou grande fazenda do Tenente-Coronel Bangu, onde o Imperador em regra pernoita. Tinham-se formado grandes poças de água de chuva na estrada; os riachos que a cortam também estavam mais cheios. Ao vadearmos um desses riachos encontramos uma elegante dama a cavalo, a quem seu estribeiro seguia. Um momento depois avistamos à esquerda uma outra grande fazenda, com grandes plantações de cana-de-açúcar, cafeeiros e prados onde pastavam rebanhos. Disseram-me que chamava-se “Casa Viegas”.

Perto de Constantino, uma aldeia insignificante de algumas casas, entre as quais se destacava uma pequena igreja num outeiro, avistava-se a planície de novo livremente. A esplêndida *Agave americana* com suas folhas retas e estreitas, como espadas desembainhadas apontando para o céu, formava moitas no caminho, tão altas que um homem a cavalo se poderia esconder atrás delas. Perto da igreja fica uma plataforma para dois canhões que servem para dar sinal da chegada do Imperador quando este vai a Santa Cruz; ao lado há um mastro para bandeira. Pouco antes do lugarejo Santo Antônio, cuja igreja coroa também o alto de um outeiro, a região pareceu-me ser a mais bonita em todo o caminho. Aí vimos o primeiro rancho, um grande telhado para acomodar as tropas. Debaixo dele havia um grande número de selas, enquanto os muares, amarrados a moirões, bivacavam no meio da larga estrada. Vi algo semelhante depois, mas em maior escala em Curral Falso, onde o administrador me recebeu no portão da entrada para o território da Fazenda Imperial de Santa Cruz. O mesmo conduziu-me no crepúsculo por uma bela aléia de meia milha para o Palácio ao qual ia ter uma muito larga rua ladeada por duas filas de casas térreas que fechavam o fim da aléia. Esta é a aldeia dos negros, na qual habita a maior parte dos 1.700 escravos imperiais que pertencem à propriedade. Toda a juventude negra estava de pé. Levaram-me através das salas deste verdadeiramente grandioso Palácio – que os jesuítas construíram e que juntamente com as suas imensas terras possuíram tranqüilamente até sua expulsão do país, depois do que foram confiscados pela Coroa – para os aposentos que me tinham

sido preparados, e onde nos esperava um excelente jantar. Antes de me recolher ainda relanceei a vista pelos prados sob nossa janela. A noite estava escura. É uma sensação original, olhar com um excelente jantar no estômago, para além de todas as fronteiras da civilização, para o imenso inculto continente da América do Sul; como tudo devia ser diferente com uma viagem de poucos dias, a poucas milhas mesmo para o interior, daqui deste grande e confortável paço de caça, porque aqui já começavam as infindas selvas.

17 de setembro

Quando na manhã seguinte cheguei novamente à janela, vi para além dos prados a serra de Itaguaí (Taguahi) saindo pouco a pouco do nevoeiro, e as altas florestas em frente. Muito perto de mim, ao pé do muro embaixo, vi uma pequena plantação de algodão; era a primeira que via. Além dos flocos brancos pendentes das hastes como frutos, seus ramos ostentavam lindas flores amarelas, que lhes davam um belo aspecto.

Como esperávamos hoje uma rica caçada de pássaros, e nos tivessem prometido que poderíamos até matar jacarés, o nosso pequeno grupo atravessou pela manhã muito cedo os prados, passando por entre os rebanhos, a caminho da capoeira. Com o primeiro tiro tive a sorte de acertar um anum, aquele pássaro preto semelhante a um papagaio. São muito comuns aqui e parecem pouco assustadiços. Pouco depois atravessamos por uma ponte de pedra um canal ou um riacho afluente do Itaguaí, perto da grande olaria imperial.

Depressa chegamos à mata que ficava próxima. Aí apeamos-nos porque, como nos disseram, só a pé poderíamos chegar à “Lagoa”, o lago ou açude onde os desejados jacarés costumavam estar. Um certo número de negros armados de compridas facas (facões) ia na frente, para tornar transitável a vereda que o mato invadira, e nos facilitar o caminho para a fresca floresta. Altos e esguios troncos com colossais orquídeas nos imensos galhos, veneráveis árvores envoltas e revestidas duma espessa rede de lianas, e no meio delas esplêndidos grupos de helicônias, com seus espessos maciços de folhas que se curvavam graciosamente, e por fim verdadeiras arcadas formadas por grande

coroas de palmeiras, a cuja sombra se prossegue: imagine-se tudo isto reunido e ao mesmo tempo animado por inúmeros pássaros de variegadas cores, e se terá somente um fraco quadro da floresta que atravessávamos! Depois dalguns minutos os negros estacaram diante de nós – estávamos junto de uma funda lagoa de cerca de vinte passos de diâmetro, ensombrada pelas copas de altas árvores e palmeiras; compridas lianas pendiam até o pequeno espelho de água.

Tínhamos chegado ao nosso destino e este – a lagoa, por muito incrível que nos parecesse – nos tinha amargamente decepcionado, porque como podíamos presumir a existência ali de uma presa à altura da nossa expectativa de caçadores? Os negros tiveram de entrar na água ou vadear através da lagoa arrastando uma rede, que devia apanhar os jacarés. Que espécie de gigantes deviam ser esses crocodilos pode-se facilmente imaginar por aí. Estes preparativos dos negros pouco me agradaram. O resultado foi que não se apanhou nenhum jacaré, que tivemos de desistir da caça aos crocodilos e dali por diante passamos a caçar inofensivas criaturas, ou seja, os variegados pássaros da floresta. Uma caçada sem ordem, que teve por campo em parte as capoeiras, em parte a floresta virgem em parte os prados onde, ao longe, erguia-se o palácio sobre uma eminência que se elevava suavemente.

Meu entusiasmo aumentava a cada momento, porquanto ao prazer dos tiros certos sobrepunha-se o interesse de admirar de perto aqueles belos pássaros, que já de longe exerciam tanta atração. Onze pássaros – um anum, dois bem-te-vis, três piaçocas, um tié, um sabiá, um pica-pau, um perninho-do-campo e um gavião – caíram pelas minhas mãos. O mais belo pássaro que vi hoje pela manhã entre os abatidos foi um tié-fogo, o macho dos tiés. Sua barriga é do mais belo encarnado. Eu não consegui acertar num, embora tendo visado muitos; um caçador imperial matara este.

Depois do jantar descemos para o jardim do palácio e percorremos o bambuzal de mais de 350 metros de extensão, de bambus de nove metros de altura e três a quatro centímetros de grossura, de onde alcançamos de novo os grandes prados que se extremam com o jardim, nos quais fica o curral, um vasto cercado destinado aos cavalos indomados. Tinham reunido aí um grande número deles para que pudéssemos ver os escravos do Imperador atirar o laço e as bolas. O laço é uma comprida

corda de couro entrançado, tendo uma argola de ferro presa na ponta; a outra ponta passa através desta argola de maneira a formar o laço. Enquanto o negro segura uma ponta com a mão esquerda, gira com este muito alto por cima da cabeça, até atirá-lo com tanta destreza que vai cair em volta do pescoço ou das pernas do cavalo que quer laçar, depois do que este puxa o negro que, tendo a ponta da corda segura com ambas as mãos, deixou-se assim arrastar. É tal a força que despende nisso, que o cavalo, depois de tê-lo arrastado por alguns passos, fraqueja. Frequentemente muitos negros atiram dois ou três laços simultaneamente contra o pescoço ou as pernas de um mesmo cavalo e derrubam-no, e outros negros depois correm imediatamente para manter laçado o animal que faz todos os esforços possíveis, salta, empina-se e corcoveia de um modo incrível, para libertar-se. Se não houver outro recurso, derrubam-no novamente por meio de novos laços, deitam-no de lado para amarrá-lo com mais segurança e tirar-lhe a liberdade de movimentos, deixam-no levantar-se e selam-no.

O lombilho da sela é semelhante ao das selas alemãs; as cilhas de couro são ao contrário de ponto de malha à moda húngara. Por cima da sela vai uma manta de pele e por cima desta, para que o negro fique bem seguro, uma pequena pele de carneiro. Depois disso, põem no animal espumando e escarvando um cabresto, amarram-lhe a língua com uma corda fina na queixada inferior e prendem a ela uma mais grossa de cânhamo ou de crina, como rédea. Agora entra em cena o “peão”, o negro domador. Compridas esporas nos calcanhares nus tornam-no reconhecível, e dão à sua figura um aspecto cômico. Um outro negro mantém os olhos do cavalo tapados com as grossas rédeas quando vai ser montado; o cavaleiro salta para cima da sela, e enrola a corda do cabresto, que atua também sobre a queixada, muitas vezes em volta do corpo. Soltam então os laços e o indomado bucéfalo encabrita-se, corcoveia e esgota-se em toda a sorte de saltos. De um tal curvetear não se pode fazer uma idéia. A tarefa a seguir é fazer o cavalo andar, o que, caso consiga, isto é, se o negro não tiver sido cuspidado antes – e esta solução forçada ocorreu hoje vezes demais – termina sempre por o animal desbocar-se e parar por si cinco ou dez minutos depois. Amarram-no então com a corda do cabresto que o cavaleiro trás enrolada na cintura,

envergando-lhe o corpo sem compaixão, enroscando-o, torcendo-o até que, com a cabeça voltada à força para um lado, submetete-se.

Em regra empregam este modo de domar com os cavalos que acabam de pegar, juntamente com um incessante fatigar, até que, de cansado, não pode mais andar e, resignando-se com o seu destino, vai pouco a pouco tornando-se um discípulo dócil.

Mostraram-me outros modos de pegar cavalos; um negro velho de casaco verde atirou as bolas ao modo de Buenos Aires, mas só uma vez com êxito, e certamente dez vezes sem o desejado resultado; isto, porém, não dependia de sua boa vontade, porque amofinava-se sinceramente, mas a força e a destreza parecia que, pelo menos hoje, lhe tinham voltado as costas. As bolas constam de uma corda tendo presa numa das extremidades uma pequena bola, a outra extremidade dividindo-se em duas cordas menores, cada uma delas com uma bola mais pesada. Estas bolas são atiradas às pernas do cavalo de maneira a enroscarem-se nelas, com o que fica impedido de correr e cai.

A raça destes animais não é nem particularmente forte nem bonita; são na maioria pequenos; todavia encontram-se alguns maiores entre eles.

Tive ainda esta tarde, antes de anoitecer, o prazer de ver cinco sugadores verdes de mel, uma espécie maior de colibris com verdadeiras cores verde-metálicas, voarem das laranjeiras. Quando tornei a entrar no palácio, os caçadores me trouxeram dois jacarés, vivos, um com cerca de um metro e vinte e outro, um filhote, com trinta centímetros de comprimento, que tinham apanhado no riacho Itaguaí. A diferença entre estes jacarés e os verdadeiros crocodilos deve residir só nos dentes, e menos no tamanho; porque me disseram, por exemplo, que tinham apanhado aqui, para a esposa de D. Pedro I, hoje a viúva Arquiduquesa de Bragança, um crocodilo com dois metros a dois metros e meio de comprimento.

18 de setembro

Hoje muito cedo, quando dávamos o nosso passeio pela extensa aléia, vimos a serra de Itaguaí inteiramente sem nuvens. Quando voltávamos, encontramos perto de Santo Antônio o juiz-de-paz no seu carro, com a faixa verde-amarela a tiracolo, e os eleitores dirigindo-se

para a igreja para se reunirem lá, porque hoje devia realizar-se a eleição para deputados. À frente de numerosos cavaleiros de véstia e jaqueta, cavalgava um senhor em trajes civis, com uma estrela no peito, também para o outeiro, sobre o qual se ergue a igreja; contudo não sei dizer quem ele era. Desenhei muito pelo caminho.

O dia estava muito bonito e não muito quente. Jantamos novamente em Campo Grande.

Mais para perto de São Cristóvão tinham-se fixado muitos alemães e prussianos. Por trás deste palácio vimos, no momento mesmo em que a luz rósea do sol da tarde inundava a Tijuca, o Imperador com sua escolta que vinha atrás de nós no seu coche. Logo depois dobramos, entretanto nos arrabaldes. A bela tarde de domingo atraía grandes grupos de cavaleiros para fora de casa! Quando chegamos a Mangueira, a lua já se refletia nas águas da baía e dava ao golfo e suas margens um aspecto feérico.

19 de setembro

O dia da festa onomástica de Dona Januária foi celebrado com um jantar na corte e um grande baile no Palácio do Rio de Janeiro. Numa das extremidades do salão do baile foi erigido um estrado para o Imperador e as pessoas gradas. Eu fui convidado de uma maneira muito graciosa por ambas as princesas, uma após outra, por intermédio do Senhor Paulo Barbosa, primeiro para uma contradança e depois para uma valsa. E eu valsei! O que isto quer dizer só compreende quem, como eu, não possui absolutamente nenhuma inclinação natural para esta dança espalhada por toda a órbita planetária, que, ou ouve o compasso de sussurrante música voar diante de si como um fantasma ou ofegar atrás de si como um pungente remorso, a que em vão se esforça por fugir. Na verdade precisa-se da serenidade de morte dos corpos celestes giratórios, se se quiser depois de algum tempo enfrentar vitorioso a luta contra o compasso, a música, a tontura do rodopiar, a falta absoluta de deslize do piso polido e realizar seu volteio com verdadeira regularidade planetária! Mas a prática faz o mestre. Pouco a pouco fui entrando no compasso, e, se tivesse continuado por mais uma horinha, quem sabe se então não o faria com perfeição! O calor no momento era

o que se pode chamar no verdadeiro sentido da palavra, tropical, tanto que o Imperador a intervalos saía da sala de baile para se refrescar numa sala ao lado. Eu podia então descer do estrado por um momento e conversar com as pessoas que estavam mais próximas. Cerca de meia-noite foi servida a ceia; o Imperador e as princesas foram servidos pelos camareiros da Corte. A etiqueta é extraordinariamente rigorosa na corte do Rio de Janeiro, e isolava a família imperial talvez ainda mais do que é o caso noutros países; assim era, por exemplo, como me disseram, que até a presença do Príncipe de Joinville, as princesas só dançavam, ou pelo menos só valsavam, com príncipes estrangeiros ou com outras damas; desde então cessou este impedimento, sendo-lhes permitido, sobretudo durante a permanência de um príncipe estrangeiro na corte, dançar com cavalheiros. Mas a não ser nessas ocasiões, por esse tempo ainda só podiam dançar com outras damas.

21 de setembro

Da projetada excursão no dia 21 à serra dos Órgãos já dias antes se tinha desistido porque hoje não havia vapor para Magé. Mais tarde ouvi tantas coisas interessantes, sobre esta montanha, sobre suas admiráveis formações rochosas, e a encantadora situação da propriedade de Mr. March, que lá, nas florestas virgens, recebia tão acolhedoramente os estrangeiros, que nunca me pude consolar de ter desistido dessa famosa excursão. Aconselho, por isto, a todos que viajarem para o Rio, que visitem os Órgãos, quando mais não seja porque na Europa, a qualquer que tenha estado no Rio de Janeiro, se pergunta isso porquanto como por toda a parte do mundo, há pontos que o viajante tem de visitar.

Em lugar de realizarmos esta excursão, foram reservados alguns dias para a viagem a São Gonçalo. Para não deixar passar sem aproveitarmos a bela manhã, empreendemos um passeio a cavalo ao Corcovado. O caminho é através do já descrito e encantador vale das Laranjeira. No fim da aldeia sobe-se por uma íngreme vereda na cerrada capoeira e por entre cafeeiros incultos, até entrar-se pouco a pouco na sombra da magnífica alta floresta onde os olhos vagam com admiração de um tronco para outro. Em regra deixam-se os cavalos num pequeno canal, a meia hora do caminho abaixo do pico. Até aí o caminho está muito bem conservado, tendo por todos os lados boas pontes e veredas novas e podemos

imaginar-nos no mais grandioso parque do mundo; mas daí por diante torna-se mais íngreme. Chamou nossa atenção em diversos altos troncos uma espécie de tábua curta e delgada que crescia embaixo do tronco, elevando-se triangularmente por ele acima. Encontra-se também neste caminho uma grande variedade de palmeiras; mas em cima colhemos algumas bonitas flores que desconhecíamos. Chamou sobretudo nossa atenção uma cobra muito bonita que estava à margem do caminho; não era grande mas toda anelada do mais vistoso encarnado e preto.

O cume do Corcovado é formado por duas rochas separadas por uma estreita fenda. Dantes uma ponte ligava a meseta da rocha mais baixa à mais alta e isolada que se ergue a prumo acima do vale; esta ponte caiu, de maneira que não se pode escalar o verdadeiro pico. Achei maravilhoso o panorama mesmo visto da meseta, porquanto o cume inacessível esconde muito pouco da paisagem. Avista-se muito embaixo a garganta das Laranjeiras, depois o Rio e toda a baía. Infelizmente hoje não se avistava a serra dos Órgãos que estava oculta pelo nevoeiro leitoso que nos dias claros forma o fundo do quadro desse lado.

Do outro lado do cume que corta o panorama, avista-se a Lagoa Rodrigo de Freitas e a fértil planície em declive que a separa da baía de Botafogo; aí enfileira-se o Pão-de-Açúcar, e para além ficam a barra, Santa Cruz e as ilhas, perdendo-se no nevoeiro, espalhadas como num mapa. Olhando-se para trás, avistam-se as montanhas cobertas de florestas com a Gávea e a Tijuca destacando-se acima delas; montanhas que já têm estampado nelas o verdadeiro cunho da floresta virgem.

Num segundo passeio a cavalo, que fiz só, a 23 de outubro, ao Corcovado, tive a sorte de avistar a serra dos Órgãos em plena claridade. Apresentava-se o mais pitorescamente logo nas primeiras subidas, lindamente emoldurada por altas e graciosas palmeiras e exuberantes florestas no prolongamento do caminho, enquanto diante dela eu avistava muito embaixo o espelho rico de ilhas da baía e o Rio aos meus pés. Nesta segunda visita à montanha, fiquei conhecendo um novo caminho muito bonito que, da granja onde se deixam os cavalos, descendo à direita, segue ao longo de um encanamento de água de onde se avista o Jardim Botânico muito embaixo. O desejo de desenhar belas árvores induziu-me àquele segundo passeio, mas eu já estava tão mimado pelas florestas virgens, que vira na minha viagem para o Paraíba, que não pude encontrar mais nenhuma árvore

que me parecesse digna de ser desenhada. Hoje, porém, era diferente de quando entrei pela primeira vez encantado nestas florestas do Corcovado, onde o viajante, chegado de novo da Europa, se satisfaz inteiramente, de maneira que à sua fantasia não resta mais nada a desejar.

Já ao meio-dia estávamos de volta para nosso segundo almoço, e já a uma e meia no terceiro cúter da *São Miguel* a caminho da Fortaleza de Santa Cruz.

Esta fortaleza está situada numa língua plana de terra do lado leste da barra e está, como sabemos, separada por uma fenda na rocha de uma alcantilada colina, uma cumeada entre dois cones em cuja crista fica o velho Forte do Pico, que em caso de guerra pode ser restaurado sem grande trabalho; uma circunstância importante, porque a fortaleza pode ser facilmente tomada pela retaguarda. Santa Cruz contava, segundo os dados do comandante e dos oficiais da praça, entre 111 a 130 canhões, cujos pesados armões, porém, podiam não estar todos em condições de ser utilizados numa guerra. Os dados sobre a guarnição de guerra indicavam entre 800 e 1.200 homens. Canhões bombardeiros, que estariam aqui certamente no seu lugar, ainda não havia nenhum. O lado da barra, defronte do Pão-de-Açúcar, tem três andares, ou melhor, três plataformas sobrepostas para canhões de defesa; o lado do mar e da baía tem duas plataformas cada um. As linhas contra o mar são tão habilmente dispostas que podem alimentar um excelente fogo enfiado (*Raking-fire*), contra navios que se aproximem. Os parapeitos de pedra, de onde os canhões atiram, pareceram-me, ao contrário, tão baixos e fracos, que um par de bordadas de um navio de linha passando defronte facilmente os alcançaria, derrubando-os, aniquilando a guarnição ou obrigando-a a abandonar os seus postos.

A Fortaleza de Santa Cruz, a da Laje no meio, São Teodósio e São João a oeste, cruzam seus fogos formando um semicírculo, no qual qualquer navio que queira forçar a entrada na barra da baía do Rio, tem de entrar. Se imaginarmos estas fortalezas todas bem armadas, isto é, providas de numerosos canhões de grosso calibre, e com suas guarnições de artilheiros bem protegidas contra o fogo inimigo, elas se não tornarem de todo impossível a entrada duma frota inimiga, lhe causarão pelo menos um tão grande dano, que terá necessidade de se refazer para poder movimentar-se novamente. Como a frente sul da Fortaleza de Santa Cruz, o Forte da Laje em segunda linha e Villegagnon em terceira, tão

vantajosamente colocados para o fogo enfiado, seria muito para desejar para ambos, um grande baluarte murado de pelo menos duas plataformas, e uma forte torre, armados de canhões bombardeiros, que poderiam perceber os navios inimigos muito longe e dificultar-lhes a aproximação.

Se o inimigo forçasse a barra, teria de enfrentar os dois picos de costa leste com os fortes Gravata ou São Domingos e Boa Viagem, que, quando suas fortificações fossem devidamente reparadas, constituiriam uma segunda seção principal da defesa cuja intensidade seria aumentada por meio de alguns navios de guerra ancorados com um ancorote entre essas ilhas e aqueles fortes.

O lado leste da cidade e os arrabaldes que lhe ficam próximos estão mais ou menos protegidos pelo chamado Forte da Ilha que avança até longe e pela ilha das Cobras, projetando-se como uma soberba *caponière* (cuja atual situação de defesa, aliás, não conheço bem), contra um desembarque, e, além disto, pelos bancos e arrecifes contra a aproximação de grandes navios – conforme os mapas da baía contra a ancoragem dos mesmos dentro de aproximadamente 3 3/4 até 7 1/2 comprimentos de cabo ou 600 a 1.200 metros da ponta do Calabouço – enquanto que a parte norte do Rio está inteiramente aberta a qualquer ataque inimigo vindo do mar. Para o lado de terra também, uma vez que com o morro do Castelo, que se eleva em forma de bastião na ponta do Calabouço, quase que não se pode mais contar como fortaleza, a Capital deve ser considerada como inteiramente aberta, motivo pelo qual um desembarque inimigo do lado de fora, a oeste da barra, se pode facilmente tornar muito perigoso. Para pelo menos proteger o Rio do lado sul contra um possível *coup de main* ao longo da baía de Botafogo, ergueram-se os fortes da Praia Vermelha e do Leme ao sul do Pão-de-Açúcar. Defronte deles encontra-se também na praia de Fora um *emplacement* para uma bateria de costa, cujo principal fim poderia muito bem ter sido dificultar um desembarque visando o Forte do Pico.³⁰

30 Entre os fortes mencionados os seguintes têm comandantes especiais e parece serem mantidos em boas condições de defesa: Santa Cruz, ilha das Cobras, Laje, Villegagnon, São João, Praia Vermelha e Boa Viagem.

Se interessar conhecer a antiga situação de defesa do Rio de Janeiro, recomendamos o interessante relatório de Duguay Trouin, datado de 6 de dezembro de 1702 sobre o assunto, na *Historie de la Marine Française* de Eugène Sue, T. V., p. 306 e 307.

De Santa Cruz o nosso rápido cúter levou-nos para o norte do Rio de Janeiro, para o Arsenal de Marinha situado no sopé da colina de São Bento. Um esplêndido percurso com belíssimo tempo!

No muito espaçoso Arsenal parecia haver pouca vida. Não dispunha de *dry-docks*, e a parte coberta era muito pequena para os navios a vapor de pequenas dimensões que estavam sendo construídos. A corveta *Euterpe*, de vinte canhões, que acabara de ser construída, estava sendo armada. As acomodações de bordo para os oficiais pareceram-me altas demais, as para a tripulação, ao contrário, pareceram-me pouco confortáveis; tinha uma popa redonda com uma só troneira. O navio de setenta e quatro canhões, *Dom Pedro II*, onde está instalada a Escola de Marinha, as fragatas *Príncipe Imperial* e *Constituição* de sessenta canhões, uma segunda e uma terceira corvetas muito pequenas, a última das quais destinada às viagens de instrução daquela escola, e além disto alguns pequenos barcos a vapor, estavam ancorados diante do Arsenal, bem como alguns brigues de guerra no ancoradouro.

Vindo da *Euterpe*, visitei a *Constituição* em cuja ornamentação interior se trabalhava ativamente, porque estava destinada à noiva do Imperador. Para uma fragata de sessenta canhões, é este navio, construído nos Estados Unidos há cerca de vinte anos, demasiadamente pequeno. Soube que só arqueia 1.200 toneladas, portanto quase que só a metade do *São Miguel*; contudo é muito alta entre as pontes; os canhões, ao contrário, estão por demais apertados, e o armamento separado por causa disso. Os camarotes destinados à nova imperatriz e sua comitiva já estavam preparados.

Já pela sua posição geográfica e situação política, o Brasil parece destinado pela natureza a ser uma potência naval. O comércio e a navegação constituem a única ligação com o mundo civilizado ultramarino, enquanto a frota oferece por intermédio de seus cruzadores os meios de granjear nos países de além-mar o prestígio e o respeito para o novo Estado. Se a monção por um lado facilita as comunicações entre o Brasil e a longínqua Europa, e encurta assim um pouco o abismo que os separa, prolonga tanto mais, ao contrário, as viagens dos navios que da América do Norte se destinam à América do Sul. O Brasil fica, por consequência, como potência naval, isolado ou pelo menos separado pela demorada navegação da mais importante potência naval, em cujo

número, fora as potências européias, se conta os Estados Unidos da América do Norte. Esta situação de isolamento, porém, torna o jovem Império forte por dar-lhe tempo para preparar-se para uma guerra defensiva e em dadas circunstâncias para enfrentar o inimigo logo no começo da guerra, com forças superiores. Como além disto as vias marítimas em volta do cabo da Boa Esperança para a Índia e do cabo de Horn para o Oceano Pacífico – essas duas grandes vias comerciais marítimas utilizadas por todas as nações que se dedicam à navegação – quase que tocam nas costas do Brasil, este pode, por conseguinte, nestes casos, arruinar facilmente o comércio e a pesca de baleia inimigos, que ficam assim a sua mercê, com a expedição de numerosos corsários, e alguns cruzadores em ligação com ligeiras esquadras, que mesmo sem se afastarem das águas territoriais cruzarão o oceano do Amazonas ao La Plata e ao mesmo tempo, a despeito das forças navais inimigas, protegerão seu próprio comércio, garantindo a livre entrada e saída nos portos do Império.

Se uma frota inimiga realmente poderosa surgir na costa, encontrará uma fronteira marítima de quase 3.600 milhas marítimas e até a grande distância de suas próprias fontes de recursos, para bloquear. Esta última circunstância concerne mais à navegação a vapor, devido à necessidade de carvão; no entanto os cruzadores a vapor são os mais apropriados a este serviço, porque só eles estão em condições de se poderem mover, à vontade, acima e abaixo na costa a despeito da corrente equatorial ou da brasileira que dela se ramifica para sudoeste, como também da monção. Já daí se deduz que para a marinha imperial de guerra seria de grande utilidade a preponderância de cruzadores a vapor. Num país onde, para ligar as províncias da costa à Capital, o caminho marítimo, muito embora não seja exatamente o mais curto, é o mais cômodo, o mais seguro e o mais rápido, a navegação é uma das primeiras necessidades, especialmente quando, como aqui, as revoluções nas províncias, dando motivo à remessa de tropas, não pertencem ao número das raridades. Nenhuma região no mundo possui, além disto, tão extraordinárias vias fluviais de comunicação como a América do Sul; rios gigantescos cruzam-na como colossais artérias, ramificam-se até muito longe no interior e oferecem como únicos caminhos serpenteando através das infindas selvas, um novo campo para a mais proveitosa atividade à

navegação a vapor. Nas asas da força do vapor a bandeira imperial pode penetrar centenas de milhas no interior, chegar até as mais remotas colônias, ajudando, punindo ou conciliando!

O Brasil possui magníficos portos: Santa Catarina, Santos, Bahia, Rio de Janeiro, e muitos outros mais podem abrigar as maiores frotas. A extensa costa do Império oferece, como já vimos, para as operações de sua própria esquadra, para a livre movimentação de seus cruzadores e corsários, uma imensa base, que qualquer potência estrangeira que pretender uma aliança ofensiva e defensiva com o jovem Estado certamente levará em conta. Bem fortificados, estes belos portos servirão de bastiões para suas próprias forças e de portos seguros para as esquadras amigas, que neles encontrarão proteção, tranqüilidade e tudo o mais de que necessitem para, refeitas e revigoradas, se aventurarem novamente sobre o enganador elemento!

Muito, muito mesmo já fez a natureza neste sentido, mas muito está ainda reservado à arte. Não lhe faltam excelentes madeiras, embora no Brasil como em outras partes se ouçam queixas neste sentido, mas como conciliá-las com o fato de ter uma vez velejado do Pará ao Rio de Janeiro uma sumaca que tinha sido cavada num só tronco da floresta virgem? Uma outra principal necessidade que, aliás, é imprescindível para a boa manutenção duma frota e para levar a bom termo uma guerra prolongada, são as docas secas ou *bassins*, que não me lembro de ter visto nem no Rio, nem na Bahia ou no Pará. Na instalação de grandes fundições de ferro para o fabrico de caldeiras geradoras de vapor e máquinas já se pensou ultimamente, mas o carvão para isso tem de vir do estrangeiro.

O poder naval do Brasil encontra seu maior entrave no fato de, não obstante as cidades do litoral serem as mais populosas do país, não fornecerem ainda marinheiros bastantes para tripularem as frotas mercante e de guerra, motivo pelo qual quase que só se encontram nos navios brasileiros negros e homens de cor na maioria escravos. São sobretudo preferidos os índios que, como se afirma, mostram uma grande vocação para os serviços de marinheiro, e que em parte têm de ser trazidos do mais remoto interior mesmo, para o serviço da marinha. Isto toca de certo modo às raias da conscrição francesa e russa para a frota, que parece confundir de um modo não muito proveitoso o ofício de marinheiro com a profissão de soldado. Muito embora esta opinião

sobre o recrutamento para o serviço da marinha seja difícil de se coadunar com a de outras nações marítimas, o Brasil encontra-se – seja dito para desculpá-lo – aqui no caso de ter de fazer uma virtude da necessidade. Se o Imperador pudesse, como os Estados Unidos, dispor de uma população de oitenta mil marítimos, homens dos países setentrionais, fortes e robustos, e as finanças do Império andassem *pari passu* com as deles, que situação não assumiria perante o mundo inteiro!

Mas não é preciso tanto para uma região do nosso planeta tão remota como o Brasil brilhar nas águas dentro de algum tempo como estrela de primeira grandeza. As sete naus holandesas de duas pontes, por exemplo, não pesaram muito na balança da Europa; imaginemo-las, porém, completamente armadas, equipadas e transportadas simultaneamente com todos os estabelecimentos necessários, por artes de magia, para as Índias Neerlandesas, formando, indiscutivelmente a primeira potência naval naqueles mares e nas águas da China, estendendo ao mesmo tempo os braços dominantes por sobre o Oceano Pacífico; exercendo um domínio absoluto sobre toda aquela região, que, pelo menos nos primeiros seis meses nenhuma potência naval na Terra, fosse ela mesmo temível e invencível, lhe poderá disputar, porquanto atualmente nenhuma frota antes do decorrer deste prazo se encontra em situação de apresentar naquelas águas uma força capaz de se bater contra aquelas sete naus de duas pontes. Se, pois, também na Europa só são construídos navios de linha em grande quantidade e mantidos em poderosas frotas e esquadras, que compensam seu custo, assim também o poder naval brasileiro – que na parte oeste do hemisfério sul poderia alcançar uma posição semelhante à daqueles navios holandeses de duas pontes no leste – pela sua posição isolada já poderia tirar alguma vantagem da construção de alguns navios iguais se os importantes meios pecuniários e as grandes equipagens que os mesmos exigem não tornassem aconselhável abster-se disso e aplicar de outra forma ambas estas coisas tão raras no Brasil: dinheiro e marinheiros.

Já demonstramos a necessidade de navios a vapor para a frota imperial. Os mesmos deviam dividir-se em duas categorias: os destinados aos rios, lagoas e portos pouco profundos, e os destinados a cruzarem o oceano. Os da primeira categoria deveriam ser limitados ao mínimo, os últimos, porém, dada a sua tonelagem, cavalos-força e armamento, ficam

dependendo dos recursos de que o Estado possa dispor. Nos últimos tempos o Ministério da Marinha manifestou-se claramente pelos navios a vapor e tenciona mandar construir dois armados de canhões bombardeiros, com 250 cavalos de força, na Inglaterra.

Como até agora os navios a vapor, em parte devido à vulnerabilidade de suas máquinas e rodas, em parte também porque suas bordadas não têm bastante força, dois inconvenientes que é de esperar o parafuso de Arquimedes venha sanar radicalmente, não se prestam para combates decisivos a curta distância nem para destruição de obras de proteção e por conseguinte de praças fortificadas, por isto, tendo em vista o estado atual de coisas, uma marinha como a brasileira necessita de alguns navios mais fortes de vela para estes serviços, se não quiser só molestar o inimigo e sim aniquilá-lo e conquistar louros. É incontestável que os navios mais próprios para isto são a fragata de sessenta canhões, e depois os navios de duas e três pontes; quando se admitem os canhões do calibre de trinta e duas libras como os menores que devem carregar, a estes deve-se acrescentar um certo número de canhões bombardeiros, condenar as caronadas no convés e dar-lhes, por fim, uma capacidade de 2.000 toneladas. As fragatas que o Brasil possui agora, como vimos, são de um tempo em que as exigências não se tinham elevado tanto e em que, por exemplo, o calibre dos canhões de vinte e quatro libras era suficiente para elas. Agora visa-se não só trocar esses canhões de vinte e quatro libras como a maioria dos da frota, sempre que for factível, para aumentar-lhes o calibre. Se se considerar o armamento dos pequenos cruzadores, ver-se-á que só poucos dentre eles têm um armamento igual aos barcos de igual categoria nas outras marinhas; o mesmo vale para todos os outros navios da frota (*gun-vessels*). Contudo, no que concerne a essas embarcações menores, pode-se muito bem ter em parte adotado um outro padrão, porque algumas classes dos mesmos são mais empregados para abafar levantes, serviço de policiamento e contra os indígenas, do que destinados a entrar em ação contra navios regulares de guerra, e para isto de serem especialmente adaptados à navegação em águas rasas, uma vez que o mais pequeno efeito de fogo, basta ao fim a que se destinam.

A estas prévias observações acrescento a última lista que chegou ao meu conhecimento dos navios de guerra brasileiros conforme o Relatório da Repartição dos Negócios da Marinha:

		Armamento:		
		Canhões	Sendo	Caronadas
Fragatas:	<i>Paraguaçu</i>	34	26 de 18 lbs	8 de 24 lbs
Corvetas:	<i>Dois de Julho</i>	26	26 de 12 lbs	— — —
	<i>D. Januária</i>	24	2 de 18 lbs	22 de 32 lbs
	<i>Euterpe</i>	20	2 de 12 lbs	18 de 32 lbs
	<i>Bertioga</i>	16	2 de 18 lbs	14 de 32 lbs
	<i>União</i>	16	2 de 12 lbs	14 de 24 lbs
Brigues:	<i>Três de Maio</i>	14	2 de 12 lbs	12 de 18 lbs
	<i>Capibaribe</i>	12	2 de 12 lbs	10 de 18 lbs
	<i>Imperial Pedro</i>	10	2 de 12 lbs	8 de 18 lbs
	<i>Brasileiro</i>	8	— — —	8 de 12 lbs
	<i>Calíope</i>	14	— — —	14 de 18 lbs
Escunas:	<i>Fidelidade</i>	12	— — —	12 de 18 lbs
	<i>Guararapes</i>	10	— — —	10 de 18 lbs
	<i>Leopoldina</i>	10	— — —	10 de 18 lbs
	<i>Niterói</i>	10	2 de 12 lbs	8 de 18 lbs
	<i>Olinda</i>	10	2 de 9 lbs	8 de 18 lbs
	<i>Pirajá</i>	10	— — —	10 de 12 lbs
	<i>Legalidade</i>	8	— — —	8 de 12 lbs
	<i>1º de Abril</i>	5	1 de 12 lbs	4 de 18 lbs
	<i>Riograndense</i>	5	1 de 12 lbs	4 de 9 lbs
	<i>Fanfa</i>	3	2 de 6 lbs	1 de 18 lbs
	<i>Guaíba</i>	3	2 de 9 lbs	1 de 18 lbs
	<i>Jacuí</i>	3	2 de 9 lbs	1 de 18 lbs
	<i>Rio Pardo</i>	3	2 de 9 lbs	1 de 18 lbs
	<i>Caçapava</i>	1	1 de 12 lbs	— — —
	<i>Gravataí</i>	1	1 de 12 lbs	— — —
Patachos:	<i>Argos</i>	10	2 de 6 lbs	8 de 18 lbs
	<i>Januária</i>	8	2 de 12 lbs	6 de 18 lbs
	<i>Desterro</i>	5	1 de 12 lbs	4 de 18 lbs
	<i>Camarão</i>	3	1 de 12 lbs	2 de 12 lbs
Iates:	<i>28 de Julho</i>	3	1 de 12 lbs	2 de 9 lbs

	<i>Cai</i>	1	---	1 de 18 lbs
	<i>Caçivari</i>	1	---	1 de 12 lbs
	<i>São Gonçalo</i>	1	---	1 de 18 lbs
	<i>Jaguarão</i>	1	---	1 de 12 lbs
	<i>Ibicuí</i>	1	---	1 de 12 lbs
	<i>Parker</i>	1	---	1 de 12 lbs
	<i>Netuno</i>	1	1 de 9 lbs	---
	<i>15 de Novembro</i>	1	---	1 de 12 lbs
	<i>Caçador</i>	—	---	---
Cúter:	<i>Guarani</i>	1	1 de 6 lbs	---
Canhoneiras:	<i>Nº 1</i>	1	---	1 de 18 lbs
Barcos a vapor:		Canhões	Sendo	Cavalos de Força
	<i>Guapiaçu</i>	3	---	3 de 18 70
	<i>Tétis</i>	3	---	3 de 18 70
	<i>Urânia</i>	3	1 de 9 lbs	2 de 12 45
	<i>Amélia</i>	1	1 de 9 lbs	----- 25
	<i>Cassiopéia</i>	1	1 de 9 lbs	----- 12
	<i>Fluminense</i>	1	1 de 6 lbs	----- 25

e sete barcos de transporte.

Além destes:

Desaparelhados: 1 navio de linha (*D. Pedro II*), duas fragatas (*Príncipe e Constituição*) 1 corveta, 2 escunas, 2 barcos a vapor (dos quais 1 com 120 cav. de força) 1 charrua e 1 barco salva-vidas.

Imprestáveis para navegação: 2 fragatas (*Imperatriz e Campista*) 1 corveta, 2 barcas, 1 canhoneira e 1 charrua, e 2 presas.

A guarnição da frota compõe-se de 234 oficiais ativos e 283 de terceira classe (isto é, os que passaram à inatividade sem receberem pensão e não têm nenhum direito à promoção, mas que são aproveitados em diversas comissões) um total portanto de 517 oficiais, porém consignando o orçamento um efetivo de 521 oficiais, além de três a quatro mil marinheiros e um corpo de fuzileiros-navais com 36 oficiais e 1.166 homens.

O almirante, que me guiou no Arsenal de Marinha, levou-me depois na sua muito elegante lancha, cujos remadores estavam vestidos como os dos barcos holandeses desta espécie, para o Arsenal de Guerra na ponta do Calabouço, do outro lado, onde o Ministro da Guerra, José Clemente Pereira, me recebeu pessoalmente. Este estabelecimento pareceu-me mais um depósito comum do que um arsenal e não devia certamente corresponder às necessidades, já tendo sido apresentada ao Imperador planta de um novo e maior. Além deste existem ainda cinco outros arsenais de guerra nas províncias, como em Mato Grosso, Bahia, Pernambuco, Pará e Rio Grande do Sul. A fabricação de armas está aqui indiscutivelmente no mesmo pé que nos grandes exércitos europeus. Nas pistolas despertou minha atenção uma ligação conveniente entre o cano e a vareta; uma charneira de um feitio especial mantém a vareta segura, permitindo, porém, manejá-la livremente, não embaraçando absolutamente a operação de carregar. Este dispositivo muito inconveniente nas ações de flanco é também usado pela cavalaria americana; vi-o também no mesmo dia a bordo do navio de linha americano *Delaware*, onde estas pistolas fazem parte das armas de abordagem.

Antes de deixar o Arsenal, o ministro ofereceu-me, por ordem do Imperador, com o que me deu um grande prazer, uma coleção de armas imperiais brasileiras. Interessou-me sobretudo, o genuíno equipamento nacional de um cavaleiro do Rio Grande do Sul, que fazia parte do tão generoso presente imperial. Entre as peças que o compunham havia um poncho azul-escuro com forro azul-claro, e um chapéu redondo revestido de tafetá encerado; não faltava também a espada, com guarda-mão, as armas de fogo junto aos cartuchos e por fim um genuíno lombilho.

Devido aos efervescentes levantes nas províncias, a Capital estava, como já ficou dito, inteiramente desfalcada de tropas de linha, as baterias de campanha estavam igualmente ausentes, de maneira que eu não poderia traçar pela observação pessoal um quadro exato do exército brasileiro nem de sua artilharia. Os poucos canhões que ficaram no Arsenal do Rio achei que eram inteiramente do sistema inglês, cuja adoção por um exército cujas tropas, como as brasileiras, na guerra e na paz são

tão amiúde obrigadas ao transporte marítimo, parece certamente muito conveniente.

O exército em si não é grande, não chegando ainda a um efetivo de 23.000 homens, e parece quase desproporcionado em relação à imensa área do país; mas precisamos adotar aqui um outro padrão diferente do adotado para os exércitos europeus, cujo fim principal é a grande guerra. Esta circunstância falta inteiramente no Brasil, onde a guerra cinge-se mais a operações limitadas, como já vimos na história dos primeiros tempos deste país. Restam portanto para o exército brasileiro as seguintes tarefas principais para cuja execução sua força e organização devem estar preparadas: manter a tranqüilidade e segurança no interior, vigiar os ínvios pontos das fronteiras do país e contribuir para a defesa da sua extensa fronteira marítima.

O Brasil possui três espécies de terrenos muito diferentes: florestas impenetráveis, regiões montanhosas e grandes planícies (campos) sobre as quais as tropas têm de se movimentar se quiserem manter efetivas a tranqüilidade e segurança no interior; por conseguinte abafar os levantes nas províncias do Império e defender as fronteiras acessíveis ao inimigo. Neste último conceito caem só poucos trechos de fronteira que, contudo, pelo seu isolamento de toda civilização, não têm nenhum interesse militar. As únicas fronteiras onde se feriram verdadeiras guerras foram, como se pode recordar pela história, as de Buenos Aires e Montevideú, onde magníficos campos para todas as armas convidam por excelência à guerra.

Os corpos brasileiros, operando aí ao tempo em que eram comandados pelo General Braun, atualmente residindo em Dresden, contavam entre sete a oito mil homens de infantaria, 5.000 de cavalaria e três baterias de quatro canhões (um morteiro francês e três canhões de nove libras); a bela e depois dissolvida Legião Alemã pertencia a este número.

Na cavalaria dava-se a estranha circunstância de caber de três a cinco cavalos a cada homem. Nas marchas acompanhava cada regimento de cavalaria a uma distância de cerca de cem passos, no flanco mais afastado do inimigo, uma tropilha (manada) que se compunha do segundo cavalo de cada homem de todo o regimento, tangida por alguns cavalarianos e um pequeno número de índios ou índias. Uma segunda,

porém maior tropilha, da qual faziam parte os terceiros ou quartos cavalos para cada cavalariano do regimento, seguia as bagagens, junto às quais os rebanhos de gado também tinham seu lugar indicado. Quando a segunda tropilha de muitos regimentos se encontravam junto às bagagens, evitava-se sempre com o maior cuidado uma mistura das mesmas. Uma terceira manada de cavalos, na qual havia uma reserva de um ou dois cavalos para cada homem formava uma espécie de “depósito volante de cavalos” que raramente chegava a menos de vinte léguas dos corpos em operações, e a maioria das vezes a uma distância ainda maior. Durante as marchas, os cavalarianos do regimento tinham o hábito de trocar diariamente os cavalos, e não deixavam nunca de fazê-lo quando estava iminente um combate. “Tirar-lhes este hábito”, disse-me o General Braun, “era tão difícil quanto tirar-lhes a predileção pelo uso das carabinas.” A circunstância de serem acompanhados por grandes manadas de cavalos e rebanhos de gado obrigava o general brasileiro, como o inimigo, a acamparem sempre à margem de um rio, porque só aí encontravam pastos bastante para os animais, o que às vezes faltava mesmo nas planícies. Os movimentos de ambos os corpos combatentes visavam muitas vezes só apoderarem-se de um desses vales ou a debandada das manadas, sabendo os homens nestas vastas extensões evitar facilmente as derrotas decisivas.

Em outras partes do Império, onde havia revoltas a abafar e guerra civil, parece ter prevalecido o mesmo sistema entre amigos e inimigos: evitar quanto possível qualquer movimento decisivo, do contrário seriam depressa abafadas. Como no Sul, na Banda Oriental, e no Rio Grande com os campos infindos, nas outras províncias as imensuráveis florestas virgens, roubando toda a visão ou as ínvias regiões das montanhas atuam da mesma forma, retardando as operações, ao que ainda se junta o entorpecente calor tropical, que não deixa de influir no espírito e corpo dos chefes e soldados. Nestes últimos terrenos citados a infantaria ligeira torna-se a principal arma, constituída especialmente de ligeiras colunas móveis, únicas que aí se podem mover, porque a cavalaria dificilmente as pode seguir nas estreitas veredas, e a artilharia, com exceção de alguns leves morteiros carregados por muares, fica também atrás ou tem de ser substituída por foguetes.

Sendo já rara a reunião de alguns milhares de homens, a divisão da infantaria em batalhões independentes parece ser oportuna. Armamento leve, equipamento ligeiro e fardamento adequado ao clima têm de ser especialmente adaptados ao serviço e próprios para vencer as dificuldades do terreno.

Conquanto nenhum exército, conforme os velhos princípios militares, podendo reunir em pouco tempo suas forças e aplicá-las no ponto decisivo, seja mais digno de respeito do que é o tão pouco numeroso exército brasileiro, isto ainda se torna mais importante quando se trata da defesa da infindável costa. Devem então atuar conjuntamente forças navais e terrestres e limitar-se a manter-se firmemente nalguns poucos pontos. A arte das fortificações está neste caso, naturalmente, em empregar todos os meios de que se dispõe e aproveitar-se de todas as vantagens do terreno e da configuração da costa, para tornar estes pontos centrais tão fortes quanto possível, depois de se ter antes certificado de que lado e em que força uma frota inimiga se pode aproximar para bombardear as fortificações, e que pontos de ataque se lhe oferecem do lado da terra. Estes pontos, entre os quais contamos, por exemplo, Bahia e Rio de Janeiro, necessitam de um grande número de artilheiros para guarnecerem os canhões de suas numerosas fortalezas, para o que os quatro batalhões de artilharia que à primeira vista parecem desproporcionados em relação às outras tropas, sejam inteiramente mobilizados. Devem, da mesma forma, ser feitos os preparativos precisos para em caso de necessidade poder concentrar nesses pontos importantes massas de tropas da Guarda Nacional, porquanto as tropas de linha nas proximidades raramente são suficientes, e tropas, mesmo pouco exercitadas, protegidas por forte fogo de artilharia, podem opor uma séria resistência a qualquer tentativa de desembarque.

Porque quase todo o desembarque tem no começo seu momento de fraqueza e só se fortalece aos poucos, se se atacar o corpo de desembarque a tempo e com força superior, será fácil sufocar a tentativa em embrião.

O Exército Imperial, segundo o Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, do ano de 1845, compunha-se das seguintes unidades:

Tropas de Linha

Infantaria

8 Batalhões de Infantaria.....	4.918 homens
8 Batalhões de Caçadores.....	4.418 homens
Destacados dos mesmos	883 homens
9 Companhias – Depósito	1.102 homens
10 Companhias Provisórias (dentre elas 6 de Caçadores).....	1.015 homens
6 Corpos fixos.....	1.450 homens
1 Corpo de Depósito no Rio Grande do Sul.....	365 homens
1 Depósito de Recrutatas em Pernambuco	34 homens
1 Contingente de Alagoas no Ceará	200 homens
1 Corpo de Voluntários alemães no Rio Grande do Sul.....	90 homens
	<hr/>
	14.475 homens

Cavalaria

3 Regimentos de Cavalaria Ligeira.....	673 homens
3 Companhias de Cavalaria Fixa	210 homens
	<hr/>
	883 homens
	<hr/>
	15.358 homens

Transporte

Artilharia

4 Batalhões a pé.....	1.576 homens
1 Corpo montado.....	403 homens
Diversas Companhias de canhoneiros	279 homens
	<hr/>
	2.258 homens

Pioneiros

	60 homens
--	-----------

Total das tropas de linha
(com 159 oficiais superiores e 1.018 subalternos).....

	<hr/>
	17.676 homens

Além disso: Guarda Nacional móvel	4.405 homens
5 Companhias de Pedestres contra os índios selvagens no Maranhão, Goiás e Minas Gerais	440 homens
Inválidos em Santa Catarina	146 homens
Total do Exército (inclusive oficiais).....	<hr/> 22.863 homens

A Guarda Nacional está completamente organizada somente em dez Províncias do Império:

Na Província do Pará.....	13.827 homens
Na Província do Maranhão.....	10.324 homens
Na Província do Piauí.....	3.824 homens
Na Província do Rio Grande do Norte	9.923 homens
Na Província do Paraíba	13.255 homens
Na Província de Pernambuco	25.782 homens
Na Província da Bahia	18.259 homens
Na Província do Rio de Janeiro, excluindo a Capital ³¹	24.300 homens
Na Capital.....	6.579 homens
Na Província de São Paulo	23.933 homens
Na Província de Santa Catarina.....	6.282 homens
	<hr/> 156.338 homens

A força conjunta da Guarda Nacional, nas oito outras províncias onde está sendo organizada: Mato Grosso, Goiás, Ceará, Rio Grande do Sul (esta última durante a recente revolução apresentou 4.000 homens, dos quais 3.000 a cavalo), Espírito Santo, Sergipe, Alagoas e Minas Gerais não será provavelmente inferior a 55 ou 60.000 homens, de maneira que depois de toda organizada sua força total pode muito bem montar de 215 a 220.000 homens. Além disto a Capital, Bahia e Pernambuco têm ainda importantes corpos de Polícia Municipal: Rio de Janeiro cerca de 900, Bahia cerca de 600, e Pernambuco, mais ou menos o mesmo número, todos muito bem disciplinados e organizados.

31 A organização nesta Província ainda não está inteiramente terminada, mas já se pode ver que alcançará o algarismo acima.

24 de setembro

Pela manhã assisti, envergando o grande uniforme de general, à missa por alma de D. Pedro I na igreja de Nossa Senhora da Glória, com a presença do Imperador e da Corte. Cheguei um pouco cedo demais e tive oportunidade, com o belo tempo que fazia, de apreciar o bellissimo panorama da baía do Rio. Poucas horas depois rodei para a cidade e de lá fui a bordo da barca prussiana *Charlotte*, com o Capitão Reintrok. Era um bonito navio, novo, muito asseado, tendo belos e espaçosos camarotes e não tinha, o que eu nunca vira antes, nenhuma serviola, a âncora era simplesmente provida de uma suspensão que se fazia funcionar por meio dum gancho. A tripulação do *Charlotte* compunha-se de dezesseis homens que, infelizmente, como seu jovem e louro capitão, não tornaram a ver a pátria, pois depois que a barca deixou o Rio nunca mais se teve notícia dela. Com ela perdi também, com imenso pesar, as armas e o equipamento gaúcho com que o Imperador bondosamente me presenteara por intermédio do ministro da Guerra por ocasião de minha visita ao Arsenal. Não muito tempo depois do desaparecimento desse navio, um outro compatriota, o pregador da Legação Prussiana, Neumaun, que eu conhecera também no Rio, encontrava a morte nas ondas. Tinha atravessado com felicidade o oceano, quando no momento em que estava prestes a estreitar nos braços uma querida noiva, à vista das pátrias plagas, na embocadura do Elba, que já a tantos tinha engolido, encontrou a morte cruel, naufragando.

Da *Charlotte* fui para o real brigue para o comércio ultramarino, *Kronprinz*, do Capitão Sievert, no topo de cujo mastaréu tremulava a flâmula prussiana dos navios de guerra, porquanto, como é sabido, esses navios só a podem arvorar ao sul da Linha.³² O brigue, como a barca, estava bem aparelhado; tudo em cima muito em ordem e marinheiresco; achei também os camarotes muito espaçosos. O mesmo vale para a bela barca *Johns* que visitei por último, e cujos camarotes estavam decorados até com luxo. Todos estes três navios tinham uma nova espécie de cabos de arame e correntes em lugar de escotas de corda e uma ou muitas cadeias de âncora. Todos os navios alemães embandeiraram-se quando notaram

32 À real corveta *Amazona*, como é sabido, estava reservada arvorar novamente a flâmula prussiana pela primeira vez dois anos mais tarde, depois dum período de mais de um século, nas águas do hemisfério norte, fora do Báltico.

minha presença no ancoradouro: uma prova espontânea de simpatia, que me alegrou; quanto mais longe da pátria tanto mais os alemães se unem aos alemães!

26 de setembro

Já muito cedo, às nove e meia, eu galopava para a cidade, seguindo, sempre que era possível, ao longo da margem da baía, entrando porém de passagem em todas as vielas e becos que, aliás, nem sempre estavam à altura de uma capital. Cavalgando ao longo da margem do golfo, cheguei a uma pequena baía, a baía de Inhaúma, na qual no alto de uma encosta ergue-se aquele grande edifício branco, o Hospital dos Lázaros. Muitas ilhas com palmeirais concorrem para embelezar esta aprazível baía que, com o belo tempo que fazia, parecia verdadeiramente paradisíaca. Era minha intenção prolongar por mais algumas léguas meu passeio ao longo da margem oeste da baía, mas não tardei a reparar, com grande pesar, que eu, no caminho escolhido, devido aos muitos obstáculos que, aliás, raramente se encontram no Brasil – isto é, sebes e cercados – não podia ir muito adiante, pelo que voltei-me para São Cristóvão, onde, seguindo as estradas unidas de Minas e Santa Cruz, cheguei até Venda Grande. Aí dobrei, antes da estrada para Minas tomar a direita numa curva apertada, e cavalguei então paralelamente à margem da baía, que, porém, não podia ver através das capoeiras baixas nas quais só se elevavam as hastes de alguns altos cactos isolados.

Pouco antes da escalvada rocha da Penha, com a igreja no cimo, a capoeira era mais alta e umbrosa – nela elevavam-se árvores da floresta virgem, isoladas, como gigantes solenes e escuros no ar dos trópicos, enquanto as colinas que me tinham acompanhado à esquerda desde a grande estrada iam desaparecendo à minha direita por trás da Penha.

A floresta ia pouco a pouco ficando mais perto do caminho e transformando-o num corredor ensombreado. O terreno foi ficando gradualmente mais aberto, embora mais acidentado também. Parei junto de um riacho perto de uma fazenda. Um boiadeiro com altas botas de polimento, saindo de uma casa, ao passar por mim a cavalo, disse-me em bom francês, que eu estava no caminho para Porto Estrela, e

mostrou-me por onde seguia. Meia hora depois passei por outro riacho perto de casas isoladas. Logo depois apresentou-se-me um negro, que parecia querer seguir o mesmo caminho que eu. Cavalguei por algum tempo ao seu lado; o sol abrasava, e como meu cavalo estava cansado e eu com fome, estava ansioso por encontrar uma venda. Meu companheiro preto, com quem eu, aliás, não podia entender-me bem, já tinha desaparecido quando meu corcel arriou, de modo que tive de apeiar-me e levá-lo pela rédea. Depois de vagar por muitas horas, cheguei por um caminho aberto em linha reta a perder de vista através da capoeira, a algumas casas cercando uma praça quadrada em um de cujos lados havia uma igreja. Não tenho bem certeza do nome desse lugar, mas creio que era Nossa Senhora de Irajá. Um jovem parisiense muito loquaz mostrou-me a hospedaria, onde me refiz com pão e laranja, tomando depois meu caminho em direção à estrada de Minas, que não tardei a alcançar e que me levou até Venda Grande.

Todo o terreno que percorri hoje era acidentado e coberto de matas; vi mais palmeiras do que vira no caminho para Santa Cruz. Já pela manhã o boiadeiro me disse que por esta estrada de Minas para o Rio estavam em marcha 200 soldados de linha escoltando uma numerosa leva de presos, mas não encontrei nenhum vestígio deles.

Já passava das quatro horas quando alcancei novamente Venda Grande, onde me demorei para descansar um pouco. Depois de ter, com o auxílio do meu português alinhavado, pedido café, ao ir cuidar do meu cavalo cansado, ouvi, quando atravessava o pátio, a estalajadeira repreender a filha em muito bom alemão. Pode-se imaginar minha surpresa e alegria e como a boa mulher, esquecendo sua zanga, tomou a peito servir-me. Disse-me então que era badense e que havia muito tempo já que estava estabelecida ali.

Não tardou a escurecer por trás de São Cristóvão. Na cidade encontrei o Imperador que vinha a carro do Jardim Botânico. Devia ser sete horas quando cheguei a casa. Fui cedo para a cama para descansar do passeio de hoje, e porque pela manhã, ao despontar o dia, devia iniciar uma longa excursão pela Província do Rio de Janeiro.

.....

*Viagem para as margens
do Paraíba do Sul*

27 de setembro

Tencioando apanhar o primeiro vapor para a Praia Grande, já às cinco e meia da manhã rodamos para a cidade; infelizmente, porém, chegamos ao embarcadouro exatamente no momento em que ele partia. Em seu lugar, uma falua, um desses barcos abertos com duas velas latinas e seis remadores pretos, levou-nos em muito pouco tempo para a margem leste da baía, tendo passado por ambos os paquetes ingleses: o brigue *Crane*, de excelente construção e a bela escuna *Spider*, ambos de seis canhões, e de longe pela *Johns* já de velas desfraldadas. Era maravilhosa a vista retrospectiva da Praia Grande por sobre a baía para o Rio, que se estendia em toda sua extensão diante de nós. A longa fila de casas graciosamente interrompida pelo outeiro da Glória, a colina do semaforico e a ilha das Cobras, diante da qual os dois navios de linha e a fragata *Comodoro Britânico* se erguiam altivos sobre as águas azuis, a nebulosa cadeia azul do Corcovado e da Tijuca formavam com seus belos contornos o grandioso fundo desse quadro.

Eram oito horas quando o pequeno grupo de quatro amos e dois criados, parte montando cavalos e parte muares, partiu da Praia Grande. Dois arrieiros acompanhavam os dois animais de carga e os muares de reserva, a que tinham acrescentado dois cavalos que queriam vender, por sua conta, em Campos. Com exceção do próprio esperto ruço – que eu tinha batizado de *Botocudo* – podia-se dizer que nossa cavallhada era muito falha. Os animais, na maioria magros e maltratados, pareciam prometer pouca resistência; contudo suportaram as fadigas da marcha melhor do que a princípio esperávamos. O Conde Bismark cavalgava uma decrépita mula, *Herr Theremin* e um arrieiro cavalgavam também animais iguais, enquanto que o Conde Oriolla, os dois criados e outro arrieiro preferiram os cavalos. Nossa caravana contava por conseguinte cinco cavalos e seis muares e, acrescentando-se dois pertencentes aos arrieiros, ao todo treze animais.

O caminho, na sua maior parte ladeado pelo matagal, acompanhava a princípio a margem da baía, depois dobrou à direita (para leste) entrando em terreno acidentado coberto de matas. A forma das colinas é arredondada; matas e matagais a que se misturam planícies isoladas, têm o indubitável caráter de espessas capoeiras. Na terra cultivam de preferência a banana, o milho e a mandioca; não faltam também prados e lugarejos isolados, e de espaço encontram-se vendas à sua margem.

O dia, hoje, embora bonito, não estava isento desse nevoeiro leitoso que desde nossa chegada ao Rio de Janeiro se alternava, quase ininterruptamente, com o tempo chuvoso. Velava-nos também hoje a serra dos Órgãos; pelo menos apesar de suas proximidade só a podíamos vislumbrar com muito trabalho. O muar de carga e a mula escoteira competiam com ambos os espertos baios dos arrieiros, expondo nossa paciência às mais duras provas. A cada cinco minutos irrompiam através do mato à margem do caminho, corriam para os prados, entravam nas vendas ou galopavam estrepitosamente pelos riachos acima. Se se queria tangê-los novamente para o caminho, defendiam-se escoiceando. Os dois muares mostravam-se particularmente astutos nestes excessos, conseguindo sempre pela astúcia o que os cavalos só queriam conseguir pela força – e por isto não se pode confiar numa mula; andava, por exemplo, durante uma hora, paciente e mansa como um cordeiro, e de

repente resolvia o contrário e punha-se a escoicear com quanta força tinha contra tudo e contra todos.

O terreno vai pouco a pouco tornando-se mais aberto. Atravessa-se o rio Alcântara, um riacho largo, por uma ponte segura, de onde, olhando-se para baixo de ambos os lados, tem-se uma bonita perspectiva do riacho que corre entre espesso matagal semeado de palmeiras. Do outro lado da ponte e muito perto desta fica uma venda na capoeira, no sopé duma selvosa colina, que conjuntamente com algumas casas escondidas tem o nome de Alcântara. Apeamo-nos aí para fazer uma simples porém boa refeição, enquanto nossos animais recebiam uma ração de capim e milho.

Tínhamos chegado às onze e meia, e prosseguimos às duas horas. A região tornara-se mais plana, as capoeiras mais altas, até que por fim se transformava na floresta que tem o nome de Mata do Gambá; olhando-se por entre seus altos troncos convencemo-nos, por vezes, de que o terreno ainda é acidentado; a serra dos Órgãos também aparece à esquerda como um fraco vislumbre. Não faltam aqui bonitas palmeiras e altos troncos com grandes copas. A estrada já havia muito terminara, pouco depois de Alcântara, e prosseguíamos agora por uma vereda, amiúde interrompida por cabras que a atravessavam. As estradas no Brasil na sua maioria originam-se do fato de que aquele que instala uma nova fazenda deve ligá-la por uma vereda (picada) a seu vizinho, e da cadeia destas veredas de ligação nascem por fim as estradas, que não são realmente mais do que estreitas veredas, muito embora tenham o pomposo nome de “estradas” e até de “estrada real”, em oposição à “picada”. As cabras, que tão amiúde atravessam a estrada, são uma peculiaridade da região. Nem sempre pertencem aos cercados das fazendas e sim são muitas vezes arrebanhadas pelos tropeiros. Como os comboios de muares quase sempre bivacam à margem, ou melhor, na estrada mesmo, os tropeiros fecham-na em ambas as extremidades por cercas vivas para que os animais não possam fugir, substituindo espessa capoeira de ambos os lados a maior parte do resto do cercado.

Quando para o fim da tarde saímos da floresta, a que alguns alegres vermelhos tiés-fogo davam vida, avistamos diante de nós duas ondulações do terreno, e sobre a segunda a povoação de São João do Itaboraí, que alcançamos às seis horas, exatamente antes de anoitecer.

Esta povoação consiste numa praça com um par de ruas muito curtas. Na praça ficava a igreja, perto da qual nos apeamos diante duma venda numa viela. Da entrada da igreja avista-se toda a região: meras cadeias de colinas umas atrás das outras, estendendo-se até ao horizonte.

28 de setembro

Ao café divertimo-nos assistindo aos exercícios de um jovem equilibrista, um artista eqüestre e acrobata numa só pessoa, que estava de viagem para o Rio. Duas fases de sua toailete merecem ser mencionadas: como o ameninado artista passava manteiga no cabelo em lugar de pomada e como o homenzinho enfiava depois as altas botas pretas de montaria que o faziam parecer-se com o “gato de botas”.

Às sete horas montamos novamente, e entramos com tempo muito duvidoso na capoeira. Um dos nossos arrieiros recebeu instruções para seguir-nos, o mais ligeiro que pudesse, com os animais de carga, porque queríamos ir mais depressa na frente para não entrarmos muito dentro da noite, pois tínhamos de fazer hoje uma jornada de doze léguas, tendo feito só oito ontem. Dentro em pouco começou a chover, o que nos proporcionou as pitorescas figuras dos dois condes com seus ponchos forrados de encarnado. Acrescente-se a isto os chapéus marseheses cinzentos com feitiço de carapuça, de abas largas, que contrastavam vivamente com os rostos queimados, barbados e cabelos pretos, e que já nas alamedas espanholas chamaram a atenção devido à sua semelhança com os chapéus dos picadores; acrescente-se ainda as botas altas de couro cru de veado *à la Wallenstein*, com as pesadas esporas, e ter-se-á uma idéia da figura dos meus jovens e robustos companheiros! Além deles acompanhava-me *Herr Theremin*, que se distinguia pelo seu inseparável chapéu-do-chile. Tinha-se também enrolado no seu capote civil azul e levantado as botas de montar, que, como eu, costumava sempre virar para baixo. Eu era o único do nosso grupo, com exceção dos dois criados, que trazia uma espingarda a tiracolo e a patrona cheia afivelada em volta da cintura; tinha sobrado o meu facão azul de aço, frágil demais para abrir caminho na floresta, e o guardara no pequeno porta-mantas de polimento preto que continha tudo o que era meu. Foi por isto muito interessante para mim a proposta do nosso arrieiro de irmos por Porto das Caixas, o que não importava em nenhum

rodeio,³³ porque eu esperava encontrar lá um pedaço de encerado para enrolar e proteger contra a chuva torrencial meu maior tesouro, minha jaqueta azul, que não cabia mais no porta-mantas e, dadas as circunstâncias, tinha tido de guardar minha blusa que com o ar morno só por si já se tornara um peso para mim.

Avançando por terrenos baixos pantanosos, por entre brenhas e matas, passando por Campos de Marabu, chegamos ao pequeno porto citado. A chuva escorria a jorros das poucas biqueiras do lugarejo Porto das Caixas; os cavalos escorregavam no chão de barro e quase que se atolavam na lama que salpicava nossas botas mineiras até em cima. Alguns grandes barcos abertos com um pequeno toldo na popa, brilhando lavados pela chuva, estavam ancorados no rio Macacu, que desemboca muito perto daí na baía do Rio, e testemunhavam o bastante grande movimento que reina nesse porto, o que era igualmente indicado pelas numerosas e grandes vendas – porque as vendas não são só hospedarias, e sim também lojas. Não passamos por nenhuma destas sem perguntar se tinham tela encerada; a última loja e estalagem à saída do lugarejo ainda me encheu de esperança, mas quando chegamos perto, vi-me amargamente decepcionado. Atrás da povoação, porém, um dos do grupo viajante cedeu-me um pedaço.

O caminho desde São João de Itaboraí era na sua maior parte largo, agora mesmo ainda prosseguia com a largura de uma estrada carroçável através da capoeira mais baixa e depois sob a forma de um terraplano por um vasto prado pantanoso, no qual inúmeros pés de papiros erguiam os pendões. Na extremidade do terraplano, cortada por pontes, fica numa situação um pouco elevada a pequena aldeia de Macacu, ensombreada por palmeiras e arvoredos baixos.

Depois de Macacu as plantações alternam-se com as capoeiras. Encontramos também alguns bivaques de tropas. Os mueres estavam amarrados a altos moirões; as peneiras contendo o café e as selas ficavam empilhadas num montão quadrado. Por cima estavam estendidas peles que, excedendo-o de um lado e sustentadas por estacas, formavam a tenda para os homens seminus, servindo durante a marcha para cobrir as cargas. Diante dela os tropeiros tinham levantado três estacas, como

33 Não está certo. O caminho para Santa Ana por Porto das Caixas é mais longe 1/4 de légua do que o direito.

se faz com as espingardas ensarilhadas, atadas no topo e entre elas pendia um caldeirão por cima do fogo. Essa gente cuja maioria era de escravos, negros e mulatos, entre os quais se vêem às vezes alguns índios, não necessita de mais conforto.

O terreno torna-se pouco a pouco mais aberto; cavalga-se por grandes campos cercados de colinas; entre eles chamou particularmente minha atenção um prado cercado de árvores que pareciam pontilhadas de grandes flores brancas, que o Conde Bismark achou parecidas com a *vinca* branca, enquanto que de sua relva palustre brotavam também flores brancas e amarelas, um todo peculiar harmonioso, grato à vista. Daí prosseguimos num largo trote pelas três e meia léguas de Porto das Caixas e outro tanto de São João por caminho direto, para Campo do Colégio, no fim das quais avistamos o Colégio dos Jesuítas, transformado numa grande fazenda, rodeada de soberbas árvores. Por trás daquele, como vimos à direita uma cadeia de montanhas donde subiam nuvens carregadas de chuva, a serra do rio de São João. Conquanto tivéssemos trotado muito, não tínhamos ainda vencido as cinco léguas de Porto das Caixas a Santa Ana; por um tempo infindo todos a quem encontrávamos e perguntávamos respondiam-nos que faltava só uma légua e, certamente, uma hora depois, que devia ser só meia légua.

Neste ínterim juntou-se a nós um negro num grande cavalo cansado que nos serviu de piloto na travessia das profundas poças de água formadas pela chuva. O que pudemos arrancar dele, além das pragas por causa da preguiça do seu rocim, foi só que ia para o tenente-coronel, na Montanha Redonda.

De repente saímos da capoeira para um grande prado, no qual três sapucaias colossais erguiam as altivas copas com gigantescas e vistosas flores encarnadas, para o escuro céu chuvoso, disseminadas por entre algumas casas isoladas: – tínhamos diante de nós a por tanto tempo almejada Santa Ana! O Macacu ficava à nossa esquerda e a serra coberta de nuvens à direita. Não posso dizer que impressão verdadeiramente mágica me causaram aquelas árvores, que de um modo tão peculiar davam vida àquele sombrio quadro! Prosseguimos dobrando à direita da estrada, diante da casa de M. Boulanger, um fazendeiro e estalajadeiro numa mesma pessoa, que ao mesmo tempo navega no Macacu num

barco próprio e negocia com o Rio. Aí apeamo-nos meio encharcados, depois de uma viagem estafante, mais ou menos às duas horas.

Monsieur Boulanger levou-nos muito atenciosamente para uma grande e muito asseada sala em cima, e depois de poucos minutos a sopa fumegante estava na mesa – uma prova evidente de que aqui não nos teríamos que haver com a lentidão do serviço das vendas brasileiras! Nosso arrieiro chegou agora com a consciência pesada, confessando “que seu colega que ficara com os animais de carga não conhecia absolutamente o caminho”. Fomos por isto obrigados a mandar o arrieiro que nos acompanhava ao encontro do que ficara para trás, e demos-lhe um segundo *echelon rendez-vous* em Nova Friburgo amanhã à noite.

Quando estávamos novamente montados e eu reunia a coluna para marchar – porque desde esta manhã tinha sido estabelecida rigorosa disciplina militar, vimos trazerem uma mula que acabavam de pegar para o negro que devia mostrar-nos o caminho na montanha. Mas pouco depois veio o próprio. M. Boulanger trotando atrás de nós para nos guiar até Águas Compridas, distante cinco léguas, e à casa de M. Durieux, onde devíamos passar a noite. Tinha trocado seu traje de casa por uma larga jaqueta marrom, um par de grandes botas e um poncho azul que atirara sobre os ombros à moda brasileira.

Já eram quatro horas. A chuva cessara; o sol começara a declinar para o ocaso e cavalgávamos entretendo-nos em agradável conversa com o nosso tão obsequioso e solícito hospedeiro, que na verdade não era nenhum francês verboso, quando entramos numa verdadeira floresta encantada. As árvores com as belas flores, principalmente aquelas cuja rica floração lilás parecia colorir completamente a floresta, atraíam-nos como uma força mágica. Uma maranha de lianas pendia delas. Aqui e ali revestiam os esguios troncos grandes folhas em forma de escudos (*pothos* ou *calladium*) como um brilhante arnês verde de escamas. Helicônia brotava ao lado de muitas outras espécies novas para olhos europeus, no solo pantanoso, e davam a esta floresta um encanto peculiar. Ali, onde a água do pântano formava pequenas lagoas ao lado do caminho, ou brotam olhos de água, tinham-se formado pequenas reentrâncias, nichos ensombrados nas paredes de frondes da floresta, nos quais o pequeno espelho de água que ela cerca graciosamente, com sua refrescante vizinhança, dá à vegetação uma exuberância tal que na verdade raia pelo

incrível. Como se lamenta não ser aí pintor, para reproduzir a fascinante paz, consoladora do coração, que reina nestas solitárias águas ao longo dos caminhos para as quais a vegetação tropical, como uma tímida donzela, levou seus mais ocultos encantos, nas quais se espelha, se banha, sem se expor nua aos olhos atrevidos do viandante! Onde se encontra na Europa um jardim que, a despeito de toda a arte, possa rivalizar com um tão pequeno pedaço de terra? Esta mata não era realmente mais uma capoeira, e também certamente não era uma floresta virgem; os brasileiros chamam a estes terrenos baixos relvosos onde crescem plantas próprias dos pântanos de “brejos”.

Infelizmente a pequena mata foi depressa atravessada; nossos olhares procuravam diante de nós nas nuvens sombrias a serra para Nova Friburgo onde deveríamos chegar ainda hoje. Montanhas que não se viram têm sempre um encanto peculiar; se as nuvens as ocultam aos nossos olhos, nossa curiosidade e nossa fantasia podem sem ser perturbadas dar-lhes todas as formas que se imagina terem por trás das nuvens. Depois de termos cavalgado por três quartos de légua, encontramos nas escuras matas à direita do caminho uma igreja chamada Capela da Conceição, enquanto o pardo escuro Macacu corria murmurante muito perto à esquerda do caminho. De repente o rápido riozinho passou para nossa frente. M. Boulanger tomou a dianteira e depressa foi vadeado. Prosseguimos agora através de um baixo matagal, subindo a margem direita do Macacu. Sobreveio o crepúsculo e com ele passamos para um trote largo porque nosso guia não gostaria de guiar-nos no escuro na parte pior do caminho. Não obstante as nuvens estarem baixas, notamos que nos aproximávamos das montanhas. Perto de um grande porém não muito alto edifício por onde passamos, o engenho do Coronel Ferreira, nosso solícito guia mostrou-nos o ponto onde o Macacu deixa de ser navegável; começam aí os remoinhos e o seu leito tem muitas pedras. Onde cessam as comunicações fluviais parece que dedicaram mais atenção às terrestres, porquanto num trecho de algumas centenas de passos tinham começado a calçar a estrada que tencionavam prolongar até Nova Friburgo. Imediatamente depois deste pedacinho de estrada, começa logo, em oposição, a pior parte de todo o atual caminho.

Notamos agora que chegáramos às montanhas porque o caminho lamacento tornara-se pedregoso, e tinha também desde o engenho

tomado uma cor avermelhada de ocre ferruginoso. O Macacu corria agora embaixo, à nossa direita, e seu leito parecia ir baixando cada vez mais ao nosso lado; a escuridão agora era completa. A mula de M. Boulanger trepava na frente por cima do cascalho no escuro; meu grande ruço seguia-lhe os passos com muita cautela, e por trás de mim eu ouvia os cavalos dos meus companheiros escorregarem nas pedras. Os pássaros cantavam, as cigarras aturdiavam-nos os ouvidos com o seu estridente chiado, os pirilampos clareavam a noite com a sua luz azulada, e de quando em vez um galho batia-nos no rosto para nos lembrar que tínhamos entrado nas matas da serra. Como seriam aquelas florestas virgens durante o dia, pensava eu, e consolava-me esperando por amanhã. De repente, o cavalo começou a descer para o Macacu! M. Boulanger estacou. Todos pararam. *“Suivez les pas de ma mule, Messieurs!”*, disse ele e acrescentou: *“Ce passage est dangereux. Plus d’un cavalier y a disparu avec sa bête!”* Ao vadear-se o rio sentiu-se a impetuosidade da corrente, que parecia querer arrastar o cavalo de debaixo de nós, ouvindo-se à direita o tumultuoso ruído da água como se estivesse despenhando-se duma rocha. Já tínhamos subido a outra margem, quando o último da coluna passou a salvo o Macacu. Aí então, cerca das onze horas, paramos diante de uma modesta casa.

Darieux, o pequeno estalajadeiro, abriu a porta atendendo ao chamado de Boulanger, encolheu os ombros quando viu o grande grupo, e gritou para fora: *“La maison est pleine comme un oeuf!”* Mas a porta ficou aberta. Apeamos-nos, levamos os cavalos para trás de casa, onde deviam ficar durante a noite, e entramos. Darieux não tinha exagerado; *car vraiment, la maison était pleine, comme un oeuf!*

Um francês com uma blusa azul-clara muito pregueada, atraiu primeiro nossa atenção pela sua loquacidade. A jovem esposa do estalajadeiro era uma suíça de Friburgo e falava francês; ajudava nos serviços da estalagem uma pequena criada alemã, loura. Na sala vizinha estavam alguns brasileiros sentados à mesa; mas quase me ia esquecendo de uma pessoa interessante, do louro stralsundense que viajava agora como carpinteiro. Tinha sido marinheiro, fora recrutado no Rio para um cruzador imperial e tinha feito a guerra contra Buenos Aires.

À mesa – ceou-se bem, mas tivemos de esperar muito pela ceia – o pequeno francês de blusa divertiu-nos não pouco. Quis que

adivinhassemos em que parte da França tinha nascido; mas ninguém adivinhou. Por fim declarou que era bearnês, “o que, aliás, não se podia deduzir do seu sotaque parisiense”, e acrescentou que tinha sido educado em Paris. Foram-lhe apresentados, embora um pouco tardiamente, os desejados cumprimentos pela sua pura pronúncia. Aliás, tínhamos logo notado no pequeno negociante francês de madeiras o esforço que fazia para manter imperturbável seu puro dialeto parisiense diante dos brasileiros da floresta virgem, aproveitando todas as oportunidades para brilhar na construção das frases.

Nós quatro enchemos um quartinho só para nós, cada um com uma cama. Apagaram-se as luzes e por algum tempo ainda a parolice do francês na sala vizinha misturou-se ao encachoeirar do Macacu – mas não tardei a adormecer. Contudo, antes de adormecer já sabia que meu mapa da Província do Rio de Janeiro, publicado em Mannheim, continha alguns erros; assim, por exemplo, o Macacu passa ao lado de Águas Compridas – assim se chama nossa estalagem – não termina logo abaixo da mesma e sim corre ainda por um bom pedaço serra adentro.³⁴

29 de setembro

Eram nove horas quando montamos novamente. Diante da casa via-se um enorme tronco coberto de orquídeas e por trás subia a encosta da montanha. No sopé da mesma já tinham derrubado a floresta, mas os tocos erguiam-se acima do mato alto e do capim; troncos isolados que tinham escapado ao machado e ao fogo, já descascados, elevavam-se para as nuvens negras. Mais em cima na encosta recomeçava a floresta escura, cujas profundas sombras faziam realçar os troncos brancos. Nosso caminho seguia pelo vale do Macacu acima, que corria tumultuoso muito embaixo à nossa direita; víamos ao mesmo tempo, em frente a nós sobre os cumes nevoentos, as florestas virgens para além do riozinho, ostentando os mais variados tons de verde, que não encontramos nessa diversidade nas nossas florestas.

Aqui, até onde a vista alcança, é tudo floresta. Mas não tardou que cavalgássemos à sua fresca sombra, perdendo assim a perspectiva

34 Desde sua nascente até ao engenho do Coronel Ferreira este rio chama-se Águas Compridas, daí em diante, onde se torna navegável, passa a chamar-se Macacu.

desta região que, aliás, hoje, com a chuva miúda, não se mostrava sob a melhor luz; perdia-se sobretudo inteiramente o contorno das montanhas. Pouco depois saímos na encosta duma montanha que contornamos. À margem do caminho, no meio da encosta, viam-se algumas casas isoladas; a floresta era aqui mais aberta, e plantações de café cobriam as colinas. Todas estas casas por trás de Águas Compridas têm o nome coletivo de Registro, não obstante o “registro” (posto fiscal) mesmo, ficar só a uma centena de passos da estalagem, ao passo que meu mapa põe o mesmo ainda a meio caminho para Nova Friburgo, onde outrora havia dois postos de guarda, nos quais, em 1820, sob o governo de D. João VI, os colonos suíços enviados da Europa para Nova Friburgo tinham de visar seus passes quando queriam ir da colônia para o Rio. Desde 1828, porém, estes postos foram suprimidos; contudo os lugares onde ficavam dantes continuam ainda a ser conhecidos como primeiro e segundo postos. Muitas tropas, cujos condutores eram na sua maioria descendentes de índios, encontraram-se conosco nas estreitas veredas da montanha. Mas não tardou muito e a floresta virgem envolvia-nos novamente!

Dantes perguntávamos sempre nas nossas excursões a cavalo se esta ou aquela eram florestas virgens; agora não perguntamos mais, porque já sabemos!

Diz-no-lo aquela impressão de solenidade, aquele sentimento de veneração que se apodera de todo aquele que entra pela primeira vez numa floresta virgem. A princípio olhávamos atônitos para aquele labirinto de altos e esguios troncos, para as maranhas de lianas, para o alto, para aqueles imensos tetos de copas por cima de nós que só nos deixavam ver o céu como através de um véu, sem que, porém, nos pudéssemos dar conta do que víamos. Pode-se pintar no lar uma floresta virgem com a mais abrasada fantasia, mas se verá sempre a mais ousada expectativa excedida quando se põe realmente os pés dentro de uma dessas florestas. Tudo aí é colossal, tudo parece pertencer a um mundo primitivo; nós mesmos, com as nossas montadas, pertencemos inteiramente a uma outra era. Primeiro é o monstruoso padrão de medida que nos espanta; logo depois desperta em mais alto grau de admiração ainda a completa diversidade do mundo vegetal destas florestas em relação a nossa parte do globo. Se na pátria um arbusto, ou aqui e ali uma árvore frutífera,

floresce numa alegre riqueza de colorido, aqui encontramos árvores colossais em floração, cuja altura excede o dobro, o triplo das nossas, e cujas flores poderiam ser comparadas com as maiores dos nossos jardins e, ademais, desabrochando em tão grandes quantidades, que muitas vezes parece revestirem toda a copa da árvore, como já dissemos das sapucaias encarnadas, nas quais, nesta época do ano, todo o vestígio do verde desaparece. Hoje foram sobretudo aquelas belas árvores com esplêndidas e grandes flores lilases e aquelas de floração branca que mais concorreram para o esplendor da floresta, contrastando o mais graciosamente com as várias nuanças de verde que as rodeiam. Se o olhar errático se tiver saciado de todo o esplendor de cores, procura novamente as profundas sombras que solenes e melancólicas se abrem para nós por entre os troncos gigantesco ao lado do caminho. Aí brilha subitamente no meio da escura folhagem o cacho cor de fogo com 30 centímetros de altura, de uma bromeliácea como um gigantesco ananás. Atraem-nos então novamente a atenção as mais lindas orquídeas, que em parte trepam pelos troncos eretos como círios, em parte cobrem agreste e pitorescamente os galhos que raramente se ramificam abaixo de 20 a 30 metros do chão. A grande fertilidade do solo parece que deixa as árvores crescerem demais ao mesmo tempo juntas umas das outras, de maneira que no princípio nenhuma encontra espaço para se ramificar, e daí uns troncos esforçam-se mais por exceder outros e conquistar espaço mais em cima. Ali, onde galhos pequenos nascem dos grandes ou ali onde estes se bifurcam, costumam as bromeliáceas aninhar-se, tornando-se muitas vezes colossais, iguais a um aloés da altura de um homem, e olhando dessas vertiginosas alturas para o viandante embaixo, curvam-se graciosamente.

Entre toda esta variedade de plantas, que parecem nascer dos troncos e galhos ou equilibrarem-se neles, vêem-se aqueles liquens que como longas cabeleiras ou caudas de cavalo pendem dos galhos que suportam as colossais orquídeas, ou em forma de longas barbas dão aos gigantes das florestas virgens o aspecto de veneráveis anciões que o peso de milênios não pôde curvar. Além disso pense-se nos milhares de cipós que, de cima, se esforçam por alcançar a terra embaixo ou ficam pendentes no ar sem poderem alcançá-la; pense-se neles, tendo na sua maioria muitos centímetros de grossura, muitas vezes a grossura mesmo

de um homem, e revestidos de espessa casca como os galhos da árvore; mas serão inúteis todos os esforços para se imaginar os inúmeros, bizarros entrelaçamentos, atingindo às raias do fabuloso, em que se nos mostram. Muitas vezes descem como grandes troncos eretos parecendo terem saído da terra, de maneira que pela sua grossura podem ser tomados por árvores; outros formam grandes laços ou anéis com 3 e 6 metros de diâmetro, ou enrolam-se tão intimamente uns nos outros, que poderiam realmente ser tomados por grossos cabos de âncora. Algumas vezes apertam a árvore de distância em distância, chegando a asfixiá-la e fazê-la perder toda a copa, e seus gigantescos galhos mortos estendem-se como monstruosos corais brancos por entre o fresco verde da floresta, como tantas vezes surge da mesma forma a morte cruel em meio de florescente vida. Freqüentemente dão, também, ao velho tronco, em lugar da roubada, uma nova copa verde, daí parecer, muitas vezes, ter a mesma árvore três a quatro espécies de folhas.

As frondes são sobretudo infinitamente variadas, mas as folhas são na maioria finas e pequenas e as copas que formam não são de grande circunferência mas muito freqüentemente são arqueadas como a do pinheiro. Nunca vi coníferas nas florestas virgens; mas as copas, devido a sua cor escura, muitas vezes parecem-se, como já disse antes, enganadoramente com elas. Tinha um aspecto muito peculiar um grupo de embaúbas cujos troncos brancos lisos e finos, enraizados numa colina ao lado do caminho, erguiam-se altos saindo do mato, e cuja pequena coroa era formada por grandes folhas recortadas pitorescamente, encostadas umas nas outras ou sobrepondo-se. Não predeu menos minha atenção uma outra árvore em muitos respeitos semelhante à embaúba, com folhas prateadas e de reverso branco; os ramos regulares se estendem e se curvam para cima como braço de candelabro, dando-lhe um aspecto peculiar.

O maior encanto que a floresta virgem proporcionou, pelo menos a mim, foram aquelas delicadas e graciosas palmeiras que a mais leve brisa faz curvarem-se de um lado para o outro. Seus troncos finos e flexíveis quase que se podem abarcar com a mão; no entanto alcançam até a metade dos troncos das altas e frondosas árvores; uma altura de 18 a 21 metros. Como um penacho, não deixando também de parecer um molho de penas voltadas para baixo, agita-se muito alto em cima a

pequena coroa formada de extremamente delicadas folhas piradas, verde-clara, que terminam em ponta aguda que às vezes dá a esta linda palmeira o aspecto de uma lança e outras também o de um caniço oscilante. Nunca vi nada mais gracioso! Quando estas lindas palmeiras aparecem, saindo sempre em grande número dentre as frondes, deixam-se baloiçar pela mais leve brisa, ou sacodem suavemente as lindas coroas como cumprimento, altivas e alegres, para baixo. As palmeiras parece gostarem de sociabilidade – não só as altas e esguias, como também as com espinhos e grandes coroas, como muitas outras altas e de troncos grossos, e as que brotam diretamente do solo, sem troncos, costumam em certos lugares manterem-se juntas. Muitas vezes cavalga-se por grandes extensões sem ver nenhuma espécie de palmeira e depois elas acompanham-nos por muitas horas.

No começo prosseguimos calados nosso caminho, mas logo depois seguiram-se exclamações sobre exclamações, porque a cada passo se apresentava um novo quadro aos nossos olhos! Contudo, ninguém ousaria mandar um quadro assim para uma exposição de arte em Berlim, porque os críticos pensariam que o artista quis divertir-se reunindo num só quadro todas as raridades e todas as plantas da Terra, toda a Flora do Brasil, para produzir um verdadeiro efeito teatral que tentara ainda exalçar ultrapassando a medida! Onde se pode ver o grande e sublime com o original, o belo com o gracioso unidos num todo harmonioso, como nas florestas virgens tropicais do Novo Mundo?

Por causa das minhas esguias e flexíveis palmeiras tinha quase esquecido os fetos arbóreos, únicos que podem rivalizar com elas. Podem realmente, ser comparados com pequenas palmeiras; somente sua leve e elástica fronde de folhas parece mais chata e mais espessa do que a coroa das palmeiras; deixam também pender mais as folhas sem arqueá-las como estas. São lindos quando suas enormes folhas, com 3 a 5 metros de comprimento e certamente mais de metro e meio de largura, e bafejadas pela mais branda aragem embalam-se graciosamente e continua infinitamente este suave balouçar.

Não reina, porém, um profundo silêncio na floresta virgem, como naturalmente se pensa, porque os pássaros e as cigarras não emudecem nem por um instante. Alguns dos primeiros, e entre eles um belo e grande pássaro pardo prenderam nossa atenção. *Herr Theremin*

reconheceu também o grito do ferreiro-branco ou araponga, que, porém, não pudemos ver. Procuramos atentamente macacos por todos os lados, mas em vão.

O caminho tornava-se cada vez mais íngreme e pouco a pouco tivemos novamente outra vista das florestas aos nossos pés; como à esquerda dessas florestas virgens terminam todos os caminhos, pode-se, talvez por muitos dias, abrir picadas com os facões através delas antes de se encontrar novamente gente! Contudo, conosco as coisas correram melhor, porque em cima, no mais alto ponto do desfiladeiro, a quatro léguas de Águas Compridas, não só encontramos gente como até honrados alemães. Wilhelm Eller, de Darmstad, recebeu-nos efusiva e amavelmente e serviu-nos o melhor que pôde. O puro dialeto darmstadense de sua mocidade quase que nos fazia esquecer que estávamos ali no meio da floresta virgem em cima da inóspita serra. Era na verdade comovente, ver como o Wilhelm ainda se achava preso à Alemanha, que deixara havia já dezoito anos, e a todas as suas velhas recordações, e que alegria sentia por seus garotos terem crescido em meio das florestas virgens tão alemães como se tivessem sido criados na pátria de seus pais.

Nosso hospedeiro sabia contar muita coisa sobre os variegados pássaros que em diversas estações do ano visitavam sua solitária morada. Disse-nos entre outras coisas que as araras costumavam pousar nos galhos muito perto de sua casa; contou-nos também que uma vez tinha sido visitado por uma onça que lhe rondara a casa por algumas semanas.

Um outro alemão, Henrique Vogler, de Brunswic, tinha-se também detido em casa de Wilhelm; tinha sido soldado na Legião Alemã e parecia não estar muito satisfeito com sua permanência no Brasil. Nossa hospedeira, natural de Bingen, trouxe-nos a refeição, e logo depois montamos novamente. Pelo que nos cobraram, vimos que tinham-se conservado aqui tão simples e honestos como se estando com eles tivéssemos voltado novamente para a Alemanha. Como muitas pessoas ligam importância a ninharias, perguntaram-me “se a minha bengala era alemã” e ficaram tristes ao saberem que não era, porque tinham pegado nela com prazer.

Partimos cerca das duas horas e descemos, acompanhando um riacho, o outro lado da serra, que contudo não era tão elevado quanto ao lado por onde subíramos. Florestas virgens cobriam ambos os lados

do vale; perto do caminho havia menos troncos altos, mas não faltavam aquelas lindas palmeiras e delicados fetos; mas entrou algo de novo que deu ao todo um aspecto inteiramente diferente: os altos caniços, taquaruçu. A não ser em meu passeio ao Jardim Botânico, perto do Rio, não tinha ainda encontrado o bambu brasileiro em parte alguma. Como lanças verde-escuras de 9 até 18 metros de altura, elevavam-se acima de árvores bastante altas, e curvavam-se, na maioria como feixes elásticos de lanças, em altos arcos sobre o caminho. Embaixo alcançam muitas vezes a grossura de um homem; são regularmente articulados por anéis; às vezes são completamente lisos e às vezes brotam neles pequenas folhas em galhos finos apenas visíveis. Estas canas, como as palmeiras, quase sempre crescem juntas em grande número.

O solo do vale parecia já estar em muitos lugares cobertos de capoeiras; as encostas da montanha tinham sido em parte queimadas; só algumas palmeiras chamuscadas estavam ainda de pé aqui e ali no terreno nu, deixando pender tristonhas suas coroas amareladas – numa palavra, já tinha começado a orlar a floresta virgem. Isto se nos tornou claro perto de Claire, o suíço, cuja granja não tardamos a atravessar mais baixo da de Wilhelm; e quanto mais descíamos mais se estendiam as terras cultivadas.

Agora o vale alargava-se num bonito caldeirão verde entre as últimas florestas virgens. Aí ficava à margem de um claro riacho uma única casa, onde havia festa e estavam reunidos muitos alegres alemães. Pouco depois veio até nós, montado num ruço, o padeiro Grippe – sob este ominoso nome apresentou-se a figura montada – e censurou-nos por não termos parado em casa do escocês. Parecia ter-se divertido um pouco demais e cavalgou ao nosso lado sob um forte aguaceiro, que quase arrastava as colinas de barro para cima de nós, até sua morada. O aguaceiro tirou-nos toda a perspectiva; aliás, o sol já se estava pondo quando avistamos diante de nós, num prado cercado de colinas, a colônia Nova Friburgo, chamada também no Morro Queimado.³⁵ Já eram cinco horas quando depois de um dia de sete léguas de marcha, entramos nessa povoação de dezesseis a dezoito casas com pequenos jardins em volta, e nos apeamos diante da casa de Mrs. Gould.

35 As colinas e montanhas em volta de Nova Friburgo têm nos meses de inverno o aspecto de tostadas; daí o nome.

O resto da noite foi destinado a colher informações exatas sobre caçadas. Esperávamos naturalmente encontrar a caça grossa que nos tínhamos prometido no Rio. “Na serra perto de Nova Friburgo”, disseram-me, “o senhor pode facilmente matar antas (tapir). Os tigres não são tão comuns, mas por que não há de aparecer uma onça também?” Minha paixão pela caça, que até então tinha-se limitado a pássaros de várias cores e pequenos animais silvestres, estava também excitada, embora em menor escala do que os meus dois jovens condes.

Herr Besecke, a quem nos tinham indicado, lamentava muito só ser possível para amanhã uma caçada de veado, e que só depois de amanhã é que poderíamos penetrar mais nas montanhas para uma caçada de antas. Com a cabeça cheia de antas, tigres, pássaros de variegadas cores, lianas e gigantescos suportes de orquídeas da floresta virgem, depressa concordamos.

30 de setembro

Antes de partirmos para a floresta, fomos por um momento à casa de *Herr* Besecke, nosso Nemrod, que, porém, agora, depois de o conhecermos melhor se revelou ser mais negociante de pássaros, peles e taxidermista. Ocupava mais de trinta caçadores, que em parte armara de espingardas e a quem comprava a caça. Sua bonita mulher ajudava-o à noite a embalsamar os produtos dessas caçadas, um trabalho que fazia com muita habilidade e muita graça, mas que, não obstante, não parece ter sido feito para mãos femininas. Atualmente, *Herr* Besecke tinha no seu depósito 35.000 pássaros, entre os quais os mais belos colíbris cujas penas cambiantes do peito serão no Rio transformadas em flores, constituindo assim, por conseguinte, um importante artigo de comércio. Nosso pseudoNemrod tinha navegado por uma grande parte da superfície líquida do nosso planeta, mas nunca vira a Europa, embora falasse tão bem o alemão. Seu pai, um berlinense nato, tinha, como nos disse, emigrado para a América do Norte; ele mesmo no entanto nascera cidadão dos Estados Unidos. O jovem Besecke parece ter herdado a instabilidade do pai, porque muito novo ainda empreendeu uma viagem à costa de Moçambique, e de lá, se não me engano, veio para o Brasil num navio negreiro, e aqui se fixara havia já anos.

Na caçada de hoje, absolutamente sem êxito, só se falou no veado como se fosse o único representante de todos os quadrúpedes nas florestas em volta de Nova Friburgo. Nessa modesta peça de caça concentraram-se, pois, todos os nossos hipertensos anseios e a ela foram daí por diante dedicados todos os nossos esforços. Enquanto nós, com a mais louvável persistência, estávamos numa espera numa encosta com um alto bambuzal, escutando e espiando tensos, pregou-nos o veado uma boa peça quando, para alegria da garotada, trotou pelo meio da larga rua de Nova Friburgo e até em direção ao nosso próprio criado como se quisesse lançar-se nos seus braços, mas, desviando-se dele no último momento com uma rápida volta, desapareceu.

Como nada mais havia a fazer no que concernia ao veado, fui com um rapazinho alemão para a capoeira caçar colibris. A princípio recusou-se a falar alemão e só depois de muito pedir deixou-se persuadir e desistiu do português. Quando seguíamos pela vereda escorregadiça um atrás do outro perguntei-lhe entre outras coisas, donde eram seus pais. “Da Alemanha”, respondeu-me, e perguntei-lhe então novamente. “De que lugar?, porquanto a julgar pelo sotaque do filho devia ser do Reno. “Da Europa, dizem eles”, respondeu-me. Depois parecia querer morrer de rir-se por não haver colibris na nossa terra, e não podia compreender por que eu só queria atirar nestes pássaros tão comuns, sendo melros e pombas “tão mais bonitos e raros!”

1º de outubro

Com grande pesar nosso não foi possível novamente realizar hoje a caçada de antas, porque, com o tempo chuvoso, disseram os caçadores, era impossível persegui-las na espessura molhada da floresta virgem, e os cachorros também “ficavam sem faro!” Fui por isto novamente à caça dos colibris com o meu jovem companheiro.

O estabelecimento da colônia suíça em Nova Friburgo foi ao tempo do governo de D. João VI (1820) que fez construir um renque de pequenas casas juntas e dividiu pelos colonos lotes de terra numerados que se estendiam por duas ou três horas num semicírculo em volta do Morro Queimado. A colônia progrediu lentamente, sobretudo e certamente devido a suas defeituosas comunicações com a Capital, que eram

efetuadas em caminhos muito lamacentos na estação chuvosa e por meio de tropas muito caras. Manteiga fresca, um artigo muito raro no Brasil, batatas e outros produtos europeus que se davam muito bem no clima frio da serra, eram remetidos para o Rio, de onde recebiam em troca sal, vinho e artigos manufaturados. Além dos suíços fixaram-se aqui muitos alemães e encontraram-se também em Nova Friburgo franceses e ingleses, aliás representantes de quase todas as nações. Fala-se muito francês e alemão; a juventude, ao contrário, serve-se em geral da língua portuguesa, pelo menos fora de casa. O pastor protestante, Sanerbrunn, é um hamburguês nato.

Em geral o pessoal aqui não parece satisfeito com a sua permanência, e almeja regressar; contudo não são todos, porque para muitos as coisas parece que correm bem. Há épocas em que Nova Friburgo é muito sociável; quando vêm muitos estrangeiros, sobretudo ingleses do Rio, chega-se até mesmo a dançar em casa de Mrs. Gould, talvez para distrair suas três ou quatro jovens pensionistas, e destes bailes se fala até às margens do Paraíba do Sul. Achamos consideravelmente mais fresco aqui em cima da serra do que no Rio; à noite até geava.

2 de outubro

Muito cedo, às seis horas, quando o dia acabava de clarear, deixamos a Colônia. Cavalgamos atravessando obliquamente a larga rua ou praça que Nova Friburgo forma, passando por dois magníficos pinheiros brasileiros à saída da povoação, os únicos que vira em toda a minha viagem, e saímos na capoeira em volta, na qual as paredes rochosas mais arredondadas que fecham o caldeirão do Morro Queimado se erguem para as espessas nuvens. O caminho seguiu por algum tempo por esta capoeira entremeada de belas árvores solitárias da floresta virgem, e desceu logo depois para o aprazível vale para cuja direita nós passamos. Defronte, do outro lado do riacho murmurante que corria embaixo à nossa esquerda, subiam as cactáceas ousadamente, por aquelas paredes rochosas que se prolongavam ainda a nossa esquerda, enquanto que a nossa direita perto de nós à margem do caminho, começava a umbrosa floresta virgem.

Tínhamos já aqui entrado na bacia do Paraíba; o inocente riachinho ali embaixo se transformara aos poucos numa impetuosa

torrente da montanha – já tem até um nome, francamente mais pomposo do que merece; chamam-no o rio Grande. Aqui e ali fica uma casa perto dele. A “estrada real” é aqui uma vereda, que sobe pela encosta da montanha, tão estreita que as tropas que encontrávamos se viam em não pequena dificuldade para se afastarem para o lado. Como o muar põe sempre a pata onde o da frente pisou, formam-se buracos de trinta até sessenta centímetros de profundidade no barro mole, verdadeiros depósitos de lama entre os quais fica sempre um pedaço de terra, por cima dos quais os animais só com muita dificuldade podem passar.³⁶ Enfiam às vezes as patas dianteiras e as traseiras nesses buracos, encostando a barriga nos pedaços de terra que ficam entre eles e que se assemelham algo ao teclado de um piano, com o que se tornam um obstáculo quase insuperável. Em longos períodos de chuvas – e isto não faz parte aqui das raridades – os muares exaustos encontram muitas vezes a morte nestes terríveis caminhos, o que provam os muitos esqueletos destes animais que se encontram às suas margens, sendo este o motivo de os viajantes terem de prover-se de montadas de reserva.

Nesta região foi também que vimos pela primeira vez os originais ninhos do pássaro do gênero *Cassicus*, que pendem como garrafas verdes dos galhos das altas árvores da floresta virgem.

Cerca das nove horas chegamos embaixo no vale às casas isoladas a que chamam “Banqueta”, onde passamos o rio Grande por uma ponte em péssimas condições. As encostas de ambos os lados aqui já foram desbravadas; só uma ou outra árvore da floresta virgem desafiou o fogo devastador. Mas pouco a pouco recomeça a capoeira à margem do caminho, começando a floresta virgem muito mais em cima. As paredes de rocha foram também desaparecendo pouco a pouco e em seu lugar apareceram embaixo, no vale, algumas rochas pitorescas por entre a verdura.

Não muito longe de Banqueta, *Herr* Theremin chamou a minha atenção para os gritos dos papagaios. Eu nunca ouvira uma gritaria tão estridente de pássaros. É tão forte, que no princípio, facilmente enganados, voltamo-nos para todos os lados, imaginando-os muito perto de nós, até que por fim, depois de muito procurar, descobrimo-los apenas visíveis a

36 A estes buracos os tropeiros chamam “caldeiras” e também “caldeirões”. Caldeira em português significa também um buraco numa árvore onde a água se junta.

uma altura incrível. Quando íamos pelas aprazíveis margens do rio Grande, um grande bando destes pássaros pousou numa alta árvore perto do rio. Apeamo-nos, carregamos nossas espingardas, aproximamo-nos cautelosamente de debaixo da árvore e disparamos uma salva contra o bando. Dois caíram no rio que infelizmente depressa os levou consigo. Teríamos pelo menos tido oportunidade de admirar de perto sua bela combinação de cores, já que lá em cima nos ares ficavam escuros contra o céu azul, e pousados nas árvores com as asas em repouso é difícil diferenciá-los do verde da folhagem. Por este motivo não é também fácil visá-los, como se poderia imaginar da sua despreocupação; em compensação, denunciam-se facilmente por não ficarem quietos no lugar onde pousam ou no galho onde trepam gravemente dum lado para o outro. Assim que se atira por baixo deles, o bando grita com redobrado vigor, voa circulando por cima e volta pousando a maior parte das vezes novamente numa outra árvore perto. Foi assim que o Conde Bismark conseguiu matar ainda um terceiro papagaio, que pudemos levar conosco.

Depois de algumas horas, cerca de uma hora da tarde chegamos a Bom Jardim, uma casa isolada pertencente ao solitário Monsieur Maulaz, que fica a seis léguas de Nova Friburgo e que é ao mesmo tempo uma venda. O vale aqui é menos agreste do que mais para cima, porque daqui para baixo começam os cafezais. Uma tropa acampara no caminho muito perto da casa. Não faltaram também outras visitas; um jovem suíço vindo das margens do Paraíba e um saboiano descansaram seus animais aí. Este último havia já algumas horas, desde Banqueta, que cavalgava ao nosso lado; o suíço, porém, estava lá com o seu muar cansado havia já alguns dias. Ambos contavam muitas coisas sobre onças e antas que deviam habitar as florestas. O que, porém, relataram de mais interessante concernia ao ato heróico de uma mulher, que descrevia com as mais vivas cores. Não havia ainda muito tempo uma mulher ali por perto, teve, na ausência do marido, de defender sua casa contra um tigre. Como esses senhores viram que tínhamos muito interesse em procurar aventuras como essa, fizeram-nos propostas muito amistosas, que por felicidade recusamos a tempo, porque não tardamos a notar que prometiam mais em nome de outro do que podiam cumprir.

Nosso hospedeiro parecia já ter conhecido melhores tempos. Monsieur Maulaz, um suíço, se não me engano, era de uma boa família e

tinha perdido toda sua fortuna com a revolução de julho; Madame Maulaz, porém, era uma francesa natural da Borgonha. Ambos tinham morado em Paris, onde sua filha mais velha, uma bonita menina quase adulta, tinha nascido. Muito embora os pais estivessem pobremente vestidos, seus quatro filhos estavam muito bem arrançados. Tudo na casa estava rigorosamente limpo e a comida era muito boa, mas tivemos de esperar muito tempo por ela, de maneira que só depois das quatro horas foi que pudemos deixar Bom Jardim em companhia do sardo.

Foi uma tarde alegre; os papagaios enxameavam circulando e gritando muito alto nos ares sobre as colinas plantadas de milho e de café, que cercavam o vale. As plantações de café nas encostas davam à região um aspecto particular; são arbustos verde-escuros, arredondados, que embora plantados regulamente, oferecem aos olhos uma vista agradável.

Muitos pássaros variegados voavam em torno, e por duas vezes me deixei induzir e apeei-me para atirar neles, mas de ambas as vezes sem o resultado desejado. Isto nos demorou muito, naturalmente. O caminho melhorara, o sol já estava pondo-se e ainda tínhamos uma grande parte da etapa do dia diante de nós; passamos então para um trote largo, cavalgando por um belo prado com grupos de árvores da floresta virgem, e contornamos a Fazenda da Penha, a duas léguas de Bom Jardim, que ficava à nossa direita, muito abaixo de nós, quando subíamos as colinas dos cafezais.

O sardo voltou daí sem se despedir de nós; já tendo mandado de Bom Jardim nossos arrieiros na frente com os animais de carga, estávamos inteiramente entregues a nós mesmos, e por caminhos completamente desconhecidos. Anoiteceu de repente e em poucos minutos estava escuro como breu, não se podendo ver mais nem o menor vestígio do caminho. Não tive outro recurso senão levar para frente os muares em cujo senso de orientação eu desde muitos anos tinha muita confiança. O Conde Bismark foi o primeiro a passar para a frente cavalgando sua velha mula cinzenta, e entrou animado pela noite adentro. Nas florestas virgens ou no que quer que nos rodeava, ecoavam velhas canções alemãs, enquanto a mula a nossa frente, cônica de sua importante tarefa, avançava com segurança. A fila tinha-se contraído e o Conde Oriolla encarregara-se da retaguarda. As cigarras cantavam ao seu modo estrídulo, que quase

parecia uma paródia ao estridular da nossa pátria; aqui e ali ouvia-se o melancólico e pungente canto do sapo, que se escuta quase como um gemido humano, enquanto que o sapo-martelo fazia um barulho como se estivesse derrubando árvores. Não nos enxergávamos mais uns aos outros, não podia nem mesmo ver as orelhas do meu *Botocudo*. Contudo parecia-me às vezes vislumbrar o sobretudo claro do Conde Bismark ou sua mula cinzenta-clara. Passou-se muito tempo assim. Se passávamos por uma encruzilhada onde era preciso deliberar, a mula decidia! Nós não sabíamos nada das veredas naquelas terras distantes! Muitas vezes julgávamos estar subindo uma encosta, um vago pressentimento fazia-nos suspeitar isso; então nossos animais escorregavam novamente no barro mole, o corpo caía para a frente: estávamos descendo, nos sentíamos sós, porque a escuridão da noite impedia-nos de enxergar o menor vestígio de caminho. A intervalos ouvíamos um baque, mas nosso *Prinz Eugenius* ou o *Dessauer* e a *Mantellied*³⁷ não emudeciam por isso um só momento! Só mais tarde sabíamos quem tinha caído! Era interessante ver como os animais sondavam a profundidade da água que num ou noutro ponto alagava o caminho. De repente avistamos uma luz diante de nós! Levamos muito tempo para chegar lá. Escutávamos tensos, crendo ouvir muitos sons: vozes, derrubada de árvores, tudo parecendo indicar a presença de gente. O que seria, porém? Um desses grandes vaga-lumes como eu vira uma vez enxamear nos desfiladeiros perto de Palermo! Por um par de vezes mais nos deixamos enganar assim; depois ficamos mais prevenidos. De súbito nossos animais chocaram-se contra paus atravessados que pareciam vedar o caminho, e com dificuldade treparam por cima prosseguindo. Uma fogueira brilhou então a nossa frente e ouvimos distintamente vozes – paramos no bivaque de uma tropa num campo úmido e frio! Que alegria! Nosso caminho estava certo: estávamos realmente na estrada para Cantagalo. “Cantagalo fica ainda a duas léguas daqui”, respondeu à nossa pergunta o homem que nos abriu a cerca por trás do bivaque. Prosseguimos reanimados. *Herr Theremin* com sua mula rendeu o Conde Bismark no seu perigoso posto! Começou então a relampejar, e como! Por um segundo víamos o caminho através do terreno acidentado e de súbito tudo ficava novamente negro! De vez em quando gritavam da cauda da coluna para fazer alto – alguém devia

37 Canções alemãs.

ter caído. Parávamos por um momento e todos prosseguíam novamente. De súbito, houve uma confusão geral; estacamos, tinha-se perdido todo o vestígio do caminho! Uma parte da coluna, no relâmpago seguinte, fez alto em cima, à beira de um desfiladeiro, o resto estava embaixo; passaram-se bem dez minutos antes que a ordem de marcha fosse novamente restabelecida. Numa dessas ocasiões, se bem me lembro, o Conde Oriolla perdeu o poncho.

Prosseguimos assim ainda por muito tempo até que um novo relâmpago iluminou dois caminhos que se bifurcavam diante de nós. Hesitamos, bem sabendo que um caminho errado não nos levaria a Cantagalo, e sim, quando muito a algum bivaque encharcado, porque a chuva havia muito que caía torrencialmente! Surgiu então, subitamente, como um verdadeiro salvador no momento difícil, o sardo, que se incumbiu de guiar nossa coluna. Pouco depois cavalgávamos através de um vasto lençol de água, cuja profundidade *Herr Theremin* teve o prazer de verificar caindo por cima da cabeça da sua mula. Mas como se isto não bastasse, cavalgávamos novamente por uma garganta, onde tivemos de esperar muito até que descessem sem acidentes os que em lugar de seguirem a vereda tinham preferido ir pela orla da ravina em cima. A este número pertencia *Herr Theremin*, que por um momento se apeara de sua mula molhada, e que mal lhe tinham gritado que “tomasse cuidado porque estava em cima da beira”, não sabendo de que lado ficava a encosta, deu um passo à frente na noite escura e com um verdadeiro estrépito rolou aos pés de nossas montadas. Isso deu muito que rir, e levou muito tempo antes que o cônsul persuadisse seu fiel animal a descer até ele. Apenas *Herr Theremin* montou novamente, prosseguimos por uma vereda escorregadia e até, como nos pareceu, por uma encosta acima, parando de súbito diante da porta de uma casa! Era a casa de Monsieur Friaux, em Cantagalo. Tínhamos assim alcançado, depois das dez e meia, o lugar do nosso destino, felizmente, embora, não contando com os desastres do cônsul, o Conde Oriolla tivesse caído sete vezes do seu hirsuto baio de rabo curto e meu criado três vezes do seu teso ruço.

Foi nessa mesma hora da noite (a 2 de outubro de 1837) que começou no mar Negro a tempestade que fez o imperial navio de guerra austríaco *Mariana* levar 36 horas jogando dum lado para o outro na embocadura do Bósforo, ameaçando atirar-nos nas costas da Ásia Menor,

depois de já pela manhã às onze horas, à vista das montanhas da Criméia e do monte Sinope, um soldado de infantaria de marinha ter sido atirado borda a fora e ter morrido afogado. A 2 de outubro de 1822, há exatamente vinte anos hoje, caiu perto de Furstenstein, na Silésia, em cima de nós, uma chuva de pedras pesadas, quando íamos para o velho castelo. A esta recordação de um adolescente, esta noite nas florestas da América do Sul deveria um dia servir de digno *pendant*.

3 de outubro

Que triste despertar! O tedioso, monótono chapinhar da chuva que caía, as vidraças escorrendo água, a melancólica penumbra no quarto pequenino – tudo indicava um daqueles obstinados dias de chuva tão comuns nas montanhas. Quando cheguei à janela avistei a extremidade de um verde vale que se estendia diante de mim como uma selada com depressões planas. Duas encostas, erguendo-se suavemente, plantadas de cafezais diante de mim, pareciam sair de uma garganta, cujo solo escapava à minha vista, porque o sopé da colina à direita projetava-se diante do da outra. Na orla direita do vale havia sido aberto um largo caminho lamacento, que se perdia no matagal, onde a cumeeira de uma casa elevava-se para as espessas nuvens acumuladas, que enchia completamente a larga abertura entre as duas encostas, e formavam o único fundo do quadro. Um telhado perto, sobre o qual a chuva escorria, e que me tirava quase completamente a vista das imediações, de maneira que só deixava visíveis uma casa e algumas bananeiras embaixo, à esquerda no vale, formava, juntamente com uma alta chaminé, que se elevava exatamente diante de minha janela, e que dividia o quadro em duas partes, o triste primeiro plano. Além destas poucas casas não nos foi possível ver mais nada de Cantagalo, porque o mau tempo não nos convidava a isso; ademais nosso tempo era muito curto e a verdadeira cidade que devia até ter um lugar de passeio, ficava realmente do outro lado do vale por onde não tínhamos passado.

Pouco antes de montarmos, o que, devido ao mau tempo, só fizemos às dez e meia, alguns alemães tinham-se apresentado em casa de M. Friaux para dar-nos as boas-vindas. O caminho já mencionado levou-nos ao longo do vale, que para além da selada se alargava consideravelmente. Depois de alguns minutos encontramos o Dr. Troubas, um

dos três proprietários da grande fazenda que ficava perto, chamada Aldeia, e que pretendíamos visitar por nos ter sido descrita como altamente interessante no que concernia á cultura do café. O doutor que, como soubemos depois, ia assistir à amputação do braço de um negro que tinha sido picado por uma cobra, desistiu do seu paciente e voltou conosco.

Aldeia fica naquele vasto vale dos prados, que o rio Negro, um largo riacho, atravessa e que se tem de passar antes da fazenda. Na orla direita do vale estendem-se, subindo, plantações de café, enquanto que a esquerda ainda está em parte coberta de florestas. “Os macacos”, disse-nos o Dr. Troubas, “refugiaram-se naqueles pedacinhos de floresta virgem ali à esquerda, quando queimei as matas em volta, ali onde vêem a grande clareira; lá está cheio deles! Estão vendo ali atrás as colinas florestadas? Lá dentro há onças e antas!”

No bonito jardim, onde se destacava particularmente uma linda latada de flor-da-paixão, apeamo-nos e entramos na espaçosa habitação, num círculo verdadeiramente francês que se compunha de Mesdames Henry e David e de Messieurs Troubas e David, formando um verdadeiro contraste com as selvas em volta, e que a nós pelo menos, como se pode imaginar, causou uma impressão de “muito elegante”. Somente os negros e alguns negrinhos que brincavam com as crianças logo nos lembraram que não estávamos na Europa. A conversa, depois de pouco tempo, versou sobre as dificuldades das viagens no Brasil, os maus caminhos e os negros que parece serem olhados aqui como um ser intermediário entre o homem e os animais, porquanto mesmo as senhoras asseveraram quando se trata deste assunto que: *Ils ne sont pas à la hauteur du mariage* e opinavam que por isto “na Fazenda não deixavam nenhum negro casar!”

Refeitos por uma pequena merenda, iniciamos em companhia dos cavalheiros a visita aos diversos estabelecimentos da Fazenda, para formarmos *de visu* uma idéia da cultura e manipulação do café.

O café exige as melhores terras, sobretudo do lado exposto ao sol, e em geral planta-se nas terras das florestas queimadas de novo;

Flor-da-paixão é outro nome vulgar do maracujá que tem por nome científico, genérico, a designação *Passiflora*. (M. G. F.)

só em casos excepcionais plantam-no em velhas capoeiras, isto é, com pelo menos vinte anos, cujas cinzas lhe servem como único adubo. Dá bons frutos durante dez até quinze anos; depois cortam-se, brotam novamente da raiz, e dois anos depois voltam a frutificar abundantemente. Calcula-se, em geral, um negro para cada 1.000 a 1.500 pés de café; na Aldeia contavam-se 170 sem os filhos, que tinham de cuidar de 250.000 pés. De como esta cultura é lucrativa, atesta-o a circunstância de já ter sido quase recuperada a soma de 110 mil-réis, por quanto os três cavaleiros, o Dr. Troubas, o antigo negociante de vinhos David e o negociante de artigos de modas Henry, do Rio de Janeiro, compraram há cerca de cinco anos esta fazenda com mais ou menos 130 negros, ao hanoveriano *Herr* Frederico Frohlich.

Assim que o café é colhido pelos negros, as bagas são postas a secar no terreiro, um pátio diante da casa – uma espécie de eira de barro batido –; em seguida levam-nas em grandes caixas para os pilões movidos por água, e por fim para as máquinas de limpar café, por onde passam duas vezes. Só então o café está pronto para ser carregado pelas tropas e transportado.

Além destas instalações, mostraram-me também as malogradas máquinas a vapor para secagem do café, e algumas instalações necessárias para a manutenção dos negros, que quase não se podem separar do conceito de fazenda. Assim é que vimos, entre outras coisas, o primitivo engenho, uma moenda para espremer a cana-de-açúcar para a fabricação da aguardente. Estas moendas são construídas com muita simplicidade, como, aliás, todas as máquinas nesta região. A cana-de-açúcar passa entre três cilindros verticais que rodam em sentido inverso. O rum, ou aguardente de cana, obtido por esta forma das canas espremidas é de melhor qualidade do que a obtida dos resíduos de calda no fabrico do açúcar ou do melaço, a “cachaça”.

Mas ia-me quase esquecendo de um outro principal requisito numa fazenda, isto é, as pocilgas que, aliás, foi onde primeiro nos levaram. Eram feitas de troncos de bambu sobrepostos, abertas em cima e muito limpas, o que os meus companheiros não aprovaram, porque este animal dá-se melhor na lama. A gordura do porco, disseram-nos, era indispensável para o preparo da comida dos negros.

Enquanto eu me entretinha com as senhoras da casa, meus companheiros aproveitaram a oportunidade para irem ver o alojamento dos escravos, que ficava numa comprida e suja construção de um só piso que exteriormente tinha uma grande semelhança com uma cavalaria. No Lazareto, que viram primeiro, encontraram as enfermarias, como os quartos também, separados para ambos os sexos. Uma negra estava deitada na sua esteira de junco amamentando o seu negrinho a quem dera à luz a noite anterior. “Dentro de dois dias voltará ao trabalho”, disse o doutor ao Conde Bismark, a quem devo este relato. Na enfermaria dos homens estavam três ou quatro negros, todos acidentados. Depois chegou a vez do lavatório, onde cada negro tinha uma divisão provida de um número. Todos os domingos cada negro na Aldeia recebe uma calça branca lavada e uma camisa, e as mulheres um vestido e uma camisa. Daí percorreram os visitantes um largo corredor até as habitações dos negros, pequenos quartos enegrecidos pelo fumo. Todas as noites, depois do trabalho, os habitantes acendem fogo neles, sentando-se em volta por muitas horas, mesmo depois dos mais árduos trabalhos; conversam e fumam, tanto os homens como as mulheres, o fumo que lhes é distribuído todas as semanas.

O trabalho na fazenda começa às quatro e meia da madrugada, depois de todos os escravos terem tomado café com açúcar. Às dez horas almoçam, constando o almoço de farinha de mandioca, arroz cozido ou milho. Às duas horas jantam e comem carne-seca (cuja maior parte vem de Buenos Aires) com arroz e farinha, se bem que na região costumam receber só carne e gordura de porco como alimentação animal comum, porquanto o transporte da carne-seca do Rio até aqui é muito caro. Depois toca a trabalhar novamente até às sete horas da noite. Das sete às nove ceiam novamente arroz ou farinha de mandioca ou de milho, e de nove horas em diante é tempo de dormir; contudo em vez disto vêm as conversas em comum, quase sempre até depois da meia-noite. Nos quartos dormem seis até oito juntos; cada um tem sua esteira, e além disto a maioria deles constroem com galhos de árvores e tábuas ajustadas pequenas camas em que gostam muito mais de dormir do que nas esteiras: uma reminiscência talvez de sua antiga vida nas selvas, embora, como o doutor observasse com razão, fosse muito mais saudável para eles não dormirem naquelas estreitas caixas.

Depois de nos termos assim inteirado da vida dos negros nas plantações, continuamos por fim – eram já duas horas – nossa viagem, por sinal que sob o mais fulgurante sol. Perto de Aldeia vimos embaixo de uma ponte, uma pequena queda do rio Negro, para a qual já antes tinham chamado nossa atenção. Nossos arrieiros que, aliás, não sabiam muito mais do que nós, foram mandados na frente e mais uma vez ficamos entregues a nós mesmos. Não tardou muito e entramos na fresca sombra de uma encantadora floresta virgem. Conquanto não faltassem nela esguias palmeiras e belas árvores, os grandes cachos encarnados das bromeliáceas tornavam esta floresta especialmente atraente para nós; a isto juntaram-se, para fazer a impressão elevar-se ao realmente feérico, verdadeiros enxames de variegadas borboletas, das mais brilhantes cores cambiantes que, pousadas no meio do caminho, só voavam quando as patas dianteiras do meu ruço chegavam perto; ao mesmo tempo, um bando de papagaios verdes, cuja plumagem brilhava maravilhosamente à luz viva do sol, voou muito perto de nós, com sua estrídula gritaria repercutindo nos ares. O estacar e bufar do *Botocudo* fez-me baixar os olhos para o caminho, onde uma cobra enroscada aquecia-se placidamente ao sol, depois do longo período de chuvas, e, de súbito, desenroscando-se assustada, e fugindo às patas do cavalo, ganhou em rápido serpear o matagal. Das três cobras que vimos esta tarde, nenhuma parecia ter dois metros de comprimento, mas entre elas encontrava-se a mais temida, a venenosa jararaca; era tão fina quanto as outras. Por duas vezes ouvimos ainda o farfalhar de uma cobra, sem contudo tê-la visto. Nesse ínterim despertou minha atenção um belo pássaro que tomei por um tucano; atirei e matei-o, mas infelizmente caiu no meio da mata cerrada onde, a despeito de todo o trabalho, não foi possível encontrá-lo.

Enlevados em tantas belezas, não tínhamos prestado atenção ao caminho, quando, de repente, saímos da cerrada floresta virgem e vimos um comprido e largo vale coberto de cafezais que se estendia diante de nós. À esquerda elevavam-se para lá da floresta penhascos cobertos de cactáceas, enquanto que à nossa direita, acima de nós, começava novamente a floresta.

Cada vez se levantavam mais dúvidas sobre o caminho; o Conde Oriolla tirou sua bússola da algibeira: o vale estendia-se para nordeste, por conseguinte na direção de Santa Rita, portanto seguimos

por ele abaixo num largo trote. Este vale do café não tardou a tornar-se em vale de bananas, onde havia algumas fazendas. No Brasil, onde se vêem bananeiras pode-se ficar certo de haver uma habitação humana. Ambas quase que se igualavam; mas eu nunca vira uma tão grande quantidade de bananeiras. Numa casa por onde passamos julguei compreender que estávamos no meio do caminho para Santa Rita; mas a verdade era que estávamos ainda muito longe. Agora prosseguíamos por uma suave elevação e depois na floresta virgem por uma cumeada. Havia muitos dias já que, atravessando só florestas e vales verdes, não tínhamos estendido a vista muito longe, mas olhando daqui de cima para baixo, avistamos pela primeira vez ao longe montanhas azuladas, que se estendiam diante de nós, e sobre as quais aqui e ali ainda pairavam algumas nuvens, os restos dos muitos dias de chuva. A tarde foi maravilhosa!

Logo depois a vereda escorregadia descia novamente à esquerda para o vale do rio Negro. Como, por que caminho este rio tinha vindo de Aldeia até aqui, não poderíamos dizer, porquanto não tínhamos podido observar bem o terreno; mas não corria, certamente, no vale do café e das bananeiras disto estávamos convencidos. Embaixo passamos por duas casas da fazenda do senador e ex-Ministro da Guerra e da Justiça, Clemente Pereira, prosseguindo depois sob altas árvores que se curvavam por cima do rio. Tiés-fogo vermelhos voavam de um lado para outro. Santa Rita devia estar perto. Mas onde nos hospedaríamos?

Como eu sabia que Monsieur de Luze, do Principado de Neuenburg, um parente do muito meu conhecido Conde Pourtales, morava muito perto de Santa Rita, e era muito afeiçoado aos prussianos, resolvi procurá-lo e valer-me de sua hospitalidade, embora intimamente receasse ser-lhe pesado. *Herr* Theremin, que conhecera antes Monsieur de Luze como proprietário duma fazenda na aprazível serra dos Órgãos, que fazia poucos anos trocara pela Fazenda dos Tanques, voou na sua mula cinzenta num desabalado galope, para anunciar os hóspedes.

Muito perto de Santa Rita há uma pequena descida; depois deve-se subir novamente para a povoação composta de algumas miseráveis casas, que fica numa eminência à margem direita do serpeante riacho, que já tínhamos antes atravessado duas vezes. Ao passar pelo lugarejo perguntei aventurando, em alemão, a um cabeça loura, pelo caminho e,

oh surpresa! mostrou-o imediatamente indicando-o até onde podíamos ver. Apesar disso passamos adiante do nosso destino; notando logo, porém, nosso engano, voltamos. Todavia, com este descaminho, ficamos conhecendo um pedacinho de floresta virgem, que mais uma vez excedeu nossa fantasia. Aquelas lindas plantas palustres e esplêndidas helicônias rodeavam nascentes que à sombra das portentosas árvores cobertas de orquídeas e enredadas em lianas, costumam formar encantadoras lagoinhas – foram estas sobretudo que nos atraíram aqui.

Voltamos depois para o vale verde cultivado perto de Santa Rita, onde, a poucos passos do caminho, encontramos a Fazenda dos Tanques, de Monsieur de Luze, num prado cheio de bananeiras, cercado de colinas cobertas de cafezais, tendo os cumes coroados por florestas virgens. Monsieur de Luze recebeu-me com a maior hospitalidade e gentileza. Mudamos de roupa, calçamos tamancos à moda brasileira e sentamo-nos nos bancos em volta da pesada mesa na sala-de-estar, o maior compartimento em que a pequena casa estava dividida por paredes de barro, que, porém, não iam até em cima.

O vizinho do nosso amável hospedeiro, Dr. Dennewitz de Wernigerode, o Nemrod da região e o genro do Pastor Sauerbrum de Nova Friburgo, compareceu logo depois e sentou-se encantado, ao nosso lado. Trouxe à baila milhares de recordações da pátria querida e das guerras, e prometeu-nos também algumas caçadas aos animais da floresta virgem. Três negras muito enfeitadas, que agiam sempre juntas, movendo-se caladas e devagar em volta do aparador no canto da sala, trouxeram a ceia, e serviram-nos com os seus modos muito lentos e impassíveis, sem nem por um momento desmentirem sua singular gravidade preguiçosa.

Como a conversa passasse a versar sobre cobras, Monsieur de Luze disse: “Está aqui em casa um negro gravemente doente devido à picada de uma cobra” – como o negro que o Dr. Troubas devia hoje ajudar a amputar, tinha sido também mordido por uma cobra. Acrescentou: “Eu mesmo já encontrei dessas criaturas aqui, na minha cama!”

Só nos separamos tarde da noite, e procuramos nossas camas. *Herr* Theremin dormiu no mesmo quarto com o nosso hospedeiro, nós outros, porém, ficamos juntos noutra quarto.

4 de outubro

Pela manhã muito cedo Monsieur de Luze levou-me pela fazenda, mostrou-me instalações exatamente iguais às de Aldeia, e levou-me a um lugar onde o barro vermelho era atravessado por veias pétreas contendo ouro e ferro. O granito da serra de Nova Friburgo e de Cantagalo acaba-se perto de Santa Rita; daí por diante começa a pedra calcária que vai até a algumas léguas além do Paraíba. A presença de rochas calcárias já chamara ontem de longe nossa atenção naquelas montanhas azuladas, que vimos pouco antes de chegarmos a Santa Rita. Nestas formações calcárias encontram-se ouro e ferro. Eu mesmo apanhei ali pedaços de quartzo com pintas de ferro; do ouro encontrado deu-me o nosso amável hospedeiro algumas amostras.

Depois do almoço fomos caçar com *Herr* Dennewitz na floresta virgem próxima. Esperávamos encontrar lá antas e também veados.³⁸ Soltamos os cachorros que correram para as alturas, enquanto nós ficamos esperando embaixo na clareira entre os altos troncos derrubados. Eu tinha ao meu lado um *konigsbergense* nato que tinha sido carpinteiro num navio e era agora o *factotum* de Monsieur de Luze; os outros caçadores estavam muito espalhados, e em parte mais embaixo na encosta de mata à direita.

A caça nestas regiões é muito simples e baseia-se na circunstância de a presa, quando perseguida, gostar de refrescar-se nos riachos e nas lagoas. A tarefa dos cachorros é, por isto, perseguir a caça nas alturas, obrigando-a a descer para a água e indicarem pelos latidos ao caçador o lugar para onde deve dirigir-se, de barco ou a pé, para matar o animal perseguido no momento em que entrar na água.

Infelizmente os cachorros perseguiram em vez da desejada anta um veado, que passou por nós fora de alcance de tiro e foi morto a pauladas pelos nossos negros no rio Negro, depois de terem errado o tiro. Descemos depois para o rio, para a casa de Lautério, o português, que nos recebeu com a hospitalidade brasileira, oferecendo-nos peixe e café. Por fim, depois de muito esperar, os negros trouxeram-nos numa canoa o veado, que se verificou ser uma fêmea.

38 Veado é a palavra portuguesa para *Reh* no Brasil, onde se atribui a esta palavra um vasto sentido; em geral, porém, é atribuído a um animal com grandes galhos.

Matamos ainda alguns pássaros e retornamos o caminho de volta, mas apenas o iniciáramos paramos novamente. Os cachorros afuroavam o mato na encosta aos nossos pés, e o Conde de Bismark e eu entramos na capoeira seguindo-os de facões desembainhados. Aí depressa encontramos nossos negros que acabavam de tomar um quati dos cachorros.

Quando, muito cansados devido ao calor e às escabrosas veredas, onde de vez em quando tínhamos de trepar por cima de gigantescos troncos caídos ou arrastar-nos por baixo, chegávamos a casa, vieram ao nosso encontro Monsieur de Luzes e *Herr Theremin*, no melhor dos humores, com uma paca, “uma pequena espécie de porco selvagem”, que por pilhéria disseram ter sido sua presa de caça, tendo no entanto sido morta pelos negros da fazenda.

O jantar foi excelente, e só podia ser superado pelo nosso apetite; ficamos também conhecendo algumas iguarias genuinamente brasileiras. O assunto principal da conversa foi novamente os negros, e o modo de lidar com eles. Não obstante pender das paredes da sala uma coleção de instrumentos de castigo, de todos os feitios e tamanhos, parece que o negro no Brasil é em geral menos maltratado do que se supõe entre nós, e não vêem na escravidão a dureza que nos parece ser-lhe inerente, porquanto é comum nas suas pátrias e já estão desde a infância habituados a ela. Os negros requerem um tratamento rigoroso porém justo, e o próprio interesse do fazendeiro pede que os trate bem para que se conservem sadios e fortes. Parece também que não são sobrecarregados de trabalho, pelo menos não é esfalfante. Por muitos anos Monsieur de Luze morara só com os seus escravos; agora ele e o *konigsbergense* são os únicos brancos no meio de setenta negros. As espingardas e as pistolas carregadas pendentes das paredes do seu quarto de dormir provavam suficientemente quão pouco confiavam na paz; e mais de uma vez tinha tido de enfrentar seus negros, ameaçando-os com as armas carregadas.

Cerca das oito horas o sino deu o sinal para os negros se recolherem aos seus alojamentos. A noite estava extraordinariamente fresca, marcando o termômetro 15^o. Depois de termos lido por muito tempo o interessante livro da genealogia do nosso amável hospedeiro, retiramo-nos para nossos quartos.

5 de outubro

Muito cedo, cerca das oito horas, fomos para a pitoresca casa do Dr. Dennewitz que ficava perto na margem do rio, onde nos foi servido um copioso almoço, sendo o veado o principal prato. Depois desta excelente refeição, apareceu Madame Dennewitz, natural de Meisenheim, por um momento, com seus filhos; montamos então e cerca das dez horas prosseguimos a viagem em companhia dos Senhores de Luze e Dennewitz, para Aldeia da Pedra, a sete léguas de distância, que desejávamos alcançar antes do anoitecer, e onde amanhã deveríamos caçar nas margens do Paraíba.

Atravessamos novamente, com um tempo maravilhoso, aquele belo trecho da floresta virgem pelo qual, se bem que involuntária e precipitadamente já se tinham estendido nossos olhares. Um estreito e pequeno vale coberto de capoeira, cercado de colinas suaves e baixas, estendia-se pela floresta virgem adentro, que continuava sempre bela, até que, cerca do meio-dia, chegando a uma encosta da serra da Água Quente, avistamos diante de nós a azulada cadeia de montanhas além do Paraíba, que se estendia com os seus originais cumes, dentre os quais se destacava antes de todos o morro da Pedra Grande. Diante dessas longínquas montanhas estendiam-se ainda paralelamente algumas cadeias de colinas revestidas de florestas, enquanto que muito embaixo, no aprazível vale a nossos pés, via-se a Fazenda da Água Quente, à qual levava nossa vereda em íngreme descida. Diante de nós, à esquerda, desciam as encostas desbravadas da serra, nas quais se elevavam no céu azul escuro solitárias árvores da floresta extinta, como barbas que pendiam até a terra, emoldurando na descida, da esquerda para a direita, a vasta planície acidentada deste lado, que se estende diante de nós e ainda em grande parte para a nossa direita.

Eu demorara-me desenhando e tive de seguir depois. Monsieur de Luze esperava-me no vale embaixo e prosseguimos. Na capoeira ouvimos o farfalhar de cobras e grandes lagartos, e nas altas e solenes florestas vírgens que se seguiram havia algumas subidas escorregadias. Aí alcançamos também nossos arrieiros com os animais de carga. Ao desviar-se rapidamente, um dos primeiros caiu no atoleiro ao lado do caminho. Assim que o vimos safar-se voamos dali num desabalado galope

espadanando a lama em redor. Chegamos assim novamente a aprazíveis vales com capoeiras e fazendas, riachos e prados; depois o caminho prosseguiu mais uma vez através da floresta virgem por um belo e largo vale cercado por altas encostas cobertas de vegetação, em cujo solo coberto de ervas erguiam-se troncos isolados. Mal tínhamos encontrado aqui os companheiros, quando bandos de papagaios induziram-me a aprear-me e entrar na mata, na esperança de distinguir-me hoje mais na caça destes belos pássaros do que da primeira vez. Mas falhei novamente e mais uma vez os outros me levaram grande dianteira. Muito aborrecido com este mau resultado, acabara de pôr novamente a espingarda de duplo cano a tiracolo e de montar o cansado *Botocudo*, quando o negro de Monsieur de Luze juntou-se a mim, como um bem-vindo guia e prosseguimos tirando do ruço o mais que seu trote podia dar, ao longo do vale e através das florestas até nos encontrarmos novamente com os companheiros num outro vale tão bonito como o que atravessáramos por último. Aí fizemos logo depois alto diante da casa do neufchatelense, Pierre Davoine.

A boa gente ficou tão contente com a minha visita, que não queria receber nada, sentindo-se já bastante compensada por ter podido dar prova de sua hospitalidade e de sua lealdade à nossa casa. Depois de matarmos algumas piaçocas (uma espécie de galinhola) pardas e amarelas e de termos tomado café, despedimo-nos com muitos apertos de mão destes amáveis compatriotas e partimos dali num rápido galope, depois de termos dado a Monsiuer de Luze e *Herr* Theremin um pequeno avanço, para que pudessem chegar primeiro a Aldeia da Pedra e preparar-nos pousada. Nós outros seguimo-los muito de perto.

No meio destas altas florestas virgens, encontramos o verde vale da Ribeira das Areias. Aí o Dr. Dennewitz parou diante da casa de um dos melhores caçadores da região, e convidou-o para uma caçada amanhã em Aldeia da Pedra. Pouco depois deste curto *intermezzo* encontrávamo-nos novamente no meio da floresta. Nossos dois amigos que tinham sido enviados adiante tinham sido quase alcançados, quando de repente desapareceram nas sombras da floresta. Procurávamo-los em volta, quando brilhou, de súbito, o Paraíba como uma faixa de prata por entre os escuros troncos à esquerda! Aproximamo-nos da margem e vimo-lo correndo através das florestas virgens: uma portentosa torrente

tão larga talvez como o Reno em Coblenz, na qual emergiam ilhas com matas; acima de sua superfície – extraordinária perspectiva! – erguiam-se os topos de arbustos isolados como se tivessem sido inundados. Do outro lado elevava-se o cabeço escuro do morro da Pedra, como um cone truncado, acima da cerrada e impenetrável floresta e das colinas com capoeiras por cima das quais o sol que se punha derramava com seus últimos raios chamejantes um brilho alaranjado sobre o Paraíba!

Uma leva de escravos acorrentados passou por nós na estreita vereda, depois encontramos um índio já civilizado (caboclo), mais adiante deixamos para trás algumas cabanas de barro destes índios, que dificilmente se distinguem das outras habitações desta região, e prosseguimos ao longo do rio por um prado úmido para a povoação de Aldeia da Pedra, que com suas poucas casas coroa uma eminência que se salienta avançando para o Paraíba, sobre a qual se eleva uma igreja à direita. Começava a anoitecer quando, faltando um quarto para as seis, nos apeamos diante da venda de Louiz Dépanier, que se deu imediatamente a conhecer como um antigo soldado prussiano que servira no Batalhão de Caçadores da Guarda.

Pouco depois de nossa chegada, recebi a visita do Frei Florido, o cura do lugar, um franciscano de Florença. Era um homem muito agradável e prometeu guiar-nos pessoalmente para os índios do outro lado do Paraíba, com os quais se comunicava freqüentemente, já tendo batizado muitas centenas desses silvícolas e promovido seu estabelecimento naquela região.

O Dr. Dennewitz reuniu ainda aquela tarde os caçadores do lugar, ficando acertado que na manhã seguinte se realizaria uma caçada às antas, e que depois de amanhã visitaríamos os índios de Além-Paraíba, dos quais o amável frade tinha muito que contar. Fomos dormir com tigres, antas, índios, papagaios, florestas e rios na cabeça!

6 de outubro

Ao despertarmos, as perspectivas da caçada eram más; só amanhã, disseram-me, se poderia organizar uma caçada de antas. Mas amanhã devíamos ir visitar os índios, e isso estava em primeiro lugar! Logo cedo visitamos o Reverendo, cuja morada estava também preparada

para receber forasteiros. Mostrou-me muitos objetos que lhe tinham dado os índios, e teve a gentileza de se privar de alguns para me dar como lembranças. Entre outros: um anjo de madeira, que os índios tinham esculpido com uma pedra, a pele de um animal aquático com que o presenteara um índio de 140 anos, o qual ele próprio matara não se lembrando de ter nunca mais visto outro igual, nem antes nem depois; também não tinha nome entre os índios. Deram-lhe ainda um pouco do mel preto obtido de árvores pelos índios, o qual quando se passa um pavio por ele, pode arder a noite inteira, além de uma vela desse mesmo mel preparada em Campos, finalmente, a grande pena de um pássaro que tem um “chifre” no nariz e a esponja de uma árvore que recebera dos índios como raridades.

Teve ainda lugar uma caçada de veados sob um sol abrasador. Não matamos nenhum; em compensação, porém, matamos alguns pássaros e voltamos com um excelente apetite. O frade comeu conosco e acompanhou-nos depois para a solitária igreja lá em cima. A vista de lá era surpreendente; avistava-se o longo curso do Paraíba com as muitas ilhas e rochedos, e a margem oposta com o escuro cabeço rochoso fulgurantemente iluminado pelo sol poente.

Daí o cura levou-nos para uma cabana de índios embaixo, muito perto da igreja. Consistia num telhado de palha descansando sobre quatro estacas, e era habitada por uma família de coroados. Entre as estacas estavam armadas quatro pequenas redes a pouca altura do chão. Uma velha octogenária estava sentada, seminua, numa delas, brincando com uma menina pequena, inteiramente nua. No meio da cabana brilhavam algumas brasas nas quais a velha aquecia os pés nus; viam-se por perto cuias de sapucaia. Anexa à cabana ficava uma pequena construção de barro à moda da terra, porém ainda mais ligeira. Nesse escuro recinto uma bonita jovem índia, Joaninha, que parecia assustada com a nossa presença, procurava ocultar-se, e só se aproximou para receber as miçangas que von Oriolla lhe oferecia.

Passamos novamente a noite com o padre, que nos contou muita coisa sobre os índios e sua própria influência entre eles. Os que atualmente viviam em volta da Aldeia da Pedra eram coroados que, como nos disse, tinham sido expulsos pelos puris da margem oposta do Paraíba; estes últimos tinham sido também rechaçados pelos belicosos

botocudos, que vivem agora nas margens do rio Doce. O chefe (capitão) desta última tribo, tinha sido batizado pelo nosso amigo Frei Florido, e tinha ido ao Rio ver “o Grande Capitão”, isto é, o Imperador, para pedir-lhe ferramentas agrícolas. O cura calculava ter ao todo batizado novecentos índios, sendo 650 coroados, 140 puris e 20 das famílias do coropós, além de alguns botocudos, de maneira que, com exceção desta última tribo de silvícolas, os índios das três primeiras, menos numerosos, já estavam todos batizados. Havia já dezesseis anos que Frei Florido operava na Aldeia da Pedra, e tinha ainda de suportar mais um ano ali, conforme a rigorosa regra de sua ordem, antes de poder regressar à sua bela pátria. O primeiro missionário antes dele tinha vindo para a Aldeia em 1804; São Fidélis, porém, é sede de missão desde 1779.

Quando, depois que o frade saiu, nos estiramos nas nossas esteiras, Monsieur de Luze teve a bondade e me extrair do pé o primeiro “bicho” (*Pulex penetrans*). Esta espécie de pulga da terra gosta de penetrar por baixo da unha, muitas vezes profundamente; põe os ovos debaixo da pele, e reproduz-se muitas vezes tanto que, já muitos negros, que com a sua habitual negligência não extraíram a tempo o quase invisível animalzinho, tiveram de amputar um braço ou uma perna. A conversa sobre estes e semelhantes incômodos hóspedes relaxou-se um pouco antes de adormecermos; pareceu tê-los aos poucos esconjurado, mas apenas a luz se apagara, um carrapato não só interrompeu de uma maneira altamente perturbadora o nosso repouso noturno, como alarmou toda a venda!

7 de outubro

O dia de hoje, que devia levar-nos guiados pelo nosso Padre ao meio dos puris, começou por um banho geral no Paraíba. Despedimo-nos com grande pesar do nosso gentil hospedeiro, Monsieur de Luze e do Dr. Dennewitz; este ainda disparou um tiro quando nossa canoa, cavada no tronco de uma árvore, já lutava contra a impetuosa corrente do Paraíba, enquanto Monsieur de Luze nos gritava: “*Nous manquons de pondre pour les vingt autres!*” Com exceção da posição acocorada, que tínhamos de manter na canoa sem bancos, que o mais pequeno

movimento podia desequilibrar, este trajeto por entre as selvosas ilhas foi, podia-se dizer, verdadeiramente encantador. Da floresta, cujas copas arqueavam-se por cima de nós como uma espécie de latada, estendiam-se troncos de árvores quase horizontalmente por cima da água; os blocos espalhados na torrente, dos quais alguns na margem oposta já eram de granito, faziam-na espumar. Tivemos de esperar muito pelos cavalos de aluguel contratados para aqui; aliás, no Brasil, tem-se de aprender a esperar. Os animais foram então selados com as nossas selas, que tínhamos trazido, e prosseguimos a viagem através da floresta virgem. À frente ia o padre, cujo chapéu-do-chile amarelo em forma de torre contrastava vivamente com seu rosto vermelho e comprida barba loura. Ao mesmo tempo o calor excessivo dava-lhe uma expressão quase de sofrimento, e o grande volume do seu corpo parecia pesar-lhe desproporcionadamente. Em lugar do hábito marrom trazia uma capa com cabeção da mesma cor sobre os ombros, sob cuja bainha inferior apareciam roupas de diversas cores que metera para dentro das largas botas mineiras, subindo-lhe até acima dos joelhos. Cavalgava uma possante mula branca, que a despeito do peso que carregava abanava alegremente as compridas orelhas. O monge segurava na mão direita uma fina chibata que deixava pender molemente: um sinal certo de que hoje não ganharíamos demasiado terreno. Era um verdadeiro quadro da Guerra dos Trinta Anos o que estava em marcha: o frade com o seu pequeno séquito de botas altas à Wallenstein, com a espingarda a tiracolo, e em parte com chapéus cinzentos marselheses, de abas largas, que podiam sem receio competir em originalidade com o chapéu de palha do padre. Com este quadro não condiziam absolutamente duas pessoas que se tinham juntado a nós, isto é, o negro do padre e um grande apaixonado de caça da região, de quem tínhamos alugado os cavalos hoje.

Entre as florestas virgens estendiam-se dois vales a pouca distância um do outro; o primeiro muito estreito, com capoeiras e plantações de bananeiras e café muito descuidadas, o segundo, um vale de prados cercado pela floresta virgem e com uma fazenda. Rodeavam-nos eminências quase despercebidas; nas orlas da floresta erguiam-se admiráveis sapucaias vermelho-carmesim. Dobramos aí à esquerda, e achamo-nos subitamente – podia ter decorrido uma hora desde que deixáramos

a margem do Paraíba – sob as altas árvores no rio limítrofe de Minas Gerais, o rio da Pomba,³⁹ um riozinho no máximo da largura do nosso Spree, que passamos numa canoa levando as selas; os cavalos e as mulas passaram a nado.

A margem oposta um pouco mais alta, sobre a qual ficavam algumas casas de aspecto miserável, rodeadas de alguma lavoura, surgiu diante de nós; uma clareira elevava-se suavemente por trás dela. Aqui também magníficas sapucaias erguiam as copas floridas, como flores colossais – uma vista maravilhosa que me fará muitas vezes voltar à memória esta atraente excursão!

Chegados aí, selamos novamente os animais e montamos, para, guiados pelo gordo proprietário das casas próximas, irmos ver algumas cabanas, afastadas do caminho, de índios que trabalham no vale por dinheiro. No trajeto para lá encontramos a centenária Joana, que tinha escondidos seus antigos e escuros encantos sob um vestido simples porém sujo, de maneira que pudemos sem enrubescer levantar os olhos para este monumento de tempos idos. Levava pela mão duas crianças, talvez suas tataranetas. Nosso guia eclesiástico explicou os cem anos da velha por ela dizer que já vivera por quatro gerações. Havia até, segundo ela dizia, alguns índios naquela tribo que se lembravam de seis gerações, do que se deduzia terem de 140 a 160 anos de idade. A vida sem excitações e sem comoções, junto a uma alimentação simples, parece favorecer tão incomum longevidade. Profundamente indolentes, estas tribos do sul do Brasil não fazem outra coisa senão dormir e comer, caçar e pescar, e isto só quando a fome os obriga. Os que ainda habitam as florestas virgens colhem os frutos e procuram as raízes da floresta para comê-las assadas nas cinzas, enquanto que os que habitam as proximidades das fazendas e das aldeias já plantam alguma mandioca e bananeiras e até, como aqui, se empregam nas roças como trabalhadores.

Depressa chegamos à roça que procurávamos. Troncos colossais jaziam espalhados pela estreita plantação cercada pela floresta virgem, no meio da qual erguia-se uma cabana que parecia ter sido construída

39 O curso do rio da Pomba parece-me estar errado no mapa de Mannheimer, porque este rio, na minha opinião, deve desaguar no Paraíba, abaixo da Aldeia da Pedra. Mais ainda, só figura na margem direita do Paraíba, perto da Aldeia da Pedra, com riacho pantanoso, que certamente não pode ser o rio Negro ou o Bosaraí.

pelo dono da terra para os índios, porquanto o exterior tinha um aspecto europeu, sendo o interior caracteristicamente índio. Primeiro apareceu-nos uma mulher inteiramente despida que, porém, logo que avistou de longe o missionário, apressou-se a vestir a camisa, e meteu-se de novo na rede; não sucedeu o mesmo com o Matusalém, o mais velho dentre todos os indígenas conversos da região – este ficou tranqüilamente deitado na sua rede, em completo estado de inocência. Fitou-nos sem interesse e fez uma cara como se estivesse ainda menos agradavelmente surpreendido com a nossa visita do que sua companheira. Algumas moedas de cobre que lhe foram oferecidas pareceram, contudo, causar-lhe alguma impressão: aceitou-as, mas deu-nos as costas, não se dignando olhar mais para nós. Pouco a pouco foram-se juntando mais puris, vindos da clareira na porta da cabana, onde devia ter sido depenada uma arara; para atirarem-se às penas encarnadas e azuis.

A cor dos indígenas é um pardo escuro; seus rostos são, sem se poder dizer exatamente feios, um pouco calmucanos, com zigomas salientes, e uma expressão estúpida; os cabelos pretos – só nalgumas crianças tinham uns vislumbres alourados – pendem desgrehados por cima do pescoço e são, como nos camponeses russos, cortados em linha reta na frente e atrás. Os puris e os coroados são na maioria de pequena estatura, mas não são mal conformados, embora em regra um pouco barrigudos. Quase todos tinham alguma peça de roupa vestida. Compramos arcos, flechas e uma rede a esta gente, que nos ofereceu nozes de sapucaia assadas na cinza, e visitamos depois no cerrado da floresta virgem, perto, uma outra cabana verdadeiramente índia e num local altamente pitoresco. Consistia numa simples armação de estacas e varas, cobertas com as palmas daquelas palmeiras anãs espinhentas já mencionadas, formando um paralelogramo mais comprido do que as cabanas dos coroados que víramos ontem, e era por isto muito maior do que aquelas. Aqui também pendiam redes de fibra a meio metro do chão; vimos também os mesmos vasos que ontem. Alguns índios vestindo calças e em parte também camisas estavam acorados em volta do fogo. Arcos e flechas estavam encostados numa das estacas, e tinham uma espingarda também. Do lado de fora, perto da cabana, tinham curvado dois arbustos flexíveis; em cima de um tinham estendido roupa, enquanto que no outro dois papagaios mansos trepavam gravemente

pelos galhos. Ao entrarmos na cabana, vimos uma mulher e um homem nus, de aspecto selvagem, deitados nas suas redes, baloiçando-se, o que parece a ocupação predileta dos índios, e dando a impressão de que de alguma forma se envergonhavam de serem visitados.

Dum modo geral os puris da roça só em muito pequena escala corresponderam à nossa expectativa, pois pareciam estar já bastante distanciados do seu estado primitivo, o que entre outras coisas era demonstrado pela circunstância de preferirem não só as moedas de cobre como o papel-moeda às miçangas que lhes oferecíamos. Apressamo-nos por isto em deixá-los e resolvemos ir procurar na serra dos Ferreiras, a uma distância dumas cinco ou seis horas, uma horda dessa gente que nos diziam estar ainda inteiramente selvagens, e voltamos dessa pequena digressão novamente para a margem do rio da Pomba.

Ao nosso padre já escorriam as gotas de suor pelo rosto; já falava em irmos jantar em Aldeia da Pedra e achava que os índios da serra estavam tão longe, que não os poderíamos alcançar hoje. Propôs por fim que devíamos almoçar primeiro e depois voltar porque, acrescentou ansioso, “em casa espera-nos um surubim, o mais delicioso dos peixes do Paraíba, pescado hoje”. Pode-se facilmente imaginar o que custou ao bom padre atender com resignação cristã aos nossos desejos: desistir da deliciosa refeição *in spe* para hoje e acompanhar-nos de cara alegre até à serra, onde queríamos passar a noite entre os índios. Frei Florido sofreu seu apetite, rendeu-se por fim como um herói ao seu penoso destino; uma felicidade para nós, porque sem o nosso guia eclesiástico os ariscos índios dificilmente seriam acessíveis. “Para os índios da serra!” foi esta a senha dali por diante, e prosseguimos trotando para a úmida Fazenda dos Ferreiras, onde nos deveríamos refazer um pouco. A situação desta casa isolada num prado, cercada de colinas ensombradas pelas florestas virgens, e a perspectiva da longínqua serra dos Ferreiras, que se ergue azul-clara acima das copas das árvores, é muito aprazível e interessante. O proprietário da pequena fazenda deu-nos não só alguns suplementos ao almoço de frios que tínhamos trazido, como além disto mantas e cobertores para a noite no caminho, e prosseguimos, confortados, em direção à serra, destino de nossa viagem, para as florestas, no que já nos podíamos orientar por avistarmos por trás de nós o lado do morro da Pedra voltado para o Paraíba. Antes de chegarmos à floresta,

o proprietário dos nossos animais e o negro do padre pegaram um cavalo no prado para o Conde Oriolla, que em seu lugar teve de deixar aí seu velho e lerdo ruço. Um processo certamente muito simples!

Entramos por uma estreita picada na mais bela e portentosa floresta que se possa imaginar; a diferença entre as florestas do Corcovado e as de Nova Friburgo parecia-nos tão considerável quanto o contraste entre estas e a que agora atravessávamos. Tínhamos pela primeira vez a impressão de uma região inteiramente selvagem, porquanto as profundas pisadas dos cavalos cessavam poucos minutos depois e logo em seguida desapareciam os últimos vestígios de sua passagem também. Só podíamos agora avançar com muita dificuldade, porque os galhos baixos das árvores e as lianas obrigavam-nos a nos curvar e baixarmos a cabeça constantemente, e os inúmeros troncos caídos ofereciam muitas oportunidades aos nossos cavalos para mostrar sua habilidade em transporem tais obstáculos. Muitas vezes também topávamos com enormes árvores cujas colossais raízes tinham sido arrancadas da terra por uma tempestade, enquanto o tronco preso por um emaranhado de lianas ficava suspenso transversalmente sobre nossas cabeças. As lianas (cipós) ora eram torcidas como cordas, ora pareciam cadeias revestidas de couro, ou enroscavam-se como cobras umas nas outras e depois pendiam de novo dos mais altos ramos até a densa vegetação embaixo, que nos esconde inteiramente o solo da floresta. As árvores de altos troncos desta floresta pareciam-nos quase todas duma altura gigantesca, que estimávamos ser raramente abaixo de 30 a 40 metros, e muitas, não obstante sua grossura, pareciam esguias. Não muito depois desta floresta de mágico encanto nos ter acolhido à sua sombra, avistamos à esquerda, no cerrado, entre os mais imponentes troncos, uma cabana de índios, coberta de folhas de palmeira e logo depois outra numa situação igualmente pitoresca, à direita. Paramos então por um momento debaixo de uma árvore da qual fizemos cair, sacudindo-a, uma grande quantidade de jabuticabas, uma fruta muito parecida com a nossa cereja preta, que nos refrescou agradavelmente. Mais adiante cavalgamos por um umbroso arqueado, uma magnífica aléia de helicônias de mais de 6 metros de altura, que curvavam suas grandes folhas sobre nós abanando-nos e refrescando-nos.

A intervalos, esta maravilhosa floresta era interrompida por clareiras, que o proprietário transformara em roças, empregando nisto índios meio civilizados; nalgumas delas havia uma pequena casa, do que com pesar deduzimos que não nos encontrávamos ainda numa região inteiramente selvagem. Contudo, entrando novamente na floresta, começou de novo nossa agradável ilusão. Mas aquelas clareiras tinham também seu relativo encanto, porquanto ofereciam-nos, com o caos de troncos gigantescos com as raízes fora da terra, atirados em grande confusão, uns por entre os outros, um quadro de monstruosa devastação, que não deixou de impressionar-nos. A par disto, não deixava de ser interessante para nós, caçadores a cavalo, ver nossos animais treparem por cima de um tronco caído após outro, por cima dos quais teria sido difícil fazer passar nossos fogosos cavalos de caça na pátria.

Numa dessas clareiras tivemos uma esplêndida vista da serra dos Ferreiras, que se erguia à esquerda da floresta banhada pelos raios vermelhos do sol que se punha. Pouco depois a floresta ficou em parte novamente mais cerrada, até que, pouco antes de anoitecer, chegamos a uma grande clareira junto ao sopé desse pequeno maciço de montanhas e fizemos alto perto de uma casa de barro isolada, com duas cabanas também de barro ao lado. Chegáramos ao local!

Estávamos tão satisfeitos com a nossa maravilhosa excursão até aqui, quanto decepcionados nas nossas esperanças, pois em lugar de termos chegado a um grande acampamento de índios, como tínhamos esperado, a escassez do fumo de algumas fogueiras que se elevavam na orla da floresta já nos dizia o quanto teríamos de esperar aqui. No entanto, ardíamos por procurar esses índios; mas o pobre padre estava por demais exausto, para nos poder guiar logo até lá. O que, porém, o preocupava mais agora, era só qual o modo mais rápido de poder libertar-se dos tormentos da fome, porque o pobre já tinha pelo caminho exclamado por entre suspiros e com o suor escorrendo-lhe da fronte: “Ah! aquele surubim!” De súbito foi toda atividade. Foi perturbar o negro da casa e a criada índia no seu tranqüilo asilo, e ordenou ao seu próprio negro que galopasse a toda a brida e fosse buscar café e frutas na vizinhança. Depois de ter tomado estas primeiras providências, resolveu-se a guiar-nos até à cabana de dois índios na capoeira que ficava perto, a qual, porém, era inteiramente igual às já acima descritas. No caminho

para lá encontramos o capitão da tribo – cada 40 até 50 famílias têm um destes chefes –, que passava exatamente a pequena distância de nós, e inteiramente como Deus o tinha criado. Frei Florido chamou-o e ele atendeu-o, mas antes foi a toda a pressa vestir as calças. O padre disse-lhe então que hoje à noite ia haver uma dança e pediu-lhe para reunir para isto sua tribo diante de casa; depois partiu na frente para apressar a ceia.

O sol acabava de pôr-se e a lua começava a nascer quando chegamos também e encontramos o padre diante da porta, depenando uma galinha, que parecia já estar comendo com os olhos. Seguiu-se depois o primeiro ato da ceia, durante o qual o dono dos nossos animais e o negro da casa – o tirano preto e administrador da Fazenda, a quem o próprio capitão dos índios estava subordinado fizeram a pouca distância da grande fogueira um fogo de brasas, como nas suas cabanas, em volta do qual se acoravam ou aqueciam os pés. Foi preciso muita insistência do padre e muitos gracejos da parte do dono dos animais para que, finalmente, três homens de cabeça baixa – como se estivessem envergonhados – comessem a dançar. O capitão dançava na frente, os outros dois de lado por trás dele. A dança consistia num bambolear dum lado para o outro acompanhado dum canto monótono, muito fanhoso. Devia representar simbolicamente, a luta de um anum (eu porém compreendi que era duma mosca) contra um boi; uma outra mais tarde, descrevia o caititu, o porco-do-mato, correndo dum lado para o outro na floresta; assim foi, pelo menos, que me explicou o próprio puri esta espécie de improvisações. As damas índias, todas vestindo uma espécie de camisa ou túnica, conservaram-se muito alheadas; ficaram junto do fogo de brasas, e não queriam absolutamente tomar parte na dança. Um velho nu estava sentado entre elas. O Conde Oriolla, já que nada as persuadia, recorreu à aguardente, que ainda fez alguns homens resolverem-se a tomar parte na monótona dança; por fim algumas mulheres colocaram-se numa fila, uma atrás da outra, por trás dos homens, mas ficou nisso, não moveram um pé! Depois da segunda parte de nossa ceia, arranjada por mágica pelo padre, foram distribuídas contas de variegadas cores pelo mundo pardo feminino, que, porém, parecia dar inteira preferência à garrafa de aguardente do Conde Oriolla. Nenhuma destas mulheres puris era tão bonita como a rapariga coroada da Aldeia da Pedra,

embora não me tenham parecido tão feias como fazia supor a ilustração de uma dança de festa puri por Spix e Martius.

O Conde Oriolla passou a noite na cabana do Capitão, ao passo que nós nos instalamos na casa. As selas serviram como excelentes travesseiros, pelo que daí por diante quase todas as noites foram desviadas de seus verdadeiros fins. Por muito tempo ainda ouvi o negro e o dono dos cavalos gracejarem juntos até que este último tomou o violão, e me fez assim adormecer suavemente.

8 de outubro

Mal despontara o dia e já estávamos todos de pé e ocupados com os preparativos para a marcha. Primeiro que tudo era preciso pegar os cavalos na capoeira, o que a escuridão ainda reinante na mata tornou tão demorado, que só cerca das seis horas pudemos montar. Tomamos o mesmo caminho por onde tínhamos vindo ontem; o tempo a princípio estava duvidoso, clareou pouco a pouco depois até ficar seguro, de maneira que pudemos alegrar-nos com o verdadeiramente encantador aspecto da floresta virgem, que não foi superado pelo de nenhuma outra floresta na nossa viagem. Aí devíamos também fazer nosso primeiro conhecimento com as araras; um bando delas voou em meio de ensurdecadora gritaria muito alto por cima das gigantescas árvores que nos rodeavam pouco antes de alcançarmos a orla da floresta; fomos, dobrando à esquerda do caminho, até aquelas cabanas de índios que tínhamos vislumbrado ontem através dos troncos; encontramos, porém, em vez de uma, duas muito juntas num pequeno espaço sob altas árvores enredadas em lianas, oferecendo um quadro tão característico, que não podíamos deixar de esboçar aqui apressadamente. No primeiro obstáculo que obstruiu o caminho depois da Fazenda dos Ferreiras, encontramos o rocim de ontem do Conde Oriolla que, quando tentava voltar para casa, ali ficara retido. A troca de cavalos teve então lugar pela segunda vez. Despedimo-nos aí da Província de Minas Gerais, atravessando o rio da Pomba, exatamente quando passava por nós uma balsa conduzida por índios.

Às onze horas apeamo-nos de volta, muito embora não inteiramente satisfeitos com o resultado de nossa excursão aos índios, perto

da venda do ex-soldado da Guarda na Aldeia da Pedra. Os muares foram imediatamente carregados, e reunimo-nos para o jantar, que o nosso amigo, o frade, presidiu. Agora trouxeram-nos por fim o tão desejado surubim, seguido ainda de outro peixe do Paraíba, uma piabanha, juntamente com outras iguarias, que o padre mandara preparar em sua casa. No semblante do nosso amigo eclesiástico refletia-se tão distintamente o gozo, a delícia do apaziguamento do por tanto tempo contido anseio do seu estômago rebelde, que sem querer me veio à mente a encantadora ária “A mim agradou a excelente refeição”, da ópera de Aubert *O Deus e a Bailadeira*.

Despedimo-nos de homem tão amável com o coração agradecido e depois – neste ínterim já passara de uma hora – deixamos Aldeia da Pedra a todo o galope e na mais alegre disposição. Mas fizemos ainda alto por um momento fora da povoação para reunir a pequena coluna, e aproveitamos o tempo para determinar pela bússola a direção da serra dos Ferreiras. Achamos que ficava exatamente a nordeste de Aldeia. Prosseguimos em seguida ao longo do Paraíba, para São Fidélis, a sete léguas de distância. A princípio a estrada real, que se transformara em vereda, seguia através de um pequeno trecho de floresta virgem, que me ficou gravado na memória por termos visto aqui pela primeira vez uma grande touceira de cactáceas em forma de lanças de cerca de 8 metros de altura. O caminho só raramente afastava-se tanto da margem plana do rio que não pudéssemos ver a superfície do Paraíba brilhar através das árvores. A floresta virgem depressa passou a capoeira novamente, estendendo-se entre a alta mata e o rio. Aqui circularam por cima de nós alguns bandos de papagaios, e meu criado teve a sorte de ser o primeiro a acertar num dos membros da sociedade alada, depois do que eu por fim também matei o meu primeiro papagaio.

Não tardou muito, e alcançamos uma enorme clareira, que se estendia ao longo do Paraíba e que nos ofereceu uma perspectiva altamente peculiar e pitoresca. Seguem-se paralelas à direção do largo rio, faixas constituídas por blocos isolados de rocha cobertos de vegetação, deixando largas aberturas que se alternam com as mais lindas ilhas, na maioria de forma oblonga, que se poderiam chamar ilhas encantadas, tal o mágico encanto de suas magníficas palmeiras e das colossais sapucaias encarnado-carmesim puxando a violeta, que excedem as imensas frondes

ensombrando estas ilhas. O fundo é formado por uma bela cadeia de montanhas cobertas de florestas virgens, para além do rio, também entremeadas de colinas. Algumas tropas estavam acampadas na margem do rio, e muitas aves aquáticas, sobretudo piaçocas pardas e amarelas, voavam em bandos, ou descansavam pousadas nos tocos das árvores derrubadas. A região ia ficando pouco a pouco mais aberta. A primeira grande plantação de cana-de-açúcar estende-se à margem do rio, com um engenho no centro; a floresta virgem cessa inteiramente deste lado do Paraíba; as colinas à direita estão revestidas de grama. Que alegria nos proporcionou esta região aberta, livre, onde depois de muitos dias podíamos pela primeira vez olhar em volta de nós! Porque, por maravilhosas que sejam as florestas, aqui sente-se a falta de algo nelas, de “região”! Mas uma região dilata sempre a vista e a fantasia. Hoje à tarde a perspectiva era verdadeiramente encantadora, porque a cada momento avistávamos melhor as belas formas das montanhas do outro lado do grande rio, e poderíamos desejar um primeiro plano mais belo do que exatamente aquelas ilhas das palmeiras? Trotamos logo depois mais depressa por sobre grandes campos, tencionando atravessar, se possível antes do anoitecer, o rio dos Dois Rios, formado pela junção do rio Grande e do rio Negro. Daqui por diante os bem-te-vis substituíram as piaçocas com o seu incessante grito, bem-te-vi! O leito do Paraíba ficava ora mais estreito ora mais largo; e formava algumas curvas mais apertadas, o que interrompia momentaneamente a direção em linha reta de nossa vereda. Depois recomeçaram as colinas selvosas perto de sua margem. Chegamos então a uma encruzilhada; o caminho da direita era o certo. Seguindo-o, voltamos as costas ao Paraíba e atravessamos o riozinho dos Dois Rios, da mesma maneira que atravessamos o rio Pomba, de igual largura. Na margem oposta fica uma pequena casa pertencente a um suíço; por trás dela erguia-se, acima da floresta virgem, uma montanha de um pardo avermelhado pelos últimos raios do sol poente. A demora resultante da passagem dos animais a nado, do desembarque das selas e de arreá-los, foi a causa de só termos entrado depois do anoitecer na floresta desconhecida. Como na viagem de Nova Friburgo para Cantagalo, não tínhamos ninguém conosco que conhecesse o caminho; ambas as noites tinham por isto muita semelhança; hoje, contudo, nos orientamos mais facilmente porque a luz não tardou a nascer.

Quando deixamos a floresta, saímos no espinhaço de uma serra; vimos então também o Paraíba novamente. Pouco depois, encontramos inesperadamente, num caminho quase intransitável que levava a algumas casas isoladas, os nossos animais de carga que tínhamos mandado na frente; e momentos depois estávamos em São Fidélis, um lugarejo um pouco maior do que Aldeia da Pedra, onde depois de muito inquirir arranjamos por fim uma pequena pousada para a noite.

9 de outubro

Cerca das seis horas, no momento mesmo em que o dia despontara, deixamos São Fidélis. A região toma aqui um caráter inteiramente pátrio; o Paraíba, como um rio alemão, corre por um prado cercado de colinas. Só uma pequena plantação de café em princípio, e aqui e ali, isoladas ou plantadas em renque, palmeiras com os seus nimbos e seus troncos grossos e escamosos junto a laranjeiras isoladas cobertas de parasitas semelhantes a teias de aranha e de dourados frutos, lembram momentaneamente ao viajante que está sob os trópicos, sem, porém, poder diminuir a principal impressão. Pouco depois de São Fidélis, atravessamos o rio Preto, um pouco acima de sua desembocadura no Paraíba. Aí ergue-se, na margem oposta deste rio, uma bonita serra; uma montanha alcantilada, semelhante à rocha escarpada de Hammerstein, no Reno, porém, coroada de florestas, à qual se junta, seguindo o curso do Paraíba, toda uma fila de pequenos Hammersteins. A margem por onde cavalgávamos começou também a elevar-se, de modo a avistarmos o rio muito abaixo de nossa estreita e escorregadia vereda, muitas vezes quase invisível sobre lajedos lisos. E a isto se chama aqui uma “estrada real!”

Não muito tempo depois atravessamos uma ponta de terra pantanosa contornada pelo Paraíba. Nesse pântano procuramos atentamente ver crocodilos, mas infelizmente em vão. Transpusemos depois uma eminência coberta de capoeiras e descemos do outro lado por um prado em declive para a plantação de cana-de-açúcar na margem do rio. Aí fizemos alto por alguns momentos, cerca das nove horas, e depois de um curto descanso e de nos termos refrescado e refeito com água e goiabada, prosseguimos sob um calor abrasador. As ilhas do Paraíba tinham pouco a pouco perdido seu encanto: capoeiras e mato baixo

substituíram as palmeiras e as sapucaias, e nas suas margens apareceu a areia. Diante de nós estendia-se uma vasta e fértil planície; à esquerda, um pico, e à direita, ao contrário, três colinas arredondadas formavam os últimos contrafortes da montanha, que tornavam a margem do Paraíba tão atraente mais para cima. Atravessamos grandes canaviais e fazendas e as primeiras casas providas de janelas, que víamos desde muitos dias; depois seguiram-se grandes prados com gado pastando – numa palavra, tínhamos entrado nos Campos dos Goitacases. Começara a estrada: uma simples via entre dois valados distantes trinta pés um do outro seguia através do terreno descoberto. Grandes e negros urubus voavam dum lado para outro e pousavam no largo caminho. Agora, finalmente, o barro vermelho perdera o indiscutível domínio que vinha exercendo, sozinho, desde o Macacu, tendo daqui por diante de reparti-lo com a areia.

Nossos animais estavam tão exaustos, que a despeito de todos os recursos não os podíamos mais manter no trote; até mesmo minha chibata de Sevilha tinha perdido todo seu poder sobre o *Botocudo*; as esporas nos meus calcanhares também trabalhavam com muito pouco resultado os flancos do animal extenuado. Além do mais, o calor tornava-se cada vez mais opressivo, de maneira que o nosso anseio pela “cidade” distante dez léguas de São Fidélis, por São Salvador dos Campos de Goitacases, aumentava a todo o momento, mas esta obstinadamente se furtava à nossa vista. Já havia também muito que perdêramos o Paraíba de vista. Com ele foi-se também o último encanto da monótona região plana que, aliás, não nos queria agradar; porque as montanhas começavam a faltar-nos e sentíamos também, com tristeza, a falta das portentosas árvores da floresta. Finalmente alcançamos de novo o rio cuja margem uma fila de casas guarnecia: era um arrabalde da cidade, na qual, apesar das setenta léguas que tínhamos percorrido com os mesmos animais, a nossa pequena coluna entrou em boa ordem às três e meia da tarde.

Campos, embora no conceito doméstico seja tida como uma cidadezinha, causou-nos uma magnífica impressão. No cais há muito comércio; as vendas se sucedem uma após outra. Numa delas encontramos pousada, noutra jantamos. Logo que as autoridades tiveram conhecimento de minha presença, procuraram-me apesar do meu incógnito,

para porem à minha disposição a casa do Chefe de Polícia. Recusei delicadamente o oferecimento agradecendo, mas fiz-lhe em compensação uma visita já no fim da tarde, antes de partir, e fiquei com ele depois de termos tomado chá, até ficarem prontas as duas canoas que um habitante de São Salvador, com verdadeira hospitalidade brasileira, me oferecera para prosseguir minha viagem e descer o rio até perto da barra do Paraíba. Era nossa intenção embarcar no vapor que devia partir daí muito cedo, às oito horas da manhã, para o Rio, já tendo por isto vendido, tão bem quanto possível, os nossos cavalos em Campos.

Às nove horas da noite as duas canoas largaram; dois imensos troncos escavados, sobre cuja parte de detrás estavam esticadas peles por meio de varas, formando um toldo. Um negro governava com um remo, e dois outros remavam adiante ou empurravam-nos quando topávamos com trechos rasos. Uma canoa como esta cala cerca de quinze centímetros e custa cinqüenta mil-réis.

À tarde chuvosa seguiu-se um claro luar que inundou nossa original viagem noturna sobre o belo rio genuinamente americano, de um alvor romântico. Cruzando constantemente o rio duma margem para a outra apresentávamos à corrente o lado mais largo da canoa para nos deixarmos levar melhor por ela, com o que, naturalmente, a cada momento ouvíamos o roçar sobre os bancos de areia, ficando às vezes presos neles por alguns momentos. Quando nos aproximávamos das margens distinguíamos por vezes a floresta, que acompanha o rio, mas mais freqüentemente não víamos bem junto de nós senão a íngreme orla arenosa que guarnece as margens do Paraíba.

10 de outubro

Eram duas horas da madrugada quando chegamos a São João da Barra (também chamada São João do Paraíba ou da Praia) na margem direita, a sete léguas de distância de Campos. Já às quatro e meia as autoridades nos despertaram do suave sono no fundo da canoa forrada de esteiras, que como todos os barcos desta espécie não tinha bancos, e levaram-me e aos meus companheiros para uma casa muito elegante, onde descansamos por um momento, lavamo-nos, e depois foi-nos

servido um copioso almoço. São João é o porto de Campos por onde saem o café, o açúcar e sobretudo o jacarandá, em grandes quantidades. Além disso os navios negreiros desembarcam freqüentemente seus escravos aqui e na vizinhança, depois do que estes infelizes são levados mais para o interior e vendidos em leilões de negros em lugares mais seguros.

Como me tivessem assegurado aqui que a partida do vapor não era às oito e sim às nove horas, só às sete partimos para a Barra nas duas canoas. Deixamos logo para trás uma grande volta entre uma ilha rica de canaviais e a margem direita. O Paraíba corria majestoso para o mar com uma largura igual a do Elba em Gluckstadt e Stade; suas verdes margens selvosas faziam-me lembrar as do Elba perto de Dessau e Torgau. À nossa direita, ao longo da margem, que aqui estava revestida de mato baixo, estavam ancorados numa longa fila os navios mercantes, mas procuramos em vão o nosso vapor que esperávamos encontrar ali: já tinha partido! Um marinheiro que mandamos imediatamente subir no mastro da gávea dum brigue mercante, ainda lhe viu a fumaça! Ainda nos animou uma vaga esperança de que estivesse só cruzando diante da Barra, mas este último vislumbre de esperança dissipou-se também quando o gajeiro gritou-nos: “Tomou rumo!” Ficamos plantados ali e sem ter sido por culpa nossa, porque o vapor zarpara a um quarto para as oito ou seja cinco quartos de hora antes do que tinham avisado às autoridades; às oito horas porém estávamos lá, uma hora por conseguinte antes do que realmente precisávamos estar.

Tratava-se agora de encontrar um navio para o Rio. Felizmente não tivemos de procurar muito, porque a sumaca brasileira, a *Novo Tejo* deveria talvez partir para lá no dia seguinte. Enquanto o Conde Oriolla procurava em terra o capitão dessa embarcação, eu descí um pouco o rio na canoa, com o Conde Bismark, até podermos ouvir distintamente a arrebentação na barra. Muito perto, acima desta, a água ainda era doce; uma observação que o Dr. Lippold também fez na barra do rio Doce. Em seguida remamos novamente para a *Novo Tejo*. A seu bordo pude, julgando pela aparência, aquilatar como seria feito o serviço nestas embarcações costeiras brasileiras. O piloto estava exatamente mandando proceder a alguns trabalhos, que indicavam uma pronta

partida, durante os quais dois brancos ficaram sentados vendo enquanto os negros tinham de fazer tudo!

Pouco depois chegou o Conde Oriolla, e tudo parecia estar arranjado. Devido à falta de espaço na sumaca preferimos jantar numa venda perto da saída de São João da Barra, onde também, depois de um pequeno passeio, fomos dormir, tendo eu um pouco antes sabido que a *Novo Tejo* não podia fazer-se logo de vela, e que em vez dela tínhamos encontrado a escuna *Juden*.

11 de outubro

Hoje muito cedo tivemos notícias de uma mudança de tempo que nos levou a preferir a viagem por terra à viagem por mar para o Rio. O vento rodara mais para leste e para o sul, ao passo que segundo Horsburgh, a monção de sudeste, nesta época do ano de tendência para o sul, se devia transformar num continuo vento nordeste e lés-nordeste, enquanto que de março a setembro o vento comum de sudeste só às vezes com um pequeno desvio para sueste se estende com tendência para o norte até à costa brasileira. O delegado acrescentou, depois de conferenciar com os pilotos e pela sua própria experiência, que o vento, em abril e outubro, em lugar de soprar do nordeste e do nor-nordeste, muitas vezes rodava para sudoeste por três ou quatro dias, e que hoje a direção das nuvens parecia confirmar ainda mais a provável duração desta mudança por esse espaço de tempo. Disto se deduzia certamente que a viagem por terra seria mais curta do que por mar, contando com a espera, tanto mais que muito pouca profundidade do canal no momento poderia facilmente determinar uma maior protelação. Lembrei-me então particularmente da inútil perda de tempo, por pensar que o *Growler* talvez já me estivesse esperando no Rio, e sobretudo por ter escrúpulos de detê-lo por tempo demais sem necessidade, afastando-o do seu verdadeiro serviço.

Mas onde arranjar cavalos com toda essa pressa para a projetada viagem, se já tínhamos vendido os nossos em Campos? Esta dificuldade não era de somenos importância. Para ela, porém, depressa se apresentou uma solução. Antônio, se não me engano irmão do capitão do *Juden*, apresentou-se oferecendo-se para levar-me em três ou quatro dias, por terra, ao

Rio. Tínhamos, porém, de aceitar duras condições, como se vai ver. Deixamos toda nossa bagagem a bordo do *Judeu*; a *Novo Tejo* recebeu todos os víveres que compráramos para a viagem; com o *Judeu*, porém, ficou, para com toda sua tripulação poder participar de todas essas delícias, o porco!

Depois de acertadas estas primeiras disposições, empreendi com o delegado José Martim e um Sr. Farias, uma pequena excursão pelo Paraíba acima, a uma fazenda que ficava na acima mencionada ilha rica de canaviais. Aquela semelhança do rio com o Elba chamou hoje, novamente, minha atenção; até mesmo as poucas palmeiras na margem oposta ou nas ilhas quase que se escondiam sob as árvores mais altas, de maneira que mesmo a diferença da vegetação comparada com a da pátria, vista do rio, passava-me quase desapercibida. Para a barra revestia as dunas uma vegetação baixa; uma espécie mais alta de palmeira anã parecida com o ananás e alguns agaves cresciam de permeio. Navegavam no rio, além de outros barcos, uma espécie peculiar de canoas grandes, tripuladas por negros, com uma enorme vela latina. Mas passemos à nossa fazenda de canaviais, e à descrição do engenho.

Sob um ligeiro telhado, quatro bois jungidos a compridas almanjarras, andando em volta, faziam girar uma simples roda que por sua vez punha em movimento três cilindros verticais revestidos de ferro, como na Aldeia. Numa das almanjarras estava sentado um moleque que dirigia os bois por meio de uma vara comprida; dois outros negros estavam ocupados em fazer passar as canas através dos dois interstícios entre os cilindros; primeiro através do maior depois através do menor. O suco espremido era dirigido para a primeira e maior das três tachas ao lado uma da outra, nas quais é cozido e misturado com a chamada decoada, um fluido composto de guararema e água, ou de água de cal, ou de guararema e cal. Deste primeiro e maior tacho, passa para um segundo e depois para um terceiro, o menor de todos, por meio de cacos de coco, onde se cozinha novamente, ficando cada vez mais espesso. No primeiro tacho a calda açucarada tem uma cor amarela de enxofre, no segundo um amarelo mais escuro, e no terceiro uma cor parda escura. A espuma produzida pela fervura em cada tacho é empregada na fabricação da cachaça ou rum. Do terceiro tacho passa a espessa massa fluida do açúcar para um tronco escavado, o esfriador, onde é mexida de um lado para outro com um pau. Depois passa-se o melaço para vasos afunilados, de

madeira ou de barro, tendo no fundo um furo que no começo é arrolhado. Nestes vasos o açúcar cristaliza-se. Põe-se-lhe em cima, depois de cheios, uma camada de barro molhado, que puxando a cor parda do açúcar, torna-o branco. O escorralho serve também para o preparo da cachaça, que consiste em depositar a espuma da calda e o escorralho do açúcar em cubas, onde, com o tempo, entra em fermentação, sendo então levada para o alambique. Na Aldeia adicionam fermento ao suco da cana para aumentar a fermentação. O bagaço da cana, finalmente, serve para combustível; só a cana fresca é que serve para alimentação do gado.

Depois da visita ao engenho, fomos ver de perto uma plantação de cana-de-açúcar. A parte superior da cana serve de tanchão para plantar. Em solo bom, a cana pode ficar até quinze anos na terra, as raízes brotando sempre novos rebentos, só sendo necessário replantar aqui e ali os troncos arrancados; mas em terrenos comuns e ruins, como é o caso aqui, é preciso fazer novas plantações anualmente (segundo alguns de dois em dois anos). A cana-de-açúcar atinge num ano completo desenvolvimento; só precisam ser mondadas no princípio, porque depois elas mesmas asfixiam as ervas ruins.

Da fazenda voltamos novamente para São João da Barra, para a mesma venda, onde alguns senhores do lugar sentaram-se à minha mesa. À noite, alguns habitantes de São João, tendo o Sr. Farias à frente, ofereceram-me uma serenata. Depois apareceram ainda muitos alemães aos quais se juntou um holandês. Sentamo-nos todos nos grandes bancos à pesada mesa da sala da venda, e findamos o dia com um chá em comum, depois do que retirei-me para o meu solitário pequeno quarto e não tardei a adormecer placidamente na minha esteira.

12 de outubro

Despertaram-nos às duas horas, e pouco depois das três já estávamos procurando na escuridão o pátio onde Antônio nos esperava com os cavalos que, segundo o que nos dissera, ter-nos-iam de carregar por 66 1/2 léguas até ao distante Rio de Janeiro.⁴⁰ O arrear e carregar

40 Conforme o mapa anexo da Província do Rio de Janeiro, no qual Herr H. Mahl-mam se baseou no mapa de Freycinet para esta região, esta distância é, porém, de 54 1/2 léguas.

os animais levou, porém, tanto tempo, que só às quatro horas, e precisamente sob uma ligeira chuva, entramos cavalcando na noite tenebrosa.

Quando o dia despontou, encontrávamo-nos em um grande prado, onde vimos também uma outra espécie de cactos com grandes flores brancas tão bonitas como ainda não tínhamos visto. O Paraíba corria à nossa direita; diante de nós ficavam as montanhas na direção da Aldeia da Pedra, e em redor de nós pastava o gado, e também só agora pudemos diferenciar mais distintamente os nossos animais. Eram nove cavalos pequenos com as caudas cortadas em linha reta, conforme a nova moda, sendo sete para nós, nossos dois criados e nosso guia, um castanho escoteiro de reserva e um cavalo de carga. Quatro deles pareciam bons; entre outros, o meu pequeno rodado parecia ter algum direito a aspirar a este predicado. O mesmo valia para o castanho andador de Antônio, que todos nós acompanhávamos num trote muito lento. Mantivemos esta andadura quase sem cessar até poucas léguas antes do Rio, e isto quer dizer alguma coisa, manter trote lento por uma extensão de cerca de cinqüenta léguas! Mas um motivo indiscutível forçava-nos a isso. Para não fazer esperar inutilmente o *Growler*, que presumíamos já estar no Rio, eu resolvera fazer a viagem a cavalo até lá no tempo que ela me levaria por vapor. Por isto, Antônio comprometera-se a levar-me em três ou quatro dias à Capital, para o que nós também tínhamos tido de concordar por nosso lado com as muito incômodas condições, sem o consciencioso cumprimento das quais o contrato com o nosso guia seria declarado nulo e sem nenhum efeito. Assim é que entre outras coisas tínhamos assegurado ao arrieiro o direito de só ele guiar, de determinar as paradas, o tempo de descanso, as pousadas e até mesmo a marcha dos animais. Tínhamos prometido submetermo-nos de boa vontade a todas as suas determinações relacionadas com a marcha, desistindo assim quase que completamente da nossa própria vontade durante os três ou quatro dias de viagem. Tínhamos de nos submeter a tão duro sacrifício, para tornar possível uma aparente impossibilidade!

O pequeno grupo prosseguiu por um prado numa cerrada coluna em fila: – Antônio com a sua blusa azul de marinheiro com botões com a águia e a âncora da marinha americana e botas de montar de canhão virado, levando pela rédea, atrás de si, os dois castanhos escoteiros, trotava calado adiante de nós no ar úmido, nebuloso da manhã, e

cavalo após cavalo seguia as pisadas que seu cavalo andador deixava impressas na vereda escorregadia. Tinham decorrido assim muitas horas quando o arrieiro, às sete menos um quarto, parou de repente e apeou-se. Nós fizemos o mesmo! Os cavalos encontraram aqui algum pasto num pedacinho de campo, e depois de cerca de dez minutos, prosseguimos. Logo adiante passamos por muitas fazendas e canaviais na margem do rio, e encontramos também, como na Madeira, um trenó tirado por seis bois. Os grandes pássaros aquáticos pardos e brancos, que já víamos antes, mostravam-se agora sempre em maior número. As margens cultivadas e habitadas estavam num ou noutro ponto cobertas de matagais, mas quase que não se viam palmeiras.

Por fim, depois das onze horas, Campos estava novamente diante de nós, e saudamo-la, tanto mais alegremente porque depois da longa estirada já começávamos a nos ressentir do cansaço e nossos animais ainda mais. O magro baio de *Herr* Theremin já antes afrouxara e tinha sido substituído por um dos dois castanhos extras. Vista deste lado a pequena cidade parecia muito mais bonita do que do lado oposto, porque se viam as montanhas azuladas por trás. Cavalgamos através e em parte em volta dela, que não pode ser assim tão pequena, a julgar pelas voltas que tivemos que dar. Do outro lado da mesma entramos numa venda onde nos servimos de uma canja, enquanto os cavalos recebiam rações de milho e de cana-de-açúcar. Recebemos também aqui dois pares de pesadas esporas chilenas de latão, para, no caso que fosse necessário, suprir a falta de entusiasmo nos nossos rocins. Descansamos até a uma hora e depois prosseguimos.

Vimos com grande interesse com que perícia Antônio achava o caminho através do solo profundamente amolecido, como sabia evitar os piores lugares, e como nunca se afastava de uma poça de água no caminho para os cavalos refrescarem as patas, dando-lhes tempo para beberem. A princípio prosseguimos entre valados por uma larga estrada através de campos, prados e sarçais, passando por fazendas e canaviais; atravessamos por uma ponte o pequeno rio Itambé, e depois um maior, chamado Ururaí. Aqui serviu-nos de constante fanal, de Campos em diante, o morro da Lagoa de Jesus, uma Zobtenberg⁴¹ em pequena escala, por trás da qual mais tarde surgiu a serra do Imbé, envolta em

41 Zobtenberg — montanha na Baixa Silésia.

nuvens azuis acinzentadas, carregadas de chuva. Os urubus e os grandes pássaros aquáticos pardos por cima de nós indicavam a proximidade da Lagoa. Nos prados era muito interessante observar os negros anuns (*Crotophaga major*) que pousavam diante das vacas pastando, dos cavalos ou porcos, ou andavam em volta deles como se lhes quisessem mostrar o pasto. Vimos também esta tarde os primeiros montículos de cupins construídos com terra preta, com 70 a 90 centímetros de altura, que se erguem aos lados do caminho, verdadeiras obras gigantescas para seus construtores, as minúsculas “formigas” brancas! O solo de barro em que pouco a pouco se foi transformando aquela terra preta vegetal, transformou-se por fim em areia. Um grande pântano à nossa esquerda, pareceu-me ser a orla da lagoa de Jesus; alcançamos também, cerca das quatro horas, a Fazenda da Lagoa de Jesus, e demoramo-nos aí dez minutos.

Mais ou menos às seis horas, nas proximidades da Fazenda Palmitar, que fica a cerca de uma légua da lagoa Feia, nos desentendemos com Antônio, que de súbito declarou-nos que não nos podia levar ao Rio no tempo prometido, por já termos um cavalo esfalfado, o primeiro castanho de *Herr Theremin*. O verdadeiro motivo, porém, era outro. Quando o nosso arreiro fechou o contrato estava naturalmente certo de que nós não resistiríamos à fatigante viagem, e lhe pediríamos para conceder-nos mais alguns dias. Agora, porém, estava vendo pela nossa aparência que estávamos animados e bem dispostos e que dificilmente se poderia pensar em transigência de nossa parte. Julgou, portanto, que por aí não conseguiria nada; por outro lado havia já algumas horas que se vinha curvando sobre o cavalo, e de fato parecia que seu jeito fraco não era feito para cavalgadas forçadas. No entanto, devia estar habituado a elas. Antônio, um português nato, tinha tido durante o governo de D. Miguel de fugir para os Açores, de onde mais tarde se transferira para o Brasil num navio baleeiro. Desde sua chegada a este país, seu trabalho era, assim que chegava um navio negreiro a S. João da Barra, partir a cavalo para o Rio e levar a notícia ao seu proprietário; ninguém portanto podia conhecer este caminho melhor do que ele que, segundo afirmava, já o tinha percorrido muitas vezes em três dias.

Passamos por Palmitar, onde ele queria negociar a troca do cavalo cansado por outro; mas o negócio não surtiu resultado. Descansamos aí

até as nove horas, enquanto arranjava esteiras para substituir por baixo das selas as mantas que faltavam, porque a Antônio, com a pressa da partida, tinha escapado muita coisa, pelo que infelizmente, alguns dos pobres animais estavam muito machucados. Para aliviar o cavalo de carga cansado, cada um de nós tinha de levar um pequeno pacote consigo no seu cavalo, e foi assim que prosseguimos cerca das nove e meia na fresca da noite. Não tardou muito, e alcançamos o rio Macabu, a menos duma légua de Palmitar, que atravessamos rapidamente numa balsa. Agora saímos através de um matagal, numa planície rasa; a nossa esquerda estendia-se a lagoa Feia exatamente como o espelho do mar com marulhante e espumante rebentação; perto dela destacavam-se algumas esplêndidas palmeiras, e a clara lua refletia-se nas suas águas. Era um quadro verdadeiramente feérico! Os cavalos estavam cansados. À direita ficava a serra ainda sempre visível quando depois de uma fornada de pretensas vinte léguas fizemos alto cerca de meia-noite, diante de uma venda em Quixamá (Guizaman), não muito longe da lagoa Feia. Antônio bateu na porta; depois de alguma hesitação abriram-na e ficamos sabendo que tínhamos por fim alcançado nossa pousada.

13 de outubro

Quixamá tinha até uma igreja; muito perto, por trás dela, elevava-se a serra de ontem, até cujo sopé se estendia uma vasta planície. Um tordilho cego de um olho, que foi negociado esta manhã, deteve-nos na venda até um quarto para as oito. O terreno arenoso, no qual os cavalos enterravam as patas até acima do jarrete, era daqui em diante coberto de mato muito pouco denso e muito pouco entrelaçado, exatamente como se vê entre nós; muitas vezes cobriam-no somente as baixas palmeiras anãs. Com o aumento da fertilidade do solo, a mata ia também ficando mais alta e aos poucos transformando-se em floresta virgem.

Já no princípio Antônio tinha querido deixar no caminho um magro castanho, que quase não se podia mais arrastar, quando passamos trotando por um homem branco, a quem ele pôde recomendá-lo. Mais tarde fizemos alto por um quarto de hora numa roça na floresta virgem, perto de um sítio, que ficava a quatro léguas de Quixamá, e por conseguinte a meio caminho para Macaé. O caminho através da floresta

virgem, antes e depois de termos feito alto, era largo; as árvores, bonitas, e não faltavam sapucaias floridas. Seguíam-se depois capoeiras, fazendas e cafezais; plantações de cana-de-açúcar, ao contrário, quase não vimos nenhuma. Perto do Engenho Curibativa, que tinha sido antes uma colônia de sentenciados, e que agora só contava poucas casas, a planície era interrompida por ligeiras ondulações do terreno e estava também semeada de pequenos “mamelons”, ou montículos de metro e meio a dois metros de altura, que deviam provir das formigas, das quais, porém, não encontramos mais nenhum vestígio.

O caminho arenoso através da capoeira e o calor que cada vez se tornava mais opressivo fatigavam o rodado do meu criado a tal ponto que teve de apear-se e tanger seu rocinante diante dele, o que fez com que lhe escapasse o grito: *Il y a de quoi maudire le Brésil á perpetuité!* Os animais cansados obrigaram nosso guia a fazer alto ainda antes de Macaé, diante da venda do Barreto. Aí jantamos e bebeu-se à saúde de minha mãe, que faz anos hoje.

Quando, cerca das cinco horas, prosseguimos nossa viagem por um largo caminho através da capoeira, onde se viam novamente altas hastes de cactáceas, ouvimos marulhar por trás do matagal e logo depois avistamos o mar e algumas ilhas; depois tudo voltou a ser capoeira em volta de nós, até a balsa de Macaé. Aí chegados, vimos estender-se diante de nós uma praia arenosa com dunas chatas, interrompida pela foz do rio Macaé, em cuja margem oposta começa a cidadezinha do mesmo nome, que se desdobra no sopé de uma baixa cadeia de colinas, projetando-se na direção do mar e através de três pequenas ilhas que parecem continuá-la e cercam uma baía de vasta abertura. Depois que Antônio deixou novamente um cavalo em Macaé, trotamos cerca das sete horas, tendo-nos refrescado com bebidas refrigerantes, por um caminho arenoso marginado por matagais, escutando o marulho à esquerda. A lua brilhava clara, e não tardou a espelhar-se na lagoa da Boacica, que contornamos. Do lado da terra é cercada por colinas revestidas de matas; do lado do mar, ao contrário, suas margens são escalvadas; só altos aloés e cactos erguiam-se tesos aqui e ali para o céu noturno. Nossos cavalos escorregavam no solo escorregadio que a água da lagoa banhava. Atravessamos um estreito canal, antes de alcançarmos a mata de Boacica, uma bela floresta virgem através da qual o caminho nos levou finalmente,

muito fatigados, à única casa de Frexeiras, situada entre aquela lagoa e o rio das Ostras, onde chegamos cerca das duas horas, depois de termos percorrido onze e meia léguas, e onde passamos a noite.

14 de outubro

Cerca das seis e meia, pusemo-nos novamente a caminho, e depois de mais ou menos cem passos, retomamos o eterno trote lento como todos os dias. Cavalgávamos por uma vasta planície arenosa, revestida de ligeiros sarçais e de palmeiras anãs ou do campo. À nossa direita tínhamos novamente uma cadeia azulada de colinas; diante de nós, porém, uma colina solitária característica, o morro de São João. As três e meia léguas para Barra do Rio de São João pareceram-nos sob o sol abrasador certamente muito compridas, pelo menos a mim que tinha tido de pôr em cima dos ombros o meu pesado jaquetão que começava a incomodar meu já muito machucado rocim.

O lugarejo fica na margem esquerda do pequeno rio do mesmo nome, que na sua foz dá inteiramente a impressão de uma lagoa que parece estar separada do mar por uma língua arenosa de terra. No meio dessa faixa de areia julga-se ver erguer-se perpendicularmente uma rocha negra com uma casa em cima, enquanto à sua esquerda vê-se uma igrejinha sobre uma duna a que se enfileiram, cercando-a ao norte, a povoação e a baía. Para além da língua de terra, avistamos a cadeia de montanhas, que se elevava muito longe no horizonte, e diante dela dois brigues e uma escuna velejavam rumando diretamente à língua de terra como se quisessem conscientemente ir encalhar nela. De repente a escuna barlaventou e, oh maravilha! velejou pelo meio e através da areia, passando muito perto junto do pé da rocha deste lado, amurou e largou ferro ao lado de uma sumaca ancorada na suposta lagoa. Os dois brigues seguiram na sua esteira, mostrando-nos assim a embocadura do rio São João, que sem isso teria ficado um enigma para nós. Atravessamos em seguida o rio em barcos, atravessando os cavalos a nado, e uma marcha de algumas horas através de profunda areia e matas baixas ou capoeiras com lindas orquídeas levou-nos a Campos Novos ou Fazenda do Rei, a três e meia léguas de distância. Num grande prado ergue-se, coroando uma suave eminência, a bonita fazenda a que dá maior realce a grossa e pontiaguda torre de igreja. A seus pés como que brotavam da verdura numerosas

casas a ela pertencentes. Jantamos numa delas, depois do que, refeitos, continuamos nossa viagem até uma casa a uma légua de distância, construída de barro no estilo característico da Província do Rio de Janeiro, pitorescamente situada num laranjal. Aí Antônio trocou por um bom alazão um grande e já muito cansado baio, o que era tanto mais necessário por estar o baio restante, a que chamavam “o Veado”, em condições de quase não poder mais arrastar-se. Depois de ultimado o negócio, prosseguimos pela areia e novamente pela capoeira. Ao anoitecer chegamos a uma venda na aldeia de São Pedro, não longe da margem da grande lagoa de Araruama.

Refrescados por um ponche, uma bebida muito refrescante, preparada com água, cachaça, açúcar e limão, voltamo-nos, de repente, para oeste, depois de termos desde Campos cavalgado quase que invariavelmente para o sul, e, sob um esplêndido luar trotamos por muitas horas na areia firme seguindo a costa na nova direção, pelas margens planas da lagoa despidas de matas, a qual é cercada de um lado por um renque de dunas, aparentemente abrindo-se na direção do mar. A baía devia certamente ter essa abertura, uma ligação com o oceano, mas não na sua margem que estava agora defronte de nós e sim a leste, perto da Vila de Cabo Frio (Assunção), porquanto a lagoa de Araruama é o *inlet*, a baía, que faz do Cabo Frio uma península.

O *Veado* ia tropeçando na frente da coluna, estimulado pelas chicotadas com que um dos dois criados não cessava de tangê-lo, com o que ele próprio esgotava suas últimas energias e seu interesse pela viagem. Atrás do escudeiro tangedor seguia Antônio pensando, sucumbido, no que tinha prometido devido a nossa urgência, e que dificilmente poderia cumprir; vinha depois o grupo alegre que não cessava de cantar, numa “fila de ganso”, que era novamente fechada por um outro criado desconsolado.

Nossa vereda afastava-se às vezes da margem da lagoa, para algumas léguas mais adiante atravessar um terreno aberto sem mato, e voltar novamente para a baía. Surgiu então, de súbito, um espesso nevoeiro sobre o qual uma igreja parecia flutuar. Deixamo-la à direita e fizemos logo depois alto diante de uma poça de água na qual entramos um após outro, conforme a ordem de Antônio, para abeberar o cavalo. Deduzi daí que ainda tínhamos um longo caminho diante de nós; tanto maior

foi por isto nossa admiração quando poucos minutos depois chegamos a uma fazenda chamada do Parati, na margem da lagoa, perto da qual Antônio nos arranjou uma pousada numa pequena venda, uma espécie de celeiro onde passamos a noite em cima dum monte de milho num canto do quarto. Segundo ele, tínhamos percorrido hoje quinze léguas.

15 de outubro

Muito cedo, cerca das cinco horas, deixamos a Fazenda do Parati, mas sem o *Veado*, que tivemos de deixar aí, e seguindo a princípio novamente à margem da lagoa de Araruama, gozamos uma clara perspectiva do promontório arredondado de Cabo Frio, e das pequenas colinas em forma de cones no seu sopé. Chegamos depois, dizendo adeus à infinda lagoa cercada de cactáceas e aloés, primeiro à capoeira e logo depois, à proporção que o terreno ia melhorando, às belas florestas virgens, onde esplêndidas bromeliáceas prendiam nossos olhares, de um tamanho e beleza, que a não ser nesta viagem pela costa da Província do Rio de Janeiro nunca tinha visto no Brasil. Pouco a pouco esta planície coberta de matas foi-se transformando num terreno acidentado com plantações de café. Fizemos alto por um momento na venda Aternado à vista da serra de Bacaxá coberta de matas e logo depois numa outra hospedaria, onde Antônio casualmente encontrou um fazendeiro a quem tinha antes servido uma vez. Vendo as tristes condições dos nossos cavalos, avaliando justamente as dificuldades do nosso arriero, o bondoso fazendeiro apeou-se imediatamente e emprestou-lhe ali mesmo o seu ruço.

A tarde quente não queria acabar; o tempo se nos tornava infinitamente tedioso, tanto mais por termos de dar volta a toda a lagoa de Saquarema, avistando por muitas horas a igreja de freguesia do mesmo nome, voltada para o mar, situada sobre uma duna como um ponto central no meio do arco que a lagoa nos obrigava a descrever. Nossos cavalos exaustos quase que não saíam do lugar e nós mesmos começávamos, devido ao cansaço, a afrouxar no nosso afã de incitá-los e a nos deixar por fim relaxar em cima da sela, depois de lutar em vão, obrigados a pôr de parte toda a consideração pelos pobres animais exaustos pelos quais sentíamos mais compaixão agora que começava a anunciar-se uma esfoladura em cada um de nós devido ao roçar da sela.

Por fim encontramos um ponto mais estreito de passagem e uma balsa que depressa nos levou à outra margem da lagoa e, voltando as costas a Saquarema, seguimos à vista da serra de Mato Grosso, uma aprazível cadeia de montanhas que se estendia graciosa do outro lado do belo espelho da água. Cerca de uma hora depois alcançamos a Fazenda de Mandetiba ou Manietiba, onde jantamos e os nossos animais cansados tiveram algumas horas de descanso.

Como primeiro brinde neste dia por tantos motivos tão caro a todos nós e particularmente a mim, bebemos à saúde do nosso amado Rei cheios de regozijo e gratidão, tanto mais por devermos à sua munificência tão altamente interessante viagem. Em seguida bebemos à saúde de minha irmã Maria e erguemos muitos outros brindes ainda.

Depois de Antônio ter trocado todas as selas e dado a cada cavalo outro cavaleiro, deixamos Mandetiba e prosseguimos a viagem que hoje à tarde nos levou através da mais bela região desde Campos. Aproximamo-nos através de um largo e lindo vale, da serra de Mato Grosso. Nas encostas das montanhas aos lados erguiam-se os mais belos troncos das florestas virgens, enquanto nós, embaixo no vale, só passávamos por pequenos trechos de florestas virgens, que se destacavam pelos grandes cachos vermelhos das touceiras de helicônias. Depois escalamos a serra a pé. Em cima, quando chegamos ao seu ponto mais alto, olhamos de sua cumeada para um largo vale embaixo, semelhante ao que acabáramos de deixar; e descobrimos na sua extremidade, não sem algum trabalho, a lagoa Maricá, e por trás dela, muito ao longe, o mar.

Quando montamos novamente no sopé da montanha do outro lado, o sol que se punha iluminou, em vez da bem organizada coluna, um pequeno grupo espalhado por todo o vale. Depressa passamos também do havia muito detestado trote lento para uma andadura entre passo e altos, e muitos cavalos mancaram definitivamente, o que felizmente em toda nossa excursão de três semanas desde o Rio, não nos tinha acontecido. Numa palavra, parecia ser mais que tempo de termos chegado a Maricá. Isto alertou também o nosso arrieiro, a quem tínhamos deixado resolver se nos deixaria esta noite na Praia Grande, o que realmente teria de fazer para cumprir à risca seu contrato, ou se preferia que pernoitássemos ali. Escolheu esta última solução, o que não nos preju-

dicou; encontramos em Maricá, depois de termos feito doze léguas a cavalo, excelente pousada, uma boa refeição e as primeiras verdadeiras camas desde a Fazenda de Monsieur de Luze, porque até ali tínhamos dormido em esteiras em cima da cama ou no chão, tendo consistido nossa alimentação em galinha com arroz, feijão, e rosca (uma espécie de pão duro), cerveja de Hamburgo. Os cavalos durante todo o tempo só comiam milho e capim-de-angola.

16 de outubro

Uma fresca e vaporosa névoa pairava sobre o vale coberto de prados de Maricá, que se estendia em toda sua beleza diante de nós, quando iniciamos nosso último dia de viagem a cavalo para o Rio, ainda a sete léguas de distância. Aquelas mesmas filas de originais montes coniformes separados que se mostram aos navios que demandam o Rio a nordeste enquanto os últimos ao norte formam o chamado gigante, estendem-se a leste até estes prados. Entre estes cones subimos para o interior e entramos numa ensombrada floresta virgem, onde corria um riacho ao longo do nosso caminho, que guarnecia espessas touceiras de daturas (*Datura arborencens*), que se cultivava também entre nós em vasos, com níveas campânulas, e onde não faltavam também, além destas, outras lindas flores. Com estas florestas virgens extremavam-se cafezais; seguiam-se prados e fazendas. Depois a vereda tornava-se uma estrada; mais uma hora e dobramos à esquerda: o morro coniforme ao norte da Praia Grande, chamado morro da Armação, estava diante de nós! Era meio-dia quando entramos na cidadezinha, encantados, e novamente atraídos pelo maravilhoso panorama da baía do Rio de Janeiro, pela grandiosa perspectiva da cidade, ao lado da graciosa majestade das cadeias do Corcovado e da Tijuca. Na entrada de Niterói encontramos Monsieur Boulanger, nosso amável hospedeiro de Santa Ana, que com um poldro comprado aqui ia novamente voltar para casa.

Tínhamos assim percorrido com felicidade trezentos e vinte quilômetros em quatro dias e meio; mas dos nossos nove cavalos com que tínhamos saído de São João da Barra, só quatro chegaram à Praia Grande porque os outros cinco pouco a pouco tivemos de ir deixando pelo caminho.

Quando o vaporzinho nos levava rapidamente para a Capital, demos por falta do *Malabar*, que deixara o ancoradouro e, como me disseram, tinha ido para Montevidéu; procuramos também em vão o *Growler* que ainda não voltara do seu cruzeiro contra os navios negreiros.

Estas foram as primeiras novidades que nos caíram sob os olhos. Jantamos alegremente no Hotel Pharoux, lemos as cartas recebidas da Europa, o que naturalmente levantou ainda mais o nosso bom humor, e depois fomos para a encantadora Mangueira.⁴²

Não obstante o *Growler* ter fundeado novamente no ancoradouro do Rio dois dias depois de termos chegado, passaram-se ainda dez dias antes que estivesse pronto para zarpar novamente.

Seja-me permitido sintetizar os poucos dias que decorreram até nossa partida, que se prolongaram até 30 de outubro, e dar só em resumo o que possa interessar mais ou menos o leitor.

Antes de tudo devo mencionar aqui o dia 19 de outubro, o dia da festa onomástica do Imperador, que para mim será certamente inesquecível. Na manhã desse dia, rodei já antes das dez horas para São Cristóvão, para a congratulação. Sua Majestade ainda não se tinha restabelecido completamente de um ligeiro incômodo; recebeu-me porém, apesar disto, muito graciosamente e teve a grande bondade de presentear-me, com as mais amáveis e cordiais palavras, com um retrato a óleo muito feliz, pintado por ele próprio, de Frederico II. Esta para mim tão cara lembrança orna agora o meu salão em Monbijou, e todas as vezes que olho para ele, lembro-me com íntima gratidão do amável presenteador, cujo gracioso acolhimento tornou tão agradável minha estada no Brasil.

Na manhã seguinte, montei a cavalo muito cedo e fui para a cidade, sem nenhum objetivo determinado. Passando por baixo do aqueduto, tomei a direção de São Cristóvão; dobrei, porém, logo à esquerda e subi o já mencionado morro do Engenho Velho. A célebre vista que se descortina de cima merece a fama que tem, porque é indiscutivelmente uma das mais belas aqui do Rio. A metade da maravilhosa perspectiva em volta é formada pelas altas cadeias do Corcovado e Tijuca,

42 Quem desejar mais pormenores sobre a região da costa entre o Rio de Janeiro e Campos, sobre as margens do rio Paraíba e os selvagens que aí habitam, encontrará farto e interessante material nas fascinantes Viagens do Príncipe von Wied, Vol. I, pp. 41-156.

enquanto que do outro lado a ridente planície que como um jardim paradisíaco cerca as penhas isoladas, estende-se muito longe para o norte e leste, orlada pela encantadora baía de Niterói, que vista aqui de cima parece um belo lago. O mar de casas da magnífica cidade projeta-se com as alturas que as rodeiam na direção da baía, dividindo-a aparentemente em dois braços desiguais. Para além do menor fica a montanha perto da Praia Grande, e por trás dela as colinas e cones na direção de Maricá e do Macacu, que eu agora podia saudar como velhos conhecidos. Quanto mais para o norte, tanto mais se alarga o espelho da baía. Aí eleva-se naquela margem a serra dos Órgãos, como tubos de órgão, formando depois uma longa cumeada azul transparente, enquanto na praia deste lado se destaca, antes de tudo, o Hospital dos Lázaros, aquele grande edifício que fica num alto, e São Cristóvão eleva-se pouco antes da extremidade da baía, na orla da grande planície.

Do Engenho Velho tomei o caminho para a cascata da Tijuca, que a princípio segue pelo vale entre o Corcovado e a Tijuca. Tinha cavalgado por cinco minutos apenas, quando por causa do grande calor entrei numa das muitas casas que marginam a estrada, numa venda à esquerda, cujo dono logo se deu a conhecer como um espanhol. Enquanto meu cavalo matava sua fome, eu refazia-me com laranjas, pão e bananas e conversava com o meu hospedeiro sobre Granada, Cadiz e Sevilha, o que pareceu despertar nele muito caras recordações. Mostrei-lhe minha bengala de cepa de Sevilha. Tomou-a com visível emoção, levou-a ao quarto junto, e disse-me, quando tornou a trazê-la, que não tinha querido deixar de mostrá-la à sua mulher, que se sentiu tão contente por poder tê-la na mão quanto ele. Logo depois eu galopava novamente pelo vale acima, e cavalguei pouco antes de chegar à selada que liga a Tijuca aos contrafortes do Corcovado, cerca de setenta metros através de bela vegetação de floresta virgem que, quando olhei para trás, formava uma esplêndida moldura para o estreito e lindo quadro do Rio de Janeiro, que se me desvendou então.

Chegando-se ao alto do passo, encontram-se novamente algumas casas. Aqui fica a divisão das águas por onde de um lado corre o rio Maracanã, que aqui em cima corre à direita do caminho para a Tijuca e forma a chamada Cascatinha, o mesmo riacho ao lado do qual segue subindo o caminho do Engenho Velho, enquanto que na direção oposta

corre outra água para a lagoa da Tijuca (lagoa de Comorim) em comunicação com o mar, e cerca da metade do caminho se precipita sobre blocos de rocha com o nome Cascata Grande da Tijuca. Mantive-me numa linha reta e segui este último riacho até ao vale que desce entre a rochosa Gávea e a encosta sudeste da Tijuca. Diante de si tem-se a lagoa, e por trás estende-se o mar; contudo, sendo o vale tão bonito, achei a queda de água muito pouco compensadora.

Já estava muito escuro quando, tomando novamente o mesmo caminho, cheguei à Mangueira.

Alguns dias depois repeti o passeio à Tijuca em companhia dos meus companheiros de viagem que não conheciam ainda esta parte; visitei também hoje a pequena queda de água que fica mais em cima, e que, por falta de tempo não tinha visto antes. Desta vez seguimos o caminho ao longo do mar, pelo que contornamos a Gávea. Primeiro fomos por Botafogo ao Jardim Botânico, que visitamos mais detalhadamente. Uma aléia de casuarinas de Nova Holanda leva os estrangeiros a um jardim plantado em muito gosto, cuja situação sob a parede perpendicular do Corcovado é, pode-se dizer, realmente encantadora. Mostraram-nos aí a fruta-pão, o cravo-da-índia, a moscadeira, a caneleira, a árvore que produz a cânfora, o cacauero, e ainda a grande plantação de chá que em tempo tinha sido feita por iniciativa do Ministro Conde de Linhares, por chineses mandados vir para este fim, e além destas diversas outras plantas para nós desconhecidas. Do Jardim Botânico tomamos o caminho, já de mim conhecido num passeio empreendido a 10 de setembro, para Luís Francês; mas a região revelava-se-me hoje sob uma luz inteiramente diferente da da primeira vez, quando pesadas nuvens de chuva me tinham escondido a colossal muralha da Gávea, que dali por diante tornava esta já por si tão apazível parte da costa uma das mais bonitas em volta do Rio de Janeiro. Contornando a Gávea e voltando as costas ao verde mar, que até então nos tinha acompanhado à nossa esquerda, descemos para a lagoa da Tijuca. Aí embarcamos em canoas, os cavalos nadaram, e chegamos assim à embocadura do vale onde fica a grande queda de água da Tijuca. Depois de jantarmos numa venda que ficava perto, pusemo-nos novamente a caminho; depressa atingimos o alto do desfiladeiro, onde dobramos à esquerda descendo para a pequena cascata que, aliás, é consideravelmente mais alta e mais pitoresca do que

a grande, e bastante romântica, ficando num estreito vale cercado de belas florestas virgens. Já era novamente noite, quando entramos na aléia de mangueiras de nossa aprazível chácara.

Como o tempo de que eu dispunha não me permitia mais nenhuma excursão à serra dos Órgãos, queria ao menos tentar ver um pouco mais de perto essa maravilhosa montanha; e partimos eu e *Herr Theremin*, a 24 de outubro, no pequeno vapor, para a Piedade, na extremidade mais distante da baía. Para meu maior pesar, os Órgãos furtaram-se novamente aos meus olhos, envoltos em densas nuvens de chuva. Sem este pitoresco fundo, porém, as muitas ilhas que ficavam nessa direção perderam muito do seu encanto. Paquetá, também, onde tocamos, um lugar de recreio favorito dos habitantes do Rio, causava, dada esta circunstância, uma triste impressão. Na Piedade, onde pelo menos gozamos de uma agradável perspectiva da baía, das montanhas na barra e das colinas a leste, *Herr Moritzsohn* de Dauzig, embora a princípio parecesse não me ter reconhecido, acolheu-me muito amável e efusivamente. Acabara de perder em Minas sua esposa, que lhe deixara dois belos e robustos filhos. Na volta choveu torrencialmente.

No dia 28 à tarde, despedi-me do encantador Botafogo. Vinte e quatro horas depois rodava no grande coche oficial para o baile em São Cristóvão, que Sua Majestade Imperial, para dar-me mais uma última prova da sua grande bondade, oferecia para celebrar meu aniversário natalício. Depois do baile apresentei meus cumprimentos ao Imperador, que se despediu de mim com extraordinária gentileza e benevolência. Depois rodei pela última vez para a cidade. Já passava muito da meia-noite quando cheguei a bordo do *Growler*.

O 30 de outubro começou cedo. Cerca das cinco e quarenta minutos da manhã a âncora foi levantada ao som dum *scotish reel* com acompanhamento dos pífaros. Era uma bela manhã de domingo. A baía mostrava-se mais uma vez em todo seu esplendor. Quando às seis horas estávamos no convés, todas as baterias e navios de guerra içaram as bandeiras e saudaram a prussiana que tremulava no topo do mastro grande do *Growler*. Era singular que exatamente o primeiro navio que encontramos hoje fora da barra, de velas desfraldadas, fosse uma barca prussiana, que deixara o Rio pouco antes de nós.

Não tardou que deixássemos para trás Santa Cruz e o Pão-de-Açúcar; navegamos então entre as duas encantadoras ilhas de palmeiras, do Pai e da Mãe, e tomamos depois, não obstante o vento do sul e leste, o rumo de leste ao longo da costa. Cerca das 10h30min da manhã seguiu-se a Mustering by Division e logo após o serviço divino, que consistiu, na falta de um clérigo, em o próprio Capitão Buckle ler um sermão. Já durante o mesmo eu notara, como os *look-out-men* estavam ficando inquietos, tomavam alternadamente o óculo e assestavam-no contra um ponto no horizonte. Apenas terminara o serviço divino, correu de boca em boca a alegre notícia de que o paquete inglês, que já esperávamos havia muitos dias, estava à vista. Içou-se imediatamente um sinal, a embarcação ao longe respondeu com outro, e cessou toda a dúvida quando se verificou desta maneira seu número na *Navy List*, como sendo o brigue *Express*, de Sua Majestade. Prevendo o caso deste possível encontro em alto-mar, o Embaixador Mr. Hamilton tinha tido a bondade e gentileza de me conceder permissão para abrir as malas postais do paquete e retirar a minha correspondência e a do *Growler*, com a condição, porém, de fechá-las novamente com o meu selo: uma grande deferência por parte do embaixador, e uma grande satisfação para todos nós! Rumamos, pois, e por sinal que sob um terrível calor, diretamente para o brigue, que sob as asas da monção velejou rapidamente em nossa direção, e fizemo-lhes sinal para pôr-se à capa, o que fez imediatamente. O *Growler* parou as máquinas e o Capitão Buckle, meus companheiros e eu saltamos para o escaler, que dançava indiferente junto ao pesado casco do vapor, que jogava fortemente e que parecia a cada momento querer fazê-lo mergulhar nas ondas. Largamos, e depressa alcançamos o brigue, por trás do qual a igreja de Saquarema se erguia na praia arenosa. O comandante do brigue, o verdadeiro tipo dos veteranos tenentes ingleses de navio, recebeu-nos cortesmente, embora um pouco ofendido com o inesperado sinal do *Growler*, mas seu semblante alegrou-se visivelmente quando reconheceu no Capitão Buckle um velho amigo e *Messmate*. Os *midshipmen* aglomeraram-se curiosos em volta do portaló; o imediato sentia a dignidade de “segundo no comando”, o contramestre mantinha o apito nos lábios, pronto para atender a qualquer sinal, a tripulação estava a postos para brincar, enquanto os passageiros, cavalheiros e damas, com as cabeças baixas e rostos

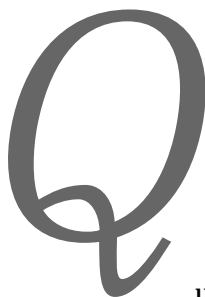
compridos, estavam de pé em volta como infelizes vítimas. Suas, havia ainda poucos minutos, alegres esperanças de alcançarem ainda hoje, antes do anoitecer, o tão almejado destino, ruíram subitamente, sendo nós os cruéis bárbaros que os empurrávamos de novo para os tormentos e perigos de uma viagem por mar. Comovido diante deste quadro realmente de cortar coração, pedi ao tenente comandante que retomasse seu rumo. Tudo se animou de súbito a bordo do *Express*, os apitos soaram e com um violento empuxão as velas foram braceadas; os semblantes dos passageiros animaram-se, e tornaram-se tão loquazes quanto estavam mudos antes. Mas não podíamos ficar no convés; apressamo-nos em descer, abrir as malas postais, que foram trazidas de todos os cantos do navio para cima da mesa da câmara. E entregamo-nos ao trabalho por entre risos e gracejos. Todos os oficiais do brigue sentaram-se ao nosso lado, e ficou assim formalmente constituído o “Cabinet Noire”. A mala postal do *Growler* foi a primeira a ser posta em segurança; mas não andou assim tão depressa com as nossas cartas, porque, como acontece sempre nestes casos, só as encontramos no fundo da última mala. Foi uma cena de algum modo cômica, e nada poderia parecer-se mais com piratas saqueando um navio!

Depois de todas as malas terem sido conscienciosamente seladas, despedimo-nos dos amáveis oficiais e da alegre sociedade do paquete, e remamos novamente para o *Growler* que, neste ínterim, tendo recuado um par de milhas marítimas, navegava ao lado do brigue, acompanhando-o. Quando chegamos novamente a bordo do vapor carregados de cartas e jornais, reinou uma alegria geral entre oficiais e marinheiros.

Depois do jantar, avistamos o Cabo Frio de tão má fama na frota britânica, devido ao naufrágio da fragata *Thetis* no dia 5 de dezembro de 1830; mas quase não se podia distinguir, não obstante a costa ter estado muito clara e visível durante todo o dia.

.....

Amazonas e Xingu



Quando olhamos pela primeira vez para um mapa da América, vemos dois imensos continentes ligados entre si por um estreito istmo. Ricos em grandes vulcões e gigantescas montanhas cobertas de neve, ora em filas simples, ora em múltiplas, formando cadeias ligadas por consideráveis maciços numa extensão de 17.000 quilômetros⁴³ de cabo de Horn na Terra do Fogo até a embocadura do Mackenzie, no Oceano Glacial ao norte – uma distância igual à do cabo Finisterre na Galiza ao cabo Les na Ásia – formando a princípio a pequena e de pois, com o nome de Oregon ou Rocky Mountains, a mais distante da costa do Pacífico, a extensa muralha rochosa dos Andes, na qual o Novo Mundo se recosta, e a ponte ligando suas duas metades. Não obstante os mais altos cumes destas montanhas, as mais extensas da terra, elevarem-se no Estado Livre do Equador até 6.000 metros, no Chile a cerca de 6.600 e na Bolívia até 7.200 metros, continua depois de curta interrupção pelo istmo do Panamá, só com cadeias mais baixas, não alcançando ainda 150 pés de altura, de colinas de granito, e apesar disto, portanto exatamente na sua

⁴³ No original, estas distâncias vêm indicadas em milhas alemãs, cuja conversão estamos fazendo tomando 1 milha alemã – 7.200km.

parte mais baixa, a arremetida das águas do Oceano Atlântico reunidas no Golfo do México para romper este gigantesco dique no seu ponto mais fraco, 46 quilômetros de largura, tem agido por milhares de anos em vão. E as cordilheiras dos Andes estão firmes de pé! Parece não ter sido de balde que se abriu para elas uma fenda na crosta da terra, que vai desde 55° de latitude sul até 68° de latitude norte, mais do que um terço da circunferência do globo terrestre; por quanto ainda hoje preenche sua relevante realidade: servindo de apoio a toda uma parte do mundo, poder-se-ia dizer, de espíndulo. Muito embora aquele estreito dique entre dois mares pareça nalguns pontos ter sido rompido, e mesmo se as mãos dos homens conseguissem abrir um canal através do istmo de Darien – o que neste século do vapor e do comércio se iria de incalculável importância para a circulação do nosso planeta e maior tráfego internacional sobre sua parte fluída e até, quem sabe, pomo de discórdia para os povos civilizados, também – uma tão pouca importância, como essa, não estaria em condições de abalar os fundamentos dos Andes, de modo a pôr em dúvida seu futuro do mínimo sobre os mares.⁴⁴

Se apreciarmos mais de perto a configuração da América do Sul in dependente de sua ligação ístmica com a América do Norte, como um grande Trinacria⁴⁵ a qual, deduzidas as poucas inflexões importantes, forma um quase triângulo retângulo, de que citaremos como vértices o cabo de São Roque, o cabo Forward e Punta das Galinhas. O ângulo reto é encontrado nos primeiros citados promontórios, ali onde a costa de leste projeta-se em forma de cunha no meio das correntes oceânicas, que aí lavam sem cessar a orla do continente, cuja configuração conveixa parece corresponder tão exatamente à grande inflexão da costa oeste da África, como se ambas fizessem originamente uma só parte do mundo.

Como hipotenusa daquele triângulo defrontamo-nos com uma estreita, na sua maior parte estéril orla de costa, de cerca de 7.000 quilômetros de extensão e 35 a 105 de largura, estendendo-se do sul para o norte na sua costa oeste, no sopé dos Andes, refrescada e banhada

44 Para melhor compreensão do quadro geral, vai anexo um esboço oro-hidrográfico no modo simples e tão admirável de expor que o Professor Berg ha usado no seu substancial *Atlas Físico* que fez tanto sucesso.

45 Trinacria – antigo nome da Sicília.

pe las fri as águas dos rios pe ru a nos; uma pra ia pla na que na Bo lí via e até no deserto de Ata ca ma, ao nor te do gol fo de Cho co, se trans for ma, em com pen sa ção, numa pla ní cie con ten do ouro e pla ti na.

Qu a se tan to quan to a Pun ta Pa ri ãa se pro je ta no Pa cí fi co ao sul de Guaiaquil, entra o mar, formando uma funda baía, pela terra adentro perto de Arica, de maneira que a Punta das Gallinas, e o cabo Forward, no estre ito de Magalhães, as ver da de i ras pon tas mais ao sul do conti nen te, ficam quase sob o mesmo meridiano, enquanto que por outro lado, as pontas mais avan ça das do con ti nen te a oes te e les te, a Pun ta Pa ri ãa e o cabo de São Roque, cuja distância direta é só de cerca de dois terços da de ambas as pon tas pri me i ro men ci o na das, en con tram-se quase sob a mesma latitude. Ambos os catetos do triângulo não são do mesmo compri men to; o do sul, en tre cabo For ward e cabo de São Roque, alcança uma extensão de 6.000 quilômetros, enquanto que o do norte só tem 4.300. Uma comparação tornará estes Algarismos mais evidentes. A área da América do Sul, que como é sabido é cerca do dobro da do continente europeu, deixa-se expressar, vamos dizer, pelo espaço compreendido num triângulo, cujos ápices tocam o cabo São Vicente em Portugal, o cabo Norte europeu e a cidade de Bombaim nas Índias orientais, na qual a distância da costa sul-americana do oeste, a do cabo de São Vicente para Bombaim, o comprimento do cateto norte, do cabo de São Vicente para o cabo Nor te e o do sul, do cabo Nor te para Bombaim, são iguais. À altura do meio de cada um destes catetos derrama-se um de ambos os principais rios por uma larga desembocadura no oceano. Até o rio Amazonas, vindo do oeste depois de 5.544 quilômetros,⁴⁶ por con se guin te mais de duas ve zes o cur so do Da nú bio, e mais de cinco vezes o do Reno, considerado Ucaiale como rio origem mas elevando-se a 6.000 quilômetros, um curso igual à distância direta do cabo de São Vicente a Orenburg, no Ural, e o rio da Prata, depois dele ser consi de ra do como sen do ori gi nal men te o Pa ra ná, ter per cor ri do

46 Os 5.544 quilômetros calculados no *Atlas Físico Analista* do Professor Berg hans, Cap. II, nº 8, para o curso do Marañón é 360 quilômetros maior do que o do Yang-tse-Kiang, o gran de rio do Vel ho Mun do. O Mis sis sí pi, consi de ra do nas cen te do Mis sou ri fica, de vi do a suas mu i tas cur vas aper ta das um pou co aquém do Marañón em compri men to; o Ama zo nas, por ém, de vi do ao nú me ro e abun dância de água dos seus afluen tes, é consi de ra do o pri me i ro rio do mun do.

3.458 quilômetros do norte para o sul, o que excede ainda o curso do Danúbio em todo o comprimento do Niemen.

Cada um destes rios gigantes tem sua própria bacia. Os Andes formam desde as nascentes do Madalena até aos maciços das montanhas de Cuzco em forma de arco, cuja corda tem perto de 2.300 quilômetros, o fundo da bacia do Amazonas⁴⁷ que se estreita pouco a pouco para a embocadura até ter 230 quilômetros de largura. Na sua parte mais a sudoeste, ao contrário, fica por meio da estreita faixa estendendo-se para sudeste, dos pampas de Moxos e o Chiquetos; ligada à bacia oblonga do La Plata que começa perto dos pântanos de Xaraies no alto Paraguai, e cuja fronteira de leste a margem esquerda deste rio acompanha a pequenadistância, enquanto que na margem direita do Paraguai e do La Plata estendem-se ricos campos de pastagens até ao sopé da Cordilheira. Estreitando-se por um momento até 314 quilômetros entre a serra da Córdoba, em raiz dos Andes e as montanhas de Entre Rios no La Plata inferior, esta vasta planície alarga-se novamente formando os Pampas de Buenos Aires para, tornando a configuração de um triângulo agudo, acompanhar a costa leste da Patagônia até ao estreito de Magalhães.

Se voltarmos novamente a vista para o Amazonas, surge diante de tudo, a altamente maravilhosa ligação deste rio por intermédio do rio Negro e do Caciquiare com o terceiro grande rio da América do Sul, o Orenoco, com 2.448 quilômetros de extensão, não alcançando por consequente exatamente a do Danúbio, mas sendo em compensação muito mais caudaloso. Como os rios mesmo, as planícies do oeste e do norte desta canalização natural – os Llanos del Orinoco – ficam em contato com a parte noroeste da bacia do Amazonas, que prolongam a nordeste sob a forma dum pescoço de cisne até ao delta do Orenoco. Assim é que o centro do continente sul-americano é constituído por uma cadeia de planícies ligadas entre si, que se estendem desde a embocadura do Orenoco até ao rio de La Plata, até ao estreito de Magalhães mesmo e do sopé da cordilheira do Peru até ao Amazonas, formando uma única e colossal bacia, que estende três braços gigantes para o

⁴⁷ *Herr* H. Wahlmaun teve a bondade de calcular os algarismos que aqui damos como também or ganizar as tabelas que damos mais adiante.

Oceano e que os rios mencionados percorrem em toda sua extensão como colossais artérias.

Contudo, como são diferentes estas três grandes bacias, umas das outras! A bacia central da América do Sul, a bacia do rei dos rios, regurgita de renovada energia e força criadora. Colossais florestas virgens cobrem-na quase que toda, de um extremo ao outro. Florestas intermináveis, de um esplendor, amplitude e exuberância de vegetação como só se podem encontrar em solo igual, brotam aqui do mais fértil solo do nosso planeta;* refrescado e umedecido pelas freqüentes chuvas equatoriais. Uma área de três milhões e meio quilômetros quadrados⁴⁸ coberta de florestas, isto é, mais do que seis vezes a área total da Alemanha, acompanha em tre 2º de latitude norte e 12º de latitude sul, o rio Amazonas, numa extensão de 3.000 quilômetros da Cordilheira até ao mar e derrama um mar de copas transpassado pelas leves coroas de palmas de esguias palmeiras, como um oceano de florestas se para no os campos de gramíneas do Oregon e do La Plata, o que nos faz lembrar, e isto vale sobretudo para a primeira menção na da, em forte contraste com essa eterna amplitude de exuberância, ora a primavera, ora o outono na vida da Natureza, e com o formato de que a cobertura está das chuvas, o desportar do buço no adulescente e no velho arden e escurricante, os últimos dias dum anúncio que esprea a morte. “Os llanos ou as planícies do norte da América do Sul”, diz Alex von Humboldt, “ficam, como o Deserto da Sara, na zona tórrida. Contudo, aparece cada metade do ano sob um aspecto diferente: ora deserto como o líbico mar de areia, ora verdejantes campinas como as altas estepes da Ásia Central.” A área dos mesmos pode-se tomar como sendo 440.000 quilômetros quadrados, o que se ria igual à área de todo o reino da Espanha, em quanto o célebre viajante dá às planícies do rio da Prata e da Patagônia tão extraordinariamente grandes, “que são limitadas ao norte por palmeirais

* Sa be-se hoje que isto é, lamentavelmente, inverídico. Os solos da Amazônia são, em geral, ao contrário, dos mais pobres do mundo. O autor, naturalmente, não dispondo de outros recursos, supôs que só solos muito férteis poderiam sustentar florestas tão exuberantes. Atualmente se sabe que isto não é, necessariamente, verdadeiro. (M. G. F.)

48 Herr H. Wahlmaun teve a bondade de calcular os algarismos que aqui damos como tam bém organiza as tabelas que damos mais adiante.

e ao sul quase que cobertas por neves eternas”, 3.800.000 quilômetros quadrados, o que representa quase sete vezes a área da Alemanha, e da qual mais da metade está revestida de gramíneas. Estes campos formam infindas planícies, impregnadas de sal e salitre, que em muitos lugares estão cobertos de areia movediça ou pântanos, nas quais os rios em parte se perdem por falta de bastante declive. Nos imensuráveis pampas, o viajante não encontra senão plantas raquíticas ou moitas inteiras de plantas halófilas, enquanto as varrem ventos tempestuosos (sobretudo na embocadura do La Plata, o temido pampeiro); contudo, por outro lado, este solo, aliás tão estéril, é ricamente aquinhoado devido às inúmeras manadas de cavalos e rebanhos de gado que o povoam e a que alimenta. Para além do Paraguai, ao contrário, o terreno é coberto de cerradas florestas, que se estendem de a região acidentada do Paraná até as montanhas da Província de São Paulo.

Depois de termos considerado mais de perto os terrenos planos do continente sul-americano, cuja área total monta a cerca de 7.700.000 quilômetros quadrados, uma superfície quase igual à de todo o continente europeu, que remos agora tentar resumir seu conjunto em largos traços.

Começando com os dois cabos de leste da ilha da Trindade, as duas cadeias paralelas do litoral da Venezuela, das quais a do norte que em parte mergulha nas ondas, atinge no seu mais alto pico, a Silla de Caracas, a altura de 2.640 metros, separam a planície sul-americana do mar das Caraíbas. De pois se segue-se, como membro de ligação na cadeia, o platô de Barquisimeto, uma pequena elevação que inicia o caminho para os altos e nevados cumes da Cordilheira a leste do Nova Granada, o mais oriental daqueles três formidáveis ramos. No Paramo de las Papas, verdadeira fortaleza, estes baluartes enraizados na muralha dos Andes erguem-se nos ares, separados pelos vales do rio Madalena e do Cauca, atravessando o Estado de Nova Granada. Da mesma forma que o ramo do oeste, dentro de seis três, que parece, de um modo curioso, estar inteiramente separado do baixo espinhaço do istmo de Panamá, perde-se também a Cordilheira Central, na qual se ergue o vulcão mais setentrional da América do Sul, o Tolima, com 5.160 metros de altura, nos “llanos” do baixo Madalena, nos quais se ergue, ao contrário, isolada, a colossal Montanha de Santa Marta, como um posto avançado na planície, junto ao mar das Antilhas, empurrado contra os Andes do norte

pelos exércitos aéreos dos cumes gelados da cordilheira sul-americana, como se devesse montar guarda na noite escura em tre a cha mi né do sul e a metade do Novo Mundo ao norte, e durante o dia servir de atalaia talvez a 5.400 metros de altura, para es pre i tar por so bre o mar azul e o istmo, se os alvos picos fumegantes da fila dos vulcões da Guatemala, aquelas trinta e oito montanhas de fogo, abriam uma grande fenda no ist mo atra ves san do-o de um mar ao ou tro.

Mas vol te mos aos ma ci ços de Pa ra mo de las Pa pas, ao pon to onde começam aqueles três ramos já mencionados para, avançando daqui de cima do espinhaço da cordilheira para o sul, continuarmos a seguir os confins a oeste das imensas planícies da América do Sul. Por toda a parte aparece-nos no grande arco, cujo ponto mais elevado alcança o golfo de Guaiacuil, ao norte de Punta Pariña, e cuja extremidade sul avis ta mos na re gião da fun da baía de Ari ca, as mes mas for mas pe cu li armenteadas deste gigantescosistema orográfico, co brin do a dé cima parte da superfície da América do Sul, para a qual foi dado ao nosso célebre compatriota Alex von Humboldt, ser o primeiro a chamar a aten ção. Den tro des te, no es pa ço cor res pon den te à par te mais cur ta dos Andes sul-americanos, enfileiram-se uma imponente bacia ou extenso vale jun to a ou tro, cer ca do dos la dos por ca de i as de mon ta nhas e fe chado nas extremidades por enormes maciços e cumeadas transversais. Exce tuando as duas bacias ao norte, em parte situadas muito em cima, contam-se em tre os ma ci ços de Pa ra mo de las Pa pas e o do Por co e Potosí a les te do por to de Ari ca, seis pon tos de união igua is e por con se guin te sete prin ci pais articula ções na cadeia.

Ao ma ci ço de Pa pas en file i ram-se, até ao ma ci ço de Loxa, elevando-se a leste de Punta Pariña, quatro pequenas bacias, cercadas de duas cadeias de montanhas, às quais pertence entre outras o célebre caldeirão de montanhas de Ruito, com 2.700 metros de altura, cortado pelo Equador. Nesta parte das montanhas erguem-se, ora na cadeia de leste, ora na de oeste, ora separadas inteiramente da Cordilheira, as dezessete chaminés da cadeia de vulcões de Quito, da mais setentrional das suas três filas, na qual, atra vés dos lar gos in ters tí ci os de suas pa re des de rocha, divisamos os Andes sul-americanos. Cinco graus de latitude separam o vulcão mais ao sul de Guatemala do já mencionado Tolima, que sob 4º de latitude norte inicia novamente a fila e só é excedido em

altura por dois ou tres vulcões da cadeia de Quituito, que se estende até 2º de latitude sul, isto é, pelo Antisana e Cotopaxi, nenhum deles, porém, atingindo a altura do não vulcânico Chimborazo, que é o fecho desta portentosa cordilheira e que como todos sabem, com uma altura de 6.030 metros acima do Pacífico, foi por muito tempo considerado o monte mais alto do mundo.

Entre o próximo maciço de montanhas de Loxa (4º de latitude sul) e os mais importantes de Huanuco e Pasco, que encerra sob 11º de latitude sul o lago onde nasce o Amazonas, o Lauricocha, encontramos os Andes pela segunda e última vez divididos em três cadeias; por um dos dois compridos vales resultantes, pelo do oeste, corre o Tinguagua ou o Marañón superior (Amazonas), pelo do leste, ao contrário, corre o Málagá, o seu mais importante afluente, que mais adiante muda seu curso nor-noroeste para nor-nordeste, atravessa a Cordilheira a leste para depois confluir com o Amazonas na bacia aí chamada de Pampas do Sacramento.

Quase na mesma altura da serra de sua vizinha da direita, sobrevém uma bifurcação na cadeia central, destacando-se à esquerda (para oeste) um ramo na direção do maciço de Loxa, donde depois de no caminho para lá ser atravessado pelo Marañón perto de Jaén de Bracamoros, se reúne à cadeia da costa, enquanto o ramo da direita, dobrando para nor-nordeste, reúne-se à cordilheira de leste e depois a nordeste de Jaén aproxima-se do Marañón, onde, como veremos de pois, suas faldas do norte proporcionam passagem a este rio – a garganta rochosa Pongo de Manseriché. É digna de nota a circunstância de que aqui, num trecho de cerca de 720 quilômetros, a saber, do Chimborazo até ao alto do Truxillo, na cadeia da costa ao Nevado de Huaililas, nenhum pico da cordilheira alcança o limite das neves eternas (cerca de 4.500 metros), e que a esta depressão da cumeada das montanhas junta-se uma falta absoluta de característicos vulcânicos, que, contudo, mais do que se duplicam quanto mais se estende para o sul.

Nos maciços de Huanuco e Pasco enraízam-se novamente duas cadeias, que, estendendo-se a leste de Lima, se reúnem ao mais considerável de todos os maciços de montanhas dos Andes, a região montanhosa de Cuzco, quase três vezes maior do que a da Suíça, que, recuando de oeste para leste em direção ao interior do continente, forma

uma forte curva a que corresponde a inflexão da costa perto de Arica. Cuzco, a antiga cidade imperial, fica na extremidade leste destemacção, ao qual se agrega a mais alta e ao mesmo tempo uma das mais baixas da cadeia dos Andes, isto é, o planalto da lagoa de Titicaca, com 720 quilômetros de extensão e 144 de largura; um planalto a 3.600 metros acima do nível do mar, tão grande quanto os dois rios da Baviera e da Boêmia juntos, encerrando um lago cuja superfície é igual mais ou menos à dos Grão-Ducados de Hesse e reuinidos, e que, o que é muito curioso e extraordinário, sangra para um ou outro rio menor sem de saguadouro, de maneira que este Tibete americano fica como um país de montanhas sem nenhum escoadouro⁴⁹ semelhante às bacias, como diz Herr von Humboldt, acerca das de alturas montanhosas que se observam na Lua.

Aqui foi, como é sabido, a sede da mais antiga civilização sul-americana, que de preferência procurou as regiões mais frescas das montanhas, como testemunham também os restos de uma época posterior no planalto de Quito. Foi aqui também onde recentemente foram descobertos, mais a leste das duas cordilheiras exatamente paralelas que cercam este imenso espelho de água salgada, os dois mais altos picos do Novo Mundo, o Nevado de Sorata com 7.095 metros de altura e o Illimani com 6.810 metros, dos quais o primeiro citado excede o Chimborazo em 1.080 metros e o Dhaulagiri em menos de 795 metros. Aqui achamos, de pois de um espaço interdiário de 1.584 quilômetros, a segunda cadeia de vulcões da metade sul deste continente, os oito vulcões da Bolívia e do Alto-Peru – entre eles o Gualatieri e o Nevado de Chuquibamba, com 6.180 metros de altura –, que, elevando-se exclusivamente na cordilheira de oeste, contornam a baía de Arica num largo arco de 16° até 21° de latitude sul.

Com os grandes maciços de Porco e Potosí, famosos pelas suas minas de ouro, termina a muitas vezes articulada metade norte dos Andes sul-americanos, e começa a sua metade sul, mais extensa e menos explorada, onde fica, segundo as medições do Capitão Fitzroy, a gigantesca montanha Aconcágua, com 6.600 metros de altura, a leste de

49 Se abstrairmos do rio de la Paz ou Choqueapo e do Mapiari, dois braços das nascentes do Beni, que, conformada dos restantes, nascem na encosta oeste do pico de Sorata, portanto dentro da zona das montanhas, mas que depois de percorrerem curto trecho atravessam a orla da montanha a leste.

Valparaíso, o terceiro pico mais alto do Novo Mundo, enquanto ainda há poucos anos ou via-se emi tir a opi não de que a cu me a da das mon ta nhas parecia elevar-se tanto menos para o limite das neves eternas quanto mais esta baixava para o sul, na cumeada da cordilheira. Novas explorações numa distância de 1.300 quilômetros das montanhasignívo mas da Bolívia, entre a la ti tu de do já an tes ci ta do por to (33° s) e a ilha Chi loe, já constataram indubitavelmente um número de onze vulcões, ao pas so que se pode cal cu lar no do bro o nú me ro de vul cões nes ta ter ce i ra fila de vul cões da América do Sul, se quisermos incluir nela todas as montanhas a que os viajantes de diversas épocas atribuíram característicos de vulcões. As opiniões so bre as ar ti cu la ções das mon ta nhas es tão tão pou co de acor do entre si quanto estes dados sobre vulcões, que segundo as observações de Poppig se estendem em duplas e segundo dados mais antigos em cadeias simples cobertas de neve ao longo da costa oeste do Chile e Patagônia, avançando por sobre a Terra do Fogo até aos penhascos de Di e go Ramí rez. Já o nome de Ter ra do Fogo nos faz es pe rar vul cões – e isto se confirma também; porquanto, recentemente, o vulcão de 1.913 metros de altura no lado sul da ilha, que já era conhecido de Sarmiento, um dos primeiros exploradores do estreito de Magalhães, muitas vezes citado com o seu nome, teve sua posição e altura exatamente fixadas pelo Ca pi tão Par ker King, R. N.⁵⁰

50 Ca pi tão King pa re ce du vi dar da vul ca ni ci da de des te mon te, quan do diz: A forma característica do cume, vis ta do nor te, su ge re a pro ba bi li da de de tra tar-se de um vulcão, mas ja mais obser va mos qual quer in di ca ção de sua ati vi da de. Sua for ma de vul cão tal vez seja aci den tal, pois, vis ta do lado oes te, o cume já não mais pa re ce uma cra te ra. Pelas caracte rís ti cas ge o ló gi cas das ro chas em seu re dor, pa re ce tratar-se de ar dó sia. Ela está numa ca de ia de mon ta nhas que se ele va ge ral men te se is cen tos a no ve cen tos me tros aci ma do ní vel do mar, mas ao fim, a nor des te, exis tem algu mas pelo me nos com 1.200 me tros de al tu ra. A al tu ra do vul cão Ne va do, como o chamamos, ou monte Sarmiento foi estabelecida por medição trigonométrica como ten do 2.040 me tros aci ma do ní vel do mar. Ele foi a ter ra mais alta que vi na Ter ra do Fogo, e para nós, na ver da de, ele foi ob je to de con si de rá vel in te res se por que a sua apa ri ção ou de sa pa re ci men to eram raras vezes in di ca ções errôneas do tem po.” – *Narra ti vas de Vi a gens de Me di ções dos na vi os de Sua Ma jes ta de Adven tu re e Be a gle, en tre os anos de 1826 e 1836*, sob o co man do dos Ca pi tães P. Par ker King e Robert Fitzroy – R. R. Lon dres, 1839 — Vol. 1, p. 27.

Ve mos as sim que po de mos con si de rar até ago ra como co nhe cid os 91 vulcões do sis te ma dos Andes, dos qua is 44 na Amé ri ca do Nor te e ist mo, 10 na sé rie das Anti lhas e 37 na Amé ri ca do Sul – e as sim é que vemos mu i tas ve zes atra vés dos lar gos in ter va los que in ter rom pem a cadeia dos vulcões, através do último rebento da gigantesca família do Ame ri ca no Ne va do, o San to Eli as ber ger guen do-se sob a la ti tu de de São Petersburgo, com 5.028 metros de altura no umbral do Oceano Glacial Ártico, e através das chamejantes chaminés do gélido Alasca até às fu me gan tes fi las das Ale u tas, a pon te por meio da qual a fla man te vul ca nicidade que nas montanhas do Kamatschaka e nos numerosos arquipélagos do oeste do Pacífico se estende até ao Novo Mundo – e assim é que vemos, fi nal men te, aque les vul cões re lu zin do qua is ge mas, cer can do o Pa cí fi co, ora iso la dos, ora em ca de i as, cujo cin to ter mi na com o Sar mi erto, a cujos pés o O ce a no Gla ci al Antár ti co re ben ta es pu man te, en quan to se enfurecem quase sem cessar contra seu pico as tempestades glaciais do oeste que impelem nessas inóspitas paragens, dum lado para outro, os *icebergs*, o pa vor dos na ve gan tes.

Voltemos agora novamente à região onde as águas frias do Oceano Pacífico, por assim dizer, lavam a costa na latitude de Arica (18°30's) e onde a muralha de rocha da Cordilheira nos maciços de Cuzco, recuando para leste o platô de Titicaca que neles se extrema, forma um co to ve lo; aí se nos de pa ra en tre es tes dois pon tos e a la ti tu de de Val pa ra í so, na en cos ta les te dos Andes, ter ras al tas es ten den do-se até lon ge na planície, imensos terraços que lhe servem de apoio, e que, com uma largura de 100 a 114 quilômetros atingem em alguns pontos 540 e até 650 quilô metros. *Herr von Humboldt* cita-nos três des tes “ar co bo tan tes ou botaréus” (contrafortes) como muito apropriadamente os designa, começando do norte, o contraforte da serra Nevada de Cochabamba, com 4.800 metros de altura, que cai perpendicularmente na planície de Chiquitos e cuja aresta se radica excepcionalmente, não no sopé e sim no espinhaço da Cordilheira que for ma a orla les te da ba ci a de Ti ti ca ca, de po is a ser ra de Sal ta, e fi nal men te o con tra for te da ser ra de Cór do ba, que, como já foi dito, se proje ta nos pam pas de Bu e nos Ai res na di re ção do Paraguaí.

Depois de termos delimitado a grande bacia da América do Sul a oes te e ao nor te pelo cin to de mon ta nhas uni das da cos ta ve ne zu elana

e a cadeia dos Andes, da ilha da Trindade até ao estreito de Magalhães, voltamos para a região da embocadura do Orenoco de onde saímos.

Entre as planícies deste rio e as do Amazonas ergue-se, limitado pelo 3º e 8º graus de latitude norte e pelo 60º e 67º de longitude oeste de Greenwich, na sua parte norte porém estreitamente circundado pelo Orenoco, a parte montanhosa da Guiana, separando-a do Oceano Atlântico o grande complexo das terras planas a nordeste. Este sistema de montanhas, que excede dezoito vezes em tamanho a Suíça, compõe-se da serra da Paríma a oeste, da serra de Paracáima no centro e da serra de Acaraí a leste, cujo pico mais alto, o Duída, conforme as medições de *Herr von Humboldt*, atinge a 2.331 metros de altura; cerca de oito cadeias separadas umas das outras por vales e savanas que, como a linha da costa se para das montanhas por uma estreita planície, seguem a direção geral de M. 85º W, e que se prolongam por contraforte a sudeste até ao cabo do Norte e até 110 quilômetros da margem esquerda do Amazonas, onde mais adiante ainda mais para o sul, na serra de Almeirim ou de Paru, se avistará obliquamente defronte, ao mesmo tempo, a embocadura do Xingu, e sua enchente antecipa da.

A sudeste, finalmente, o imenso caldeirão central da América do Sul está cercado pela pouco elevada, porém, tanto mais extensa zona montanhosa do Brasil, que se eleva entre as bacias do Amazonas e do La Plata. Da embocadura deste último, porém, por diante, a planície patagônica estende-se, livre de montanhas, para o sul do Oceano Atlântico.

A configuração das terras altas brasileiras é a de um triângulo mal conformado, cujo vértice truncado baixo, elevando-se no alto Madeira e na margem do Guaporé, só uma estreita faixa das campinas dos Moxos e Chiquitos separa da Cordilheira da Bolívia, de onde se estende em descomunal desdobramento até ao oceano, cuja costa, desde a embocadura do Paraíba do Norte, na fronteira leste da Província do Maranhão, até de pois de Montevidéu, lhe serve de base. Sua área presumível, de 4.650.000 quilômetros quadrados, é quase tão grande quanto a Rússia européia; a média de sua altura acima do nível do mar é só de 300 a 600 metros.

No platô do Brasil ficam as montanhas mais altas, cuja direção geral, como a de suas camadas, é norte-sul. Na orla leste da zona montanhosa ergue-se, ora em maior, ora em menor distância da costa, a serra do Mar, que se estende desde o Jacuí, que deságua na lagoa dos Patos,

(29°30' de latitude sul) até qua se à Baía de To dos os San tos, (13° de la titude sul) e na opinião de von Eschwege por meio de um espinhaço baixo, até qua se ao cabo de São Ro que que, po rém, vis ta do mar, se pro lon ga como ter re no pla no. Esta ca de ia de mon ta nhas – na qual num mais alto sen ti do deve mos in clu ir to das as ele va ções da Pro vín cia do Rio de Ja ne iro en tre a cos ta e o rio Paraíba – tem a sua maior altura na serra dos Órgãos, com 900 a 1.200 metros, que fi ca mos co nhe cen do nas pro xi mi da des da Ca pi tal.

Com esta cordilheira da costa correndo quase paralela com ela, e na sua par te nor te afas ta da cer ca de 290 a 360 qui lô me tros, es ter de a Pro vín cia de Minas Ge ra is por toda sua ex ten são do nor te para o sul, uma segunda cadeia de montanhas, aliás, a mais importante do Brasil, elevando-se o Itambé a 1.677 metros, nas proximidades do famoso distrito dos diamantes, de Tijuco, e o Itacolomi, com 1.620 metros de altura na rica região aurífera de Vila Rica, que na sua parte sul eleva-se aci ma de 2.100 me tros.⁵¹ Aqui a ca de ia toma o nome de ser ra da Man tiqueira, e estende-se como tal na direção sudoeste até a Província de São Paulo, onde se une à serra do Mar, ou pelo menos se gue jun to a ela por um terreno montanhoso. Enquanto alguns dão o nome de serra da Mantiqueira a toda esta ca de ia de mon ta nhas que pa re ce es ten der-se do norte da Pro vín cia de Mi nas Ge ra is até às da Ba hía e Per nam bu co, e ao sul até São Pa u lo e Rio Gran de, *Herr* von Eschwe ge cha ma a esta prin ci pal ca de ia da re gião mon ta nho sa do Bra sil ser ra do Espi nha ço.

Para o oes te esta ca de ia de mon ta nhas, aliás se pa ra da pelo rio São Francisco, mas reaproximando-se novamente dela e ligando-se-lhe por cu me a das trans ver sa is, na sua par te sul, é atra ves sa da ain da do nor te para o sul por muitas outras das terras montanhosas, em parte por cadeias es ten den do-se de les te para oes te, em par te, po rém, unin do-se sob es ses ângulos, criando assim uma ligação geral entre elas, de maneira que neste caos de ca de i as se pode re co nhe cer um es pi nha ço co mum en tre os pa ra lelos 16° e 21°, que, em curvas incríveis, atravessando as províncias de Minas, Goiás e Mato Grosso, de leste para oeste, seciona as bacias de am bos os prin ci pais rios, ter mi nan do com o ter re no aci den ta do are no so de cam pos dos Pa re cis, e se per de na di re ção dos pam pas de Chi qui tos, de fron te do por ten to so con tra for te dos Andes, a ser ra de Co cha bam ba. *Herr* von Eschwe ge re ú ne por isto toda esta ca de ia sob o nome de ser ra

51 Ver: *Características da Terra, Povose Geografia Política*, de Von Roon. Cap. II, p. 143.

das Vertentes, tendo cada uma delas, porém, como se pode facilmente imaginar, seu próprio nome. Entre as cadeias que se dirigem do norte para o sul, distinguimos antes de tudo, de frente da Itambé, a serra da Canastra, com 1.350 metros de altura, a mais alta de todo o sistema orográfico reunido; depois a contígua serra da Marcela e as serras da Tabatinga e Ibiapaba, que separam o São Francisco e o Tocantins do Paraíba; em seguida, entre ambos os rios nascentes do Tocantins, a cadeia conhecida pelo pomposo nome de cordilheira Grande, e entre o Paraguaçu e o Paraná a serra de Maracajú com 600 a 900 metros de altura, depois das quais, das que correm de leste para oeste, só que ro aqui citar a Pirineus e a serra de Santa Marta.

Assim vê-se que todas as montanhas do Brasil são ligadas e que esta ligação geral estende-se da serra do Mar, por meio da serra da Mantiqueira à serra do Espinhaço; enquanto a serra das Vertentes se estende da última ao campo dos Parecis, donde esta grande cadeia de montanhas pode ser seguida entre 14° e 20° de latitude sul, através dos pampas até ao pé dos Andes, formando uma linha de demarcação entre duas planícies ligeiramente elevadas, semelhante à linha de separação ligeiramente perceptível que, como o Barão Humboldt mostrou, corta no hemisfério norte o continente sul-americano entre os graus 2 e 4 e cruza da apenas pelo Caciquire.

De pois de termos exposto ao leitor em largos traços o contorno destas terras baixas do continente e as montanhas e terras altas que as limitam, deixamos aqui para melhor compreensão do que fica dito, um sumário da relação de áreas em números redondos:

Terras Baixas	Quilômetros quadrados	Quilômetros quadrados
Llanos do Orenoco	440.000	
Planícies do Amazonas.....	3.500.000	
Pampas do Rio da Prata e da Patagônia.....	<u>3.800.000</u>	7.740.000
Planícies da bacia do Magdalena.....	340.000	
Terras do litoral da Guiana	105.000	
As terras planas da costa no oeste dos Andes ...	<u>565.000</u>	<u>1.010.000</u>
TOTAL		8.750.000

isto é 3.500 quilômetros quadrados mais do que a superfície de toda a Europa, inclusive ilhas.

Terras Montanhosas	Quilômetros quadrados	Quilômetros quadrados
A cordilheira dos Andes.....	1.650.000	
A cadeia da costa de Venezuela.....	55.000	
A serra Nevada de Santa Marta.....	5.000	
As montanhas da Guiana.....	750.000	
As montanhas do Brasil.....	<u>4.650.000</u>	<u>7.110.000</u>

Por conseguinte, cabem 5/9 de terras baixas e 4/9 de terras montanhosas ao continente sul-americano.

Levar-nos-ia muito longe enumerar aqui os milhares de rios grandes e pequenos que nasceram nas terras montanhosas do Brasil. Citaremos só os três rios de que se origina o Paraguaí: o Paraguaí, o Paraná e o Uruguai, e entre os rios da costa: o Paraguaí do Sul,⁵² o rio Doce, o rio Grande de Belmonte, o portentoso São Francisco, com 2.520 quilômetros de extensão, o Paraguaí do Norte e o Merim. Todos os afluentes do Amazonas ao sul nascem também no Madeira: o Tapajós, o Xingu, o Uaupés e o Tocantins nas montanhas do Brasil, e a maioria dos últimos rios citados formam muitos rápidos e cachoeiras antes de entrarem na colossalia do rei dos rios.

O Amazonas mesmo, como já ficou dito, nasce nos Andes. Os rios de que se origina – como tais podem considerar o alto Marañón, o Huallaga, o Ucayali, e também num mais largo sentido o Madeira – formam um imenso sistema fluvial cujas nascentes se estendem da serra Nevada de Cochabamba até aos maciços de Pasco, e cuja direção comum é do sul para o norte, enquanto o rio principal formado por toda esta massa de água, voltando com uma curva apertada para o oceano, corre de oeste para leste. Entre estes complotes de rios, os geógrafos, como é sabido, escolheram o rio manancial mais a oeste, o Gunguaragua, que

⁵² Cuja extensão como a do nosso Oder é de cerca de 864 quilômetros, o que que remos aditar aqui como complemento do capítulo anterior.

como pro va mos aci ma nas ce nos três ma ci ços de Pas co, que fi cam en tre 11 e 20° de latitude sul e o lago de Lauricocha, 25 milhas ao norte de Lima, para, batizando-o de Marañón, fazê-lo portador do nome que os espanhóis tinham dado ao gran de rio. Deve-se es tar lem bra do de que o alto Marañón corre a oeste de ambos os longos vales paralelos que se es ten dem ao lado um do ou tro en tre os ma ci ços de Pas co e de Loxa, na direção nor-noroeste, por uma distância de 650 quilômetros até a Vila de Jean de Bracamoros, onde pouco antes de atravessar a Cordilheira Cen tral, se tor na na ve gá vel (só para pe que nos bar cos que ca lem de 1,50 a 1,80 metros) e toma uma direção norte. Depois de um curso de 432 qui lô me tros in clu si ve as cur vas, vol ta-se para a em bo ca du ra do São Iago inteiramente para leste, abrindo, à força, caminho entre as altas rochas do Pongo de Manseriché, for ma do, como é sa bi do, por ra mi fi ca ções do contraforte norte da Cordilheira Central. Em menos de uma hora a impetuosa torrente leva um barco através desta garganta com cerca de onze quilômetros, cuja profundidade já a princípio de 26 a 44 metros e largura de 210 metros vai-se estreitando até 40 metros. Sua saída, que é no mes mo pon to onde o Ma rañón, en tran do nas ter ras ba i xas, diz para sempre adeus aos Andes, para agora prosseguir uniforme, sem quedas nem cachoeiras, mas formando incontáveis ilhas pequenas e grandes, fica aci ma da pe que na ci da de de Bor ja, sob 4°28' de la ti tu de sul e 76°27' de lon gi tu de oes te de Gre en wich e a uma al tu ra de 350 me tros aci ma do nível do mar. Começa igualmente com o Pongo a principal direção do rio Amazonas, de oeste para leste, que o mesmo segue em linha por 3.000 qui lô me tros até ao Oce a no Atlân ti co, a que al can ça sob o Equa dor, en tre 48° e 50° de lon gi tu de oes te de Gre en wich.

Como seu primeiro afluente importante, já ficamos conhe cendo o Huallaga, com 1.500 metros de largura, que logo depois de atravessar a Cordilheira a leste conflui com ele. Um pouco mais abaixo desemboca o imenso Ucaiale, na sua parte inferior com entre 800 a 2.400 metros de largura, excedendo em 570 quilômetros a extensão do Marañón, que, nascendo nas montanhas de Cuzco, corre por muito tempo na encosta leste dos Andes, voltando-se, então, embora por um curto trecho, num ângulo agudo, para nor-nordeste e depois de um cur so igual ao dos três rios Vís tu la, Oder e We ser, de 2.400 qui lô me tros, alcançando transversalmente, defronte da cidadezinha de Nauta, e um

pouco mais abaixo de São João de Omáguas, o Amazonas, aqui metade mais largo, com 1.200 metros. Da embocadura do Huallaga até este lugar, a largura média do Maranhão monta a de 400 a 1.200 metros, em alguns lugares até a dez quilômetros, enquanto que sua profundidade, conforme o Tenente de Marinha Lisster Maw, é de 17 a 26 metros; na embocadura do Ucaiale, porém, vai a mais de 77 metros. Ao Ucaiale segue-se o Napo, vindo do norte, que nós, deixando de lado os outros afluentes sem importância da esquerda, só citamos de vido ao seu interesse histórico, da mesma forma que somos levados a citar o seguinte afluente ao sul, o Javari, como rio fronteiriço do Brasil em a República do Equador e norte do Peru. De frente de sua embocadura ergue-se sobre uma colina a pequena cidade fronteira de São Francisco Xavier de Tabatinga, sob 4°33' de latitude sul e 70°10' de longitude oeste de Greenwich, que durante a presença de *Herr* von Spix foi fracamente defendida por um forte de madeira armada de alguns canhões de sessenta libras.

Da fronteira do Brasil, onde a superfície do rio Amazonas ainda fica a 190 metros acima do nível do mar, até a embocadura do rio Negro, o Maranhão tem o nome de Solimões; com esta também na embocadura do Javari o grande arco ao norte, que caracteriza o meio do seu curso, aproxima-se na direção da Fonte Boa quase até 2° do Equador e só termina perto da embocadura do Coari, sob 4°9' de latitude sul e 63°3' de longitude oeste de Greenwich, depois do afluente do lado esquerdo, ainda inexplorado, Iça ou Eça (Putumayo, dos espanhóis) e do Jupurá, muito ramificado, transbordando por muitas vezes até 580 quilômetros ao longo da margem esquerda do rio principal, – até onde *Herr* von Martius levava suas memoráveis explorações, e 280 anos antes dele, o alemão Filipe von Hutten, suas incursões à procura de tesouros – e do lado direito, do Jutai, Juruá, do pardo-escuro Tefé, desembocando perto de Ega, e muitos outros rios quase desconhecidos, que levam o tributo de suas águas ao rei dos rios. Abaixo de sua confluência com o Coari, M. de la Condamine calcula a largura do Solimões já em mais de 5 quilômetros, enquanto que *Herr* von Martius calcula a do Purus, o seguinte afluente mais importante à direita, em 800 metros, e que se iam precisos dois meses só para ir até suas cataratas. Na embocadura deste rio, suas águas brancas seguem as calmas águas pardo-escuras quase negras do grande rio Negro, na margem oposta. Entre todos os rios

que, vindo do norte, desaguam no Amazonas, o mais importante, o que acabamos de mencionar, alcança uma extensão de 2.600 quilômetros, correspondendo quase que à do Danúbio. Suas nascentes não ficam, como já ficou dito, como as do Napo, do Iça e seus demais companheiros vindos do norte, já mencionados, na cordilheira, e sim na serra de Tunuí, aquela baixamontanha da nos *llanos*, da qual, contudo, como eles, corre na direção sudeste ou antes les-sudeste – depois de no seu curso atravessadas planícies em contraste com muitos lagos com 15 a 18 metros de profundidade e até recebe por meio dos conhecidos canais naturais do Orenoco uma parte de suas águas – para lançar-se perto da fortaleza da barra do rio Negro sob 3º de latitude sul, no rio principal. Sua largura é aqui, no seu ponto mais estreito, ainda de 2.000 metros, com uma profundidade de 40 a 42 metros. A largura do Solimões, que varia frequentemente, vem aumentando, ao contrário, desde a fronteira brasileira até este ponto de 1.800 até 8.000 metros do que resulta cerca de 1.700 metros no principal canal, enquanto que sua profundidade média de Omaguas em diante é de 30 a 35 metros.

Com a confluência do rio Negro – até onde escuras e navios de guerra já chegam,⁵³ e segundo Lister Maw, fragatas também podem subir – começa a ter o nome de rio Amazonas (num mais estritamente) com o curso igual ao do Reno, abaixo do Marañón, no qual este primeiro entre os rios do mundo recebe à direita seus gigantescos afluentes já citados e que, com exceção dos primeiros e mais importantes entre eles, nascem nas montanhas do Brasil.

O colossal rio Madeira, cheio de ilhas, com 3.600 quilômetros de extensão, quase igualando ao Volga, deve o nome a sua abundância de madeira flutuante; é conhecido, porém, entre os primitivos habitantes pelo nome de Cavari, “rio branco”; nasce, conforme as mais recentes explorações, da confluência de três rios, entre 8º e 9º10’ de latitude sul; dois deles, o Mamoré, que nasce no lado sul da serra Nevada de Cochabamba, e o Beni, que desce da cadeia nevada do Sorata e Illimani, têm, pois, suas nascentes nos Andes, enquanto que a nascente do terceiro, o Guaporé, fica muito mais para leste, nos campos de Parecis, e a apenas

53 Um capitão da Marinha brasileira contou-me que uma vez fizera a viagem num breguete de guerra, que calava 5 metros, pelos canais a oeste do Marajó, do Pará à barra do rio Negro.

meia hora de distância da do Paraguai, de maneira que, sendo ambos estes rios navegáveis quase que até suas cabeceiras, já se pensou em ligá-los por meio de um canal; uma em pre sa que, de vi do à pe que na elevação da superfície das águas, não ofereceria nenhuma dificuldade, e que seria de gran de van ta gem para as co mu ni ca ções no in te ri or do Bra sil. O maior obs tá cu lo a isso, po rém, são as nu me ro sas ca ta ra tas, das quais cin co ficam acima e treze abaixo da embocadura do Beni, impedindo o caminho para a navegação do Madeira; o curto trecho do trajeto que elas ocu pam re pre sen ta, con tu do, só por si, a ter ça par te dos nove a dez meses que uma canoa precisa para percorrer o caminho fluvial do Pará à Vila Bela de Mato Gros so.⁵⁴

Já acima das quedas encontram-se, de ambos os lados do rio, com a largura de 1.100 a 1.300 metros, aqueles lagos que o acompanham, li ga dos a ele e às di ver sas zo nas flu vi a is pró xi mas por vá ri as formas que são características de todo seu curso; a direção dessas ligações que se realizam com o Amazonas desde a embocadura do Beni até 110 quilômetros abaixo da barra do rio Negro, numa extensão de 1.728 quilômetros, duas vezes a extensão do Oder, é quase inteiramente reta, e, aliás, sem interrupção em direção nordeste. Na sua embocadura, o Madeira apresenta-se com 1.700 metros de largura e 7 a 8 metros de profun di da de, como uma co los sal mas sa de água tur va, ama re lo-es verdeada, às vezes esbranquiçada que (segundo von Spix e Martius) corre com a pequena velocidade de 6 a 8 metros, lenta e vacilante como se hesitasse em oferecer voluntariamente o pes co ço ao jugo do al ti vo Ma ra ñón, seu único rival no continente sul-americano, para dali por diante seguir as ondas amarelas cor de terra do seu vencedor sem um nome e sem vontade própria.

Cabe aqui lançar um olhar retrospectivo so bre todo o sis te ma flu vi al cen tral da Amé ri ca do Sul, que ne nhum ou tro igua la em gran de za e para ain da uma vez abran gê-lo em to dos os seus ca rac te rís ti cos es sen cia is. São dois os rios principais que se nos apresentam: o Amazonas, formado pelo Ma ra ñón e pelo Uca i a le, re for ça do por mu i tos aflu en tes no oes te, e entre eles sobretudo pelo rio Negro, desaguando na sua margem esquerda, e o grande Madeira, cujos rios que lhe dão origem atravessam

54 Veja-se von Spix e Mar ti us, T. III, p. 1.336 – Se gun do *Dicionário de Geografia*, T. II, p. 12, só se ri am ne ces sá ri os três a cin co me ses.

os pampas dos Moxos e Chiquitos entre a cordilheira e as terras altas brasileiras, vindo do sudoeste. Ambos confluem num ângulo agudo e prosseguem reunidos numa direção tal, que seu curso em comum daí por diante, isto é, até Óbidos, a 360 quilômetros de distância, pode ser considerado como a média proporcional a suas respectivas velocidade e massa de água, pelo que parece justificado considerar ambos esses grandes rios como realmente os mananciais do Amazonas.

No que concerne a sua extensão, a do Madeira, tomando o Mamoré (e Guapeí) como seus mananciais, é de 3.600 quilômetros; até a desembocadura do Amazonas, no mar, porém, 4.600 quilômetros; a do Marañón ou Solimões até a embocadura do Madeira, 4.436 quilômetros, e até ao mar 5.544 quilômetros e finalmente a do Ucaiale, 5.112 quilômetros e até a desembocadura do Amazonas 6.120 quilômetros.

Por conseguinte, o Madeira, não só em massa de água, como já se deduz do menor número e importância dos seus afluentes, como também em extensão, fica consideravelmente aquém do Marañón. Abaixo da confluência dos rios a largura das águas é de 4.800 metros, e onde formam ilhas, vai muitas vezes até 10.800 metros; a profundidade, ao contrário, é de 53 metros. Neste trecho do curso do Marañón encontramos também a ilha dos Tupinambaranas, com 300 quilômetros de comprimento e medindo 12.500 quilômetros quadrados, aproximadamente, portanto, a área do Reino da Saxônia, formada pelo Amazonas e o Irariá, afluente do Madeira ao qual já nos referimos num capítulo anterior, para onde se retiraram os últimos remanescentes da outrora poderosa horda dos tupinambás.

Não muito depois da confluência deste braço do Madeira com o rio principal, e precisamente abaixo da embocadura que fica perto do rio das Trombetas, um daqueles pequenos rios que corriam para ele das montanhas da fronteira da Guiana, o por tanto so Amazonas forma o célebre estreito de Óbidos, na língua geral chamado Pauxis, o segundo estreito igual ao Pongo que o rio colosso, segundo a medição trigonométrica realizada pela Comissão Portuguesa da Fronteira no ano de 1781, calculou em 1.400 metros. Sem ilhas, reunido num único espelho, num único corpo, o altivo e grandioso rei dos rios rola aqui com toda sua força de gigante e alta majestade, como se quisesse romper a estreita faixa e lançar-se nas margens planas ao norte, onde erguem-se apenas

pequenas colinas que delimitam seu leito, que ele, na primeira sensação duma ulterior resistência cavou, por assim dizer, na sua fúria, até uma insondável profundidade. Até aqui, isto é, 650 quilômetros pelo Marañón acima, ou comparando com o Reno, por uma distância igual à do mar do Norte até a do Manhe in, e até a altura de 135 metros acima do nível do mar, chega a influência das márs. Herr von Martius calcula em aproximadamente ca tor ze milhões de de cí me tros cú bi cos por se gun do a massa de água que corre por esta por ta, de ven do no tar-se que os aflu ntes do Amazonas, três dos quais excedem de muito a extensão do nosso Reno, não são to ma dos em consi de ra ção, por que só mais tar de lhe le vam seu tributo. Descendo daqui até depois do Pará, o trecho mais raso do Amazonas tem ain da a pro fun di da de de 11 me tros, mes mo com a in clu são pos te ri or dos ca na is que le vam ao oes te de Ma ra jó.

Quatrocentos e trinta e dois quilômetros abaixo da embocadura do Madeira a 72 quilômetros de Óbidos, de sá gua o ver de-es cu ro Tapajós, contudo um pouco mais cla ro do que seu vi zi nho da di re i ta, o Xingu, perto da vila de Santarém, a principal praça de comércio, e empório do Amazonas, no Marañón. Do ponto de confluência sob 9°30' de la ti tu de sul dos seus dois rios ma nan ci a is, o Ju ru e na e o Ari nos em diante, perto das nascentes do Paraguai e do Guaporé, em Campos dos Parecis, sua direção é quase reta, a nor-nordeste, até sua embocadura, de maneira que forma com o Arinos, e, apesar de sua menor profundidade, menos perigosa via fluvial para Mato Grosso e Cuiabá, do que o Madeira, pela qual o algodão, e principalmente o pó de ouro e os diamantes bru tos das mon ta nhas, bem como os nu me ro sos pro du tos naturais das terras ribeirinhas são levados para o Amazonas pelos mundurucuse maués, muito conhecidos pela sua atividade e enfeites de penas, que recebem em troca pro du tos da in dú stria eu ro péia e, como fre te de re tor no, peças pesadas que não se prestavam à continuação do transporte por terra das grandes praças marítimas do sul para o interior. Todavia, a na ve ga ção no Ta pa jó s está tão pou co li vre de di fi cul da des, de quedas de água e ca cho e i ras, quan to seus gi gan tes cos com pa nhe i ros do oes te, cuja maior catarata, com 9 metros, o Salto Grande, iguala em altura, de maneira que na melhor das hipóteses são precisas pelo menos seis se ma nas para ir de San ta rém, rio aci ma, até Cui a bá.

Imaginem-se o Oder e o Visluga juntos, e obtem-se aproximadamente uma idéia do curso de cerca de 1.800 quilômetros do Tapajós; juntam-se, porém, dois com primários do Reno de Rheinwald-Gletscher à represa de Katroyk-op-zee um ao outro e tem-se o comprimento dos 2.160 quilômetros percorridos pelo imenso, mas menos visitado Xingu, que 360 quilômetros abaixo do já mencionado rio, em Porto de Moz paga ao Amazonas o tributo de suas claras águas que nascem na serra das Vertentes, a sudoeste de Campos dos Parecis, em treze 14º e 15º de latitude sul e até a meio caminho de Cuiabá, em Mato Grosso para Vila Boa, a capital de Goiás. O curso do Xingu, de sua nascente até sua embocadura sob 1º41' de latitude sul, dirige-se em geral do sul para o norte. Na sua parte inferior, porém, descreve um surpreendentemente apertado arco a sudeste, que termina na embocadura do Tucuruí, que vem do oeste, um pouco acima de Sousel, a última povoação habitada por brancos.

Estes poucos informes sobre o Xingu podem no momento bastar; parece também ser suficientes para mais tarde serem reatados. Antes, porém, de deixar este rio, seja-me permitido referir-me ainda uma vez à serra de Almeirim, ou de Paru, sob 53º de longitude oeste de Greenwich, a noroeste de Porto de Moz, como a única eminência donde M. de la Condamine na sua viagem fluvial, realizada há um século, avistou desde o sopé dos Andes ao oceano Atlântico.

Já a oeste da embocadura do Xingu o Amazonas pareceu a *Herr von Martius* tão largo quanto o lago de Conselheira. Abaixo da mesma o rio, que até aqui, dentro das terras baixas, se tinha conservado entre os paralelos de 5 e 1º30' de latitude sul, alargou-se até parecer um verdadeiro braço de mar do qual partilhavam muitas ilhas. O primeiro rio ao norte corre, a princípio, com o nome de Macapá, depois com o de canal de Bragança do Norte, daqui para nor-nordeste, para, entre o cabo Maguari na ilha Joannes ou Marajó e cabo Norte, com uma largura de 240 quilômetros, lançar-se no oceano, entre as ilhas Caviána e Mexiana, por uma embocadura dividida em três partes.

Um segundo braço menos importante, com o mesmo nome da vila à margem, chamado o rio Gurupá, corre por entre filas de ilhas (as ilhas Gurupá) separadas do anterior por um trecho até mais adiante, numa direção mais para leste. Por um lado, esta massa de água ao sul

une-se novamente a noroeste da ilha de Marajó ao canal de Bragança, entra 130 quilômetros mais abaixo da embocadura do Xingu, numa parte da mesma, ramifica-se por um sistema natural de canal, que se para a costa pantanosa desta ilha da sua terra firme a oeste, e segue correndo por ela numa direção sul-sudeste. No lado sudoeste da ilha Joannes a torrente do Marañon une-se às águas do Uaupis (Anapu, Guaupis) do Pacajás e do Jacundás, numa vasta baía na ilha, que tem o nome do rio (ou da baía) das Boças, formando um verdadeiro mar de água doce, se parando a ilha de Marajó, ao sul e a leste da terra firme, prosseguindo para leste e norte como rio Pará e recebendo a meio caminho para o mar o último dos três freqüentemente citados rios gigantes, o Tocantins, de cor de azeitona, com cerca de 2.900 quilômetros de extensão, igual ao Ganges; pouco depois, tendo-se-lhe reunido os rios pequenos mais abundantes em água, Moju, Acará e Guaná, correndo do sul (a cujas desembocaduras em comum no Pará, chama-se baía de Guajará) com uma largura de 62 quilômetros, abrir-se para o oceano entre a Ponta de Tijoca e o cabo Maguari. Embora muitos geógrafos não considerem o Pará como pertencendo ao sistema fluvial do Marañon e sim comunicando-se somente com ele por intermédio do escoadouro do Tocantins, por eles considerado inteiramente independente, podemos assim – caso me seja permitido emitir uma opinião no assunto – mais tarde, por motivos que exporei modestamente, não aderir a esta idéia. Se contarmos os cerca de 30.000 quilômetros quadrados da água doce com que o Amazonas e seus afluentes rodeiam a ilha de Marajó, igual em tamanho à Sicília, até o delta do mesmo, teremos para toda a largura de sua embocadura, da Ponta de Tijoca até ao cabo do Norte, trezentos e vinte quilômetros o que é mais ou menos igual à distância do monte Circolo, nas lagoas Pontificias, ao Cabo Galo, perto de Palermo, e também à largura do nosso mar Báltico (entre Courland e o cabo Thorhamn-Odde).

O Tocantins, do qual nos queremos ocupar por um momento, origina-se de dois rios de quase igual extensão, que como é sabido são separados pela cordilheira Grande, dos quais o do oeste, até a sua confluência que se realiza sob 5° de latitude sul, chama-se rio Araguaia, sendo o de leste chamado Tocantins desde o começo. A nascente deste último fica pouco mais ou menos sob 16° de latitude sul na parte leste da serrada Vertentes, de cujo lado sul correm as águas para o Paraná, e

até muito perto de Vila Boa, onde as três principais vias do comércio interior do Brasil se reúnem, às quais nos permitimos aqui referir em poucas palavras.

Uma dessas três estradas se gue transversalmente, deste ponto da reunião através de Mato Grosso por Cuiabá e Vila Bela, para a Bolívia, onde sobe até ao famoso vale de Po to si, nos Andes, 3.756 metros acima do nível do mar. Uma outra via comercial idêntica sai de Vila Boa em direção ao norte, para Palma, no meio de Goiás, do braço para oeste, para, portanto transversalmente as montanhas, irlevar suas mercadorias à Bahia, em contrando-se aí no seu término, com a estrada que, vindo do Pará para São Luís do Maranhão e daí novamente através do sertão, leva novamente pelo imenso arco da costa leste do Brasil, à Bahia. A terceira via comercial, saindo de Vila Boa, permite, por fim, as comunicações com o leste e sul do país, por Paracatu e Vila Rica, por um lado com a Capital do Império, Rio de Janeiro, e por outro com as Províncias de São Paulo e Rio Grande.

Voltando novamente ao Tocantins, depois desta pequena digressão, encontramos as nascentes do Araguaia quase no meridiano do Xingu, e 2º mais ao sul do que os rios mananciais do oeste, com tão grande abundância de água que um, no seu curso superior, inundou no começo do século passado as terras conhecidas devido a suas minas de ouro. A faixa de cataratas mais ou menos larga forma junto a todos esses grandes afluentes meridionais do Amazonas igualmente a linha divisória entre seu curso inferior, através de planícies cobertas de florestas e seu curso superior, cuja maior parte corre através de campos acidentados onde a vegetação das margens só se eleva até a altura de árvores baixas e retorcidas, de folhagem de um verde menos viçoso que nas terras de Minas, que, como as rochosas, se limitam à formação de ouro. No Tocantins as quedas de água e os rápidos terminam ao norte do 4º de latitude sul. Aí ele entra por conseguinte nas terras planas. No Xingu, o ponto de entrada nas planícies fica a 3º30' de latitude sul; no Tapajós, porém, ao sul do 5º, onde ao mesmo tempo termina o limite das terras altas brasileiras, que este rio corta transversalmente como um traço.

À distância de poucas milhas da embocadura do Tocantins eleva-se na sua margem esquerda a cidade de Cametá, também chamada Vila Viçosa, cuja comarca conta cerca de 20.000 habitantes, que certamente

se pode tornar um dia muito florescente se o comércio, o que se ria muito para desejar, aumentasse neste belo rio. Sim, a natureza mesmo parece tê-lo destinado a via comercial, ligando-o por uma bifurcação natural ao Jacundá, seu vizinho da esquerda, e por outro lado, pondo suas águas per to da embocadura, por intermédio do Anapu, seu afluente da direita, e do Igarapé-Mirim que nele de sá gua qua se que em co mu ni ca ção com o rio Moju também, de maneira que basta um rápido golpe de vista para abranger a situação. Por este caminho chega-se facilmente e com segurança à baía de Guajará e por conseguinte à Capital da Província do Pará, à cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, que fica na embocadura do Rio Guamá, nesta baía do rio Pará, dis tan cia da cer ca de 17 mi lhas do mar, sob $1^{\circ}27'$ de la ti tu de sul e $48^{\circ}30'$ ⁵⁵ de lon gi tu de oes te de Greenwich.

A barra do rio Amazonas é, devido aos grandes bancos de areia que se formaram diante de ambas as suas embocaduras, extremamente perigosa. Além disto, ocorre ainda um outro fenômeno al tamente singular e ainda não suficientemente explicado, que pode facilmente tornar-se muito perigoso, a conhecida pororoca, na desembocadura do Marañón, que se manifesta com mais violência no plenilúnio e na lua nova, por ocasião das marés vivas, durante os equinócios, portanto (so bre tu do na pri ma ve ra) e não só nos rios prin ci pa is como tam bém em alguns dos seus afluentes mais próximos do mar, e em muitos rios próximos da costa. Em lugar de subir regular mente, o pre a mar er gue-se pouco a pouco represado pela forte massa de água que o rio despeja continuamente e em poucos minutos eleva-se à sua máxima altura, supera a tor ren te, com pri me-a para o fun do e rola por so bre ela rio acima, como uma muralha, com um estrondo audível a uma meia milha de distância. Muitas vezes esta impetuosa onda de preamar toma toda a largura do rio; outras, porém, não. Onde ela encontra pouco fundo, ergue-se a 3,60 e até a 4,50 metros de altura; nos pontos mais profundos, ao contrário, baixa e quase desaparece, para emergir de pois, no va mente, num ponto mais raso. A es tes lu ga res mais pro fun dos cha mam os na ve gan tes do rio “es pe ras”, por que até mes mo pe que nas em bar ca ções es tão aí se gu ras con tra a fú ria da po ro ro ca, se se toma a pre ca u ção de amarrá-las

⁵⁵ Conforme as últimas observações, o Tte. H. Ra per R. N. co lo ca o Pará, For te de São Pedro, no $48^{\circ}30'30''$ a oeste de Greenwich.

numa árvo re na mar gem, por que suas ânco ras mu i to le ves se ri am ar ran ca das pela ele va ção do ní vel do rio. Qu an to mais lon ge al can ça a va zan te e quan to mais de pres sa ela se re a li za, tan to mais for te é a po ro ro ca; atu am tam bém forte mente neste fenô meno muitos ban cos de areia e lama no leito do rio e os estreitamentos do mes mo além de di ver sas ou tras ca u sas locais. A maioria dos observadores dizem ter notado três a quatro destas ondas se sucedendo uma após outra, a que vem atrás substituindo sempre a que se pre ci pi ta na fren te. Atrás dela, po rém, a po ro ro ca de i xa as águas no mes mo es ta do de per fe i ta va zan te em apare ci men to, que se re pe te sem pre por três dias se gui dos com a en tra da do pre a mar.⁵⁶

O preamar e o baixa-mar têm, aliás, uma grande influência sobre a navegação no Amazonas, porquanto seu efeito sobre as partes do seu curso a ela destinados tornam-se notórios por constituírem obstáculos e meios de favorecê-la. A vela, contra a maré, só se avança muito lentamente, e a remo é difícil lutar por muito tempo contra ela. Por estes motivos fica-se, enquanto predominam as condições desfavoráveis, a maior parte do tempo para do. As ma ré s re pre sen tam um pa pel tão importante na navegação do Amazonas, que até servem de padrão de me di da para as dis tâ n ci as, e con tam-se por “ma ré s” o que se en ten de pelo ca mi nho que uma em bar ca ção pode per cor rer en tre uma en chen te e uma va zan te.

A grande extensão do Amazonas faz com que as águas de suas enchentes, vindo das mais remotas partes do interior do continente, atinjam o seu curso em diferentes partes, como também em muito diferentes épocas. Enquanto o Mara ã ò n em Mainas, no sopé dos Andes, já em janeiro está muito cheio, as águas do Solimões só em fevereiro começam a subir, enquanto o Amazonas, abaixo do rio Negro, só atinge seu nível máximo nos fins de março ou princípio de abril; ademais, o período entre a elevação e baixa das águas do rio principal é relativamente

56 Fenô menos se mel han tês são en tre ou tros o co nhe ci do Rat d’eau na Dor do que e o Bore ou Hyger, no Ho ogly ri ver e em mu i tos ou tros bra ços do Gan ges. Fe nô meno con trá rio dá-se no Esse qui bo, que fica perto, o qual, su pe ran do o pre a mar, for ma do seu lado uma onda tal que se pre ci pi ta ao seu en con tro. Os in dí ge nas atri bu em a po ro ro ca à in flu ên cia de espí ritos maus. Na sua lín gua esta pa la vra sig ni fi ca, se gun do do Eschwe ge: “dar um es ta lo, fa zer es tron do ou ba ru lho”. (*Brasil li en die Neune Welt*, T.I, p. 156).

menor, porque seus afluentes em parte nascidos na parte sul do hemisfério norte, no que concerne à elevação e baixa dos mesmos, apresentam, naturalmente, uma periodicidade muito diferente. Os afluentes do norte não têm nenhuma influência tão nítida sobre o Amazonas, porquanto os colossais afluentes que correm do sul para ele começam a subir em novembro, e depressa se enchem devido ao aumento das águas das montanhas. Influi sobretudo no Amazonas o seu afluente mais caudaloso, o Madeira, cuja elevação e baixa de nível coincide com o rio principal. No Solimões e mais para o leste, a enchente no interior sobe até 12 metros. Herr von Martius encontrou até árvores solitárias cobertas de lama 15 metros acima do mais baixo nível do rio! Parece por tanto que a terra nas margens do Marañón, com as suas florestas de altos troncos varadas pela impetuosa torrente, afoagam-se igualmente no infindo dilúvio rolando sem parar. As mais altas árvores estremeçam, e numerosos troncos são arrastados pelo impetuoso rio. Os animais fogem para as partes mais altas da terra firme, os peixes e os crocodilos nadam em volta dos lugares onde antes as antas e onças abriam caminho através da floresta. Só alguns pássaros, refugiados nos topos das árvores, entre eles a arara, não se amedrontam com este tumulto dos elementos, que substituiu a quietude da floresta. Com estas inundações formam-se e desaparecem inúmeras ilhas; devido a isto, as margens dos rios apresentam-se às vezes inteiramente novas, levando o rio para uma margem o que arrancara da outra, e muito freqüentemente forma muitas ilhas pequenas. Não é tão bem improvável que os inúmeros lagos que compõem o Marañón, como o Madeira, pela maior parte do seu curso, e estão em comunicação com eles, de sua existência principalmente a estas inundações.

A média da velocidade do Amazonas é calculada por von Martius em 0,75 nós nas margens, e em 1,5 nós no meio. Lister Maw avalia as mesmas em até 4 nós; observa, porém, que na estação seca do ano pode cair um pouco, o que combina bastante com os dados do Tenente de Mari nha W. Smith e de Mr. F. Lowe, cujo mapa dá uma velocidade de 3,3 nós como velocidade média do rio da embocadura do Ucayali até a do rio Negro. Estas diferenças que se contradizem, devem-se à dificuldade em tomar a média das velocidades do rio Amazonas, que variam tão freqüentemente, e que em parte dependem da região onde corre; assim é que, por exemplo, Lister Maw encontrou nalguns pontos

mais rá pi dos do So li mões, até 5 nós, qua se o mes mo que M. de la Condamine no ponto onde o Marañón se torna navegável – e em parte ao nível de suas águas, porquanto o Madeira, por exemplo, com um nível elevado na sua embocadura, parece estar qua se pa ra do; em par te, ain da, a estação do ano, como já observamos, e finalmente, se é medida na margem, onde às ve zes se en con tra até uma cor ren te em sen ti do con trário, ou no meio do rio. Acontece exatamente o mesmo no que concerne à medição das profundidades. Como por toda a parte até aqui só temos dado médias de profundidades, não será sem interesse expormos as diver gên ci as que sal tam aos olhos en tre as mes mas; que M. de la Con damine, na região da embocadura do Ucaiale, onde só se encontrou uma mé dia de 18 a 27 me tros, en con trou 176 me tros e num ou tro lo cal abaixo do Coari, onde a média da profundidade era dada como sendo 31 a 35 metros, não encontrou nenhum fundo a 226. Todos os viajantes concordam, no entanto, que a profundidade no estreito de Óbidos ainda não foi su fi ci en te men te ave ri gua da, mas que em todo o caso deve ser altamente considerável. Se a influência do preamar e baixa-mar se estende, em média, até este ponto, 720 quilômetros rio acima – dizemos em média, porque, por exemplo, Smith e Lowe, estando o rio no seu mais alto nível, só a registraram primeiro em Gurupá – e alguns viajantes afirmam, ao contrário, terem bebido água doce do Marañón já a 360 quilô me tros, o que, po rém, toca as ra i as do exa ge ro, por que ao que pa re ce, a água salgada da corrente equatorial avança até além da ponta de Tijoca no rio e só aí dobra primeiro para o norte, enquanto que, por outro lado, a água doce do rio, mantendo-se inteiramente na costa a oes te, só che ga até ao cabo do Nor te.

Esta vas ta baía, este mar de água doce, com o qual o Ma ra ãón se abre numa imensa extensão a perder de vista, no oceano, deu também, assim dizem, origem a este nome do primeiro rio da terra. Quando, no ano de 1500, os primeiros descobridores, guiados por Vicente Iánez Pinzón, aproximaram-se desta colossal embocadura, um deles perguntou cheio de espanto: “Isto ainda é o mar?” “Mar não” (*non* em espanhol) responderam-lhe, e da reunião destas duas palavras nasceu o nome “Marañón” e o português “Maranhão”, tendo sido acrescentado por causa da eufonia, um “a” entre ambas as sílabas, mas segundo a versão portuguesa o “a” substituiu o “ah!”. Não obstante esta história ter sido

contada de diversas formas por diversos escritores, o nome ficou sempre sendo o mais empregado pelo uso, embora não esteja historicamente confirmada do ter sido esta a sua origem.

Trinta e um anos depois da descoberta, o espanhol Diego de Ordaz tentou penetrar na embocadura do Marañón e do Orenoco; viu-se, porém, logo obrigado, devido à perda de um dos seus navios, a desistir da arriscada empresa; mas o que este não conseguiu, conseguiu-o pouco depois um seu compatriota, Francisco Orellana, o primeiro que, como já ficou dito, vindo das costas do Pacífico, encontrou o Marañón do oeste para cá e desceu-o desde a embocadura do Napo até sua foz.

O que motivou esta memorável viagem foi o seguinte: apenas o conhecido Francisco Pizarro, cujo nome a história cita com horror, nomeou no ano de 1541 seu irmão Gonzalo Pizarro, que, se possível, o excedia em crueldade, governador da Província de Quito, quando este já se preparava para uma expedição através dos Andes. O que era, porém, que o levava a isto? A lenda do “Eldorado” (isto é, do homêmidouro) creio que era o que o seduzia tão fortemente e que também o atraía para as profundezas do interior do continente – essa lenda que se tornou tão funesta para tantos espanhóis, que tantos conquistadores perseguiram como um espectro, que com cada passo penetram mais profundamente no interior e de cada vez lhes fugia para mais longe, por que os indígenas, utilizando-se habilmente da sede de ouro dos espanhóis, iam colocando cada vez mais longe deles a sede do mito, podendo assim subtrair sua tribo à avidez dos estrangeiros.

Essa lenda do Rei de Ouro⁵⁷ de sua maravilhosa cidade Manao, onde três mil ourives encontravam sempre trabalho, e sua fabulosa Terra do Ouro com um monte de ouro, outro de prata e outro de sal, era o que Gonzalo, induzido pelas afirmações dos índios, se punha a caminho para procurar a lenda do Peru. Não admira que as histórias do “Rei Dourado” excitassem sua fantasia, sua curiosidade e sua avidez! Como de via ser rica de tesouros a terra desse rei, que todas as manhãs ao levantar-se se fazia untar com óleo aromático, polvilhar-se com ouro em pó pelos seus camareiros munidos de compridos tubos para soprá-lo, mas que, como esta espécie de vestimenta o impediria de dormir, banhava-se todas

⁵⁷ Em lugar de *El Dorado* chama do também *Gran de Mojos*, *Gran de Patiti*, *Enim de Gran de Paru* – Veja-se Southey, 1.372.

as noites para todos os dias reapparecer como uma estátua artísticaamente trabalhada, douro do de novo! Estes quadros fantásticos atraíam Góngalo, que partiu acompanhando de duzentos homens a pé e cem cavalos, além de quatro mil índios que lhe serviam de carregadores; e seguido dum rebanho de quatro mil porcos e carneiros índios. Depois de muitos contratempos, e depois de ter, embora à custa de grandes fadigas, conseguido transportar um ramo da Cordilheira, chegou ao vale de Zumaque, onde se juntou a Francisco de Orellana um cavaleiro de Truxilo que o tinha seguido com trinta cavalos.

Quando, finalmente, depois de passarem por muitos perigos, chegaram ao Caco (Coca), um afluente do Napo, construíram os intrépidos espanhóis, na sua margem, um bergantim que serviria para transportar os doentes e também para passar para a outra margem os corpos expedicionários que marchariam ao longo dela, e velejar no rio acompanhando-os. Prosseguiram assim a viagem por algum tempo descendo o rio, até que sob as incessantes chuvas, frequentes travessias de pântanos e savanas inundadas, a fome, o esgotamento e as doenças se fizeram sentir numa alta escala e as fileiras do pequeno corpo começaram a reduzir-se a tal ponto que, depois de terem mil índios caído como vítimas, Pizarro resolveu mandar Orellana com cinquenta homens no bergantim até ao ponto de confluência do Napo e Coca, a 80 ou 100 léguas de distância, para nessa zona tida como fértil, prover-se de víveres, que devia trazer para os corpos que ficavam.

Assim que Orellana alcançou o Napo, reconheceu a impossibilidade da viagem de volta através de terras estérteis, diante da situação de falta absoluta de víveres para os seus – que já estavam comendo as solas dos sapatos e correias cozidas –, fez-se eleger por eles comandante com poderes ilimitados, para em seguida iniciar arbitrariamente com eles a 31 de dezembro de 1541, a viagem pelo Napo. Seu destino levou-o assim ao grande Paraná-Guaçu⁵⁸ como é sabido que os índios chamam o Marañón. Muitas vezes as margens eram por longos trechos inteiramente desabitadas, depois encontravam-se tribos de índios mais ou menos numerosas entre as quais os espanhóis já levados ao desespero pela fome, ora encontravam bom acolhimento, ora se viam envolvidos em obstinados combates dos quais ambos os seus bergantins – com gran

58 Paraná-Guaçu quer dizer: “Gran de Mar”.

sa cri fí cio de tem po já ti nha sido cons tru í do um se gun do ber gan tim – sa íam sempre vitoriosos. Orellana não deixava também, sempre que era pos sí vel, de to mar so le ne men te pos se das ter ras à mar gem em nome do rei de Cas te la, com o ce ri mo ni al do cos tu me e gran de es pan to dos ín di os.

Havia já mui to que os co ra jo sos aven tu re iros es pa nhóis tin ham ouvido falar dum povo de ama zo nas, que de via ha bi tar mui to no in te rior; mas só a 22 de junho de 1542, depois de segundo seus cálculos terem percorrido 1.400 léguas no rio, viram as primeiras dez ou doze dessas heroínas, que à frente dos seus vassalos ofereceram valente resistência aos espanhóis.

O motivo da tenaz resistência desta tribo era muito simples: consistia nas belas tiranas matarem toda aquela dentre as suas companheiras que tentasse fugir.

Orellana descreve as amazonas como sendo de elevada estatura, rosto branco, com longos cabelos estirados, que usam enrolados em volta da cabeça. Sua única indumentária consistia num cinto; suas armas num arco e flechas. Sete ou oito delas bel da des fi ca ram no campo, de po is do que to das as ou tras fu gi ram. Mas não tar dou a sur gi rem no vas hordas de índios, de maneira que os espanhóis tiveram de se re trair para bor do dos seus bar cos sem ne nhu ma pre sa.

Na terra das amazonas havia cidades cercadas de muralhas com tem plos co ber tos de ouro, se se pode acre di tar no que Orel la na diz tersa bi do pelos índios.

Depois de inúmeros lances e depois de uma viagem fluvial que du rou qua se oito me ses, e cuja ex ten são o va len te aven tu re iro cal culou em 1.800 léguas, ambos os bergantins alcançaram finalmente, a 26 de agosto, o mar e che ga ram a 11 de se tem bro à Ilha de Cu bá gua, de onde Orel la na vol tou para a Espanha.

Depois de ter obtido ple na des cul pa pelo seu ar bi trá rio abandono de Gonçalo Pizarro, di fí cil de jus ti fi car, e até li cen ça, para, em bo ra com a ressalva da zona portuguesa, conquistar formalmente as terras por ele des co ber tas, sob o nome de Pro vín cia de Nova Anda lu zia, para a coroa da Espanha, em pre en deu, já no ano de 1544, uma se gun da vi a gem à em bo ca du ra do Ama zo nas, para, de po is de er rar por mu i tos me ses dum lado para outro neste labirinto de água doce, e de muitas vãs tentativas para alcançar o rio principal, cair, como muitos dos seus, doente,

encontrando a morte aí. Seu nome foi antes e é ainda hoje, conforme o precedente do grande historiador Southey, atribuído por alguns escritores ao Marañón, uma honra que o destemido espanhol certamente mereceu. Muito embora o nome de rio Amazonas se tenha tornado o favorito, tem de ser atribuída a Orellana a circunstância de ter sido sua poética descrição da ilusória estirpe das amazonas que deu ao rei dos rios esse nimbo místico-romântico, que se tornou inseparável dele.

Já no ano seguinte (1545) surgiu novamente a lenda das amazonas numa região mais ao sul, tendo dito o conquistador do Paraguai, Fernando de Ribeiro, que nas suas campanhas ouvira falar num reino semelhante, de mulheres, a cerca de 12º de latitude sul. Algum tempo depois seguiu-se uma nova viagem pelo Marañón, desde os Andes até ao mar, a qual, porém, envolta numa maior obscuridade, não trouxe nenhuma nova luz a esta lenda. Dezesesseis anos depois da morte de Orellana, em 1560, Pedro de Ursua tentou, indo de Cuzco, alcançar o Amazonas, mas foi assassinado em caminho pelo torpe López d'Aguires que prosseguiu com a viagem até ao oceano. Um pouco mais tarde, contudo (1595), apareceu um outro aventureiro, *Sir Walter Raleigh*, que esteve em terras do Amazonas, nas margens do Tapajós.

Vinte anos mais tarde, mandou Alexandre de Moura, depois de pouco antes ter conquistado o Maranhão e expulsado La Ravardiére com a guarnição francesa, Francisco Caldeira de Castelo Branco com três caravelas e 200 homens para explorar as terras na embocadura do Amazonas, que os portugueses designavam, bem como o rio mesmo, pelo nome de Grão-Pará, e para delas tomar posse com o título de capitão-mor. O mesmo chegou a 3 de dezembro de 1615 à região em que desembocam os rios Moju, Acará e Guamá, ergueu aí uma fortaleza e por conseguinte, como já foi dito antes, a base para a futura capitania desta vastíssima região: Nossa Senhora de Belém.

Logo de começo Caldeira teve de haver-se com os holandeses, que se tinham estabelecido na margem norte do rio Amazonas e traficavam. Despachou o valente alferes Pedro Teixeira contra um grande navio holandês, que estava ancorado a cerca de 40 léguas de Belém, e que, depois de renhido combate, conseguiu incendiar.

Pouco depois um novo capitão-mor entrou em luta com os tupinambás, que ensinados pelo seu duro destino na Província de

Pernambuco, tomaram armas para expulsarem os portugueses. Não obstante Cal de ira ter sido logo de mi ti do, a guer ra com os ín di os con tinuou com pequenas interrupções com os seus sucessores, em parte pelos capitães-mores, sob as ordens dos go ver na do res do Ma ra nhão e do Ceará, em parte com os governadores independentes mandando na Província do Pará, que direta ou indiretamente perseguiram e guerreavam cruelmente os pobres índios; admitindo-se mesmo que seus compatriotas praticavam o negregado comércio da escravatura humana, vendendo os índios por sua conta no mercado de Belém. Aliás, a história da Pro ví ncia do Pará, que pela longínqua situação dessa região, tanto de Lisboa como das sedes dos antigos governadores-gerais do Brasil, Bahia e Rio de Janeiro, fi ca va qua se todo o tem po iso la da, é tão po bre de su cesos interessantes quanto de acontecimentos importantes. Quando a acompanhamos não a vemos referir-se senão a demissões e readmissões de capitães-mores, expulsão e volta de ordens religiosas, dissensões internas e rebeliões de toda sorte, restrições contra os índios e lutas sem importância contra colonos doutras nações européias, sobretudo os holandeses que também se tinham fixado no rio Amazonas e traficavam no mesmo. Afastamo-nos por isto dessa confusão política para um terreno mais interessante, citando alguns dos célebres viajantes e aventureiros que percorreram o maior rio do mundo.

Depois que dois franciscanos pertencentes a uma missão franciscana destacada, acompanhados por seis soldados, cujo chefe foi morto pelos índios, se guin do o exem plo de Orel la na, se ti nham en tre gado à Di vi na Pro vi dên cia e ti nham as sim che ga do pelo Napo e Ma ra ñón até ao oceano, foi logo em seguida, em outubro de 1637, enviada a primeira expedição rio acima para Qu i to, que en tão, de po is da união das duas co roas, obedecia ao mesmo soberano. Pedro Teixeira empreendeu esta vi a gem, que cor reu bem e, sem con tar a par te por ter ra, du rou cer ca de dez meses, com 70 soldados e 1.200 índios, que serviam de arqueiros e re ma do res, o que com as mu lhe res e es cra vos per fa zia um to tal de qua se 2.000 pes so as em bar ca das em 45 ca no as. O fim prin ci pal des ta em pre sa parece ter sido a submissão das tribos das margens do Amazonas, que em parte mostravam uma decidida inclinação para os holandeses e ingleses, cujas aspirações eram fixarem-se nessa região, e dos quais os

primeiros citados já tinham estendido suas ligações comerciais até ao Tapajós.

No ano de 1639 o corajoso português voltou pelo mesmo caminho, de Quito, onde tinha sido recebido festivamente e, conforme o costume da terra, lhe tinham de dca do uma tou rada, para Nossa Senhora de Belém, em companhia do sábio jesuíta Padre Cristóvão d'Acuña, que descreveu circunstanciadamente a viagem. Referiu-se também à lenda das amazonas, tendo entre outras coisas informado que estas heroínas, ao tempo de Teixeira, tinham ligações comerciais com a tribo dos guacarás no rio Cunuris, que *Herr* von Martius supõe ser o rio das Trombetas, e além disto entretinham com ela relações tais, que as garantiam contra a extinção da espécie. Quando, conforme seu hábito, os guacarás uma vez por ano subiam às terras montanhosas habitadas pelas amazonas, estas iam armadas ao seu encontro, e assim que se convenciam de que eram os seus amigos, corriam para suas casas e cada uma apañava a rede de um dos recém-chegados para armá-la imediatamente na sua habitação, elegendo-o por conselheiro dono do leitoso e seu companheiro por toda aquela estação. No ano seguinte os pais iam buscar, segundo uns, os filhos nas costas das amazonas, deixando as filhas ficarem com as belicosas mães; outros, ao contrário, dizem que elas matavam todos os filhos homens, e isto parece também mais provável, porquanto no caso contrário sobreviria facilmente um excesso de população masculina na tribo dos guacarás.

Depois desta viagem de Pedro Teixeira, que entre outras foi seguida em 1689-1691, pela do Padre Samuel Fritz, um jesuíta da Boêmia, que publicou um mapa do rio, a viagem, descendo-o, de pressa passou a não ser mais raridade, por que com ela se evitava a perigosa viagem pelo Cabo de Horn e podia-se fazer com mais segurança a viagem do Peru para a Europa. Daí por diante o Amazonas e seus afluentes tornaram-se também mais conhecidos, e pode-se até conside rar o ano de 1710 como sendo a época em que os portugueses já tinham adquirido um conhecimento geral e gráfico do curso deste rio.

Em 1719 foi Nossa Senhora de Belém, de pois de sua população em 1676 ter aumentado com a emigração da ilha do Faial, assolada por uma erupção vulcânica, por uma decisão real elevada a sede de bispado, estendendo-se sua jurisdição sobre a Guiana Portuguesa, Mato Grosso e

Go iás; e fi nal men te, sob o Mar quês de Pom bal, a Pro vín cia do Pará en trou definitivamente no número das capitanias, sob o nome de Estado do Grão-Pará.

Não obstante a conhecida solicitude deste estadista, tanto no que con cer nia os na ti vos como no que con cer nia os co lo nos, que en tre outros benefícios já lhe de vi am a fun da ção duma Asso cia ção Co mer cial no Pará e Mara nhão (1755), go zan do de pri vi lé gi os ex clu si vos, a in qui e ta província só pareceu satisfeita quando, em 1759, seguiu-se aí também a expulsão dos jesuítas. Sobre a pureza das intenções desta ordem, e como elas eram postas em prática, não queremos externar um juízo aqui; contudo, é um fato indiscutível que suas missões, para a educação das tri bos sel va gens do in te ri or, so bre tu do para a edu ca ção cí vi ca, fo ram de gran de uti li da de, e que com a ex pul são da So ci e da de de Je sus, co me çou a de ca dê ncia dos “al de a men tos” (al de i as de ín di os) no Pará, em bo ra Pombal tivesse prometido resultados diferentes da subordinação destas povoações à autoridade temporal.

Ao mesmo tempo que estas medidas, foram decretadas rigo rosas leis para a completa supressão da escravatura dos infelizes índios, mas infelizmente não tardou muito a ser introduzida a escravatura de ne gros em seu lu gar.

Cerca de um século depois da de Teixeira, no ano de 1743, teve lugar a freqüentemente citada importante expedição de M. de la Condamine, de Jaén de Bracamoros, descendo o Ama zo nas até ao Pará. Por mu i to cur ta que te nha sido sua du ra ção – du rou só 75 dias – imen so foi o proveito tirado desta viagem para a ciência, sobretudo para a geografia do Marañón, que foi grandemente enriquecida com o mapa de M. de la Condamine. Por toda a parte o grande acadêmico, muito embora não desse inteiro crédito a essa história, informava-se sobre a lenda das amazonas e por todo o curso do rio encontrou-a ainda na boca de to das as po pu la ções. No di zer des tas ha via já mu i to tem po que elas ti nham mu da do de mo ra da; ten do vin do do sul, ti nham atra ves sa do o Amazonas dirigindo-se para o rio Negro ou um dos outros afluentes do nor te. No Co a ri, M. de la Con da mi ne ou viu até de um che fe que seu avô vira essas mulheres que tinham vindo do Caiamé (um afluente do sul de sa guan do no Ama zo nas logo aba i xo do Tefé) pas sar em di an te de uma das embocaduras do Purus (o Cuchinuara) no seu ca mi nho para o

rio Negro, e que havia falado com quatro delas, das quais uma trazia uma criança de peito nos braços. Por outro lado, um velho soldado da guarnição de Caiena, que se fixara nas quedas do Oiapoque, contou ao célebre sábio que, no ano de 1726, fazendo parte de um destacamento de reconhecimento, encontrara uma tribo de índios de orellhas com pridas nas nascentes do Oiapoque, cujas mulheres tinham colares de pedras verdes (as conhecidas pedras do Amazo nas) em volta do pescoço e perguntando-lhes onde as tinham arranjado responderam: “Com as mulheres-homens que habitam a oito dias de viagem mais para o oeste.” Segundo outras notícias, devem habitar no rio Irijó, que desemboca no oceano, entre Macapá e o cabo do Norte.

Southey diz que a Condamine dispensou crédito a estas notícias por não duvidar da existência das amazonas outrora e sim no presente. Não obstante isto, o célebre historiador não se julga autorizado a partilhar dessa dúvida, e diante das notícias acima, confirmadas em grande parte, 30 anos mais tarde, na viagem do astrônomo português Ribeiro, pelo Missionário Gili e por outros ainda, não tem por improvável a existência das amazonas.

Alexandre von Humboldt, que, como é sabido, na sua memorável peregrinação através da região equinocial do Novo Continente nos anos de 1799 até 1804 não só percorreu o rio Negro, vindo do Orenoco, como também visitou o alto Marañón, fala igualmente na possibilidade das mulheres de uma ou de outra tribo, fartas da opressiva escravidão em que seus maridos as mantinham, terem fugido para as selvas, reunindo em horas ou “palenques” e terem pouco a pouco, para manutenção de sua independência, adotado um modo de vida belicoso. E quão fácil não poderia ter sido à fantasia superexcitada dos conquistadores, a que frequentemente se poderiam ter juntado motivos inconfessáveis, fazer, por exemplo, dum bando de mulheres todo um povo de amazo nas?

Martius, que nos anos de 1819 e 1820, com Spix, em preêram a mais proveitosa viagem para a ciência, ao rio Amazo nas – 135 dias rio acima e 90 dias rio abaixo, estendendo-se até Tabatinga e compreendendo também grandes trechos do Jupurá e rio Negro – pertence, no que concerne à lenda das amazonas, inteiramente ao número dos crédulos e não faz nenhum segredo disso. Na sua opinião essa fábula por tantos modos alterada e enfeitada pelos aventureiros europeus, tem por

base a circunstância de já no tempo de Orellana, como ainda hoje, ser costume entre os munducrusas mulheres acompanharem os maridos na guerra.

Um outro explorador alemão, o conhecido Professor Poppig, em 255 dias, de agosto de 1831 a abril de 1832, fez a viagem descendo o rio, desde a embocadura do Huallaga até ao mar; o viajante inglês Lister Maw, em 1828 fez em três meses a viagem, e Smith e Lowe, em 1835 desceram o rio em 75 dias, desde a embocadura do Ucaiale até ao Pará; nenhum deles parece ter-se interessado por este mito. O último testemunho no caso dá *Herr* Richard Schomburgk, que em 1840 acompanhou seu irmão mais velho, *Sir* Robert, na sua última viagem à Guiana, no relatório mensal da Sociedade de Geografia (Nova série, Vol. III, Berlim, 1846), onde, à página 33 diz: “O próprio chefe dos arawaaks do rio Demerara contou-nos que seu irmão, que vivia no alto Mazaru ni, visitou-as [as Amazonas] algumas vezes e que até duma delas recebera de presente uma das pedras verdes do Mirisamoco como elas se chamavam. Trabalhavam nos seus campos sem nenhum auxílio mas culino, atiravam com arcos e zarabatanas, só permitiam a visita de homens uma vez por ano, e matavam, depois de nascidos, todos os filhos do sexo masculino. Tinha sido também solicitado a induzir os homens de sua tribo a fazerem-lhes uma visita anual, contanto que seu número não excedesse de 20. Nossas esperanças de obtermos mais e mais exatas notícias sobre estas fabulosas mulheres-homens, infelizmente, não se realizaram, por quanto nos saíam para a zona das nascentes do Correntin tam bém agora as afasta vadesse seu último rego.”

A Província do Pará foi a última a reconhecer D. Pedro I como Imperador, e só em 1823, quando a capital se rendeu a um brique de guerraimperial sob o comando do Capitão Greenfell. A contra-revolução que se seguiu pouco depois foi prontamente sufocada, e 253 revolucionários foram presos numa via de 600 toneladas; como os presos tivessem tentado fugir, a guarda atirou contra eles pelas vigias, de pois do que, levados pelo desespero, pelo calor e abafamento do ar no exíguo recinto do navio, começaram a se dilacerar uns aos outros desumanamente, ao que se juntou a morte por asfixia, de maneira que, na manhã seguinte, dos 253 homens só restavam quatro ainda vivos, que se tinham escondido por trás duma pipa de água.

Cenas de horror como esta repetiram-se em parte nas revoluções que se seguiram, em que milhares de presos de finham nas fortalezas, até que a morte os libertava do sofrimento, e só no navio-prião *Xinxim*, num período de cinco a seis anos, devem ter sucumbido 3.000 seres humanos!

O começo do último grande levante foi em janeiro do ano de 1835. Primeiro levantaram-se as tropas, mas tanto no dia 7 desse mês, ao mesmo tempo, o presidente, o comandante das armas e o capitão do porto, depois do que um oficial subalterno, de nome Gomes, pôs-se à frente do movimento, que começou por uma cruel matança entre os portugueses que tinham ficado e libertando a maior parte dos presos. Entre estes, também Félix Antônio Clemente Malcher, que havia pouco chefiara um levante no rio Acará. Este foi então eleito presidente, mas pouco depois foi deposto, de posto de curatela científica, pelo novo comandante das armas, Francisco Pedro Vinagre, e mandado para o forte da Barra, tendo, porém, sido assassinado no caminho para lá.

Depois de a 12 de maio ter sido frustrada a tentativa de uma esquadra de treze velas contra a cidade, o novo presidente Rodrigues, enviado do Rio, conseguiu a 24 de junho submeter o Pará, que momentaneamente estava livre dos insurgentes, que se tinham retirado mais para o interior da província. A 14 de agosto, porém, Vinagre, voltando do interior à frente de numerosa horada de indígenas, tomou novamente, com uma matança geral dos brancos, posse da capital; encontrou, porém, a morte num combate de rua. O Pará tornou-se então a sede do mais cruel terrorismo e anarquia, que não tardou a propagar-se por toda a província, até que, por fim, em maio de 1836 com a chegada do General Imperial Andréia, nomeado presidente, foi novamente restabelecida a paz, não sem grande derramamento de sangue!

Todas estas lutas foram o fruto da opressão que a população branca desde o começo, e aqui mais do que em nenhuma outra parte do Brasil, se tinha permitido exercer contra os pobres indígenas. Depois destes acontecimentos, não é de admirar que a população da Província do Pará em geral tenha diminuído em vez de aumentar. Isto vale especialmente para os índios aldeados (reunidos em aldeias) cujo número, que antes montava a 60.000, agora baixou a pouco mais da metade.

Enquanto se calcula em 2.500.000 quilômetros quadrados a área desta imensa região, que se estende por um lado desde o mar até a fronteira do Peru, de 46° a 72° de longitude oeste de Greenwich, e por outro, de 6° sul até 4°10' de latitude norte, isto é, dez vezes tão grande quanto o estado prussiano, calcula-se sua população em 10.000 índios selvagens e o total da mesma em de 200.000 a 239.000 almas, ou pouco menos da metade da população de Berlim. Assim, a superfície desta única província constitui mais de um terço, quase dois quintos de todo o Império (6.500.000 quilômetros quadrados) enquanto sua população de 200.000 almas representa só a trigésima parte da população total do Brasil (calculada em sete milhões), o que corresponde, na Província do Pará, a 0,08 habitantes por quilômetro quadrado, ao passo que no mais deserto dos governos russos, no de Arkangel, cuja metade fica na região polar, ainda se conta uma média de 0,32 para o mesmo espaço.

Segundo outras notícias⁵⁹ a incerteza geral que reina no que concerne à população do Brasil, se estende particularmente à Província do Pará. Assim é que entre outras o presidente desta Província nos seus quadros oficiais dá para o ano de 1841 só 100.960 habitantes, excetuando o alto Amazonas onde, como ele se expressa, “caberiam quando muito 30, 40.000 almas”, o que elevaria os habitantes do Pará a de 140, 150.000 almas. Estes dados, porém, declara o próprio presidente serem por demais baixos, afirmando que a província, se não tem 200.000 habitantes, deve com certeza ter muito pouco menos do que isto: uma conjectura que admitimos também pelo que acima fica dito.

Além das tribos indígenas, a população da província compõe-se de brancos, de gente de origem mestiça (cafusos), nos quais predomina o sangue índio, de negros e dos chamados índios mansos, isto é, os habitantes primitivos que se fixaram entre a população branca. Os negros e mulatos estão aqui em menor número do que noutras partes do Império, porque até 1755 todos os serviços de escravos eram feitos exclusivamente por índios. Só por esta época foi que o Rei D. José permitiu-lhes ficarem livres à vontade, e só então começaram a ser introduzidos os negros e escravos.

59 *Proposta e Relatório*, etc., para 1841, p. 25; *Dicionário Geográfico*, etc. T. I, p. 208 e seguintes, dá o número da população em 1840: 139.000 habitantes civilizados e 100.000 índios selvagens (índios bravos).

A Província do Pará é, com o seu clima equatorial quente e sempre igual – que, porém, é amenizado pela monção que penetra do oceano no rio Amazonas pela sua vasta embocadura, e pelas umbrosas florestas que protegem o solo úmido e fértil dos raios abrasadores do sol – para usar mos a ex pres são de Mar ti us, como an tí po da das Mo lu cas, o Jardim Botânico do Brasil. De fato nenhuma cidade do Império tem uma tão rica lis ta de ar ti gos de ex por ta ção, como a ca pi tal des ta pro vínci a, que possui nada menos de quarenta; entre eles encontramos tam bém alguns produtos do reino animal que na sua maioria procedem da ilha de Ma ra jó, onde se cria mu i to gado.⁶⁰

Toda a largura do rio Pará entre esta ilha e a cidade mede 34 quilômetros, todavia uma fila de ilhas cobertas de florestas, dentre as qua is a ilha das Onças é a mais im por tan te, es ten de-se da du pla em bo ca dura do Rio Moju e do Guamá até a baía de Santo Antônio, abaixo de Be lém, que es con de Ma ra jó e o pró prio rio dos olhos dos ha bi tan tes da cidade, e forma aquele curto braço de rio com duas milhas de largura, es ten den do-se do sul para o nor te, que tem o nome de baía de Gu a má, enquanto o principal canal do outro lado das ilhas forma um lençol de água de 18 qui lô me tros de lar gu ra.

A nordeste uma ponta das florestas do continente proje ta-se, logo abaixo da embocadura do Guamá, no rio Pará, sobre a qual se estende a cidade de Nossa Senhora de Belém, cuja população, devido às repetidas rebeliões, desde o ano de 1819, de 24.500 almas fi cou re du zi da a 10.000. Do an co ra dou ro vê-se no ân gu lo agu do na di re

60 Os ar ti gos de ex por ta ção da Ca pi tal são: açú car, aguar den te de cana, me la ço, café, cacau, baunilha, algodão, bálsamo de copeúba, estopa para ca la fe tar, pez, goma co pal, curi úba, di versas es pé cies de ma de iras para mar ce na ria, como ma ra pi ni ma, jacarandá, pau-violeta ou rai nha, pau-cetim, ma de iras de cons tru ção, ta ba co, pia çaba, salsaparrilha, arroz, farinha de mandioca, tapioca, goma de engomar, tanto de mandioca como doutros tubérculos, goma elástica (aquí chamada seringa), favas-de-pechurim, favas-de-tonca, geléia de tamarindo, *Cassia caryophyllata*, chamada cra vo-do-maranhão, ín di go, uru cu, cas ta nha-do-maranhão, ca ne la, cra vo-da-in dia, nós-moscada, gua ra ná, chi có rea, e âmbar, além de couros de boi crus e curtidos, chi fres e fi nal men te ca va los. – Ver: v. Spix e v. Mar ti us, T. III, p. 911. – A ex por ta ção da província em 1836 montava 821.622.000 réis e em 1839 subiu a 1.236.857.000 réis, con quan to ain da in fe ri or em 322 mi lhões de réis à im por ta ção. – Ver *Dicionário Geográfico*, T. II, p. 210.

ção do Guamá, erguer-se das águas uma alcantilada colina coroada por um grupo composto de altos edifícios que as altas torres da catedral sobrepõem. Daí por diante a cidade bastante vistosa estende-se por mais um quarto de milha pela margem plana de rio acima, até extremar-se novamente num ângulo obtuso com as florestas da terra firme. Um pouco acima da cidade fica o Imperial Arsenal de Marinha, onde vimos uma fragata, cujo cavalete, embora estivesse no estaleiro há já dezessete anos, ainda não estava revestido. Deste estabelecimento – infelizmente muito pouco importante, não obstante estar melhor colocado do que em nenhum outro ponto da terra, pois que nem num lenio se acabará aqui a madeira de construção – segue uma magnífica aléia de um brosas mangueiras, entre dois canais por trás da cidade, através de campos atravessados por numerosos fossos alimentados pelas águas do preamar. Na outra extremidade desta belíssima avenida fica uma pequena praça livre com uma igreja, ao lado da qual vieram erguer-se no ar as primeiras palmeiras-leque (*Miriti*, *Mauritia flexuosa**). Por perto é tudo só floresta virgem. O interior da cidade não me pareceu bem zelado, e em parte de suas ruas muito bem construídas casas, entre elas o palácio do presidente – o mesmo palácio que outrora o Marquês de Pombal destinara à futura residência de um príncipe português e que merece ser qualificado como o principal edifício –, dariam certamente a Belém algo de grande cidade, se o capim que frequenta o ventre cresce nas ruas não destruíse de certo modo essa boa impressão.

Mas volte-mo-nos novamente para o rio, cujas águas paradas, amarelas como as do Meno, puxando ao vermelho, ora repelidas pela força do oceano, ora impelidas pelas forças reunidas do Amazonas e Tocantins, do Moju e do Guamá, rola impetuoso com uma largura de 3.300 metros, entre a selvosa ilha das Onças e as infundas florestas virgens do continente. Tudo é agora água e floresta até onde a vista alcança; também es tão cobertas de lasas pe que nas ilhas que se estendem na direção do oceano, atravessando transversalmente o rio e só deixam aqui e ali ver o horizonte livre e ilimitado! Só com muito trabalho conseguiu-se, com a vegetação tropical, abrir um pequeno espaço entre o rio e a floresta para encaxar a capital de uma imensa província.

* Trata-se do conhecido buriti. (M. G. F.)

Conquanto esta região inteiramente plana pareça a quem chega, vindo do Rio de Janeiro, algo monótona, e o Pará também, por seu lado, não esteja como cidade em condições de causar uma grande impressão ao recém-chegado, apresenta-se, porém, vista do rio com as intermináveis florestas por fundo, bastante vistosa. Uma impressão particularmente exótica é a que causam os inúmeros barcos em seco ao longo da praia, habitados por índios seminus. Esta impressão acentua-se, porém, ainda mais para aqueles que, conhecendo o sul do Brasil, quando entrando na cidade, no tam a sur pre en den te au sên cia de ne gros e mu la tos, bem como o fato de a população parda junto aos muitos mestiços apresentar uma tão pronunciada maioria de tipos índios. Esta observação acudiu-me logo à men te ao ver as tro pas, que no dia em que re tri buí a vi si ta do presidente, estavam enfileiradas desde a praia até ao Palácio. Em geral a gente desta raça de sangue índio misturado é bem conformada, e notei particularmente algu mas mu lher es bo ni tas en tre ela.

Ao tempo de nossa estada o Pará não estava sendo muito visitado por navios mercantes; em compensação, estavam fundeados no ancoradouro, além do *Growler* diversos navios de guerra, entre outros o brigue nacional de guerra, *Brasileiro*, e a corveta *La Bergère*, do Capitão Blanc, junto ao brigue-canhoneiro *La Boulonnaise*, sob o comando do tenente de marinha, hoje Capitão-de-Corveta Tardy de Montravel. Deste último citado oficial recebi mais tarde um excelente mapa do Amazonas, que ele levantara por ordem do Ministério da Marinha durante sua permanência de três anos nas águas deste rio, que percorreu no seu bri gue até a bar ra do rio Ne gro. Este mapa foi também o que serviu principalmentede base ao mapa anexo do rio Pará e suas rami ficações com o Ama zo nas.

A *Boulonnaise* já se tinha feito de vela para ir buscar, em Caiena, uma ân co ra para a cor ve ta, que ti nha per di do a sua ou uma das suas no contato com um dos bancos de areia, o que infelizmente não era raro acontecer na embocadura do Pará, quando nos preparávamos para em pre en der a vi a gem rio aci ma, que de via du rar de qua tro a no má xi mo seis semanas, e, possivelmente estender-se até ao Xingu. Eu tinha-me marcado este prazo para, sendo possível, poder encontrar-me simultanea men te na Ba hia com a *São Miguel*, que, vin do do La Pla ta, de via le var-me de volta para a Eu ro pa; ti nham-me tam bém acon se lha do de to dos os

lados no Pará uma di gres são até ao Xin gu, não só por ser um dos menos visitados grandes afluentes do Amazonas, como também porque nas suas mar gens po de ría mos fa cil men te che gar até às tri bos inteiramente selvagens dos jurunas e dos taconhapés, ao passo que isto, no tempo dado, não seria possível no rio principal, que só poderíamos subir no máximo até Santarém, na embocadura do Tapajós, porquanto os primitivos habitantes neste trecho do seu curso tinham-se afastado, retirando-se para muito longe no interior. Do muito mais próximo Tocantins já me tinham feito desistir inteiramente desde casa, de vi do às febres em tão re inan tes nas suas mar gens.

No espaço incrivelmente curto de oito dias foram feitos todos os preparativos ne ces sá ri os para a vi a gem sob a di re ção tão ati va quan to pre vi den te do Con de Ori ol la, que nes ta oca sião, sem po der tal vez nes te sentido ser igualado por nenhum outro, excedeu-se a si próprio e foi o mais solícitamente apo i a do pe las au to ri da des. Estas de ram nos tam bém car tas para as au to ri da des de to dos os lu ga res com que de vía mos en trar em contato. Recomendaram-nos sobretudo ao vigário de Sousel, Padre Torquato Antônio de Sousa, como o homem que mais que todos nós poderia ser útil nas nossas digressões até aos selvagens provendo-nos igual men te de car tas para ele.

22 de novembro

Che gou a tar de de 22 de no vem bro, que es ta va mar ca da para nossa partida. O le i tor fará por tan to bem em jun tar-se a nós a bor do do *Growler*, se realmente tomou a corajosa resolução de juntar-se ao pequeno grupo na sua expedição fluvial, se estiver seriamente disposto a não recuar di an te des te úl ti mo ca pí tu lo, e sim a tre ver-se a en trar no va men te no muitas vezes monótono e entediante labirinto destas páginas! Que ele nos queira perdoar o rodeio por onde o levamos; julgamos, todavia, ao entrar no régio rio, dever antecipar, no espírito de parte dos nossos leitores pelo menos, um quadro geral sintético, do curso do Amazonas, desde sua portentosa bacia até às montanhas donde emana, o que no en tan to não se ria pos sí vel sem lan çar mos ao mes mo tem po um gol pe de vista sobre esse continente, tão rico em grandiosos acidentes geográficos, que o Marañón atravessa em quase toda sua largura. Para fecho desse exórdio acres cen ta mos al gu mas pa la vras so bre a his tó ria da que la re gião,

para em parte incitar por ela, que tão longe fica dos nossos compatriotas, o in te res se de que o le i tor tan to pre ci sa rá no de cor rer de nos sa vi a gem e em parte tam bém para com pen sá-lo de, de vi do a nos sa falta de co nhe ci men tos ci en tí fi cos, não po der dar-lhe mais do que o ca rá ter de uma viagem fluvial de recreio. Quisera não nos termos enganado nisto, que este tra ça do por mão iná bil e tal vez por isto mu i to fa lho es bo ço ge o grá fico-histórico – no qual nós, mesmo correndo o risco de fadigar com isto nosso leitor, repetimos em par te o há mu i to co nhe ci do, e des cre ve mos novamente o já descrito – não o tenha de todo descoroçoado de prosseguir acompanhando-nos. Quereis não obstante acompanhar-nos, caro leitor, bela leitora? Só tereis diante de vós água e florestas – nada se não água e flo res tas – pen sai bem nis to! Esta is avi sa do a tempo – sabeis qual é a vos sa sor te e não va ci la is? – as sim seja, en tão!

Encontramos o *Growler* longe de todos os outros navios, ancorado no meio do rio cor de laranja, e ao seu lado o pequeno barco aberto, com um tol do de fo lhas de pal me i ra na popa, que de via levar-nos rio aci ma. Este bar co ex cep ci o nal men te gran de que nos ti nha sido ce di do pelo Imperial Arsenal de Marinha, é um chamado igarité,⁶¹ uma dessas embarcações peculiares des tas águas e que são cons tru í das es pe ci al men te para a navegação no rio Amazonas. O pesado casco do *Growler* estava imóvel, enquanto o mastro do igarité oscilava incessantemente como um pên du lo in ver ti do. O “ca sa co en car na do” pas se a va com o mos que te no ombro de um lado para o outro no convés do possante vapor, indo às ve zes até ao topo do por ta ló por cuja es ca da su bia e des cia gen te que levava nossos poucos haveres para o igarité, por intermédio de um peque no bote. O úl ti mo e mais pe sa do tra ba lho ter mi na ra; as im por tantes caixas do Dr. Lippold já tinham sido transbordadas sem novidade; não reduzi am pou co o já de si pe que no es pa ço na modesta embarcação; eram, po rém, um bri lhan te tes te mu nho do es pa ço que de boa von ta de e com todo o prazer queríamos reservar à ciência em nossa inocente expedição fluvial.

O fla me jan te sol tro pi cal mer gu lhou por trás da flo res ta e do rio, e com ele des ceu a ban de i ra azul-es cu ra do mas tro gran de do cru zador britânico! Nossa nova tripulação, de oito marinheiros, do *Brasileira*, chegou a bordo do *Growler* e enfileirou-se com seus sacos no tombadilho. Ao

61 Nome formado provavelmente de *Ygara*, ca noa, e *ité*, bom, gran de.

mesmo tempo o igarite atracou na esca da. À popa desta arca sem quilha, balança das pedras do Pará, e que dali por diante se ria a nos sa casa, estava de pé, já segurando o timão, o nosso piloto, José Coelho de Albuquerque, um português moreno, que imado, que habitava no Xingu, ao lado de um mestiço da mesma procedência, que trouxera como ajudante. O Capitão Buckle acompanhou-nos até ao barco para certificar-se *de visu* se estávamos *confortable*; e depois de curta porém efusiva despedida, voltou para bordo. Lar gamos. O *Growler* guarneceu ligeiro as vergas e enviou-nos “three hearty cheers”, que respondemos com toda nossa força. Um momento depois cercavamos a escuridão da noite.

Agora tínhamos que circunavegar a ponta norte da ilha das Onças que ficava defronte do Pará. Rumamos para lá, primeiro com a maré rio acima, no que o vento contrário do mar, porém, nos atrasava muito, porque em luta com a corrente provocava ondulações; já tínhamos também feito a triste experiência de que devido ao grande excesso de peso na proa, que o barco recebera em consequência da má distribuição da carga, o leme estava quase sem ação. Por muito tempo ainda as luzes do Pará brilharam atrás de nós, parecendo fluir no rio; no entanto, a maré nos aproximava da ilha, de maneira que prosseguimos ao longo da escura floresta. Por fim, depois de muitas horas de árduo trabalho com os curtos remos índios, avisamos diante de nós uma luz à esquerda: o Furo (canal) da ilha das Onças, na ponta norte da ilha, abriu-se, porquanto aquela luz devia ser a de uma fazenda que lhe ficava defronte, ao norte da ilha Arapiranga (Uarapiranga, Guará-piranga⁶²). Rumamos diretamente para lá; a nossa esquerda ficava a ilha das Onças, da qual se estende um banco no canal, e à direita a ilhota “do Fortim”. O curto trajeto foi de presa per corrido; de pois volta-mo-nos para a esquerda entrando no comprido canal estendendo-se para sudoeste, entre as ilhas das Onças e Arapiranga, que pode bem ter 2.000 metros de largura.⁶³

O vento do mar favorecia-nos agora, de maneira que pudemos içar pela primeira vez a nossa vela latina. A lua ergueu-se por cima das florestas da ilha das Onças. Estávamos agora em águas paradas, e começamos a nos acomodar e a conversar. O piloto metia-se na conversa com histórias das florestas e fazia-nos vir água na boca com suas histórias

62 Derivado provavelmente de *piranga* (ibis encarnado), chamado *guará*.

63 Segundo o mapa de Montravel, 2.400 metros de largura.

de onças. Não tardou muito e vimos transversalmente, à nossa direita, o que nos pareceu uma baía, e que logo se verificou ser o canal de Barquena, que calculo ter 2.500 a 4.000 metros de largura, entre Arapiranga e a grande ilha Moju, no qual entramos. Logo depois, o Barquena pareceu formar uma bifurcação; mas foi no momento oportuno. Tínhamos atingido precisamente o ponto, onde ele, tomando o nome de Aroizal, do braço sul para a direita, e vimos que o denotado da aparente bifurcação não era nenhum canal e sim uma baía entrando profundamente na terra.

Adormeci sem esperar por um momento, mas acordei de repente, quando o pessoal começou a remar com toda a força, e nós, à clara luz do luar, do braço à esquerda, rumamos através do transversalmente o canal. Quando perguntei o que tinha havido, recebeu resposta lacônica e pouco clara: um bicho! isto é, um verme (uma expressão que é aqui empregada pelo povo para significar também qualquer animal). Perguntei novamente e o piloto respondeu-me que naquele momento mesmo uma onça atravessara o rio na dan do e tinha alcançado a margem poucos segundos antes de nós. Todos nós levantamos para ver, mas infelizmente tarde demais! Consolamo-nos com a idéia de que a imaginária fera talvez se sidosido apenas fantasia da nossa gente.

O Aroizal tem uma largura de 130 a 200 metros. Mas é preciso não esquecer que as variações desta noite foram to da luz en ga na do ra da lua. Entre as árvores na margem distinguimos aqui e ali os escuros contornos de palmeiras. Às 2 horas da madrugada o igarapé foi amarado a uma árvore da mata à margem esquerda.

23 de novembro

Quando o dia nasceu, encontrou-nos perto da embocadura do Aroizal, no rio Pará. As margens deste canal surpreenderam-nos pelo seu peculiar e para nós inteiramente novo caráter em todos os sentidos. Uma espessa, impenetrável mata de palmeiras-leque, cercada por uma larga margem de troncos pardo-escuros de *Caladium arboræns* de grandes folhas que se estendiam à sua margem refletindo-se nas águas tranquilas. Ali onde este cinto de *Caladium* se interrompe, vê-se um colossalemanhado de raízes cavadas.

Às 6 horas da manhã, fizemo-nos novamente de vela, e logo em seguida saímos na largura em boca do ra que se abre no gigantescosco Pará, que atravessamos transversalmente na direção oeste-sudoeste. Em direção ao nordeste, para o oceano, estende-se a linha reta do horizonte do mar, e à esquerda estendiam-se as florestas cinzento-azuladas da grande ilha Moju (Car na pi jo) a perder de vista, enquanto que à direita as costas planas da ilha de Marajó se cobrem cada vez mais de verde, quanto mais nos aproximamos de suas margens cobertas de florestas. Diante de nós, mais para a esquerda, a bom bordo, ficava a ilha Abaeté⁶⁴ no meio do rio pardo-amarelado, que parecia por essa direção abrir-se também para o mar. Só duas pequenas e uma canoa da vida a esta grande – cerca de 15 quilômetros de largura – massa de água. Na embocadura do Aroizal pareciam também quase que atravessar o Pará em toda sua largura acima do ponto de nossa entrada. Mas verificou-se mais tarde, depois que o engano resistiu mesmo aos nossos excelentes óculos por muito tempo, que os supostos recifes não eram senão faixas negras das sombras de uma nuvem escura.

Neste ínterim, cerca de 8 horas da manhã, a brisa do mar refrescou muito e prosseguimos rapidamente impelidos por ela. Uma meia hora depois registrei as seguintes observações: Abaeté, sudoeste, cabo Bacabal em Marajó (que segundo informações do piloto deve ficar mais ou menos na mesma latitude do Pará) noroeste, a embocadura do Aroizal a leste. Neste ponto não posso deixar de citar aqui que a maior parte dos pontos de referência são baseados unicamente nas informações do piloto e dos indígenas e por conseguinte não podem ser inteiramente garantidos. Julgo tanto mais necessária esta observação por não encontrar muitos desses nomes e de grupos de ilhas nos meus mapas. Para orientar-me em prego uma boa bússola inalterável, mas dou aqui os rumos sem nenhuma correção para as variações. Estas, aliás, são tomadas aqui em menos consideração, porque segundo o mapa do Capitão Montravel, para o Pará montam só a 0°16'5", e vão aumentando pouco a pouco para o oeste; na embocadura do Xingu pode ter sido de cerca 1°/4' a leste. Devo ainda observar que nas águas de ligação entre o Pará e

64 Esta ilha, que pelo mapa de Montravel e outros é chamada da Capim, é provavelmente a que fica nas costas entre o Tocantins, Moju e Iguaçu, de frente da floresta da aldeia paroquial de Abaeté – *Dicionário de Geografia* etc. T. I, p.1.

o Amazonas indicarei a direção dos canais pelo rumo do barco, e não pela corrente do rio, e que mesmo por causa desta não se pode fazer uso duma barquinha, moito vo pelo qual tam bém, ao tra çar nos sa via gem em am bos os ma pas ane xos – em tan to que não te nha sido fi xa da pe las medições de Montravel – para avaliação das distâncias só o tempo empregado em cada percurso de rumo poderia servir de padrão, do que já de si se de pre en de a pou ca se gu ran ça des tas in di ca ções que não po di am ser retificadas por nenhuma observação, porquanto eu deixara tanto meu cro nô me tro como meu sex tan te a bor do da *São Miguel* e do *Growler*, para não arris cá-los às con tingên ci as des ta via gem.

Nosso rumo a oés-sudoeste aproximou-nos pouco a pouco tanto de Marajó, que não tardou podermos distinguir as belas florestas vir gens com suas mu i tas pal me i ras-le que, e ver al ter na da men te, na praia, a areia e os rochedos negrejantes. Às 11 horas da manhã rumamos duma dis tân cia de cer ca de 330 me tros a uma pon ta a que Albu quer que deu o nome de Malata. Nos sas ob ser va ções cer ca do meio-dia do pon to onde nos achávamos deram: ponta oeste de Abaeté lés-sudoeste; ponta les te des tailha, lés-su des te, cabo Man du em Mara jó oés-su do es te.

Agora che ga mos a uma par te al ta men te in te res san te do nos so jantar, pelo qual nossos es tô ma gos já ha via mu i to an sia vam. Como ti vé se mos deixado nossos dois criados no Pará, não querendo perturbar a tripulação no seu tra ba lho e pre pa ro da pró pria re fe i ção, o nos so pe que no gru po teve de to mar a si este en car go. Um dos meus fiéis com pa nheiros teve por isto a bondade de se entregar diariamente a esta tarefa, para dar-me, uma vez que durante ela costumávamos ficar parados, tempo para de se nhar. Hoje, po rém, o iga ri té con ti nu ou a ve le jar. O Con de Orblla, que já nos tinha dado pela manhã com o seu bom café uma muito boa idéia de sua arte, venceu como um herói as ânsias do enjôo, apanhou, de po is de fe i tos to dos os pre pa ra ti vos ape sar do ba lan ço de nos sa frá gil mo ra da, o co lhe rão e pôs-se, ou me lhor, os ci lou, di an te do fo gão de três pés so bre uma bar ri ca che ia de are ia, em cima de cu jas la ba re das fer via a panela do arroz, cuja fumaça escondia às vezes o conde cozinhando, dos nossos olhos curiosos. Quando, depois de muito esperar, a panela foi retirada de cima da trempe, desapareceram, como por encanto, os últimos sintomas de enjôo dos meus com pa nhe i ros, en quan to nós, com olhos ávidos, engolíamos o seu con te ú do. Mas quan do che gou a vez de

saboreá-lo, que decepção! O arroz estava salgado – e que imado! Todo o júbilo cessou –; substituíram-no profundo silêncio e desânimo. Tirou-nos então da penosa situação o nosso professor na arte culinária, o Dr. Lipold, que com a sua virtuosidade adquirida no tranqüilo círculo familiar dos botocudos comedores de gente, levantou-se para dar-nos uma segunda edição.⁶⁵ E teve êxito! Oh, grande palavra!

Todos os começos são difíceis – quem poderia adivinhar, depois do insucesso desta primeira bem intencionada tentativa, que o Conde Oriolla não só faria ainda grandes progressos nesta nobre arte, como que viria a exercê-la e até nas montanhas do Himalaia, com grande sucesso, como fizera três anos depois durante a viagem de meu irmão! O Conde de Bismark sobretudo, favorecido por excelente disposição natural, adquiriu uma grande mestria, em quanto *Herr Theremin*, a quem não se pode negar um mais profundo olhar crítico no que concerne à alta arte culinária, possuía um talento vulgar (*journalier*) que sabia apresentar um dia com muita felicidade, outro com menos, os produtos duma classe inferior, mas sempre notando o artista pensante. Longa é a arte – contudo minha arte culinária deixa-se resumir em poucas palavras: o gênio de Lipold formou-a e deu a medida, e eu girei em volta!

Como se tratou até aqui exclusivamente da elaboração química das matérias-primas, o leitor desejará talvez saber que espécie de material esportiva ainda embaixo, no fundo do barco ou em barrietas as mãos transformadoras dos homens, em resumo, que espécie de víveres existiam a bordo do igarité. Este estava largamente provisionado, para quatro semanas, de arroz, feijão (preto), açúcar, chocolate, café, chá, biscoitos, sal, presuntos, queijos holandeses, manteiga, hambúrgues, vinagre, azeite e vinho. Para a tripulação havia além disto farinha de mandioca, pirarucu (peixe seco que na Província do Pará substitui a carne-seca), mel, melão e caçaça. Não faltava também com bustível (leña e carvão de pedra), e os necessários apetrechos de cozinha. Para, em fim, estar preparada para tudo, levávamos também uma caixa de lata com medicamentos.

Para nossa comodidade tinham, como ficou dito, provido no Arsenal de Marinha o igarité de um toldo de folhas de palmeiras na

65 O doutor tinha alguns anos antes embarcado no primeiro vapor da Cia. do Rio Doce, na naufraga do nestério, e em consequência alcançou o botocudo no rião de Linares, entre os quais permaneceu seis meses, até poder voltar para o Rio.

popa, de cerca de 1,30 metro de altura, como de outro semelhante, porém menor, para abrigar a bagagem do pessoal, onde igualmente havia lugar para a âncora e sua amarra. O toldo de detrás não saía fora da popa, de maneira que o piloto e seu ajudante podiam olhar livremente por cima, para a frente quando estavam ao leme. Debaixo corriam, como nos navios de guerra, bancos em quadrado em volta, tão largos que se podia dormir comodamente em cima. Em regra três de nós dormíamos nelas noite, e os outros dois em esteiras no chão do barco. O banco da frente, dentro do quarto, servia além disto de mesa de jantar e, como era muito estreito, aumentávamos-lhe a largura com tábuas atravessadas como uma ligeira cobertura móvel de bordo a bordo. Nos próprios pertences, nossa pequena bagagem, nossas armas e redes para dormir nas florestas, ocupavam pouco lugar, o que, aliás, não podia ser de outra forma, porque nosso barco só comportava mesmo as quinze pessoas que tinham embarcado nele. Os objetos mencionados ficaram em parte em cima e em parte em baixo dos bancos; outros, sobretudo as espingardas, foram atados por baixo do toldo; sob o solo foram arrumadas as munições bem como os pratos, xícaras, talheres e as botijas com água de Seltz com que o Capitão Buckle me tinha presenteado, e que muitas vezes flutuavam nos poucos centímetros de água que se infiltravam. O espaço entre o toldo da popa e o da proa era ocupado por quatro bancos de remadores, em cada um dos quais sentavam-se dois homens voltados para a proa, por que em lugar de remos usavam as pagaias à moda índia. Finalmente o igarité tinha, como ficou dito, um mastro curto no banco da frente com uma vela latina, mas nenhuma quilha; a popa e a proa eram rombusas.

Depois destes esclarecimentos prosigo e retomo o fio da história no momento em que, depois da refeição, todos os utensílios e a mesa improvisada foram levados e todos guardados na maior ordem nos seus antigos lugares.

Quão escassa é a população nestas margens, pode-se deduzir do fato de que nós desde esta manhã até à tarde só avisamos duas habitações em Marajó, além do que só o fumo subindo dentre as florestas de ambos os lados do Pará faz supor a presença de gente. O segundo destes dois pequenos estabelecimentos fica num “inlet” (entrada, abertura) diante da qual ficam duas pequenas ilhas verdes, as mais belas ilhas de

palmeiras que se pode imaginar. Pouco depois apareceu diante de nós, à esquerda, a embocadura do Tocantins, que ficou ao nosso lado como um terceiro mar de horizonte ilimitado, enquanto que, percorrendo o Pará com a vista acima e abaixo, parecia-nos como hoje pela manhã avisar o mar ao longe.

Depois de termos feito observações pouco antes do meio do Tocantins e dos seus lados sul e sul-sudeste, navegávamos cerca das 3 horas da tarde através de curto canal entre Marajó e a ilha do Goiabal. Uma hora depois encontrávamo-nos perto da costa de Marajó (ilha Joannes), no meio de um encantador grupo de ilhas de palmeiras, que não figuravam nos meus mapas, mas que no mais recente de M. de Montravel já vêm em parte assinaladas.⁶⁶ Ocupam uma baía da última citada ilha, que fica a noroeste da embocadura do Tocantins e até transveralmente de frente dela, e que nos sopeilo a baía de Marajó.⁶⁷

Rumamos com uma esplêndida noite por entre estas ilhas. Numa delas, que ficava à nossa esquerda, apresentou-se-nos ao passarmos por ela um quadro muito original. Um grande velho escuro com longos cabelos brancos estava nu, de pé, diante de sua cabana, que quase não se via no meio do bosque de palmeiras com folhas flabeliformes. Aos seus pés, uma canoa que um menino, também nu, parecia aprestar para ele. Em volta, solidão e profundo silêncio! De repente, o quadro sumiu-se no momento por trás de um grupo de palmeiras que se salientava. Após isso em seguida, voltando-nos um pouco mais para o meio do Pará, a uma outra ilha, ao lado da qual, deixando-a à esquerda, navegamos pelo resto da tarde, enquanto as outras ilhas deste lindo arquipélago ficavam à nossa esquerda. Seu nome é Tucupi. Esplêndidas palmeiras, encantadoras enseadas, uma miserável casinhola, uma cabana de índio, alguns índios, uma canoa com um par deles nus, alguns papagaios voando alto, cuja gritaria se juntava à dos guaribas e alguns botos que ondeavam nas águas em volta, formaram o quadro desta tarde, que ganhou ainda mais encanto por a lua não ter tardado a elevar-se banhando a paisagem

66 Pude fazer as seguintes observações embora sem grande precisão: o lado leste do Tocantins, sul-sudeste, a ilha da Conceição sul, e mais do grupo das peque nas ilhas: nº 1 sul-sudeste, a sete quilômetros de Goiabal, nº 2 sul-sudoeste, nº 3 sudoeste e nº 4 oeste-quarta a sudoeste.

67 Ver v. Spix e v. Martius, T. III, p. 987.

tropical com a sua luz argêntea. No nosso igarité ressoaram ainda até tarde da noite as canções alemãs, até que meus companheiros, vencidos pelo João Pestana (o Morfeu popular), estenderam-se nas suas duras camas, enquanto os nossos homens, prosseguiam remando animados, entretendo-se com histórias de onças e jacarés. Só entre as 10 e as 11 amarramos o barco numa árvore da margem, para aguardar a maré.⁶⁸

24 de novembro

Às 4 horas da manhã fizemos-nos no varado de vela, e do bramado logo depois a ponta sul de Tucupí. Encontramos-nos assim no varado em pouco tempo no rio principal, o Pará; mas tínhamos hoje – tendo o número de ilhas aumentado e não diminuído – diante de nós uma nova, a pequena ilha Paquetá, pela qual não tardamos a passar. Com a tarde de ontem tínhamos entrado naquele labirinto de ilhas pequenas e grandes que parecem ter sido arrancadas pelo Pará da costa pantanosa do sul da grande Marajó, das quais parece que ele, com o tempo, só inundara algumas. Estas inúmeras ilhas dificultavam às vezes a perspectiva, porque escondiam dos nossos olhos o largo rio e só raramente permitiam uma vista livre da terra de Marajó.

Pouco a pouco, a bela noite de lua tinha cedido o campo ao dia que romperia com todo o esplendor, quando nós, às seis horas da manhã, registramos a ponta oeste da ilha da Conceição sul-quarta a sudeste, a ponta oeste da ilha que lhe fica por trás, sul-quarta a sudeste e uma ilha menor no meio do Pará, sudeste-quarta ao sul. Para esclarecer, permito-me acrescentar que o piloto deu o nome de ilha da Conceição a ambas as ilhas da primeira linha a oeste do principal em boca do Tocantins, que, vistas de longe, parecem efetivamente uma só, mas que no caminho de volta vimos que das duas só a do oeste tem este nome, a que fica entre elas e o Tocantins chama-se Tucumáiduba. Logo depois alcançamos o Alto de Açuranda, uma pequena fazenda na Marajó. Na margem plana viam-se quatro casas ensombradas por coqueiros; por trás erguem-se magníficas florestas virgens, na maioria de árvores frondosas de longos troncos, que já de longe se distinguem, não só pela

68 Foram os seguintes os resultados das observações de temperatura hoje: às 9 horas da manhã: ar 27° – água 27,6° – à tarde: ar 28° – água 27,8° – às 6 1/2 da tarde: ar 28,1° – água 28,1°.

sua altura como também pela grande diferença no seu contorno, excedendo suas copas freqüentemente as alturas umas das outras, das mais baixas matas de palmeiras-leque do dia anterior, porquanto as coroas esféricas da miriti (palmeiras com folhas flabeliformes) ficam em regra todas tão juntas umas das outras que o contorno da mata em cima aproxima-se quase de uma linha reta. Ao passo que quase todas as outras palmeiras se reconhecem facilmente à noite, as copadas palmeiras com folhas flabeliformes parecem árvores frondosas.

Além da Açuranda, vimos esta manha de passageiro um segundo estabelecimento na ilha de Marajó, ou seja, a fazenda de um inglês, se não me engano a mesma a que o piloto na volta deu o nome de Maruari. Diante desta estava ancorada uma grande escuna, que levava um grande carregamento de gado na sua entreponte. Estas embarcações, que se encontram aqui e ali no Amazonas, chamam-se gabarras ou batelão de gado. Vão na maioria buscar sua carga na ilha de Marajó, rica de gado, e levam-na para a cidade, onde o gado, conforme tive ocasião de ver no meu primeiro passeio, é entregue em estado tão lastimável, que realmente não se pode fazer uma idéia.

Segundo os últimos dados, Marajó possui cerca de 20.000 cabeças de gado, que ao lado do arroz cultivado em larga escala na ilha, em grande parte plana e pantanosa, constitui o seu primeiro artigo de comércio. O solo desta grande ilha tão favorávelmente situada para o comércio é, ademais, apropriado a qualquer outra cultura da zona quente. Mais densamente povoada e melhor cultivada, Marajó poderia no futuro ser da mais alta importância para o Império, como mercado de um imenso *hinterland* com o qual está em imediata comunicação através da magnífica via fluvial de comunicação que é o Amazonas.

Quando Antônio de Sousa Macedo, Barão de Joannes, foi investido na posse de Marajó – que antes também tinha como ele o nome de Joannes – encontrou-a habitada por uma tribo de tupinambás conhecidos como excelentes remadores, que foram depois convertidos pelos jesuítas. Depois da expulsão dos holandeses passou a ser propriedade da Coroa. Na revolução de 1835 teve a dura sorte de ser saqueada não só pelos rebeldes sob Viçegra, como pelas tropas legalistas!

Marajó é ainda conhecida por ter todas as espécies de animais que a Província do Pará tem e, o que mais nos interessava, que os

nu mero sos re ba nhos de gado nos cam pos na sua par te nor te, diz-se que atraem mais onças do que encontram em todas as cercanias, enquanto nos grandes charcos no seu centro os crocodilos de vem pu lu lar. Infe liz men te não tí nha mos tem po para fa zer alto aqui por oito ou quin ze dias, o que seria absolutamente ne ces á rio se qui sés se mos ca çar com al gu ma pers pec ti va de su ces so. Embo ra, po rém, lon ge de que rer pôr em dú vi da a exis tên cia da que les ani ma issel va gens em tão gran de nú me ro, per mto-me observar aqui incidentalmente que não vi mos nem um só cro co di lo para não falar em tigres nestas águas e nas margens da imensa ilha, cujo litoral ainda acompanhamos por muitos dias, isto é, até a entrada no principal bra ço do Ama zo nas ao nor te.

Mas voltemos ao igarité! Estávamos novamente, cerca do meio-dia, no rio livre e até mais ou me nos a esta hora, de po is de ter mos pou co an tes passa do o me ri di a no da ci da de zi nha de Oe i ras, de fron te da embocadura do Jacundá, um aflu en te da di re i ta do Pará, que, se gun do o piloto, ficava a sudeste-quarta ao sul a nossa esquerda. Até aqui não tínhamos vis to na mar gem di re i ta do rio se não ilhas; ago ra avis tá va mos pela primeira vez, e até na direção daquela embocadura do rio, não se podendo contudo ain da dis tin guir cla ra men te, o con ti nen te. Cer ca das 2 ho ras da tar de pas sa mos a em bo ca du ra do Pe ri á, um ri o zi nho de Ma ra jó e o um pouco mais largo furo de Santa Isabel, que aqui desembocam juntos no Pará. A ilha de Santa Isabel, que fica defronte desta dupla desembocadura pode, devido ao matizado de sua vegetação, servir de tipo para todas aquelas ilhas arrancadas ou desligadas da costa sul da Marajó, que daqui por diante ainda avistamos por uma grande parte do dia.

A orla da ilha era recoberta por *Caladium* bro tan do da água, e que su bia para a se gun da li nha cons ti tu í da por pal me i ras, ar que an do-se e cobrindo os troncos brancos até ao meio. A massa destes terraços de pal me i ras era cons ti tu í da por um ma ci ço de pal me i ras com folhas fla beliformes muito juntas, cujas coroas formavam um pequeno telhado ondulado inclinado para terra, no que estes nimbos se escalavam novamen te en tre si, de ma ne i ra que os troncos mais ba i xos da *Corypha um bra al ifera* (Lin.) que ficam na maioria na frente, eram excedidos pelas *Corypha elata* (Noxb) de altos troncos. Entre ambas as variedades curvava a graciosa palmeira açai (*Euterpe oleracea*) o leve nimbo de delicadas palmas

pinatífidas no topo de esguios troncos em forma de cana, oscilando de um lado para outro. Como terceirinha elevavam-se majestosas e copadas árvores de altos troncos, excedendo a todas, verdadeiros tetos brasileiros de frondes; pelos seus gigantescos troncos subiam trepadeiras vermelhas, as primeiras que víamos de tão rico colorido. Mas entre as palmeiras mora também a ambição, porque aqui e ali vê-se uma solitária gigantesca palmeira de folhas em leque erigida, acima de todas as outras árvores, a cabeça em forma de bola, saindo da coroa formada por centenas de leques apertados uns contra os outros, esforçando-se por atingir a superfície, e que ensombram os gigantescos cachos pardos-avermelhados (seus frutos), que como as palmeiras amarelas pendem do seu forte e esguio tronco. Em parte das ilhas, cujo solo provavelmente não se eleva bastante acima da água, falta a terciária, as árvores de folhas largas, inteiramente; formam por isto só um bosque de palmeiras cercado por *Caladium arborecens*, e têm por isto todo o direito do nome muitas vezes empregado de “ilhas de palmeiras”. Em geral, pode-se avaliar aqui não só a maior ou menor fertilidade das terras do delta do Amazonas pela vegetação de suas margens e das ilhas, como sobretudo deduzir-se as mesmas condições de suas inundações, de moradas ou não. Florestas mais altas anunciam sempre mais firmeza; as palmeiras e o *Caladium*, ao contrário, terra rasa e pantanosa, solo frequentemente inundado.

O dia de hoje deixou-me ainda uma sensível impressão, porque, tendo eu próprio lavado pela primeira vez minha roupa, e como isto teve de ser feito do lado de fora do toldo, apanhei uma soalheira, que me queimou não só os braços como as costas, a despeito da camisa.

À tarde vimos, no meio do Pará, dois gigantescos troncos de árvores erguendo os galhos secos para o ar. Parecia terem ficado presos pelos galhos inferiores nalgum banco de areia, e formavam assim um obstáculo, um perigo para a navegação, tão grande pelo menos quanto os despojos da frota turco-egípcia no fim da vasta baía de Navarone, ou como os restos do *Hellas* que foi pelos ares no magnífico porto de Poros, e que infelizmente parecem desafiar toda ação destruidora do tempo. Um outro tronco flutuava também, talvez com intenções igualmente perigosas, rio abaixo, ocupado por uma verdadeira fila de pássaros, que incitaram nosso prurido de caça e levou-nos a alterar nosso rumo, mas que nos lograram voando quando nos aproximávamos. O que não teríamos

dado para que aquele tronco em lugar deles tivesse passado por nós com as onças e crocodilos que os célebres viajantes bávaros tiveram a invejá v e l i c i d a d e d e e n c o n t r a r n a s u a v i a g e m f l u v i a l!⁶⁹

Contudo, devíamos de alguma forma ser com pens a dos da falta do maravilhoso, por algo extraordinário. Vimos com não pequena surpresa, subir de uma palmeira de folha em leque na margem direita, uma t ê n u e c o l u n a d e f u m o , q u e p o r m u i t o t e m p o p r e n d e u n o s s a a t e n ç ã o , e q u e o b s e r v a m o s c o m t a n t a p e r s i s t ê n c i a a t r a v é s d o ó c u l o , q u e n o s s o s b r a ç o s f i c a r a m d o r m e n t e s , a t é d e s c o b r i r m o s q u e n ã o e r a m a i s d o q u e u m e n x a m e d e i n s e t o s c i r c u l a n d o n o a r , p o r c o n s e g u i n t e u m f e n ô m e n o p o r c a u s a d o q u a l n ã o t e r í a m o s p r e c i s a d o d e a t r a v e s s a r a l i n h a n e m p r o c u r a r o r i o A m a z o n a s . B a n d o s d e p a p a g a i o s v o a v a m d e i l h a p a r a i l h a , e n u m e r o s o s e x e m p l a r e s d e *Pontederia*, como o Dr. Lippold disse chamar-se esta plan ta a q u á t i c a , p a s s a v a m r á p i d a s f l u t u a n d o n a s á g u a s t u r v a s .

O sol pôs-se em tão nas águas do se me l h a n t e a u m m a r r i o d a s B o c a s , c o m o é a q u i c h a m a d o o r i o P a r á n a s u a c o n f l u ê n c i a c o m o s r i o s U n a p u , P a c a j á s e J a c u n d á .⁷⁰ Tínhamos diante de nós três caminhos diretos, embora também com atalhos, como nos disse o piloto, para Melgaço, que, segundo ele, ao contrário do que indicava meu mapa, devia fi car n o c o n t i n e n t e . T e n t e i e m v ã o p ô r a o p i n i ã o d e A l b u q u e r q u e d e a c o r d o c o m o m e s m o . A o c a i r d a b e l a n o i t e e s t r e l a d a , e n t r a m o s n o c a n a l à d i r e i t a , n a m a i s s e t e n t r i o n a l d e t r ê s e n t r a d a s , o r i o d o s B r e v e s , q u e d e s á g u a n o â n g u l o n o r o e s t e d a g r a n d e b a c i a , q u e m e d i s s e r a m c h a m a r - s e b a i á d e T a p a r á , d e s a g u a n d o o A n a p u n o s u d o e s t e . N o c a n a l a c i m a c i t a d o p r o s s e g u i m o s n a d i r e ç ã o o e s t e - q u a r t a a n o r o e s t e , a t é q u e n o s s o b a r c o , a u m a h o r a d a m a n h ã , c o m a e n t r a d a d a m a r é , f o i a m a r a d o a u m a b e l á á r v o r e d a m a r g e m e s q u e r d a ; u m b o m b a x s e n ã o m e e n g a n o .⁷¹

25 de novembro

Muito cedo deixamos nosso barco, percorremos a floresta virgem por perto, matamos dois japus de plumagem preta e amarela,

69 Ver v. Spix e v. Mar ti us, T. III, p. 1012.

70 Ver v. Spix e v. Mar ti us, T. III, p. 504.

71 Temperaturas: cerca das 8 horas da ma nhã: ar 26,5° - água 28,1°. Cer ca do me io - d i a : a r 29,3° - água 28,5°.

que levamos para bordo para comer mais tarde no jantar, e prosseguimos nossa viagem por um curto trecho, até Breves, que ficava perto e que poucos minutos depois avisamos sobre uma projeção com 2 a 3 metros de altura, da barrenta e lamacenta margem da Marajó.

Algumas touceiras de bananeiras misturavam-se por entre os dois curtos renques de casas que constituíam o lugarejo, de que a alta floresta virgem era o fundo. As casas desta rua, que desce em direção à água, são em parte construídas sobre estacas, que nas marés baixas elevam-se de 1 a 15 metros acima do solo. Suas paredes são ou de troncos de palmeiras rachados ao meio, ou de uma armação de varas revestida de pecíolos de palmeiras; os telhados são de folhas de palmeiras. As janelas são, na falta de vidraças, providas de esteiras de cana em forma de grades, que me fazem lembrar as janelas dos ha réns orientais. Dentro das cabanas – porque a palavra casa pode dar ao leitor uma falsa idéia dessas mais do que modestas habitações – encontra-se na maioria delas uma grande mesa de canas entrelaçadas que enche quase toda a sala, às vezes formando também um segundo assoalho da altura da mesa, que não pode ser atingido pelas cheias, o que parece muito importante por ocasião das enchentes anuais. Contudo, a situação de Breves, que é ao mesmo tempo ponto central para o comércio do Pará com Portel, Melgaço, e o rio principal, pode-se chamar saudável, porquanto seus habitantes, que são quase todos descendência índia, atingem frequentemente as idades avançadas. Aliás, essa boa gente sabe tornar a vida cômoda, o que não se pode deduzir só da falta de plantações, de que quase não se vê nenhuma nas cercanias, como ressalta também de passarem a maior parte do dia nas suas redes de algodão, ou de malhas de fibra, semelhantes às de dormir dos puris, e às que nós mesmos, trazemos conosco. Os vasos mesmo que encontramos nas cabanas têm uma já aparência mais índia. Chamaram sobretudo minha atenção algumas lindas penas de araras enfiadas nas paredes, porque desde as florestas virgens perto da Aldeia da Pedra, onde vimos um bando de estes belíssimos pássaros, circularem por cima de nossas cabeças, como pequenos pontos pretos, por um momento, não tínhamos mais visto nenhum vestígio deles. As autoridades do lugar, que só conta ainda cerca de 20 ou 30 habitações, e ao mesmo tempo as únicas pessoas em Breves que se podem tratar na segunda pessoa do plural, são um juiz de paz, um homem

mu i to amá vel, que nos pre sen te ou com al guns ví ve res, e uma es pé cie de comandante; os únicos que fazem lembrar aos viajantes os melhores tempos que Bre ves deve ter vis to an tes da úl ti ma des tru i do ra re vo lu ção. Cer ca das oito da ma nhã lar ga mos no va men te, para pros se guir mos nossa via gem pelo rio dos Bre ves na di re ção no ro es te- quar ta a nor te, pelo que tínhamos Marajó à direita, e à esquerda diversas ilhas pertencentes ao distrito de Melgaço.

As flo res tas nas mar gens do ca nal, com dois a três mil me tros de largura, já se pareciam mais com as florestas virgens do Paraíba do Sul; en can ta ram-nos ho je no va men te, tam bé mas tre pa de iras en car na das que víramos ontem e que, na opinião do Dr. Lippold, talvez sejam aparentadas com as euforbiáceas, enquanto aqui e ali surgia uma casa solitária nas margens umbrosas. Prendiam particularmente nossa atenção os maravilhosos exemplares de *Caladium*, brancos florescentes. Não tardou muito e o rio dos Breves, em curto trecho mais adiante, mudou sua di re ção para nor te- quar ta a no ro es te. Foi aí que al can çamos uma en can ta do ra ilha estreita, ao longo da qual navegamos por muitas horas, deixando-a a nossa direita. Eu desejaria chamá-la ilha do Açaí ou do Ubuçu, em tal quantidade crescem nelas estas magníficas espécies de palmeiras, de mistura com altos troncos solitários das diversas espécies de palmeiras com folhas flabeliformes – se as colossais florestas brasileiras tornadas impenetráveis pelo entrelaçamento das numerosas lianas, re vestin do ain da em ma i o res mas sas esta ilha, não des men tis sem es tes nomes.

As palmeiras ubuçu* (boçu) foram uma novidade para nós; têm um tronco grosso só com 6 a 9 metros de altura, em cujo topo erguem-se co los sa is pe cí o los como o cá li ce de um lí rio, em for ma de leque, nos quais estão pegadas as colossais folhas estreitamente dobradas, ou plissadas, cujo com pri men to, por uma lar gu ra de me tro e meio, mui tas vezes vai até 6 metros. Em virtude do seu peso, estas folhas gigantes cas curvam-se do seu ponto central comum mais ou menos para fora, ou pendem, como as das bananeiras quebradas ou rasgadas pelo vento, pelo tron co im bri ca do aba i xo. Con tras tam ale gre men te, ao con trá rio, as pal me i ras açai, que, como tu fos de lan çar, le ve men te em plu ma dos, in cli nam-se para fora da floresta, espelhando-se nas margens do canal, que

* Provavelmente *Manicaria saccifera* (M.G.F.)

suas raízes na orla da mata socavaram até muito dentro. Hastes e troncos inteiros estendem-se até longe sobre a superfície da água, na qual, entre outras, uma palmeira açai retorcera-se até formar um perfeito anel. Levantamos uma outra palmeira desta espécie, a conselho do Dr. Lippold, para cortar-lhe o olho, que depois de reduzido a rodela e temperado como salada, com azeite e vinagre, comemos com muito gosto.

À ilha deserta se guiou-se uma segunda; veio de pois uma terceira, no meio do rio dos Breves que o forçou a bifurcar-se. O canal à direita, no qual entramos, dirige-se para noroeste-quarta ao norte; o da esquerda para oeste.

Depois de 1 hora da tarde alcançamos uma grande baía cercada de florestas, com uma ilha selvosa na sua extremidade norte; um grande tronco morto onde três canais vindos de diferentes pontos correm e se unem ao rio dos Breves. Aqui surpreendunos a primeira chuva verdadeiramente tropical na nossa viagem fluvial, que diluiu a sopa de arroz que o Conde de Bismark tinha tomado com os presentes do juiz de paz, e a que juntara ainda uma galinha comprada em Breves. Pude ainda, neste ínterim, uma vez que a maré fortenos forçar a ancorar, fazer as seguintes observações: o rio dos Breves atravessa a baía na sua velha direção de sudeste para noroeste-quarta a leste; um outro canal vem de leste e o último de sueste. Depois de terminado o jantar, prosseguimos pelo rio dos Breves e chegamos, logo depois, cerca das 3 horas da tarde, a uma segunda principal bifurcação. O rio citado forma uma cruz de través com um canal à esquerda, que se dirige para Melgaço e um outro vindo da direita, que pelas seguintes observações se pode tomar como ficando mais perto: rio dos Breves noroeste-quarta a oeste, furo de Melgaço sudoeste, Igarapé (Garapé)⁷² entre os rios dos Macacos e Portento, norte-quarta a oeste.

Daqui por diante as florestas virgens tornaram-se cada vez mais impenetráveis e consideravelmente mais altas. Muitos botos mostraram-nos, ondeando na água, o dorso de carne. Logo depois da confluência dos dois últimos rios mencionados, amarramos o igarité a uma árvore na ilha do Portento, fomos para terra e entramos no espesso cerrado, para o que tivemos de abrir caminho com os nossos facões. Depois duma permanência de duas horas em terra e de um valente aguaceiro,

⁷² Um nome comum para um rio ou canal.

que dei xei passar abriga do sob o gigantesco um bráculo de uma palmeira de tronco curto, rodeado de exércitos de formigas, deixamos a ilha, e às 6 horas da tarde já vamos novamente. Nossos marinheiros afirmavam te remotoma cascos na ilha; nós, porém, não vimos nenhum, embora desde a nossa chegada no Brasil os tenhamos procurado por todos os lados na esperança de avisar mos, por fim, um algu ma vez.

Podíamos ter percorrido cerca de um quilômetro no segundo principal ramo da bifurcação, quando avistamos à nossa direita um pequeno trecho de terra livre lamacenta, a única estreita faixa livre na orla das florestas na margem. Deste ponto deve-se poder alcançar a fazenda Portento em dois minutos. Esta informação de Albuquerque, porém, não combinava com o mapa de *Herr* von Martius, no qual Portento fica situada ao sul do rio dos Macacos. O rio dos Breves toma mais tarde, a partir de um terceiro tronco, que se pode alcançar em cerca de duas horas do segundo também ainda o nome de Jaburu, que, como veremos, conservará por muito tempo ainda. No Jaburu ou rio dos Breves, correndo na direção noroeste, deságua aqui um canal, vindo mais ou menos do oeste, o Aturiázal, que por sua vez está novamente em comunicação com o Amazonas através do Tajipurú (Taiapurú). Devido à forte corrente, o piloto não escolheu este caminho para o rio principal. Cerca das 9 horas da noite vimos o estreito Mambuáçu, vindo do nordeste, confluir com o Jaburu, que na escuridão da noite parecia um canal holandês reto, com mil a dois mil passos de largura, só com a diferença que estava ladeado de vegetação baixa, sendo de notar, pelas formações de Albuquerque, que toda a terra à direita era das ilhas pertencentes a Marajó. Além disso o piloto chamou minha atenção para o grito do crocodilo, que é muito semelhante ao coaxar dos sapos. E os nossos homens começaram a divertir-se imitando a voz do jacaré para atraí-los; mas a imitação ficou muito longe e não apareceu nenhum.

Entre 1 e 2 horas da madrugada chegamos à embocadura do furo das Ovelhas, que vem de nordeste-quarta norte, onde o Jaburu, deixando subitamente sua velha direção para noroeste-quarta, volta-se bruscamente para oeste. Ancoramos aí. Até este ponto tínhamos sido trazidos pelo preamar, tendo, ao contrário, daqui por diante de aproveitar a vazante. Tínhamos, por tanto, atingido a linha divisória, de onde as águas

por um lado vazavam para a principal embocadura do Amazonas ao norte, e do outro para a do sul.⁷³

26 de novembro

Ao romper o dia estávamos novamente movimentando-nos. O Jaburu formava hoje uma perfeita linha serpeante, uma pequena curva após outra, com for me ele, em bo ra por pou cos mo men tos, se guisse ora um ora ou tro rumo da bússola: oeste, no oeste-quarta a norte, leste, sudeste e novamente noroeste-quarta a norte, tendo recebido até às 9 horas da manhã dois igarapés à esquerda. Cerca desta hora, depois de termos efetuado a grande lavagem de roupa e tê-la posto a secar ao sol abrasador, em cima do toldo de palhas de palmeiras, arriamos-nos, por causa do preamar, à ilha Grande do Jaburu. As florestas desta ilha são ricas em originais raízes adventícias, que às vezes elevam-se tão alto acima do solo que se pode comodamente passar por baixo. Outras raízes salientam-se, como já disse, subindo pelo tronco acima como tabuletas triangulares. Uma novidade para nós foram, ao contrário, as raízes das palmeiras com folhas em leque, que são formadas por feixes compactos de incontáveis bastonetes lisos, entre os quais frequentemente alguns são de um em camado vivo. Numa dessas palmeiras uma segunda raiz se melhan te co me ç a ra a sair, bem a 3 metros acima do solo, o que lhe dava um aspecto muito original. Sobretudo as raízes dos rizóforos são verdadeiramente características – um verdadeiro símbolo – do soberbo mundo vegetal destas terras do delta, que deixam para trás tudo quanto nos tem sido já visto no Brasil. Tudo aqui é colossal; o chamejante sol equatorial atrai aqui mais poderosamente para si, se assim se pode dizer, o manto verde de plantas do nosso planeta nestas regiões do cinto da Terra, do que em outros lugares do globo terráqueo, enquanto as grandes massas de água, precipitando-se anualmente dos Andes, inundando e fertilizando tudo, penetram no santuário destas florestas, que por isto são chamadas “florestas de igapó”.⁷⁴ Assim é que vimos, aqui, por exemplo, a esguamiária, a mais alta de todas as palmeiras que têm aqui seu habitat, elevar-se 30 metros acima do espelho da água. Encontram-se da mesma forma nas florestas virgens de árvores frondosas gigantes, cujas portentosas copas

73 Temperaturas: à tarde: ar 28,4° – água 28,8°.

74 Igapó – quer dizer região inundada.

er guem-se 45 me tros aci ma do solo úmi do até aque las ne gras nu vens de chuva, que o vento geral quase diariamente impele para cima delas. Como as árvores, assim também as raízes, sobretudo as dos rizóforos. Em altos arcos, que vão ficando pouco a pouco menores, projetam-se saindo do emaranhado, imitando por assim dizer o arremesso duma bala de canhão, por cinquenta e mais passos por cima da superfície da água, junto às sombrias inflexões da vegetação da margem, interrompendo pelas mais diversas formas a calma superfície dos canais.

Como tínhamos de esperar até ao meio-dia pela vazante, percorremos as ilhas em volta para nos proporcionarmos um assado de carne fresca para o jantar, em quanto nos sosma rinhos, despin do todas as roupas até ficarem só de tanga, armados de facas e paus, davam caça às tartarugas e peques nos crustáceos, que apañavam nos fossos e charcos, ou peixes, entregando-se ao inocente prazer da pesca de anzol. A maioria deles era de índios esbeltos, bem conformados, de cabelos pretos brilhantes estirados e dentes limados em ponta. Seu senso de orientação e a agudeza que se refletia nos seus semblantes despertavam em alto grau nossa admiração, como também a maneira silenciosa como se moviam por cima das folhas, gravetos e folhas de palmeiras que cobriam o chão, e que estalavam ruidosamente sob nossos passos. Só raramente empregavam o facão, este para nós tão indispensável meio de abrir caminho, esgueirando-se, com incrível habilidade e flexibilidade, por entre as lianas, e passando sutilmente por baixo das que lasaltas coroadas pendentes de folhas das palmeiras, que aqui saem da terra como cogumelos, e que quando nós inabilmente lhes tocávamos, nunca deixavam de fazer cair sobre nossas cabeças e pescoço toda uma carga de pequenas formigas pardo-escuras que nos ferroavam do modo mais desagradável. Estas qualidades que os negros assimilaram, embora não inteiramente, tornam-nos muito hábeis na caça, sobretudo na aproximação da presa. O negro é de constituição robusta e está sempre de bom humor; os mulatos são mais bonitos do que os que se encontram no sul do Brasil, só se diferenciando dos índios pela cor mais escura e os cabelos encarnados, tendo, porém, muita semelhança com eles no que concerne à figura.

Todos estes habitantes de cor da nossa modesta arca, como ficou dito, seguiu do nosso exemplo, andavam pela floresta e rodavam a

chamejante fogueira perto da margem, na qual, como eles, o cônsul cozi nha va o jan tar, ou mo vi am-se afa no sos de um lado para ou tro so bre a ponte aérea que uma raiz de rizóforo, arqueando-se até muito longe, ligava a terra ao igarité – porque só por meio de uma raiz assim ou de um tronco caído seria possível essa ligação, porquanto a larga faixa de galhos e lianas que orla a margem, e que em parte se estende por sobre a água, em parte flutuando nela numa espessa camada, cederia infalivelmente sob os pés. E assim é que foi anímadamente a procura da quietude desta solitária península por muitas formas, e assim é que foi perturbado o silêncio de morte que aqui sempre reina nesta hora do meio-dia, contrastando com a aturdição da gritaria de macacos e pássaros que, às vezes pela manhã, em regra, porém, à tarde enche os ares, e com o melancólico concerto a que a noite os sa pos, os sa pos-mar te lo e os cro co di los continuam a entregarem-se.

Quando, à hora marcada, um após outro dos nossos marinheiros foram chegando a bordo do igarité, e nós também fomos pouco a pouco voltando, demos depois por falta do Conde Oriolla. Gritamos chamando-o, disparamos tiros, mandamos nossos marinheiros em diversas direções, e fomos nós por fim procurá-lo. Finalmente, pouco antes do anoitecer, encontramos o extraviado já a caminho do igarité. O Conde tinha, pela manhã, durante a vazante, atravessado diversos canais lamacentos e fossos, ora vadeando-os ora sobre troncos apodrecidos, e, entregando-se despreocupado ao prazer da caça, não pensou na volta, nem na enchente. Quando chegou a hora de voltar para bordo encontrou os igarapés já cheios pelo preamar até as bordas e as pontas na terra em parte debaixo da água. Como bom nadador não hesitou; atirando-se na água vestido e com a arma, não tardou a atravessar a nado os diversos canais que o separavam, mas por infelicidade, tendo superado estes obstáculos, perdeu ao mesmo tempo a orientação primária, o que o levou a fazer alto onde estava para não se afastar mais dos companheiros. Esta foi, sem dúvida, a melhor solução que, dadas as circunstâncias, podia tomar; contudo não ficou nisso, e sim, habituado a encerrar a jornada com o que pudesse ver e agir de acordo, pôs imediatamente a mão à obra a se cercar sobre folhas de palmeira, para dar, por meio de tiros, no tics de sua posição, e se isto não desse resultado, preparar por meio do seu mosquete, além dos numerosos e saborosos frutos da floresta, também

algum alimento animal e, caso fosse necessário, garantir sua segurança. Um dos nossos homens encontrou o cupa do niso, depois dos nossos tiros tê-lo tranquilizado sobre a proximidade dos companheiros. Mas com isto não estava ainda vencidas todas as dificuldades, porque havia ainda alguns canais para atravessar a nádo, antes de o Conde Oriolla e seu guia alcançarem a margem do Jaburu. Por isto passou já de 5 horas quando deixamos a ilha.

O Jaburu voltava-se muito perto do nosso ancoradouro, para oeste, e cerca de setecentos metros daí para noroeste, depois do que prosseguia por uma direção igual na direção nor-nordeste, corria então por trezentos metros para este-quarta a nordeste, daí novamente por setecentos metros para o norte e finalmente norte-quarta a nordeste. Perto das nove horas entrou um igarapé de noroeste-quarta a leste no Jaburu, e uma pequena hora depois recebeu um canal vindo da mesma direção nor-noroeste.

Às 10 horas da noite o igarapé, depois de uma muito pequena jornada, e depois de ter relampejado muito, foi amarado a uma árvore, à nossa direita.

27 de novembro

Às 4 horas da manhã deixamos o lugar do nosso descanso noturno. Logo depois de meia hora o Jaburu, que vinha aos poucos serpenteando para oeste-quarta a sul, recebeu um canal vindo mais ou menos de les-nordeste. Um quarto de hora depois entraram um após outro, com pequenos intervalos, ainda dois igarapés do lado esquerdo, no chamado canal principal, depois que este, tendo tomado a direção este-quarta a norte, atingiu os trezentos metros de largura, e depois de receber um terço do igarapé vindo de leste, voltou-se para oeste-quarta a oeste. Muitas araras variadas voaram circulando por cima de nós e desafiaram nossas espingardas que dispararam diversos tiros em vão. Cerca das 8 horas da manhã, alcançamos o importante entroncamento fluvial, onde o Jaburu deságua no Jabirava, um braço do Amazonas com mais de setecentos metros de largura, que, depois de pouco antes ter-se separado do rio principal, corre a princípio numa direção sul e depois para sudoeste, formando um grande seio e corrente até ao ponto

de confluência, onde se volta num ângulo agudo para leste, parecendo daí por diante não ser mais largo do que o Jaburu mesmo.

Na larga superfície do Jaburu, começou a soprar a brisa do mar e levou-nos rapidamente ao ponto de confluência para a margem oeste do outro lado, onde nós, aproveitando o tempo do preamar, caçamos sob as verdadeiramente encantadoras altas abóbadas de uma mata de palmeiras ubuçu de folhas gigantescas, que cresciam viçosas no solo lamacento cruzado por inúmeros fossos, frequentemente inundados. Nesta ocasião os Condes Oriolla e Bismarck tiveram a sorte de, pelo menos, encontrar rasstro de onça, sorte de que eu infelizmente não participei.

Depois de uma demora de quatro horas, e de o Conde Bismark ter coroadado sua sorte pescando em menos de um quarto de hora cinco saborosos peixes, 3 piranhas e 2 pirapitangas, e de o Dr. Lippold ter-nos regalado uma tartaruga, que, ao modo cruel de nosso pessoal, foi assada viva com a sua coureira – um processo que costumava de cada vez que se realizava levar ao desespero a nós, infelizes habitantes do igarapé, de visto ao insupportável e doloroso de tudo o que se possa imaginar e à espessa fumaça mefítica, no verdadeiro sentido da palavra, que quase nos sufocava sob o nosso teto de palha – deixamos, cerca das 2 horas da tarde, esta ilha e subimos velejando na direção noroeste o Jabirava, acompanhando sua margem leste, isto é, a costa do Marajó.

De ambos os lados do vasto lençol de água elevavam-se florestas virgens de altos troncos, interrompidas o mais aprazivelmente por eretas e esguias palmeiras açaí, que, leves e graciosas quais etéreas sílfides, saindo das colossais paredes da floresta, inclinavam-se para a frente daquele caos de lianas, dentre as quais se salientavam sobretudo as purpúreas que muitas vezes revestiam inteiramente, como se fossem jóias de coral, árvores de muito mais de trinta metros de altura. Nunca mais esquecerei esta encantadoríssima e colorida, que não nos fartávamos de contemplar; tampouco o lindo quadro, que um igarapé, vindo de leste e saindo das profundezas dos bosques encantados, nos oferecia na sua embocadura, permitindo-nos ver até ao mais íntimo desta maravilha da criação.

Eram cinco horas da tarde quando avisamos diante de nós ambas as ilhas das Pacas, e por trás delas, pela primeira vez, uma parte do rio principal, seu braço sul, o chamado rio de Gurupá, que muito

mais abaixo conflui com o outro grande braço do Amazonas, o rio Macapá, para formar sua principal embocadura entre Marajó e a costa da Guiana brasileira. A terra, confinando com o longínquo horizonte por trás da que las ilhas pareceu-me, em bo ra por um cál cu lo su per fi cial, ser a ilha Grande dos Porcos, que figura no nosso mapa francês. Digo pareceu-me, por que in fe liz men te am bos os meus ma pas, em ne nhum sen ti do, pelo menos no que con cer ne aos ca na is de li ga ção en tre o Ama zo nas e o Pará, combinavam com as nossas observações. Pouco depois, cerca do pôr-do-sol, alcançamos a embocadura do Uitu gu ara, que vem do no ro este, em outro braço ao sul do rio Gurupá ramificando-se mais acima, no qual en tra mos à es quer da. A bom bor do tí nha mos uma mag ní fi ca floresta de árvores frondosas, enquanto que à direita da entrada salientava-se um cerrado grupo de belas palmeiras, cujos pés estavam protegidos por lianas contra as águas. A largura do canal, logo interrompido por pe que nas ilhas, é de du zen tos a tre zen tos me tros, en quan to que sua direção muda para oes te-sul – 1/2 sul, na qual se con ser va por al gu mas horas.

O Uitu gu ara é no tá vel, se gun do Albu quer que e as nos sas pró prias observações, porque, como o Tajipuru, que na volta conhecermos mais de perto correndo quase paralelamente com o Jaburu, vaza constante mente, e até na di re ção do Ja bi va ra.

Durante a ceia do pessoal ficamos por um momento parados; durante o nosso chá, porém, que só to ma mos de po is de ter re co me çado a luta contra a corrente, começou a chover e anoiteceu. A chuva, que entre nós, durante uma viagem, costuma ser altamente indesejável, exercia aqui na quen te re gião tro pi cal, re fres can do tudo agra da vel men te, ao con trá rio, uma in flu ên cia in te i ra men te di fe ren te em nos so pes so al, predispondo-o inequivocamente para o bom hu mor e a ale gria. Ti ra ram imediatamente as camisas e deixaram a água tépida escorrer-lhes pelos corpos nus abaixo; gracejavam sem cessar uns com os outros, tão contentes como crianças; e puseram-se a cantar e a remar com quanta força tinham, mas sempre as mesmas belas porém melancólicas toadas, cuja le tra im pro vi sa vam. Às ve zes era um só que can ta va, ri man do tudo o que lhe pas sa va pela ca be ça, de po is um ou tro subs ti tu ía-o e só nas estrofes finais era que o coro o acompanhava. Cerca das oito e quinze

da noite, registrei a embocadura dum pequeno igara pé, e cerca das nove e meia amarra mos o igarité na margem esquerda.⁷⁵

28 de novembro

As estrelas luziam no céu, a lua brilhava palidamente, quando, no meio da noite, às duas e meia da madrugada, largamos no vento. O Uituguara mudou logo sua direção oeste-quarta a sudoeste para oeste; voltou-se, porém, cerca das cinco horas, para oeste-quarta a sudoeste; às seis e meia para sudoeste-quarta a oeste, e cerca das 9 horas para sudoeste. Quando rompeu o dia, meus companheiros, como de costume, levantaram-se dos bancos ou das esteiras estendidas no soalho do barco, onde tinham dormido, e a maior parte deles, a despeito dos crocodilos, cuja presença no rio mergulha cada vez mais profundamente para nós no reino dos mitos, atiraram-se na água morna, para depois subirem para bordo por uma escada de corda que o Conde Oriolla tinha feito. Começou então a toailete geral, seguindo-se-lhe o café preparado por aquele a quem cabia a vez de cozinhar, o “do dia”.

As tarefas desses infelizes, que eu hoje tomara exceção na mente a mim, eram, aliás, muito variadas, com tu do eram em regra ajudados em muitas delas, da melhor boa vontade, pelos companheiros; por exemplo, quando tinham de dar à parte do igarité por nós ocupada um aspecto de verdadeiro asseio marinho, o que nunca devia faltar, como também servir o jantar e depois lavar os pratos no rio. O doutor tomava a si, a maior parte das vezes, o trabalho de depenar as galinhas ou outras aves que matávamos, e estava sempre, de maneira ou de outra, ocupado no preparo das refeições, não obstante o preparo das plantas para o herbário dar-lhe bastante trabalho. O Conde Oriolla tinha tido a bondade de se incumbir da distribuição das bolachas de marinheiro que só amoleciam a marteladas, e dos víveres em geral; preparava-nos também numa caneca de flandres, uma bebida refrigerante, que se compunha de vinho, água do rio e açúcar, que na falta de água de Seltz que precisava ser muito poupada, era sempre muito apreciada. Cozinei hoje um arroz com papagaio, fritei à tarde na nas para o chá, em boa em regra só se bebesse chá ou chocolate, mas estava-se sempre inclinado a apresentar

⁷⁵ Temperatura: ao pôr-do-sol: 6 horas da tarde – ar 24,1° – água 25,2°.

pratos improvisados. O fecho das afanosas atividades do “de dia” era acender a lanterna, uma *fighting-lantern* que trouxemos do *Growler*. Os demais ocupavam geralmente o dia lendo, escrevendo o diário, desenhando, fazendo observações, caçando e contemplando a região. Pela manhã e à tarde era de regra conversar pelo menos uma espingarda carregada, porque quase sempre se oferecia oportunidade de matar algo; o Conde Bismark, por exemplo, matou hoje um japu e um belo pica-pau, do tamanho de nossa gralha; vimos também lindas araras-azuis, com o papo amarelo e asas encarnadas e azuis, e a maior parte voando aos pares por cima de nós; os guaribas, contrariamente aos seus hábitos, chamaram muito cedo nossa atenção com os seus uivos na floresta à nossa esquerda.

Depois das doze horas chegamos a uma bifurcação; seguimos o Uituguara na sua direção oés-sudoeste, enquanto outro canal mais curto se desviava para o sul-quarta a oeste, para de seguir logo depois no Limão, que formava a comunicação entre o nosso braço de rio e o acima citado Tagipuru, vindo igualmente do Amazonas.

Cerca das duas horas da tarde chegamos ao ponto onde o acima citado Limão se ramifica para lés-sudeste, enquanto o Uituguara fica fiel à sua velha direção. Cerca das quatro e meia reboou uma trovoadá, felizmente sem chuva, e pouco antes do pôr-do-sol encontramos um estreito igaraapé à nossa direita no largo canal com trezentos a quatrocentos metros de largura. Enquanto à tarde os macacos começaram a uivar muito alto, o sol que se punha inunda a diante de nós o rio e as soberbas florestas que revestiam as margens de sua luz rósea e dourada.

Às oito e meia da noite o Uituguara voltou-se para este-quarta a oeste, para logo depois confluir com o Amazonas. Diante de nós surgiu na embocadura, à luz das estrelas, uma ilha negra, que deixamos a nossa direita. Aqui neste lugar apertado a maré nos deteve por muito tempo, de maneira que só às 10 e 40 minutos alcançamos a embocadura do Uituguara, onde esperamos ancorados o preamar. O Amazonas estendia-se aí diante de nós; uma majestosa perspectiva! Na direção de sua embocadura parecia um mar.

29 de novembro

O Cruzeiro do Sul brilhava ainda no céu sem nuvens, quando, às quatro horas da madrugada, içamos novamente a vela e deixamos o nosso ancoradouro junto à língua rombuda de terra, separando o Utiguara do Tajipuru. Ambos os braços separam-se na mesma baía do Amazonas, do rio Gurupá agora diante de nós, com cerca de dois mil metros de largura, correndo na direção nor-noroeste – a parte sul do rio gigante separada do rio Macapá pela fila das ilhas de Gurupá – e precisamente quando o rio Utiguara, toma seu curso, correndo de começo para nordeste-quarta a leste com o Tajipuru, para sudeste. Com o romper do dia, o céu nu blou-se e levantou-se a brisa do mar que só pra até muito longe pelo Amazonas acima, aqui chamada vento geral, e que se pode considerar como a monção soprando sobre o continente; voamos alegremente diante dela, tendo por trás de nós o horizonte reto do mar, e dos lados por longas miúdas, ilhas cobertas de altas florestas, que parecem ficar no próprio rio Gurupá, enquanto diante de nós, avançava, num longínquo azulado, a grande ilha de Gurupá, que certamente já pertencia àquele fila de ilhas que se para os dois canais.

Às 7 horas da manhã registrei a ponta norte da mesma a oeste 1/2 sul; olhando rio abaixo, a ponta na embocadura do Tajipuru, fica ao contrário a nordeste-quarta a norte; por trás da mesma o fim da terra na margem direita do Amazonas fica a nor-noroeste-quarta a leste; a ilha Urutaí que fica defronte, porém a nor-nordeste. Em seguida, às dez e meia da manhã, a estibordo, o extremo sudoeste da Urutaí que registramos a nor-noroeste e a ponta norte da ilha de Gurupá, que registrei a noroeste-quarta a oeste, separam-se uma da outra, de maneira que nós, através desta abertura que nos designaram como o furo Mararu, podíamos, do canal onde nos achávamos, estender a vista sobre toda a superfície não dividida do rio Gurupá, tal vez mesmo até ao rio Macapá. Logo depois, aproximamo-nos da margem direita, ao longo da qual, por diante, navegamos com vento fresco favorável.

Entretanto, nossos olhos demoravam-se com prazer sobre algumas belas formas de árvores da floresta perto; ou passavam de um lado para o outro acompanhando o vôo dos numerosos e para nós em parte novos pássaros aquáticos, sobretudo aquelas grandes gaivotas

brancas, uma espécie de garça branca e variedades com cabeça cor de carne, que incitavam nossa paixão pela caça, animando o ar e a água, tendo o Conde de Bis mark morto um mergulhão (um pássaro entre um pato e um ganso) e o Conde Oriolla uma grande ave de rapina branca. Eu me dispunha a tomar parte na caçada, e estava carregando minha espingarda, quando divisei a nossa esquerda na lama branca da margem um grande novelo prateado, iluminado pelo sol, que logo reconheci ser uma grande serpente que se aquecia. Rumamos para lá e o Conde Oriolla disparou a 20 ou 30 metros contra ela um tiro que errou o alvo, mas acertou-lhe na cauda com outro tiro do cano de sua arma carregado com chumbo grosso, com o que pareceu despertá-la da sua espécie de torpor. Quase no mesmo momento nosso igarité encalhou muito perto e até um pouco mais para cima, em água rasa, mas de maneira que não podíamos ver a serpente através do cerrado. Num abrir e fechar de olhos a maior parte de nós e da tripulação precipitou-se na água, com um ardor como se se tratasse de mais do que uma simples caçada, para alcançar a margem. Enquanto os Condes Oriolla e Bis mark saltavam na água lamacenta, cuja profundidade me pareceu difícil de calcular, saltei para cima de um dos muitos galhos que um tronco caído nos estendia e que me devia servir de ponte para chegar o mais depressa à terra firme, pois já imaginava a cobra longe na floresta virgem. Muito embora fosse muito pequena minha esperança de ainda alcançá-la, esforçava-me quanto podia, apesar dos sapatos de borracha muito frouxos que era obrigado a usar, por ter desde algumas semanas os pés muito inflamados, escorregarem dum lado para outro, para avançar no tronco molhado e liso como um espelho. Ouvi então, de repente, um tiro à minha esquerda! Atirei-me da minha árvore abaixo para, através da profunda lama morna, na qual, enterrando-me até aos joelhos a cada passo, dei-me a ficar um dos meus sapatos, apressar-me naquela direção. O Conde Oriolla, que víamos ter sido um dos primeiros a saltar na água, tinha-se desde o começo conservado à esquerda, para procurar a cobra no lugar onde atirara nela; e teve de fato a sorte de vê-la lá em poucos minutos; o flexível animal então tinha-se esforçado, serpeando rapidamente, para alcançar a floresta o mais depressa possível. O conde estava já vendo o momento em que a presa lhe escapulia, quando ela mergulhou na lama mole por baixo de um tronco caído. Apenas a cabeça da gigantesca ser-

pente entrara debaixo do tronco, o conde vibrou-lhe com sua faca de mato um golpe no meio do corpo; como, porém, mal lhe rasgava a pele dura, atirou-se-lhe com todo o peso em cima, enterrando-lhe a faca nas costas a poucos pés da cauda, quando ela já tinha passado de três quartas partes do corpo por baixo do tronco. Mas era-lhe inteiramente impossível deter a colossal fujona, que, ao contrário, arrastava irresistivelmente o seu perseguidor, com o ferro que até já se tinha enterrado um pedaço na terra, cada vez mais para perto do tronco. Que sorte poderia a sua, a possante serpente não ter feito nenhuma tentativa para vergar-se para trás por cima do tronco para enlaçar o inimigo, o que, com a flexibilidade da espinha, a despeito da grossura do mesmo, lhe seria fácil. Sorte maior ainda ter o Conde Bis mark, o único que estava armado com uma espingarda, chegado ao campo da luta no momento crítico. Passou por cima do tronco, pôs-se bem diante da serpente em fúria e sibilando e disparou-lhe calmamente um tiro *à bout portant* fazendo saltar-lhe os olhos, aturdo-a e deixá-la como morta. Deve ter sido admirável ver este monstruoso animal, ainda pouco antes com toda a pujança de sua enorme força, como se contorcia estirando a cabeça ora para a esquerda, ora para a direita, tentando em vão libertar-se do aço tão bem enterrado do Conde Oriolla. Um momento depois do tiro, porém, cujo chumbo, mantendo-se muito junto à ra como uma bala, e além de uma parte da cabeça só lhe arrancara a mandíbula esquerda, pareceu ainda apesar da metade do cérebro despedaçada, despertar do aturdimento. O Conde Bis mark apressou-se em tão em voltar a bordo para ir buscar a espingarda de *HerrTheremin*.

Tudo passou-se num instante; porque poderiam ter decorrido dois ou três minutos desde que eu deixara o lugar, quando me encontrei junto do Conde Oriolla sobre aquele ominoso tronco, com a serpente aos nossos pés, enroscada num grande novelo entre o tronco caído e suas raízes. Antes mesmo de saber o que acontecera, não pude deixar de tirar um cacete das mãos dum dos nossos homens em volta e vibrar pelo menos uma cachetada na que a cabeça. Então ela levantou-se reunindo todas suas últimas forças e sibilou ainda uma vez, mas sem poder mais alcançá-los em cima do tronco. Espearei em vão por uma mais enérgica repetição dos seus anteriores ataques, porque depois de ter trocado o cacete pela faca, eu possuía nesta arma que talvez com sorte pudessem

enterrar-lhe nas goelas, enquanto o conde com fortes caçetas procurava de sair o inimigo exausto para a luta. Neste instante chegou o Conde Bismarck e despeçou-lhe completamente a cabeça com um último tiro. Com o que aos poucos passou sob violentas convulsões da vida para a morte.

Embora eu não tivesse podido participar das honras do dia, com os meus dois corajosos condes, tive pelo menos a sorte de chegar a tempo para o *hallali*. A grande presa da caçada foi puçada para fora por meio de grossas lianas e medida. Verificou-se ser uma gigantesca *Boa constrictor* com cinco metros de comprimento e cinquenta centímetros de grossura, que foi pelos nossos marinheiros chamada sucuriú. Quando a esfolaram e abriram encontraram mais duma dúzia de ovos membranosos, parte dos quais tinham dentro cobras ainda vivas de 30 a 60 centímetros de comprimento. A bela pele branca, amarela e preta, de peque nas escamas, ambos os condes tiveram a bondade de me oferecer como uma lembrança. Agora este honroso testemunho de seu sangue-frio e coragem é uma das mais belas jóias que ornamento minha casa em Mombijou. Assim que se terminou o difícil trabalho de esfolar – por que só a cus to se consigo cortar através da couroca de escamas do animal que ainda estremecia convulsivamente – fizemo-nos novamente de vela, logo depois do meio-dia, para, com a bela pele estendida sobre nosso toldo de palha com o troféu, subirmos orgulhosos o Amazonas.

Depois que a alta floresta à nossa esquerda se foi pouco a pouco transformando numa mata de palmeiras-leque, avistamos, ao dobrarmos uma pequena ponte, a Vila de Gurupá, que coroa a margem erguendo-se como uma parede vermelha de mais de 6 metros de altura, das águas sujas do Amazonas. Esta parede perpendicular, de um conglomerado ferruginoso de arenito, com a povoação em cima, alegrou-nos a vista, tanto mais por não termos visto desde a costa alcançada de Olinda saindo dentre os coqueirais de Pernambuco, nenhuma outra elevação, e desde a região de Breves nenhuma habitação humana. O que primeiro avisamos foi o peque no forte sobre uma curta projeção na extremidade de lesda cidade, que infelizmente a escurelha do nóite que se aproximava não nos deixou ver mais de perto. De longe esta “chave do Amazonas” pareceu-me um fraco bastião com um canhão e uma guarita. Martius chama-o por isto e com toda razão, uma escarpa, e acrescenta que era

feita de barro. Este adeno do pa re ceu-nos me nos jus to por quan to na nossa segunda visita a Gurupá, julgamos poder verificar através do óculo que é de pedra. Uma paliça da pro longa esta es car pa. Acom pa nhan do-se da qui a par te de trás da orla da mar gem para o oes te, de pa ra-se pri me i ro com uma grande cruz de madeira e por trás dela vê-se a pequena e simples igreja ca i a da de bran co que for ma a tran si ção para a pe que na po vo a ção que consta de duas ruas onde se erguem uma dúzia de casas caiadas e providas de telhados de telhas – entre as quais a do comandante – às qua is se en file i ram ca ba nas co ber tas com fo lhas de pal me i ras ou ranchos. O fun do é for ma do por al tas flo res tas vir gens, en quan to no pri me i ro plano um par de palmeiras isoladas interrompe a uniformidade do quadro. Eram 6 horas da tarde quando ancoramos na extremidade nordeste da vila; mandamos o igarité para outro ancoradouro a sudoeste e fomos para terra. Gurupá é, com exceção do Pará, indis cuti vel mente a cali da de maior e de melhor aparência que vimos na nossa viagem nas margens do Amazonas. Deve sua origem, segundo alguns, a uma colônia de tupi nam bás. Mais tar de, cer ca do ano de 1615, os ho lan de ses, ao que pa re ce, juntos a aventureiros ingleses e franceses, fixaram-se aqui; tiveram, porém, não obstante terem-se entrincheirado, no ano de 1623, de se submeter aos portugueses que de Belém enviaram 70 soldados e mil ar queiros índios contra eles, numa ca ra ve la e 22 ca no as sob o co man do de Bento Maciel Parente que, logo depois de tomarem posse, levantaram o forte de Santo Antônio. Daí por diante Gurupá só é citado na História em li ga ção com os je su í tas, quan do os ha bi tan tes ex ci ta dos um belo dia, em 1655, puseram os ir mãos ali do mi ci li a dos numa ca no a, en tregan do-os à mercê da corrente; mais tarde, porém, os jesuítas tiveram novamente um tão bom acolhimento por parte deles e do seu capitão, que muitos por muito tempo escolheram este lugar como refúgio, até que por fim, no ano de 1661, 90 portugueses e 400 índios, vindos de Belém em 26 grandes barcos sob o comando de Pedro da Costa Favela, submeteram-nos e man da ram-nos para a Ca pi tal. A atu al Gu ru pá, con tan do cer ca de 40 a 50 ca sas, e a que em 1693 o Rei D. Pe dro II de Por tu gal deu o título de vila, é ainda hoje de tanto maior importância por serem todas as em bar ca ções que so bem ou des cem o Ama zo nas de ti das e re vis ta das aqui. Seus habitantes fa bri cam ti jo los e telhas, va sos de barro e apa nham

cacau e salsaparrilha nas ilhas vizinhas, e estendem suas excursões para isto até mes mo ao Xingu.

Quando vagávamos pe las ruas da vila, che ga va até nós, vin do das florestas perto, o bramido do concerto de milhares de vozes dos macacos uivadores. Cerca das 7 horas da noite, de po is de ter mos con f iado a pele da serpente à guarda do comandante que teve a bondade de se incumbir de fazê-la secar completamente, prosseguimos nossa viagem. O vento fresco levou-nos logo tão depressa para as proximidades dos re ci fes per to da ilha Re don da, que nos vi mos obri ga dos a to mar o ca nal ao norte da ilha, conquanto o verdadeiro canal navegável ficasse ao sul da mes ma. Esta no i te dor mi.⁷⁶

30 de no vem bro

O sol que nas cia ilu mi nou a pe que na ilha Ta ra ze da, que de i xa mos à es quer da. Nes ta ilha deve mos trar-se às ve zes a co los sal e fa bu losa serpente comedora de gen te, a boi-açu.⁷⁷ Cer ta men te a mes ma que von Spix e von Mar ti us cha mam mãe-do-rio. Mais tar de sou be mos mais sobre este monstro lendário, e até pela boca de um homem de cujo testemunho nunca tivemos motivo para duvidar, isto é, do nosso fiel companheiro de viagem no Xingu, o Padre Torquato, a quem o leitor não tar da rá a co nhe cer, e que afir mou ter vis to a boi-açu, com seus pró pri os olhos. De três a qua tro ho mens não a po de ri am abar car dis se ele, e seu corpo articulado parecia uma cadeia de pipas. Em Vigia, acrescentou, atiraram nela uma vez com um ca nhão, mas não lhe acer ta ram e ela deixou a ter ra e en trou na água. A cren di ce po pu lar in ven ta ain da uma cha ma da acarambóia⁷⁸ que habita nos lugares mais profundos e mais piscosos dos rios, aparece com o peito e a cabeça inteirada com três penas. Pior que tudo, e como sendo particularmente temível, descreveu-nos Albuquerque a gran de ser pen te de sete ca be ças que ha bi ta o lago Sete Cabeças, formado pelo rio Ajará (um braço do Amazonas) defronte da serra de

76 Temperatura: cerca das 6 ho ras e 15 mi nu tos, isto é, um quar to de hora de po is do sol nas cer: ar 25,2° – água 28°. À tar de: ar 29,4° – água 28,3°. Cer ca das 6 da tar de: 27,8° – água 28,3°.

77 Boi-açu, cha ma-se co bra gran de, *deboi* ou *boya*, co bra, e *açu*, gran de. A co bragi gan te (*Boa constrictor*) é de sig na da por estes no mes pe los índios.

78 Aca rá-mboya – co bra-garça.

Almeirim; acrescentou, porém, que desta serpente não tem tanta certeza, mas a Acarambóia, ao contrário, já se mostrara no ano de 1834 na sua região, no Petutu, não muito longe da confluência do Aiquiqui com o Xingu, e que até ao fato se liga a seguinte circunstância: um casal tinha ido com seus dois filhos pescar nesse lugar, mas antes de começarem, querendo certificar-se para maior segurança, da existência da serpente, todos três dispararam suas espingardas três vezes – porque nove tiros disparados três vezes constitui a fórmula mágica para conjurar a Acarambóia –, e exatamente ao nono tiro a serpente dirigiu-se para eles que jogaram as armas fora e de ram às de vila-di o go. A esta história o piloto acrescentou algo da própria experiência: ele mesmo ouvira a serpente bramir, mas como todas as criaturas, sobretudo os crocodilos gritaram ao mesmo tempo, não se podia dizer de que ponto na água vinha realmente o bramido. Basta, porém, de fábulas do povo.

Per to da ilha Taraze da fica a aldeia de Carreze do, na margem direita do rio, que continua mais ou menos com a mesma largura de dois quilômetros, mas não a pudemos distinguir. Não muito tempo depois, cerca das 8 horas da manhã, passamos velejando por Vilarinho; duas cascas sob uma grande árvore com duas pedras nas ilhas de frente assinalavam o lugar. Depois passamos pela pequena ilha do Chapéu Virado, um grupo de árvores quase asfixiado pelas lianas, isolado no meio do rio e cercado de *Caladium arborecens* de altos troncos e grandes folhas. Cerca das 11 horas da manhã alcançamos Tapará, algumas cascas na margem arenosa, sob frondosas árvores, porque desde Gurupá uma faixa de areia orlava freqüentemente as florestas: uma prova de que as margens começavam a elevar-se. Ao lado via-se um belo grupo de açais, novas. Quando desembarcamos aqui, chamaram nossa atenção alguns vasos originais; havia entre outros cuias-cabaças partidas ao meio – em parte ornadas de bonitos desenhos, como também outras feitas de casca do fruto da palmeira najá e outras da couça da barriça do jacaré.

Mais para cima, até muito além, continuam as margens do Amazonas a distinguir-se pelas suas belas florestas; mas daqui por diante as palmeiras miriti desapareceram por completo, pelo menos para nós que entramos no Xingu onde ela falta quase que em absoluto. À nossa direita, as três ilhas do Espírito Santo formavam belos quadros; pouco

depois passamos por Boavista, que não é mais do que um par de casas na margem esquerda. Logo depois vimos o Amazonas alargando-se ao longe, com inúmeras ilhas e palhas pela sua vasta superfície, enquanto ao redor este quartão de vislumbres abraça-se o comprimento de baixos espigões da serra de Almeirim, como uma névoa azulada. Do braço em tã, faz de um agudo cotovelo, uma ponta arenosa de terra coberta de matas e pareceu-nos no vácuo abrir-se um mar diante de nós: era o Xingu cuja superfície nenhuma teria limitação ao sul; uma perspectiva surpreendente, depois de já termos feito uma viagem fluvial de 80 milhas, um percurso igual a uma viagem pelo Reno acima, do mar do Norte até Mogúncia.

Já por muito tempo antes o Xingu se tinha anunciado pela sua clara água verde cor de garrafa a que pouco a pouco a água turva amarelada do Amazonas tinha tido de ceder o lugar. Uma meia hora depois, apenas, ancorávamos em Porto de Moz.

Um comprimento de casas, que no meio, porém, aumenta para três, estendem-se aprazivelmente interrompidos por belos grupos de palmeiras, em parte por um terreno em ligeira ascensão e em parte por uma praia plana arenosa. Porto de Moz pareceu-me um pouco menos importante do que Gurupá, porque a não ser a do comandante, não possui nenhuma casa caiada. Causou-nos, porém, a impressão de ser muito mais animada, porque hoje celebrava-se a festa de Santo André. Os negros dançavam numa casa ao som do ben-guá (tan-tã), um curto pedaço de tronco com uma pele esticada numa das extremidades. Diante da igreja situada numa praça mais ou menos no meio da povoação, donde se goza uma bela vista sobre o Xingu, estavam deitados ou de pé diversos pendões, enfeitados com trepadeiras ou folhas de bananeiras; pouco a pouco foi-se reunindo toda população, com uma maioria de gente parda, junto a inúmeras crianças nuas, e uma procissão pôs-se logo em movimento com aqueles pendões à frente.

Dá testemunho do comércio desta localidade, para cujo distrito se calcula uma população de cerca de 4.000 almas, uma bela escuna pertencente ao comandante; num estaleiro sob um telhado de folhas de palmeiras estavam mais duas embarcações iguais; o oficial citado é um major da Guarda Nacional, que tem sob seu comando um batalhão de três companhias, das quais a primeira está em Porto de Moz, a segunda

em Vi e i rose Pom bale a ter ce i ra em Sou sel. O ma jor, em bo ra já es ti ves se havia sete anos naquele comando, não tinha, e isto “por falta de comodidades” como muito ingenuamente se expressava, visitado as duas últimas mencionadas companhias do seu batalhão; nunca tinha assim estado mais longe do que até seu quartel-general, isto é, quatro léguas mais adiante no Xingu, pelo que suas informações sobre este rio e seus habitantes não podiam merecer muita fé. Assim é que entre outras coisas que contava, falava muito numa tribo inimiga dos jurunas que pendurava os inimigos pelas pernas e dava-lhes uma pancada na nuca para aca bar com eles. E isto era qua se só o que sa bia in for mar.

Por cima da ilha de Aqui qui, que fi ca va para além das florestas mais dis tan tes do pla no Por to de Moz, e que está se pa ra da do con ti nen te pelo ca nal do mes mo nome li gan do o Xin gu, aqui com seis a oito qui lô metros de largura, com o Jaraucu e o Guajará, subiam espessas nuvens de fumo para o céu da tarde. Ali deve haver muitos tigres e crocodilos, como em geral nos diziam; infelizmente ter-nos-ia levado para muito longe do nosso destino, se a quiséssemos explorar, porquanto essas ca çadas costumam requerer no mínimo três a quatro dias; meu principal es for ço, po rém, vi sa va su bir o mais ra pi da men te pos sí vel o Xin gu no li mitado espaço de tempo de que dispunha, para alcançar os selvagens o mais de pres sa que pu des se.

Depois de ter escurecido, cerca das 7 horas da noite, veleja mos novamente rumo ao sul con tra a cor ren te, cuja di re ção me pa re ceu aqui ser do sul para o norte. Não demoramos muito a passar, na noite es tre la da, à al tu ra do furo de Aqui qui, quan do, se gun do a in for ma ção do piloto, devíamos passar perto do fogo a que já me referi; duas horas depo is, fo mos al can ça dos por um bar co que se di ri gia para nós re man do furiosamente. Era um jovem francês, um filho do arquiteto naval chefe dos Imperiais Estaleiros do Pará, Monsieur Pichon, a quem o co man dante tinha tido a bondade de mandar atrás de mim trazendo-me um jacaret inga (crocodilo da espécie pequena, com ape nas uns 60 cen tí metros de com pri men to), de pre sen te, por ter-se, ape sar do nos so cur to co nhe cimento, inteirado de nossa predileção por crocodilos e quejandos ani mais. Não obstante estes animais gozarem a fama de muito saborosos, concedemos, depois que M. Pichon se retirou com os nossos agrade ci mentos, a vida ao nosso pobre prisioneiro, e destinamos-lhe um lugar

sob o as so a lho do iga ri té, onde de pres sa sen tiu-se à von ta de, e pôs-se a me xer-se com gran de ati vi da de en tre os pra tos e xí ca ras, e pou co a pou co foi-se tor nan do tão atre vi do que às ve zes che ga va a ten tar, com den ta das em mi ni a tu ra, opor-se à re ti ra da dos ci ta dos ob je tos. Cer ca das 11 ho ras da noite ancoramos perto da margem direita para esperarmos a maré.⁷⁹

1º de dezembro

Às 5 ho ras da ma nhã ve le já va mos no va men te. Com o al vo re cer do dia, logo se de i xou di fe ren ci ar dis tin ta men te a cor do Xin gu, que é aqui de um verde garrafa quase pre to, ao pas so que on tem me pa re cia mu i to mais cla ro. Não tar dou mu i to e avis ta mos a em bo ca du ra do iga ra pé Turu, um aflu en te sem im por tân cia que o Xin gu re ce be pou co an tes ain da da sua con fluên cia com o rei dos rios, e cer ca das sete e meia da manhã entramos no Acaí, que vem de leste-quarta a nordeste, um verdadeiro braço do Xingu, em cujas margens ambos os nossos pilotos tinham sua casa, e queriam procurar suas famílias. As margens do Acaí, na sua embocadura, são cobertas de cerradas matas ba ixas, que dão uma per fe i ta im pres são de ca po e i ras⁸⁰ e junto da água or la das de *Caladium arborecens*. So bre pe que nas e pou co ele va das projeções de ter ra are no sa fi cam, aqui e ali, es pa lha das, as ha bi ta ções que, como as de Taperá e Breves, já pa re cem for mar a tran si ção para as ca ba nas dos ín di os.

Numa des sas ca ba nas na mar gem es quer da, Albu quer que, o portu guês, encontrou a mulher e os filhos, que tinham tido de fugir de sua casa que ficava mais para cima no rio, di an te das hor das de de ser to res va gan do na que la re gião à pro cu ra de re fú gio em casa dos pa ren tes; o outro pi lo to, o na ti vo, apre sen tou-nos tam bém aqui sua mu lher. Ambas es tas da mas eram de ori gem ín dia. Uma li ge i ra ar ma ção de va ras su por ta o telhado de folhas de palmeiras das ligeiras cabanas, cujas paredes são tam bém de fo lhas de pal me i ras. Algu mas re des, além de um tam bo re te, ou melhor, de uma cadeira índia, o único móvel, pendiam atravessadas

79 Temperaturas: às 6 ho ras da ma nhã: ar 24º – água 28º; ao me io-dia, ar 29,2º água 29,6º.

80 A palavra capoeira é uma corrup te la de Ca a pire ra, mata ca í da.

no recinto. No chão e no alto, em cima de prateleiras feitas de varas, a um canto, estava um utensílio e cujas do fruto da *najã** como os que já tínhamos visto em Taperá; além disto, porém, grandes cestos cheios de algodão em rama. Das paredes pendiam também cestas, os apetrechos de tecer das mulheres, cachos de bananas, casacos de brim, camisas e chapéus de palha; havia também arcos e flechas encostados a um canto. Numa das redes, no meio do recinto, balançava-se um bonito menino, adormecido, nu como Deus o pôs no mundo. Atrás avistava-se, por uma segunda aberturamelhante à porta, o estreito e manso Acaí correndo e a escurafloresta na outra margem. A juventude anda aqui geralmente, como se pode deduzir do que ficou dito, inteiramente nua. Os homens, ao contrário, usam nesta região no baixo Xingu e Amazonas, na maior parte, só uma calça curta de linho, e parece consigo de roupas de mais peças de roupa como supérfluas e luxo; quanto às mulheres, usam sempre uma saia e a maioria um casaco curto; o cabeloata do num tufo no alto da cabeça dá-lhes de certo modo um aspecto selvagem.

Depois de curta permanência despedimos-nos do nosso piloto índio, que ficava aqui entre os seus, que por gratidão ainda nos presentou com cinco galinhas, e de toda aquela amável gente e prosseguimos descendo novamente o curso do Acaí, para continuarmos nossa viagem pelo Xingu acima. O fresco “vento geral”, soando sobre a terra, enfunou nossa vela quadrada, favorecendo hoje de um modo extraordinário nossa viagem. Transportados subitamente, para esta parte do rio com 5 a 7 quilômetros de largura, sentíamos-nos tentados a nos imaginar na veiga do num braço de mar em vez de num rio, por quanto olhando a montante e a jusante, isto é, para o sul e para o norte, não avistávamos senão o infinito horizonte de um mar. Por trás de nós subiam das águas, ao longe, as colunas de fumo das fogueiras que na noite anterior tínhamos visto fumegar nos campos de Aquíqui, de frente de Porto de Moz.

As florestas nas margens do baixo Xingu têm inteiramente o caráter de capoeiras, embora tanto quanto as matas na embocadura do Acaí tenham sido já mais derribadas e queimadas, e na sua orla aparecem, aqui e ali, a intervalos, trechos arenosos a que chamam praias. Já Martius,

* O mesmo que *ana já*: palmeira de 5 a 6 metros de altura que ressona pelo nome científico *Pindareaconcinna* (M. G. F.)

que só tinha passa do um rá pi do golpe de vis ta pela em bo ca du ra do Xingu, refe riu-se a este sur pre en den te con tras te com o iga pó e ma tas de pal me iras no baixo Amazonas e à semelhança da vegetação em vol ta de Por to de Moz com a de algumas regiões do Sul do Brasil. Entre estas praias destacava-se a grande praia de Maruá, na embocadura da ribeira do mesmo nome, que, como nos dissera o piloto, era como o Acaí um pequeno braço do Xingu correndo para nordeste. “Nestas pontas arenosas”, acrescentou, “costuma-se apanhar a maior quantidade de ovos de tar ta ru ga, por que é aí, so bre tu do, que elas põem em se tem bro e onde são apanhados de sobra.” Servem não só simplesmente para alimento como para tirarem também deles uma espécie de óleo amarelo a que chamam manteiga, que empregam tanto no preparo da comida como para iluminação.

Às duas e meia da tarde passamos pela eminência onde fica, também na margem direita, a pequena aldeia de Acajuíra. Daqui em diante o rio vai-se alargando pouco a pouco, entrando pela terra à sua direita, para formar uma vasta enseada, onde fica a povoação de Veiros. Perto duma bo ni tai lho ta na ex tre mi da de oes te do apra zí vel gol fo er gue ram os dor sos um ban do de bo tos cor de car ne ao nos so lado, vol te an do em re dor do nosso barco e acompanhando-nos até Veiros, que se avistava mais ao sul da enseada, mais ou menos onde esta topa novamente a direção do rio em linha reta, sobre uma eminência de seis metros de altura, que se ele va va per pen di cu lar men te na praia are no sa.

A pri me i ra co i sa que vi mos aqui foi uma mu lher par da, se mi nua que, sen ta da numa ca noa, ba nha va o fi lho no rio, e que ao avistar-nos fu giu com ele. Qu an do em se gui da sal ta mos em ter ra, cha ma ram so bre tudo nos sa aten ção os nu me ro sos blo cos de pe dra en car na da, se me lhan te a escória, espalhados na praia, que me pa re ce ram o mes mo con glo me ra do are no-ferruginoso de pedra-lioz, que von Spix e von Martius tantas vezes encontraram no rio Ama zo nas. Mas não po dí a mos fi car ali em bai xo, tí nhamos de subir a orla da margem. Uma larga escada sobe do rio até à igreja em cima, que se ergue entre as vin te ou trin ta mi se rá ve is ca sas, ou antes ca ba nas de bar ro co ber tas de fo lhas de pal me i ras, ten do por fundo matas entremeadas de palmeiras. Diante da igreja, eleva-se sobre uma projeção da margem uma alta cruz de ma de i ra, que pa re ce olhar gra ve e solene para baixo, para a baía, para o Xingu que passa correndo como

um largo braço de mar, pa re cen do cor rer de um mar para ou tro, e para a longínqua mar gem opo sta. Sem dú vi da, des ti na ram à cruz o mais belo e apropriado local em todo Veiros. Especialmente atraente é a vista de ao pé dela, da baía com as pitorescas ilhas em am bas as suas ex tre mi da des, e de fron te des tas er gue-se, na ex tre mi da de sul, sa in do das águas ver de-es cu ro, a linda e umbrosa ilha Nora. Através da exuberante floresta de belo contorno so bre o qual aqui e ali er gue-se al ti va a co roa de uma pal me i ra, vislumbram-se algumas cabanas. O Maxipaná desemboca entre estas pe que nas ilhas, no Xin gu.

A pequena localidade pareceu-nos inteiramente deserta; além daquela mulher na canoa e seu filho, não vimos mais nenhum ser humano. Todos os homens tinham deixado Veiros e ido para suas roças, para, como costumavam fazer todos os habitantes destas povoações meio índias, plantar antes da estação das chuvas; por conseguinte a população presente com punha-se só das mul he res, que ti nham fi ca do para trás, e que, con tu do, acha ram melhor não se mostrarem. Para que, porém, Veiros não nos parecesse por demais mor ta, um ban do de ja pus pre tos e ama re los pou sa ra numa pal me i ra e fa zia lá de cima uma en sur de ce do ra gri ta ria cá para ba i xo.

O sol estava-se pondo quando prosseguimos nossa viagem rio aci ma. O mais belo céu es tre la do não tar dou a es ten der-se por cima de nós, en quan to que à es quer da che ga va aos nos sos ou vi dos a gri ta ria das pre guiças – o piloto pelo menos assim dizia e nossa tripulação confirmava, conquanto a mim parecessemuitosemelhante à dos macacos ui va do res. Às 8 ho ras da no i te al can çamos o por to, se as sim se pode cha mar, de Pom bal, onde man damos Albuquerque à terra em busca de víveres. Nesse íterim vimos do rio, por uma porta aberta, luz numa cabana e até iluminandomuitas redes; um belo qua dro pe cu li ar. Os ca chor ros la dra vam! De po is de um quar to de hora, prosseguimos viagem; contudo não por ⁸¹muito tempo, por termos de an co rar na mar gem dire i ta à es pe ra do pre a mar.

2 de dezembro

Já às 5 ho ras da ma nhã le van ta mos fer ro e pou co de po is o sol que nas cia ilu mi na va a po vo a ção de Ma ra cá, de fron te de nós na mar gem

81 Tem pe ra tu ras: Cin co e meia da ma nhã, ar 23° – água 25,6°. Ao me io-dia, ar 30,3° – água 28,9°. Ao pôr-do-sol, ar 30° – água 29,3°.

esquerda do Xingu, que toma aqui outro aspecto, elevando-se um pouco e deixando vislumbrar através da escura floresta de que é revestida, aqui e ali, paredes vermelhas a pique. Favo recidos por uma brisa de feição, atravessamos transversalmente o rio com 5 a 7 quilômetros de largura, em direção a Sou sel, que se avis ta va não mu i to lon ge de uma ponta coberta de matas na margem esquerda. Eram 10 horas da manhã quando ancoramos na bela e pequena baía cercada de pequenas elevações selvas, que uma es tre i ta fa i xa de are ia or la va. Aos pés de las es ten de-se, ao longo da praia, Sou sel, cujos telhados de telhas de barro já de longe chamavam nossa atenção.

Já dissemos antes que no Pará nos tinham recomendado o vigário de Sou sel como o ho mem que me lhor nos po de ria in for mar sobre as tribos selvagens habitando o Xingu, e que sobretudo muito nos poderia auxiliar nas nossas projetadas excursões até elas. Todas as nossas esperanças fundavam-se pois neste sacerdote, todos os nossos projetados em pre en di men tos ba se a vam-se no seu au xí lio, e Sou sel se ria o lu gar onde teria de decidir-se o nosso próximo futuro. O Conde Oriolla foi logo enviado a terra, para procurar o padre e entregar-lhe as cartas do Pará. Aguardamos sua volta, não sem uma certa tensão, na nossa casa flu tu an te, que as li ge i ras on das do Xin gu ba lan ça vam qua se como se estivesse numa enseada do mar. Poucos minutos depois chegava o conde com o jo vem vi go ro so Pa dre Tor qua to Antô nio de Sou sa, que ime di a ta men te se ofe re ceu do modo mais gen til para acom pa nhar-nos. Meu anterior, certamente desculpável receio de que ele vi es se a ser um es tor vo para nossas expedições, dissipou-se imediatamente, logo que o vi. A figura esguia e mus cu lo sa de cha péu de palha e com o ca sa co à bra si l eira, o rosto queimado do sol do padre de trinta anos que, numa palavra, se apresentava como uma completa antítese do nosso sem dúvida igualmente amável, mas não tão vigoroso companheiro na nossa excursão aos puris do Paraíba, era a de um homem em quem se pode confiar e que não teme nenhuma fadiga, para quem a vida nos rios e nas florestas nada tem de novo. Era exa ta men te de um ho mem assim que pre ci sá v amos; tanto mais que o Padre Torquato nos devia ser muito mais útil ainda e bem-vindo pela sua si tu a ção de pres tí gio en tre os ín di os.

Natural de Salina, tinha sido o mais ardente desejo de sua juventude ser sol da do; isto, porém, não com bi na va com as in ten ções de

seu pai: de via ir para o se mi ná rio de Olin da e ser edu ca do para a car re i ra cle ri cal. Embo ra pre so para toda a vida à sua nova pro fis são, não tar dou a ob ter um car go que cor res pon dia a uma de suas in cli na ções, ao seu espírito empreendedor; foi feito missionário, a princípio entre os mundu ru cus, e mais tar de en tre os ju ru nas, car go este que vi nha de sem pe nhan do ha via já dois anos.

Comuniquei ao padre minha intenção de visitar as tribos de índios ainda não civilizadas e, se possível, ver também as cataratas do Xingu. Considerou ambas as coisas possíveis e até no curto espaço de tempo de cerca de doze dias, prometendo levar-nos às tribos dos jurunas mais pró xi mas e a mais in te res san te dos ta co nha pés. A ele pró prio par eceu muito desejável a vi a gem, por só co nhe cer a ma lo ca⁸² mais pró xi ma dos ju ru nas, da qual já ba ti za ra to dos os ha bi tan tes, e para ele era mu i to im portante, como missionário, estabelecer con ta to com ín di os dou tras ma lo cas; as ca ta ra tas lhe eram tam bém in te ir a men te des co nhe ci das.

Era preciso agora assentar mais detalhadamente o plano da viagem. Um exame do mapa anexo, em parte traçado conforme nossas superficiais observações, torná-lo-á facilmente compreensível para o leitor. Posso per mi tir-me lem brar aqui que o Xin gu em ge ral cor re do sul para o norte, até ao começo de sua maior catarata, ou melhor, rápidos; daí para baixo descreve um grande arco para sudeste, para pouco antes da embocadura do Tucuruí voltar à sua antiga direção mais para o norte. Para per cor rer esta cur va são pre ci sos, su bin do o rio, de vi do à for te cor ren te con trá ria, se gun do di zem al guns ín di os, 20 dias, e se gun do ou tros, 40. Para, portanto, evitar a perda de tempo com este rodeio e ligar as duas pontas do arco, tinham os jesuítas aberto uma picada, que dois anos antes o padre tinha de algum modo tornado viável novamente. A esta vereda freqüentemente usada pelos índios, que ao mesmo tempo constitui a única via terrestre de comunicação com o alto Xingu, chamam “Estra da”. Co me ça não mu i to lon ge da em bo ca du ra do Tu cu ru í e leva em linha reta ao baixo Anaurá (Anauhirahi) que poucos minutos de po is de sá gua, e até exa ta men te no Xin gu, onde ele co me ça seu gran de arco. O co me ço da ve re da no Tu cu ru í cha ma-se Boca da Estra da; na sa í da, porém, onde encontra o Anaurá, tem o pomposo nome de Porto Grande.

82 Com ma lo ca, de oca, casa, de sig na-se na lín gua ge ral toda a co lô nia de ín di os.

Resolveu-se então, por proposta do Padre Torquato, subir o Xingu e o Tucuruí no igarité até a Boca da Estrada e seguir daí a pé pela vereda para o Anaurá, para o que se calculava ser necessário quatro dias. Em Porto Grande embarcávamos em canoas descendo o Anaurá e subindo o Xingu até à última maloca dos jurunas, ou melhor, a que ficava mais embaixo. Aí se teria de resolver o problema da viagem, porque tudo o que ficava para cima era, mesmo para o vigário de Sousel, *terra incógnita*. Contudo ele acreditava, embora não com muita certeza, porque todo o cálculo do tempo necessário era aqui muito importante, que dois ou três dias seriam o bastante para ir de Tauá-quera (assim se chamava a última maloca) até os jurunas inteiramente selvagens. A volta deveria ser empreendida pelo rio, e, seguindo o arco a sudeste do mesmo, passar pelas cachoeiras. O igarité, ficou preliminarmente assentado, poderia vir ao nosso encontro ou até a pequena ilha do Castanhal que fica logo abaixo da última cachoeira (a última queda do Xingu), ou esperar-nos no Tucuruí. Para a viagem descendo o rio pelo muitas vezes chamado arco do sudeste do Xingu, os índios calculavam cerca de dez dias; o padre, porém, levando em conta a lentidão das suas viagens, calculava em cinco dias o tempo necessário para nós, no máximo seis.

Depois de acertadas em comum estas disposições gerais para a nossa expedição no Xingu, o nosso novo companheiro de viagem voltou para casa para cuidar dos preparativos necessários. Nós, porém, para aproveitarmos poucas horas que o padre necessitava para isso, depois de termos arrastado o igarité para a praia, fomos ver um pouco a terra em volta.

Sou selconsiste em cerca de 40 a 50 cabanas de barro e grandes ranchos abertos. Só a casa do vigário é calçada e tem, como a sua igreja, consagrada a São Francisco e quase em ruínas, um telhado de telhas de barro. Esta última fica no extremo sul da povoação, no meio das duas ruas correndo paralelas muito perto do rio. Diante da igreja ergue-se, como por toda a parte aqui, uma alta cruz de madeira, fincada num pedestal quadrado de barro; ao lado fica a armação do sino. A igreja não se distingue por uma torre; só uma pequena cruz coroa o remate do telhado, através do qual o sol equatorial pode entrar pelos murinhos. A aparência dentro não é nada agradável; no chão de barro batido

as sepulturas estão abertas e cobertas com tábuas podres, ao passo que velhos e mal conservados douros e imagens de santos, sobretudo uma de Nossa Senhora que ainda recentemente dera lugar a lutas, davam testemunho de passada riqueza. Sousel foi outrora uma das principais sedes dos jesuítas nas margens do Xingu, e a eles deve, como Veiros e Pombal, sua fundação. Os filhos de Loiola foram, ao contrário, menos felizes nas suas tentativas de conversão nas regiões superiores do rio, porque não obstante terem conseguido explorar seu curso até muito acima, não conseguiram estabelecer um missionário ou uma igreja entre os jurunas acima das catratas. Em compensação, os habitantes das três localidades acima citadas descendem em grande parte dos índios selvagens que os jesuítas encontraram quando chegaram, batizaram e aldearam. A outra parte dos habitantes dessas povoações é constituída por mestiços desses habitantes primitivos e brancos; aliás, os brancos são encontrados em muito pequena proporção entre eles.

Ditas localidades só são habitadas durante poucos meses do ano; durante os restantes, como era o caso agora, vão para seus sítios disseminados pelas margens do rio, no inverno, isto é, de junho a dezembro, para preparar seringa (goma elástica), que se prepara no local, e no verão para apanharem salsa parilha, bálsamo de copaíba, cássia e cacau. Enquanto os homens se ocupam nas florestas, e também na caça e na pesca, as mulheres ficam nos sítios, para preparar a farinha, com que negociam. Duas vezes no ano, porém, pelo São João e Natal, todos se reúnem nas povoações, que por conseguinte são consideradas mais do que um simples *pied-à-terre*, para trocarem seus produtos naturais por tecidos e outros simples produtos industriais, ou para embarcá-los para o Pará. A convergência de gente não é então sem importância; e, por exemplo, do Natal até a Páscoa, cada uma das três localidades conta de quinhentos a setecentos habitantes; Sousel, porém, como um dos nossos ouviu o padre dizer, muitas vezes até o dobro.⁸³ Depois das festas, a maior parte dessas famílias espalha-se pelos seus sítios e o velho ciclo recomeça. Agora reinava pouca vida em Sousel; a maioria dos grandes ranchos, espécies de celeiros, estavam vazios.

No sopé das selvosas colinas por trás da povoação, nas orlas desbravadas e plantadas de mandioca, bananeiras, mamoeiros, etc.,

83 Em 1788, Sousel tinha cerca de 800 habitantes. Ver Southey, T. III, p. 735.

palmeiras isoladas erguem suas coroas. Interessou-me, porém, particularmente, um belo pé de fruta-pão atrás da vila, que talvez date ainda do tempo dos jesuítas. Voltando à praia arenosa, encontramos novamente, como em Veiros, blocos daquele conglomerado ferruginoso de pedra-lioz espalhados na mesma, aliás, parece-me que esta pedra preta aqui e que é também a causa da cor vermelha daqueles alcantis da margem esquerda que vislumbramos esta manhã.

O pequeno porto de Sousel tem fundo liso de barro, no qual a ancoradiçãomen te se prende, motivo pelo qual aqui em geral arriam as pequenas embarcações para terra. Duas escunas imperiais de guerra, a *Amazonas* e a *Munducuru*, visitaram há pouco tempo este ancoradouro; e, se não me engano, devem ter velejado até perto da “última cachoeira”. Até este ponto faz-se sentir também, no lugar mas é ocasional, a influência das marés; mas o preamar não deve realmente atuar no Xingu como contracorrente, e sim represá-lo. De Porto de Moz até Sousel, segundo Albuquerque, deve-se encontrar no canal no meio do rio de 18 a 44 metros de profundidade; mas as profundidades variam tão frequentemente dentro destes algarismos quanto os fundos na sua natureza, sendo, ora de areia ou barro, ora rochoso. Até a cataramais em baixo tem-se encontrado todo o ano no canal navegável uma profundidade de 7 metros.

Depois de o amável padre ter posto todos os seus negócios em ordem e terminado os preparativos necessários, veio para bordo acompanhado do seu criadinho, o índio Francisco, de maneira que já perto de uma hora da tarde levamos no vapor e pudemos deixar a pequena baía, com alguns botos emergindo e mergulhando em volta do nosso igarité. Nossa viagem começou com a refeição frugal de costume, que o nosso novo companheiro de viagem adubou com a sua alegre e interessante conversa, e durante a qual propus e bebemos à saúde do Imperador que completa hoje seus dezoito anos. Depois da refeição ocupamo-nos com os preparativos para a viagem a pé e repartimos os tesouros destinados às trocas com os jurunas, e que constavam de contas de vidro, pequenos espelhos, facas e machados; depois desenhou-se ou atirou-se insistentemente contra os botos, em borasem resultado.

Muito perto, acima de Sousel, e logo depois de dobrar a ponta mais próxima, fica a roça Tapacuari; depois seguem-se diversas pontas

de terra cobertas de matas, que ofereciam à vista um rio acima tanto mais variado de cores das flores às escuras das areias brancas e da de cascalho vermelho, não obstante não terem nenhuma palmeira, mas ostentando uma esplêndida riqueza de árvores frondosas, cujos belos contornos aumentavam o pitoresco dos penhascos. Ao passarmos a ponta do Pajé surgiu pela primeira vez diante de nós, em lugar do horizonte de mar, um longo e alto espinhaço, que avançava até muito longe no rio em direção ao oeste, caindo depois perpendicularmente. Era o distante cabo Tapará, por trás do qual o Tucuruí deságua no Xingu, enquanto do lado de cá do mesmo estendem-se as altas superfícies planas. Entre esta serra de Tapará que se pode considerar como o posto mais avançado da vanguarda das terras altas do Brasil, e a serra de Almeirim, o umbral mais ao sul das montanhas da Guiana, parece ficar a parte mais estreita da bacia do Amazonas, não podendo a separação entre ambas ser mais de 200 a 300 quilômetros.

Agora, finalmente, depois de termos velejado dois dias rio acima, tomou o Xingu o aspecto de um rio, muito embora para trás de nós parecesse ainda querer abrir-se na direção noroeste-quarta a oeste, para um mar. O sol pôs-se então e escureceu. Pouco depois, cerca das 7 horas da noite, encostamos perto da casa do ferreiro em Pararuca, para consertar a espingarda do Conde Bismark. Com esta espingarda decaía, porém, a seguinte singular circunstância: desde a morte da serpente negava constantemente fogo; por mais que o Conde fizesse com ela, não disparava. Isto parecia alegrar nossos marinheiros brasileiros, por estar conforme com a sua superstição, e a cada espoleta que explodia diziam: “Esta é da cobra! Esta é da cobra!” Mas, por fim, pareceu-lhes ver na persistência do Conde um desafio; ficaram muito sérios e deixaram os bancos de remadores a cada nova tentativa; numa palavra parecia não se sentirem seguros. Depois de hora e meia de trabalho, porém, o ferreiro conseguiu afinal fazer a arma disparar. Esta va que bra do o en can to.

Cerca das oito e meia da noite prosseguimos em nossa viagem, e remamos toda a noite sem parar, do bra mos o cabo Ta pa rá e en tra mos no Tucuruí. Infelizmente adormeci no momento de entrarmos, tendo acordado 10 a 15 minutos depois, entre 4 e 5 horas da madrugada, num ri o zi nho com muitas curvas, vindo do sudoeste.

3 de dezembro

A noite e o dia tinham começo do sua luta no momento; essas massas de espessuras mágicas e líanas pendiam por cima do riozinho que serpenteava através da cerca da floresta. Aqui e ali uma estrela ainda se espelha na água escura. Uma luz de poeira ou tração na margem, portanto, por entre as árvores. Resso ou então a voz forte do padre que, ao passar pelas cabanas dos índios meciivilizados, gritava para os homens que se levantassem e fossem com as canoas para a “Estrada”, ou viessem logo a bordo para conversar e seguirem conosco. Algumas vezes responderam-nos da escuridão da floresta e de quando em vez pulava uma daquelas estranhas figuras para dentro do igarité e começava a trabalhar alegre, sem perseguição para onde íamos e por quanto tempo, por que isto é tão indiferente a estes filhos da natureza, que nem sequer sabem expressar-se sobre tempo e distância. As estrelas apagaram-se de repente; começamos a distinguir melhor os objetos em volta de nós; poucos minutos mais e o jovem dia vencerá! Que rápida vitória! Em quanto pouco tempo surge ele aqui nos trópicos, quanto difícil lhe é, ao contrário, nas nossas zonas, onde o céu por muitas horas avermelhado testemunha o sério e sangrento combate em que o dia e a noite têm que empregar-se duas vezes por dia! Assim vive o homem também em constante luta com a natureza; aqui sob o iguala dor da terra, onde toda a vida respira a mais pura harmonia, ela entrega-se a ele quase sem resistência, convidando-o mesmo ao gozo!

Já eram assim cinco horas da manhã, quando o igarité foi amarrado a um tronco que se curvava sobre o rio na margem esquerda do Tucuruí, o que quer dizer que está vamos na Boca da Estrada. Uma alegre fogueira já estava num peço de lição entre as árvores na margem, em volta da qual se reunira um grupo de homens vestindo ao modo da terra grosseiros jalecos de brim cinzento ou camisa e calças curtas do mesmo material, cuja pele parda, aparecendo no peito nu ou entre o jaleco e a calça, denunciava sua descendência índia. Traziam a tiracolo um peço de polvarinho de madeira, uma sacola com chumbo e um pequeno saco cinzento, enquanto suas compridas e muito simples espingardas estavam pacificamente encostadas a uma árvore. Entre as árvores pendiam também algumas redes, o que indicava que uma parte daqueles índios de via ter passado a noite ali. Já antes de deixarmos Sousel,

o padre, que pensa va em tudo, ti nha des pa cha do uma ca noa para pro ví denciar sobre os primeiros ar ran jos para a vi a gem e as tri pu la ções necessá rias. Aquele grupo de homens bronzeados não eram senão os nossos novos companheiros de viagem, que caçariam para nós, carregariam nos sos ví ve res, e mais tar de nos de vi am ser vir de pi lo tos e re ma do res ao prosseguirmos a navegação pelo Xingu e pelos seus rápidos. Rocha, o português escuro e de olhar sombrio, estava tam bém en tre eles; sen do o único que conhecia a língua dos jurunas, seria nosso intérprete junto a eles. Os restantes, ao contrário, só falavam a língua geral, aqui tornada comum, e que mesmo aos jurunas não é estranha, a qual o nosso padre também fala fluentemente; além disto en ten dem tam bém um pou co do português.

Logo depois de chegarmos ao fim da primeira etapa de nossa viagem fluvial, começou a atividade sob o toldo de palhas de palmeiras do nosso igarité, e não tardou a ser tudo movimento a bordo da nossa casa flu tu an te, da qual nos de ve ría mos ago ra afas tar por se ma nas.

Os víveres foram pesados e os pacotes atados. Um depósito ci lín dri co de flan dres, com um pé e meio de al tu ra e um pé de diâ me tro comportou, com exceção da farinha de mandioca, todas as nossas provisões de boca, cal cu la das para 14 dias, e que cons ta vam de ar roz, feijão, chocolate, chá e açúcar; mas nem todo o sal es ta va en tre elas, por que eu por precaução tinha enchido com algum um frasco de porcelana que podia levar a tiracolo. Levávamos conosco duas cestas de farinha; uma ou tra, po rém, com o co los sal gar ra fão de ca cha ça para o pes so al e a pe que na cai xa de flan dres com os me di ca men tos, fi ca vam pro ví so ri a men te por fal ta rem car re ga do res no mo men to; es pe rá va mos con tu do mais três índi os, que de ve ri am se guir nos o mais bre ve men te pos sí vel sob a di re ção de Ro cha.

Enquan to nos pre pa rá va mos para a mar cha, nas ceu o sol. Era extraordinária a considerável diferença de temperatura entre o Tucuruí, que a esta hora não era mais de 24° por 24,3° do ar, e a do Xingu, que ontem à mesma hora era de 29° a temperatura igual do ar. Observei o mesmo em todos os riachos que atravessavam a Estrada. Alguns mar i nheiros do igarité pediram para acompanhar-nos, o que eu permiti a mu i tos, por pre ci sar mos de mu i tos ho mens para car re ga rem os ví ve res e a bagagem, embora em pequenos volumes, porque a menor sobrecarga

neste clima fatiga. Se queríamos avançar depressa nas florestas, isto só se podia fazer com uma colunarelativamente grande. Com este acréscimo, a nossa tripulação elevou-se a vinte cabeças. Depois de nossos marinhos e índios terem ganho uma pequenadianteira, e de lhes ter sido dado algum tempo para se prepararem para o transporte da carga, pusemo-nos também em movimento às 7 horas da manhã, mas depois de alguns minutos alcançamos essa vanguarda.

Foi divertido ver como o nosso pessoal sabia arranjar-se. Cipós substituíam cordas, tiras de casca de árvores como corre-a-me. Nós, porém, continuamos em marcha sem nos determos. O padre ia na frente, com passos rápidos, a espinhar da ombro como nós, e como nós também levemente vestido. A princípio foi bastante fácil encontrar a vereda; pouco a pouco, porém, foi ficando mais ou menos invisível devido às folhas caídas, e não tardou que o espesso matagal e o emaranhado das lianas a tornassem mais difícil. A floresta que atravessávamos não se podia comparar às magníficas florestas perto do Paraíba, porquanto seus troncos eram finos, erguendo-se para o alto retos como círios, como em todas as florestas do Brasil; raramente se via uma árvore verdadeiramente bela, majestosa. Às vezes o terreno descia um pouco, e se aqui e ali um clareo córrego atravessava nos saaveda na sua vezelada, o solo erguia-se novamente aos poucos do outro lado. Junto ao primeiro e maior desses igarapés, o Uaçutinga, que alcançamos cerca de uma hora depois de termos atravessado um igarapé um pouco menor, sentamo-nos e esperamos nossos índios por algum tempo, para não nos distanciarmos muito deles. Por esta atenção fomos mal recompensados, porque nesse instante sobreviu inesperadamente um pesado aguaceiro sobre nós, e interrompeu o doutor que se tinha postado sob uma árvore do outro lado e, com o seu Bé ranger na mão, recitava versos deles sem o menor to.

Logo que o nosso segundo escalão chegou, porque na chegada do terceiro sob a direção de Rocha, não se podia falar hoje, atravessamos o riacho e continuamos nossa marcha enquanto os índios descansavam. À chuva seguiu-se um sol abrasador, que num momento nos enxugou; em troca, porém, o caminho começou a ficar a cada passo pior, tendo-se a todo o momento de passar ou trepar por cima de algum tronco caído no mais cerrado da mata. Todavia o padre continuava à nossa frente, sempre com o mesmo passo ligeiro e seguro, de maneira que ganhamos

no va men te um con si de rá vel avan ço. Nes te en tre tem po os tron cos iso la dos ganhavam em altura, grossura e beleza, embora a floresta em geral ficasse fiel ao seu ca rá ter. Assim é, por exem plo, que me di mos uma ár vore (cre io que era um ita u bá), que a cer ca de 1,20 me tro do solo, me dia 9,20 me tros de cir cun fer ên cia.

Às onze e meia da ma nhã che ga mos ao ig a ra pé Ui e re na, onde mais uma vez esperamos pelo resto da coluna e por isto nos demoramos até uma e meia da tarde. Era uma pequena clareira cercada de alguns altos troncos e ensombrada por mata cerrada. Um rancho semelhante às ca ba nas dos pu ris, cons tan do de um leve te lha do de fo lhas de pal me i ras, sobre poucas estacas enterradas no chão, ligadas umas às outras por cipós, ficava muito perto do claro riacho da floresta, uma prova de que este lugar era às vezes utilizado para acampamento noturno dos índios que iam para Sou sel.

Refeita por este descanso, a coluna prosseguiu mais uma vez reunida, tendo os ín di os à fren te. De po is de al guns mo men tos che ga mos novamente à margem de um lar go ri a cho, so bre o qual ha via um tron co de ár vore ca í do ser vin do de pon te, a que os ín di os ao pas sa rem ti nham dado um corrimão de lianas. Oferecíamos um quadro muito original atravessando o riacho por cima do tronco, os graciosos feixes de lianas pendendo até sua superfície. Mais adiante vimos novamente alguns belos troncos; medimos um deles, que tinha 12 metros em volta e cuja altura cal cu la mos ser, como os de ma is gi gan tes da flo res ta vir gem, mais de 45 metros, por parecer-nos, apesar de sua grossura, elevar-se ainda muito esguio.

Quando o sol já tinha baixado muito, ouvimos o ruído de cor te de ár vore adian te de nós, e, des cen do uma su a ve en cos ta, en tra mo nos, cer ca das 5 ho ras da tar de, di an te do lu gar do nos so bi va que, a única pequena clareira na encosta selvosa, onde já encontramos os índios ocupados nos preparativos para uma fogueira, e ouvíamos alto e distintamente o ruído do vizinho ig a ra pé das Ca cho e iras. Na ex tre mi da de mais baixa do nosso acampamento erguia-se uma árvore gigantesca, cujo largo pé for ma va al guns es cu ros ocos que ofe re ce ram a al guns dos nos sos ho mens, que aí se ani nha ram, um teto hos pi ta le i ro.

Diante desta árvore e em parte encostado nela, havia um frágil rancho meio caído cujo telhado de folhas de palmeiras não podia mais,

certamente, impedir a entrada da chuva, e a cuja esquerda logo flamejaram duas fogueiras, em volta das quais fincamos estacas e estendemos cordas para pôr a secar nossas roupas molhadas. Armou-se então, mais acima na encosta, como um teto, o pequeno toldo do *Growler*, que o Capi tão Buck le nos ti nha dado para este fim. Nas es ta cas que o su por tavam três de nós ar ma ram as re des, en quan to que o pa dre, o dou tor e este seu cri a do ar ma mos as nos sas ao ar li vre fora do tol do de lona.

Era já noite escura quando o pequeno grupo reuniu-se em volta de uma modesta fogueira, que tínhamos acendido entre as três últimas citadas redes, a azul e branca tecida de algodão do padre e as duas outras de malhas de fibras vegetais pardas. O criadinho do padre, um dos mais infatigáveis e pacientes espíritos serviçais do seu século, trouxe imediatamente as tigelas de porcelana que nosso amigo clerical pretendia depois repartir entre os índios e nas quais nós no entretanto comíamos. “Ó!Francisco!” “Ó!rapaziinho!” Chamava ele repetidamente o pequeno, que devia cuidar de tudo e servir ao mesmo tempo, mandando-o ora aqui, ora ali e lembrando-lhe tudo amistosamente; e, obedecendo ao menor aceno, o ágil menino voava sem mostrar o menor sinal de fadiga. Era verdadeiramente extraordinário, quase incrível para sua idade o que ele podia agüentar. Percorria o mesmo caminho que nós, carregado, e à noite estava tão bem disposto quanto nós que nada tínhamos carregado. Ora paziinho não podia ocultar sua descên dên cia índia!

Fi nal men te veio o Con de Ori ol la com o seu ar roz fu me gan te e despejou-o na tigela de cada um de nós. Não é preciso dizer que nos pareceu excelente, porquanto até aquela hora altamente elegante tínhamos tido de passar fome! Poucos minutosdepois todos meteram-se nas suas redes. Reinou então profunda quietude. As fogueiras chamejavam claras; as nuvens passavam lige iras por cima da pe que na cla re ira, tan gidas pelo vento, enquanto a encosta, coberta de folhas secas, brilhava como se fosse o mar. Estirei-me então também na minha rede e adormeci, a despe i to do ru í do do iga ra pé das Ca cho e i ras e do es tri den te chi ar das cigarras.

Mas não por mu i to tem po, por que acor dou-me um agua ce i ro, e a con ver sa do dou tor dis tra iu-me. O pa dre es pi chou tam bém o bar re te branco para fora da rede, mas enterrou-o imediatamente até as orelhas. Nós se gui mos seu exem plo e ador me ce mos no va men te. Algu mas ho ras

depois caiu novo aguaceiro mais forte, que apagou as fogueiras. Todos se apertaram de baixo do toldo, que, rodeado por uma parede de homens, formava um verdadeiro quarto. Eu consegui também entrar nesse quarto feito de lona e carne, e, devido ao horror que todo europeu tem nestas florestas às formigas e outros insetos que pululam aqui no chão por toda a parte, foi-me muito agradável vel-te rem, tanto o Conde Oriolla como *Herr* Theremin, oferecido um lugar na sua rede. Tentei imediatamente aproveitar-me do amável oferecimento, mas, a despeito dos maiores esforços imagináveis não foi possível acomodar-nos os dois em nenhuma delas. Tivemos, pois, de desistirmos da sagacidade, em parte pela dificuldade de manter o equilíbrio, em parte por causa da escuridão de azeviche reinante, e, finalmente, porque nossas leves redes estavam prestes a rasgarem-se, não tendo sido feitas para resistirem a tão violentos esforços. A chuva pareceu querer cessar no momento, e pude esgueirar-me para fora e ir às apalpa das até minha rede. Mas não tardou a cair novo aguaceiro; voltei o olhar para o doutor pendurado ao meu lado, e vi que não tinha cobertor. Isto comoveu meu sensível coração, e tentei partilhar com ele a rede e o cobertor; a intenção foi nobre, mas o resultado não correspondeu, porque a tentativa terminou numa valente queda de nós ambos na terra molhada. Já era demais! Perdi a paciência; procurei novamente o velho abrigo e esgueirei-me por entre os índios até debaixo do toldo. Uma vez – se não fosse contra a modéstia empregar esta tão fina expressão referindo-me ao nosso miserávelabrigo – ao abrigo dum teto, dei-me no chão em brulha do no meu poncho e por algum tempo consegui manter a cabeça acima da terra encharcada, tendo encontrado qualquer coisa em cima de que pouzá-la. Nesse entretempo, minhas pernas ficaram molhadas, o que me obrigou a arrastar-me mais para dentro. A mesma razão que detinha meu movimento, atuou sóbre a massa circundante, que por seu lado, empurrando-se cada vez mais e mais fortemente penetrava cada vez mais sob o toldo. Mas não ficou só nisto, porque aos poucos os índios conseguiram tirar-nos o toldo puxando-o para o outro lado, de maneira que, por fim, tinham-no quase que só para si, e a meta das redess estava na chuva. Nesta certa mente egoísta operação, porém, partiram-se alguns estacas, uma rede caiu no chão, e o próprio toldo empapado arriou até muito embaixo. Que calamidade! Ali estava eu nas trevas como um cego, deitado de costas, o rosto voltado para o

aguaceiro e quase arrastado pela força conjunta da chuva torrencial e da água que escorria em cima de mim da calha formada pelo toldo, oferecendo às infelizes formigas um refúgio nessa inundação, e desajeitado como um escaravelho caído de costas, no aperto cada vez maior. Por fim pressenti luz e calor por trás de mim; ambos provinham duma pequena fogueira que os índios tinham acendido e para junto da qual eu, sempre deitado de costas, pude aos poucos manobrar, passando a cabeça por entre dois indivíduos, sem que, entalado na quele horrível aperto, me pudesse mexer ou voltar. Esquecendo todas as formigas do Brasil, adore-me ci por fim sua vemente e dor mi até ao amanhecer.

4 de dezembro

Depois de já termos muito cedo cozinhado e atado os pacotes molhados, partiram primeiro os nossos caçadores, os índios armados, e com eles o Conde Oriolla, para chegarem antes de nós ao riacho Uaçú-tingereté, onde devíamos jantar. Deviam começar logo dali sua caçada que já de via estartar na da quando chegassem a colúna principal. O conde esperava, porém, adiantando-se, encontrar em que atirar, porquanto já estávamos convencidos de que com o barulho que os nossos índios e marinheiros carregados faziam não se podia falar nisto. Levando em conta o rápido passo dos caçadores índios, seguimo-los meia hora depois, às 6 e meia da manhã. Já ontem o Dr. Lipold me tinha prevenido de que a floresta, depois dos grandes aguaceiros, costumava exalar um cheiro desagradável proveniente dos detritos vegetais apodrecidos; esta manhã já se tinha com prova do esta experiência. Ademais, o pobre doutor era realmente digno de lástima porque custava-lhe um grande esforço acompanhar o padre, que andava ainda mais de pressa do que ontem, esperando levar-nos ainda hoje à tarde até o Anaurá, destino de nossa caminhada. A comprida lança do doutor, provida de um gancho em lugar de uma ponta, para puxar as lianas, parecia ter um prurido congênito de puxá-las, por que enganava-as a cada passo obrigando às vezes o infeliz até a ajoelhar-se. Mas o esgotado botânico não queria de forma alguma separar-se de sua arma; conseguiu-se, porém, depois de muitas vãs tentativas, separá-lo de sua caixa de herborizador e de seu sobretudo, com os quais se arrastava; o padre o aliviou de alguns outros objetos e entre estes do seu grande facho.

Até aqui não tínhamos encontrado nenhuma palmeira nestas florestas; hoje, ao contrário, apareciam em grande número, contudo só nas margens dos riachos e sobretudo em trechos pantanosos, nas seladas do terreno, que, como as colinas, aumentando em altura cada vez mais íngremes, chamavam mais a atenção do que o têm. Num destes pequenos bosques descansamos alguns minutos; diante de nós corria um claro riacho murmurante, e a um lado ficava um pequeno rancho com um leve telhado ensombreado pelas altas coroas de espigas palmeiras, por entre as quais se divisava o céu azul escuro, no qual, muito alto no zênite, o sol mandava para baixo seus poderosos raios, tão quentes, tão abrasadores como se quisesse fazer-nos esquecer toda a chuva da noite anterior! Imaginai, a par disto, caro leitor, a satisfação com que engolimos algumas amêndoas de cacau da árvore sacudida, algumas castanhas-do-maranhão* e um punhado de farinha que o padre levava em brulha do seu lenço de rapé; imaginaí tam bém a avidez com que sorvemos a água fresca do riacho, e tereis um quadro deste curto descanso e dos simples gozos com que nos deliciávamos e nos refazíamos para nos esforçarmos.

Poucos momentos depois atravessamos o peque no riacho por cima de um tronco, subimos a eminência que ficava de pois dele e proseguimos por muito tempo nossa marcha através da mata de árvores frondosas, sem nenhuma palmeira. Apenas, porém, decorreu uma hora depois que deixáramos o ponto de descanso acima descrito, faltaram completamente as forças ao velho doutor e vimo-nos forçados a deixá-lo para trás sob a égide do negro do nosso igarité, em parte para não perdermos tanto tempo, em parte para permitir-lhe seguir-nos lentamente até ao ponto onde íamos fazer alto para jantar. No entre tanto, o caminhador na va-se cada vez pior; a todo o momento tinha-se de passar por cima de troncos, em parte de uma grossura descomunal, e em outros lugares o emaranhado de galhos e lianas descia tão baixo, que muitas vezes tínhamos de atravessar inteiramente de rastos trechos de quinze a vinte metros. Com isto fazíamos cair inútilmente as forragens dos galhos, que com as nossas roupas muito finas facilmente chegavam até à pele, aferroando-a; mas nada detinha o ligeiro padre, que nos precedia expedito e sabia com incrível destreza passar através de tudo, e trepar ou saltar

* Seu nome científico é *Bombax affine*. (M. G. F.)

por cima de qualquer obstáculo e até de sapatos rasos! A estas dificuldades juntava-se ainda uma outra, isto é, encontrar o caminho já quase invisível devido às folhas caídas, e a serpear por entre o cerrado e arrastar-se através dos emaranhados, no que freqüentemente perdíamos a direção, perdendo-o de vista por longos trechos. Mas não era ainda tudo; muitas vezes topávamos nesta solidão com vestígios de outras veredas, rastros nas folhas ou galhos partidos. Outras vezes quedávamos por alguns minutos indecisos, até que o padre, com o seu agudo senso de orientação, saía-se bem da dificuldade e de pressa descobria o verdadeiro caminho.

Não muito depois de termos deixado o doutor para trás, aumentaram as emiências e as baixas, de maneira a parecer-me ser aqui o ponto mais alto do terreno elevado da chamada serra, que a Estrada atravessa, e obriga o Xingu a fazer seu grande arco. Lembrou-me também da alegria que tivemos quando uma vez, olhando de uma clareira na tural para baixo, avistamos um lindo vale de esguias palmeiras açai – foi a primeira perspectiva de pois de dois dias, por que até então não tínhamos visto, no verdadeiro sentido da palavra, se não as árvores da floresta.

Quando chegamos ao vale em baixo, vimos um bando de araras, que pouso no topo duma árvore muito acima de nós; mas infelizmente nenhum dos nossos pôde acertar-lhes um tiro. Logo depois ouvimos macacos gritarem por perto; procuramo-los na direção do som, mas já tinham desaparecido para longe, sem que tivéssemos visto um só de les. Ao passarmos por cima de um tronco delgado, vimos uma linda cobra corales que irar-se para de baixo, mas infelizmente escapulira-se tão ligeira que não a pudemos mais apanhar. Por fim, depois de uma longa marcha, chegamos muito cansados e escorrendo suor, às duas e meia da tarde, no havia já muito tempo de se já do riacho Uaçú-Tingere-té. Aí soube mos, com não pouco pesar, que o Conde Oriolla e os caçadores tinham partido para a caça um quarto de hora antes de chegarmos; uma triste perspectiva para o jantar que por isto poderia facilmente atrasar-se. Mas o padre remediou isso! Tinha ido beber água no riacho; avistara de repente um grande peixe, e tinha-o, com inveja veloz, trespassado com o facão do doutor. A poucas centenas de passos do lugar onde os caçadores tinham descansado e onde estávamos agora, ficava uma convidativa clareira onde até havia um rancho. Atravessamos o riacho e fomos cozinhar lá. Em poucos minutos chamejou uma fogueira ao lado do

rancho, e com a mesma rapidez foram as redes armadas, e nelas descansamos esperando comodamente o jantar. Como a marcha para o Anauráto maria ainda muito horas, resolvei, em consideração ao esgotamento do doutor e ao cansaço do nosso pessoal, sobretudo dos marinheiros que não estavam habituados a marchas e a carregar pesos não prosseguir a viagem hoje e sim passar a noite ali.

Todos estavam novamente reunidos para a refeição; o negro tinha guiado o doutor através da floresta, e o Conde Oriol tinha voltado da caçada com os caçadores. Se o Conde Oriol não nos trouxera nenhuma presa, em compensação teve muito que contar-nos sobre a agudeza de vista, o senso de orientação e a ligeireza dos seus companheiros, que o encheram da maior admiração, e que não podia louvar bastante. E assim decorreu nossa refeição adubada pela interessante conversa, enquanto o tatarierê-açu, o peixe do padre, que ele fizera assar à *la indienne* pelo pessoal, espetado num pau transversalmente por cima da fogueira, nos proporcionou um excelente jantar. Ficamos depois todos sentados nas redes descoladas da fogueira, não por muito tempo, porém, porque não tardou a anoitecer. Desarmamos as redes, e armamo-las prudentemente debaixo do rancho, onde logo todos adormecemos suavemente sem termos sido incomodados por um pequeno aguaceiro que caiu durante a noite.

5 de dezembro

Refreshados logo muito cedo por um banho no riacho, prosseguimos novamente nossa viagem às seis e meia da manhã. O terreno daqui por diante pareceu-nos menos acidentado e notamos por isto que nos aproximávamos do Xingu. Vimos também hoje muitos altos troncos caídos, por cima dos quais longas filas de formigas andavam afanosas de um lado para o outro. A cada passo que avançávamos na floresta virgem mais nos convencíamos de que estes insignificantes animaizinhos são os destruidores dos gigantescos troncos, que desafiavam as ventanias das tempestades nas florestas. Vê-se por aí exatamente de que meios aparentemente pequenos o Criador muitas vezes se utiliza, para levar a cabo grandes projetos. Que maior propósito se pode imaginar do que a existente entre uma formiga e um destes colossais troncos, cuja circunferência nós mesmos medimos! Uma vez uma das

árvores em seu poder, não lhe valem nem seu tamanho, nem sua grossura, nem sua beleza; será sem mercê, corroída, e até às vezes de tal modo que só a casca fica intacta, sendo todo seu interior pulverizado, até que por fim cai, vítima da persistente e incansável atividade em comum de milhões de formigas, sempre se renovando. Além deste trabalho de destruição encontram-se também na floresta da Estrada produzidos da arte destes minúsculos animais, sobretudo ninhos de cupins, iguais aos que já vimos no litoral da Província do Rio de Janeiro. Vimos também troncos isolados com buracos como se tivessem sido perfurados, formando uma espécie de trabalho vazado em grande escala, e, sem dúvida, trabalho também das formigas roedoras de tudo.

Aproximávamo-nos agora da saída da Estrada, cuja direção em geral se pode dizer como sendo sul-sudoeste. A princípio tentei até traçá-la; assim, por exemplo, era na primeira hora de pois de termos saído de Tucuruí, sul 40º oeste, depois sul 20º oeste; daí por diante, porém, não pude mais, devido às muitas e quase constantes curvas da vereda, traçá-la com exatidão.

Dos muitos riachos, todos correndo para o Xingu, que atravessam a Estrada, só de oito nos deram os índios os nomes, que nem mesmo parecem ser os mais caudalosos, e dentre os quais alguns estavam até secos no momento. Seus nomes são, começando pelo norte, os seguintes: o igarapé Curuatená, Azontinge (ou Uaçu-tinga), Uirena, das Cachoeiras (este foi o sexto que atravessamos), Abintená, Pocovasoroboca-uçu, Irema, e Uaçu-tingereté. São piscosos, suas águas são frias e cristalinas, seu leito arenooso. O solo da floresta também me parece na maioria arenoso, mas nas baixadas, ao contrário, pantanoso; as ondulações de terreno estendem-se de leste para oeste, atravessando a estrada; não são, ao que parece, se não colinas de areia de pouca mais de cem metros de altura, que merecem tanto o nome de ser ra quanto a área de três metros quadrados na de sembo cada uma da Estrada o pompo so nome de Porto Grande.

E, contudo, Porto Grande era o nosso destino – que alcançamos depois duma marcha de duas a três horas – um lugar solitário, encantador, plácido e aprazível, o verdadeiro quadro do calmo retiro. Como através da mais bela moldura natural, avista-se sob uma árvore que se inclina até longe, a clara superfície do Anaurá, cuja margem

oposta apenas a cem passos de distância para uma alta e impenetrável parede de lianas e espessas frondes, ao pé da qual inclinam-se graciosamente algumas espécies das mais altas junças tropicais. Em cima, nos galhos das árvores que se inclinam até a água, aninhou-se um dos nossos marinheiros, o mulato Frutuoso, deixando cair na água seu anzol, com os melhores resultados.

Entretanto acendeu-se uma fogueira para cozinhar e esticaram-se lianas para secar a roupa, que um rápido aguaceiro encharcara. Tínhamos bastante tempo para isto, por que as ubás que nos deviam levar à última maloca dos jurunas abaixo, que ficava perto, ainda não tinham chegado; não obstante, por um acordo com esta tribo, dois barcos deveriam estar sempre prontos aqui. Por fim chegaram três delas, e pudemos, depois das 2 horas da tarde, prosseguir nossa viagem. Estas ubás, nas quais dali por diante devíamos viajar por três semanas, são como as canoas do rio Negro, feitas de um grosso tronco escavado; diferenciam-se, porém, destas últimas, por terem menos borda, isto é, por serem cortadas em cima em linha reta. Na frente e atrás têm um bico reto rombudo projetando-se muito para diante, como as catraias nos nossos rios, e em lugar de remos são impelidas e dirigidas por pangaias, à semelhança do igarité, ou por varas cortadas na floresta. Os remadores sentam-se no banco, o que se compreende, voltados para a frente. A ubá nunca é aparelhada para velejar. Como nesta região rica de madeiras ninguém tem idéia de uma tábuca, os bancos dos remadores são formados por pedaços de pau juntos apoiados nas bordas das canoas, ou quando se quer que fiquem mais baixos, correm-se mais curtos e ficam abertas pelo lado de dentro. Como já o sentamos nestes bancos por meio dia se tornava muito incômodo, como também por termos os pés constantemente dentro da água, que sempre se junta no fundo destes barcos, puxamos pela cabeça para sair este inconveniente, e o conseguimos, colocando uma espécie de jirau de varas por cima dos bancos apertados, ao comprido, e acomodando-nos nele com o auxílio dos nossos ponchos e trouxas, tão confortavelmente quanto possível; conseguimos também deste modo tirar-lhe a enganadora semelhança com uma grelha, que a princípio tanto nos fazia lembrar.

Dividimos nosso grupo pelas três ubás de maneira que em cada uma delas iam sempre dois de nós. Na primeira íamos eu e o

Conde Bismark, na segunda o Conde Oriolla e o padre e na terceira o cônsul e o doutor. Desce mos rapi da mente o estreito Anaurá na direção do sudeste, sob as lianas que pendiam à esquerda e à direita sobre sua superfície. Depois de alguns minutos, porém, entramos à esquerda, num braço do Xingu, que com uma largura de 100 metros parecia correr na direção leste-quarta a sudeste.

A cada remada a vegetação em volta tornava-se mais bela e mais exuberante: a abundância e graça das trepadeiras excedia toda descrição. À sombra das escuras e espessas frondes e impenetráveis paredes de lianas pendentes, via-se em escuros nichos, aqui e ali, um grupo de cinco ou seis palmeiras, cujos troncos esguios pareciam formar um só embaixo e, curvando-se em cima graciosamente para fora umas das outras, pareciam tam-bém su-por-tar uma só e vas-ta co-roa. Quase que em todas as projeções da margem curvava-se um destes grupos de palmeiras por cima do rio; estavam contudo colocadas com tal “discrção” que pareciam novas, e com um gosto que faria honra mesmo ao gênio do nosso maior artista de jardins.

Absortos assim na contemplação do mundo vegetal que nos rodeava, nossa atenção foi subitamente desviada para o mundo animal. “Jacaré! Jacaré!”, gritou de repente o caçador índio, que estava de pé na proa da ubá, levantando a vara e apontando para o lugar onde acabara de ver um crocodilo mergulhar – mas para nossos olhos que não estavam habituados, não havia nada que diferenciasse. Então alguns pássaros voaram por cima de nós e preparamos nossas espingardas, o que, devido à grande paixão destes nativos pela caça, pareceu causar um grande prazer ao índio na proa da ubá que olhava de um lado para o outro para chamar nossa atenção para a criatura – e que grande alegria tivemos quando nos mostrou o primeiro rato de anta na margem de uma ilha a nos saesquerda!

Remando sob os ramos que formavam um teto baixo de frondes sobre a água, perto da margem, vimos uma espécie de morcegos muito grandes enxameando dum lado para outro. Pouco depois chegamos a uma bifurcação do braço do Xingu, pela qual navegamos; não tardamos, porém, a ver que era só uma pequena ilha em volta da qual ele corria dividido em dois estreitos canais, com o que sua largura reduziu-se de setenta para quinze ou vinte metros. Enquanto nós nos esforçávamos avançando contra a corrente, que aumentava, serpeando

por entre a vegetação que atravessa transversalmente o canal, saindo da água muito perto de nós e tomando-nos inteiramente a vista, o caçador índio descobriu um peixe não muito pequeno, no qual o Conde Bismark teve a sorte de acertar um tiro e que os índios, de pois de forte perseguição no rio, apANHARAM.

Esta caça ao peixe depressa nos levou para fora do estreito canal, e, de repente, estendeu-se majestosa diante de nós a imensa superfície de água do grande Xingu, que, vindo de oeste-quarta a sudoeste, corre aqui fazendo um grande arco para sudeste; numa palavra, tínhamos alcançado o Xingu no principal ponto de inflexão do seu curso, isto é, ali, onde de pois de ele pouco antes de ixar sua constante direção sul-noite e seu curso ter tomado a direção leste-quarta a nordeste, volta-se agora para sudeste, para comecar assim o já citada do arco das catarratas.

Se se olhava o gigantesco rio daqui para baixo, para sudeste, aparecia a imensa massa de água com sete a dez quilômetros de largura, cercada por uma linha de ilhas selvas, por trás das quais ficam as azuladas colinas, que originam as quedas e rápidos do Xingu, e que, apesar de sua insignificante altura, estão em condições de desviarem do seu curso essa colossal massa de água correndo com a rapidez da seta. Quando se observa mais de perto, vê-se que estas ilhas estão em muitas filas umas atrás das outras. Na fila mais ao norte, a ilha de Muricitiba é a mais facilmente reconhecível entre todas por ter uma única árvore gigantesca no meio, que se eleva acima do topo das demais. À direita da Muricitiba enfileira-se uma ilha selvosa mais comprimada, na direção de cuja extremidade sul observamos muito alto um buraco redondo na espessa fronde, quase como se tivesse sido feito artificialmente, através do qual se vê o céu azul. Entre as duas ilhas citadas, porém, e o continente à margem direita, fica uma segunda fila de inúmeras pe que nas ilhas.

Olhamos ainda muitas vezes para trás para o belo e imponente quadro, quando remávamos rio acima, por quanto o quadro para a frente tinha-me nos atração para nós, por que o rio aqui não nos parecia tão rico em ilhas, parecendo ter só de mil a mil e trezentos metros de largura. Suas margens selvas são nesta região as mais das vezes escarpadas, mas quase que não se elevam do acima de 30 até 60 metros de altura.

Quando prosseguíamos ao longo da margem esquerda, vimos a ubá do padre aproximar-se de repente da terra e encostar. Dirigimo-nos

para lá a toda a pressa e tivemos assim o prazer de ver os primeiros macacos. Estávamos havia três meses no Brasil e até então não víramos um só macaco, ao passo que em Gibraltar tínhamos tido este prazer logo no segundo dia! Tanto maior foi também nossa alegria agora vendo os grandes guaribas quase pretos, pulando dum galho para outro no cimo das árvores. Subimos, excitados, pelas raízes de uma gigantesca árvore caída, à margem íngreme e abrimos, chegando em cima, caminho com os nossos facões, mas tudo foi em vão: os guaribas já tinham desaparecido, e só de pois de estar mos no vamente nas ubás e sentiram-se guros diante das espingardas, é que tornaram a aparecer, como se quisessem fazer pouco de nós.

Pouco de pois o sol se pôs, deram do sob o rio sua luz rosada, por trás das florestas, e com a rápi da entrada da noite a seguir, às 6 horas da tarde, do braçamos o já citado co to ve lo agu do do Xingu, que, deixando de repente a direção norte até aí ininterupta, passa por um certo trecho a correr para oeste, e que, como acabamos de ver, se volta para sudeste, onde o braço esquerdo, recebendo o Anaurá, conflui novamente com ele. Rumamos agora ao sul contra a corrente, e como não podíamos estar mais muito longe da maloca, mandamos uma ubá na frente para anunciar-nos aos jurunas. As duas outras ubás mantiveram-se entre tantas junções em alegre expectativa, então do em altas vozes um canto, que logo depois o padre fez cessar, observando-nos que nos devíamos conservar muito quietos para que os índios, que facilmente se intimidam, não desconfiassem e não quisessem aparecer. Aproximamo-nos então da margem esquerda e às 7 horas da noite, colocando-nos entre algumas outras canoas, desembarcamos.

Cercava-nos uma noite escura como breu. De repente surgiram alguns archotes descendo a margem aos saltos, e logo distinguimos, ou antes presumimos distinguir, algumas figuras que nos alumiam a verde da escoregardia, para cima da alcantilada orla com 6 ou 9 metros de altura, e que nos guiaram imediatamente para uma cabana à esquerda, cujo arredondado contorno apenas vislumbrávamos. Entramos, indo o padre à frente, como a única pessoa conhecida. Um grupo amistosode homens pardos, mulheres e crianças, estava de pé diante de nós, iluminado por uma fogueira que chamejava no chão, reunido em volta dum homem gordo, de idade, vestindo umas calças curtas e uma camisa por cima, o

qual recebeu o padre com visível prazer, como todo o grupo por trás dele e que, estendendo-nos a mão direita espalmada, deu-nos as boas-vindas efusivamente. Muito embora, apesar disto, a boa gente nos primeiros momentos se mostrasse um pouco acanhada, perdeu pouco depois esse acanhamento.

O padre apresentou-nos então um a um, e a mim de quem dis se en tre ou tras co i sas ser um “Tu xu ra”, (Tu xa va), um che fe que ti nha vindo de longe, de muito longe, por sobre a grande água. Mal acabara de falar, todos, um após outro, desfilaram diante de mim com a mão direita espalmada estendida e inclinando a cabeça cordial e amistosamente. Depois vieram as crianças, que foram trazidas dos cantos da casa para fazerem a mesma coisa. Um cumprimento geral igual foi feito a cada um de nós à proporção que lhe ia chegando a vez. Só então ficamos sendo conhecidos e só assim podíamos agora ir buscar nos sos per ten ces nas ubás para a cabana, onde deveríamos passar esta noite. Assim que terminamos esta ta re fa, sen ta mo-nos nos pe que nos ban cos em vol ta do fogo, e os índios trouxeram então peixe assado e bananas-da-terra de pre sen te para o pa dre, que fo ram de vo ra dos jun ta men te com o pe i xe do Conde Bismark como ceia, tendo nós assado as bananas na fogueira, em bo ra esta es pé cie seja co mi da crua por al guns com fome.

Pouco a pouco foram-se juntando mais índios em redor de nós, vindos das cabanas vizinhas, que nos cumprimentavam amistosamente. Pode-se bem imaginar a impressão peculiar que se tem ao sentirmo-nos de repente transportados para uma outra vida e outro meio inteiramente dife ren te, para o meio des sa gen te es cu ra nua, que se move com toda naturalidade e sem embaraçosas cerimônias em volta de nós, em cuja na tu re za há tan ta cor di ali da de, tan ta bo no mia, como an tes nun ca poderíamos ter esperado. E estes eram os chamados “selvagens!” Não podíamos certamente imaginar que fos sem as sim, pois nada se podia ler de selvagem nas suas fisionomias; pareciam-se também muito pouco com os bran cos pu ris e co ro a dos das flo res tas na re gião do Pa ra í ba do Sul, que queriam fugir de nós, ariscos e desconfiados, e só com muito trabalho conseguíamos aproximarmo-nos deles. Não obstante toda a natureza destes jurunas revelar uma grande ingenuidade, lê-se imediatamente no seu sem blan te que es tão num mu i to mais alto grau de cul tu ra e in te li gên cia do que as tri bos sel va gens do sul do Bra sil.

Ficamos sentados por mais uma horinha em volta do fogo, para podermos observar os índios com todo o vagar. As figuras dos homens eram fortes e belas, as mulheres, vestidas só com uma tanga em volta dos rins, pareciam em geral mais bonitas do que as dos puris e coroados, entre os quais só vimos uma rapariga bonita na Aldeia da Pedra. As mulheres foram pouco a pouco deixando a cabana, seguídas por seus maridos; os cachorros, porém, estes favoritos dos índios, não podiam se separar-se tão depressa do fogo. João, assim se chamava o velho de calça e camisa, que nos recebera, cedeu-nos inteiramente a cabana do chefe ausente, recebendo seus habitantes na sua, porque as índias acanhavam-se de passar a noite na mesma cabana que nós. Só o Conde Oriolla separou-se de nós, acompanhando o João com elas; nós, os que ficamos, arrumamos nos sacos e redes nos estêios da cabana que nos tinha sido cedida, onde encontramos lugar, porque os jurunas não tinham levado as deles. A estranheza do lugar e a claridade do fogo não conseguiram vencer nosso cansaço depois das marchas dos últimos dias, e não tardamos a adormecer.

6 de dezembro

Logo muito cedo saí para a pequena área diante da cabana. Muito perto, à direita, precipitava-se a prumo a ribanceira da margem. Defronte da nossa ficava uma cabana exatamente igual; entre ambas, porém um pouco mais à esquerda, havia uma barraca de barro, quadrada e coberta com telhado de duas águas, cuja cumeeira era rematada por uma cruz: era a capela começada pelo padre e ainda não acabada, que embora não tivesse se não as paredes lisas, servia de abrigo para os índios do padre e para os nossos marinheiros. Esta capela provisória, parecendo ainda um palheiro, estava voltada para o Xingu; diante dela, porém, ergue-se em cima da alcantila da margem uma cruz de madeira sobre um pedestal de barro, assinalando o último posto avançado do cristianismo contra o gentio que habita estas infindáveis florestas e selvas que, não obstante os obstáculos, tinha avançado até ali, além das catartas.

Já em meados do século anterior tinham os jesuítas fundado uma missão que, por meio da Estrada entre o Tucuruí e o Anaurá, ficou numa mais próxima comunicação com Sousel, e a que chamaram Tavaquara (auaqueira). Infelizmente esta colônia durou pouco porque os últimos

filhos de Loiola incumbidos da catequese dos jurunas pagãos, devido aos seus maus costumes que pouco se harmonizavam com o seu talvez excessivo zelo de catequização, de pressa per de rama confiança dos indígenas e em consequência foram por eles assassinados. Passou-se quase um século sem que fosse possível levar a luz da fé além das cataratas, até que dois anos antes nos so amigo eclesiástico, Padre Torquato Antônio de Sousa, apareceu nesta região no 10 de novembro de 1841, levando pela segunda vez, a cruz em Tavaquara, dando à nova colônia o nome de Missão de Imperatriz, e que pelo seu afável trato e largamente distribuição de tigelas de porcelana, contas, miçangas, ferramentas, etc., entre os jurunas, que de tempos em tempos desciam até Sousel, atraía sem pre mais índios de sua aldeia para ela, conquistando cada vez mais sua confiança e batizando-os. Não obstante já conhecido por esta forma por muitos de seus mais de perto, foi pela primeira vez formalmente escolhido à Estrada e a Tavaquara, onde logo conseguiu reunir cerca de 300 jurunas e batizar quatroenta. E assim foi iniciado o trabalho da Missão!

Do pé da cruz avista-se um longo trecho a montante do Xingu; pode-se também acompanhar seu curso estendendo-se a vista rio acima, até ao começo do seu arco a les-te. A orla de sua margem esquerda precipita-se por toda a parte a prumo, até onde a vista alcança, em quanto que na sua margem direita ficam tantas ilhas selvosas compridas, que se estendem em fila tão juntas umas atrás das outras, que mal se vislumbra o verde-escuro das florestas no continente.

Apesar da hora matinal, a pe que na área em volta da cruz e diante da capela, o único espaço livre entre a floresta e o rio, já estava muito animada. Os homens já estavam diante das cabanas, com o arco e as flechas na mão direita, olhando livremente em frente, enquanto que suas mulheres lhes penteavam os compridos cabelos cor de azeviche e esfregavam-nos com todo seu corpo, com óleo de palmeira, que conservavam numa delicada cabacinha esférica. Outras mulheres ocupavam-se, a pedido do padre, em arrancar o mato que crescia no adro da capela quase tão agreste como nas plantações negligenciadas de mandioca ou bananeiras, que, numa largura de poucos passos, rodeavam as cabanas. Nós, porém, descemos a margem, para nos banharmos nas límpidas águas do verde-escuro Xingu, não obstante as vorazes piranhas contra as quais os jurunas nos preveniam enfaticamente, que devem aparecer

aqui freqüentemente, mas que nunca nos incomodaram. Na margem acima reuniu-se na ocasião toda a população de Tavaquara, homens, mulheres e crianças, para verem os brancos, que, dalguma forma assumnus lhes estando mais próximos, lhes pareciam menos estranhos. De pois do banho, almoçamos. Infezivelmente, devido a um pédoente, não me foi possível acompanhar os demais numa excursão a uma ilha vizinha, onde os Condes Oriolla e Bismark esperavam encontrar antas e tigres. Muito embora eu não acreditasse nessa probabilidade, senti não poder acompanhá-los numa tentativa de encontrar esta caça. Para algum modo me consolar e me compensar, tentei em seu lugar vagar pela floresta com o padre e um bonito e esbelto índio que ia na nosa frente armar do arco e flechas; mas tive também de desistir em pouco tempo desta caçada. Tive, porém, em compensação, tempo bastante para observar o interior de nossa cabana, e seus habitantes.

As cabanas dos jurunas, nas quais reside sem premuta ordem, formam um quadrilongo com os dois lados mais estreitos arredondados, com de 6 a 9 metros de comprimento, em cima do qual se levanta uma armação de varas, que é suportada embaixo, pelo lado de dentro, por uma outra de varas mais curtas. Por baixo do ponto onde as varas laterais se juntam formando arco, e se cruzam, ficam de pé como suportes do telhado – cuja altura é bem de 6 metros – os principais estílos, que são naturalmente poucos, para não limitarem ainda mais o recinto. Além disto, alguns das varas laterais são ainda espicadas, primeiro no meio e depois um pouco mais para baixo, a cerca de metro e meio. Os primeiros destes suportes que especam as varas laterais no meio estão ligados em cima por varas que vão de uma das com primas para desda cabana à outra. Nalguns lugares descansam sobre estas varas atravessadas, no sentido do comprimento da cabana, as extremidades de varas ou paus formados prateleiras, que servem para arrumar as diversas espécies de provisões. Aí vêem-se, por exemplo, arrumadas, cestas de mandioca, trouxas de algodão em rama, grandes vasos (na maior parte cabças), grossos feixes de bambus para flechas, etc. No que concerne às curtas escoras de metro e meio das varas laterais acima citadas, que sobem encostadas à parede, estão também ligados por curtas varas a outros suportes em frente, e aí em cima põem os jurunas novamente varinhas finas no sentido do comprimento, do que resultam outras prateleiras semelhantes às de

cima, porém muito mais estreitas, que se podem figurar como um “entre deux” entre uma prateleira e uma mesa, sobre as quais arrumam geralmente vasos menores, cuias, pequenos cestos, cabacinhas de óleo de palmeira, etc. e as armas, os arcos com as respectivas setas. Pendem também delas diversos instrumentos de música, enquanto que algumas penas encarnadas de arara, o enfeite predileto dos homens, estão sempre espetadas na parede perdas armas.

As paredes das cabanas são construídas de forma que as varas laterais que se arqueiam conjuntamente – estão sempre ligadas às que lhes ficam junto por varas finas que correm horizontalmente em volta da cabana, ligadas de 60 em 60 centímetros desde o chão até em cima. Sobre este esqueleto de varas seguramente amarradas com cipós, estende-se uma espessa camada de folhas de palmeiras que lhe assegura uma boa proteção contra a chuva. Estas paredes têm além disto uma propriedade; é que se podem facilmente furar com um pedaço de pau, o que é muito cómodo quando se quer, por exemplo, estirar uma corda para estender roupa, não se sujando no chão da cabana; seria também fácil abrir-se depressa uma janela. Além das duas principais entradas nos lados mais estreitos, não há outras aberturas, motivo pelo qual reina sempre uma meia escuridão nestas habitações; faltam-lhes também uma chaminé e um fogão, o que porém não impede que se cozinhem sempre nas cabanas. A solução para isto é muito fácil. Junto do fogo há sempre algumas grandes pedras com as quais se arranja um fogão à vontade. Entre os numerosos esteios pendem as redes de algodão dos habitantes em todas as direções, numa confusão de cores. Servem tanto de camas como de assentos, e ficam por isto naturalmente muito baixas, tão baixas que sentado nelas pode-se facilmente alcançar o chão com os pés. Além das redes e das prateleiras já citadas, o mobiliário é constituído por um único banquinho talhado num só pedaço de madeira. Todas as cabanas que visitamos desta tribo, que ao lado dos munducus e dos maués é citada como a mais civilizada da Província do Pará, eram construídas e estavam arranjadas da mesma forma.

Muito embora à primeira vista de gente inteira mente nua cause uma impressão peculiar, os olhos depressa se habitua e a estranheza não tarda a desaparecer, sobretudo tratando-se de gente de cor. Nós,

brancos, quando nadamos juntos nus, parecemos uns aos outros mais nus do que nos parecem os índios.

Os jurunas são de estatura mediana e são, não obstante suas pernas serem um pouco curtas em relação ao busto e seus ventres um pouco salientes, bem conformados e robustos; todos os seus movimentos e posições são naturais e graciosos; ao mesmo tempo irradiam de todo seu ser uma varonilidade e vê-se na sua figura vigorosa que nada sabem de qualquer espécie de efeminação. Suas feições, que já se distinguem vantajosamente pelo bonito nariz curvo das outras tribos de índios de nós conhecidas, são na maioria agradável e têm o cuidado de franqueza e cordial bonomia, que se reflete também no seu olhar amistoso, que não tem o menor vislumbre de selvagem. Os cabelos pretos que lhes caem até aos ombros sobre a pele bronzeada – macia e brilhante, dão-lhes algo de original que impressiona agradavelmente. Conquanto na maioria usem os cabelos soltos e penteados para baixo, atam-nos, às vezes, sobretudo em viagem, ou fazem compridas tranças. Os homens quase todos não têm barba, porque, com exceção dos velhos pajés (feiticeiros e curandeiros) que conservam um pequeno vestígio, arrancam-na; e as mulheres chegam ao ponto de arrancarem as sobrancelhas e até as pestanas.

São singulares os cuidados que estes índios têm com os cabelos da cabeça, tanto que quase nunca os enfeitam com algum toucado. Assim é que só vimos em Tavaquara um índio com uma grinalda de penas verdes de papagaio em volta da cabeça, o que lhe dava um aspecto mais selvagem e exótico, não tendo nós visto além deste nenhum outro desta tribo com qualquer coisa na cabeça. Os homens, porém, punham freqüentemente uma pena encaixada atrás da orelha, ou um pedacinho de cana muito fino dentro do pente dum iniciado que abatera. Usam ainda em volta do pescoço colares de contas na maioria azuis e às vezes pretas, e uma tal quantidade em volta dos quadris que às vezes podem ser tomados por um cinto de contas de sete a dez centímetros de largura; em volta do braço, porém, e do tornozelo, uma estreita cinta apertada de algodão tinto de encarnado, que parece quase couro vermelho da Rússia. Esta cinta tem um grande valor para o dono, por ser muitas vezes um presente da amada.

Se o juruna quer casar dirige-se ao pai da futura noiva que tem nisso tão pouca intervenção quanto sua mãe. O pai não costuma satis fazer logo esse de se jo, e sim es ta be le cer como con di ção cer tas pro vas de co ra gem e de des tre za. Às ve zes é uma onça ou um ta pir mor to pelo seu arco, outras também o dente do inimigo abatido que tem de trazer como tro féu an tes que o jo vem pos sa cha mar sua a bela no i va ín dia. Às vezes também o inexorável sogro exige provas ainda mais difíceis. Assim aconteceu, por exemplo, ao tempo em que foi erigida a cruz de Ta va qua ra; um fe liz pai teve a sin gu lar idéia de apre sen tar de re pen te ao pretendente à mão de sua filha, que se inculcava de pajé operante, a seguinte condição: que ele dançasse, lhe preparasse ao mesmo tempo um cha ru to e lhe des se para fumá-lo. O jo vem ju ru na co me çou a dan çar sem se mos trar se quer de leve re ce o so, viu por fe li ci da de um pé de ta baco per to, que es ca pa ra à ar gú cia do fu tu ro so gro, apro xi mou-se dele ro da n do com as mãos no ar como fazem os feiticeiros aqui, arrancou-lhe uma folha, enrolou-a e deu o cha ru to pron to para fu mar ao ve lho es pan ta do que não opôs mais nenhuma dificuldade em dar sua filha ao mágico e grande feiticeiro; o Padre Tor qua to tam bém aben ço ou sem mais preâmbulos o jovem par. Só os chefes e os pajés conhecidos como tais fazem exceção a esta regra, julgando-se todo o pai feliz se a filha tem a sorte de en con trar um pre ten den te tão dis tin to. Ao pas so que a ma i o ria dos ju ru nas se con ten ta com uma mu lher, o tu xa va tem qua se sem pre mu i tas.

Entre os habitantes de Tavaquara só havia um jovem juruna tatuado, parecendo até que usava luvas curtas conforme a última moda (*mitaines*) que chegavam até a metade dos dedos; tinha igualmente as pernas tatuadas como se estivesse de meias pretas ou polainas até aos jo e lhos. As mu lher es usam um aven tal, uma es pé cie de kilt es co cês, dum xa drez cin zen to e par do-aver me lha do (tan ga) em vol ta dos qua dris, que sabem segurar sem amarrar ou pregar e que elas mesmas tecem numa espécie de gran de bas ti dor; as me ni nas ain da im pú be res an dam com ple tamente nuas. As damas-índias não dispensam os colares de contas em volta do pescoço; se não conseguem arranjar contas, enfeitam-se com co la res duma fru ta cin zen ta se me lhan te à er vi lha ou cas cas de pe que nas nozes enfiadas, a que atribuem qualidades medicinais. Usam também, além de bra ce le tes es tri a dos de ma de ira pre ta, as mes mas cin tas de alg odão no bra ço e nos tornozelos que os homens, os cabelos também como

eles; mas nunca usam penas. Dão ainda mais valor do que aos próprios enfeitados, aos dos filhos pe que nos, pelo me nos pa re cem sen tir um gran de prazer em enfeitá-los muito com contas, até mesmo os cabelos, o que mu i tas ve zes lhes dá um as pec to curi o so.

Além das duas ca ba nas e da pe que na ca pe la que se er guem na pequena praça da cruz fica em cima na orla da margem em Tavaquara ainda uma cabana um pouco escondida e um pequeno rancho perto da mesma, embaixo junto do rio. Esta cabana afastada estava completamente vazia, porque pouco antes tinham-se dado nela três casos de morte seguidos, e seu antigo habitante abandonara-a, por tê-la por isto julgado insalubre ou talvez por alguma superstição. No meio dessa cabana onde reinava uma triste meia escuridão tendo-se o sol ocultado por entre as nuvens carrega das de chuva, havia três sepulturas cobertas com esteras.

O modo como os jurunassepultam seus mortos é, como me contou o Padre Torquato quando lhe perguntei, sumamente simples. O cadáver é envolvido na sua rede, posto em cima de uma esteira de folhas de palmeira, “tupé”, e coberto com outra. Depois, põem-no na sepultura, que enchem de terra – terra que deve ser trazida de muito longe na floresta, e cobrem-na com uma terceira “tupé”. Em cima da sepultura dos homens põem o arco, as flechas e o remo que usava, e no que concerne às mulheres, jogam na água tudo o que possuíam, não havendo por consequente o que pôr em cima do “tupé”. Logo que a carne se decompõe, os sobreviventes tiram os ossos da terra frouxa e penduram-nos numa esteira ou num cesto no telhado da cabana. Os ossos dos mortos ficam assim sempre entre os vivos, do que nos certificamos em todas as cabanas dos jurunas que vimos, com exceção dessa única abandonada. Pelos primeiros 12 meses os parentes vão todas as manhãs e todas as tardes chorar e lamentarem-se junto à sepultura. Dentro destes doze meses é também dever dum ausente que regressa, acompanhar as lamentações pelo morto.

Sob o rancho moravam algumas famílias que tinham vindo de longe. Tinham-se instalado ali formalmente como em sua casa, levando muitos utensílios para lá. Dentre as armas chamou minha atenção um bonito arco pequeno pertencente a um menino, que a meu pedido atirou ao alvo com ele e – como infelizmente acontece muitas vezes quando se quer fazer uma exibição falharem as coisas que nunca falharam – não

acertou! Esta triste, talvez para ele nova experiência, pareceu abater o pequeno, que ficou ainda mais triste quando lhe quis comprar o arco. Sua mãe, porém, a quem as preciosas contas oferecidas fizeram crescer os olhos, achou que no seu próprio interesse devia exigir o sacrifício do filho, e, empregando toda sua lãbia feminina, procurou convencer seu queridinho quão importante seria para seu futuro a posse de tão precioso tesouro. Por fim, em boa com o coração apertado, ce deu subme tendo-se à mais alta sabedoria de sua mãe de conformidade com aquela exposição, e o arco era meu!

Voltamos para nossa cabana, onde já nos esperava o jantar. Os dois desconhecidos chegaram também a tempo, muito molhados, sem terem visto nenhuma criatura selvagem na sua caçada. Um guariba assado no espeto “à la indienne” – foi o assado. A carne de macaco soube-me mais ou menos como lebre assada, mas pareceu-me mais dura; aos outros, porém, pareceu qualquer coisa entre lebre e coelho assados. Se não me engano, deu-nos também o Conde Oriolla o mutum que mata pela manhã, um grande pássaro pardo-escuro, bem preparado, que todos acharam excelente.

Depois da refeição deu-nos muito que rir uma amostra da arte índia de curar. Nosso negro na marcha através da floresta tinha-se estrepado num espinheiro; em consequência o pé inflamara-se e fora mandado para a capela indiana. Apareceu então de repente o pajé de Tavaquara – a quem a pequena estatura e aspecto de velho, a cor parda muito escura e bigode ralo arrepiado, tornava conhecido diante do paciente preto, examinou-lhe o pé caiu uma cara de quem quer dizer: “Deixei isto ao meu cuidado; curar este pé é coisa de nada”; so prou-lhe em cima muitas vezes, pas sou-lhe a mão por alto e mos trou por fim aos circuncisantes um espinho que dizia ter feito de sa parecer do pé. O negro fez diante de tudo isto uma cara de quem estava acreditando, em boa ao pisar não estivesse ainda livre das dores. Em seguida o feiticeiro fez uma segunda cura se melhan te num outro, e apresentou no vácuo o mesmo espinho que já tinhamos trazido. Os circuncisantes, porém, pelo menos os decore, ficaram maravilhados!

Agora fomos ver os índios da nossa cabana que faziam sua refeição. Uma cena peculiar, que eu de bom grado teria desenhado, e que nunca esquecerei. Um belo rapaz estava deitado na sua rede e

curvou-se flexível com a mais natural graça, para tirar a comida da caça que sua mulher ajoelha da lheirocia. Era um belo quadro de harmonia doméstica, de feliz vida de família como se encontra quase por toda a parte entre estes filhos da natureza. A mulher é quase que inseparável do marido, a quem acompanha na caça, na pesca, e até mesmo na guerra. Se o marido sai algumas vezes só, para a caça ou para a pesca, ela tece nesse entretanto as redes de algodão e as tangas, trataba da roça e preparava a refeição, e depois desta nunca deixa de dar ao marido água para lavar a boca. Ao lado de suas ocupações com os filhos, as mulheres ocupam-se muito com os seus favoritos, os cachorrinhos, que namoriam carregar amarrados por um pano junto ao seio, e que até, como vimos muitas vezes, amamentam.

Ao contrário das mulheres, os homens em casa estão sem pre desocupados. Quando na sua cabana, ou estão sentados ou deitados na rede, para descansar, ou fazendo pontas nas setas e entretecimentos. Sua ocupação preferida, além disto, parece ser fumar, pois quase nunca deixam o charuto apagar-se; raramente se ouve um deles soprar seu pífaro, embora possuam diversos instrumentos musicais desta espécie. O preparo dos arcos e remos, e a escavação dos troncos para canoas, devem constituir a maioria dos trabalhos que fazem fora da cabana; contudo, nunca assistimos a estes trabalhos.

Aproveitamos a tarde de hoje para as trocas com os índios. Mais tarde chegaram nossas outras canoas com o Rocha e as cestas de farinha, de maneira que já amanhã podemos prosseguir nossa viagem. Pouco depois avisaram-nos que o Tuxava, o chefe, vinha em caminho. Saímos para a praça diante da cabana, onde já se reunira muita gente, por quanto a tarde estava bonita e o sol que se punha avermelhava o céu e as águas do Xingu. Um belo jovem índio encostou-se na cruz que se erguia livre, e estendeu a vista pelo majestoso rio e as intermináveis florestas, enquanto os circunstantes se aproximavam da orla da margem, para verem a canoa, que trazia de volta de Soussel o Tuxava e sua jovem esposa. Alguns homens e meninos correram em disparada, como é seu costume, ribanceira abaixo, ao encontro dos recém-chegados. Estes índios parece, aliás, terem uma grande predileção pela ligeireza, que não falha neles nem mesmo subindo a ribanceira.

Poucos momentos depois o chefe chegava com o arco e as flechas na mão e nos estendia amistosamente a destra. José Antônio Bitencourt era uma figura de homem bem conformado e robusto, e ao mesmo tempo esbelto; a larga cinta de contas azuis fazia realçar ainda mais sua nobre estatura e a fina e bela cor parda de sua pele. No seu semblante havia uma feição de inteligência e, se quisermos, de astúcia. A mais jovem de suas mulheres, que o acompanhara, era igualmente mais esbelta e também mais bonita de cara do que as outras índias. Ele não era só o chefe de cerca de seis a oito famílias e quarenta e sessenta almas que contava a maloca de Tavaquara, e sim muito mais do que isto: o pretendente apresentado pelo governo brasileiro à dignidade de Tuxaua de toda a horda dos jurunas. Até aqui estes tinham, além dos chefes de cada maloca, um chefe comum superior, a quem toda a horda submetia, e cuja dignidade era hereditária. O último destes chefes deixou um filho de menor idade, o que teve por consequência a vantagem de muitos usurpadores contra ele. Desta circunstância procurava o governo brasileiro aproveitar-se quando o Tuxaua de Tavaquara, que já havia muito estava ligado a ele, apresentava-se como pretendente à dignidade hereditária de Tuxaua de todos os jurunas. Para, porém, firmar seu prestígio perante suas tribos, o governo fez há algum tempo convocar por intermédio do Padre Torquato uma reunião em Tavaquara que confirmou também a escolha de José Antônio Bitencourt. Contudo o pretendente não podia ainda exercer nenhuma influência, porque o filho de dezoito anos de idade do último “Tuxaua Principal”, era em geral estimado e respeitado entre os jurunas, e preferiam vê-lo na posição a que tinha direito, do que José Antônio Bitencourt, em quem viam com razão, embora sem ódio, um usurpador, sendo-lhes inteiramente indiferente. Nós teríamos dentro em pouco de testemunhar isto, por que ele oferecera-se para acompanhar-nos pelo Xingu acima às outras malocas, para nelas ocaião ser apresentado pelo padre a suas tribos.

A influência, aliás, do chefe geral de todos os jurunas sempre foi de pequena importância, se a compararmos à dos tuxauas das malocas isoladas. Por tuxaua entende-se o homem superior aos outros, em quem os habitantes de uma maloca depositam sua inteira confiança, conferindo-lhe plenos poderes permanentes para tratar de todos os seus negócios com os brancos ou com as outras tribos. Se quiserem por de rão,

certamente, constituí-lo chefe, contudo não pode nem imiscuir-se nos negócios de família, direito que cada pai de família se reserva, nem o de chefiar nas guerras. Quando se decide uma guerra, isto é, o ataque a uma maloca estranha, pede-se o conselho dum pajé sobre a melhor forma de conduzi-lo. O pajé toma em tão a si a direção estratégi ca da expedição: guia sua tribo para o local que julga mais conveniente para a luta – mas daí por diante cessa inteiramente sua influência. Cada um luta em tão por si, sem se preocupar muito com os outros, procurando obter um ad ver sário e, assim que o consegue, retira-se por deliberação própria do campo da luta, e volta para casa.

Os jurunas passam em regra uma parte do ano, como muitas outras tribos de índios, em guerra com famí li as de outras tribos, a quem roubam os filhos, e não faltam motivos para estas incursões, que a maior parte das vezes são empreendidas por algumas malocas em comum, por quanto no comércio de trocas com as tribos vizinhas é fácil surgirem atritos e discórdias que depressa degeneram em guerra aberta. A última guerra de que os jurunas nos falaram tinha-se ferido 13 meses antes de nós chegarmos, numa pequena ilha no Xingu, não longe de Tavaquara. O motivo tinha sido uma ubá que tinha sido roubada pelos taconhapés. Os jurunas ficaram vencedores; dez taconhapés, porém, ficaram no campo de luta.

Voltando ao nosso Tuxaua Bitencourt, que acabava de regressar a sua cabana depois de uma ausência de oito dias, devo ainda observar que o mesmo, como costuma freqüentemente ser o caso, acumulava a dignidade de tuxaua e de pajé numa só pessoa.

Depois de os recém-chegados terem cumprimentado o padre, foram para a cabana e sentaram-se com muitas mulheres em pequenos bancos em círculo, muito juntos um do outro, para procederem às lamentações pela morte do sobrinho do tuxaua, uma criança que morrera três meses antes e estava sepultada na cabana de frente. Choravam alto e soluçavam, algumas mulheres espremiavam lágrimas apertando os olhos com as mãos. Quando uma delas estava muito cansada, fazia sinal a uma outra que se sentava no seu lugar no círculo, e tomava-lhe a criança ou o cachorrinho que levava ao colo. As lamentações duraram pelo menos meia hora; depois dalgum tempo começou a manifestar-se uma certa inquietação entre os pranteadores, que deixavam a cena de suas lamentações

no canto mais afastado da cabana, para irem aproximando-se da entrada principal e do fogo, por que, com a entrada da noite, aqueles corpos nus começaram a sentir a diferença de temperatura.

Quando, por fim, a chora de iracessou, o padre, por solicitação nossa, apresentou uma proposta para uma festa de dança e pediu ao tuxava para fazer os preparativos necessários. Acenderam imediatamente duas ou três fogueiras diante da cabana, em volta das quais os habitantes de Tavara se reuniram contentes a convite do chefe. Ele próprio apareceu com uma camisa azul e calças azuis de lã com uma lista dourada, tendo além disso um barrete igual em cima dos cabelos aos modos das mulheres. Tanto tinha de bonito quando nu, quanto de vulgar com este costume que devia à bondade do padre. Tal vez suas mulheres participassem desta opinião, e, poisivelmente devido à sua influência foi que pouco depois se desfez das incômodas roupas, com exceção do barrete, que pareceu-lhe particularmente agradável.

A noite estava maravilhosa; as estrelas brilhavam claras, as fogueiras iluminavam as figuras bronzeadas em seu redor, em cima das cabanas, e das altas árvores por trás, faziam até mesmo o rio brilhar. E esperávamos as coisas que deviam vir, mas quando um aqui, um ali mal das florestas que nos servia de ceia. Por fim, depois de grande demora, saíram três mulheres do escuro grupo, de ram-se os braços e começaram a dançar, cantando, quatro passos cadenciados para a frente, e quatro para trás. Um jovem índio surdo-mudo – que eu a seu pedido de se nhar pela manhã, e até de costa, por que envergonhava-se e tapava constantemente o rosto com as mãos – puxou tanto por detrás a tanga de sua mãe que dançava, que ela, aliás sem sair do compasso, deu-lhe o braço. Depois de algum tempo juntaram-lhe ainda outras três mulheres e agora balançavam-se ambos os grupos em volta um do outro, mas sempre dando quatro passos à frente e quatro atrás e introduzindo tantas variações nesse balançar quantas permitia o exíguo espaço entre as fogueiras.

Disseram-me ser uma peculiaridade destes índios os homens nunca tomarem parte nas danças das mulheres, e só em certos bebetes festivos dançarem juntos. Mas hoje, naquela festa extraordinária, era outra coisa, e dois homens entraram na dança juntando-se alternadamente a ambos os grupos, ou dançando ambos de braço entre eles. Um desses jurunas era o das *mitaines* e das polainas tatuadas; e tinha uma vara

comprida como lança; o outro, que brandia furiosamente seu facão no ar, era o homem da grinalda de penas de papagaio na cabeça. Formaram-se agora grupos de dois, nos quais os homens ficavam sempre juntos. O compasso tornava-se cada vez mais rápido, o canto cada vez mais alto; era uma balbúrdia medonha, mas o passo certo enfiava-se como um fio vermelho por entre tudo. Cantavam, assim me traziam, como estavam contentes por ter o pai voltado para eles trazendo gente boa consigo. Por fim, como os dançarinos tivessem dançado todo o tempo sem descansar um instante, as forças e o fôlego não puderam ir mais longe, a festa mágica improvisada acabou por si e não tardou muito que estivéssemos deitados tranqüilamente nas nossas redes junto das dos jurunas, cujas mulheres esta noite já não fugiram da cabana.⁸⁴

7 de dezembro

Quando, às sete e meia da manhã, nossa esquadilha, que se compunha de quatro ubás, largou o mando alegremente rio acima, nossos amigos brozeados ficaram por muito tempo acompanhando-nos com a vista na margem, embora nenhum deles tivesse antes vindo despedir-se de nós. Quero por isto crer que este costume lhes é estranho. Além do tuxaua, acompanhava-nos o homem da grinalda de penas de papagaio e sua mulher. Todos três acomodaram-se na maior e mais comprida das quatro ubás, que levava o padre e seu criado, o Conde Oriolla, além de um timoneiro e três remadores, ao todo por tanto dez pessoas. O Conde Bismark e eu tínhamos, ao contrário, uma ubá muito leve, o melhor piloto ao leme e uma tripulação de quatro homens, tão misturada quanto as dos outros barcos, partemarinheiros e parteinheiros do padre, de Soussel e de Tucuruí. Na terceira canoa, de bordas tão baixas que quase não se ousava mexer-se dentro dela, iam o cônsul e o doutor, com o mesmo número de tripulantes. A quarta ubá, finalmente, tinha um toldo de folhas de palmeiras sob o qual acondicionamos a bagagem e tudo o que levávamos para as trocas pelo caminho. O Senhor Rocha, a quem estava confiada a vigilância sobre todas as coisas, e os quatro homens

84 Permito-me intercalaraqui que segun do von Spix e von Mar ti us – (T. III, p. 1050) um missionário alemão da ordem dos jesuítas foi quem primeiro se fixou entre os taconhapés e os jurunas, e até em Tucurua, acima do Turicuri (Tucuruí) um lugar que os mapas mais antigos colocam abaixo das últimas cachoeiras.

que tripulavam esta canoa, elevavam o total do pessoal embarcado a vinte e oito cabeças.

Tinha um aspecto particularmente estranho a grande ubá, que além de seus passageiros de sexos e cores misturadas, levava também nossos víveres, sobretudo as duas grandes cestas de farinha. O índio com a grinalda de penas levava uma comprimida vara para empurrar a canoa. Ora ia numa atitude de coragem e força até ao extremo da proa da ubá para mergulhar a vara nas águas verdes do Xingu, ora encostava o peito nela, entregando-se-lhe inteiramente, e corria para trás, fincando os pés na frente como se quisesse empurrá-lo para o fundo – parecendo quase sentar-se, tanto se inclinava para trás, para erguer-se subitamente e tirar ligeiro novamente a vara da água; e de cada vez que o fazia, sacudia os compridos cabelos pretos, como o leão a juba, de maneira que as penas verdes de papagaio da grinalda ficavam alternadamente ora em desordem ora novamente em ordem. O artista plástico de via-viagens! À vista destas figuras bronzeadas, viris, se recordaria instintivamente das obras de arte da antiguidade, das nobres formas do tempo dos gregos e dos romanos; por que aqui também em três tempos, onde nem roupas nem efeminações impedem o livre desenvolvimento das formas e forças, e uma mente saudável um corpo sã, tudo é natureza, e toda a arteção na atitude e nos movimentos lhes é estranha.

Meia hora depois alcançamos os arrecifes que, projetando-se da margem, atravessam o rio até depois de Capaú, a mais próxima das ilhas, e se estendem para elas. Uma fila de blocos isolados de conglomerado, se melham à pedreira de Soussel, lavados pela corrente, ergue-se acima da superfície do Xingu, e formam, como nosso piloto índio disse, quando as águas sobem, tumultuosos rápidos ou cachoeiras. Ao passo que Capaú é plana e revestida de espessas matas, a margem esquerda do rio pareceu-nos ainda um pouco elevada; contudo, as florestas que a cobrem não são altas. Depois de termos passado os arrecifes, pudemos voltar-nos e lançar um último olhar para além dos mesmos, para as florestas na orla da margem de Tavaquara e para uma cadeia de montanhas por trás delas, que nos disse ram ser a serra de Araçuja.

Uma hora depois, como já tínhamos visto no Paraíba, apareceu uma grande quantidade de moitas, em parte crescendo sobre os blocos no meio do rio, em parte mostrando somente o topo acima de sua

superfície, como se estivessem enraizadas no fundo do seu leito. A essa altura, nossa ubá tinha deixado as ou tras mu i to para trás; ti ve mos as sim tempo de ir por um momento a terra, na margem es quer da, para exa minar as pe dras mais de per to, que des de al gum tem po vi nham apa re cen do em pequenos blo cos iso la dos na orla da mar gem. Enquan to nos sos ho mens cortavam varas para impelir a canoa ou parti-las em pedaços para fazerem bancos de remadores apertados entre as bordas da ubá, apanhamos um pedaço de granito gne is sói de e vi mos que na fa i xa de are ia que or la va a floresta neste local, estava espalhado um conglomerado mole de sílex e areia. Depois afastamo-nos novamente.

A floresta virgem, na margem esquerda, que se elevava um pouco, onde encostamos foi pouco a pouco ficando mais alia e mais bonita; contudo, faltava-lhe inteiramente o encanto das palmeiras, de que sen ti mos hoje a fal ta por todo o dia. Em com pen sa ção, au men ta va a quantidade de ilhas selvosas que a todo o momento se enfileiravam de permeio. Por mu i to tem po ti ve mos en tre ou tras à nos sa es quer da, a ilha Arasátir, em cujo centro elevava-se um tre cho de flo res ta, de que os cimos das fron des como que for ma vam uma só copa ar que a da, pa re cen do vergar sob a pesada massa de lianas até as águas verde-escuras do Xingu; e como eram be las as es cu ras som bras, que se en con tram aqui tão ami ú de sob estas espessas abóbadas de frondes de variados verdes, profundamente car re ga das como se fos sem for tes pin ce la das ne gras!

Subindo o rio e olhando para a margem direita, avista-se por en tre as ilhas os ci mos da ser ra Iru i ti ra, como uma né voa azu la da es ten dendo-se para além das florestas; assim pelo menos chamou-a o nosso piloto, que nunca se via em dificuldade para dar os nomes de ilhas e montes. É ver da de que nos pa re ci am apó cri fos, por que esta gen te pouco se preocupa com os nomes que as coisas têm; muitas vezes, por exemplo, davam a um de nós um nome para uma ilha, e a outro um inteiramente diferente.

Os canais entre as ilhas foram-se tornando pouco a pouco cada vez mais es tre i tos, e cada vez emer gi am mais mo i tas do rio, cujo rápido curso dentro em pouco foi interrompido por extensos rápidos, que, porém, às dez e meia da manhã, já tínhamos passado. Olhando para trás avis tá va mos um tal caos de pe que nos blo cos de pe dra e mo i tas atravessando o rio transversalmente da margem esquerda para as ilhas

no meio da corrente, que nos parecia quase incrível que pudéssemos ter a tra ves sa do com os nos sos bar cos aque la ma ta go sa fa i xa que ago ra, apesar da pe que na dis tâ n cia, nos es con dia in te i ra men te a su per fície do rio.

O dia estava bonito; mas o calor estava tornando-se cada vez mais opressivo, o que nos levava a de quan do em vez pa rar mos por uns instantes à sombra das lianas pen den tes, para de i xar os ho mens des can sarem, até que as outras ubás se aproximassem mais. Já durante toda a manhã tínhamos conservado nossas espingardas de prontidão e atirado também, aqui e ali, nalgum grande pássaro que passavavoando, ou visado al gu ma ara ra vo an do alto, na es pe ran ça de que nos fi zes se o fa vor de baixar mais até nós. A princípio tínhamos felizmente ainda domínio sobre nós mesmos para conter o inútil desperdício de munição; por fim, porém, perdemos a paciência, e, assim que avistávamos uma arara, por muito alto que estivesse voando as espingardas disparavam como que por si. No mo men to nos sos ho mens vi ram do um bro so lo cal onde des can sávamos uma dessas intangíveis argonautas dos ares. Já um pouco *blasés* no que concernia às alegrias da caça desses pássaros, como se pode facilmente imaginar, entregamos nossas espingardas aos índios, para man tê-los de bom humor, e permitimos-lhes aproximarem-se dela. E eles, esquecendo todo o cansaço, saltaram em terra e desapareceram no cerrado. Por algum tempo tudo ficou qui e to, de po is ou viu-se um tiro, e a ara ra pas sou vo an do con ten te por cima de nos sas ca be ças.

Por fim chegaram os outros barcos com os nossos companheiros, que, como nós, tinham já gasto inutilmente um excesso de munição con tra as in tan gí ve is e, de vi do a sua gros sa pele, qua se in vul ne ráveis araras; em se gui da ao que nós, de po is dos nos sos re ma do res com o auxílio de um ramo que se estendia até longe por cima da água, terem voltado para a ubá, depressa logramos um novo avanço. Evitávamos sempre cuidadosamente o meio do Xingu, porque é aí que a corrente é mais forte, e mantínhamo-nos nos estreitos canais laterais, que costavam-no separados da corrente principal pelas ilhas. Diante de tantas ilhas, perdemos naturalmente a orientação, de maneira que não podíamos traçar com alguma exatidão o curso do Xingu. Só na viagem de volta, quando nos mantínhamos no meio, nos foi possível ter um quadro algo exato do mesmo. Deixarei por isto na viagem rio acima o seu cur so qua se in te i ra men te de lado, e só na pas sa gem do vale men cionarei

minha superficialis observações, às quais no entanto depois das a que já me referi em pági na an te ri or, se deve dar pou co ou ne nhum va lor.

Serpeando por entre as ilhas, estendemos hoje olhares encantados por muitos braços e canais intermediários, marginados pela mais exuberante vegetação com suas belas árvores. O que não se daria na Inglaterra para transplan tar para lá só um pe que no pe da ço des tes jar dins naturais da América do Sul e pô-lo como um maravilhoso parque ao lado de um belo caste lo! O jar di ne i ro não pre ci sa ria fa zer-lhe nada além de tor ná-lo viá vel; te ria mes mo de guar dar-se de acres cen tar-lhe qual quer co i sa de seu.

Depois de uma hora da tarde tínhamos diante de nós uma garganta entre duas colinas selvosas, da qual o Xingu corria para nós. Pa re ceu-me ser um es tre i to do rio, mas era uma par te do le i to que tí nha mos diante de nós, e a colina à esquerda, como me certifiquei depois, era uma ilha. Ouvimos ao mesmo tempo um murmúrio distante, e julgamos estarmos próximos de uma queda de água; vimos, porém, ao chegarmos mais perto, que eram só uns fortes rápidos (que aqui chamam também cachoeira, queda de água). O Xingu corre aqui sobre e por entre ro chas da que le cong lo me ra do fer ru gi no so so bre o qual pa re ce ter-se acumulado. Gneisse ou uma espécie de granito gneissóide. Nosso pessoal saltou na água e empurrou com os braços e ombros a ubá contra a tumultuosa corrente acima por onde entre as lajes e os blocos havia profundidade bastante. Era altamente interessante ver aquelas figuras bronzeadas, nuas, trabalhando dentro da água, lutando contra a torrente espumante bramindo, e as pequenas ondas com as quais o rio rolava sobre o leito de pedra, empurrando vitoriosas a canoa por ele a ci ma, qua se car re gan do-a. Mo vi am-se com in crí vel se gu ran ça na im pe tuosa caudal e sobre o escorregadio e escabroso leito do rio, tendo mesmo de nadar, aqui e ali, por alguns momentos, até poderem tomar pé num blo co mais per to no ro da mo i nho.

De po is de meia hora che ga mos aci ma da ca cho e i ra, se gu ramos bem nos so bar co en tre as pe dras e es pe ra mos so bre um la je do as ou tras ubás em auxílio das quais nosso pessoal apressou-se em correr. Daqui podíamos avistar até longe em redor de nós. Acima dos rápidos havia uma gran de su per fi cie de água cer ca da por uma alta mar gem co ber ta de flo res tas; por trás dela er gui am-se no va men te mon tes mais per to e mais

longe nas infindas florestas. O Xingu corre de sul-sudoeste para esta bacia e toma, nos rápidos mesmo, uma direção norte, no que forma à sua esquerda um grande coto veloso para o oeste. Uma linha de montanhas e de pequenos blocos espalhados assinala a linha da cachoeira como ela atravessa transversalmente o grande rio. A montante ergue-se ao longe uma cadeia azulada de colinas baixas.

Quando todas as ubás estavam novamente reunidas, mandou-se adiante para pescar uma canoa mais leve com alçapões, que levaram também arcos e flechas de prontidão para isso. O resto da esquadilha seguiu depois sob um sol abrasador, atravessando a baía para ganhar a margem esquerda novamente; no entanto, em consequência da forte corrente contrária, a força do nosso pessoal já cansado começou a afrouxar. Nessa bacia acima da cachoeira havia algumas ilhas selvosas, entre as quais uma se tornou particularmente digna de reparo, por estar separada da margem esquerda unicamente por um estreito canal, muito mais acima no rio do que as outras, e, por conseguinte, isolada. Esta é a ilha abandonada dos traconhapés. Esta tribo selvagem tinha algum tempo antes tomado posse dela e planejava uma roça na margem esquerda, que nos foi útil hoje por nos ter proporcionado um bom ponto para fazer alto e cozinhar, que alcançamos às 4 horas.

Os traconhapés são aquela tribo de quem se inventou no Pará que se compõe de índios brancos. São, na verdade, um pouco mais claros do que os outros índios, como também os cabelos louros e olhos azuis não são nenhuma raridade entre eles, certamente, como nos disse o padre, por descenderem de portugueses e espanhóis, trãsfugas, que se uniram outrora com índias nas selvas e agora habitam as florestas.⁸⁵ Atualmente estão num grau de civilização inferior ao das tribos vizinhas, usam armas piores, moram em ranchos abertos em vez de cabanas, mudam frequentemente de domicílio, consideram os jurunas ora amigos, ora inimigos. De vem também ser de pe que na esta tu ra e fra cos.

Do nosso pe que no e um bro so acampa mento, muito perto da margem, com vista para a mencionada ilha, chega-se por uma estreita

85 Mar ti us diz, T. III, p. 1047, dos tra co nha pés, que na sua lín gua e cos tu mes com bi nam com os tupinambás, envolverem um cer to *membrum* (ta co nha na lín gua ge ral) numa folha do taconhoba. Dizem que de vem seu nome à sua mu i to com pri da tconha. Os ju ru nas tam bém ser vem-se da fo lha da ta co nho ba para o mes mo fim.

ve re da a que cer ta men te fal ta va mu i to para po der ser con si de ra da usa da, até den tro da flo res ta à es quer da e, por cima dal guns tron cos der ru bados ou caídos, à roça, que constava principalmente de belas bananeiras. A larga cons ciên cia dos ín di os no que con cer ne a “o meu e o teu”, per mi tiu-lhes apa nha rem ba na nas para si e para nós, de que nós, por se rem na maior ia ba na nas-da-terra, assa mos a maior parte na fo gue ira.

O nosso barco dos pescadores também não se fez esperar muito. Nosso amigo da coroa de penas de papagaio trouxe-nos, com uma expressão de orgulho e de afabilidade no semblante um pequeno peixemuito saboroso, chamado pacu, e uma enorme arraia de pelo menos um metro de comprimento, tendo morto ambos com suas flechas, os quais foram logo assados numa grelha de varas finas. Nosso saboroso jantar demorou tanto que o sol já estava se pondo quando tornamos a em bar car, e re ma mos das seis e quin ze até as nove ho ras da no i te.

A prin cí pio es ta va es cu ro, mas de po is a lua der ra mou sua fra ca claridade so bre o rio; pros se guía mos tam bém por en tre ilhas, mo ti vo por que não podíamos ob ser var o cur so do Xin gu, até que fi ze mos alto na margem esquerda, e saltamos em terra por nos terem dito os índios que havia ali ranchos abandonados pelos tra con ha pés. O Pa dre Tor quato foi, em meio da escuridão da noite, procurá-los, e achou-os finalmente de po is de va gar por mu i to tem po; ti ra mos en tão nos sas re des das ubás e seguimos Tateando o nosso amigo eclesiástico até ambos os ranchos, que não fi ca vam lon ge, e em cada um de les três de nós ar ma mos nos sas re des. Isto não é tão fá cil como pa re ce, por que na ma i or parte das ve zes, quando nos deitamos na rede, o velho esteio parte-se; é preciso uma certa prática para encontrar o esteio seguro, que agüente o peso. Quando não há outro remédio, tem-se de amarrar a corda da rede em volta de dois esteios. Além disto, a rede que muitas vezes a princípio está muito alta toca pou cos mi nu tos de po is, su a ve ou ru de men te, no chão.

No entanto, nosso pessoal acendeu diversas fogueiras, que não tardaram a iluminar com a sua luz avermelhada a floresta com as suas gro tes cas li a nas, de ma ne i ra que se po dia ver até mu i to den tro dela, onde já alguns índios fatigados se balançavam nas suas re des en tre as ár vore s. O nos so ca sal par do tam bém já es ta va na sua rede para des carsar das fadigas do dia. Soa irrisório, mas apoderou-se de nós uma nova admiração quando vimos no meio da floresta aquelas figuras bronze adas,

nuas, sem cobertor, lençol ou coberta, deitados nas redes, enquanto que nós, apesar da roupa, estávamos contentes por nos podermos envolver nas capas.

8 de dezembro

Ainda estava bastante escuro, quando foi dado o sinal de partida e nós saltamos dos nossos leitos oscilantes de fibra, dobramos-os, amarramos nossas trouxas, enrolamos nossas capas, e depois, com todos os nossos haveres, nos dirigimos para a margem do Xingu onde já nos esperava o almoço, ao lado de uma fogueira pertencendo às casinhas. Mas, mais de pressa ainda do que nós, aprontaram-se nossos amigos índios. O da grinalda de penas pulou da rede, sacudiu a cabeleira, e apanhou o arco e as flechas enquanto sua mulher o penteava e untava, depois do que ela pôs pacientemente a rede do seu senhor às costas e seguiu-o para o rio.

Contudo poderiam já ser cinco e meia da manhã antes que nossa esquadrilha se pusesse novamente em movimento com o romper do dia, e até, de pois do padre e do cônsul já te refizto uma tão matinal quanto infrutífera tentativa contra uma arara que parecia, escondida num grupo de belas palmeiras, esperar os primeiros raios do sol. Mantivemo-nos novamente ao longo da margem esquerda, tendo algumas ilhas a bom bordo. Uma cadeia de montes limitava-nos a vista atrás, e diante de nós tínhamos uma colina arredondada. Deste lado chegava até nós novamente o ruído de uma cachoeira, que ia crescendo até que às seis e meia da manhã a alcançamos. O caudaloso rio serpenteava aqui por entre uma largafaixa de blocos de rocha, ou corria impetuoso sobre os lajedos que se estendiam transversalmente, desde a margem esquerda até uma ilha que lhe ficava no meio. Toda esta linha de blocos de pedra estava coberta de mato baixo, em cujo meio, muito longe, para trás porém, poderia dizer numa segunda linha por trás, ergue-se uma magnífica árvore frondosa, que por seu lado serve também de fundo àquela colina arredondada.

A margem esquerda é formada aqui por uma alcantilada floresta que, iluminada pelos primeiros raios do sol, fazia brilhar em todos os tons o seu esplêndido verde, enquanto que os alegres contornos das

sobrepujantes copas delineavam-se nitidamente contra o azul-escuro do céu. O que, porém, dava a esta floresta o seu mais peculiar encanto, era a presença da primeira palmeira uauaçu, cuja coroa instintivamente me fazia lembrar as plumas do Príncipe de Gales, seu penacho arqueado abrindo-se no topo do esguio tronco como um molho de enormes plumas de aves truz.

Não foi sem grandes esforços que atravessamos estes rápidos, de maneira que só às 8 horas da manhã foi que todos os barcos se puderam reunir acima deles para prosseguirmos viagem. Entre as ubás, subindo separadamente o rio, chamou já de longe nossa atenção e a do nosso pessoal a leve canoa do doutor, pelos surpreendentes gestos e incessantes sinais que nos faziam sem que, porém, pudéssemos atinar com o sentido dessas demonstrações, o qual se tornou claro pelo que vimos quando nos aproximamos mais. Levavam com eles uma paca (*Coelogenys paca*) que tinham apañado de passageiro e que, como se tinham certificado juntamente com os índios, tinha naturalmente sido atacada por uma piranha, este peixe tão perigoso para os banhistas, ao atravessar na dan do o braço de rio, e abocanhada por ela.

Acima dos rápidos, que os índios nos disseram chamarem-se Cavitiá, o Xingu tomou no vamente outro caráter; daí por diante seríamos por canais muito estreitos, seguindo o seu curso, os quais, por serem muito rasos, permitiam o uso da vara, cruzando às vezes também, a torto e a direito, por entre inúmeras ilhas, que se esmagadas sob o peso da magnífica e exuberante vegetação, que ficava quase ao nível do rio, enquanto que o rio levava-nos com a impetuosa velocidade de cerca de 5 nós, enquanto que antes não corria mais de dois e meio a três nós. Mas assim que este difícil trecho foi vencido, fomos largamente compensados pela encantadora exuberância da vegetação das ilhas. Muito embora as altivas palmeiras uauaçu se fossem tornando cada vez mais raras, substituíam-nas em larga escala, as jauari (palmeira de espinhos) cuja graça nenhuma outra palmeira a não ser a açai so-

brepuja,⁸⁶ com as suas escuras e crespas coroas, e sempre reunidas em graciosos e pitorescos grupos salientando-se na orla das selvas ilhas.

Às onze e meia da manhã alçamos, por fim, uma perspectiva mais aberta, rio acima. No sopé dum serro com 240 a 300 metros de altura, coberta de florestas, pertencente à margem esquerda, a mais alta que até agora tínhamos visto no Xingu, destacava-se um ponto mais branco, que nos sorpi to nos as sinou como sendo uma cabana de índios, onde poderíamos esperar um acolhimento hospitaleiro, e diante de nós estendia-se nos longes azulados uma cadeia de colinas arredondadas, que as árvores de altos troncos de uma comprida ilha que ficava mais para a direita do rio em parte escondiam.

Pouco a pouco foram-se destacando as cabanas, como também algumas árvores altas das florestas do continente, que se inclinavam sobre elas e só então percebemos que ficavam sobre uma peque na ilha. Meia hora depois entramos num estreito e curto canal que se para a ilha do continente, e vimos vir para nós, do lado oposto, uma canoa com índios, isto é, esbeltos adolescentes, que, com arcos e flechas nas mãos, voltavam da caça nas florestas ou da pesca e que, como nós, pareciam dirigir-se para o desembarcadouro ensombrado pelos ramos que se estendiam por cima.

Deixando nossas armas nas ubás, saltamos em terra. Um grupo de índios estava de pé sob as árvores perto da margem, olharam pri mé ro espantados para nós, separaram-se de repente e fugiram para as colinas selvas, em cujos címos víamos as cabanas através das ramagens. Já deviam ter notado nossa presença lá de cima, porque alguns homens desceram correndo até nós e guiaram-nos para lá. A presença dos nossos amigos escuros e algumas palavras destes dissiparam imediatamente toda desconfiança. Chegando à pequena área diante da cabana redonda de folhas de palmeiras, fomos rodeados por um bando de homens que, não obstante seu aspecto estranho, quase selvagem, não desmentiam a expressão nacional de bonomia dos jurunas. Muitos deles tinham uma lista vertical azul quase preta, com dois a quatro centímetros de largura no rosto, que descia da raiz de sua longa cabeleira de azeviche, semelhante a uma juba de leão, do ponto onde estava preso um coraçãozinho escarlate, por sobre a larga frente, o nariz pronunciado e a boca, até

86 Ver v. Spix e v. Martius, T. III, p. 1158.

debaixo do queixo. Alguns dos do grupo estenderam-nos a mão direita espalmada amistosamente, ou correspondiam ao nosso cumprimento quando éramos os primeiros a lhes oferecermos este gesto de amizade e paz. Até mesmo as mulheres faziam-no, agora que nos tinham visto serem bem recebidos pelos maridos, sem acanhamento, embora, com mais reserva.

Entramos na cabana juntamente com o bando pardo, ao qual se juntaram também os rapazinhos da canoa, estando o recinto meio escuro já bastante cheio de índios. O Padre Torquato dirigiu-se sério e amistosamente ao chefe da maloca, um índio esbelto, forte e bem conformado, cujos olhos chispantes refletiam um caráter decidido e impávido; seu mais farto bigode preto, sua flexível estatura e um par de calças curtas, que vestira às pressas, tornavam-no logo notável à primeira vista entre os demais de sua tribo. No seu todo lia-se claramente que já devia ter passado por muitas peripécias, e na sua fronte pairava algo que denotava as preocupações que já tivera: uma coisa, aliás, completamente estranha a estes felizes filhos da natureza. Não admirava, porque este homem a quem o Padre Torquato agora se dirigia em português, era Martinho, o Desertor! Nascido como índio civilizado na região do Pará, fora, como deve ter acontecido tantas vezes, compelido a fazer o serviço militar; aproveitara, porém, a primeira oportunidade para libertar-se e fugir para o interior, para seus irmãos selvagens. E assim foi que chegou até os jurunas do Xingu. Aí encontrou suficiente proteção, fixou-se entre a amistosatribo, e tornou-se juruna!

A intervalos Martinho vai a Sousel colocar os produtos que seus amigos lhe trazem de muito longe para isto nas suas canoas, principalmente algodão, depois armas, pássaros mansos e macacos, farinha, etc. Por isto mesmo que sua canoa nesta va hoje cheia de índios do alto Xingu, cujo número monta va bem a 30, e com puzinha-se em grande parte de índios não batizados. Martinho, que fala o português e a língua juruna com igual facilidade, trata de seus negócios a contento; o governo tolera-o também de boa vontade, por posuir nele um órgão por meio do qual se pode entender com os mais remotos jurunas. O Padre Torquato conseguiu-lhe mais tarde baixa do serviço do exército, alcançando assim o direito à gratidão do desertor, que aproveitava todas as oportunidades para demonstrá-la. Nosso amigo eclesiástico esperava por isto ter nele o

principal apoio para estender mais longe sua influência entre aqueles filhos das selvas e para o sucesso de nossa atual expedição; e de fato, Martinho, para nossa maior alegria, prontificou-se a acompanhar-nos.

Depois das já conhecidas apresentações e cerimoniais cumprimentos que se repetiram hoje aqui, tivemos tempo de ver melhor o interior da cabana, e até contentando-nos com o princípio que nos tinha sido encarecido pelo Padre Torquato ao entrarmos nas cabanas em Tavaquara, e repetido muitas vezes ao pessoal: ficar por muito tempo simplesmente olhando para as coisas dignas de nossa admiração ou raras, até conquistarmos a confiança dos índios e no tarneles que podemos tocar ou tomar nas mãos os objetos que despertaram nossa curiosidade. Foram então negociadas muitas coisas, no que o padre servia na maioria das vezes de intermediário na língua geral ou fazia-se entender por intermédio de um dos seus índios, senhores da língua juruna, desenvolvendo um alto grau de paciência, ouvindo e atendendo a todos nós quase ao mesmo tempo, por quanto todos queriam-no só para si e levá-lo para o canto da cabana onde estava o objeto de seu desejo. Para ele era um daqueles singulares instrumentos de música, ou uma flauta de uma cana fina, das que se encontram aqui em todas as grossuras, ou uma enorme cabaça com uma grossa cana com um pé de comprimento, como boçal, tendo pendentes de fios brancos toda a espécie de enfeites, e do qual nenhuma força de pulmões poderia – pelo menos melódico – arrancar nenhum tom. Um outro tinha descoberto num recanto afastado da cabana um daqueles vasos esféricos nos quais as mulheres costumam guardar o óleo de palmeira uacu com que untam os cabelos e o corpo de seus maridos, para protegê-los contra as ferroadas dos insetos. Segurando o vaso que parecia da parede, voltava a olhar cheio de desejo dum grupo de índios para outro; talvez o dono daquele objeto não se quisesse dar a conhecer. Um piedoso escrúpulo impedia-o ainda de tirá-lo da parede. Mas, por fim, faltou-lhe a paciência, tirou-o, examinou-o mais de perto e, entregando-o ao padre, disse-lhe que não queria fazer nenhuma troca. Esse vaso, exatamente, tinto de amarelo pardacento pelo óleo, distinguia-se de todos os seus semelhantes por ter uma “gre ga” gravada em volta – e quem poderia esperar encontrar arabescos gregos entre os selvagens! Por outro lado, procuravam desviar o olhar do nosso sempre atencioso amigo padre para os diversos arcos dentre os quais cada um

tinha sua preferência. Um era preto, outro castanho; um terceiro de madeira castanha e branca agradava à vista, mas faltava-lhe força de expansão e por isto era preferível o castanho, bem untado de óleo e com uma cor da mais es ti ca da. O pos su i dor ofen di do da arma des pre zada, ten ta do pe las pre ci o sas con tas na mão do pa dre, apro xi mou-se, fin cou a pon ta do arco no chão e dis ten deu-lhe a cor da com toda sua for ça, para exibir sob a melhor luz sua elasticidade; mas em vão; todos fi ca ram frios, e por mu i to tem po ain da o olhar pe sa ro so do ín dio fi cou pre so nas con tas. O que eram aos seus olhos to das as pé ro las da Índia con tra aque las con tas! As pé ro las eram só bran cas, as con tas, po rém, eram de to das as co res!

No meio des ta quen te mul ti dão par da, por en tre a qual, aqui e ali, um dos nossos marinheiros também se entremetia como homem rico, com um rosário de contas na mão, aqui onde ainda mais visivel men te do que em qual quer ou tra par te, só se ne go ci a va com ba ga te las e os te sou ros ima gi ná ri os des ta ter ra, e cada um pro cu ra va en ri que cer por suas próprias mãos – no meio desta balbúrdia, estava sentada uma mãe olhan do mu i to sé ria di an te de si, com seus fi lhos brin can do ale gre mente, sobre a sepultura do seu marido, como se quisesse proteger suas armas contra a pro fa na ção; por que as ar mas dos ju ru nas mor tos são sa gra das e não se ven dem por ne nhum pre ço.

Pouco a pouco os índios iam apresentando novos tesouros, coisas cada vez mais preciosas, entre outras belas gri nal das de pe nas de pa pa ga io, mu i to mais bo ni tas e va ri e ga das do que as que tí nha mos visto até então, que também tiveram grande saída. Eu mesmo tive a sorte de adquirir um bonito porrete, lindamente estriado, de madeira escura pe sada, que o dono, um ari paí, tinha to ma do em com bate. Mu i to s ju runas vagavam também em gru pos de um lado para ou tro, ten do atrás da orelha o pedacinho de cana com um dente engastado de um inimigo abatido, talvez não lhe ten do pou pa do a vida por ca u sa do belo tro féu! Mas contra contas azuis ou encarnadas, o sangrento símbolo de glória era também vendaval, e encontrou seu caminho para a delicado cestinho índio, que um dos nossos já enchera fartamente de toda espécie de enfeites das mulheres, que de bom grado trocavam seus colares de sementes secas pelos de con tas de vi dro. Em bo ra es tes den tes, em lu gar dos qua is mu i to s índios traziam belas penas de arara atrás da orelha, tivessem pertencido a peapais abatidos, vimos um escravo desta tribo nu, sem nenhum enfeite,

entre os jurunas livres, que tinha sido aprisionado quando do meu primeiro encontro com ele.

Mas lá dentro reinava um ambiente abafado; procuramos, por isto, de preferência, o sol abraçador ao ar livre, e saímos para a área diante da cabana, que tomava quase todo o cimo da pequena colina, elevando-se das águas verde-escuras do grande rio, como uma ilha selvosa redonda chamada Urubuquara ou Tapuama pelos indígenas. Daqui a vista podia estender-se livremente, abrangendo a grande superfície do Xingu em toda sua extensão e seguir seu curso contra a corrente por entre duas ilhas escarpadas de florestas, até as altíssimas montanhas azuis que limitavam o horizonte. Ambas as altas margens cobertas de florestas, que se avistam daqui ao mesmo tempo, guardavam o rio como se fossem um debruço verde. Exatamente diante de nós, no meio do rio, ficava um grupo de blocos rochosos cobertos de mato, por trás dos quais percebiam-se ao longe uma linha de moitas e blocos que se tornava menos visível na direção da margem esquerda, e que indicava novos rápidos. Vendo-se mais de perto, notava-se que, neste ponto, o rio descreve de novo um arco embora muito imperceptível, do qual aqui também, do mesmo modo que nos rápidos de ontem, se originou abaixo da ilha de Taconhapés, sua maior largura. Tomando-se a estreita vereda passando perto da encosta à esquerda em volta das cabanas, avista-se defronte aquela comprida ilha citada ontem, com as belas árvores altas que, deixando livre uma superfície de área com pelo menos setecentos metros de largura, se estende tanto descendo rio abaixo na direção de sua corrente e tão perto da margem direita, que a esconde em grande parte.

Por trás das cabanas ficavam, porquanto elas só não comportariam o grande número de hóspedes bronzeados que costumava reunir-se aqui, alguns ranchos. Sob um destes telhados de folhas de palmeiras, estavam amarrados alguns macacos mansos que se moviam incessantemente dum lado para o outro, e entre eles também dois gorilas. Em redor das cabanas vegetavam algumas minguadas plantações como mato ruim, na área livre diante delas viam-se algumas varas das encostas umas nas outras; mais adiante, muitos feixes de canas destinadas a flechas, em pé e ensarilhadas como as espingardas, e embaixo uma canoa apodrecida, visível através do mato na orla da encosta.

Entrando novamente na cabana, dediquei, logo à esquerda na entrada, especial atenção a um grupo de macacos e papagaios mansos, e examinei todos aqueles pássaros de tão bela plumagem, dos quais nenhum tinha ainda desenvolvido o talento da palavra. Comprei um papagaio verde com um largo anel de penas azuis e encarnadas em volta do pescoço, que me agradou particularmente devido à raridade de suas cores. A bonitinha filhinha do detentor, que parecia já ter posto muito cedo a tanga de xadrez, alimentava os animazinhos com o maior carinho e cuidado.

Nossa refeição estava também pronta sob as umbras árvoreas perto do lugar do desembarque, onde o nosso pessoal e nossos amigos pardos já se balançavam nas suas redes. Um mutum manso, preto, de pernas altas, passeava altivo e solene entre todos aqueles estranhos hóspedes.

De volta de um curto passeio que eu e o cônsul fizemos até um bloco rochoso no rio, e que nos dera oportunidade de admirar mais de perto a bela e alta floresta entremeada de algumas palmeiras uauaçu isoladas, da margem esquerda, encontramos para a tarde todos reunidos em cima, diante das cabanas. Tinham-se formado muitos grupos, que conversavam animados. Nós nos misturamos com os índios. A maioria estava em pé, só alguns estavam sentados nos banquinhos. Sentei-me junto de um velho e muito escuro pajé, com o qual procurei entreter conversa da melhor maneira possível, por intermédio do intérprete; e tive a sorte de levá-lo a falar de guerra. O feiticeiro apaixonou-se pelo tema, e para descrever o mais vividamente possível um ataque recente contra os taconhapés, dispensou a intervenção do intérprete; deu um salto e expôs o acontecido com tanta clareza, que eu, com o auxílio de algumas palavras traduzidas pelo semicivilizado intérprete, logo aprendi tudo. Foi particularmente grande o efeito causado sobre o grupo bronzeado que se tornava cada vez mais compacto em volta de nós, quando nos mostrava como um taconhapés atingido na espinha por uma flecha caiu por terra com grandes dores e morreu, enquanto os outros habiandes da maloca procuravam a salvação na fuga. Por fim vangloriou-se ainda de ter seu irmão sido aprisionado e comido pelo grande povo, tapuiaçu, que habitava o alto Xingu.

Os últimos raios do sol que se punha iluminaram esta cena e logo em seguida o anoitecer nos deu o sinal para irmos buscar nossas

redes nas ubás e armá-las debaixo dos ranchos, ao que nos induziu o apenas perceptível odor de defunto na ca ba na que só pou cos dos nossos companheiros estavam dis pos tos a en fren tar. A lua der ra mou sua luz argêntea sobre a floresta, as ca ba nas e o rio; re i na va si lên cio em vol ta – e adormecemos. *Herr* Theremin, pendurado por cima do montículo de uma sepultura, teve o esteio partido, assim me disseram, e caiu com a rede em cima do tú mu lo.

9 de dezembro

Con for me fi cou com bi na do, acor da mos ao can tar do galo; as redes foram rapidamente dobradas e levadas para as canoas; trouxe ram-nos chá e farinha – nosso frugal almoço – e com o nascer do sol nos sa pe que na es qua dri lha lar gou, ago ra au men ta da pela ubá do de ser tor, remando para a cachoeira que bramia surdamente ao longe. Alcançamo-la de po is de uma hora. Com uma lar gu ra de qua se dois qui lô me tros, cor ria o Xin gu com uma im pe tu o sa ve lo ci da de, ain da ma i or do que nos ou tros rápidos até aqui, entre lajedos e blocos de granito de tamanho ainda mais considerável do que os que tínhamos vis to até en tão, de po is de ter pas sa do de sua di re ção nor te para ou tra no ro es te, am pli an do com a curva seu le i to para a atu al lar gu ra.

Nos so bar co ti nha-se, como o do nos so novo ami go Mar tinho, mantido perto da margem esquerda, porque, sen do a cor ren te mu i to impetuosa no meio dos rápidos, diminui notavelmente nas margens, transformando-se, não raramente, em contracorrente. A ubá do padre, que ficara para trás, manteve-se, ao contrário, muito para o meio, foi arrastada para o largo e teve muito tra ba lho para, aten den do aos ace nos de Mar ti nho, vol tar para o ca nal exa to con tra a cor ren te. Era belo lan çar um olhar retrospectivo rio abaixo por sobre as florestas em subida por trás da casa de Mar ti nho e a sel vo sa ca de ia de co li nas, que pa re cia ter mi nar o curso do Xingu e perdia-se no cimo das árvores das pequenas ilhas que ficavam mu i to per to aba i xo dos rá pi dos na di re ção da mar gem direita. O pri me i ro pla no era for ma do pe los gran des blo cos de gra ni to, por en tre os qua is cor ria o rio es pu man do, e a ubá do pa dre lu ta va con tra a cor ren te, qua se le van ta da pe los es for ços re u ni dos dos nos sos bron ze a dos com pa nhe i ros, dos qua is cada um era um mo de lo de for ça e vi gor, como a nós os europeus, só os antigos ainda mostram! O Conde Oriolla e o Padre

Torquato não eram nenhuns espectadores ociosos, e sim trabalhavam tam bém a va ler, mu i tas ve zes com água até aos pe i tos. Por fim ven ceu a for ça uni da! Mas mes mo aci ma da gran de for ça da ca cho e i ra teve-se que lutar con trasua im pe tu o si da de.

Resta ainda mencionar um fenômeno raro que já chamara mi nha aten ção on tem, an tes de che gar mos à ca ba na de Mar ti nho, e que se re pe ti ra ho je; em meio dos rá pi dos pa re ceu-me como se nos so bar co estivesse num alto ponto divisório donde a superfície do Xingu parecia a os pou cos des cer tan to rio aba i xo como rio aci ma. Ontem, ao con trário, este fenômeno só tinha lugar quando olhávamos rio acima. De que resulta este engano, é para mim um mistério; no entanto surpreendeu-me sumamente.

Continuavam a aparecer blocos isolados de granito na im pe tuosa torrente, por entre os quais, aqui e ali, saíam do rio moitas de mato. Vimos então, de súbito, a ubá de Rocha, que remava a algumas centenas de metros na nossa frente, sair fora do seu rumo até ali e do brar à es quer da por en tre al gu mas la jes de gra ni to, em par te re ves t idas des sas pe que nas mo i tas, cer can do uma pe que na área de águas tran çui las, que pare ci am re pre sar e pro te ger. Fi ze ram-nos si na is, se gui mo-los e não tar dou a ou vir mos o gri to: “ja ca ré!” Entra mos na pe que na ba ía e cra vamos os olhos na água ver de-es cu ra, com as es pin gar das de pron ti dão e nossos índios com seus ar cos re te sa dos e fle chas em ris te. Do ou tro bar co as se guravam-nos terem visto um jacaré deslizar por um dos lajedos para dentro da água. Não havia dúvida de que estivera ali, mas restava saber se ainda estava. Cruzamos por algum tempo a pequena área, enquanto os que es tá va mos ar ma dos nos aper tá va mos na proa da ca noa para ob ter, se possível, o melhor lugar. Depois de alguns momentos os índios descobriram o animal: via-se nos seus olhos que o tinham descoberto; mas seguindo seus olhares nas águas escuras, foi-nos inteiramente impossível descobrir fosse o que fosse. Mas não tardou muito e sentimos um cheiro de almíscar, o conhecidodenunciador destes grandes répteis, ao mesmo tempo que um pó pardo revolvido dentro da água turvou-a. Sibilaram em tão duas fle chas para den tro dela, onde de sa pa re ce ram, para um momento depois suas extremidades ornadas de penas emergirem a pru mo aci ma da su per fi cie. Vi mos em tão que es ta vam es pe ta das no ani mal, mas provavelmente devido a um movimento de lado, desapareceram

novamente. Por fim a água clareou, o sol penetrou-a, e pareceu-me ver uma barri ga bran co-ama re la da no fun do, me xer-se. Um mo men to an tes a ubá do nosso amigo padre juntara-se a nós; tinha ele apanhado um arco e, atra ves san do-se di an te do Con de Ori olla, ati rou com des tre za de índio e segurança sua flecha com a qual o crocodilo ferido subiu quase até a superfície. As flechas do dor so mos tra vam-nos o ca mi nho, e nossas ubás seguiam instintivamente a direção indicada. Meu tiro falhara e um segundo não estava rapidamente à mão, então o Conde Oriolla teve a desinteressada bondade de oferecer-me sua espingarda de dois canos carregados. Logo depois o crocodilo veio à superfície pondo a cabeça inteiramente fora da água, o que me proporcionou a sorte de liquidá-lo com um tiro *à bout portant* na cabeça. Qu an do pu xa mos o mon stro para dentro da ubá vimos que tinha só cerca de metro e meio de comprimento, e que, portanto, era um jacaré-tinga, pertencendo à espécie de jac arés pequenos com papo e carapaça moles e delgados, porque os grandes, os verdadeiros crocodilos, os jacarés-uacus, só se encontram no Amazonas mesmo. O pobre animal estremeceu ainda na ubá, porque, como é sa bi do, es tes rép te is são du ros de morrer.

O rio manteve, quando de pois da ca ça da prosse gui mos nos sa viagem sob um sol abrasador, sua fisionomia; as palmeiras uauaçu apare ce ram, ao con trá rio, em ma i or nú me ro com as suas co ro as de plu mas. Passava do meio-dia quando chegamos à maloca seguinte. Piunteua é uma pe que na ilha se pa ra da só por um es tre i to bra ço de rio das flo res tas em subida da margem direita do Xingu; pelo menos a próxima colina sel vo sa não pa re cia mais ne nhu ma ilha. É, po rém, di fi cil sa ber-se aqui o que é con ti nen te e o que não é. Os nos sos ín di os de Sou sel mes mo não podiam informar bem e com segurança, embora um deles afir masse ter avan ça do até es tas re giões.

Na margem esquerda erguem-se duas cadeias de colinas sel vo sas, li ga das en tre si nas suas ba ses até mu i to per to do rio. Orla vam as ilhas mato baixo de mistura com cactos isolados os primeiros que víamos depois de muito tempo, sob os quais apareciam os lajedos nus banhados pelo rio. Acima de sua superfície viam-se espalhados blocos de granito isolados, igualmente revestidos de mato baixo, e da água sa íam es tre i tos ca nais em di re ção à terra. Mu i to per to da mar gem ro cho sa de Piunteua, arqueavam-se dois pequenos ranchos por cima de duas

famílias de índios balançando-se nas suas redes, que se tinham rodeado de todo o confor to ín dio, isto é, das pou cas co i sas que bas tam às mo destas ne ces si da des des tes filhos da na tu re za. Ca ba ças de to dos os ta ma nhos e cestos de mandioca no chão, e em cima, perto do telhado de folhas de palmeiras, estavam enfileiradas as armas. Árvores de copas mais baixas ensombravam os ran chos e al guns pe sa dos blo cos de gra ni to se pa ra vam um do outro. No rio estavam duas canoas junto às quais as nossas apressaram-se em costar.

Só por um momento boa gente deixou-se incomodar com a nossa presença, recebendo-nos muito amistosamente, depois do que voltaram imediatamente a balançar-se nas suas re des. O pa dre sen tou-se junto deles conversando e procurando captar-lhes a confiança, preparando terreno para mais tarde. Nós e o nosso pessoal misturamo-nos entre eles, examinando seus utensílios e armas, dos quais compramos alguns. Eu, por exemplo, comprei um pí fa no a um des ses ju ru nas, fe i to do osso de um dos seus ini mi gos, um cu ri na ja aba ti do por ele, e um par de pe que nos re mos com os qua is in di o zi nhos nus brin ca vam.

Em cima de um bloco de gra ni to à es quer da dos ran chos, junto de uma es tre i ta ve re da que, ser pe an do por en tre os blo cos que ro deavam a ilha, le va va a uma gran de ca ba na em cons tru ção, es ta va es pi cha da uma pele de onça. Esta va ain da quen te e mole, e as man chas de san gue ain da estavam visíveis. Quando mais tarde, na nossa volta, tocamos novamente em Piunteua, o chefe desta maloca contou-nos que tinha visto na manhã de hoje aquele tigre nadando na margem perto de sua pequena ilha, e que o matara a meio caminho para ela, na água, com suas flechas. A jul gar pela pele, essa onça não era das ma i o res.

A pro pó si to des te ani mal fe roz, só ago ra me vol tou à men te o meu gigantesco crocodilo, que eu tinha recomendado particularmente ao ne gro, na es pe ran ça de exi bir em Ber lim este tro féu de me tro e meio de com pri men to, como um dig no *pendant* da gi gan tes ca ser pen te de mais de dezessete metros. Imagine-se o meu hor ror quan do vi meus co mpa nheiros bronzeados, tendo a frente o desnaturado negro, sentados em vol ta dum fla me jan te fo gue i ra, que che i ra va de tal modo a al mís car que euteriare conhecido imediatamente na carne branca co zi nhan do, o meu mo ns tro, mes mo se a ca ra pa ça e o cou ro no chão não o ti ves sem de nunciado! Ao lado estavam muitas índias ocupadas em mexer uma

papa amarela de bananas, que preparavam para os de sua tribo, e de que o nosso pessoal podia partilhar com os hospitaleiros jurunas. O Conde de Bismark provou o croco di lo, mas parece que não ficou muito satisfeito; repugnou-lhe sobretudo o cheiro. O doutor, ao contrário, achou-o excelente, por quanto fazia-lhe lembrar seus belos dias entre os botocudos.

Já passava de 2 horas da tarde quando Piunteua ficou para trás. Na pe que na ilha rocho sa pla na er guia-se uma alta flores ta os ten tan do um magnífico verde, acima da qual uma palmeira u a çu er guia ci u menta sua altiva co roa de plu mas ao lado de uma alta árvore, que es ten dia seus galhos pouco frondosos em forma de le que para o céu azul.

No meio de nossa esquadilha o barco do padre oferecia um aspecto singularmente interessante. Na proa da ubá o homem com a grinalda de penas de papagaio trabalhava com renovada força; por trás dele, apoiado na sua vara, estava um novo índio bronzeado, um jovem esbelto índio, com uma pena branca atrás da orelha, em cujo semblante se via a alegria infantil que lhe causava a maravilhosa viagem fluvial, pronto a partilhar do esforço, enquanto o Conde Oriolla e o Padre Torquato sopravam alternadamente na grande trombeta índia de caça e de guerra, que tinham acabado de comprar na maloca tirando sons surdos dela. Vendo aquelas vigorosas figuras e ouvindo o estranho somido daquela trombeta, que ecoava nas florestas, vinha-me instintivamente à mente: por quantos séculos, por quantos milênios mesmo, poderiam já as margens da quele rio oferecer o mesmo aspecto; por quantos milênios poderiam já aquelas tribos de índios ter levado aquela mesma vida naquelas cabanas isoladas e ido à caça e à pesca ou empreendido seus pe que nos ataquemos ao inimigo na queles barcos; quantas gerações, quantas tribos mesmo tinham vivido assim e desaparecido da Terra?

Lutando contra a impetuosa corrente, que hoje pelos meus cálculos não nos permitia avançar mais de 1 nó, só depois das 3 horas da tarde conseguimos aproximar-nos da Cachoeira Passaí, que opôs um sério obstáculo ao nosso avanço. Só podíamos avançar muito lentamente de um lado por um espesso matagal saindo da água; os rápidos e o matagal, que escondia toda a perspectiva, não queriam acabar. Por fim, quando o sol já baixava seus últimos raios abrasadores, encostamos na praia arenosa de uma projeção de terra, que a princípio tomamos por

uma ilha, mas que de pois vi mos ser uma proje ção da mar gem di re i ta do Xingu. Nos sos ín di os de Sou sel de sig na ram-na com o nome de “Ponta”.

Enquanto se fazia a nossa fogueira, gracejamos com o jovem índio que trazia a pena branca atrás da orelha e que, vindo do interior, via em nós os primeiros brancos. Era também um juruna. O Conde Oriolla deu-lhe uma espingarda carregada para disparar; mas nenhuma persuasão o demoveu; tinha medo; embora não desconfiasse absolutamente de nós, a detonação assustara-o muito. Aceitou, porém, muito contente, o convite para dançar conosco. Demos-lhe o braço, cada um por sua vez, e imitamos, tão bem quan to pos sí vel, os pas sos que tínhamos visto as damas índias dar na festa da dança em Tavaquara. No entanto, fartava-se de rir, estava fora de si e contente, e até cantava conosco acompanhando nosso inarticulado canto. Tentamos arrancar dele, por intermédio do intérprete, donde realmente era. Em lugar de res pender-nos, apontou para a lua que acabava de nascer, e descreveu com os braços, acom pa nhan do esse mo vi men to com todo o cor po, oito cír cu los perfeitamente distinguíveis, certamente para significar que se gastavam oito me ses na vi a gem para sua ter ra. Como mos tras se um ex tra or di ná rio interesse pelas nossas coisas e pela sua curiosidade deixasse perceber que desejava muito possuir algumas dessas maravilhosas e raras peças, demos-lhe uma faca e, se não me engano, *Herr Theremin* uma camisa. Ficou contentíssimo; ves tiu a ca mi sa e não ces sa va de mi rar-se com ela. Excitou sobretudo sua curiosidade minha jaqueta azul de lã; grande foi também seu contentamento quando me viu vesti-la, e abotoá-la e desabotoá-la muitas vezes, para tornar-lhe também conhecida esta engenhosa descoberta.

Esperava-nos um mutum assado, que foi consumido com excelenteapetite, não obstante os mos qui tos que até aqui pou co se tinham feito sentir, começarem esta no ite a tor nar-se su ma men te de sa gra dá ve is. Mal terminara a ceia, estes mosquitos, sobretudo uma espécie muito pequena a que chama carapanã, que, como o cônsul nos dissera, tão feqüen te men te in va di am as belas par tes da Tiju ca, aba te ram-se zum bindo sobre nosso pequeno grupo, e aferrando-nos de tal modo que com a cocêira cor ría mos como do i dos dum lado para ou tro! Alguns dos nossos atiraram-se, em desespero, no Xingu, na esperança de escapar-lhes, enquanto eu atirei-me a uma gar ra fa de cân fo ra que tí nha mos pruden-

temente trazido como preservativo, para me esfregar com o conteúdo da mesma; ambos estes recursos deram resultado por alguns minutos, mas depois as comichões tornaram-se piores do que dantes! Por fim, porém, depois de muito sapatear, de muito saltar e correr, venceu o cansaço, e, com duas achas ardendo nas mãos, agitando-a constantemente ao modo índio dum lado para o outro, procuramos o caminho no cerrado próximo, onde dois ranchos em ruína nos deveriam acolher pela noite. As redes foram armadas, deitamo-nos nelas, fechamos os olhos, mas o sono não que ria che gar. Em vez dis to, re me xia mo-nos por tal for ma que os es te i os dos ran chos co me çam a es ta lar, e en fi a mos as pontas dos pés e os cotovelos pelas estreitas malhas da rede, elevando-os muitas vezes no ar como aferroados por uma tarântula; tínhamos então para impedir a queda, muito trabalho para restabelecer equilíbrio dos nossos leitos oscilantes. Mas julgamos ter descoberto um provável meio de al can çar nos so des can so no tur no: o pon cho de via es tar mais enrolado nos pés e então teríamos tirado ao impertinente inimigo, pelo menos por este lado, a possibilidade de ata car-nos. Sal ta mos por isto li ge i ros de nos sas re des para nos tor nar a de i tar de novo modo. Mas não con se gui mos nada com isto, porquanto os amáveis animaizinhos, pareciam querer fazer uma fes ta re ga lan do-se toda a no i te nos nos sos ros tos!

A esta triste circunstância, juntou-se ainda outra descoberta para o pobre cônsul não menos desanimadora, quan do pres sen tiu na esc uridão da noite que do esteio, exatamente por cima de sua cabeça, pendia um ni nho de for mi gas, cu jos ha bi tan tes de vez em quan do ca íam-lhe em cima do nariz, o que era para ele ainda uma nova distração não lhe permitindo conciliar o sono. Pu lou em de ses pe ro da rede e foi pro cu rar refúgio junto da fogueira. Seguí seu exemplo, porque os mosquitos já me aferroavam os pés atra vés do pon cho, e, ape sar de to das as me di das de defesa, tinham encontrado caminho para dentro de minhas botas e calças. Eu também, francamente, não podia agüentar por mais tempo, não me admirando de que minha paciência já de si pouco resistente, se tivesse exaurido.

Com o poncho enrolado, as mãos diante do rosto, saí da esc uridão do meu cerrado e fui para junto da fogueira chamejando pa li damente, ao lado da qual o Conde Oriolla, inteiramente coberto pelo seu mosquito e ainda enrolado no poncho, parecia realmente adorm e cido.

Isto era uma boa perspectiva, por que aí nós outros também poderíamos esperar algum descanso. Todavia, *Herr* Theremin procurou pouco depois o rancho novamente, e agora ficara só o nosso novo amigo do interior comigo, que com a sua alvacamisa irradiava felicidade. Ajudou-me a procurar galhos secos, para atizar a fogueira que devia afastar a praça. Encontrei de fato algum alívio aproximando, alternadamente, do fogo, ora os pés ora a cabeça, e a despeito dos “bichos” (pulgas da areia) pulando em volta, que aqui nas praias se juntam aos nossos inimigos aéreos, cá num curto sono. Acordei logo depois, e da como chão ainda mais forte, de duzi que os carapás, durantes meu sono, não tinham estado inativos. O Conde Oriolla, com o seu poncho, não estava mais seguro agora contra eles; ademais alguns dos nossos companheiros tinham também deixado o rancho e deitado em volta da fogueira, uma prova de que no cerreto também ainda não estava seguro.

Nosso pessoal passara esta noite das comichões e coceiras a pouca distância de nós na praia; acoraram-se muito juntos uns dos outros e tiveram a feliz idéia de se cobrirem com o toldo do *Growler*. Parecia um feio amontoado cinzento que de vez em quando se mexia! Por cima de nós passavam alternadamente nuvens brancas e nuvens escuras, diante do claro disco da lua, e, de repente, cáiram gotas de chuva. Corremos todos para os ranchos e metemo-nos nas redes. Os mosquitos abrandaram um pouco por causa da chuva; esta, ao contrário, tornou-se torrencial; nosso pessoal apertou-se debaixo do nosso inseguro telhado e nós adoramos!

10 de dezembro

O dia acabava de romper, quando deixamos os ranchos, e, carregando nosso pertences, fomos para a praia areosa para o almoço em comum. Nuvens negras pairavam sobre nossas cabeças, e começou a chover. Os mosquitos parecia que tinham acordado também, porque estavam agora mais ativos. A chuva tornou-se mais forte, que era um bom sinal. Demoramos um pouco para embarcar e a antiga verdade confirmou-se mais uma vez: “À chuva se segue o sol!”

Às seis e meia da manhã prosseguimos a nossa viagem. De ambos os lados do Xingu iam-se colinas arredondadas deixando presu-

as margens, ao passo que freqüentes e incontáveis ilhas planas roubavam-nos a vista com os seus altos grupos de árvores ou nós, rompeno com muito trabalho através do matagal e valseiros que saíam do rio, quase que perdíamos toda a perspectiva em redor. Hoje este trabalho não era tão agradável, porque quando atravessávamos o mato molhado agitávamo-lo e a roupa estendida na canoa para secar, sobre flechas convenientemente dispostas para isto, e que já estava seca pelo sol abrasador, ficavanovamente encharcada. Dis to éramos de algum modo compensados, pelos frutos semelhantes, na forma e na cor, às cerejas e ameixas, que podíamos facilmente colher no matagal ao passarmos e que em bo ra amargos, incitavam o apetite pela variedade.

Hoje devíamos chegar a outra habitação de jurunas, precisamente à cabana de Carlos, na embocadura do Iriri (Guiriri), onde nós, baseados no dizer de Martinho, esperávamos finalmente ter informações sobre uma grande colônia de índios naquela região, da qual já ouvíamos falar em Sousel e que, como tínhamos assentado, seria o destino final de nossa viagem. Foi por isto muito natural que eu, já hoje muito cedo, tivesse interrogado o caçador índio que dirigia nossa ubá sobre a embocadura do referido rio. Ele apontou para trás, para noroeste, para a margem esquerda coberta de florestas, dizendo que ali, por trás de nós, o Iriri deságua no Xingu; as muitas ilhas porém, escondem sua embocadura dos nossos olhos. Todavia, mais tarde, verificou-se que esta informação até certo ponto não era exata, porque esta boa gente não tem, como bem se pode imaginar, uma idéia clara de geografia da terra, que, aliás, parece ser-lhe inteiramente indiferente. É sobretudo difícil, pela sua completa indiferença, tirar qualquer coisa destes homens sempre alegres, o que é tanto mais desagradável por ter de ser-lhes inteiramente entregue a direção das viagens nestas regiões desconhecidas, e eles, como já ficou dito, não terem nenhuma idéia de duas coisas tão importantes para nós europeus: tempo e espaço. Se se quiser manter os índios de bom humor, costuma dizer o Padre Torquato, deve-se deixá-los à vontade, nunca incitá-los. Então, trabalham de boa vontade e tanto quanto podem.

Se quiserem, porém, descansar, não se deve tentar dissuadi-los; deve-se deixar-lhes a liberdade de decidir onde querem fazer alto e acampar para passar a noite; e nunca abusarão desta liberdade. Se guiemos este bom conselho do padre e vimos sua opinião inteiramente confir-

ma da. Nada nestes casos é mais necessário evitar do que o descontentamento do pessoal.

Neste ínterim tínhamo-nos aos poucos aproximado mais da margem, quando nos mostraram, numa pequena ilha rochosa plana, a cabana redonda amarelada de Carlos. Vinda do oeste, com a largura de 300 a 350 metros, entra aqui no Xingu uma água que é acompanhada no sul por uma cadeia de colinas terminando numa ponte vestida da mais bela floresta virgem, por entre a qual se torna notável a grande quantidade de belas palmeiras que, numa suave curva, se inclina para leste e que separa essa água da corrente principal do Xingu, correndo entre as longínquas e escuras florestas do sul. A margem norte do braço de rio, perto da embocadura, parece ser constituída por ilhas selvosas que, terminando com a ilha da Casa de Carlos, alcançam tão longe quanto aqueles altos selvosos promontórios na corrente principal do Xingu. Achei por isto, desde o princípio, que aquela água de via es tar em comunicação com a embocadura do Iriiri. To da via, foram precisas muitas horas até que, por fim, os índios, de posição muito variável de um lado para o outro, afirmaram com certeza que era um braço do Xingu, no qual de água pouco antes o citado rio, o que já antes tinham afirmado por mais de uma vez.

Nos sabá, que se tinha adiantado das outras, por que o piloto índio tinha de nos anunciar, encostou primeiro na margem rochosa da pequena ilha, que à primeira vista pareceu-nos abandonada pelos seus habitantes. Percorremos por isto com a vista a ilha e o rio, e descobrimos uma ubá que, vindo da margem direita e dirigindo-se para o desembarcadouro da maloca, descia transversalmente o Xingu. Quando ela se aproximou, distinguimos muitas índias com crianças e alguns cachorros; na proa estava de pé dois esbeltos rapazes, armados de arco e flechas, enquanto um robusto índio na frente, auxiliado por duas mulheres remando, manobrava com a vara. As índias saltaram ligeiras em terra e correram medrosas para a cabana. Depois vieram também alguns homens que tinham chegado no entretanto, que desceram até nós e cumprimentaram-nos amistosamente, tendo nossos outros barcos chegado neste ínterim.

Por esta gente, soubemos que aquela grande maloca no Iriiri não existia mais e que seus habitantes que, segundo uma notícia posterior,

não eram jurunas, de ven do sim ser ta co nha pés, ti nham-se pro va vel men te mudado mais para o interior. Em compensação, disseram-nos que se su bísse mos o Xingu, en con tra ría mos de po is de pou co tem po uma gran de maloca de jurunas, onde só havia in dí ge nas que não ti nham sido ba ti z ados e que não mantinham mais nenhum contato com os brancos. Decidi mo-nos então por este novo destino, e a prosseguirmos a viagem logo de po is que nos so pes so al ti ves se aca ba do de co mer e co zi nha do os pe i xes, que nós pre ten día mos co mer de ca mi nho, mis tu ra dos com fa ri nha.

Carlos, um belo e esbelto índio, com colares de contas azuis no pescoço, juntou-se a nós e tomou a vara, manejando-a como uma lança leve, na proa da ca noa do cõn sul e do dou tor. Nos sa ale gre es qua drilha atravessou a embocadura daquele largo braço de rio no qual o Iiri devia desaguar e passou remando pela ponta leste daquela selvosa e ba i xa ser ra aci ma des cri ta, que não tar da mos a de i xar para trás.

O Xingu toma daqui por diante um caráter inteiramente diferente. Os blocos de granito no rio tornam-se maiores; as ilhas que até aqui apenas se elevavam acima da água, as ilhas mesmo, em parte submersas, elevavam-se agora como inúmeras colinas arredondadas acima da superfície, revestidas dos mais viçosos balseiros, árvores frondosas e belas palmeiras; as praias que freqüentemente apareciam nas suas orlas encostavam em terras frouxas. Na areia da praia de uma destas ilhas vimos, para nossa grande alegria, um rasto fresco de tapir, que indicava tratar-se de um animal possante. Imprensado entre altas ilhas e as colinas que se erguem na sua margem, e o grande Xingu corre dividindo-se em incontáveis braços que separam outras tantas encantadoras pequenas florestas, e prossegue rolando impetuoso qual uma torrente das montanhas, por sobre rochas, blocos de granito e lajedos. Atravessando este labirinto, perdemos todo o conjunto da perspectiva; só aqui e ali gozávamos de um curto, porém encantador golpe de vista sobre a serra do Iiri, dourada pelos raios chamejantes do sol da tarde, que parecia engastada na moldura verde-esmeralda da viçosa vegetação da ilha que se elevava ao seu lado. O constante turbilhonar regressivo e os rápidos nos forçavam muitas vezes, a saltar das ubás, que só podiam ser empurradas para adiante pelo esforço em conjunto do nosso pessoal dentro da água. Nestas ocasiões saltávamos com as nossas coisas mais importantes empacotadas, de um bloco para outro, até encontrarmos uma oportunidade de reembarcar.

Por fim, vimos mais claro diante de nós; parecia ter-se aberto um estreito do rio, mas era só um dos principais braços, onde entramos, entre a escura serra do Castanhal, que se erguia na margem esquerda a uma altura de 240 a 300 metros, e uma alta ilha selvosa no rio, que a princípio tomamos pela sua margem direita.

Com al gu mas re ma das de i xa mos para trás o es tre i to do rio, e entramos numa larga bacia, à qual estavam novamente espalhadas aquelas muitas vezes citadas pequenas ilhas rochosas planas cobertas de mato. Entre as mes mas e até per to da mar gem es quer da, to da via lon ge bastante para se poder avistar livremente o arco achatado do contorno da serra, so bre pu ja do por ár vo res iso la das, e seu sopé que des cia até ao rio, fica a pequena ilha do Castanhal, que alcançamos às quatro e meia da tarde. Um pequeno porto cercado de mato recebeu nossos barcos. Rodeia-o uma lom ba are no sa ar re don da da, so bre a qual, en tre al gu mas plan ta ções maltratadas e arbustos, erguem-se quatro cabanas por parte de cujos habitantes tivemos um hospitaleiro aco lhi men to. Mostrou-se par ti cu lar men te amá vel e pre vi den te a es po sa, já de ida de, do che fe; uma mu lher nas ci da em Sou sel, de ori gem ín dia, que se gui ra para as sel vas seu ma rido a quem conhecera numa sua viagem de negócios. Sua alegria por ver gen te de Sou sel pa re ceu gran de e o pa dre apro ve i tou-se do seu co nhe ci mento para inteirar-se da situação da região, o que lhe foi tanto mais fácil por ela falar por tu guês em bo ra mal. O sol já se ti nha pos to e a lua já es ta va cla ra, quan do nos pre pa ra mos para dor mir.

11 de dezembro

Aqueles de nós que tinham preferido o ar livre ao ambiente abafado da cabana, foram pouco antes do amanhecer obrigados por uma leve garoa a deixar as redes. Mas, assim que o chuvisco pouco a pouco cessou, começamos a fazer o fogo para cozinhar, jun tan do-se en tão a nós um velho pajé que trouxe com ele um banquinho da cabana; antes, porém, de sentar-se, olhou para as nuvens escuras que continuavam ameaçando chu va, so prou para elas di ver sas ve zes com toda a for ça dos pul mões e an dou de um lado para ou tro com os bra ços er gui dos para o céu e as mãos espalmadas voltadas para cima, esconjurando com a maior gravidade a chuva no ar em volta. Depois olhou para nós triunfante, como se quisesse dizer: “Ago ra po dem es tar des can sa dos, que não ca i rá

mais nem uma gota”. Segurou o banco úmido por cima do fogo, e por fim sentou-se nele, para fumar tranquilamente seu charuto.

Eram seis e meia da manhã quando deixamos Castanhal, chamada Muruxitena pelos índios. Quando nos aproximamos novamente das magníficas e cerradas florestas da margem direita, encontramos, pouco depois de termos partido, uma ubá que descia o rio. Uma bonita e jovem índia, ricamente ornada de contas, cercada de seus filhos nus muito enfeitados, estavam nessa canoa, que dois homens impeliavam remando. Todos olharam-nos admirados e eis que, de súbito, deram uma volta e puseram-se a remar rio acima, porfiando conosco. E assim foi que o número de nossas ubás subiu para sete!

Algumas horas depois fizemos alto junto a uma cabana em construção na margem direita. Jacuí fica entre belas e altas árvores da floresta virgem. Olhando daqui pelo Xingu acima achamos uma surpreendente semelhança entre esta e as regiões do Amazonas. O rio é largo, as florestas virgens nas margens formam uma avenida descendo em perspectiva para o horizonte, e aqui e ali compridas e estreitas ilhas revestidas de cerradas florestas virgens, seguindo a direção da corrente, interrompem a superfície da água. Descansamos na cabana ainda sem telhado, até que o nosso arroz ficou cozido; infelizmente tivemos de pôr o nosso grupo a meia ração de arroz, porquanto já podíamos calcular que nossa ausência das “marmitas” do igarapé iria além do que esperávamos.

Balançávamo-nos, nós europeus e os índios amigos placidamente ao lado uns dos outros nas nossas redes na muito pitoresca cabana sem telhado, onde estavam grandes gamelas feitas do tronco escavado dum árvore colossal, e colossais baças contendo, segundo o padre, um muito venenoso caldo amarelo de mandioca. Todos os utensílios, armas, etc., já estavam arrumados nas preteleiras em volta. No meio estavam alguns troncos abertos ao meio sobre os quais nos sopeamos a sua refeição, e no fundo, na extremidade de livre abertada cabana, corria o escuríssimo Xingu, limitado pelas intermináveis florestas da outra margem.

Depois de um descanso de quase uma hora, partimos novamente. Nosso barco voava como de costume, apesar do sol abrasador, com a rapidez de uma seta diante de todos os outros. O doutor, que já antes de Jacuí trocara o lugar com o Conde Bismark, abriu seu grande guarda-sol para abrigar-se do sol, o que muito incomodava nossos pobres

remadores, e durante muito tempo olhou toda a perspectiva rio acima. Quando ele, por fim, a pedido geral, fechou o guarda-sol – e por mais de uma hora lhe tínhamos permitido seu egoístico conforto – estendia-se distintamente diante de nós a alta serragem de cerca de 300 metros de altura, que já de Castanhal divisáramos ao longe no horizonte, ao sul. “Além, naquele espinhaço coberto de florestas”, disse de repente um dos nossos caçadores, “ficam as malocas.” Estava assim à vista o fim de nossa viagem. “Até aquela montanha”, foi a senha, “e não mais adiante.”

Até aqui só tínhamos olhado para a frente, por quanto desce o Pará tinha-nos incitado um incessante e infatigável prurido de avançar; em nenhum momento podia por consequência vir-nos à mente a idéia de regressar e arrefecer nosso ardor, nossa ânsia de penetrar mais profundamente nas florestas, de avançar cada vez mais subindo o curso do rio; todavia, agora, no momento em que aquela cadeia de montes com as almeçadas, embora não visíveis malocas dos jurunas inteiramente selvagens, se apresentavam tão subitamente, diante de nós, sentimos, como nunca antes, que doce melodia há na verdadeira pátria! Tão longe, tão longe dela no meio das infundas florestas da América do Sul, pareceu-nos neste instante como se pela primeira vez nos pudessemos entregar tranquilamente à idéia do regresso, fazendo desaparecer subitamente o abismo que nos separava, como se nossas mãos já pudessem tocar na Europa! O pensamento podia transpor rapidamente as queridas ondas ultramarinas: tanto mais considerável porém se apresentava a ele o conceito do tempo. As últimas notícias da Europa eram de meses antes, e poderiam passar ainda meses até que nos chegassem cartas mais novas, cujo conteúdo talvez já há muito não fosse mais verda-de! Quantas coisas já poderia ter mudado! Passaram-nos pela mente todos aqueles lugares do outro lado do oceano, tão caros aos nossos corações, que pela grande distância se fundiam num só ponto – chama do Europa – e quanto perto se está frequentemente da Europa e contudo tão longe! Isto só se sente quando se transpõem os mares azuis!

Já por muito tempo deslizávamos procurando sombra sob os galhos suspensos por cima até longe, que as árvores de uma comprida ilha perto de nós, à esquerda, estendiam como um escuro teto sobre os barcos – quando ouvimos latidos de cachorros e farfalhar de ramagens, e logo depois encontramos uma canoa, que encostou num lugar da

margem, onde dos ramos cortados e pisados se deduzia que ali terminara a caçada. Na proa da ubá, um bonito e esbelto rapazinho manejava a vara com a destreza nativa e o ardor da juventude. Faziam realçar agradavelmente seus membros bem proporcionados a pintura preta em volta dos ombros e quadris, e as listas pretas em volta das pernas, o que instintivamente me fez lembrar o costume espanhol de Cortez. O suor escorria-lhe da testa e brilhava nos seus compridos cabelos pretos, sem que despregasse os olhos do homem hercúleo que como um leão castanho com juba de azeviche, estava sentado na outra extremidade da canoa, guiando-a segura e destramente com o pequeno remo. Contrastava singularmente com as nobres e amistosas feições do velho aquela listra preta que lhe dividia o rosto no sentido do comprimento. Entre o avô e o neto, estavam no meio da canoa os troféus do dia, a colossal cabeça e as pás de um tapir retalhado de novo e ainda sangrando. Apontaram alegres para os sinais da vitória, quando remamos até perto deles. O velho caçador balançou a cabeça rindo-se, diante da alegre altivez do menino que apenas tinha “feito companhia” naquela caçada de tapir e que com o seu olhar ousado parecia desafiar o nosso pessoal para um *a regatta*.

O índio tinha atirado no tapir – “tapiira”, como lhe chamava a velho – hoje pela manhã na margem esquerda, e depois de ter rebuscado em vão a ilha perto de nós à esquerda, queria voltar para a cabana. Mas os cachorros farejaram a presa, cercaram-na e procuravam sempre de novo lambar o “suor” do tapir. A voz fina do menino não chegava até eles, nem uma ocasional pancada com a vara os aquietava; por isto o velho teve de intervir, e só então aquietaram-se de má vontade.

Mas logo de pois nos sosca minhos se pararam-se, por que a canoa do índio atravessou a rio transversalmente para a margem esquerda, enquanto a ilha a bombordo terminava permitindo-nos ver por um momento uma única cabana de índio perto da margem direita. Depois apareceu no va mente à esquerda, perto de nós, uma ilha com pri da re vestida de florestas virgens, como a precedente. Desde Jacuí começaram a aparecer novamente nas margens, em grande número, as palmeiras jauari; acompanharam-nos também desde muitos dias árvores com grandes vagens, que em parte cresciam nas margens, em parte mais embaixo, parecendo saírem do rio mesmo.

Como ti vés se mos al can ça do agora o fim de nova ilha, do bra mos à esquerda por entre mu i tas ilhas e cru za mos pe los es tre i tos ca na is para to dos as la dos sem nos po der mos ori en tar, por quan to tí nha mos de i xa do de perguntar qual era o caminho, até que, por fim, às quatro horas da tar de, e até ines pe ra da men te, che ga mos a uma ma lo ca cha ma da Pi ra nha quara (ou Piranhosucuar). Numa pequena ilha arenosa erguiam-se três cabanas de ju ru nas, ro de a das de plan ta ções de man di o ca, al go dão, ba na nas, e me lan cias, in va di das pelo mato, como as que os in dí ge nas cost u mam fazer em volta de suas habitações, sem nenhuma cerca, misturadas e sem nenhuma ordem. Defronte do desembarcadouro, de onde se sobe suavemente para a ca ba na do che fe, fica ou tra ilha se pa ra da uni ca men te por um estreito canal; uma árvore gigantesca eleva-se aqui acima da espessa parede verde de lianas muito entrelaçadas, e estende seus imensos galhos horizontalmente como braços de gigante, dos quais pendem as li a nas como uma que da de água. Em am bas as ex tre mi da des do es tre i to ca nal que cor re aba i xo da ma lo ca, vêem-se ain da mu i tas ilhas se melhan tes, co ber tas de mato.

De i xa mos as ubás e, acom pa nha dos pelo nos so pi lo to e in tér pre te, su bi mos pela are ia frou xa para a ca ba na em cima, da qual os ju ru nas, desta vez todos com as armas nas mãos, saíram ao nosso encontro. Nossos sinais de paz foram bem recebidos e amistosamente correspondidos, não obstante parecer que nosso aparecimento lhes causara uma im pres são de es tra nhe za, como ca u sa ra aos outros mem bros de sua tribo que até agora tínhamos visto. Os indígenas de Piranhaquara nos parecram, se possível, ainda mais extravagantes, porquanto, como o rapazinho, estavam em parte pintados a “espanhola”, ou pelo menos tinham o traço no ros to e o co ra ção ver me lho na tes ta. A re cep ção mais guer re i ra tí nha também um maior encanto. Levaram-nos para a cabana. Depois de curta demora, saímos para o ar livre pela porta na extremidade oposta. As duas ou tras ca ba nas es ta vam a pe que na dis tância da pri me i ra, na mes ma linha que ela. Logo por trás da cabana do chefe vimos o já conhecido tapir retalhado, em volta do qual estavam muitas índias curiosas; re co nhe ce mos tam bém logo os fe li zar dos ca ça do res, avô e neto, en tre a mul tidão de índios por entre os quais andava um pequeno tapir manso, ou antes, trotava de um lado para o outro sem se in co mo dar com o seu

camarada morto, procurando com a tromba o alimento por entre o mato.

Só então ouvimos o bater dos remos da ubá do padre, que, seguido das outras, acabava de dobrar a ponta da ilha. Acenamos aos nossos amigos para mostrar-lhes o desembarcadouro, e imediatamente depois estavam ao nosso lado. O Padre Torquato apresentou-nos mais uma vez for mal men te. Para este ce ri mo ni o so ato, nos so tu xa va de Ta va qua ra en ver ga ra aque la in du men tá ria de gala que de via à bon da de do seu benfeitor eclesiástico, isto é, aquela libré azul-escura ricamente enfeitada com galões de ouro, calças azu is com uma lar ga lis tra dou ra da, além do barrete azul agalado. O cabelo comprido que ele usava enrolado em coque na nuca, dava-lhe o aspecto de uma dama fantasiada, enquanto seus pés nus, cas ta nho-es cu ros, ti nham algo de si mi es co quan do ele sun gava de fora. O Pa dre Tor qua to es pe ra va por meio des te fa bu lo so ata vio alcançar para seu protegido – que como o leitor deve estar lembrado, pre ten dia nada me nos do que a dig ni da de de tu xa va de to dos os ju ru nas – o desejado prestígio diante do seu povo. Pode-se facilmente imaginar que momento transcendental devia ser para o engalanado pretendente ao tro no esta apre sen ta ção pelo Pa dre Tor qua to. Mas ao con trá rio, toda aquela ar tís ti ca to a le te su ge ri da por uma fina polí ti ca não só não conse gui u asfixiar o sentimento de legitimidade no peito dos jurunas, como não canse gui u ven cer sua in di fe ren ça. Fi ca ram fri os, olha ram para ele sem o menor sinal de interesse e cumprimentaram-no como nos tinham também cumprimentado. Em seguida José Antô nio Bi ten court aco co rou-se com as mulheres a um canto da cabana, para entoar as lamentações pelos mortos: uma ocupação verdadeiramente índia com a qual, como é fácil de ima gi nar, sua lí bré aga lo a da con tras ta va de um modo sin gu lar. Ter mi nada a ce ri mô nia, foi des pin do as pe ças da to a le te uma após ou tra, porque por mui to que essa in du men tá ria pa re ces se agra dar-lhe, pa re cia in com odá-lo ain da mais.

Percorremos, en quan to isso, as duas ca ba nas e tro ca mos muitas ar mas e uten sí li os. Eu ad qui ri en tre ou tras co i sas uma ca be le i ra de fi bras que o possuidor ti nha to ma do de um ini mi go, cre io que dum pe a pai ou ari pai; foi-me ao con trá rio im pos sí vel com prar um man to de pe nas, aliás já um pouco estragado, por ter o dono, um pajé, viajado para Sousel. Aquela cabeleira e este manto de penas foram infelizmente os dois únicos

objetos nesse gênero que encontrei entre os jurunas. Teria também gostado de comprar o pequeno tapir, para levá-lo comigo para o Jardim Zoológico de Berlim, mas o Padre Torquato já me tinha precedido, tendo-o comprado para um dos seus amigos.

Hoje à noite de via havia na mente uma festa improvisada de dança; mas antes disto teríamos uma esplêndida ceia. O Conde Oriolla, na viagem de Jacuí para aqui, tinha matado uma arara-azul, magnífica, o primeiro destes pássaros que um dos nossos conseguira matar, não obstante já termos desperdiçado talvez mais de uma centena de tiros contra eles, que parecem invulneráveis, e ademais quase inatingíveis devido a voarem muito alto. Esta arara fora preparada da melhor forma; sabia bem, mas foi, devido a sua dureza, uma boa prova para nossos dentes. O Conde Bismark concorreu com um pombo para nossa ceia. A iguaria mais apetitosa, porém, foi um pedaço do tapir, que, assim, tinha um excelente sabor. Adiciõne-se a isto uma sopa de chocolate e pode-se dizer que no Xingu não se passa assim tão mal!

Para o pôr-do-sol reuniram-se muitos índios diante da cabana do tuxava de Piranhaquara, um velho amável, cujos compridos cabelos brancos caíam sobre os ombros escuros. Tentei travar conversa com o velho, para tirar dele algo sobre os processos guerreiros dos índios. Tive sorte, mas o que contava passava pela boca de três intérpretes antes de chegar a mim em alemão. Para nos mostrar o número dos que o acompanharam, contava os dedos das mãos e dos pés, e, por fim, fazendo um largo círculo em volta, apontava para as mãos e os pés de todos os circunstantes, para significar que o número dos seus era igual à soma dos dedos dos pés e das mãos de todos nós. Com toda esta gente atacara uma maloca inimiga abandonada por todos os homens, aprisionando muitas mulheres e matando outras. A princípio a vantagem esteve naturalmente com os jurunas, mas logo depois, quando os homens voltaram, a sorte deixou-os e puseram-se em fuga. Nessa ocasião o velho recebeu um ferimento de flecha nas costas, de que parecia orgulhar-se, não obstante constituir uma prova de sua fuga. Foi pelo menos assim que entendi a história.

Terminada a história, os circunstantes notaram logo que pretendíamos ainda entabular trocas, porque foram buscar armas, utensílios, etc., para nos oferecerem. Um velho de aspecto selvagem negociou

comigo um colar de grandes dentes de onça. Compramos também dois colares de dentes de macaco.

Entretanto tinha escurecido, e atrás da cabana a claridade vermelha de uma grande fogueira já lutava contra a luz argêntea da lua que nascia. A festa da dança ia com o luar. Sentamo-nos, parte nas esteiras, que estavam estendidas das cabanas, e parte nos banquinhos índios. Não tardou muito e a praça encheu-se de grupos bronzeados, mas ninguém parecia querer começar. Quando estávamos assim à espera da vontade de dançar dos jovens triqueiros, procurei levar a conversa para a religião dos jurunas, perguntando ao Padre Torquato em que eles afirmavam acreditar. Ele voltou-se, em vez de responder, para um velho griçalho, que sentara-se junto de nós, e que ele antes, quando estivera em Souselbatizara, perguntando-lhe qual era sua fé. O velho respondeu sem hesitar: que cria num deus, do qual vinha todo o bem, e mostrava o disco da lua, e num ser do qual procedia todo o mal. Isto foi-me traduzido pelo próprio padre, que parecia ter esperança do velho esta confirmação de sua genuína fé juruna. Tão pouco ensinam os missionários aos seus batizando sobre os dogmas do cristianismo! O batismo é para eles um mero ato político; o batizando recebe um nome e declara-se com isto que entra em Sousel para o número dos filhos de Pai Grande, o Imperador, e o Império pode incluir mais um súdito no rol da sua população, que de outro modo talvez ficasse desconhecido!

A lua, como imagem da divindade, representa naturalmente um papel entre os jurunas, e o dia da lua cheia é um grande dia de festa para eles. Preparam então, com a raiz da mandioca, uma bebida inebriante, a que chamam “caxixi”, e que à noite os habitantes reunidos na maloca bebem em comum. Assim que os homens ficam num estado de verdadeira excitação, começa a delirante festa da dança. Fora desta festa os homens nunca dançam; só as mulheres.

Contudo devia haver hoje uma destas festas de dança, não obstante a lua não ser ainda cheia e não haver caxixi. Pensou-se em substituí-lo pela cachaca, que tínhamos trazido; mas não achei prudente, por que podia dar-se facilmente o caso de que, dado um resfriamento ou extenuação do pessoal, viéssemos a precisar dela. Verificando porém o conteúdo do enorme garrafão, achamos conter tão pouca que não se podia desperdiçar mais nenhuma; por isto, como é fácil de imaginar, a

fez ta da dan ça não cor res pon deu de for ma al gu ma a nos sas exal ta das es peranças.

De pois de mui ta he si ta ção seis ín di as e uma me ni na co me ç a ram a dan ça, dando os mes mos pas sos que as mul her es de Tava qu a ra, e en to an do um can to, cuja le tra im pro vi sa da era dan do - nos as boas - vin das. En tre ela eu pu de dis tin gu ir re pe ti do mu itas ve zes os sons ar ti cu la dos: “kain be, kain be, kainbé, tova”, que por mu ito tem po eco a ram nos meus ou vi dos, quan do já me em ba la va na mi nha re de. Os ín di os fo ram pou co a pou co re col hen do - se a suas ca ba nas; a ma i o ri a de nós se - gui u - lhe o ex em plo. O pa dre, por ém, e uma par te do nos so pes so al, in clu si ve este seu cri a do, ar ma mos nos sas re des do la do de fo ra, em vol ta da fo gue i ra, que es ta va se a pa gan do e ilu mi na ra a fes ta da dan ça.

12 de dezembro

A 12 de de zem bro a dia ama nhe ceu cedo. O ve lho ca ça dor do ta pir tin ha - nos pro me ti do uma ca çada de ta pir pa ra ho je. Quan do nos en con tro u no de sem bar ca do u ro, re ce beu al guns de nós na sua ubá, en quan to dois bar cos ocu pa dos pe los de mais se gui ram - nos. O rapa zi nho tra ba lha va de no vo con te nte, na pro a da nos sa ubá; a pe que na ma til ha, pa ra a qual o nos so bar co pa re cia por de mais a pe rta do, vi bra va sô fre ga, e o am is to so ve lho ca ça dor le vou - nos pe lo la bi rin to de il has. Pou co de po is to ma mos os re mos e a ju da mos a re mar. Não tar da mos a ver ras tos de ta pir na or la da mar gem, mas não eram re cen tes bas tan te pa ra serem se gui dos. Em vez dis to, en tra mos num ca nal mais lar go en tre duas com pri das il has re ves ti das de flo res tas.

En quan to o ve lho pro cu ra va no va men te ras tos na mar gem, sal tei pa ra um ou tro bar co, de ma nei ra que o Con de Bis mark fi ca ra a go ra só com o avô e o ne to na ubá, que logo de pois ru mou a nos sa di rei ta pa ra a flo res ta. De re pen te ou vi mos um es pa da nar da águ a e, vol tan do - nos, vi mos o ra paz e o Con de ca í rem no Xin gu, de ca be ça pa ra ba i xo, com ar mas e tudo. Re ma mos rin do pa ra lá; o rapa zi nho vol tou à to na e pa re cia es for çar - se jun to com o ve lho pa ra le van tar al gu ma co i sa pa ra den tro da ubá. O Con de Bis mark tre pou en tre tan to pa ra den tro, gri tan do - nos: “O pe que no a ca ba de pe gar uma ca pi va ra” (*Hydrochoerus capybara*). Isto pas sa ra - se as sim: a ca pi va ra tin ha des li za do de mu ito pe rto

na margem, para dentro da água, para alcançá-la ilha de frente. Ven do-a, o jovem índio atirou-se na água de cabeça para baixo e o barco com o valente empuxão balançou tão violentamente que o Conde Bismark que estava de pé e de nada se apercebeu, perdeu o equilíbrio e caiu também de cabeça para baixo no Xingu. O rapaziado deslitou como uma flecha atrás da capivara e agarrou-a com força por detrás, pela cintura, de maneira que não podia voltar-se, e com tanta habilidade, que não podia alcançá-lo com seus agudos dentes. Vivos aplausos saudaram sua coragem e sua destreza. A pequena e desinquietada prisioneira foi amarrada com cipós e atirada a um canto da canoa, onde a principia soltou aguilhões, enquanto os cachorros, que só a custo se deixaram aqui e tar, olhavam-na de revés. Mas não tardou que o começo da caçada lhes desviasse a atenção. O velho caçador e seu neto deixaram o barco e seguiram a pequena matilha na floresta, porque a ilha tinha de ser batida enquanto nós, atiradores, ficávamos estacionados nos barcos, nalguns pontos conhecidos dos índios, onde as antas costumam atravessar dum ilha para outra para variarem, porque a caça dos índios a estes grandes animais, como antas, tigres, veados, etc., consiste só em fazer bater as florestas nas margens ou nas ilhas pela matilha, para depois abater no rio esses animais que sem preocupação a água quando perseguidos.

Pouco depois a matilha fez-se ouvir parecendo ter descer to rasto recente. O ponto onde estávamos, no meio do canal, junto a um enorme bloco de granito pela do rio, permitia-nos ver um belo grupo de palmeiras jauari, que se erguiam numa projeção da ilha. Nos sapinçar das estavam de prontidão; nos safantasia exaltada já via a grande caça atirar-se no rio, já procurava até em pensamento o lugar mortal que os índios nos tinham mostrado, na cabeça, atrás da orelha, ou então atrás da pá, e que devíamos visar. Numa palavra, estávamos ansiosos pela luta; tanto que eu tive de reunir toda minha paciência, para pelo menos gravar aquele grupo de palmeiras que eu agora retratava na memória – porque minha mão teria de bom grado tocar a sapinçar da pelápis.

Os latidos dos cachorros tornavam-se cada vez mais escassos, e por fim cessaram inteiramente. Passaram-se horas assim; e até mesmo os dois condos, estes apaixonados caçadores alemães, começaram a achar aquilo tedioso, e não puderam resistir à tentação de atirarem nalgumas araras que passavam, mangando como sempre, voando por

cima de nós. O Conde Bis mark teve a sorte de matar duas be-las azuis e eu o prazer de... errar muitas outras. Juntou-se a nós ainda um barco com índios, que queriam to-mar parte na caçada; naturalmente não faltavam entre eles nem mulheres nem crianças. Por fim, depois de incessante e inútil busca, a matilha foi novamente reunida, levada para o tra-ilha e lá posta a fazer. Toda via aqui também, apesar de todo o trabalho, sem resultado. Neste intervalo, a capivara aproveitou a ausência do seu jo-ve-m tirano para libertar-se, mas foi logo presa novamente. Depois de os cachorros terem sido ou-tra vez embarcados, voltamos rio acima reunindo todos os nossos esforços contra a corrente, para Piranhaquara. E assim terminou, tão tediosa quanto infrutiferamente, nossa caçada ao tapiro, da qual só trouxemos para casa como mofestros féus, al-guns pássaros, e os índios al-guns peixes que flecharam.

Durante nossa ausência a Padre Torquato e o Cônsul Theremin tinham visitado duas malocas, que ficavam a uma hora de viagem acima de Piranhaquara, Araraquahapunhum e Uaquéfuoga (ou Uaquéuocha), de onde também voltavam agora. Apenas nos tínhamos todos reunido novamente, já o grupo se dispersava outra vez, só tendo ficado eu na cabana. Devido a este acaso tive oportunidade de ver o muito singular modo de preparar a caxixi, a bebida inebriante que acabavam de trazer-nos, para que a pudessemos provar amanhã, ainda antes de partirmos. Cheguei exatamente no momento da mastigação. Três ou quatro índias bonitas estavam sentadas em volta das tigelas com massa de mandioca, tiravam um punhado, levavam-no à boca, mastigavam-no e cuspiam-no novamente dentro da tigela. Era pelo menos uma felicidade, não serem umas velhas a terem bebido antes de vos e limpos de donzelas, do contrário eu teria certamente conservado até a manhã a impressão de repugnância.

A lua já estava muito clara quando nos preparamos para dormir. Embrulhei diante da cabana meus poucos possuídos ("minhas sete coisas" teria sido dizer muito) com grande admiração dos índios reunidos, para quem estes modestos objetos eram como os tesouros de Crespo. Ficaram, particularmente admirados quando lhes mostrei o oleado lustroso e fi-los compreender que aquilo devia proteger meus objetos contra a chuva. Distopareceram ficarem convencidos.

Mas quase que me ia esquecendo de um episódio divertido que nos deu muito que rir à tarde. Quando o Conde Oriolla mudava a

camisa, as homens rodearam-no curiosos, para apalparem sua pele branca, e chamaram suas mulheres, para que elas se pudessem convencer por si, apalpando, desse maravilhoso capricho da Natureza: era certamente a melhor prova de quanto surpreendente era para eles a aparência dos brancos, muito embora três meses antes de nós um viajante comercial já tivesse subido o Xingu. Meus companheiros tinham, porém, compreendido que ele só tinha ido até Castanhal, onde adoecera de febre na casa da aquela mulher de Sousel, e donde tinha voltado; eu, ao contrário, julgo ter ouvido do padre que ele adoecera em Piranhaquara. Mas, seja como for, fora desse ninguém se lembrava de ter visto outros brancos nessas selvas.

Os insetos não me deixaram dormir tranquilamente na cabana; saí por isto no meio da noite para fora, para o ar livre, onde o Conde Oriolla se veio juntar a mim. Fizemos uma fogueira para cozinhar o chocolate do almoço. O conde, porém, voltou para a rede e eu fiquei ainda por muito tempo perto da fogueira e do meu chocolate, apreciando a esplêndida noite tropical! O Cruzeiro do Sul e a Ursa Maior estavam ambos visíveis, e cercava a lua um nimbo oval branco de chuva. Em volta reinava um silêncio de morte. Todos dormiam; só o pequeno tapir vagava dum lado para outro à procura do que comer. “Amanhã será o regresso à pátria!”, disse comigo mesmo, e por fim procurei também o repouso.

Tínhamos por conseguinte chegado ao ponto culminante de nossa viagem. Antes, porém, de iniciarmos a de regresso rio abaixo – que nos dará oportunidade de traçar um, embora superficial, contínuo quadro do Xingu desde Piranhaquara até a sua confluência com o Amazonas – seja-nos permitido dar ao leitor, em poucas palavras, conhecimento do que pudemos colher de nossas experiências, sobre o alto Xingu e sobre as populações que habitam as margens deste rio.

O citado rio nasce, como já ficou dito, entre 14 e 15º de latitude sul, na encosta norte da serra das Vertentes, na Província de Mato Grosso. No entanto, estas informações, como os dados sobre o começo do seu curso entre duas cadeias de montanhas, e sobre seus poucos importantes afluentes superiores, entre os quais citam-se o rio dos Bois e o das Traíras, o Xanaci e o Baraú, vindos do oeste, na sua maior parte basearam-se nas duvidosas afirmações dos sertanistas, que provavelmente formam também a única base dos mapas destas regiões até hoje envoltas numa misteriosa escuridão. Só poucas expedições visando

trazer índios para as colônias na parte inferior do rio, foram até acima do Iriri; também não se tem conhecimento de nenhuma viagem no Xingu desde sua nascente até sua embocadura, com a única exceção da viagem de um tenente de milícias, que no ano de 1819 desceu este rio desde Cuiabá até Porto de Moz.

E com tu do há já qua se dois sé cu los a re gião das ca be ce i ras do Xingu alcançou uma certa celebridade através das narrativas do célebre aventureiro Bartolomeu Bueno, que dizia ter descoberto aqui,⁸⁷ no território dos Arcis, fabulosas minas de ouro. Não obstante, conforme ele informou, o local onde se encontram estes tesouros seja facilmente reconhecível, por elevar-se muito perto uma penha, cujas veias re presentam, como por milagre, os instrumentos da paixão do nosso Redentor em tos cos con tor nos, in fe liz men te, até hoje, ape sar des te mar co ca rac te rís ti co e de to das as in ves ti ga ções, a rica re gião des cri ta por Bu e no ain da não foi en con tra da. Aliás, é pos sí vel que o ci ta do aven tu re i ro te nha desta vez visado com esta penha mila gro sa en ga nar tam bém seus com pa tri o tas, como costumava fazer abusando da credulidade dos pobres índios, o que lhe granjeou no meio deles, entre outros, o nome de “Anhangüera” ou “Diabo Velho”, que i man do a guar den te na sua pre sen ça e pre ten den do até conhecer a arte de secar os rios da mesma for ma. Mas, mais do que esse milagre, levam-nos os campos a crer em formações auríferas no alto Xin gu, como em am bos os seus aflu en tes, o To can tins e o Ta pa jós.

A alguma distância do rio o solo parece ser muito fértil e o cli ma mu i to sa u dá vel. Se esta úl ti ma in for ma ção, que eu, aliás, não que ro absolutamente discutir aqui, se refere também à par te do cur so do Xingu que visitamos, lembro só o caso do viajante comercial que adoeceu de febre no curso interior, em Castanhal ou Piranhaquara, permitindo-me acrescentar que, mais ou menos pela mesma época, nosso amigo Padre Tor qua to foi aco me ti do do mes mo mal.

Abaixo do 8º de latitude sul de i xa o Xin gu Mato Gros so e entra na Pro vín cia do Pará. O pri me i ro aflu en te que lhe leva em se gui da suas águas é o já acima mencionado Iriri, que, vindo do sudoeste do território de Ari nos, de sá gua per to da ca ba na de Car los, num bra ço do rio. O Iri ri parece, a julgar pelos mapas, o mais importante entre os afluentes do

87 Ou nas pro xi mi da des das nas cen tes do rio São João, um aflu en te da es quer da do Araguaia. *Corografia Brasileira*, T. I, p. 259.

Xingu e excede o Tucuruí em extensão. Quando se sobe o Iriri, chega-se a uma vereda semelhante à Estrada entre o Tucuruí e o Anauruí, que o põe em comunicação com um afluente do Tapajós ou do rio de Santarém, como é aqui chamado.

O território dos Ari nos pertence à Província de Mato Grosso e fica a oeste do alto Xingu, enquanto a região a leste do mesmo, igualmente quase desconhecida, que se estende até o Araguaia (o rio manancial do Tocantins a oeste) tem o nome de Comarca de Tapiraquia. Na Província do Pará, ao contrário, toda a terra entre a Xingu e o Tocantins de um lado, e a Comarca de Tapiraquia e o rio Amazonas do outro, chama-se Xingutânia, enquanto dantes chamavam em oposição, a terra que ficava na margem esquerda do Xingu: Tapajônia, pelo que se entendia a larga faixa de terra entre o Xingu, e o Tapajós, o Amazonas e o território dos Ari nos.

Entre o Iriri e o Tucuruí, além dos numerosos riachos, que atravessam a Estrada, não vimos nem ouvimos falar num afluente do Xingu, nem ao longo de sua corrente ou nas numerosas ilhas que o cobrem. Contudo, podem existir, não obstante, aqueles pequenos rios dos Ari nos, Ito ma, Ita-água, Pa ca ra, etc. que nalgumas partes nas matas de Xingutânia e se incorporam nele na região das cachoeiras.

Quase tão desconhecidas quanto o curso superior do rio são tribos que ali habitam; isto vale pelo menos no que concerne aos jurunas. As mais antigas notícias que Southey nos dá desta tribo, alcançam a cerca dos meados do século dezessete. Muito pouco tempo depois que os jesuítas se encontraram na posse da Gurupá, que, como é sabido, foram obrigados a deixar por pouco tempo, em 1655, Manuel de Sousa subiu “o rio” (?) e esteve entre os jurunas ou bocas-pretas, uma tribo que se diferenciava dos tupis em muitos sentidos, sobretudo a língua. Eram de estatura acima da média, e, ao contrário dos outros selvagens, inimigos da indolência. Diferenciavam-se por uma listra pretatatuada desde a testa até ao lábio superior, onde se dividia rodeando a boca com um traço preto. Quanto mais nobre era a pessoa, tanto mais larga era a listra; os chefes, porém, enegreciam todo o rosto. Entre esta gente os jesuítas conseguiram obter bons resultados; cantavam litânias durante toda a noite da sexta-feira santa, e flagelavam-se a valer nas procissões.⁸⁸

88 Southey, *History of Brazil* Vol. I, p.510.

Quando alguns anos mais tarde um pequeno destacamento se fixou na embocadura do Rio Negro, para proteção do comércio de escravos, onde não muito tempo depois se criou a Vila da Barra do Rio Negro, arrastaram para lá daquela região, além dos juripurunas ou jurunas (caras-pretas), muitas tribos aparentadas entre si, que, como diz *Herr von Martius*, a quem devemos esta notícia “se distinguem por uma listra preta tatuada no rosto, são inteligentes, de costumes amenos e também ainda hoje seu número, tendo diminuído consideravelmente, mais apreciados do que outros como bons remadores e trabalhadores merecedores de confiança”.⁸⁹

Poucos anos depois, cita *Southey* uma vitória dos jurunas. No ano de 1686, *Gonçalo Pais de Araújo*⁹⁰ chegou nas suas incursões, até a terra dos taquanhapes (taconhápés?) e dos jurunas (provavelmente jurunas) que habitam às margens do Xingu. Não obstante ambas as tribos têm até então vivido em bons termos com os portugueses, atraíram-nos a uma emboscada. Um português ficou. Os índios a serviço de *Gonçalo Pais* lutaram até ao último homem; cáram também trinca dos caravares, uma tribo amiga dos brancos, que nesta ocasião demonstraram igual coragem e brio, e finalmente o próprio *Gonçalo* foi gravemente ferido, e todo o destacamento foi posto em fuga. Enquanto outras nações estimuladas por este exemplo tornaram daí por diante as armas, tornando inseguras as margens do Amazonas, os jurunas mesmo equiparam uma flotilha de 30 barcos, e arvoraram como espartaco da canoa do cacique a pele do suboficial português Antônio Rodrigues, que tinham morto. Por causa desta vida nos barcos, a *Corografia Brasilica* inclui os jurunas, como os nhengaíbas, os primitivos habitantes de Marajó, os tupinambás, os mamaiamás e os guaianás no número dos igaruanás, nome que dão aqui às tribos que vivem em igaras (isto é, canoas), ao contrário das que vivem nas florestas longe da água.⁹¹

A história posterior dos jurunas dificilmente poderia apresentar feitos guerreiros semelhantes, como no fim do século dezesete, por que, pelo menos atualmente, parecem não gostar de guerrear, para o que, além dos motivos já apontados, na maioria das vezes só a vingança os

89 Von Spix e von Martius, *Reise* T. III, p. 926.

90 Southey, d. c. Vol. III, p. 7.

91 *Corografia Brasilica*, T. II, p. 261.

impele, e é certamente por isto também que habitam em ilhas, porque nelas se podem prever com mais segurança contra ataques de inimigos. Contudo não lhes faltam armas, especialmente arcos e flechas de diversas espécies, que descrevemos resumidamente aqui.

Os arcos, cujo comprimento em regra anda por perto de 2 metros,⁹² são feitos de madeira muito forte e pesada, preta ou castanha, ligeiramente arredondados por fora, esquinados do lado de dentro e alissados; diferenciam-se por isto dos dos puris e coroados das margens do Paraíba, como dos dos índios semicivilizados do Amazonas e do baixo Xingu, que são feitos de madeira inteiramente redonda. As cordas são de fibra vegetal, e são esticadas pelos índios até uma incrível tensão. As flechas são de bambu muito leve, com cerca de um metro e oitenta de comprimento, inclusive a ponta, e na extremidade onde fica a ranhura, são na maior parte providas de penas de arara; as pontas são, ao contrário, de diversos feitios, com formas que são distintas.

Há primeiro pontas de flechas de madeira dura de dois gumes, com 53 centímetros de comprimento e 3 centímetros de largura, que os jurunas usam na guerra contra o inimigo; outras de madeira, com 16 a 20 centímetros de comprimento e 2 de largura, igualmente com dois gumes, muitas vezes envenenadas, arredondadas dum lado e providas dum ponta de osso, ou de uma pequena ponta de madeira com uma bola oca, também de madeira, onde começa a cana, que dá um apito audível e que são primeiro atiradas contra a árvore onde o pássaro está pousado, para que se assuste, se mexa e se torne assim mais visível para ser mais facilmente alvejado. Contra pássaros empregam uma quarta espécie de ponta de flecha, um pauzinho com 42 centímetros de comprimento, que tem de ser sempre aguçada antes de ser empregada. Destas, porém, diferencia-se uma outra espécie empregada contra os peixes, provida só na extremidade do pauzinho de uma espinha ou de um osso com ponta e farpa. A sexta e última espécie de seta é inteiramente semelhante a esta, somente que, ao contrário de todas as outras, não tem penas na ponta rombuda; é, porém, mais forte na cana do que todas as outras e também alguns centímetros mais comprida; sua fina ponta redonda de madeira tem cerca de 55 centímetros. Esta comprida flecha é também empregada contra peixes, porque flutua facilmente, de maneira

⁹² As medidas correspondem aos arcos e flechas que trouxe comigo.

que puxa o peixe fígado para a superfície. Todavia, todas estas flechas são amiúde usadas indiferentemente. É, aliás, altamente interessante observar os jurunas na caça, seu verdadeiro elemento, e ver como imitam o canto dos pássaros, como divisam a caça com verdadeiros olhos de falcão, com que destreza e leveza de passos se aproximam dela, de maneira a não se ouvir o menor estalido das folhas secas, o mais leve farfalhar das ramagens e como, finalmente, percebem pelo mais leve movimento da água o peixe que passa nadando, para trespassá-lo destramente com uma daquelas compridas flechas.

O número dos jurunas anda, segundo o Padre Torquato, por cerca de 2.000; figuram, portanto, entre as tribos mais numerosas e estão, além disto, incluídos no número dos chamados índios mansos, isto é, aque les que não são nem ca ni ba is nem hos tis aos bran cos. Vi vem, como vimos, em cômodas e espaçosas cabanas de folhas de palmeiras – três famílias, no máximo, partilham da mesma ha bi ta ção. São fiéis no ma tri mônio, embora alguns tenham muitas mulheres e às vezes cedam-nas a um amigo ou emprestem-nas por pouco tempo. Plantam e preparam o algodão com que suas mulheres te cem, num gran de bas ti dor de ma de ira, redes e tangas; fazem óleo de açu e criam animais domésticos, sobret udo ga li nhas e ca chor ros. Tro cam em Sou sel os sim ples pro du tos de sua arte por ma cha dos, fa cas e fa ções cu jas lâ mi nas me fa zem lem brar vi va men te as de Shas ka, dos cir cas si a nos, que as re ce bem como sen do da Espa nha, da mes ma for ma que as dos fa ções do Pará vêm de So lin gen.

A alimentação dos jurunas consiste, além da caça que matam e do peixe pescado ou flechado, principalmente de papas de banana com água e pimenta, e de farinha, que como os índios semicivilizados que habitam o baixo Xingu, sabem preparar de diversos modos. Em Tavaquara distinguem-se seis produtos diversos da farinha de mandioca. Primeiro faz-se a “farinha de água”, em que se põem as raízes da mandioca dentro de água até apodrecerem. Em seguida descascam-se, machucam-se com as mãos e põem-se numa caixa com um escoadouro. Secam aí dentro até ficarem duras; esfarelam-se em seguida entre os dedos e torram-se em grandes cuias (tigelas), até ficarem reduzidas a um pó grosso. A chamada farinha de água é menos apreciada; é, porém, mais fácil de se preparar do que a chamada “farinha-seca,” também chamada “farinha-pão” que é comum nas províncias do Sul, e cujo

modo de preparar é o seguinte: raspam-se e limpam-se as raízes frescas e trituram-se num ralador; em lugar deste os índios servem-se também de um toro coberto de espinhos; em seguida põe-se esta massa succulenta num canudo entretecido de folhas de palmeiras, com 1,80 a 2 metros de altura e alguns centímetros de diâmetro, chamado “tipiti”. Deste canudo, posto em pé, escorre, comprimido pelo próprio peso, o suco venenoso, isto é, o suco contendo ácido prússico da farinha do tucupi. Quando fica bastante seca, tira-se e torra-se como se faz com a farinha de água. Em geral mistura-se um terço da excelente farinha seca com dois terços de farinha de água, para juntar a excelência da qualidade à facilidade do preparo.

O terceiro produto da raiz da mandioca é a saboro sapioca, uma espécie de sagu. Da tapioca dissolvida e cozida com sal, com um pouco de tucupi, obtém-se o tacacá. Mingau, ao contrário, não é mais do que uma mistura de farinha com água quente e sal. Finalmente pode-se também incluir o caxixi entre os produtos da farinha.

Depois dos jurunas, encontram-se no alto Xingu os taconhapés, aos quais já nos referimos antes⁹³ e cujos costumes, embora sejam em menor número, segundo o Padre Torquato, a quem devo quase que literalmente todas estas informações, na sua maioria coincidem com os dos jurunas. Depois seguem-se os aripaís, dos quais só existem poucos; são mansos, pouco destros e covardes na guerra; sendo por isto sempre rechaçados. Os peapaís, ao contrário, são numerosos e os principais inimigos dos jurunas e dos taconhapés. O mesmo vale para os curierais, os vizinhos mais próximos das três primeiras tribos, com as quais vivem sempre em guerra.

As tribos até aqui mencionadas pertencem aos índios mansos; as que se seguem agora, porém, devem ser incluídas no número das de canibais, e certamente entre as mais selvagens e hostis. As mais numerosas dentre elas são as dos baburadeis, juadeis, hipadeis, hibais, menacumbais, masuradeis, arupais, abuirafufuis, uiratenas, anenuais, ticuapamoin e impindeis. Os ticuapamoin sobrepõem as das outras tribos em estatura, motivo pelo qual são também chamados tapui-uaçu ou o Povo

93 Quase que não é preciso dizer que nestes casos como nos de mais, os nomes que concernem ao Brasil e que aparecem nestas páginas são escritos conforme a pronúncia portuguesa.

Grande, destros arqueiros e, se bem compreendi, armados de lanças e por isto muito temidos pelos jurunas e outras tribos do alto Xingu. Os impindeis, ao contrário, são de menor estatura e suas cabanas tão baixas, que um homem pode facilmente tocar no teto com a mão. Habitam nas proximidades dos campos, onde, segundo dizem os outros selvagens, criam gado e cavalos. Para prova disto mostraram ao padre grandes chifres que tinham tomado deles. Às tribos menos numerosas pertencem os pazudeis, taquendeis, tadeis, uradeis, naipis e muruanas.

Embo ra eu não ouse es pe rar que com esta enu me ra ção de 23 tribos tenha de algum modo esclarecido a escuridão que paira sobre a etnografia do alto Xingu, posso tal vez ga bar-me de não tê-la com a ci t ação destes no mes, em par te so an do apó cri fos, au men ta do mu i to.

13 de dezembro

Ao nascer do sol largamos de Piranhaquara e deslizamos, agora com impetuosa rapidez, rio abaixo, correndo para o mar, para o *Growler*; mas o nosso igarité ficava ainda mais perto, e só nas muito incertas dis tã n ci as po d í a mos pres sen tir a pá tria, a que hoje pela pri me i ra vez não dávamos as costas. Contudo quase que sentíamos não ter po d í do avan çar mais para cima no gi gan tes co rio, e pe ne trar ain da mais pro fun damente naquelas regiões inteiramente desconhecidas, que tão irresistivelmente atraem o viajante. Quantas daquelas muitas tribos que se encontram por lá poderão não ter nunca tido contato com europeus! Teríamos sobretudo gostado de procurar aquele povo de homens grandes, os canibaistapui-uaçu, esse pa vor dos amis to sos ju ru nas, se não fos sem pre ci sos mu i tos me ses ain da para uma tal ex cur são.

Eram seis e meia da manhã quando nós, como ficou dito, deixamos Piranhaquara. Os seus habitantes tinham-se reunido na margem e ficaram por muito tempo acompanhando-nos com a vista, enquanto outros acompanharam-nos por algum tempo nas suas canoas. Perto da ilha acima citada, que parece ficar muito afastada da margem, a direção do curso do rio é norte-quarta a leste, enquanto que a serra que aqui aproximava-se da margem esquerda e que nós já de Castanhal divisamos pela primeira vez, parece estender-se de oés-noroeste para lés-sueste. A margem direita do Xingu eleva-se também a mais de cem metros com as

suas florestas de altos troncos, as quais algumas palmeiras isoladas sobrepujavam. Das inúmeras ilhas que ficam no rio perto de Piranhaquara, as maiores são cobertas de florestas virgens, as menores revestidas de espesso matagal, que em muitos lugares como que emerge do rio mesmo. O solo da maioria parece ser arenoso, e contudo muito raramente aparece em pequenas praias. Os blocos rochosos, que aparecem aqui e ali acima da superfície do rio são, ao contrário, de gneisse ou de granito gneissóide.

Às 9 horas da manhã passamos por Jacuí, e às 10 e meia alcançamos, depois de quatro horas de viagem, Castanhal. Como hoje pelos meus cálculos fizemos uma média de 8 quilômetros por hora, tendo quase que deixado levar-nos pela corrente, que de momento para momento aumentava, isto dá uma distância de 32 quilômetros para o trecho entre Piranhaquara e Castanhal. A direção do rio é em média norte-meia a leste, quase sem curvas, (os trechos isolados são norte-quarta a leste, nor-noroeste e norte). Em Castanhal jantamos comendo a capivara de ontem que, conforme a opinião geral, dentre todos os assados no Xingu levou a palma, por que nem mesmo a bela arara do Conde Bismark pôde competir com ela.

Uma hora depois de Castanhal, que deixamos às 11 e meia, o Xingu, que em geral desce de Piranhaquara corria numa direção norte-meia leste, mudou-se para noroeste, até a casa de Carlos, onde um seu braço, que recebe o Iriri, confluinivamente com ele. A embocadura deste braço, que vem do oeste fica a cerca de 20 quilômetros (duas horas e meia de viagem) abaixo de Castanhal. A cadeia de colinas na margem direita do Iriri, estende-se de oés-sudoeste para lés-nordeste, o que talvez possa explicar o curso deste afluente. Às duas horas da tarde estivamos perto da casa de Carlos e às 3 da Ponta, onde tínhamos passado a agradável noite dos mosquitos. Até aqui a direção do rio é norte-quarta a oeste; agora volta-se até Pinetú quase para leste.⁹⁴

Tínhamos esperado muito tempo no meio do rio, até que todos os barcos estivessem reunidos, de maneira que eram já cinco e quarenta e cinco da tarde quando alcançamos a ilha rochosa. Sobre o lajedo de

94 Esta pe que na curva para leste, nasce de eu ter colocado a colina azul arre don da da de frente da qual fica a ilha citada, na margem esquerda a nor-nordeste da Ponta, quando fiz a observação.

gra ni to do lado oes te da pe que na ilha, di an te da ca ba na em cons tru ção, fi ze mos uma fo gue ira e ce a mos. O sol ver me lho-es cu ro mer gu lha va nas florestas por trás da casa de Carlos e seus raios purpúreos coloriam as ilhas ro cho sas e o lar go rio. Era uma pa i sa gem in te i ra men te su e ca. A lua não tardou a surgir iluminando o interior da cabana sem telhado, onde nos deitamos em amistosa sociedade com os jurunas. O padre foi mais atilado do que nós; armara sua rede bem dentro da floresta, onde os mosquitos não deviam chegar; a nós aferroaram a valer. A mim e ao doutor afugentaram até de nossas redes; saímos cerca da meia-noite para o la je do e ati ç a mos a fo gue ira. A na tu re za es ta va qui e ta e si len ci o sa em re dor de nós. O luar re fle tia-se na su per fi cie do Xin gu, in ter rom pi da pelos rochedos. Nas florestas vir gens da mar gem di re i ta, po rém, re i na va a no ite es cura.

14 de dezembro

Era ainda muito cedo quando largamos de Piuntéua. Não posso dizer exatamente a hora, porque quando, como de costume, quis anotá-la, o Conde Bis mark deu-me a tris te no tí cia de que seu re ló gio, o último de todos que ainda trabalhava, acabara de quebrar-se. Tínhamos por isto de, dali por diante, guiar-nos pelo sol, como os índios, que, quando que rem mar car uma hora, apon tam para o lu gar onde o sol deve estar.

Perto de Piuntéua ficam duas cadeias de colinas ao longo da mar gem es quer da do rio, uni das en tre si pela raiz. A re gião, po rém, logo mu dou com a im pe tu o sa cor ren te, de ma ne i ra que às 9 ho ras da ma nhã, pelo nosso cálculo, alcançamos a casa de Martinho, ou Urubuquara. Aí tive mos de nos de mo rar até cer ca das 3 ho ras, por que Mar ti nho, que devia apanhar peixe para nosso pessoal, ainda não voltara. Por fim chegou, mas sem trazer uma boa pro vi são. Entre tan to em bar ca mos as aqui si ções que tínhamos feito na ida, entre as quais havia mu i tos ma ca cos e al guns papagaios.

De Piuntéua até Urubuquara, a direção do rio em cujo meio nos mantínhamos é, pelos meus cálculos, norte-quarta a leste até nor-nordeste; corre daqui por um momento quase para leste, passando de po is para nor des te, até a ca cho e i ra Ca ju téua, a quar ta aci ma de Ta v aquara.

Como, porém, muitas vezes não se pode distinguir claramente as margens, estes dados são só aproximados. Contudo, pode-se tomar como certo que a direção do rio de Piuntéua até a última cachoeira citada é em média norte-quarta oeste.

Ainda antes do pôr-do-sol encostamos numa ilha reves-tida de flores-tas virgens, por termos descer to-ma-cas nas árvores. O Conde Bismark e o Padre Torquato mataram cada um um guariba. Na altura da Ilha dos Taconhapés ceamos nos barcos, que a corrente levava mansamente, sob o esplêndido luar, para a cachoeira Cajutéua. Daí por diante a direção da corrente passou a ser norte, até pouco antes de Tavara, onde por um momento voltou-se para norte-quarta oeste.

Já devia passar da meia-noite quando chegamos à citadela. Eu fui o primeiro que subiu a margem, e fui acolhido com prazer pelos jurunas, que me ofereceram um lugar junto à fogueira diante da cabana. O velho pajé mostrou-se particularmente amigoso para comigo. Esperamos ainda um pouco pelos outros barcos. O pobre doutor, que tinha em barca do comigo na mesma canoa e a quem a longa viagem muito afetara, era particularmente para lamentar; e como estivessem demorando muito, deitamo-nos em volta do fogo na cabana, e eu, pelo menos, logo adormeci.

15 de dezembro

As canoas foram chegando uma após outra ainda durante a noite; só Rocha com a carga, isto é, com os nossos tesouros adquiridos dos índios, faltava, e fez-nos esperar até a tarde. Havíamos ainda muitas coisas que gostaríamos de adquirir aqui nesta última maloca dos jurunas; mas só muito poucas podiam ser negociadas, porque tivemos de confessar por entre suspiros que não tínhamos mais nada como dinheiro! Aqui nestas florestas nos convencemos de que o dinheiro não é mais do que uma convenção, o que de ordinário nunca nos ocorre. No momento nos socorremos almejamos tanto por contas de vidro, machados e facas, quanto as dos jurunas, porque sem estas coisas não se pode negociar aqui. Por fim Rocha chegou, depois de já ter levantado nas nossas mentes toda espécie de suspeitas sobre sua correção; provavelmente tinha passado a noite de luar na alguma cabana dis-tante bebendo caixi, por que

era exatamente a época desta festa dos jurunas. Escolhemos as duas ubás mais fortes para prosseguirmos nossa viagem e embarcamos nelas só o mais ne ces sá rio. Tudo o mais man da mos pe los nos sos ma ri nhe iros, dos quais só o negro ficou conosco, e por alguns dos índios do padre, sob as vistas de Rocha, para Porto Grande e de lá pela Estrada para o igarité, que nos esperava no Tucuruí, e que devia ir daí para uma pequena ilha abaixo das ca cho e i ras, cha ma da Cas ta nhal, en quan to nós des cía mos o rio e fi ca ría mos as sim co nhe cen do todo o arco com as ca ta ra tas.

Aqui é certamente a lugar próprio para intercalar um quadro das distâncias no Xingu, desde Piranhaquara até a embocadura do Anaurá (Porto Grande), calculadas pelo tempo gasto em per corrê-las res pecti va men te:

De Piranhaquara

Até Ja cui.....	11 1/4	18 mi lhas ma rí ti mas em 11 dez.
Até Castanhal	6 3/4	
Até casa de Car los	11 1/4	15 3/4 mi lhas ma rí ti mas em 10 dez.
Até Pon ta	4 1/2	
Até Piuntéua.....	6 3/4	16 1/12 mi lhas ma rí ti mas em 9 dez.
Até casa de Mar ti nho	16 1/2	
Até Cachoeira Cavitia, a terceira...	8	10 mi lhas ma rí ti mas em 8 dez.
Até Bi va que de 7 a 8 de dez.....	2	
Até Ilha de Ta co nha pés	5 1/2	18 mi lhas ma rí ti mas em 7 dez
Até 4ª Ca cho e i ra	2	
Até Tavaquara	10 1/2	
Até Por to Gran de		<u>10 mi lhas ma rí ti mas em 5 dez.</u>
		87 5/16 mi lhas ma rí ti mas ou 22 ale mãs

Na viagem de nove horas de Piranhaquara até Piuntéua a 13 de dezembro, calculo, como já ficou dito, a velocidade do nosso trajeto rio abaixo deduzindo as pequenas demoras, numa média do 4 1/2 nós

(milhas marítimas) por hora, a que pode-se também tomar como média da velocidade da corrente; isto é, $40 \frac{1}{2}$ milhas marítimas para a distância de Piranhaquara até Piuntéua. Rio acima teríamos o mais aproximadamente possível, gasto 15 horas e 50 minutos, descontando todas as demoras nas cachoeiras, etc. Se tomarmos uma média de velocidade de 2 nós para a viagem rio acima, o que deve ser mais ou menos exato, teremos $39 \frac{2}{3}$ milhas marítimas. A diferença entre ambos os resultados é só de $\frac{5}{6}$ de milhas marítimas, tão pouco importante, portanto, que aquela distância pode ser tida como bastante exata. Como no dia 14 se tivesse quebrado o último relógio, não tivemos nenhum controle como esse das distâncias no caminho de Porto Grande para Tavaquara. Contudo, não se erraria muito tomando uma velocidade análoga de 2 nós como a velocidade da viagem rio acima. Sobre esta base foram calculadas as distâncias acima de Porto Grande e Tavaquara até Piuntéua. O caminho por terra de Porto Grande até o Tucuruí mede, segundo nossos cálculos, 58 quilômetros ou cerca de 10 léguas, por conseguinte 32 milhas marítimas, a distância do Tucuruí até Sousel, 27 milhas marítimas. Isto dá para toda a distância de Sousel até Piranhaquara $146 \frac{3}{4}$ milhas marítimas ou 266 quilômetros.

Com muita mais exatidão, porém, se pode calcular a viagem de Tavaquara até Sousel, pelo grande arco do Xingu; primeiro porque este caminho só foi percorrido por nós uma vez; segundo, porque a velocidade do rio mudava quase sem cessar, e terceiro porque a todo o momento tínhamos de saltar para levar a bagagem às costas por cima das pedras, enquanto as canoas deslizavam pelas cachoeiras e rápidos. É fácil de imaginar que com isto se perdia muito tempo, resultando uma grande irregularidade nas etapas de cada dia.

Prossigo agora com a viagem. Na primeira das duas grandes ubás, 9 a 12 metros de comprimento, cujo fundo de 15 a 20 centímetros de grossura (o mesmo que o seu calado) devia resistir aos violentos embates das cachoeiras, ia todo o nosso grupo da viagem, o criado do padre, dois timoneiros ou pilotos e quatro homens para remar, inclusive o negro. A segunda grande ubá tinha um toldo de folhas de palmeiras, sob a qual estava armada a “carga”, isto é, as armas e utensílios de toda a espécie trocados com os jurunas, e nossa provisão de farinha – e na qual o pequeno tapir do padre ia como passageiro. Dois homens

dirigiam-na e dois ou tros remavam; entre estes últimos estava um velho índio com uma listra preta no rosto; duas mulheres jurunas que acompanharam os maridos e uma menina iam também nesta canoa. Finalmente, Martinho tinha-se no vamen te jun ta do a nós na sua leve canoa, com sua mulher, seus filhos pequenos e sua bonita filhinha, e um índio que ajudava a remar. Não é preciso dizer que, rio abaixo, só se remava, não sendo preciso em purrar, pelo que a maior parte do tempo deixava-se a ubá ser levada pela corrente, servindo os remos mais para governá-la, do que para impeli-la.

Pouco antes da partida, que teve lugar logo depois que Rocha chegou, entre 4 e 5 horas da tarde mais ou menos, embarcamos ainda farinha para nós e para o pessoal, que em parte tínhamos tido de mandar vir de Porto Grande. O sol não tardou a se pôr e a lua a nascer, de maneira que deviam ser 9 horas da noite quando encostamos numa pequena ilha no meio do rio, a cerca de duas léguas de Tavaquara, que nos disseram chamar-se Anauréua. Fizemos uma fogueira na praia estreita e cozinhámos. Pendurámos depois, em parte, nossas redes num rancho arruinado, enquanto que outros armaram seus leitos oscilantes mais para dentro na cerrada floresta virgem enredada, ou deitaram-se no chão em volta da fogueira.

16 de dezembro

Almoçamos quando a lua se punha, e ao romper do dia prosseguimos nossa viagem. Do princípio do grande arco, logo abaixo de Tavaquara até Anauréua, a direta do rio foi quase constantemente leste; agora, porém, passa para o sul. Encontrá-vamos por conseguinte perto do lugar onde, a 5 de dezembro, saindo de Porto Grande, tínhamos entrado novamente no Xingu, e a paisagem que até então tínhamos transversalmente, por trás de nós, estava hoje pela manhã na nossa frente; a impetuosa torrente levava-nos rapidamente para aquelas filas de ilhas já descritas, e os macacos uivadores acompanhavam nossa viagem com a sua gritaria de muitas vozes. Ao mesmo tempo, a largura do rio em parte alguma nos parecera tão considerável como aqui, onde tinha certamente 7 a 11 quilômetros de uma a outra margem, que aqui são mais altas e assim mais fáceis de se reconhecer; contudo, das águas do grande rio erguem-se também ilhas isoladas em forma de colinas.

Seguindo assim o Xingu, que forma aqui uns quase ininterruptos rápidos, as ilhas juntavam-se pouco a pouco cada vez mais e roubavam-nos desta maneira a livre perspectiva, até que, sem nos apercebermos, entramos num canal com algumas centenas de passos de largura, ladeado por altas margens sobre as quais elevavam-se florestas virgens, que em nada cediam em exuberante beleza às do Paraíba e da serra de Nova Friburgo. Nas mesmas apareciam em grande número palmeiras jauari por entre os gigantescos troncos de árvores frondosas, na maioria seringueiras, dando formas fantásticas aos contornos superiores dessas florestas. Ora erguia, envolto em lianas emendadas de forma estranha, sua portentosa canoa um desses veneráveis patriarcas das florestas virgens do ondulante mar de copas, como um gigantesco penacho de plumas de avestruz, ora curvava a basta coroa no ar, como a cimeira de um elmo romano pairando sobre a escura massa dos troncos. Rodeados desta sublime solidão das selvas, avistamos no meio do canal uma ilha estreita e na sua orla uma praia convidando ao descanso. Cozinhamos aí e só cerca do meio-dia tornamos a embarcar.

Até esta ilha nosso canal tinha em geral mantido sua direção sudeste, embora momentaneamente tivesse estado mais para o sul. Agora, porém, transfor mandando-se de repente em largura e murmurante torrente da floresta, tomou uma direção inteiramente sul, no momento até mesmo sul-sudoeste, para depois de algumas horas lançar-se no vamente na largura bacia em forma de lago do rio principal. Aí chegados, encontramos uma agradável região aberta, tendo diante de nós uma azulada cadeia de montes. Só agora – podia ser cerca de uma hora antes do pôr-do-sol – podíamos traçar um quadro nítido do curso do Xingu, a partir de Anuréua. O rio tinha desde esta manhã feito um grande avanço para o sul (sudeste, sul-sudeste e sul-sudoeste) e seguia agora com sua entrada nesta região aberta, descrevendo assim um grande arco, primeiro para este e depois para leste. Aqueles montes azulados, porém, ficaram sempre a sua direita, e obrigaram-no, como vemos em seguida, a dentro em pouco deixar de novo esta direção leste e a voltar-se para o oeste.

Não muito depois de nascer a lua desembarcamos numa ilha à direita. Uma frondosa árvore de ramagem estendida horizontalmente serviu de abrigo ao nosso descanso no terreno. Nos seus galhos, em parte sustentados por esteios, todo nosso bando foi armar do suas redes uma

após outra, de maneira que seu tronco depressa ficou rodeado por um verdadeiro labirinto de redes. Acordei na noite silenciosa enluarada, e fui atizar a fogueira; o doutor, que hoje novamente como de costume não po dia dor mir, jun tou-se a mim. Não ha via mais ga lhos se cos à mão; mas em com pen sa ção as fo lhas car nu das, com a con sis tên cia de bor ra cha, da nos sa ár vo re, de ram-nos um ale gre fogo cre pi tan te.

17 de dezembro

Jun to à pe que na ilha que de i xa mos ao nas cer do sol, o Xin gu, aqui com 5 a 7 quilômetros de largura, fazia aquela já aludida segunda curva principal, voltando-se subitamente, depois de correr por uma curta distância para leste, para nor-nordeste, e depois para nordeste, com a serra azulada de ontem impedindo-lhe o caminho e acompanhando-o então na margem di re i ta. A es quer da é tam bém aci den ta da. Mu i tas ilhas planas cobertas de matas interrompem sua vastasuperfície. Deslizamos rapidamente rio abaixo, por algumas pequenas cachoeiras semelhantes às que vimos aci ma do arco do Xin gu, e al can ç a mos pou cas ho ras de p o is a pla na e sel vo sailha are no sa de Ta pi ra qua ra, onde Mar ti nho, nos so ca ç ador e pes ca dor, nos de via es pe rar. Eu es ta va jun to da fo gue i ra, per to das ru í nas de um rancho, e cozinhava arroz, quando, de repente, ecoou a alegre notícia de que tinha sido descoberto um rasto fresco de tapir na ilha. Passei depressa o pequeno remo índio de criança, que substituíra o colherão, ao doutor, e troquei-o pela espingarda. Saltei lige i ro para den tro da primeiracanoa que en con tre i, e pude, com o au x í lio do ra pa zin ho, dar vol ta à ilha para ou tra pra ia. Encon tre i aí o Con de Ori ol la e o pa dre, que quase no mes mo ins tan te de sa pa re ci am na mata pró xi ma, en quan to os de ma is do gru po ti nham dado vol ta e cer ca do a ilha pelo ou tro lado. O ras to de um gran de ta pi r ia da flo res ta pela are ia até a água. Na es pe rança do que na cerrada pequena mata talvez pudesse encontrar outra anta, apressei-me a entrar nela, para o que tive de arrastar-me deitado. Encontrei-me logo com o Conde Oriolla. Em lugar do tapir, porém, que conseguira es ca par-se na água, meus com pa nhe i ros pro cu ra vam alguns macacos que se tinham feito ouvir nas árvores por cima. De pres sa, po rém, che ga ram à tris te con clu são de que es tes ar te i ros e ligeiros animais também se tinham sumido. Um banho num dos largos braços do rio com alguns metros de largura que rodeiam

Tapiiraquara, re fres cou-nos, e um gran de nú me ro de ex ce len tes pe ães (tucunarés), que Martinho nos trou xe ra, compensou o in su ces so da caçada.

Abaixo da ilha o curso do Xingu pareceu tomar uma direção noroeste. Num vasto círculo emergiam moitas inundadas do rio, que é aqui cercado por colinas, tendo blocos rochosos espalhados pela sua superfície. Uma canoa tripulada por índios, lutando contra a corrente, ficou longe de nós a um lado. Nossos jurunas reconheceram nesse barco, voltando para Sousel, o pajé de Piranhaquara, dono daquele belo manto de penas a que já me referi. Este foi o único encontro nas desertas selvas entre Tavaquara e as primeiras cabanas para além das últimas cachoeiras – quantos dias gastaria esse solitário barco ainda antes de encontrar gente novamente!

Altas ilhas selvosas estreitam o rio, que corre apertando-se por entre elas numa direção quase norte. Eram sumamente belos os variados feitiços de árvores, que se elevavam na espessa floresta virgem da comprida ilha a nossa esquerda. Apareceram também hoje pela primeira vez novamente nesta floresta as palmeiras uauaçú, que desde alguns dias tinham cedido inteiramente o campo às jauaris. As águas turbilhonaram então espumantes diante de nós. Aproximamo-nos. A impetuosa torrente já nos cercava quando avançamos para o cais de grandes e pequenos blocos rochosos e lajedos cobertos de vegetação, mas conservamo-nos à direita e evitamos assim rodaminho. Cerca das 4 horas da tarde, porém, as ubás ficaram presas entre aquelas pedras e lajedos; tinham de ser descarregadas e aliviadas do peso, para poderem atravessar a próxima cachoeira. Saltamos para cima dos blocos de granito, vadeamos com água até quase aos quadris os riachos caudalosos que cor rem por en tre eles, e con se gui mos, por fim, se gu ran do-nos no mato, chegar a um bloco que nos permitia uma mais ampla perspectiva: está-va mos na mai or das ca ta ra tas do Xingu, a ca cho e i ra de Ju ru á.

Com uma largura de certamente setecentos metros, precip ita-se o gigantesco rio com ribombante estrondo por sobre penedos e lajedos de 6 a 9 me tros de al tu ra, em par te por pa ta ma res, em par te por su per f í ci es ligeiramente inclinadas. No meio da queda ergue-se no alto, na crista, uma gran de ár vo re ar re don da da. O gran de la je do à es que ra, por ba i xo dela, divide a vasta catarata em duas partes; o enorme caldeirão, a seus

pés, porém, é só espuma. Compridas montanhas cobertas de florestas virgens cercam o quadro selva gem de uma moldura escura.

Agora tínhamos de levar nossa bagagem por sobre pedras para uma pequena coroa de areia abaixo da queda, onde devíamos embarcar novamente. Infelizmente, desde muito tempo o calçado da maior parte do nosso grupo estava em tão mau estado, que não nos podia mais aventurar a fazer com eles semelhantes traças. Fazê-los descalço sobre as pedras aguçadas não era, porém, particularmente, para mim, com os pés inflama dos de vidro à soalheira, nada agradável. A senda escabrosa teve por isto de ser percorrida tantas vezes, que tive tempo para examinar mais de perto os lajedos mais próximos. Na maioria destes blocos, a metade era de granito de grão grosso e a outra metade de fino gneisse.⁹⁵

Nossas ubás foram entretanto, uma após outra, descidas cautelosa mente por um lado da verdadeira queda, pelos acimacitados riachos, que serpeavam por entre o caos de rochas. Na popa do barco estava amarrado um forte cipó, que 20 ou 30 homens seguravam para que descesse lentamente. Dois índios iam dentro para guiá-lo. Quando este pesado trabalho terminou, o sol se pôs; tivemos assim de bivacar para a noite na estreita praia. A despeito da estrondeante cachoeira perto de nós, e de um aguaceiro, dormimos muito bem.

18 de dezembro

Depois de um descanso mais demorado do que de costume, levantamos o acampamento e tornamos a embarcar. Só agora, quando nos achávamos a algumas centenas de passos abaixo da cachoeira, nos apercebemos de que ontem só tínhamos visto a sua metade de oeste, porque a leste do caos de rochas, onde tínhamos passado a noite e que só agora víamos ser uma ilha no meio da cachoeira, havia um outro braço do rio, de igual largura, que se precipitava da mesma forma, bramindo e espumando, por cima de rochas e lajedos. Nuvens negras carregadas de chuva obscureciam o céu. Com esta primeira catarata o rio toma a direção noroeste; mas as altas ilhas selvosas logo o dividem em muitos

⁹⁵ Aqui como em outras cachoeiras do Xingu, em contré além de gneisse um pórfiro avermelhado semelhante ao do Elfdalen, na Suécia.

braços, roubando-nos toda a perspectiva. O canal por onde prosseguíamos voltava-se, depois de curtos rápidos, para leste e seguia por uma praia, onde encostamos para dar tempo ao pessoal para almoçar antes de chegarmos à cachoeira seguinte.

Não tardou, porém, a vermos que este descanso não tinha sido desnecessário, por quanto, logo abaixo do lugar do almoço, o estreito canal do Xingu, correndo para nordeste, transformou-se em impetuosa torrente de montanha, tornando necessária a maior atenção e destreza da parte dos nossos índios para levar o barco sem acidentes através dos muitos penedos, enquanto as pedras nas ondas, subindo-se sem cessar, rebentavam dentro da nossa canoa, de maneira que logo pela manhã cedo não tínhamos um fio em xuto em cima do corpo. As pedras no leito estreito do rio aumentaram tanto num trecho, que os barcos só podiam passar des carregados, tendo nós de atravessá-lo carregando nossa bagagem, saltando de bloco em bloco, e apressando-nos por atalhos atrás deles. Mas apenas flutuávamos novamente, chegávamos a um segundo trecho se melhan te, até que, por fim, um terceiro ponto de passagem (para não dizer de transporte), levou-nos à encantadora cachoeira do Caixão.

No meio destas selvas, onde já desde algumas horas tínhamos perdido toda a perspectiva, nosso estreito canal bramia como uma impetuosa torrente de montanha, por cima de penedos, e precipitava-se de uma altura de 3 a 3,5 metros por sobre uma penhasco, em sombreada por árvores, cujos ramos se estendiam até longe, e arbustos, com as altas paredes verde-escuras de grandes frondes e lianas sobrepujadas por esplêndidas palmeiras uauacu, cercando este lindo quadro de selvagem solidão. Sentamo-nos aí por algum tempo e vimos dos nossos lajedos abraçados pelo sol as ubás descendo a queda. Quem, quando nestes te calmo e plácido retiro, olha para o escuro espelho dos claros e velozes riachos, com os quais contrasta tão alegremente a branca espuma de pequena queda, se julga nas margens de um daqueles rios colossais de Novo Mundo? Se, porém, os outros braços do rio são também só pedras nos riachos da floresta, ou se formam larguezas, isto eu não posso dizer, por que só um pedregal no trecho abaixo do Caixão comecemos no momento a divisar as margens do rio, que aqui em geral parece seguir uma direção norte, através das muitas selvas ilhas.

O céu ficava cada vez mais encoberto e à umidade da ubá não tardou a ajuntar-se ainda a chuva por cima. Cerca de uma ou duas horas abaixo da cachoeira, depois de termos avançado com a velocidade de uma seta, em linha reta, numa direção norte, encontramos novamente uma praia à nossa direita, onde demoramos muito tempo esperando o cônsul, que hoje, em parte para aliviar nossa ubá muito carregada, em parte na esperança de uma boa caçada, se guirra com Martinho. Achamos aqui alguns esteios fincados no chão, nos quais armamos nossas redes. Como, porém, depois de muito esperar os amigos, estando a tarde já muito adiantada, ainda não tivessem chegado, embarcamos novamente sob uma chuva torrencial. Prosseguimos agora, seguindo a torto e a direito, os estreitocanaís em todas as direções por entre mata gal, de maneira a não termos mais nenhuma idéia da direção, até que chegamos a um infundo canal em linha reta, que nada devia aos holandeses em regularidade, igual a um largo caminho na floresta, ou uma das largas picadas de Grünwald, muito conhecidas dos caçadores e a cavalo de Berlim, cortando uma mata de mirtáceas (*Eugenia*) mergulhada num rio cheio. O rio corria veloz como uma seta e com inúmeros remoinhos, numa direção norte-nordeste canal principal – o Eaú, como Martinho dissera ao cônsul chamar-se, de tal maneira que era quase impossível ver o barco alagado. A vista estendia-se livremente sobre a imensa floresta que o Xingu só inundava até meia altura e para além, para as distantes colinas da margem.

Logo depois, dois outros canais semelhantes atravessam o canal principal, no qual o rio enfurecido a cada momento nos aproximava mais da terceira cachoeira, parecendo também as cataratas do céu agora abrirem-se por cima de nós, depois que nas cabeceiras do Xingu a estação das chuvas já devia ter começado, o que testemunhava o rio cada vez mais cheio. Não era, aliás, para admirar, porquanto ela na maioria das vezes costumava começar em novembro e demorar, como nos afirmaram, até julho, com o que, como nos diz *Herr von Martius*, as águas do Xingu se elevam mais do que dez metros acima do seu nível normal. Diante do atual crescimento das águas, nossos pilotos índios receavam passar a próxima cachoeira no rio principal, tanto mais por Martinho, o melhor piloto da região, não estar conosco. Mas criam que um canal que corria ao lado os levaria facilmente através do ponto crítico. Voltamos, por

isto, sem primeiro esperar um canal que cruzasse, à esquerda, para dentro do matagal através do qual só com muito trabalho podíamos abrir caminho, e onde naturalmente a todo momneto ficávamos encalhados. Íamos também quebrando galhos por todo o trajeto para mostrar às outras ubás o caminho que tínhamos aberto.

Foi um trabalho pesado, sobretudo para a que levava a “carga”, que, sem o vigoroso velho índio da listra que a guiava, quase que ficava presa em tre o ma ta gal. Seu tol do, pelo me nos, foi mu i tas ve zes acha ta do e correu o risco de ir borda afora com tudo o que era nosso. Mas não tardamos a ouvir no meio do viçoso matagal o bramido de uma queda de água próxima. Deixamos ligeiro o barco e trepamos, não sem trabalho, por cima de ro che dos e pe nhas iso la das na di re ção do bra mi do. Um canal mais estreito precipitava-se perto, passando com ondas de 1,5 a 1,8 me tros de al tu ra, por cima de gran des blo cos. A que da e o ca mi nho para lá foram cuidadosamente examinados, mas o nosso pessoal julgou arriscado confiar as ubás àquele furioso remoinho e sugeriu que, uma vez que o dia estava expirando, procurássemos um lugar para bivacar. Erramos ainda por algum tempo pelo labirinto de mirtáceas, até que, finalmente, encontramos um pequeno pedaço de terreno pedregoso, coberto de tu fos de mato e se me a do de blo cos. Mo lha dos até aos os sos e com fome, este lugar de descanso foi-nos muito agradável. Mas antes de nos en tre gar mos ao sono, es ten de mos o tol do do *Growler* como uma ten da, fi ze mos uma fo gue i ra e aque ce mo-nos com al gu mas ta ças de chá. A chu va au men tou en tre tan to aos pou cos; acor dei mu i tas ve zes e fui atiçar a fogueira que se apagava, e ver nossa roupa que secava perto dela. A lua lutou muito tempo com a chuva. Tudo era silêncio. A solidão em vol ta de nós era pro fun da.

19 de dezembro

Refeitos pelo descanso e frugal almoço, embarcamos logo pela manhã muito cedo e encontramos, pouco depois de algum errar por en tre as mir tá ce as meio sub mer sas, o ca nal prin ci pal, em li nha reta, de on tem, que se gui mos ago ra.

Um forte bramir revelava a proximidade da cachoeira de Acaitéua. Logo em seguida o canal dobrou, deixou subitamente sua

direção oeste e sudoeste e continuou então no vau na sua infinidade linha reta. Com a curva redobrou, porém, a velocidade da impetuosa e remoinhante corrente do rio. Devíamos estar perto do lugar temido. Mais uma vez dobramos à esquerda no matagal, porquanto nosso pessoal estava indeciso sobre como deviam atravessar a queda. Se Martinho ontem nos faltara, hoje sentíamos duplamente sua falta, porque só ele conhecia bem este caminho, e podia mostrar com a sua canoa leve os melhores lugares para as mais pesadas. De repente surgiu diante de nós uma figura escura, saindo do mato como se tivesse emergido da água. Era Martinho; o bigode tornara-o reconhecível. Saltou imediatamente para dentro da nossa ubá e tomou com mão segura sua direção. Alguns momentos depois, porém, paramos porque os barcos tinham de ser descarregados, e carregamos penosamente nos sosseiros por cima dos penedos e caos de blocos atravessando o canal, que aqui se estreitava para algumas centenas de passos. Vimos então também Herr Theremin, que desenhava sentado sobre uma projeção da rocha, e depressa o alcançamos.

Desta rocha avistava-se toda a cachoeira. O rio rolava como se fosse um preamar entrante altas ondas, empurrando-as diante dele sobre o leito rochoso no canal reto por 1 e 2 milhas marítimas de continuados rápidos. À direita marginava o altas florestas virgens, borrifadas pela espuma das ondas; à esquerda elevava-se a mata das mirtáceas e blocos de gneis se uns por cima dos outros. Poucos minutos mais abaixo do primeiro lugar onde se descarregava a canoa, chegou uma segunda. O doutor ficou pela primeira vez sentado no barco; mas ao passar o seguinte ponto difícil tomei seu lugar, em parte para experimentar a sensação da passagem, em parte, porém, para poupar meus pés inflamados. A ubá deslizava muitas vezes descendo por entre pedras, e muitas outras levantada sobre as ondas. Os índios mostravam muita habilidade em dirigir a canoa. O tapir do padre, a infeliz criatura na proa do barco, ficou tão alvoroçado, que queria atirar-se na água; mas Martinho acorreu-se junto dele e segurou-o para seu dono.

Mais uma vez discutiu-se se seria preferível continuar descendo o restante dos rápidos com as canoas carregadas até à última cachoeira, ou levar a nossa bagagem por terra por uma vereda, uma picada aberta até lá, e descê-la com as canoas descarregadas. Calculava-se que poderíamos

fazer a ca mi nha da por ter ra em duas ou três ho ras; mas não nos fi a mos nisso, porque já conhecíamos bastante a diferença entre uma picada de índios e uma vereda conforme nossa idéia, como sabíamos igualmente bem que manobras imprevistas, sobretudo na que lasselvassolitárias, devem serevitadas.

A mulher de Martinho aproveitou o tempo enquanto se tornava a carregar as ubás, para tingir com o suco de uma planta o cachorrinho branco do marido de encarnado, e com o resto desta cor, pela qual os índios têm uma especial predileção, pintar de encarnado as suas pulseiras e as de sua interessante filhinha e nesta última anéis encarnados nas fontes e listras nos braços. Depois passou a um processo algo cruel, arrancando as sobrancelhas e as pestanas da pobre criança. A pequena suportou tudo firmemente, porque uma menina grande deve dedicar alguns *soins* ao seu exterior. A vaidade exige autodomínio – vale também para as índias nas florestas da América do Sul!

O Cônsul The re min ti nha gos ta do mu i to da vi a gem on tem na canoa do pai da bonita pequena, e tinha atirado também muito; entretiveram-no, porém, particularmente as interessantes conversas de Martinho, sobre a vida dos jurunas e a destreza de seus filhos, que se distinguiam so bre tu do no tiro aos pe i xes. No en tre tan to a mu lher e a fi lha do de ser tor tinham preparado uma muito boa refeição, e o local para o bivaque perto da cachoeira Acaitéua tinha sido bem escolhido; aquela amável gen te ti nha tam bém dado uma rede ao hós pe de bran co em lu gar da que deixara atrás. Finalmente Martinho deu ao cônsul algumas informações sobre a região que tinham percorrido juntos, e disse-lhe que o Eaú, na suaextremidade nor te, se di vi de em dois bra ços, dos qua is um cha ma do Ananindéua (Anaurá-aéua) mantinha a direção norte do canal principal e de po is for ma va a ca cho e i ra do mes mo nome, en quan to que Aca i téua, que seguíamos, como já ficou dito, vol ta va-se num ân gu lo agu do para o oes te e sudoeste.

Toda a ma nhã se pas sou trans pon do a úl ti ma ci ta da ca cho e i ra, até que finalmente voltamos a flutuar. Voamos então com a rapidez de uma seta, por certamente uma hora, levados pelos impetuosos rápidos no ca nal reto, sem mu dar mos a di re ção oes te e su do es te. Ador me ci, porém, por um momento, mas o Conde Oriolla observava a bússola em meu lugar. Quando despertei logo depois, deslizávamos suavemente

entre as plênias das florestas virgens, e o canal acabava de voltar-se para o norte. Por um momento gozamos de uma perspectiva mais livre; agora perdemo-la novamente, por o braço de rio estreitar-se de novo por entre altas ilhas, tornando-se um riacho de montanha com três metros de largura, abrindo violentamente caminho através de um dique de blocos de rochas que se opunha ao seu curso. As ubá-tive ram de ser mais uma vez descarregadas – mas, graças a Deus, pela última – porque chegáramos à por muito tempo almejada última cachoeira, a chamada Tapaiúna ou Taiúma.

Depois de nossos índios terem cortado um grande número de varas e estacas, entregaram-se juntos à tarefa de transportar a primeira ubá. Só alguns homens fortes ficaram à sua proa para guiá-la e evitar o choquetriboculoso; todos os demais puseram-se em volta de sua popa para empurrá-la ou porem sustentá-la por meio de comprimidos amarrados nela, conforme o fundo rochoso impelisse seu avanço ou a forte correnteza a arastasse. Se, porém, ela ficasse presa no fundo, ou não pudesse transpor alguma pedriscada, punham-lhe então embaixo as varas e as estacas, que tinham cortado, para fazê-la deslizar rolando sobre elas. O já tantas vezes citado belo índio da listra preta no rosto, saltava no entretanto com as armas na mão, de bloco em bloco, para mostrar o melhor caminho, até alcançar, finalmente, o ponto onde o braço estreito do rio, depois de muitos pequenos degraus, caía quase perpendicularmente, de cerca de 3 metros de altura, na grande bacia. Para este ponto foi a ubá arrastada com a rapidez de raio pela espumante torrente; os dois homens que iam na proa equilibram-se rapidamente no barco que, com um arranco como num salto, precipitou-se para baixo no rodadoiro espumante no pé da pequena queda. Passou-se bem uma hora, até que a última ubá transpôs com felicidade o fraguado, e agora tornamos a carregá-las prontamente, contentes por nos vermos livre da espeda em cima dos pedregulhos abraçados pelo sol.

Ficou assim para trás de nós a última cachoeira do Xingu e alcançado o ponto até onde o reinar se fazia sentir; esta última vibração do poderoso oceano, este vínculo líquido que liga as duas mais afastadas partes do mundo. Saíamos agora da escurião mística, que vela as florestas do curso superior e médio do rio, tendo transposto o último dique que separa as selvas bravias do interior da meia civilização, o impetuoso,

embra ve ci do pela sua jo vem for ça e es pu man te rio da flo res ta do ba i xo Xingu, que, como um bra ço de mar, cor re ma jes to so para o gi gan tes co Ama zo nas. Sim, o jo vem Xingu ti nha-se, de po is de ter trans pos to vi tori o so to dos os obs tá culos que se lhe an te pu nham, tor na do ho mem!

Atravessamos, ao entrar o verdadeiramente refrigerante frescor da tarde, que se seguiu ao dia abafado, duas bacias, uma após outra, na primeira das quais precipitava-se o riacho da floresta que nos levara até ali, e mais cinco semelhantes; na segunda, entrava por entre duas altas paredes de rocha um largo braço de rio formando uma só queda de água um pouco mais alta. Imediatamente abaixo da cachoeira de Tapaiúna de que, aliás, devido às muitas ilhas, só podíamos ver tão pouco em toda sua largura quanto das outras três que tínhamos transposto, o Xingu fazia uma curva para oeste; deixamos também logo para trás o labirinto daquelas ilhas rochosas cobertas de mato perto dela, e entramos logo depois num braço de rio com poucos passos de largura, ladeado por florestas virgens de altos troncos. Mas sobre nós pairava uma séria tempestade; caíram algumas gotas e logo a seguir a chuva caiu a jorros sobre nós. Dobramos, acompanhando sempre a margem direita, para noroeste, quando, embora não tivesse ainda decorrido uma hora desde que deixáramos as cachoeiras, já era noite fechada.

Remou-se ainda por uma hora ou mais, sempre sob chuva e com vento contrário, até que, finalmente, chegamos à almejada praia de Caranari, onde, no dizer do nosso pessoal, encontraríamos um rancho para pernoitar, e demo-nos pressa em saltar para a planície arenosa à margem do rio. Aí o grupo encharcado procurou por todos os lados o desejado abrigo; mas em lugar do rancho só encontrou os esteios, e algumas varas que lhe assinalavam o local. Quando íamos ceder ante o inevitável, e nos preparávamos para estender o toldo do *Growler*, esta âncora de salvação, sobre aqueles esteios como teto, o padre, de repente, teve uma idéia: que talvez fosse possível dentro de hora e meia alcançar um lugar onde ele próprio estabelecera um seringal; lembrava-se também de que havia uma casa perto, mas que tinha sido abandonada pelos seus moradores e a que, conforme costume da terra, provavelmente não deixaram de pôr fogo antes.

Dis cu ti mos o as sun to, e como com o nos so bi va que mo lha do na pra ia não se per dia nada, re sol ve mos pro lon gar a mar cha até ao lo cal

indicado, pela muito pouca esperança também que tínhamos de encontrar algo melhor. Embarcamos imediatamente, embora não enxergássemos um palmo adiante do nariz. Imagine-se que desde o romper do dia não tínhamos comido nada; alie-se a isto o muito trepar por cima das penedias nas cachoeiras, e se poderá compreender quanto tudo isto concorreu para aumentar as saudades da despensa do igarité, que era nossa meta para o dia que ia nascer, e que flutuava diante de nossa fantasia como um castelo de fadas.

Nosso rumo era sudoeste, tanto quanto eu podia observar sob a chuva persistente e nas trevas reinantes. Por muito tempo ficamos calados, acorados nos nossos lugares, escutando o ritmo cadenciado dos remos, quando, de repente ouvimos latidos e logo depois brilhou uma luz na margem direita. Nossa resistência ia ser fartamente recompensada, por que, oh, que alegria! encontramos não só a casa em perfeito estado, como até habitação por gente vestida, em boa de cor, que saudou o padre como velho conhecido e nos levou pela simples varanda para uma espaçosa sala. Não tardou que um fogo brilhasse alegre o chão da cabana, no qual a nossa velha hospedeira preparou a refeição enquanto nós armávamos as redes enxutas que seu marido nos deu, tão perto quanto possível desta simples lareira, para descansar e nos aquecermos nela. Há via mais de dez dias que passávamos sem sal, e desde que deixáramos o igarité não tínhamos tido outra luz senão a das fogueiras dos bivaques. Imagine-se por aí que conforto sentimos hoje encontramos ambos no ventre, e quando, como nos sopeço se expressava, em lugar de farinha “pagã”, pudemos comer no ventre farinha “cristã”!

20 de dezembro

O descanso da noite tinha-nos feito bem. Sem este teto hospitaleiro, ter-nos-íamos além do mais, com a persistente chuva, exposto a contrair a febre, que, como já foi dito, não raramente ataca os estrangeiros nestas regiões. Na varanda da pequena casa, saboreamos, esperando que passasse um aguaceiro, algumas cuias de mingau, que experimentamos aqui pela primeira vez.

O seringal ficava numa pequena clareira na orla de uma muito copada mata de seringueiras de altos troncos, de onde se gozava uma

vista livre do Xingu a montante, que pouco acima da cabana mudava sua direção sodoeste para noroeste e oés-noroeste, e cerca da altura do seringal para outra em linha reta, noroeste-quarta a norte, que parece manter quase inteiramente até desaguar no Amazonas.⁹⁶ A esta circunstância devia-se também atribuir o fato de nós de agora em diante, na continuação de nossa viagem rio abaixo, que iniciamos hoje cerca das 8 e meia da manhã, termos novamente o horizonte reto diante de nós, enquanto a largura do Xingu, que era acompanhado por altas florestas de ambos os lados, quase não chegava a setecentos metros aqui. À esquerda, no entanto, um muito acentuado sombreado no cimo das árvores nos fazia presumir um afluente, ou pelo menos um braço importante de rio, que confluiria como o rio principal perto da ponta que tínhamos diante de nós à esquerda; mas ao chegarmos lá – o que, aliás, nossos índios já nos tinham antecipado – vimos que era só uma baía que entrava profundamente na floresta, voltada para sudoeste, contra a direção do rio portanto. Pouco depois desembarcamos em duas roças que se seguiam uma após outra na margem oposta. Na primeira delas adquirimos uma provisão de farinha e um belo pato, e na segunda pudemos prover-nos de um número não pequeno de melancias, que daqui por diante foram o único consolo para nossos estômagos arruinados pela mandioca. Por esta ocasião observamos que nesta região aparecem aqui e ali, acima da superfície do Xingu, camadas de xisto argiloso, ao passo que o granito e o gneisse desaparecem com a última cachoeira.

Já por toda a manha tínhamos avisado, no horizonte no meio do rio, os topos de um grupo de árvores; agora começavam a ficar aos poucos mais altos, e pouco a pouco apareceu a própria ilha selvo sa onde se enraizavam; e Castanhal, a pequena ilha com os dois ranchos na encosta, estava diante de nós. Mas que decepção! Do nosso almejado igarité não descobrimos nenhum vestígio! Olhávamos com olhos quase saltando fora das órbitas, mas em vão, até que, por fim, tendo chegado muito perto da ilha, depois de infrutíferas buscas, vimos aparecer um mastro por trás de um pequeno grupo de arbustos na praia arenosa. É

96 Na viagem de ida, em que nos mantivemos sempre na margem direita, pareceu-me ser a direção do rio entre Porto de Moz e Acajúira, norte, daí por diante nor-noroeste, perto de Pombal no oeste e perto de Sou sel no oeste meia norte.

fácil de calcular nosso júbilo quando cerca do meio-dia tínhamos felizmente alcançado o igarité, primeira meta de nossa viagem.

Agora era tratar de desempacotar, pôr ao sol, secar, separar, pôr em ordem e depois arrumar e empacotar nossas coisas – lavamo-nos e mudamos de roupa; antes de tudo, po rém – cozinhá-lo. O pato assado estava excelente; não faltou também vinho. No entretanto vimos também, pela primeira vez de novo, a maré subir alguns pés na praia areosa, ela não vai até a última cachoeira.

Cerca das quatro horas da tarde o igarité levantou ferro. Era exatamente a hora do café; e como nos soube! Aliás, o dia de hoje parecia-nos um dia de festa, e quase que não podíamos acreditar que estávamos ali. Remou-se durante toda a noite, de forma que a escuridão roubou-nos a vista da embocadura do Tucuruí.

21 de dezembro

Entre oito e nove horas da manhã ancoramos diante de Sousel. A despedida do nosso experiente companheiro de viagem, o Padre Torquato, a quem ficaremos eternamente gratos, foi-nos difícil, tanto nos tínhamos identificado reciprocamente. Só a ele devemos ter podido levar tão longe a nossa intressante expedição, por quanto sem a confiança que sua presença inspirava aos selvagens, teríamos certamente de lutar contra muitas dificuldades. Foi também a seu pedido que a gente de Sousel e do Tucuruí nos acompanhou, o que certamente sem a sua assistência não teriam feito tão espontaneamente.

Esperamos ainda muitas horas nas canoas dos nossos amigos jurunas, que não tinham podido acompanhar-nos tão depressa; mas como não aparece sem, vimo-nos finalmente forçados, para não perdermos a maré, a deixar o ancoradouro de Sousel, de pois de termos ainda uma última vez partilhado do nosso frugal jantar com o nosso querido amigo, o padre.

À noite as lufadas de chuva obrigaram-nos a ancorar na margem direita. O igarité jogava tanto, que o Conde Oriolla teve um ligeiro acesso de enjôo.

22 de dezembro

Desde alguns dias que infelizmente tinha começado a tão temida estação das chuvas. Que felicidade para nós já termos terminado a parte mais difícil da viagem porquanto o Xingu, assim dizem, quase não é navegável para barcos pequenos durante o tempo de sua enchente. O vento hoje também nos era contrário, não obstante nesta época do ano, se bem entendi o padre, soprar quase sempre do oeste para o norte no curso inferior do rio, enquanto que por todo o resto do ano o vento geral deve estender-se até aqui.

Pela manhã demoramo-nos por alguns momentos em Pombal,⁹⁶ para comprar víveres. Compõe-se de algumas miseráveis cabanas de palhas de palmeiras numa praia arenosa, por entre as quais crescem bananeiras, mato e palmeiras. No fundo elevam-se impenetráveis florestas, mas não mais as belas florestas virgens de altos troncos do curso médio do rio, e sim as árvores mais baixas que acompanham o Xingu até Porto de Moz.

Ao meio-dia passamos, remando contra o vento forte, por Veiros; à tarde, porém, o tempo melhorou. No momento eu lia no meu banco no Freiligrath⁹⁷ do Conde de Bismark, sobre leões, tigres e palmeiras, quando de repente, ouvimos o bater de tambor de mistura com sons de pífano. Um barco veio ao nosso encontro e passou perto de nós. Era um barco enfeitado, com três bandeiras todas brancas, e com a imagem de Nossa Senhora. Estes barcos, disseram-nos, andavam dum lado para outro no rio, angariando espórtulas para a próxima festa; a festa do Natal é também um dos mais importantes períodos do ano para os habitantes do baixo Xingu, porque os seringueiros, isto é, a quase totalidade da população masculina que saíra para a colheita da borracha, voltam para seus domicílios e para suas famílias, que tinham ficado sós.

À meia-noite ancoramos em Acaí, a pequena distância da habitação do nosso piloto.

96 Segundo v. Spix e v. Martius, T. III, p. 1050, chamado Pirariqui na língua da terra, como Sousel também tem o nome de Aricara e Veiros, que antes esteve noutro lugar o de Ita-Curuçá, isto é, Cruz de Pedra e Porto de Moz, Maturá.

97 Freiligrath, poeta alemão 1810-1876, autor do poema “Lowenritt” – (A Carreira do Leão).

23 de dezembro

Aqui adquirimos alguns objetos, que Albuquerque já tinha mandado separar a nosso pedido, como cuias pintadas, grandes frutos da sapucaia do feitio de vasos, e grandes tigelas feitas da casca de frutos de palmeiras. Todas estas belas coisas emigraram conosco para a Europa.

Depois de nos demorarmos por algumas horas, prosseguimos nossa viagem. A mulher do piloto estava perto de dar à luz, mas ao seu marido não ocorreu nem de leve alegar esta circunstância contra nós, ou sequer manifestar no olhar o desejo de ficar ao seu lado: tão pouco se preocupam aqui com isto. As índias desta região quase que não se afastam nem um só dia do trabalho, depois do parto; as mulheres jurunas até se banham no rio com o filho, imediatamente depois.

Acaí não tardou a ficar para trás com a sua larga orla de *Caladium*, planta que se encontra muito mais amiúde e em muito maior quantidade no baixo Xingu do que acima das cachoeiras. Para a tarde emergiram diante de nós no fim da imensa superfície semelhante a um mar, do Xingu, as inúmeras ilhas do Amazonas, por trás das quais erguiam-se ao longe os azulados contornos da serra de Almeirim, apenas reconhecíveis, enquanto à nossa esquerda estendiam-se as terras baixas de Campos de Aiqui. Remamos quase encostados às florestas da margem que se projetam no rio, e só nos apercebemos de Porto de Moz quando já estávamos muito perto, tão mesquinha parece vista daqui a fila de cabanas estendendo-se ao longo da orla da floresta. O sol da tarde espargia ouro. Saltando em terra notamos os preparativos para as festas do Natal.

O comandante tinha tido a bondade de mandar pegar para mim um crocodilo com 3 metros de comprimento, mas infelizmente morreu dos ferimentos; contudo ainda encontrei alguns vestígios dele na areia da margem, salientando-se nela sua forte carapaça. Uma atenção igualmente bem intencionada teve o mestre-escola do lugarejo para comigo, oferecendo-me uma vista da cidade que ele próprio desenhara. Por fim tenho ainda que citar um igualmente amável presente, um esboço do curso do Xingu com que me presenteou o comerciante Feio, o amigo e ao mesmo tempo professor de francês do padre, ao partirmos de Sousel, e

que eu guardei agradecido junto às muitas recordações do nosso amigo padre.

As estrelas cintilavam claras quando entramos no Amazonas. Só o canto melancólico dos nossos remadores perturbava o silêncio, e no Xingu se me lhan te a um mar que fi ca va para trás e a que ago ra di zía mos adeus para sempre, reinava noite escura. Como nos pareceu outro, quão rico de recordações nos pareceu neste momento, e quantas maravilhas nos tinha revelado, que nós, três semanas antes, quando o tínhamos avistado pela primeira vez, apenas tínhamos presumido! Muito embora me ti ves se des pe di do dele como de um ami go, atra ía-me com mais for ça ainda o oceano azul, para o qual voltávamos hoje à noite novamente o rumo.

24 de dezembro

Com a entrada no rei dos rios, encontramos novamente o vento geral, que de agora em diante se nos apresentava tão contrário, quanto nos favorecera na nossa viagem rio acima. Com exceção de um curto momento em que pela manhã cedo nos detivemos em Tapará, onde comprei uma carapaça de crocodilo, também raízes de cora,⁹⁹ uma espécie de batata, lutamos quase todo o dia contra ele. Soprou hoje, com tanta violência que, juntamente com o preamar, desviou o igarité para leste, num movimento remoinhante. Fomos por isto obrigados a cortar varas, para poder impelir com grande trabalho o barco junto aos exemplares de *Caladium* e juncaís da margem. Para a tarde, porém, o vento contrário amainou, e não tardou que o céu estendesse seu manto estrelado, no qual brilhava o Cruzeiro do Sul, por cima das águas escuras do gigantesco Amazonas, como se quisesse festejar também a noite de Natal. Na margem direita brilhavam entretanto as poucas luzes de Vilarinho; a ilha, porém, em cujo cimo ficavam ambas as cabanas, estava ainda diante de nós. Fomos então arrastados por violenta corrente, o barco não obedeceu mais ao leme, e encalhamos num banco de areia, que se extremava com o lado superior da pequena ilha. Mas, trabalhando com nossas forças reunidas, conseguimos safá-lo, de maneira que nossos festejos do Natal só foram interrompidos por

99 Creio tra tar-se de cará, uma es pé cie de inha me mu i to co nhe ci da no Nor te.

poucos momentos. O igarapé estava festivamente iluminado, porque além da *fighting lantern*, que como todas as noites estava pendurada no convés, tínhamos acendido mais quatro velas enfiadas em garrafas, que o vento naturalmente apagava constantemente e que só raramente conseguíamos reacender. O Conde Bismark deu-nos uma excelente “rabanada”,¹⁰⁰ nenhuma alusão ao nosso grupo realmente, preparada com bolachas de bordo. O Conde Oriolla, por sua vez, preparou ponche chamejante, com o qual bebemos à saúde dos ausentes em quem cada um de nós pensava. Por fim tínhamos também preparado uma espécie de pirê com tubérculos de cará. Todavia, e apesar de todas estas excelentes delícias, nosso pensamento estava mais do outro lado do oceano do que no Novo Mundo, vagando de um querido lugar na Europa para outro. Depois cantamos, mas o nosso canto não teve hoje a repercussão geral de costume. No entretanto o céu toldara-se, as luzes apagaram-se e o grupo procurou o repouso.

25 de dezembro

A manhã do primeiro dia da festa do Natal encontrou-nos novamente lutando contra a correnteza e o vento. Estava ao mesmo tempo abafado e o céu despejava uma chuva torrencial quente. Mas tínhamos desde alguns dias antes coberto a parte descoberta do igarité com lona de vela e encerados, para de algum modo nos protegermos contra os inconvenientes da estação chuvosa. Esta cobertura só era atada dos lados a intervalos, para que os remadores pudessem remar livremente.

Às 11 horas da manhã fomos a pé que na baía logo acima do Gurupá, onde a escuna brasileira de guerra *Rio Amazonas* estava ancorada. O seu comandante veio imediatamente a bordo do igarité para, por ordem do Presidente do Pará, pôr-se à minha disposição. Vi-me infelizmente obrigado a não aceitar este amável convite, por a escuna precisar de mais tempo ainda do que o igarité para chegar ao Pará, por não poder bordejar nos canais estreitos, e não podia naturalmente recorrer aos remos, para o que ainda estava menos adaptada do que o nosso barco, também já bastante pesado.

¹⁰⁰ O nome desta espécie de bolo, rabanada, em alemão é *arme ritter!*, à letra, “cavalheiros pobres,” daí o calembur no original.

Para a navegação nestas águas, na minha opinião, com exceção dos barcos a vapor, nada é mais apropriado do que grandes lanças, bem tripuladas, providas de um toldo impermeável. Para as Cataratas do Xingu e acima das mesmas, porém as canoas, de vidro ao seu pouquinho, ficam sempre sendo as melhores. Aliás, para a navegação a vapor no Amazonas já estão sendo lançadas as bases; pouco antes de chegarmos ao Pará já tínhamos chegado da América do Norte um peixe que não vai por destino à carreira entre esta cidade e Marajó.

Deixamos o ancoradouro depois de termos recebido a pele seca da serpente e alguns víveres. O tempo tinha clareado; o sol acabava de sair dentre as nuvens, quando singramos abaixo da íngreme orla da margem, onde Gurupá se estende. À noite, estávamos na altura do lugar onde quase quatro semanas antes tinha sido morta a serpente. A noite estava estrelada; contudo, chamou-nos a atenção uma claridade esbranquiçada do céu a oeste.

26 de dezembro

Pairava ainda um espesso nevoeiro sobre o rio pela manhã, mas logo depois do nascer do sol já podíamos reconhecer a nor-nordeste aquela ponta de floresta na extremidade das florestas virgens da margem direita, por trás da qual o acima mencionado imenso braço, chamado Tajipuru, deixa a rio Gurupá. Exatamente ao norte nos trouxeram-se uma segunda língua de floresta muito mais para trás. Esse era o ponto onde a 29 de novembro entramos no rio Amazonas, saindo do Uituquara. Um pouquinho mais à esquerda, finalmente, a norte 1/2 oeste, situamos o fim da terra à esquerda, que certamente deve ser considerada como uma das ilhas de Gurupá, que Spix e Martius dão no seu mapa. Entre ambas as últimas citadas pontas fica como um pedaço de horizonte do mar na direção da embocadura. Pouco depois entramos no Tajipuru.

Seja-me permitido repassar aqui em conjunto, até certo ponto, em poucas palavras, o que sobre os canais de ligação do Amazonas e Pará, e as peculiares condições de corrente naquelas águas, em parte pelas informações do nosso piloto Albuquerque, pude apurar e até aqui não mencionei. Do grande rio principal, rico de ilhas, correndo para nordeste, e do seu braço do sul, que da embocadura do afluente do mesmo nome

em diante prossegue às vezes com o nome de Xingu até Gurupá, a maior parte das vezes, porém, nesta região com o nome de rio de Gurupá, e que mais tarde conflui com o rio de Macapá, ramificam-se dois canais principais quase paralelos, descendo para sudeste, o Tajipuru e a Jaburu, que deságuam no já muitas vezes mencionado mar de Água Doce, que banha as costas de Marajó com o nome de rio da Cidade ou rio Pará, no sul e a leste e até na parte oeste do mesmo, que já ficamos conhecendo antes com o nome de baía das Bocas. Além do Limão, um braço pequeno, que liga o Tajipuru ao Uituquara, encontram-se ainda como canais de ligação entre o Tajipuru e o Jaburu, começando pelo norte: um ramo sem nome do Jabixava, depois o Bojaçu, o furo das Ovelhas, o Macujubi, o furo das Velhas e finalmente o Aturiazal. Da embocadura do Aturiazal em diante o Tajipuru leva o nome de furo de Melgaço, do lugar para onde se volta daqui, enquanto o Jaburu, da desembocadura desses canais intermediários em diante, passa a chamar-se rio dos Breves. O Uituquara, no qual navegamos de 27 de novembro à noite até 28 à tarde, começa na mesma bacia do Amazonas, da qual nasce o Tajipuru; corre paralelamente ao rio de Gurupá e deságua no Jabixava, que se separara pouco antes do Amazonas; recebe logo depois o Jaburu e corre depois para leste para mais abaixo confluir novamente com o rio de Macapá. Soubemos mais que o Tajipuru deve receber dois afluentes do oeste, isto é, o igarapé das Cobras (Ninho das Cobras Grandes) e o igarapé da Lagoa, que vem da região do Xingu, devendo ser navegáveis para embarcações leves. Não é contudo impossível, embora não seja de forma alguma provável, que Albuquerque tenha confundido este igarapé com o riacho da Laguna, que Martius assinalou, e que estabelece a ligação entre o Pucuruí, que deságua perto do Gurupá, e o Uanapu, que fica em parte seco no verão.¹⁰¹

No que concerne às condições das correntes nas águas entre o Amazonas e o Pará, de pen dem em par te dos res pec ti vos des ní ve is, em parte do influxo do Oceano, em parte da pressão da colossal massa de água do Amazonas, e finalmente do crescimento o decrescimento das águas dos importantes rios que formam o Pará. Como as estações das chuvas no alto Amazonas e nas cabeceiras de seus grandes afluentes não coincidem, já disto resulta grande irregularidade nas condições das correntes,

101 Ver: v. Spix e v. Martius, T. III, p. 1047.

e se ria pre ci so todo um ano de es tu do se se qui ses se es cla re cê-las in te i ra men te, bem como suas ca u sas.

Ao tempo em que navegamos por essas regiões, como ficou dito, o Tajipuru corria persistentemente para o Pará, uma prova de que aquele é o principal desaguadouro para a parte das águas do Amazonas correndo para sudeste, que se lançam nele com tanta violência que levam de vencido o preamar oceânico. No Jaburu, ao contrário, estes últimos se fazem sentir duplamente, entrando o preamar neste braço do rio tanto pelo norte, pela grande embocadura do canal de Bragança, como pelo sul, através do Pará. A divisória das marés fica aqui, no Jaburu, perto da em bo ca du ra do furo das Ove lhas. Será que se deve pro cu rar a ca u sa deste fenômeno principalmente nas diferentes condições do fundo? Terá tal vez o Tajipuru um de cli ve mais for te e mais re gu lar do que o Jaburu? Estas perguntas e outras semelhantes podem fazer-se também no que concerne ao Uituquara que, como o Tajipuru, vazou constantemente enquanto o su bía mos.

A imensa pressão da parte da turva enchente do Amazonas que se di ri ge para o su des te pode-se atri bu ir à gran de mas sa de água que corre constantemente atra vés do Tajipuru, lar go, na ve gá vel mes mo para grandes navios de guerra, para o mar de água doce ao sul de Marajó. O viajante se firmará, porém na opinião de que o rio Pará deve ser consi de ra do como a de sem bo ca du ra sul do Ma ra ãón, pelo fato de não pre va lecerem nes ta gran de ba cia nem as águas cris ta li nas do Ua na pu, nem as on das cla ras cor de aze i to na do To can tins, com a cor tur va bar ren ta do Ama zo nas até sua en tra da no oce a no for man do sem pre o tom bá si co na mis tu ra de to dos es tes rios.

Do lado direito da embocadura do Tajipuru, com 100 a 130 metros de largura, onde agora entramos, eleva-se uma mata de palmei ras-leque de forma esférica da viçosa cinta de *Caladium*, enquanto que defronte erguem-se altas árvores frondosas. Aqui encontramos com um iga ri té se me lhan te ao nos so, que ti nha dado a suas pan gai as re dondas a forma de remos compridos, amarrando-lhes varas: uma aparição que já de si nos surpreendia, porque, como já nos tínhamos convencido na viagem de ida, um bar co nes tas águas per ten ce ao nú me ro das ra ri d ades.

Nos primeiros momentos, a direção do canal era lés-sudeste, mais tarde sudeste, depois voltou-se para leste, leste-quarta a norte,

lés-nordeste, e finalmente, cerca do pôr-do-sol, onde o Limão, vindo de noroeste-quarta a oeste deságua no Tajipurú, novamente leste. Durante todo o dia acompanharam nosso largo braço de rio altas e esplêndidas florestas virgens entremeadas de esguias açais que, contudo, foram diminuindo de altura. Logo de pois da confluência deste último com o Limão, vimos, ao anoitecer, o segundo dos acima mencionados canais apartar-se numa direção nor-nordeste para o Jabixava, depois do que o Tajipurú voltou-se primeiro para lés-sudeste, uma hora depois, porém, por um momento, para sudeste-quarta ao sul, imediatamente depois para leste, em seguida sul-sudeste e finalmente para sul-quarta a leste. Um peque no e cur to igarapé, como o piloto o descrevia, provavelmente o citado como Bojaçu, ramificou-se mais tarde, onde nos so canal principal dobrava para sul-sudoeste, para nordeste. Pouco de pois chegamos a um afluente a oeste, o já acima citado igarapé das Cobras, em seguida ao que o Tajipurú correu durante uma hora em direção quase ao sul, até a embocadura do furo das Ovelhas, para então por cerca de duas horas, passando pela embocadura do Macujubi, seguir mais ou menos a direção sudeste. Mais tarde voltou-se para o sul-quarta a oeste, enquanto que um igarapé, cujo nome Albuquerque não conhecia, ficou em linha reta.

Havia já muito tempo que eu vinha lutando com o sono, deixando-me algumas vezes vencer por ele por pouco tempo, de maneira que só posso dar aqui a direção do canal do furo das Ovelhas até Macujubi, conforme as observações do piloto e não conforme as minhas próprias. Por um pequeno trecho mais para diante, o Tajipurú levou a direção sul-quarta a leste; tem aqui 200 metros de largura, mantendo-se em média desde o Amazonas entre 130 e 200 metros. Neste ponto conflui com o igarapé da Lagoa, vindo do oeste, enquanto o furo das Velhas, que lhe fica defronte, volta-se para nordeste.

27 de dezembro

Amanhecia, quando Albuquerque entrou neste último canal com apenas 70 metros de largura, tomando-o pelo Aturiazal. Quando o sol nasceu e meus companheiros acordaram, o igarapé estava à sombra de um espesso grupo de palmeiras com folhas flabeliformes, coberto por uma compacta maranha de lianas sobre as quais pendia uma rede

das mais belas flores de maracujá. O Conde Oriolla fez então a inspirada proposta de imitarmos o arranjo de remos que viramos ontem naquele barco que encontráramos pela manhã na embocadura do Tajipuru no Amazonas, e mandamos imediatamente nosso pessoal para a floresta cortar varas que seriam amarradas nas pangaias. A força que resultou do emprego destes longos remos foi tal, que a metade dos remadores podia imprimir ao igarité mais velocidade do que dantes toda a tripulação junta. Resultou também a grande vantagem de formarmos daí por diante duas turmas e o pessoal poder assim trabalhar dia e noite. No furo das Velhas vazava fortemente na direção do Jaburu, enquanto víamos o Tajipuru passar correndo com a habitual velocidade para o sul-quarta a leste. Passamos a maior parte da manhã nos primeiros canais citados, por termos, certamente por mais de uma hora, remado neles na direção norte e leste-quarta a norte, antes do piloto descobrir seu erro. Mas não lamentamos o tempo perdido, porque a soberba embora mais baixa vegetação, uma verdadeira coleção de palmeiras e lindíssimas flores, sobretudo de maracujá e de *Stizolobium*, indenizaram-nos fartamente. Como o furo das Velhas era muito raso para o igarité e além disto teria sido um rodeio para nós, voltamos para o Tajipuru, que seguimos por um pequeno trecho para o sul-quarta a leste até alcançarmos, o que não tardou, a embocadura do Aturiazal, que, aliás, era enganadoramente parecida com a do furo das Velhas – e entramos nele.

O Aturiazal corre para nordeste-quarta a leste, dobra depois para leste-quarta a sul até uma bifurcação em que se volta para sudeste-quarta a leste, enquanto um outro canal segue para nordeste. Estende-se com uma largura de 70 metros apenas, em linha reta, como um canal artificial, entre duas paredes de palmeiras-leque. Suas direções posteriores são: sudeste, lés-sudeste, lés-sudeste-quarta a leste, e lés-sudeste.

Depois de termos passado uma plantação de arroz isolada, à nossa esquerda, em tra mos, ain da an tes do pôr-do-sol no Ja bu ru, cor ren do para su des te, da qui por di an te cha ma do rio dos Bre ves, onde a co nhe ci da alta flo res ta vir gem ao lado nos acom pa nhou no va men te. Às 11 da no i te che ga mos a Bre ves.

28 de dezembro

Ao romper do dia fomos a terra, para comprar alguns víveres e procurar um piloto para continuarmos a viagem. Até aqui a principal via fluvial, tanto para grandes embarcações como para pequenas, que querem descer o rio de Gurupá para o Pará é a mesma que tínhamos seguido. Para a viagem de Breves para o Pará, porém, há dois caminhos. As embarcações maiores mantêm-se no meio do rio Pará e seguem pelos canais perto da ilha das Onças até diante da cidade. As pequenas, ao contrário, seguem muito perto ao longo da costa de Marajó, cobertas pelo *rideau* das pequenas ilhas, que se estendem ao longo da mesma até a chamada baía de Marajó,¹⁰² atravessam daí transversalmente o rio Pará, e entram no furo do Japim (Japu) que as leva por entre as ilhas a oeste da embocadura do Tocantins, primeiro ao chamado Limoeiro e depois ao próprio Tocantins. Cortando a direção deste rio, dirigem-se para o Anapu, um dos seus afluentes da direita, chegam daí pelo já citado Igarapé-Mirim, o rio Moju, e por este finalmente ao Pará. A este caminho chamam “por dentro” em oposição ao seguido pelas grandes embarcações, a que chamam “por fora”.

Albuquerque não conhecia o caminho através do Japim, Limoeiro, Tocantins e Igarapé-Mirim, e ao mulato Frutuoso, que se ofereceu para guiar-nos, não nos queríamos confiar, não nos restando por isto senão procurarmos outro piloto aqui em Breves. Como não encontrássemos nenhum, o comandante finalmente apresentou-nos um homem de confiança para isso, e logo depois do nascer do sol deixamos Breves tendo-nos seus amáveis habitantes antes trazido alguns ovos de presente, que recebemos sinceramente agradecidos.

Durante toda a manhã lutamos quase sem cessar contra o vento do mar e o preamar, que ia entrando pouco a pouco o rio dos Breves, com cerca de 300 metros, em cujas margens avistávamos, a intervalos, ora uma casa sobre estacas, ora uma roça na orla das florestas de árvores frondosas, tendo muitas vezes de permeio altas palmeiras-leque com mais de 30 metros de altura. Depois de muito trabalho em vão, encostamos na margem direita, perto de uma

102 Na baía de Marajó, deságuam, segundo Albuquerque, o Atua, de pois a oeste o Jupati, o Muana e outros rios.

magnífica mata de palmeiras, que nos deu muitas oportunidades de desenhar. Cozinhamos aqui, e prosseguimos com a vazante que começara. Ao pôr-do-sol estendeu-se diante de nós a superfície avermelhada do rio Pará. Mantivemo-nos sempre à esquerda da costa de Marajó. Um pequeno bando de macacos saltava agilmente de galho em galho na margem. Prosseguindo sempre para leste, atravessamos a baía de Tapará e logo tivemos pequenas ilhas de palmeiras com folhas em leque entre nós e a corrente. Passamos depois e embocadura do rio Ajará, que vem do nordeste do interior de Marajó, e chegamos assim entre as 8 e as 9 da noite ao estreito furo de Santa Isabel, no qual remamos toda a noite. A princípio sua direção leste e nordeste, até ao ponto onde recebe o furo do Jupatituro, vindo mais ou menos do noroeste, e daqui em diante correndo para nor-noroeste, e, depois de ter deixado outro pequeno igarapé à direita, primeiro para norte-quarta a leste, depois para leste e nordeste-quarta a leste; em seguida o furo de Santa Isabel pareceu correr por um bom trecho para o norte, depois pouco antes de uma fazenda, para nordeste, e finalmente para leste; o Cruzeiro e a Ursa Maior brilhavam ao mesmo tempo no azul-escuro do céu estrelado. Mais tarde nosso canal voltou-se para o sul, para leste e sudeste, voltando-se então novamente para lés-nordeste, até que, confluindo com o rio Mutuacá vindo do oeste do interior de Marajó, continua seu curso para leste.

29 de dezembro

Quando rompeu o dia, o igarité estava no ponto onde o furo de Santa Isabel e o Peria, saindo de Marajó, se encontram numa desembocadura comum, que se abre a leste na direção do Pará. À esquerda ficava a costa de Marajó, à direita a ilha de Santa Isabel, que já descrevemos na viagem de ida. Daqui seguimos lutando sempre com o vento contrário, em direção a oeste, ao longo das soberbas matas de palmeiras de Marajó, as mais belas que já víamos. Muitas vezes acompanhavam-nos à direita ilhas isoladas – e precisamente Taboca foi a primeira pela qual passamos hoje; muitas vezes podíamos também estender a vista livremente sobre a superfície do rio Pará e sua longínqua margem sul. Encostamos perto de uma roça e cozinhamos, para o que nos utilizamos do que achamos. Depois prosseguimos em nossa viagem ao longo da costa, atravessamos ao pôr-do-sol a baía Corali, passamos pouco

depois a fazenda Maruari, reconhecível devido à cobertura de telhas e uma grande árvore de que nos lembrávamos bem da outra viagem de ida, e ancoramos, ainda antes da meia-noite, perto da fazenda Açuranda, igualmente nossa conhecida. Durante o dia tivemos alguns aguaceiros; o vento leste esteve hoje também alternadamente mais forte e mais fraco.

30 de dezembro

Às 5 horas da manhã, quando a luz das estrelas começava a apagar-se, o igarité levantou ferro. Assim que com o alvorecer do dia a brisa do mar começou a soprar, içamos a vela e até amurada a bombordo, e começou-se ao mesmo tempo a remar. Rumamos então sul-sudeste 1/2 sul, por conseguinte diretamente à ilha da Conceição, perto da margem sul do Pará. Paquetá ficava mais ou menos a oeste de nós; por trás dela víamos as ilhas da baía de Marajó e vislumbramos a ilha de Santa Cruz. Assim nos disse o piloto chamar-se a terra do lado direito da embocadura do Tocantins – a leste por trás de Conceição e Tucumaiduba. Quando o Pará foi felizmente atravessado, continuamos a remar para leste a uma distância de 70 metros ao largo da costa da ilha da Conceição, depois ao longo da que se lhe seguia imediatamente, separada só por um estreito igarapé da ilha Tucumaiduba, que a precedia. Com a entrada do preamar, que, aliada à viração, se opunham ao nosso avanço e até nos alagou um pouco, vimo-nos forçados a encostar na ilha Tucumaiduba. Aproveitei este descanso para desenhar algumas das belas árvores e lianas da floresta virgem.

À tarde prosseguimos nossa viagem novamente ao longo da ilha para leste. À esquerda estende-se ao longe a terra baixa de Marajó, da qual nos separa o largo rio Pará que só algumas velas isoladas assinalavam fracamente. Para a tarde alcançamos finalmente três ou quatro encantadoras ilhas, cobertas com palmeiras miriti, por trás das quais se esconde a embocadura do igarapé Japim, e entramos com a enchente do Pará neste canal de 33 metros de largura, para continuarmos nele nossa viagem com a vazante do Tocantins. A princípio marginavam o Japim altas palmeiras-leque que, porém, foram pouco a pouco ficando mais baixas. Passamos depois pela fazenda de um padre; coqueiros e alguns negros já anunciavam alguma lavoura e a entrada em terras da costa. Não longe estava pousado um bando de gaivotas no *Caladium*, que

saudamos com uma salva, mas infelizmente sem resultados apreciáveis. Não obstante o canal ia ficando pouco a pouco mais largo; serpeava tanto, que acabei por desistir de traçar seu curso. Ademais dividia-se para leste em diversos braços e mudava até o nome para Jaii-açu e Pachecó, se bem entendi.

31 de dezembro

Finalmente, depois de remarmos a noite inteira, encontramos-nos às 5 horas da manhã na fazenda do Limoeiro, no, segundo o piloto, largo canal do mesmo nome¹⁰³ que se abria perto, diante de nós, para o Tocantins. Ao nascer do sol, entramos neste gigantesco rio, cujas águas claras verde-oliva perto de sua embocadura se dividem em três grandes braços separados por três ilhas planas, estendendo-se numa linha mais ou menos do sul para o norte. Situamos a mais setentrional destas ilhas, a Tatooca, a nordeste-quarta a leste. Uma quarta ilha, chamada Pautinga, ficava a sul-sudoeste de nós. Entre Marapatá e Tatooca, que estão separadas por uma milha marítima uma da outra não se vê nada senão o céu e água; mais para a esquerda de Tatooca, porém, vislumbra-se algo da costa de Marajó. Atravessando o braço esquerdo do rio, a baía de Limoeiro¹⁰⁴ acima de cuja superfície aparecem grandes bancos de areia e de lama, dirigimos nosso rumo diretamente para a passagem entre Marapatá e Uraraí.

O último dia do ano de 1842 amanheceu sombrio e chuvoso; certa melancolia parecia pesar sobre a natureza ao redor de nós, como se ela chorasse também o tempo que se despedia. Monótono no seu contorno e no seu colorido, e contudo imponente, era o quadro que a embocadura do Tocantins oferecia aos nossos olhos. Até onde a vista alcançava, nada se não céu, água e palmeiras com folhas flabeliformes! A água verde-oliva do rio coloria-se entre matas de palmeiras miriti, e todas aquelas ilhas não eram senão ou tratanças de palmeiras leque, que se erguiam de suas águas escuras para o céu nublado. Os troncos das miritis erguem-se em infindas fileiras, retos como círios, cinzento-esbranquiçados, como os dos abetos ou pardo-avermelhados

103 Ver: *Dicionário Geográfico*. T. I, p. 533.

104 Ver: v. Spix e v. Martius, T. III, p. 982.

como os dos nos sos pi nhe i ros, um jun to do ou tro, ten do no cimo como esguia coluna o teto chato pendente de suas coroas verde-escuro. No entanto, sem ne gar a gran de di fe ren ça en tre as ma jes to sas pal me i ras e os nos sos pro sa i cos pi nhe i ros, vis tas de lon ge as ma tas de pal me i ras fa zem em muitos sentidos lembrar os nossos pinheirais. A esta circunstância pode-se atri bu ir tam bém o fato de aos meus com pa nhe i ros não agra dar a bsolutamente a sua vis ta, che gan do a en te diá-los mes mo de po is de algum tem po. Co mi go dava-se exa ta men te o con trá rio; este sin gu lar rio me lan có lico e esta re gião sel vo sa atra íam-me for te men te.

De po is de al gu mas ho ras Ma ra pa tá e Ura ra í fi ca ram para trás; não tar dou tam bém a al can çar mos uma pe que na ilha que fi ca va no prin ci pal bra ço à di re i ta – a cha ma da baía de Ma ra pa tá,¹⁰⁵ que se salientava me nos pela pou ca al tu ra de suas pal me i ras, do que pela be le za do *Caladium* de altos troncos e grandes folhas, que se estendiam na sua margem ao lon go da qual navegávamos ago ra rio aba i xo. Exa ta men te di an te de nós, a o norte ou a nordeste, mostraram-nos uma interrupção no alto contorno das florestas marginais, onde a Anapu devia desaguar no Tocantins. Nuvens escuras carregadas de chuva pairavam sobre o rio. O preamar estava forte, o vento contrário fresco, de maneira que o igarité quase que não po dia avan çar. Por fim al can çamos a pon ta nor te da ilha, do bra mo-la feliz men te, e ru ma mos ago ra no ver da de i ro sen ti do da ex pres são “contra o vento e contra a maré”, para uma distante ilha a leste cuja mar gem cor ria pa re le la com a des ta úl ti ma.

Depois da árdua luta contra o ven to e con tra as on das, nos so frágil igarité passou também por esta segunda ilha, no que, contudo, até a ponta sul da mesma foi desviado do seu rumo rio acima. Era maravi lhosa a mata de pal me i ras com fo lhas em le que, com cer ca de 25 me tros de altura que cobria esta ilha, entre as quais algumas elevavam os esguios troncos acima de 30 metros, enquanto outras, derrubadas pelo vento, estendiam-se até lon ge so bre o rio ou tam bém, aqui e ali, ele va vam suas imensas co ro as de pal mas aci ma da su per fi cie como ilhas. Para que, porém, não fal tasse à flo res ta o en can to da va ri e da de, ace na vam-nos al guns gru pos das etéreas e graciosas açais por entre os altos troncos das miritis, enquanto que, aqui e ali, erguiam-se, saindo da terra os gigantescos galhos do ju pa ti cur van do-se em al tos ar cos por cima do rio.

105 Ver: Spix e Mar ti us, o. c.

Quando navegávamos assim ao longo desta infinda ilha – por que por muitas horas seguimos ao longo de sua costa oeste – foi por um momento interrompida a profunda solidão que até ali nos rodeara por uma leve canoa que passou por nós e deu decerto alguma vida à vastidão silenciosa do Tocantins. Um homem parado à sentada no pé que no barco, cuja vela latina chamou sobretudo minha atenção. Era feita de uma esteira de folhas de palmeiras e podia ser usada em grandes seções horizontais como as velas que se vêem alagadas nos desfiladões dos juncochineses. Nunca mais vi uma vela igual.

Quando, finalmente, tínhamos alcançado, já no fim da tarde, a ponta norte da ilha, uma violenta lufada forçou-nos a atravessar outra vez um largo braço de rio para uma outra ilha, que ficava ainda mais para a margem direita; uma dura prova, realmente, para o igarité! Velejando ao longo do litoral desta ilha na direção ao nordeste, chegamos à embocadura do Anapu. Mas antes chegamos a uma fazenda que ficava numa pequena baía. Perto dela viam-se bonitos coqueiros, e não faltavam frutas nem toda a espécie de aves domésticas; também não faltavam os negros. Mas não foi só a proximidade de gente e o aumento da lavoura que chamou nossa atenção aqui, e sim o caráter interessante da região. As viçosas plantas aquáticas de mistura com os umbrosos mangues, cujas gigantescas raízes, estendendo-se em largos arcos, mergulhavam no rio raso, anunciavam-nos que já nos encontramos entre os pantanos e ilhas lamacentas perdoada da embocadura do Anapu.

O sol pousou-se pela última vez no ano velho e a noite de São Silvestre já tinha começado, quando entramos no acima citado afluente do Tocantins, com poucas centenas de metros de largura que vinha de leste-quarta ao sul ou de leste-sudeste. A refeição da festa estava pronta; consistia em chocolate misturado com tapioca e de um prato preparado com tapioca, vinho e manteiga. Não faltou também ponche para receber condignamente o Ano-Novo. Às 10 horas festejamos, em pensamento com os nossos que riem a hora de meia-noite que soa para eles; às 12, porém, começava o novo ano para nós na América. Por muito tempo ainda ficamos tranqüilamente sentados sob o toldo do igarité, vendo as claras e serenas estrelas refletirem-se no estreito e serpenteante rio, agora com apenas 65 metros de largura, enquanto que nossos marinheiros de cor entoavam suas melancólicas canções em português, ao ritmo dos

remos, para as quais não se cansavam de improvisar novos versos. Quantas vezes nesta mara vilhosa no i t e t r o p i c a l não vo a r a m n o s s o s p e n s a m e n t o s , n o s s o s m a i s a r d e n t e s v o t o s , p a r a o s e n t e s q u e r i d o s l o n g e d e n ó s , d o o u t r o l a d o d o o c e a n o !

1ª de janeiro de 1843

Entre 4 e 5 horas encontramos-nos no Igarapé-mirim,¹⁰⁶ um afluente do Anapu. A vegetação nas suas margens, sobre a qual tanto lemos na obra de Spix e Martius, correspondeu muito pouco à nossa elevada expectativa. Nada além de manguezais e palmeiras isoladas se estendia de ambos os lados. A intervalos passávamos por fazendas com coqueiras e roças de arroz, mandioca e arapu, uma leguminosa de flores encarnadas.

Era ainda cedo, to dava o sol já estava muito quente, quando à nossa esquerda surgiu, saindo da capoeira em volta, junto à margem do estreito Igarapé-mirim, a Freguesia de Santa Ana, com sua igreja de duas torres, suas coberturas de telhas e suas casas caiadas. Eram as primeiras torres de igreja, e a primeira localidade civilizada que víamos desde o Pará. Os habitantes de diversas cores e os negros já anunciavam com as suas roupas festivas, o Ano-Novo. Pouco depois de Santa Ana, que conta de quinhentas a seiscentas almas, e passa por ser a principal praça comercial da região, alcançamos o canal, que D. Pedro I tinha feito abrir em seis meses daqui até Moju, que ficava perto. Este canal não dava a impressão de ser artificial; ao contrário, não se notava absolutamente diferença se não quando suas margens se elevavam um pouco de vido à terra escaçada e atirada para os lados. Aliás estas elevações são restituições de uma tão densa vegetação que quase não podem despertar esta suspeita.

O preamar levou-nos entretanto pelo curto canal com cerca de 13 metros de largura, tão raso que só é navegável com a maré cheia, até sua embocadura no Moju. Aí tivemos de ficar por muitas horas, porque o Moju também enchia com muita força, porém contra nós. Só com o começo da ainda impetuosa vazante pudemos nos entregar a suas largas águas escuras-amareladas, que arrastaram o igarité com a velocidade duma seta.

106 Igarapé-mirim significa Pequeño Canal.

Com a entrada neste grande rio, toda a vegetação mudou como por magia. A mais bela floresta vir gem, que nos mostrava ao mesmo tempo tudo o que é grandioso e tudo o que é encantador que tínhamos visto nas florestas do Brasil, subia pela margem do rio como se quisesse tornar-nos a despedida mais penosa no último momento ou enfeitiçar-nos com o desdobramento na tranqüila magia de suas sombras, de todos os encantos da natureza tropical. Majestosos troncos colossais com leves tetos de copas, impenetráveis maranhas de lianas quais paredes semeadas de lindas flores e entre meadas de todas as espécies de palmeiras imagináveis, cada uma procurando exceder a outra em beleza e graça, acompanhavam a margem esquerda por onde agora seguíamos. E como sabiam as palmeiras agruparem-se pitorescamente em volta das numerosas e umbrosas inflexões da floresta, como nichos, destes santuários escondidos nos quais os raios do sol da tarde que não podem penetrar, enquanto aqui e ali, uma audaz passíuba com as leves raízes adventícias rodeadas de um montículo de plantas aquáticas verdes, elevava-se atrevida e alegre sobre um pedaço de terra se para do da margem 7 a 15 metros, como sobre uma ilhota, e como se quisesse assim ser admirada por todos os lados. Aliás, as encantadoras e graciosas passíubas pareciam ser entre todas as espécies de palmeiras as que predominaavam aqui; de pois de las, porém, a najá e a bacaba, ao passo que a miritisó raramente se mostrava.

2 de janeiro

Se ontem só víamos de quando em vez uma casa isolada na orla da floresta, em compensação, em nossa viagem de hoje pelo Moju abaixo, sobretudo no platô que se eleva de 9 a 15 metros acima da superfície do rio, na margem direita, víamos um número de fazendas cada vez maior e maiores. Anunciava-se assim pouco a pouco a proximidade da cidade. Chamou sobretudo entre todas a nossa atenção a propriedade do Coronel Brício, incontestavelmente a mais importante destas fazendas: Jacuarari fica na embocadura do largo Acará, um afluente da direita do Moju. A casa de habitação, um bonito edifício, está rodeada de um belo jardim, de grandes canaviais e vastos praços.

Diante de nós, para a embocadura do Moju, na qual flutuavam alguns troncos colossais, tínhamos a perspectiva de costumes da abóbada

celeste mergulhando na superfície do rio. Mais tarde encostamos na margem esquerda da grande ilha de Moju, onde o igarité ficou seguro entre as raízes adventícias à sombra dos manguezais, para esperar a maré. Quando esta, à tarde, nos arrastava rapidamente para a embocadura, surgiu primeiro a ilha das Onças no horizonte, e logo depois, nos longes azulados e um pouco mais para a esquerda, a ilha Arapiçanga em cujas margens as fazendas e os canaviais aumentavam de número a cada momento, e toda a região depressa se transformou num só jardim de magníficas árvores, lianas e flores.

Às 5 horas da tarde apareceu a ponta do Arsenal, por trás das escuras florestas da margem direita. Apareceu-nos então novamente, por fim, a por tanto tempo almejada Pará, com suas torres e grandes edifícios! Não tardou muito e avistamos também o *Growler* no ancoradouro. Agora tudo era ativi da de a bordo do igarité; foi a vela do, a se a do, e fez-se tão bonito com a coqueteria de marinheiro, quanto o permitiam os meios à mão. Depois tratamos de mudar de roupa. Entretanto atravessamos a dupla embocadura dos rios Moju e Guamá, não obstante o vento e a maré a isto se terem oposto fortemente. Era já noite fechada quando divisamos o vulto escuro do *Growler* ao nosso lado. “A boat ahoi!”, gritou a sentinela para o igarité que se dirigia para o portaló do *Growler*. “Ay! Ay!”, gritamos, na esperança de surpreendê-los.¹⁰⁷ Mas no mesmo instante toda a tripulação subia para as vergas e um “Three times three!” ressoou até nós! O primeiro-tenente¹⁰⁸ foi quem me recebeu na esca da por estar o Capitão Buckle em terra no momento.

E assim terminava com felicidade nossa expedição fluvial. Pode-se imaginar nossa alegria, quando, depois de uma ausência de seis semanas, fomos muito cordialmente recebidos no convés do *Growler*

107 Nos navios de guerra ingleses é costume responder à chamada da sentinela, sobre tu quando estão oficiais no barco, “Ay! Ay!” Se o capitão estiver nele, dá o nome do seu navio, se, porém, for o barco do Almirante a resposta é simplesmente “Flag!”. Sendo um barco que volta sem oficiais, responde então “No! No!” para que ninguém venha receber.

108 Mr. Lodwick. Um ano de pois teve a felicidade de distinguir-se na costa da África com um dos barcos do *Growler* na perseguição dum negreiro; tinha, porém, sido ferido num joelho. Embora o ferimento tivesse sarado, levaram-no infelizmente as febres do clima antes de receber a mercadoria pro modo. Pela sua bondade e atenções para comigo, conquis tou minha eterna gratidão.

pelos nossos bons amigos. Toda a tripulação acercou-se também de nós para ver as belas coisas que tínhamos trazido; foi sobretudo grande o júbilo dos grumetes quando desenrolamos a pele da jibóia. Nesse entretanto chegou o meu caro amigo, Capitão Buckle, com quem me entretive por uma hora ou mais diante duma taça de chá no confortável camarote da popa, enquanto meus companheiros por muito tempo ainda relataram no *gunroom* nossas experiências aos demais oficiais.

*3 de janeiro a 27 de
março de 1843*

Já a 4 de janeiro, deixamos ao amanhecer o porto do Pará saudados pelos navios de guerra francês e brasileiro ali ancorados, e rumamos alegres ao oceano, de pois de termos mais uma vez deixado felizmente para trás os bancos na embocadura do rio Pará. No dia 6, ainda antes do pôr-do-sol transpusemos a barra de São Luís do Maranhão e ancoramos diante da cidade de aspecto inteiramente europeu, que como Sircusa estende-se sobre um longo espinhaço projetando-se como uma língua de terra até longe na baía que a cerca. Diante das escavadas colinas arenosas em volta, sobre as quais não se vê nenhuma floresta e só pouco mato baixo, ter-nos-íamos podido facilmente julgar transportados por um golpe de magia para as pátrias plagas, se pelas palmeiras isoladas elevando-se acima dos telhados da cidade, não nos tivessem imediatamente lembrado que estávamos só a poucos graus do Equador.

No dia 8 à tarde deixamos São Luís, dobramos a treze ao meio-dia o cabo Toira, a verdadeira ponta leste da América do Sul, tendo-se transformado em favorável a forte corrente contra a qual vínhamos lutando, e antes do pôr-do-sol o cabo de São Roque, ambos apresentando-se como cadeias de colinas cobertas de florestas. Já na noite do dia seguinte ancorávamos no porto de Pernambuco, que, junto às ilhas planas de coqueiros ao sul e à encantadora Olinda, que com suas igrejas e conventos ergue-se sobre uma íngreme colina ao norte, forma um igualmente vasto e peculiar panorama.

Pernambuco, que pela sua arquitetura ainda hoje denuncia sua origem holandesa, consta realmente de três cidades ligadas entre si por pontes: do porto de mar Recife, numa língua de terra começando no

sopé da colina de Olin da; da Boavista, a par te da ci da de or la da de coqueirais no continente, sede da presidência da província, e da cidade-ilha de Santo Antônio, que fica entre ambas. Diante do Recife estende-se um longo arrecife protetor como um quebra-mar natural contra o qual arrebentam as ondas do oceano. Entre ambos fica o estreito, porém seguro por to, cuja entrada, assim a da por um alto farol e pelo forte do Pição, ou do Mar, fica na extremidade norte do dique de arrecifes, que apenas se eleva acima da superfície do mar. Dois ou três fortes, do Brum e do Buraco, erguem-se cerca do meio da língua de terra para Olin da.

Depois de uma demora de menos de 24 horas, levantamos ferro a 15 de janeiro, cerca de 2 horas da tarde, do bra nos nes ta mes tarde o cabo de Santo Agostinho, e entramos a 17 na Bahia, depois de termos passado entre o farol do cabo de Santo Antônio – que se para o ângulo norte da baía do oceano, sobre cujo lado interior e longo espinhaço fica a segunda cidade do Império – e a grande, porém não alta ilha de Itaparica, na enorme baía de Todos os Santos.

São Salvador é edificada em anfiteatro; subindo por entre o alegre verde da encosta fartamente arborizada, coroa com a parte mais bela da cidade a aprazível colina, e estende-se por meio do seu subúrbio Vitória, formado pelas numerosas casas de campo dos cônsules e comerciantes, com o qual se extrema o umbroso Passeio Público, quase até sua íngreme extremidade sul, em cujo sopé se projeta sobre uma ponta arenosa o alto farol da entrada. Do lado oposto, a cidade desce pouco a pouco do alto espinhaço até ficar inteiramente plana na zona da igreja de duas torres de Nosso Senhor do Bonfim, que se ergue ao fundo, na distante orla das florestas do continente, na praia arenosa da baía. Daqui por diante as margens são apenas reconhecíveis: só as partes mais altas da costa erguem-se ainda acima da água como ilhas. Entre as fortalezas da Bahia destaca-se mais o forte de São Marcelo ou do Mar, em forma de semicírculo, que fica no meio da água. Na praia, por baixo de Vitória, fica um outro forte semelhante, e um terceiro em cima, no espinhaço nas proximidades do Passeio Público.

Logo no dia seguinte passei-me do *Growler* para a *São Miguel*, que, vindo de Montevidéu, esperava-me aqui. No dia 21 à tarde, a fragata levantou ferro, e fez-se de vela aproveitando o vento da terra, depois de

nos termos despedido dos nossos amigos e caros companheiros de viagem; o Cônsul Theremin, do Capitão Buckle e oficiais, que souberam por todos os modos tornar agradável estada a bordo do *Growler*, e do Dr. Lippold. Depois dissemos adeus às encantadoras plagas brasileiras, que só com o pôr-do-sol desaparecem inteiramente da nossa vista.

Como o ven to até ao fim do mês soprava invariavelmente de lés-nordeste, nordeste e nor-nor des te, o Ca pi tão d'Arcollière viu-se forçado, até 29 de janeiro, a rumar a lés-sudeste para ganhar a necessária dis tân cia da cos ta. Nes tes dias de sol, que des de al guns me ses e daí por diante tínhamos sempre ao sul, ficou por um momento ao norte. Ao meio-dia encontrávamo-nos a 18°39'25" de latitude sul e 29°39'25" de longitude oeste do meridiano de Greenwich,¹⁰⁹ por conseguinte cerca da latitude dos Abrolhos, e um pouco mais para o sul, a uma distância de 530 milhas marítimas dos mesmos. Só daqui por diante foi que dirigimos nosso rumo para o hemisférior norte, no que não fomos pouco favorecidos pela mon ção, que se ma ni fes tou no 1º de fe ve ri ro sob 11°1'34" de la ti tu de sul e 29°36'13" de lon gi tu de oes te.

A 6 de fevereiro passamos a Linha e encontrávamo-nos logo de po is, ao meio-dia a 0°11'14" de la ti tu de nor te e 28°2'48" de lon gi tu de oeste. Na tarde de 7 de fevereiro (sob 2°8'10" de latitude norte e 28°11'59" de longitude oeste) a monção de sudeste transformou-se em monção de nordeste, e na noite de 9 (6°2'44" de latitude norte e 28°11'59" de longitude oeste) para 10 brilhou para nós pela úl ti ma vez o Cruzeiro do Sul. A 18 de fevereiro (23°1'8" de latitude norte e 43°38'3" de longitude oes te) vi mos pas sar o pri me i ro sar ga ço. À tar de atra ves samos o trópico, e poucos dias depois, a 21 de fevereiro (a 27°35'18" de latitude norte e 47°0'34" de longitude oeste) deixamos finalmente a monção nordeste, depois dela nos ter levado até o meridiano que passa pelo meio do ca mi nho en tre o Gran de Ban co da Ter ra Nova e o Ou ter Bank, e derivado para oeste; tendo-nos o nosso fiel companheiro, o sargação, ao contrário, acompanhado até 26 de fevereiro (32°21'54" de latitude nor te e 31°32'31" de lon gi tu de oes te).

109 As informações dadas aqui sobre latitudes e longitudes referem-se sempre ao meio-dia do dia indicado. Os Abrolhos foram visitados por nós num barco do *Growler*, na vi a gem para o Pará.

Depois de a 28 de fevereiro (a 35°32'25" de latitude norte e 25°39'36" de longitude oeste) não nos ter sido possível, por ter anoitecido, ver Santa Maria, a mais meridional das ilhas dos Açores, emboatávamos nos alterado nosso rumo para isto, avistamos a 4 de março, cerca das 2 horas da tarde, as alturas amarelo-tostadas do cabo Espichel, ao qual com devoltamos novamente as costas por nos serem contrários o vento e o mar. Durante o dia 5 as mesmas causas nos mantiveram afastados da costa de Portugal, que não avistamos por todo o dia. Na manhã do dia 6, porém, encontrávamo-nos na altura do Cabo Roca, que se precipita verticalmente na extremidade do último ramal da azulada serra de Sintra, aquele agudo espinhaço serrihado, num de cujos picos fica a encantadora Penha, a residência do rei.

No primeiro plano estende-se, no sopé daquela serra, uma planície pardo-amarelada que desce para o mar bramidor e de cuja orla se projeta a fortaleza de São Julião. Reinava calma, mas uma quase imperceptível brisazinha soprava ora de um ora doutro dos quadrantes do céu, o que não dava trabalho ao oficial de quarto e à tripulação. No entretanto aproximaram-se da ativa fragata, que balouçava assim inutilmente sobre as ondas, muitos barcos de pesca dores com albatrosses e, num semelhança, o piloto. Pouco depois, já estava no convés de popa um homem magro, com uma esquisitaja que a amarela da, albatrosses de montar e um chapéu espanhol na cabeça; um primeiro espécime europeu aliamente original. Entrou logo a trabalhar por ter-se levantado um pouco de vento.

Quem conhece a entrada do Tejo, deve lembrar-se do grande banco de areia, do cachopo do norte e do cachopo do sul, que não a dificultam pouco. O nosso piloto rumou por entre eles, mantendo-se, porém, como não tardaremos muito a ver, muito para o sul. Quanto mais nos aproximávamos da barra, tanto mais ia desaparecendo o levemente azul-acinzentado espinhaço do cabo Espichel, por trás das arredondadas colinas de areia da margem esquerda, em cujo sopé, estendendo-se na direção da barra, ficam a Torre de Bugio e o farol. Víamos já, na margem direita do Tejo, o grande palácio branco da Ajuda, a Torre de Belém erguer-se numa língua arenosa de terra e ao longe a imponente cidade, descendo das alturas para a superfície do Tejo, onde já começáramos a distinguir os navios de guerra, entre os quais já procurávamos

em pensamento a nossa ancoragem, quando de repente o bramido da arrebentação, perto, pôs um termo a todas estas divagações: porque a fragata, arrastada pela vazante, estava prestes a ir exatamente de encontro ao ca cho po do sul! O ven to nos es ta va até fá vo rá vel, mas tão fra co que todos os meios para fazer o navio desviar-se foram inúteis. Foi preciso por isto bra ce ar li ge i ro a ré e lan çar fer ro numa pro fun di da de de 15 brças. Foram enviadas imediatamente barcaças e um ancarote para tirar a fragata do lugar perigoso.

Com isto terminou o trabalho do dia. O piloto, cuja estranha aparência fazia lembrar tempos há muito idos, fora o causador desta tardança. E sentiu-o também, porque passou toda a tarde passeando soturno na fracamente iluminada bateria; em compensação levou-nos no dia seguinte a salvo para o ancoradouro. Era 1 hora da tarde quando o Capitão d’Arcollière, da *São Miguel*, ancorou perto do *suffren* de uma maneira a atrair para si e para sua tripulação a admiração geral.

Minha demora na bela Lisboa foi curta; contudo serei sempre grato ao amistoso acolhimento que me foi tão bondosamente dispensado. Com o coração apertado, despedi-me dos meus amigos da *São Miguel*, e por muito tempo ainda, quando descia o Tejo no *Montrose*, meus olhos procuraram os esguios mastros da altiva fragata, que a bondade de S. M. o Rei da Sardenha pusera por tanto tempo à minha disposição, e na qual passara dias tão felizes, até que ela desapareceu por trás da amarelada São Julião.

Atravessei rapidamente a Inglaterra, a caminho da pátria, para depor pessoalmente aos pés da Rainha Vitória meus agradecimentos pelas muitas atenções que me foram dispensadas pelas autoridades britânicas, sobretudo pelo Almirantado, e cheguei felizmente a 27 de março a Berlim, onde não só tive o imenso prazer de rever meus pais – porque minha falecida querida mãe vivia ainda – como também de surpreender os membros da família real presentes em Berlim, onde se achavam, reunidos a eles, quando cheguei.

Despeço-me agora dos queridos leitores com o modesto desejo de que as horas que dispensaram a estas despreziosas páginas, não sejam consideradas inteiramente perdidas.

.....

Índice Onomástico

A

A. D. von Suc kow – 30
Adri an, Pe ter – 41
Albu quer que, Je rô ni mo de – 40, 360
Ale xan dre de Mou ra – 206
Ale xan dre von Hum boldt – 210
Anchi e ta, José de – 38
Andréia (ge ne ral imperial) – 212
Antô nio de Sou sa Ma ce do – 155, 157, 158,
159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 227
Ara újo, Gon ça lo Pais de – 330
Arqui me des – 90
Au bert – 149

B

Ban gu (te nen te-coronel) – 76
Ben to Ma ciel Pa ren te – 247
Be se ce – 119
Bis mark (con de) – 68, 104, 108, 123, 125,
130, 154, 223, 239, 242, 244, 245, 261,
274, 275, 280, 290, 309, 322, 324, 325,
326, 335, 336, 337, 355, 358
Bi ten court, José Antô nio – 287, 288, 321
Bo na parte – 58
Bo ni fá cio, José – 50
Bou lan ger – 167
Brí cio (co ro nel) – 371
Bri to, Luís de – 40
Buck le (ca pi tão) – 172, 219, 224, 266, 372,
373
Bu eno, Bar to lo meu – 328

C

Ca bral, Pe dro Álva res – 33, 34
Car de al de Gu ise – 22
Car los – 313, 314, 315, 328, 335, 336
Carvalho, Antô nio Albu quer que Co elho
de – 44
Castelo, Fran ci sco Cal de ira – 40
Ca ven dish – 40
Cla ire – 118
Co ligny – 21
Cor tez – 319
Coutinho, Aure li anode Sou sa e Olive ira
– 29
Cra ne – 103
Cris tó vão d'Acunã (pa dre) – 208
Cromwell – 43

D

D. Fran ci sca – 55
D. Ja nu ária – 55
D. João III – 35, 37
D. João IV – 42
D. João VI – 45, 46, 47, 120
D. José – 45, 213
D. Ma nu el – 33, 36, 41
D. Ma ria I – 45
D. Mi gu el – 160
D. Pe dro I – 46, 47, 49, 50, 53, 80, 99,
211, 370
D. Pe dro II – 50, 54, 86

380 *Príncipe Adalberto da Prússia*

d' Arcollière (capitão) – 375, 377
Dausing, Moritzsohn – 171
David – 128
Davoine, Pierre – 137
Dennewitz – 133, 134, 136, 137, 140
Dias, Bartolomeu – 33, 34
Diego de Ordas – 203
Dona Juária – 81
Dr. Lipold – 30, 154, 218, 223, 232, 233,
239, 268
Dr. Troubas – 127, 128, 129
Duquay Trouin – 85
Durand, Nicolas – 21

E

Eschwege – 187

F

F. Lowe – 201, 202
Farias – 156, 157
Félix Antônio Clemente Malcher – 212
Fenton – 40
Ferreira (coronel) – 110
Florido (frei) – 138, 144, 147
Francês, Luís – 66, 67, 170
Francisco Caldeira de Castelo Branco – 206
Francisco I – 11
Francisco Orellana – 203, 205
Francisco Pedro Vinagre – 212
Frederico II – 168
Freycinet – 157
Fritz, Samuel (padre) – 208
Frohlich, Frederico – 129
Fruutuoso – 173

G

Gama, Vasco da – 33
Góis, Pedro de – 36

Gonçalo Pizarro – 203, 205
Gould – 118, 121
Gown, William – 58
Greenfell (capitão) – 211
Grippe – 118

H

Hamilton – 172
Hawkins, William – 36
Hein, Piet – 41
Henrique II – 21
Henry – 128
Horsburgh – 155
Humboldt – 186, 188
Hutten, Felipe – 191

J

Johana – 142
Joaquina (jovem índia) – 139
João – 278
José Clemente Pereira – 93, 132
José Coelho de Albuquerque – 219, 240,
252, 255

K

King, Parker (capitão) – 184

L

Lancaster – 40
Le mos, Gaspar de – 34
Lima, Francisco de – 48
Linhares (conde) – 170
Loiola – 279
Loncq, Henri – 41
Lopez d'Aguire – 206
Lorde Cochran – 47, 48
Luze – 132, 133, 134, 135, 136, 167

M

M. de la Con da mi ne – 209
M. Pi chon – 251
M. Bou lan ger – 11, 108, 109, 110
M. Fri a ux – 127
Ma u laz – 123
Magalhães, Wer na – 52
Mahl mam, H. – 157
March – 82
Ma ria – 166
Ma ria da Escó cia (rai nha) – 21
Mar quês de Pom bal – 45, 209
Mar tim – 156
Mar ti nho – 305, 313, 336, 342, 346, 348, 349
Martius – 148, 191, 193, 195, 196, 201, 208, 330, 346, 348, 360
Maw, Lis ter (te nen te) – 191, 192
Me ne ses, Fran cis co Bar re to de – 43
Mon tra vel (ca pi tão) – 221
Mo rais, Fran cis co Cas to de – 44

N

Ná po les, Te re sa de – 51
Nas sau, Jo hann Mo ritz – 41, 42
Nó bre ga Ma nu el da – 37, 40

O

Oriolla (con de) – 11, 19, 104, 124, 126, 131, 222, 223, 237, 238, 239, 241, 244, 245, 266, 267, 268, 270, 271, 274, 278, 280, 285, 290, 307, 309, 310, 311

P

Pais, Gon ça lo – 329, 330
Pas tor Sau er brum – 132, 133
Pe dro de Ursua – 206
Pe re ira, Du ar te Co el ho – 36

Pin zón, Vi cen te Yá nez – 32, 33, 34
Poppig (pro fessor) – 211
Pour ta les (con de) – 132

R

Ra sily – 40
Ra var di ère – 40
Re in trok (ca pi tão) – 99
Ro cha – 290
Ro dri gues, Antô nio – 330

S

Sá, Mem de – 22, 40
Sa le ma, Antô nio – 40
Sar di nha, Pe dro Fernan des – 38
Sar to ri us, Ge or ge – 61
Schom burgk, Ri chard – 211
Scoffi ero (ca pi tão) – 19
Sie vert (ca pi tão) – 99
Sil va, Pa u lo Bar bo sa da – 29, 81
Sir Ro bert – 211
So lis, Juan Dias de – 35
Sou sa, Ma nu el de – 329
Sou sa, Mar tim Afon so de – 21, 36
Sou sa, Torquato Antô nio de (pa dre) – 256, 279, 283, 287, 296, 300, 301, 313, 321, 322, 323, 326, 332, 333, 337
Sout hey – 329, 330
Spix – 148, 193

T

Tardy de Mon tra vel – 216
Theremin (cônsul) – 18, 19, 31, 53, 62, 64, 75, 104, 106, 116, 122, 123, 126, 132, 133, 135, 137, 159, 160, 171, 223, 245, 267, 305, 310, 312, 326, 349, 375
To le do, Fra di que de – 41
Trouin, Du Guay – 44

V

Van dort – 41
Vasconcelos – 39
Vespúcio, Américo – 34, 36
Vieira, João Fernandes – 43
Villegagnon – 22, 44, 84
Von Wied (príncipe) – 39

W

W. Adalbert – 12
W. Smith – 201, 202
Wahlmaun, H. – 179
Walde mar – 11
Walter Raleigh – 206
Willekens – 41
Withington – 40

Brasil: Amazonas–Xingu, do Príncipe Adalberto da Prússia, foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel Ver gêAre ia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Se cre ta ria Especial de Edi to ra ção e Pu bli ca ções), do Se na do Fe de ral, em Bra sí lia. Aca bou-se de impri mir em março de 2002, de acor do com o programa edi to ria l e proje to grá fi co do Con sel ho Edi to ria l do Sena do Fe de ral.